



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

ROMINA LEONOR TORANZOS

**ESTUDO GEOLINGUISTICO SOBRE O ESPANHOL DE  
TIERRA DEL FUEGO COM VISTA À CONSTRUÇÃO DE UM  
ATLAS  
TOMO I**

---

Londrina  
2022

ROMINA LEONOR TORANZOS

**ESTUDO GEOLINGUISTICO SOBRE O ESPANHOL DE  
TIERRA DEL FUEGO COM VISTA À CONSTRUÇÃO DE UM  
ATLAS  
TOMO I**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito para obtenção do título de Doutora.

Orientadora: Prof.a Dr.a Dircel Aparecida Kailer

Londrina  
2022

cha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

T676e Toranzos, Romina Leonor.

Estudo geolinguístico sobre o espanhol de Tierra del Fuego com vista à construção de um Atlas / Romina Leonor Toranzos. - Londrina, 2022.  
471 f. : il.

Orientador: Dircel Aparecida Kailer.

Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2022.

Inclui bibliografia.

1. Dialetoлогия pluridimensional - Tese. 2. espanhol de Tierra del Fuego - Tese. 3. migrações - Tese. 4. Sociolinguística - Tese. I. Kailer, Dircel Aparecida. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

CDU 8

ROMINA LEONOR TORANZOS

**ESTUDO GEOLINGUISTICO SOBRE O ESPANHOL DE  
TIERRA DEL FUEGO COM VISTA À CONSTRUÇÃO DE UM  
ATLAS  
TOMO I**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito para obtenção do título de Doutora.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Profa. Dra. Dircel Aparecida Kailer  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

---

Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

---

Prof. Dr. Carsten Sinner  
Universität Leipzig

---

Prof. Dr. Francisco Moreno- Fernández  
Heidelberg University/Universidad de Alcalá de  
Henares – UAH

---

Prof. Dr. Felicio Wessling Margotti  
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

---

Profa. Dra. Fabiane Altino  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

---

Profa. Dra. Margarita Makuc  
Universidad Nacional de Magallanes – UMAG

Londrina, 20 de julho de 2022.

## AGRADECIMENTOS

A minha orientadora Doutora Dircel Kailer, pela confiança, apoio e paciência indescritível ao longo do projeto e por ter me animado a empreender essa aventura. Pelas múltiplas correções e orientações em cada uma das etapas do projeto, por ter atendido o celular a qualquer hora para me auxiliar enquanto eu fazia o trabalho piloto e todo o trabalho de campo, por ter sido um suporte fundamental na construção da tese que hoje estou apresentando. Obrigada por ter me oferecido seus conhecimentos por meio dos comentários, sugestões e leituras, sempre com um sorriso, o que tem me dado as forças necessárias e me permitiu aprimorar este trabalho. À professora Doutora Vanderci de Andrade Aguilera, por ter me acompanhado e direcionado desde o começo de 2018 e me auxiliado com seus saberes em cada um dos momentos que precisei durante o trabalho piloto e o trabalho de campo e em cada um dos Sedatas. À professora Doutora Fabiane Altino, pelas contribuições nas discussões da etapa inicial do projeto e a respeito dos questionários. Obrigada, professoras, por ter aceitado o convite para formar parte da banca examinadora.

Aos professores e professoras que se dispuseram a participar de ambos os processos qualificação e defesa, a professora Doutora Margarita Mukuc, professor Doutor Carsten Sinner, professor Doutor Francisco Moreno-Fernández, professor Doutor Felício Margotti, professor Doutor Adolfo Elizaincín. Obrigada, muito obrigada por ter reservado um espaço de tempo para ler e cooperar para o aprimoramento deste trabalho e por cada uma das contribuições realizadas durante a qualificação.

Aos informantes, participantes desta pesquisa, pois sem a compreensão e boa vontade deles o meu trabalho teria sido impossível. Grata pelas conversas e histórias compartilhadas durante as diferentes reuniões, bem como o recebimento e acolhimento, sempre com um sorriso.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro, o que me permitiu ter dedicação exclusiva no doutorado.

Aos meus pais, irmãos e sobrinhos, pelo amor, a escuta e o suporte à distância. Aos amigos e amigas, pela escuta atenta e todo o apoio ao longo dos dias que levou o trabalho de campo e ao longo desses anos todos.

A minha irmã Belén Toranzos e a Eli Martínez, pela hospedagem e a escuta, nesses dias de árduo trabalho. A Nadia Godun e Eli Nieto, por serem minhas motoristas e percorrem com paciência os muitos quilômetros. A Moni Pérez e aos servidores do Museu do Chile, por possibilitar o contato com os informantes de Ushuaia e Porvenir.

Aos colegas da UEL, pela parceria. Um agradecimento especial a Patrícia Medeiros e Vanessa Yida, pela enorme ajuda nas correções do meu português. Aos colegas e amigos da UNTDF, às colegas da Especialización en la Enseñanza de la Lengua y la Literatura, por todo o apoio para contatar aos informantes nos diferentes pontos da ilha.

A todos os professores e professoras que desde diferentes lugares têm contribuído e me enviado materiais de difícil acesso, necessários para o avanço deste trabalho.

TORANZOS, Romina Leonor. **Estudo geolinguístico sobre o espanhol da Tierra del Fuego com vista à construção de um Atlas**. 2022. 2 v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina 2022.

## RESUMO

Localizada no extremo sul do continente americano e considerada umas das províncias com maior grau de acolhimento de migrantes, internos e externos, a Ilha Grande de Tierra del Fuego caracteriza-se, na atualidade, pelo constante fluxo de população na procura de melhores condições laborais e salariais. Conseqüentemente, a província apresenta um interessante mosaico, produto do entrecruzamento cultural e linguístico evidenciado desde final do século XIX. Buscamos, com este trabalho, contribuir ao conhecimento da(s) variedade(s) presentes na Ilha Grande de Tierra del Fuego para a construção do futuro Atlas Linguístico de Tierra del Fuego. Para tanto, fez-se uso da metodologia da Dialetoлогия Pluridimensional, primordial para fornecer as ferramentas necessárias para a consideração das seguintes dimensões: diatópica, diastrática, diageracional e diassexual. Assim, desenhou-se uma rede de cinco pontos que compreende, para o caso do lado argentino da ilha, a totalidade dos pontos urbanos junto com pontos rurais e, seguindo as sugestões presentes em outros trabalhos nascidos no interior da Geografia Linguística, um ponto do lado chileno. Privilegiou-se a seleção de informantes nascidos na ilha, que foram divididos segundo sexo, grau de escolaridade e idade, fixando para esta última duas faixas etárias: de 18 a 30 anos e de 45 a 60. A análise dos três processos fonético-fonológicos estudados segundo as variáveis sociais supramencionadas levou-nos a verificar maior variação linguística, ou seja, uso social da língua mais heterogêneo na região, provavelmente produto da ação conjunta da escola, da mídia e das constantes ondas migratórias, que resultou em uma maior complexidade social. No que tange ao estudo dos campos semântico-lexicais escolhidos, constatamos que as variações originam-se principalmente pelas diferenças geracionais, o que confirma a ideia de que o transcorrer do tempo na vida de um indivíduo pode modificar não apenas os hábitos sociais, mas também os comunicativos e os puramente linguísticos.

**Palavras-chave:** Dialetoлогия Pluridimensional; Sociolinguística; Español de Tierra del Fuego; Migrações.

TORANZOS, Romina Leonor. **Estudio geolingüístico sobre el español de Tierra del Fuego con vistas a la construcción de un Atlas**. 2022. 2 v. Tesis (Doctorado en Estudios del Lenguaje) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina 2022.

## RESUMEN

Localizada en el extremo sur del continente americano y considerada una de las provincias con mayor grado de recepción de migrantes internos y externos, la isla Grande de Tierra del Fuego se caracteriza actualmente por el constante flujo de personas que llegan hasta allí guiadas por la búsqueda de mejores condiciones laborales y salariales. Como consecuencia, la provincia presenta un interesante mosaico, producto del entrecruzamiento cultural y lingüístico evidenciado desde fines del siglo XIX. A partir de este trabajo buscamos contribuir al conocimiento de la(s) variedad(es) presentes en la isla de Tierra del Fuego para la construcción de un futuro Atlas lingüístico de esta provincia. Para ello, nos servimos de la metodología propuesta por la Dialectología Pluridimensional, cuyas herramientas nos permitieron considerar las siguientes dimensiones: diatópica, diastrática, diageneracional y diasexual. Así, trazamos una red de cinco puntos que comprende, para el caso del lado argentino de la isla, la totalidad de los puntos urbanos junto con puntos rurales y, siguiendo las sugerencias presentes en otros trabajos nacidos en el seno de la Geografía Lingüística, un punto del lado chileno. Se privilegió la selección de informantes nacidos en la isla, quienes fueron divididos según sexo, grado de escolaridad y edad, fijando para esta última dos franjas etarias: de 18 a 30 años y de 45 a 60. El análisis de los tres procesos fonético-fonológicos según las variables sociales antes mencionadas nos llevó a verificar mayor variación lingüística, o sea, uso social de la lengua más heterogéneo en la región, probablemente producto de la acción conjunta de la escuela, de los medios de comunicación y de las constantes olas migratorias, lo que resultó en una mayor complejidad social. En cuanto al estudio de los campos semántico-lexicales elegidos, constatamos que las variaciones se originan principalmente por las diferencias generacionales, lo que confirma la idea de que el transcurrir del tiempo en la vida de un individuo puede modificar no solo los hábitos sociales, sino también los comunicativos y los puramente lingüísticos.

**Palabras-clave:** Dialectología Pluridimensional; Sociolingüística; Español de Tierra del Fuego; Migraciones.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Emprego industrial. Quantidade de trabalhadores no período 1974-2000 .....	37
<b>Figura 2</b> – Cidade de Ushuaia na atualidade .....	47
<b>Figura 3</b> – Colônia Agrícola de Río Grande .....	48
<b>Figura 4</b> – Río Grande na atualidade .....	49
<b>Figura 5</b> – Comuna de Tolhuin na atualidade .....	50
<b>Figura 6</b> – Comuna de Porvenir- Chile .....	52
<b>Figura 7</b> – Mapa com pontos de inquérito do ALTDF .....	124
<b>Figura 8</b> – Distribuição segundo sexo e escolaridade .....	141
<b>Figura 9</b> – Distribuição segundo sexo e idade .....	141
<b>Figura 10</b> – Carta sintética /S/ em coda silábica .....	151
<b>Figura 11</b> – Carta demonstrativa de arealidade: guata vs. panza .....	196
<b>Figura 12</b> – Carta demonstrativa de arealidade: puta vs.trola .....	205
<b>Figura 13</b> – Carta demonstrativa de arealidade: amarrete vs. rata .....	214
<b>Figura 14</b> – Carta demonstrativa de arealidade: bombacha vs. calzón .....	219
<b>Figura 15</b> – Carta demonstrativa de arealidade: chalas vs.ojotas .....	224
<b>Figura 16</b> – Carta demonstrativa de arealidade: nevada vs. nevazón .....	234
<b>Figura 17</b> – Carta demonstrativa de arealidade: hallulla vs.raspadita .....	241

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b>	– Crescimento da população do território .....	36
<b>Quadro 2</b>	– Estrangeiros por origem 1966 .....	41
<b>Quadro 3</b>	– População TDF por lugar de nascimento- Ano 2010 .....	44
<b>Quadro 4</b>	– População indígena em Tierra del Fuego .....	45
<b>Quadro 5</b>	– Dimensões e parâmetros do ALTDF .....	114
<b>Quadro 6</b>	– Variantes de fósforo com porcentagens.....	147
<b>Quadro 7</b>	– Variantes de asma com porcentagens.....	148
<b>Quadro 8</b>	– Variantes de /S/ segundo o contexto fônico.....	154
<b>Quadro 9</b>	– As variantes principais segundo sua posição na palavra.....	154
<b>Quadro 10</b>	– Distribuição de variantes de /S/ em leitura de texto .....	156
<b>Quadro 11</b>	– Variantes yeístas.....	177
<b>Quadro 12</b>	– Designações para a QSL 01, seus respectivos números de ocorrências e percentuais .....	186
<b>Quadro 13</b>	– Designações para a QSL 32, seus respectivos números de ocorrências e percentuais .....	189
<b>Quadro 14</b>	– Designações para a QSL 33, seus respectivos números de ocorrências e percentuais .....	192
<b>Quadro 15</b>	– Designações para a QSL 71, seus respectivos números de ocorrências e percentuais .....	194
<b>Quadro 16</b>	– Designações para a QSL 163, seus respectivos números de ocorrências e percentuais .....	202
<b>Quadro 17</b>	– Designações para a QSL 164, seus respectivos números de ocorrências e percentuais .....	206
<b>Quadro 18</b>	– Designações para a QSL 160, seus respectivos números de ocorrências e percentuais .....	210
<b>Quadro 19</b>	– Designações para a QSL 147, seus respectivos números de ocorrências e percentuais .....	212
<b>Quadro 20</b>	– Designações para a QSL 127, seus respectivos números de ocorrências e percentuais .....	215
<b>Quadro 21</b>	– Designações para a QSL 132, seus respectivos números de ocorrências e percentuais .....	217

<b>Quadro 22</b> - Designações para a QSL 138, seus respectivos números de ocorrências e percentuais .....	220
<b>Quadro 23</b> – Designações para a QSL 139, seus respectivos números de ocorrências e percentuais .....	222
<b>Quadro 24</b> – Designações para a QSL 220, seus respectivos números de ocorrências e percentuais .....	226
<b>Quadro 25</b> – Designações para a QSL 223, seus respectivos números de ocorrências e percentuais .....	228
<b>Quadro 26</b> – Designações para a QSL 229, seus respectivos números de ocorrências e percentuais .....	230
<b>Quadro 27</b> – Designações para a QSL 239, seus respectivos números de ocorrências e percentuais .....	232
<b>Quadro 28</b> – Designações para a QSL 238, seus respectivos números de ocorrências e percentuais .....	236
<b>Quadro 29</b> – Designações para a QSL 240, seus respectivos números de ocorrências e percentuais .....	238
<b>Quadro 30</b> – Designações para a QSL 215, seus respectivos números de ocorrências e percentuais .....	240
<b>Quadro 31</b> – Designações para a QSL 289, seus respectivos números de ocorrências e percentuais .....	243

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b>	– Distribuição das variantes segundo o sexo .....	147
<b>Gráfico 2</b>	– Distribuição das variantes de /S/ por variáveis extralinguísticas .....	150
<b>Gráfico 3</b>	– Distribuição das variantes de /S/ por variáveis extralinguísticas no estilo livre.....	155
<b>Gráfico 4</b>	– Distribuição das variantes de grupos consonantais cultos por ponto de inquérito.....	169
<b>Gráfico 5</b>	– Distribuição das variantes dos grupos consonantais cultos .....	170
<b>Gráfico 6</b>	– Distribuição das variantes yeístas por variáveis extralinguísticas em contexto medial.....	178
<b>Gráfico 7</b>	– Distribuição das variantes yeístas por variáveis extralinguísticas em contexto inicial .....	180
<b>Gráfico 8</b>	– Distribuição das variantes yeístas por ponto de inquérito .....	181
<b>Gráfico 9</b>	– Distribuição das variantes da QSL 01 por variáveis extralinguísticas.....	188
<b>Gráfico 10</b>	– Distribuição das variantes da QSL 32 por variáveis extralinguísticas.....	191
<b>Gráfico 11</b>	– Distribuição das variantes da QSL 33 por variáveis extralinguísticas.....	194
<b>Gráfico 12</b>	– Distribuição das variantes da QSL 71 por variáveis extralinguísticas.....	197
<b>Gráfico 13</b>	– Distribuição das variantes da QSL 160 por variáveis extralinguísticas.....	211
<b>Gráfico 14</b>	– Distribuição das variantes da QSL 147 por variáveis extralinguísticas.....	213
<b>Gráfico 15</b>	– Distribuição das variantes da QSL 127 por variáveis extralinguísticas.....	216
<b>Gráfico 16</b>	– Distribuição das variantes da QSL 132 por variáveis extralinguísticas.....	219
<b>Gráfico 17</b>	– Distribuição das variantes da QSL 138 por variáveis extralinguísticas.....	221
<b>Gráfico 18</b>	– Distribuição das variantes da QSL 139 por variáveis extralinguísticas.....	223

<b>Gráfico 19</b> – Distribuição das variantes da QSL 220 por variáveis extralinguísticas.....	227
<b>Gráfico 20</b> – Distribuição das variantes da QSL 223 por variáveis extralinguísticas.....	229
<b>Gráfico 21</b> – Distribuição das variantes da QSL 229 por variáveis extralinguísticas.....	231
<b>Gráfico 22</b> – Distribuição das variantes da QSL 239 por variáveis extralinguísticas.....	233
<b>Gráfico 23</b> – Distribuição das variantes da QSL 238 por variáveis extralinguísticas.....	237
<b>Gráfico 24</b> – Distribuição das variantes da QSL 240 por variáveis extralinguísticas.....	239
<b>Gráfico 25</b> – Distribuição das variantes da QSL 215 por variáveis extralinguísticas.....	242
<b>Gráfico 26</b> – Distribuição das variantes da QSL 289 por variáveis extralinguísticas.....	244

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADDU	Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay
ALARA	Atlas Lingüístico Antropológico de la República Argentina
ALCu	Atlas Lingüístico de Cuba
ALE	Atlas Linguarum Europae
ALEC	Atlas Lingüístico-etnográfico de Colombia
ALECH	Atlas Lingüístico-etnográfico de Chile
ALECORI	Atlas Lingüístico-etnográfico de Costa Rica
ALECuyo	Atlas Lingüístico y Etnográfico del Nuevo Cuyo
ALESUCH	Atlas Lingüístico -etnográfico del Sur de Chile
ALF	Atlas Lingüístico de Francia
ALH	Atlas Lingüístico de Hispanoamérica
ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
ALM	Atlas Lingüístico de México
ALN	Atlas lingüístico pluridimensional de Nicaragua
ALP	Atlas Lingüístico de Perú
ALPES	Atlas Lingüístico pluridimensional de El Salvador
ALPI	Atlas Lingüístico de la Península Ibérica
ALPR	Atlas Lingüístico de Puerto Rico
NGLE	Nueva Gramática de la Lengua Española
DLLE	Diccionario Latinoamericano de la Lengua Española
DRAE	Diccionario de la Real Academia Española
DIA	Diccionario de Americanismos
DHA	Diccionario del habla de los argentinos

LANE

Linguistic Atlas of New England

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	20
<b>2</b> <b>FORMAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DE TIERRA DEL FUEGO</b> .....	24
2.1     A COLONIZAÇÃO .....	25
2.2     A EXPANSÃO DAS ESTÂNCIAS.....	31
2.3     MUDANÇAS DURANTE O SÉCULO XX .....	33
2.4     ATIVIDADE TURÍSTICA .....	37
2.5     GRUPOS MIGRATÓRIOS .....	38
2.5.1   Migração de Ultramar .....	38
2.5.2   Migração Chilena.....	41
2.5.3   Migração Interprovincial .....	43
2.6     PONTOS DA ILHA DA TIERRA DEL FUEGO .....	45
2.7     ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE A SITUAÇÃO LINGUÍSTICA NA ILHA.....	53
<b>3</b> <b>REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	59
3.1     A GEOGRAFIA LINGUÍSTICA COMO MÉTODO .....	59
3.1.1   Fase Inicial .....	59
3.1.2   Os Nomes Do Método .....	62
3.2     DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL .....	65
3.3     APROXIMAÇÃO À NOÇÃO DE DIALETO E VARIEDADE.....	66
3.4     SOCIOLINGUÍSTICA .....	69
3.5     PRAGMÁTICA .....	81
3.6     NORMA .....	84
3.6.1   Atualidade E Mídia .....	90
<b>4</b> <b>TRABALHOS DE CUNHO DIALETOLÓGICO</b> .....	92
4.1     PERCURSO NA AMÉRICA LATINA .....	92
4.1.1   Atlas .....	96
4.2     ESTUDOS NA ARGENTINA .....	103
4.2.1   A Patagônia Nos Estudos Linguísticos.....	106
<b>5</b> <b>PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	114

5.1	OS ATLAS COMO PRODUTO .....	115
5.1.1	Os Questionários Na Geografia Linguística.....	116
5.1.2	Os Informantes Na Geografia Linguística.....	118
5.2	ESCOLHAS METODOLÓGICAS DO ALTDF .....	118
5.2.1	Instrumentos Na Coleta De Dados .....	118
5.2.1.1	Decisões na consideração do estilo livre.....	122
5.2.2	Rede De Pontos .....	123
5.2.3	Perfil Dos Informantes Do ALTDF .....	128
5.2.3.1	Sobre o sexo .....	129
5.2.3.2	Sobre a escolaridade.....	130
5.2.3.3	Sobre a idade .....	131
5.2.4	Sobre O Nosso Trabalho De Campo.....	133
5.3	PROCESSAMENTO DOS DADOS .....	137
5.3.1	Ferramentas Utilizadas.....	138
5.3.2	Cartas Linguísticas E Representação Cartográfica .....	139
<b>6</b>	<b>TRAÇOS DO ESPANHOL FALADO EM TIERRA DEL FUEGO .....</b>	<b>142</b>
6.1	CARTAS FONÉTICO-FONOLÓGICAS .....	142
6.1.1	Análise de /S/ em Coda Silábica .....	142
6.1.1.1	Estilo entrevista .....	142
6.1.1.2	Estilo espontâneo .....	152
6.1.1.3	Estilo leitura de texto .....	156
6.1.2	Análise de Grupos Consonantais Cultos .....	157
6.1.2.1	Doctor .....	161
6.1.2.2	Eructar .....	164
6.1.2.3	Transpiración .....	167
6.1.3	Yeísmo .....	171
6.1.3.1	Análise de dados .....	177
6.2	CARTAS SEMÂNTICO- LEXICAIS .....	183
6.2.1	Corpo humano.....	184
6.2.1.1	Carta lexical 01 – <i>Cabeza</i> .....	185
6.2.1.2	Carta lexical 04 - <i>Sin dientes</i> .....	188
6.2.1.3	Carta lexical 06 – <i>Dientudo</i> .....	192
6.2.1.4	Carta lexical 10- <i>Panza</i> .....	194

6.2.2	Família/ Vida Humana .....	198
6.2.2.1	Tabu linguístico .....	199
6.2.2.2	Eufemismo: algumas considerações .....	199
6.2.2.3	Carta lexical 20 – <i>Putá</i> .....	201
6.2.2.4	Carta lexical 22 – <i>Gay</i> .....	205
6.2.2.5	Carta lexical 18 – <i>Cornudo</i> .....	209
6.2.2.6	Carta lexical 15 - <i>Amarrete</i> .....	211
6.2.3	Vestuário .....	214
6.2.3.1	Carta lexical 26 - <i>Campera</i> .....	215
6.2.3.2	Carta lexical 28 – <i>Bombacha</i> .....	216
6.2.3.3	Carta lexical 30 - <i>Sandalias</i> .....	220
6.2.3.4	Carta lexical 32 – <i>Ojotas</i> .....	222
6.2.4	Fenômenos atmosféricos .....	224
6.2.4.1	Carta lexical 33 - <i>Viento fuerte</i> .....	225
6.2.4.2	Carta lexical 35 - <i>Nube de tormenta</i> .....	228
6.2.4.3	Carta lexical 37 - <i>Chaparrón</i> .....	229
6.2.4.4	Carta lexical 39 - <i>Nevazón</i> .....	231
6.2.5	Específicas de TDF .....	234
6.2.5.1	Carta lexical 41- <i>Resbaloso</i> .....	235
6.2.5.2	Carta lexical 42 - <i>Estalactitas</i> . .....	237
6.2.5.3	Carta lexical 45 - <i>Hallullas</i> .....	239
6.2.4.4	Carta lexical 47 - <i>Castoreras</i> .....	242

## **SÍNTESE DOS ASPECTOS DIALETAIS DO ESPANHOL FALADO**

**NA TIERRA DEL FUEGO** .....245

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....253

**REFERÊNCIAS**.....260

**APÊNDICES**.....278

APÊNDICE A - FICHA DO INFORMANTE .....279

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO .....280

## INTRODUÇÃO

Localizada no extremo sul da Argentina, com uma população que varia constantemente, a Ilha Grande de Tierra del Fuego apresenta uma história que reveste especial interesse. Seus processos de povoamento e as diferentes ondas migratórias apresentaram diversas particularidades, a depender do momento histórico em que aconteceram e das políticas desenvolvidas pelo Estado.

Nos últimos anos do século XIX, o Estado Nação começou a exercer sua soberania na mais austral das províncias. Primeiramente, procedeu-se à venda de terras a uns poucos proprietários de origem chilena e outros provenientes das Ilhas Malvinas (UNTDF, 2013). Depois, foram promovidas atividades em torno da lã e dos frigoríficos; ali, grande parte dos trabalhadores que responderam à demanda laboral foram chilenos e europeus de diversos países, muitos deles com certa experiência em atividades pastoris. Por outro lado, um importante número de italianos aderiu a um projeto conhecido como Expedição Borsari, destinado à construção de habitações e edifícios em Ushuaia (TRAVAGLINI, 2011).

Por volta de 1972 e com a promulgação da Lei 19.640 foi estabelecido um regime fiscal e aduaneiro especial para o Território Nacional de Tierra del Fuego, modo em que foi considerado até 1990 quando foi declarada província. O objetivo principal dessa lei era fazer com que mais pessoas se instalassem na província. que até esse momento tinha 13.527 habitantes, o que representava uma contribuição de 0,06% à população do país e 1,54% à região patagônica (FARÍAS; LÓPEZ, 2016).

As atividades desenvolvidas até 2015 levaram milhares de pessoas a instalar-se na ilha, muitas vezes concebida como uma terra promissora, de grandes oportunidades de trabalho. A partir de 2009, e com base nas políticas de promoção implementadas (reforma dos impostos internos e restrições à importação de artigos eletrônicos), a atividade industrial produziu um

alto valor econômico. A partir dos dados do último censo nacional, pode-se afirmar que para 2010, 65,1% da população residente não era nascida em Tierra del Fuego. Assim, constitui-se numa província com características demográficas especiais: uma matriz populacional majoritariamente exógena, dinâmica e heterogênea (HERMIDA, MALIZIA, VAN AERT, 2016).

Pelo comentado nos parágrafos anteriores e pelo cenário diversificado, que compõe a atual província, surgiu a motivação para a realização de um trabalho que propõe a descrição dialetal com vistas à construção de um Atlas Linguístico de Tierra del Fuego. Cabe destacar que o projeto de um atlas, mesmo que de pequeno domínio tenta cobrir o nicho que existe sobre a descrição da variedade de Tierra del Fuego, uma das províncias que menos atenção recebeu no que diz respeito a estudos linguísticos (SINNER, 2016). Assim, esperamos que os dados obtidos a partir do trabalho de campo nos permitam descrever a variedade, nos níveis fonético-fonológico e semântico-lexical, presente na província, bem como contrastar com os resultados já conhecidos sobre as variedades linguísticas da Argentina (VIDAL DE BATTINI, 1964; PREDAL, 1987) e, especialmente, com os das outras províncias que integram a Patagônia (VIRKEL, 2000; FONTANELLA DE WEINBERG, 2000; MUÑOZ, MUSCI, 2007; FERNÁNDEZ, 2005).

#### Hipóteses e objetivos

Diante do cenário diversificado exposto brevemente nas colocações supramencionadas, formulamos as seguintes hipóteses para o trabalho:

a) Os aspectos fonético-fonológicos apontados para a região patagônica, em que os estratos médios e altos apresentam características próprias do discurso bonaerense, enquanto os baixos, realizações similares às existentes em território chileno, não são verificados, na sua totalidade, para o território fueguino.

b) A variação lexical presente na variedade fueguina é resultado das constantes migrações e deslocamentos que desde o início marcaram a história do território.

c) A especial configuração étnica da população de ambos os lados da fronteira, junto com a particular história social de Tierra del Fuego permitem observar, nos campos semânticos "família/vida humana", "corpo humano", "vestuário", "fenômenos atmosféricos" e "específicas de TDF", alguns limites quanto ao uso de determinadas unidades léxicas.

Para a retificação ou a ratificação de nossas hipóteses, nesta tese, temos o seguinte objetivo geral: contribuir ao conhecimento da variedade presente na Ilha Grande de Tierra del Fuego para a construção do futuro Atlas Linguístico de Tierra del Fuego.<sup>1</sup>

Com base no exposto, propusemos o cumprimento dos seguintes objetivos específicos:

a) Analisar, com enfoque nas dimensões diasssexual, diageracional, diatópica e diastrática: i) a variação diafásica de /S/ em coda silábica; ii) a realização de grupos consonantais cultos, e iii) o fenômeno do *yeísmo*.

b) Mapear os dados, com vistas às análises que permitam verificar a variação lexical, principalmente nos seguintes campos semânticos: "família/vida humana", "corpo humano", "vestuário", "fenômenos atmosféricos" e "específicas de TDF".

c) Identificar possíveis isoglossas, a partir dos dados mapeados, que permitam identificar normas lexicais cotejando sua distribuição espacial.

---

<sup>1</sup> Com a totalidade dos dados levantados, futuramente, almejamos a construção do Atlas de pequeno domínio da Tierra del Fuego.

Para alcançar os objetivos propostos, entendemos que a Geolinguística e, em especial, a Dialetologia Pluridimensional (THUN, FORTE, ELIZAINCÍN 1989; THUN, 1998) proporcionam as ferramentas necessárias para o estudo da variedade linguística nos níveis propostos considerando as dimensões diatópica, diassexual, diageracional e diastrática. Assim, selecionamos prioritariamente informantes nascidos na ilha (ou que tenham morado pelo menos 3/4 da sua vida nela), que foram estratificados conforme o sexo (feminino e masculino); faixa etária (de 18 a 30 anos e de 45 a 60 anos) e grau de escolaridade (ensino médio e ensino superior completo). Desse modo, privilegiamos as dimensões diatópica, diagenérica, diassexual e diastrática.

#### Organização da tese

A presente tese é composta, a partir das páginas introdutórias, de seis capítulos e das considerações finais. O capítulo 2 fornece um panorama sobre as etapas de povoamento do território e dos grupos migratórios que, com o passar dos anos, instalaram-se na ilha; O capítulo 3 reflete sobre a base teórica que fundamenta e norteia nosso trabalho; O capítulo 4 fornece ao leitor uma visão dos principais trabalhos realizados na América, com foco especial nos referentes às pesquisas desenvolvidas na Argentina, em particular na Patagônia; O capítulo 5 expõe alguns dos pressupostos teórico-metodológicos que seguimos para a elaboração da presente tese, desde a formação da rede de pontos, do perfil dos informantes, dos instrumentos de coleta de dados e das ferramentas computacionais utilizadas em cada uma das etapas; O capítulo 6 apresenta a análise dos dados, no qual discutimos alguns processos fonético-fonológicos mapeados, conforme os objetivos propostos nesta tese e de algumas cartas lexicais segundo determinados campos semânticos. Por fim, as considerações finais do trabalho.

## 2 FORMAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DE TIERRA DEL FUEGO

Localizada no extremo Sul da América, a Ilha Grande de Tierra del Fuego encontra-se separada do continente pelo Estreito de Magalhães. Após uma organização territorial definitiva, em 1881, sua superfície foi compartilhada por duas nações: Chile, na área ocidental, e Argentina, no setor oriental. Considerada a mais austral das províncias argentinas, a Província de Tierra del Fuego, Antártida e Ilhas do Atlântico Sul apresenta uma superfície total<sup>2</sup> de 1.002.445 km<sup>2</sup>. Duas cidades e uma *comuna*<sup>3</sup> formam o território argentino da ilha: Ushuaia, Rio Grande e Tolhuin. Do lado chileno, há o município de Porvenir, e as comunas Primavera e Timaukel.<sup>4</sup>

Pela sua singularidade, Tierra del Fuego, a mais nova das províncias argentinas, recebeu importante atenção por parte de geógrafos, historiadores, sociólogos e economistas, entre outros estudiosos. Alguns aspectos interessantes comentados pela sociologia sobre a excepcionalidade da ilha dizem respeito aos processos sócio-históricos evidenciados quando comparados com outras províncias do país. Nesse sentido, De Imaz declara que, “proporcionalmente a su edad, ningún otro territorio del país reúne tan sabrosas páginas de hechos. Tal vez lo beneficiara su excepcional conjunción de historiadores y cronistas” (DE IMAZ, 1972, p. XII). Essa afirmação baseia-se na abundância de dados que o leitor encontra cada vez que se aproxima dos diversos escritos sobre a região, dentre os quais se destacam os relatos de

---

<sup>2</sup> A superfície total da província compreende três âmbitos territoriais diferenciados: o setor oriental da Ilha Grande de Tierra del Fuego (doravante TDF) e ilhas próximas; as Ilhas Argentinas do Atlântico Sul; e a Antártida Argentina, incluindo os arquipélagos das Orcadas del Sur e as Shetland do Sul.

<sup>3</sup> Nome que recebem do lado argentino e chileno os pontos habitados, cujas povoações são pequenas (10.000 habitantes aproximadamente).

<sup>4</sup> A decisão de não considerar essas comunas dentro da nossa rede de pontos está diretamente relacionada com a escassa população – aproximadamente 400 moradores na comuna Timaukel e 1.000 na comuna Primavera –, e pelo fato de muitos moradores residirem nesses lugares apenas de forma temporária.

viagens e os livros de *bitácora*,<sup>5</sup> alguns deles dispersos em repositórios de outras partes do mundo.

Desde certas concepções historiográficas, a Patagônia foi concebida a partir de uma ótica segundo a qual, sem se atentar para os intensos vínculos econômicos, sociais e culturais que traspassaram a cordilheira dos Andes em um processo de longa data, o território aparecia confinado aos limites do Estado-Nação e as relações com o Chile explicavam-se exclusivamente pelas hipóteses de conflito (BANDIERI, 2018). No caso específico da Ilha, essa complexidade evidencia-se na trama de eventos que aconteceram a partir dos primeiros contatos entre os grupos originários fueguinos e os primeiros europeus que lá chegaram, desde a tomada de posse até a exploração do espaço ao longo dos séculos. Além disso, uma vez definida a presença do Estado, foram vários os processos que a região atravessou desde 1884 até 1990, ano da sua provincialização. Foi território nacional (1884-1943), governação marítima (1943-1955), província patagônica (1955-1957), novamente território nacional (1957-1990) e finalmente província (1990) (VARELA, 2007).

Ao longo das páginas a seguir, buscamos apresentar as principais sequências de eventos sócio-históricos relacionados a essa província, suas atividades, e os participantes que protagonizaram os fatos ao longo dos séculos.<sup>6</sup>

## 2.1 A COLONIZAÇÃO

A descoberta da passagem entre o continente e a Tierra del Fuego e de suas costas setentrionais, sob a responsabilidade de Fernão de Magalhães, no ano 1520, marcaram o início da nova rota de navegação e

---

<sup>5</sup> Nome atribuído, no âmbito da marinha mercante, ao diário de bordo que servia para registrar tudo o que acontecia durante a viagem.

<sup>6</sup> Conscientes de não empreender um estudo pormenorizado que vise à incorporação de toda a literatura dedicada à história de Tierra del Fuego, comentamos apenas os eventos que nos permitam explicar e compreender os percursos migratórios que poderiam ter influenciado na atual situação linguística.

comércio entre o velho continente, os portos americanos do Pacífico e o Extremo Oriente (LUIZ; SHILLAT, 1998). No entanto, anos depois, a descoberta do Canal do Panamá, além dos naufrágios e as complicações geradas pelos fortes ventos na região, e a própria conformação do estreito, fariam com que os navegantes, outrora interessados nessas rotas, desistissem.

No fim do século XVIII, a área em questão voltou a ser alvo de interesse de baleeiros e lobeiros (caçador de lobo-marinho) de diversas nacionalidades. Expedicionários ingleses, franceses, belgas, alemães, russos e norte-americanos, foram movidos pela possibilidade de obterem interessantes benefícios econômicos.<sup>7</sup> A partir da exploração de recursos marítimos, especialmente azeite de elefantes marinhos e pele de focas, começaram a frequentar e a permanecer com maior regularidade no litoral da Patagônia.

A seguir, apresentaremos aspectos referentes à colonização da Tierra del Fuego e o que aconteceu com os grupos que nela residiam antes da chegada do que tem se chamado “a presença do homem branco”.

### Grupos indígenas

Reconhecidos pelos cronistas e estudiosos que frequentavam a área desde o século XVI, alguns dos grupos originários fueguinos que moravam na ilha eram caçadores nômades e nômades aquáticos.

Os Yaganes, considerados os moradores do fim do mundo, estavam instalados nos canais localizados ao sul da Ilha. Sabe-se que eram pescadores (coletores de algas e outros alimentos marinhos) e se locomoviam principalmente em canoas. Seus primeiros contatos com os europeus ocorreram

---

<sup>7</sup> Sobre alguns detalhes dos motivos que levaram os navegantes a difundir o antigo mito dos gigantes que moravam na Tierra del Fuego pode se consultar Luiz e Shillat (1998, p.56).

no início do século XIX. Embora tenha existido algum tipo de interação com outros grupos – selk'nam e Kawéskar – o relacionamento nem sempre foi pacífico (BRIDGES, 1952).

Ao norte da ilha, num contexto de planícies e matas autóctones em abundância, moravam os caçadores conhecidos pelo nome de Shelk'nam. Ali efetuavam a caça de guanacos<sup>8</sup> e emas. Os Kawéskar habitavam na região entre a península de Taitao e o Estreito de Magalhães, transportavam-se em seus *hallel* (canoas) à procura de mariscos e lobos marinhos. O último grupo, do qual há pouquíssima informação, era conhecido como Haush e estava localizado na zona da Península Mitre.

Um aspecto comum entre esses grupos é que todos eles tiveram suas vidas alteradas após a chegada dos colonizadores. Além do genocídio efetuado pelos colonizadores, os documentos históricos indicam o problema das doenças trazidas pelo homem branco. Os historiadores explicam que a expansão e a ocupação de grandes extensões de terras por parte dos *terratenientes* (donos de grandes extensões de terras) levou a uma redução da área dos grupos fueguinos e à luta desses grupos fueguinos à procura de alimentos.

Conforme o processo de povoamento, o modo de vida dos grupos indígenas tais como Selk'nam e Yaganes também foi comprometido no sentido de que foram "civilizados" nas missões anglicanas e salesianas (BASCOPE, 2018). Desta forma, uma vez convertidos em cristãos, passaram a ocupar um lugar subordinado dentro da estrutura social.

Com o avanço da colonização, podemos apontar diferentes acontecimentos que sucederam de forma simultânea e que influenciaram o povoamento da província. Enquanto no norte da ilha acontecia o que depois ficou conhecido como a febre aurífera, juntamente com o grande avanço das

---

<sup>8</sup> Trata-se do mamífero camelídeo que abunda no extremo da Patagônia. Serviu para os grupos fueguinos como alimento, além de aproveitarem suas peles para se proteger do frio.

estâncias, no sul da ilha a realidade era muito diferente, como comentado a seguir.

#### A função dos missionários religiosos

Convencido da necessidade de levar a palavra de Deus aos indígenas de Tierra del Fuego, o reverendo Bridges, membro do grupo de Missionários anglicanos pertencentes à South American Missionary Society, com sede em Londres, foi o primeiro a se estabelecer e a conseguir manter contato com os grupos indígenas que povoavam a ilha.

As tentativas de evangelização por parte dos missionários iniciaram-se em 1832, continuando em 1848 e 1850, resultando em conhecimentos fundamentais para o que depois ia servir como estratégias de convivência com os Yaganes. Em 1871, Thomas Bridges, após conviver com alguns Yaganes em outra ilha, conseguiu se instalar no atual território de Ushuaia e, ao longo de alguns meses, obteve conhecimentos mínimos da língua, resultando no fortalecimento da relação com eles e também no dicionário *yagán-inglés*.

Com os missionários instalados em Ushuaia, a outra parte do território da ilha estava ocupada pelos grupos de caçadores fueguinos, suas mulheres e crianças. Dessa forma, com exceção desses missionários, não havia outra presença europeia na ilha até a chegada, ao norte da ilha, de homens atraídos pela extração mineira, isto é, os garimpos de ouro.

A existência de organizações religiosas na ilha não se limitou apenas ao extremo sul, como foi observado com a Missão Anglicana e o papel desenvolvido por Bridges. Conforme a lógica seguida em outras cidades da Patagônia, os missionários salesianos da ordem de Dom Bosco propõem-se, como parte dos objetivos da sua obra, a evangelização dos aborígenes do

extremo sul-americano (LUIZ; SHILLAT, 1998). Por esse motivo, acontece sua instalação na região norte da ilha.

O conflito entre os fazendeiros e os grupos fueguinos, diretamente afetados pela troca da criação do guanaco por ovelhas, realizada pelos fazendeiros, levou-os a iniciar uma luta por preservar o espaço livre e as fontes dos alimentos dos grupos fueguinos. Embora o esforço tenha sido inútil, existiram, segundo os relatos oficiais, alguns intentos por parte do estado e das organizações religiosas para oferecer aos grupos indígenas uma “alternativa”<sup>9</sup> nas missões (BONDEL, 1985). No entanto, o triunfo dos proprietários das terras e o avanço sobre o território, outrora dos indígenas, foi iminente.

#### Estabelecimento da prefeitura e colonização presidiária

Pensar na ação colonizadora na Tierra del Fuego supõe pensar na necessidade por parte do Estado de fixar uma organização político-administrativa (LUIZ y SHILLAT, 1998). A inauguração da subprefeitura da Tierra del Fuego, que ocorreu no dia 12 de outubro de 1884, foi uma das ações efetivadas pelo governo argentino para conseguir sua soberania nessa área. Com a sanção da Lei N°1532, o Congresso argentino determinou a organização de Tierra del Fuego como Território Nacional.<sup>10</sup>

Entre suas principais funções, a Prefeitura instalada em Ushuaia tinha como objetivo manter uma comunicação marítima regular entre os portos patagônicos e Buenos Aires, além de prestar diversos serviços, entre os quais

---

<sup>9</sup> A discussão sobre o genocídio dos grupos fueguinos ainda continua aberta. Nesse contexto, falamos de “alternativas”, pois em muitos casos as Missões religiosas tinham acordos com os governos para solucionar “o problema indígena” na região (BASCOPÉ, 2018, p.59).

<sup>10</sup> Ao pensar em território nacional, temos que lembrar que para obter o caráter de província a ilha precisava contabilizar uns 60.000 moradores, e isso só aconteceu em 1990 (LUIZ; SHILLAT, 1998).

salienta-se o abastecimento de lenha em estabelecimentos costeiros. Inicialmente, acreditaram que o serviço consistia em duas viagens anuais, o que era insuficiente para cobrir as necessidades dos habitantes. A partir destes dados resulta possível compreender a influência e o contato sustentado com Punta Arenas, considerado o centro de abastecimento mais próximo até 1930 (LUIZ; SHILLAT, 1998).

Com a demarcação da fronteira da Tierra del Fuego no ano de 1895, e diante da escassa população e da urgente necessidade de exercer a soberania sobre os territórios austrais, o governo considerou a possibilidade de aplicar o modelo de colonização penal, instalando um presídio para transferir os detentos de outras partes do país. Após várias tentativas, a iniciativa conseguiu se efetivar em 1896. Seu funcionamento foi determinado pelo modo de organização penitenciária tradicional e teve fim em 1947, com o seu fechamento. É possível afirmar que esse presídio representou um "elemento dinamizador en la vida de un centro de carácter netamente administrativo y con escasas alternativas de desarrollo económico" (LUIZ; SHILLAT, 1998, p. 159).

A penitenciária de Ushuaia foi construída com o intuito de ser um estabelecimento modelo, e supôs um feito histórico para a região e uma mudança importante na forma de vida dos poucos habitantes. Criada com a ideia de fomentar o desenvolvimento econômico em uma área que até poucos anos era inóspita, a construção da cadeia permitiu utilizar a capacidade laboral dos detentos em obras públicas, como: construção de ruas, pontes, edifícios e também na exploração dos bosques.

## Febre do ouro

A primeira expedição chilena ao território aconteceu no ano 1878 e permitiu constatar a presença do mineral nas margens do Rio do Ouro, na parte noroeste da Ilha. Durante os seguintes anos, garimpeiros chilenos e de outras

nacionalidades iniciaram a busca, primeiramente realizada de forma artesanal. A atual cidade de Porvenir foi o primeiro núcleo com moradores da Tierra del Fuego chilena, e constituiu-se como “centro de abastecimento para os acampamentos de garimpeiros e o porto de embarque da produção mineira (LUIZ; SHILLAT, 1998).

Logo após chegar a notícia em Buenos Aires, em 1886, o engenheiro romano Júlio Popper iniciou tratativas com o Ministério do Interior de Buenos Aires, com a finalidade de desenvolver tarefas de exploração do ouro no norte da Ilha. Em 1887, a apresentação de um informe completo, produto dessa tarefa, foi o que possibilitou reunir os acionistas necessários para a constituição de uma companhia mineira.<sup>11</sup> Embora o apogeu da exploração começou a declinar em 1894, a atividade contribuiu para quebrar o isolamento, e abriu caminho para o avanço da colonização na Tierra del Fuego. Os lucros obtidos com a exploração mineira serviram, em alguns casos, para a compra de terra e gado, favorecendo o desenvolvimento dos empreendimentos pecuaristas.

## 2.2 A EXPANSÃO DAS ESTÂNCIAS

A etapa caracterizada pela colonização fazendeira esteve marcada pela aplicação de políticas que facilitaram o acesso à terra e pela convocação de investidores para iniciar a exploração a curto prazo. Dessa forma, a possibilidade de obter grandes extensões de terra por um valor baixo favoreceu a concentração da terra e a formação de grandes unidades dedicadas à criação de ovelhas para o aproveitamento da lã (LUIZ; SHILLAT, 1998). Antes da demarcação da divisa na Tierra del Fuego, que ocorreu em 1895, tanto o governo chileno como o argentino se adiantaram à resolução definitiva e iniciaram a

---

<sup>11</sup> A convivência entre grupos indígenas e diversos grupos de estrangeiros motivados pela febre do ouro chegou a ser uma batalha pela sobrevivência: roubos, mortes e saques. Além disso, “na ficção aurífera não se encontram apenas os primeiros empreendimentos em Porvenir, mas também as primeiras instituições da ilha” (BASCOPE, 2010, p.8, tradução nossa).

adjudicação de terras. Entre os beneficiários salientam-se, na primeira etapa, importantes empresários de Punta Arenas, como Nogueira e Braun. Alguns anos depois (1889), e adotando a mesma metodologia na distribuição das terras, o Governo argentino solicitou a medição de toda a área setentrional da ilha, beneficiando a Bridges (20.000 hectares) e a Popper (80.000 hectares).

Com forte capital e apoio político do poder central, os empresários fazendeiros do norte da ilha, tanto do lado argentino como chileno, conseguiram avanços assombrosos em menos de duas décadas:

Adquirieron unas tierras desiertas, las poblaron con animales importados, introdujeron innovaciones, aplicaron tecnología y experiencia ajenas, construyeron infraestructura, se capacitaron y alcanzaron altos niveles de producción; además, desarrollaron otras actividades que se eslabonaban con las de esos establecimientos. Es cierto que contaron para todo esto con algunas ventajas: no se toparon con especuladores intermediarios ni debieron romper con tradiciones que podrían haber obrado como retardatarias, puesto que todo estaba por hacerse (MASTROSCELLO, 2008, p. 123).<sup>12</sup>

Assim, em 1900 as grandes estâncias fueguinas (Sara, Cullen, Primera e Segunda Argentina) apresentavam uma sólida estrutura produtiva, o que colaborou para estabelecer as bases dos acontecimentos posteriores (BONDEL, 1985).

Após a fundação das estâncias Primera Argentina (1897) – que teve, inclusive, sua própria linha férrea – e Segunda Argentina (1898), iniciou-se o fortalecimento da empresa de navios fundada alguns anos antes no Chile. Os donos dessas estâncias iniciaram, em 1912, a construção do molhe sobre o Rio Grande. Mais tarde, em 1916, associado a outros fazendeiros, fundaram a Companhia Frigorífica Argentina, um evento que iria marcar um tipo de dinâmica

---

<sup>12</sup> Adquiriram terras desertas, povoaram com animais importados, introduziram inovações, aplicaram tecnologia e experiência de outros, construíram infraestrutura, se capacitaram e conseguiram altos níveis de produção; além de desenvolver outras atividades que se relacionavam com os desses estabelecimentos. É verdade que contaram para tudo isso com algumas vantagens: não se encontraram com especuladores intermediários nem tiveram que quebrar com tradições que poderiam ter atuado como retardatárias, pois tudo estava por se fazer (MASTROSCELLO, 2008, p.123, tradução nossa).

diferente daquela que tinha acontecido até esse momento e forneceria as bases para o crescimento do que, tempo depois, seria a Colônia Agrícola Rio Grande.

### 2.3 MUDANÇAS DURANTE O SÉCULO XX

São vários os fatos acontecidos ao longo do século XX, alguns deles sucederam ao mesmo tempo, e influíram no devir da constituição e futuro da ilha.

A abertura do canal do Panamá resultou em um deslocamento da rota magalhânica, o que a levou a ser considerada como uma alternativa marginal. Com isso, Punta Arenas, cidade que tinha funcionado como metrópole e centro regional de todo o sul patagônico, acabou por perder seu protagonismo político financeiro, e sua liderança no território (BONDEL, 1985). Essa perda de liderança de Punta Arenas fez com que acabasse a dependência, sobretudo com relação ao comércio e transporte. Assim, nessa época, iniciou-se um período de crescimento para os incipientes núcleos populacionais do lado argentino da ilha.

Enquanto isso, entre 1915 e 1925, os estabelecimentos agropecuários alcançaram os proveitos máximos. Embora o tipo de atividades que eles lideravam continuasse vigente, é possível afirmar que próximo à década de cinquenta começou a mudar a situação: iniciou-se uma alteração e diversificação dada pela exploração de recursos naturais como o petróleo, uma expansão advinda da economia nacional.

Com o apogeu do petróleo, entre os benefícios obtidos salientam-se duas importantes obras de infraestrutura. A primeira, o porto de Ushuaia; a segunda, a finalização da Rota Nacional N°3, de enorme relevância, por possibilitar uma via de comunicação entre os povoados. Alguns anos mais tarde, em 1958, a declaração de “zona franca” marcou um momento decisivo para o crescimento econômico e demográfico da província.

A partir de 1920 a pecuária, que foi o motor principal na decolagem da pequena economia regional, encontrou seu limite produtivo

(MASTROCELLO, 2008). E, conforme o avanço dos anos, o setor de produção de lã teve que enfrentar sérios problemas internos, por causa da queda dos preços e da difícil inserção no mercado internacional, além da concorrência que na época já se observava com relação ao avanço da industrialização de fibras sintéticas (DE IMAZ, 1972).

Este momento histórico esteve marcado pela carência de infraestrutura, crédito e comércio, além de uma escassa população e uma economia local débil. Nesse contexto, fora do âmbito rural, a economia urbana – na pequena aldeia que iria se converter na cidade chamada de Rio Grande – girava em torno do frigorífico de Rio Grande, e da marina. A ilha contava com um grupo de empreendedores privados preocupados com o comércio e o transporte, e já começava a despontar o início da atividade madeireira.

Com a delimitação de um plano de estradas para a ilha, iniciado em 1934 e finalizado em 1949, a abertura do caminho que unia Ushuaia e Rio Grande abandonaria as dificuldades decorrentes das estradas precárias, que até então eram o único meio de atravessar grandes espaços com turba<sup>13</sup> e estabelecer a comunicação entre os moradores de uma e outra cidade, bem como o transporte de correspondências e outros bens.

## Petróleo

Com a política lançada por Arturo Frondizi em 1949, inicia-se um período marcado pela exploração petrolífera, uma etapa de grande desenvolvimento para o setor. Nesse contexto, ocorreram na ilha dois eventos que foram determinantes para os acontecimentos futuros.

O primeiro, deu-se com a declaração da separação do que até o momento era conhecido pelo nome de Província Patagônica (integrada também pela atual província de Santa Cruz). Dessa forma, unido à Antártida e às ilhas do Atlântico Sul, obteve-se o *status* de Território Nacional. O segundo evento

---

<sup>13</sup> Nos referimos ao carvão leve, macio e de aspecto terroso que se forma em locais pantanosos devido à decomposição de restos vegetais, abundante na zona centro e sul da ilha.

ocorreu no ano de 1956, quando a ilha foi declarada Zona Franca (livre de impostos e de obrigações em matéria de trocas para a importação de mercadorias), o que despertou interesse e acelerada radicação de comerciantes e empresários que enxergaram essa como uma grande oportunidade, bem como um atrativo para o incipiente fluxo turístico (MASTROCELLO, 2008).

O contraste fundamental com os períodos anteriores aconteceu com a entrada de Ernesto Campos, capitão da marinha e conhecedor da região, como governador da província, em 1958. Durante sua administração viabilizou a realização de muitas obras. As vantagens decorrentes da renda petroleira deram à província um dinamismo e mudanças substanciais, como a concretização de obras e iniciativas estatais postergadas há várias décadas; a construção da rede de gás natural e de hospitais para as duas cidades; além de um grande impulso no desenvolvimento do turismo. Nesse período, também se consolidou a indústria madeireira, sobretudo a partir de 1960, nas proximidades de Tolhuin.

A década de 70 esteve marcada pelo avanço na construção de obras públicas, entre as quais salientamos a construção de moradias em Ushuaia, representando o início do mercado imobiliário, inexistente até esse momento. Todos esses projetos oficiais de infraestrutura resultaram em novas oportunidades de emprego para profissionais e técnicos.

Em resumo, apresentamos alguns dados que marcaram a história da ilha. No que se refere a relações fronteiriças entre Argentina e Chile, devemos lembrar que ainda existia nesse momento uma tendência ao conflito, cada vez mais perceptível conforme se avançava para o sul do continente. No caso da região mais austral, a escassa população e uma alta proporção de estrangeiros, particularmente chilenos, era avaliada pelo governo militar como uma debilidade geopolítica importante, motivo pelo qual a ideia de “impulsar la migración interna en el área se volvió uno de los objetivos principales” (MASTROCELLO, 2008, p. 151).

**Quadro 1-** Crescimento da população do território

ANO DO CENSO	POPULAÇÃO TOTAL	DENSIDADE KM2
1895	422	--
1914	2.479	0.1
1947	5.029	0.2
1960	7.955	0.4
1966	10.620	0.5
1970	13.431	0.6

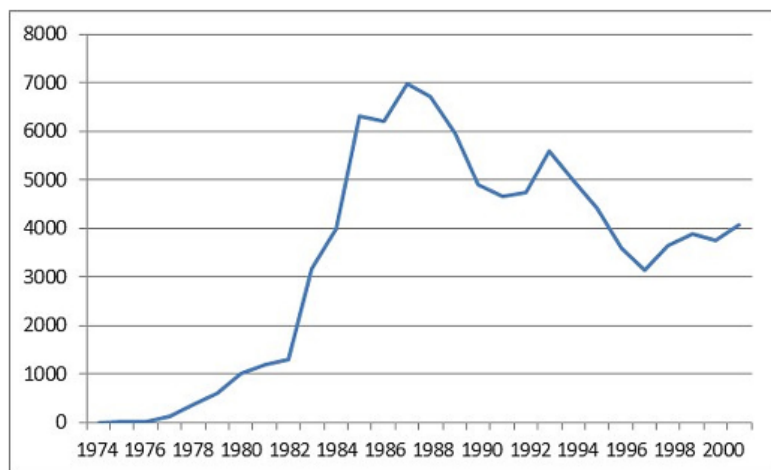
**Fonte:** De Imaz, 1972

#### Lei de promoção industrial

A sanção da lei 19.640, que ocorreu em 1972, permitiu a instalação de um novo regime de promoção fiscal. Entre os benefícios obtidos encontram-se a dedução de tarifas de importação de insumos, bens de capital e produtos finais; a isenção de impostos nacionais e a eliminação de restrições ao comércio e movimentação de divisas. A partir de 1981 observou-se um crescimento na radicação de indústrias em Rio Grande e Ushuaia, um fato que explica a alta demanda de mão de obra e um acréscimo da dinâmica migratória. Nesse período, residentes de outras províncias argentinas chegaram à Tierra del Fuego motivados pela promessa de emprego, muitos com altos salários.

No início da década de 90, após uma forte crise econômica, produto de um processo hiperinflacionário no país todo, foi possível concretizar o objetivo de povoar o território fueguino com argentinos vindos de outras regiões (ROMANO, KATAHISHI, 2018), como apresentado na figura a seguir:

**Figura 1-** Emprego industrial. Quantidade de trabalhadores no período 1974-2000



**Fonte:** Aggio *et al.*, 2014

Entretanto, após 1992, como produto da forte crise econômica, algumas fábricas fecharam suas portas deixando centenas de trabalhadores desempregados, o que agravou a crise na indústria fueguina e os conflitos sociais. O declive observado durante esse período e agudizado com a crise de 2001 resultou em numerosas demissões, fato que em parte foi revertido com as novas políticas implementadas no governo de Néstor Kirchner (UNTDF, 2013).

## 2.4 ATIVIDADE TURÍSTICA

Uma vez estabelecido o Corredor Turístico da Patagônia Austral, em 1979, instaurou-se um importante crescimento da infraestrutura, das políticas públicas e do interesse por parte dos investidores na região. Dessa forma, em 1986 inicia-se a chegada de turistas que, motivados pela compra de produtos livres de impostos, chegam à cidade de Ushuaia.

Alguns anos depois, no início de 2002, a sanção da Primeira Carta Orgânica da cidade, que reconhecia e considerava a atividade turística como um relevante fator de desenvolvimento, apresentou a cidade de Ushuaia como o último confim do mundo (embora esse conceito já existisse há vários anos), a porta de entrada à Antártida. Isso fez com que pessoas de todo o mundo visitassem anualmente a cidade e, inclusive, muitas delas a escolheram para morar.

O percurso realizado tem permitido obter um panorama geral dos eventos que transformaram a situação da ilha desde o início da colonização. Nas páginas seguintes revisamos aspectos salientes dos diferentes grupos migratórios que, ao longo das décadas e atraídos por diversas oportunidades, têm ancorado na ilha.

## 2.5 GRUPOS MIGRATÓRIOS

Motivados pelas oportunidades que os diversos governos implementaram como estratégias para garantir o povoamento, foram três os grandes grupos migratórios que chegaram à ilha no decorrer dos séculos.

### 2.5.1 Migração de ultramar

A respeito dos primeiros contatos, produto das migrações ultramarinas, o diário de Lucas Bridges, filho do reverendo Thomas Bridges, narra várias tentativas dos missionários anglicanos para conseguir a confiança dos Yaganes. O vínculo teve diversos matizes no decorrer do tempo e o tipo de estratégias utilizadas pelos ingleses permitiu-lhes penetrar pouco a pouco nos modos de vida dos indígenas. Dessa forma, Bridges explica:

Stirling relata en sus cartas que los yaganes, al aproximarse cautelosamente en sus canoas, quedaron estupefactos al oír que un hombre blanco los saludaba en su propio idioma. Sus recelos pronto

se dissiparam ao saber que existia um homem branco que podia conversar com eles e entender suas respostas. Mi padre visitó, él solo, varios campamentos de los aborígenes, valiéndose del chinchorro del barco, no porque Stirling sintiera temor, sino para evitar toda ostentación e inspirar confianza a los indios (BRIDGES, 1952, p. 40).<sup>14</sup>

O segundo material que comentamos, as crônicas de Roberto Payró (1898), fornece ao leitor contemporâneo o olhar perplexo de um viajante que chega de Buenos Aires à Tierra del Fuego marcado pela fantasia e as lendas que na época existiam sobre a ilha:

El reverendo Lawrence ocupó la cátedra, y comenzó la lectura, en inglés, del evangelio del día (...) Concluido el evangelio, comenzaron los cánticos, en coro (...) Entre esos cantos se hizo notar uno en lengua yagan (...) Luego un sermón, una oración en yagán y en castellano por la prosperidad de las autoridades de nuestro país, y los oficios divinos concluyeron (PAYRÓ, 1898, p. 273).<sup>15</sup>

A cena registrada por Payró refere-se a Ushuaia no final de 1890. Interessa salientar o multilinguismo que, embora não possamos explicar como elemento generalizado no escasso número de moradores, indica a coexistência de, no mínimo, três línguas (yagán, inglês e espanhol) no âmbito religioso. Ou seja, o reverendo Lawrence oferece uma missa em inglês, com canto em língua yagán, lembrando que o objetivo principal era conseguir catequizar os indígenas e esse projeto encontrava-se em vigência. Por fim, o saludo final realizado em espanhol, língua das autoridades da Prefeitura Argentina presentes.

---

<sup>14</sup> Stirling narra nas suas cartas que os yaganes, ao se aproximarem cautelosamente em suas canoas, ficaram surpresos ao ouvir que um homem branco os cumprimentava na sua própria língua. Seus receios logo se dissiparam ao saberem que existia um homem branco que podia conversar com eles e compreender suas respostas. Meu pai visitou, ele sozinho, vários acampamentos dos aborígenes, com um barco pequeno, não porque Stirling sentia medo, mas para evitar toda ostentação e inspirar confiança nos indígenas (BRIDGES, 1952, p.40, tradução nossa).

<sup>15</sup> O reverendo Lawrence ocupou a cátedra, e iniciou a leitura, em inglês, do evangelho do dia [...]. Concluído o evangelho, começaram as músicas, em coro [...] Entre esses cânticos chamou a atenção um em língua yagan. Após um sermão, uma oração em yagán e em castelhano pela prosperidade das autoridades de nosso país [...] (PAYRÓ, 1898, p.273, tradução nossa).

Esses eventos chamam a atenção e têm sido mencionados algumas décadas mais tarde pelo sociólogo De Imaz:

Cuando la Marina Argentina llegó a la bahía de Ushuaia se encontró con un mundo en el que se hablaba inglés y yagán. Y con esos indios que no se podía saber si eran compatriotas nuestros, o chilenos, aunque se estuviera en tierra cartográficamente argentina. Recién acababa de ser delimitada (DE IMAZ, 1972, p. 3).<sup>16</sup>

A respeito dessa primeira provável situação de multilinguismo, entendemos que foi afetada por vários fatores. Entre eles, o aumento da matança dos indígenas, o incremento das mortes naturais dos indígenas, o progressivo aumento de cidadãos argentinos chegados de Buenos Aires para trabalhar na Subprefeitura, e a aposentadoria de Bridges – o que também supõe o declive das tarefas da missão anglicana – significando uma mudança nas atividades que tinham sido impulsionadas por ele desde sua chegada em Ushuaia.

Durante as primeiras décadas de 1900, movidos pelos primeiros fazendeiros instalados na ilha, chegaram trabalhadores de origem escocesa e malvinense, com o intuito de desenvolver tarefas nas estâncias, como administradores, responsáveis, capatazes, “puesteros”,<sup>17</sup> entre outros. Sua experiência com os ovinos e a semelhança da região com a geografia e o clima de suas terras de origem fizeram com que fossem o grupo ideal para se instalar no novo e promissor território.

Após a fundação de Ushuaia, um importante grupo de italianos chegou à cidade com um projeto de povoamento para a região mais austral do mundo, denominado Expedição Borsari. Para se ocupar nas atividades envolvidas com a construção, chegaram dois contingentes: a primeira leva foi de 618 italianos naturais de Gênova e, alguns anos depois, uma segunda leva de

---

<sup>16</sup> Quando a Marinha chegou na baía de Ushuaia encontrou-se com um mundo onde se falava inglês e yagán. E com esses indígenas não se podia saber se eram compatriotas nossos, ou chilenos, embora estivessem em terra cartograficamente argentina (DE IMAZ, 1972, p.3, tradução nossa).

<sup>17</sup> A depender da extensão da estância, pode existir mais de um “puesto”, pequena construção onde mora temporalmente um “puestero” para cuidar do gado e das terras, percorrendo a cada dia por toda essa extensão.

500 pessoas vindas, na sua maioria, da Bologna (TRAVAGLINI, 2011). Um número muito elevado para Ushuaia, que na época tinha uma população de apenas 2.000 habitantes. No decorrer dos anos, esses imigrantes conseguiram se incorporar à comunidade local, com participação em diferentes trabalhos.

### 2.5.2 Migração chilena

Sobre a chegada dos imigrantes chilenos na Argentina, sabe-se que foram sobretudo chilotes, pessoas nascidas na ilha de Chiloé, os que chegaram na Tierra del Fuego. Foi a partir de 1843, quando as autoridades chilenas consideraram que essas eram as pessoas que melhor iriam se adaptar às condições ambientais de Punta Arenas (MARTINIC, 1999, p. 28). A pobreza, o isolamento, a falta de recursos em que viviam aquelas pessoas em Chiloé, fizeram com que a proposta de mudança para Punta Arenas (cidade próxima à ilha) fosse promissora.

O estudo sociológico realizado por De Imaz, indica que em 1966, o 92% do total de estrangeiros que moravam em Tierra del Fuego era de origem chilena:

**Quadro 2** - Estrangeiros por origem 1966

Nacionalidade	Homens	Mulheres	Total
chilenos	2778	1403	4181
españoles	82	43	125
italianos	52	35	87
yugoslavos	42	14	56

**Fonte:** De Imaz, 1972

Dessa forma, as políticas de fomento para conseguir colonizar o extremo do Chile (região Magalhães) levaram o governo chileno a oferecer algumas facilidades para os chilotes que chegavam em Punta Arenas, tais como

lotes, materiais de construção, alimentos, animais para criar (MARTINIC, 1999). Constituiu-se assim o que seria a primeira onda migratória chilota.

Transcorridos alguns anos, houve o temor de uma “deschilenização” por causa do excessivo número de imigrantes europeus instalados na região, entre os quais salientamos espanhóis, britânicos, alemães, franceses, italianos e escandinavos, especialmente croatas de Dalmácia. Diante disso, entre 1894 e 1896, o governo chileno decidiu gerar novas condições que favorecessem, dessa vez, a instalação de aproximadamente 1.500 chilotos.

No período de 1920 a 1970 aconteceu a grande migração para a região magalhânica. Porém, nos últimos anos dessa etapa, grande parte das pessoas que chegavam em Punta Arenas continuaram viagem para o território argentino. Muitos desses trabalhadores eram contratados em Punta Arenas, mas para serem transferidos e trabalhar dentro das fazendas argentinas, sobretudo nos trabalhos de tosquia. Além disso, empregavam-se como mão de obra nas tarefas de capataz, peão ou *ovejero*<sup>18</sup> (DE IMAZ, 1972, p. 77). Assim, primeiramente, a migração aconteceu por temporadas, conhecida como trabalho *golondrina*<sup>19</sup> e, com o passar do tempo, acabou resultando em uma situação de residência permanente.

Os serviços do frigorífico também resultaram em oportunidade laboral para esse grupo, já que os trabalhadores estavam envolvidos previamente nas atividades da fazenda ovina. Isso fez com que fossem

---

<sup>18</sup> Trata-se do ofício da pessoa que se ocupa especialmente do cuidado e do deslocamento das ovelhas pelas grandes extensões de terras. Dessa forma, requer de um aprendizado específico, pois se serve da ajuda de um cachorro especialmente treinado para conduzir as ovelhas.

<sup>19</sup> A respeito desse tipo de trabalhos, Saldívar Arellano e Terrado explicam que: “os migrantes que reconhecemos como “viajeros golondrina” (Montiel, 2010) eram homens que se aventuravam em busca de oportunidades em diferentes setores de trabalho em Fuego-Patagônia, como a extração de ouro, a indústria de lã, os frigoríficos, o petróleo e a mineração (Braun 2006; Coronato 2017; Martinic 2003). Esses migrantes eram assim conhecidos por causa das características da andorinha (*Hirundus rusticos*), ave migratória em sua constante mudança de *habitat* por temporadas” (SALDÍVAR ARELLANO; TERRADO, p.126).

preferidos, ao invés dos trabalhadores contratados no “Norte”<sup>20</sup> da Argentina, uma vez que estes acarretariam custos extras aos empresários e fazendeiros.

### 2.5.3 Migração interprovincial

No caso do setor privado, os empregadores de frigoríficos, proprietários rurais e serrarias, aproveitaram principalmente a mão de obra chilena (DE IMAZ, 1972). Já o setor público, em consonância com o acontecido desde 1940, mostrava uma preocupação explícita por “argentinizar” (BANDIERI, 2018) os territórios da Patagônia, inclusive a Tierra del Fuego. Nesse contexto, salientam-se as ações da Marinha, que conseguiu o traslado de funcionários, sob oferecimento de melhores condições salariais e um posterior incentivo para radicação, uma vez finalizados seus serviços na ilha.

A promulgação da lei 19.640, como comentado anteriormente, marcou uma mudança essencial no povoamento da província. Assim, dadas as porcentagens de crescimento demográfico, Tierra del Fuego coloca-se como uma província receptora, devido ao crescimento de migrantes internos que recebeu nas últimas décadas, inclusive até o censo de 2010. Além disso, a província está entre as que maior número de imigrantes estrangeiros recebe, juntamente com CABA (Cidade Autônoma de Buenos Aires) e Santa Cruz. O tipo de atividades desenvolvidas até o ano de 2015 levou milhares de pessoas a se instalarem na ilha, concebida como uma terra de grandes oportunidades laborais.

---

<sup>20</sup> Existe no cotidiano da ilha uma expressão, uma sorte de brincadeira ao falar do “Norte” da Argentina, pois desde essa localização o país todo é o Norte.

### Quadro 3- População TDF por lugar de nascimento- Ano 2010

Lugar de nacimiento	Tierra del Fuego	Porcentaje
Total de residentes en viviendas particulares	121.208	100,0
<b>Total nacidos en Argentina</b>	<b>110.816</b>	<b>91,4</b>
Región Pampeana	29.538	24,4
Región NOA	9.009	7,4
Región NEA	15.800	13,0
Región Cuyo	9.435	7,8
Región Patagonia	47.034	38,8
Tierra del Fuego	42.290	34,9
<b>Total nacidos en otro país</b>	<b>10.392</b>	<b>8,6</b>
Chile	7074	5,8
Bolivia	1501	1,2
No especificado	2.862	
Viviendas colectivas	3.135	

**Fonte:** HERMIDA; MALIZIA; VAN AERT, 2013a. Com base nos dados do INDEC

Ao examinar alguns dos trabalhos produzidos no campo da Sociologia, verificamos que existe na ilha uma heterogeneização sociolaboral particular, dadas as características produzidas pelo crescimento industrial (FARÍAS, LOPEZ, 2016). Segundo os dados do último censo 2010 (INDEC), da totalidade de residentes da província, 65,1% eram migrantes, representando os nascidos na ilha apenas 34,9%. Os pesquisadores esclarecem que esse fato se mantém desde o ano de 2001 (HERMIDA; MALIZIA; VAN AERT, 2013a).

Na configuração populacional da ilha devemos salientar a presença das comunidades indígenas, isto é, pessoas autodeclaradas como pertencentes a algumas dessas comunidades. Do total de 127.205 habitantes da ilha, segundo o último censo de 2010, existem 3.563 habitantes (2,8%) que se autodeclararam indígenas.

#### Quadro 4- População indígena em Tierra del Fuego

Povo indígena	População indígena
<b>Total</b>	<b>3.563</b>
Mapuche	975
Diaguíta-calchaquí	367
Kolla	366
Ona	294
Toba	221
Quechua	201
Huarpe	198
Outros	941

Fonte: INDEC, 2010

## 2.6 PONTOS DA ILHA DA TIERRA DEL FUEGO

Em reiteradas oportunidades ao longo das páginas foram mencionadas as cidades e pontos que compõem a paisagem fueguina. Nesta seção, vamos nos concentrar brevemente em cada um dos pontos pesquisados, para adicionar detalhes referentes aos aspectos demográficos, bem como aqueles sobre sua fundação e as principais atividades econômicas.

### Ushuaia

A cidade mais austral do continente americano, considerada comumente como “O fim do mundo”, foi fundada em 1884 e constitui-se a única capital provincial que surgiu junto a uma missão religiosa. Localizada à beira da Cordilheira dos Andes, encontra-se rodeada de geleiras, rios, lagos e baías.

Após a chegada, em 1884, da “Divisão expedicionária ao Atlântico Sul” enviada pelo governo argentino para conseguir a soberania nacional, por meio do estabelecimento de subprefeituras marítimas, começaram

a ser escritas as primeiras páginas da história de Ushuaia. Antes disso, as atividades desenvolvidas tiveram como responsáveis os navegantes, os lobeiros (caçadores de lobos marinhos) e os baleeiros, de diversas nacionalidades, além dos missionários já mencionados.

A declaração de Ushuaia como capital do Território aconteceu no dia 27 de junho de 1885. No período entre 1896 e 1902, a instalação e o funcionamento do presídio resultou em grande contribuição para a cidade, já que aumentou a população, que antes disso contava apenas com poucos edifícios: algumas moradias, botecos, uma serraria e uma pequena escola.

O início do novo século traria para esta cidade um crescimento paulatino, a partir do estabelecimento do governo marítimo, e da Base Aeronaval.

O estabelecimento de diversas fábricas, sobretudo a partir de 1981, levou à instalação de muitas pessoas, vindas de diferentes províncias da Argentina. Além de ser o centro administrativo mais importante, é um polo industrial, portuário e turístico. Assim, as principais fontes de rendas provêm da administração pública, da atividade industrial e do turismo.

**Figura 2** - Cidade de Ushuaia na atualidade



**Fonte:** Argentina ambiental. com

Segundo o último censo de 2010 (INDEC, 2010), a cidade apresentava 56.956 habitantes. A segunda fonte de dados estatísticos existente realiza uma projeção de crescimento sobre a base de dados do INDEC. Dessa forma, para o ano 2021 estima-se que a população de Ushuaia tenha aumentado para 79.129 habitantes.

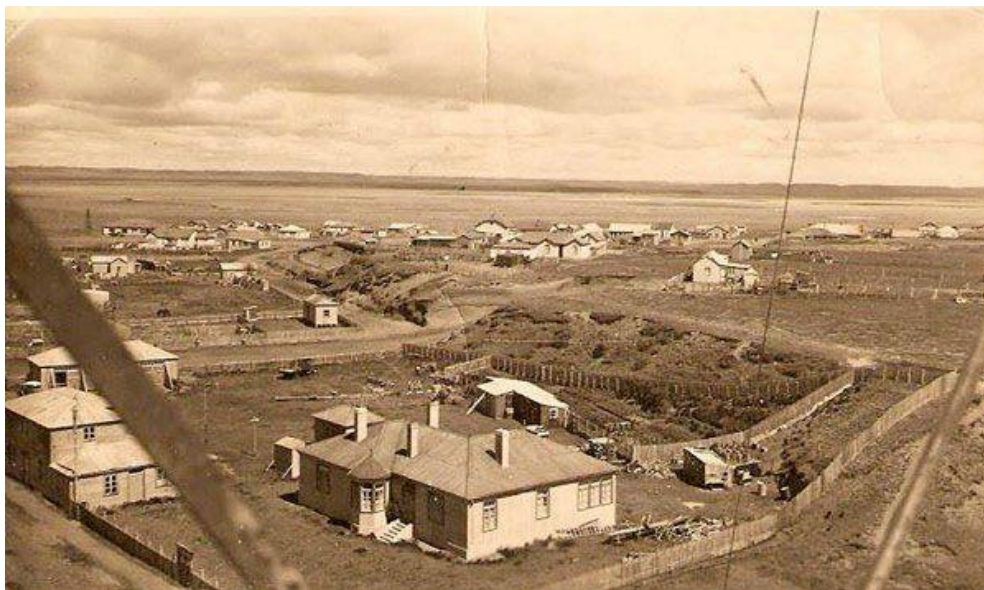
### Río Grande

Fundada em 1921, com o nome de *Colonia Agrícola y Pastoral de Río Grande*, a cidade está localizada na costa nordeste da Ilha Grande de Tierra del Fuego, às margens do mar argentino, frente ao Oceano Atlântico. Seu nome se deve ao Rio Grande, o mais caudaloso da província. Famosa pelos fortes ventos quase permanentes, que podem superar os 100 km por hora, sua paisagem compõe-se da *estepa magallánica*,<sup>21</sup> com escassa vegetação arbórea.

---

<sup>21</sup> Refere-se ao tipo de solo daquela geografia.

**Figura 3-** Colônia Agrícola de Río Grande



**Fonte:** El diario del fin del mundo

Conforme cresciam as atividades da pecuária e do frigorífico, também surgiram novas necessidades e demandas de serviços que era necessário cobrir, foi dessa forma que iniciou o povoamento do que hoje conhecemos como a cidade de Rio Grande.

Como comentado nas páginas anteriores, o desenvolvimento econômico dos últimos anos esteve relacionado com as atividades industriais, seguida da petroleira – embora com menor crescimento. Isso tem levado as cidades a ter um constante crescimento demográfico nas últimas décadas. Completam o motor econômico, na atualidade, as atividades pecuárias e o comércio.

Conforme dados do Censo Nacional de 2010, 66.475 pessoas moravam em Rio Grande. A segunda fonte de dados estatísticos existente trata-

se de uma projeção realizada pelo INDEC para o ano 2021, segundo a qual Rio Grande teria uma população de 98.277<sup>22</sup> residentes.

Sobre a população estrangeira localizada na cidade, sabe-se que as nações que aportam maior número de migrantes são Chile (4.954 habitantes), Bolívia (264) e Paraguai (238) (INDEC, 2010).

**Figura 4-** Ríó Grande na atualidade



**Fonte:** Diario Minuto Fueguino

## Tolhuin

Localizada na cabeceira do Lago Fagnano, sobre a Rota Nacional Nº 3, a comuna de Tolhuin foi chamada de “O coração da ilha”. Trata-se da terceira localidade da província, e pertence ao Departamento de Rio

---

<sup>22</sup>[https://ipiec.tierradelfuego.gob.ar/wp-ontent/uploads/2015/03/38\\_proyeccion\\_depto\\_10\\_25.pdf](https://ipiec.tierradelfuego.gob.ar/wp-ontent/uploads/2015/03/38_proyeccion_depto_10_25.pdf)

Grande. Próxima ao Lago Fagnano (*Khami* em língua selk'nam), apresenta uma paisagem de bosque andino patagônico, com vários lagos de origem glacial.

**Figura 5** - Comuna de Tolhuin na atualidade



Fonte: Diario Ushuaia24

Foi fundada em 1972, ano em que se iniciou a construção das primeiras vinte moradias e do edifício da escola primária. Com uma população que inicialmente estava dedicada às atividades de serraria, com pessoas migrantes, muitas delas advindas do Chile e da província argentina de Misiones.

Em 1991, com uma população que ascendia aos 442 residentes, obteve o nome inicial do regime municipal da Constituição da província de Tierra del Fuego e foi declarada Comuna.

Segundo o Censo Nacional do ano de 2010, Tolhuin tinha uma população de aproximadamente 2.949 habitantes<sup>23</sup>. Pelo considerável

<sup>23</sup> Por se tratar de uma localidade que forma parte de um departamento maior, temos encontrado grandes dificuldades para conhecer a quantidade exata, pois existem diferentes materiais e todos eles divergem nas cifras. A quantidade que consta neste estudo provém de um estudo realizado pelo Município de Rio Grande. [https://ww2.riogrande.gob.ar/wp-content/uploads/subidas/observatorio\\_estadistico/Publicaciones/Otros\\_Temas/Informe%20Censo%202010%20-%20Localidad%20de%20R%C3%ADo%20Grande.pdf](https://ww2.riogrande.gob.ar/wp-content/uploads/subidas/observatorio_estadistico/Publicaciones/Otros_Temas/Informe%20Censo%202010%20-%20Localidad%20de%20R%C3%ADo%20Grande.pdf). Na atualidade, segundo Romano (ROMANO et al. 2018) as entrevistas realizadas no município apontam que o

crescimento, em 2012 foi declarada Município. Dentre suas principais atividades salientam-se as relacionadas com o setor madeireiro e florestal, bem como a exploração da turba e, recentemente, salientam-se empreendimentos envolvidos com o turismo.

Nas zonas rurais mais afastadas dos centros urbanos e na Antártida e Ilhas do Atlântico Sul, segundo o Censo 2010, há 1.188 pessoas distribuídas nesses espaços.

### Porvenir- Chile

Os primeiros fluxos de aventureiros e navegantes na localidade iniciaram-se em 1800, embora só em 1880 a baía tenha sido batizada com o nome de Porvenir, por um oficial da marinha chilena, inspirado nas gentis riquezas auríferas que logo dariam nascimento à pequena comarca. Assim, o ouro foi o agente povoador junto às atividades pecuárias, o que levou a uma incipiente atividade comercial – sobretudo de mercadorias e licores –, bem como de hospedagem de passageiros que transitavam pela região.

Em 1900, com a chegada de povoadores chilotes e eslavos, o povoado começa a evidenciar um importante crescimento. Junto a isso, houve um aumento do setor hoteleiro e de diversas casas de comércio, cujos donos eram, na sua maioria, croatas. Após a instalação dos serviços básicos, com o passar do tempo, o povoado constituiu-se num ponto com próspera vitalidade. A partir de 1985, após a sanção da Lei 18.392, que estabeleceu um regime preferencial aduaneiro e tributário para o território da XII Região de Magallanes e Antártica Chilena, aconteceu uma virada no tipo de atividade, pois começaram

---

número de moradores supera os 5.000 devido ao processo migratório experimentado nos últimos anos.

a ser instaladas indústrias, sobretudo as de exploração de recursos do mar, bem como as têxteis.

**Figura 6** – Comuna de Porvenir- Chile



**Fonte:** Acervo da autora

### Sobre as estradas

Uma estrada tem sido essencial para o desenvolvimento dessa região. Trata-se da Rota Nacional N°3, inaugurada no território fueguino na década de 50, inicia na província de Buenos Aires e percorre parte de La Pampa e as províncias de Rio Negro, Chubut, Santa Cruz e Tierra del Fuego, passando, dessa forma, pelo litoral da costa patagônica.

Trata-se de uma via de fundamental importância para toda a Patagônia, pois possibilita o transporte de mercadorias e combustível que chegam até à ilha após atravessar o Estreito de Magalhães. Por outra parte, trata-se da única estrada que permite o acesso terrestre à ilha; assim, sua importância tem a ver com o papel central na conexão com o continente e por fornecer a possibilidade de os migrantes ingressarem e saírem da ilha.

## 2.7 ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE A SITUAÇÃO LINGUÍSTICA NA ILHA

Para melhor compreender a situação atual da ilha, suas dinâmicas comunicativas e o modo como elas são tecidas, em contexto de confluência de múltiplas línguas e múltiplas variedades, apresentamos, a seguir, alguns aspectos a serem levados em consideração no contexto da pesquisa. Primeiramente, expomos as condições do que foi chamado de “fueguinidad” (HERMIDA; MALIZIA; VAN AERT, 2013b) e, desde uma perspectiva sociológica, como se organiza a sociedade nesse contexto de confluência. Em segundo momento, indagamos sobre aspectos das línguas faladas pelos povos indígenas de TDF e realizamos comentários sobre sua presença na atualidade. Ainda, disponibilizamos alguns dados relacionados ao uso de outras línguas, recopilados em estudo exploratório a partir de conversas com moradores da ilha e obtidos também a partir da leitura de outros documentos.

Em estudo sobre representações e práticas sociais dos moradores de Tierra del Fuego (HERMIDA; MALIZIA; VAN AERT, 2013b), os autores abordam a questão da identidade e comentam que seus resultados evidenciam dois tipos de narrativas opostas. A primeira, indica que por causa da heterogeneidade cultural não é possível considerar a possibilidade de uma identidade própria de Tierra del Fuego. A segunda, para explicar a identidade fueguina recorrem à metáfora do crisol de raças, para salientar que a província recebe diferentes formas culturais do país e da região. Por outro lado, aspectos referidos à permanência e à procedência estão presentes, ora implícita ora explicitamente nas categorias explicativas dos processos e conflitos sociais locais.

Sobre a base desses aspectos foram construídas algumas categorias que funcionam como construções sociais e, segundo os autores, organizam e hierarquizam a sociedade, além de funcionar como “valor habilitante” em momento de legitimação de reclamos, de apropriação de direitos ou simplesmente na procura de uma vida digna (HERMIDA; MALIZIA; VAN AERT, 2013b, p.12). As categorias são: i) *antiguo poblador*, aquele residente fueguino que se radicou antes da Lei de Promoção industrial implementado em

1972; ii) *venido y quedado*, aquele que se radicou após a implementação da supracitada lei; iii) *recién llegado*, quem se radicou recentemente e, finalmente, iv) *nacido y criado*, aquele que nasceu na província.

Dessa forma, a identidade fueguina constitui-se pela época em que as pessoas chegaram na ilha, o tempo de permanência. Impossível não considerar, nessa confluência, também as variedades e sotaques trazidos por cada um deles.

Como mencionado inicialmente, entre as línguas faladas pelos povos indígenas de Tierra del Fuego ao momento da chegada dos colonizadores encontrava-se: selk'nam ou ona, haush, yagan ou yamana, e alakaluf ou kawésqar. São vários os registros e materiais que permitem saber delas, principalmente porque, como indica Malvestitti (2015), no período entre 1870 e 1920 a documentação de nóminas lexicais e vocabulários constituíram-se no dispositivo mais difundido no processo de construção do conhecimento sobre essas línguas, agrupadas dentro do hiperônimo de línguas “fueguinas” (MALVESTITTI, 2015, p.40). Sabe-se que as pesquisas e a documentação realizadas durante essa etapa foram pensadas diante do panorama que já se esperava, “una segura e inminente extinción de los hablantes como colectivos y por ende de sus lenguas como instrumentos de comunicación” (MALVESTITTI, 2015, p. 51).

No ano de 2010, o *Atlas de las lenguas del mundo en peligro* documentava que na região insular ocidental de Tierra del Fuego subsistiam dois pequenos redutos linguísticos isolados, praticamente em extinção: o kaweskar e o yámana (MOSELEY, 2010, p.93). Salvando as distâncias, pois a menção sobre a situação do kawésqar refere-se a outras latitudes do território chileno, longe da ilha de Tierra del Fuego, devemos mencionar o trabalho realizado pelo Doutor Oscar Aguilera. Ele, junto a alguns falantes nativos, tem produzido diversos documentos e registros, coletado narrativas, bem como elaborado planos de revitalização da língua para o resgate da língua.<sup>24</sup> Atividades todas desenvolvidas em território chileno.

---

<sup>24</sup> Entre as tarefas de revitalização desenvolvidas, Cristina Calderón, descendente do povo Yagán e falante da língua, junto com diversos pesquisadores, trabalhou na recopilación das narrativas, a elaboração de registros e a documentação da língua yagán que supõem um tesouro

Na atualidade, a luta e o trabalho dos membros das comunidades selk'nam e yagán fez com que pudessem obter o reconhecimento provincial e nacional como povos originários da Argentina, no que é chamado de *personería jurídica*. Ainda, existem uma série de atividades por eles desenvolvidas no que tange à difusão da sua história, às principais atividades e aos artesanatos. Destaca-se entre eles, o trabalho de Margarita Maldonado e Victor Vargas Filgueira, membros do povo Selk'nam e Yagán, respectivamente.<sup>25</sup>

Embora a função comunicativa das línguas originárias fueguinas, pelo menos no território da ilha, tenha se perdido, o que se conhece como função simbólica (MADERA, 1999), aquela que atua como símbolo de herança e etnicidade do grupo, pode ser reconhecida em diversos âmbitos que vão desde o educativo, passando pelo turístico até o comercial. Dessa forma, é possível encontrar palavras nas línguas indígenas fueguinas em nomes de bibliotecas, de lojas de lembranças, de hotéis e outros comércios. Como por exemplo, estes que conseguimos levantar:<sup>26</sup>

- Aonikenk- Pousada. Ushuaia (Aonikenk: grupo indígena da Patagônia, também conhecidos como tehuelches).
- Arakur- Hotel. Ushuaia (Arakur: palavra que em língua yámana significa “acantilado”).
- El Ona- Foodtrucks. Río Grande (Ona: exônimo atribuído pelos europeus ao grupo Selk'nam).
- Foike- Pousada. Ushuaia. (Foike: palavra que em língua Mapugundun significa canelo. Trata-se de uma árvore sagrada para os mapuches, grupo indígena da Patagônia).

---

incalculável. Enquanto terminamos de escrever este capítulo, recebemos a triste notícia da morte de Cristina, considerada a última falante da língua do povo yagán. Ela morava na ilha Navarino, que forma parte da região de Magallanes, no território chileno. Pelas informações fornecidas nas matérias publicadas, Cristina conseguiu se comunicar com sua irmã, utilizando a língua originária, só até 2009.

<sup>25</sup> Em documentário disponível na web, é possível conhecer alguns dos membros das comunidades supramencionadas e suas histórias de vida <https://minervinimariana.wixsite.com/origenesdocumental>

<sup>26</sup> Na sequência, o estabelecimento e o ponto em que cada um foi inscrito, além de uma possível tradução para alguns dos termos.

-Hain- Camping. Tolhuin (Chamava-se Hain ao ritual de iniciação realizado pelo grupo Selk'nam).

-Kau Kren<sup>27</sup>- Biblioteca. Río Grande.

-Kupanaka- Pousada. Ushuaia. (Kupanaka: palavra que em língua yagán significa "copo de neve" ou "neves").

-Tolkeyen- Hotel. Ushuaia. (Tolkeyen: palavra de origen selk'nam significa "Dar de Corazón").

Salientamos que muitos nomes de ruas das cidades da ilha possuem nomes indígenas. Ainda, identificamos a presença de nomes que chamam a atenção pela sua contribuição à cultura selk'nam. Trata-se de duas mulheres que atuaram como informantes de referência em grande parte das pesquisas que permitiram conhecer mais sobre sua cultura. A saber:

-Angel Loij- Escola. Río Grande.

-Virginia Choquintel- Museo. Río Grande.

O nosso último ponto aborda questões referentes à presença constatada, na atualidade, de outras línguas trazidas pelos grupos de imigrantes.<sup>28</sup> Embora saibamos da presença do guarani, por parte dos migrantes paraguaios, não tivemos a possibilidade de obter mais informações. Portanto, comentamos alguns aspectos referentes às línguas quéchua e inglês.

Em trabalho produzido em meados do ano de 2010, Lescano fornece um panorama sobre a situação de bilinguismo nas estâncias da ilha de Tierra del Fuego (Argentina). Partindo do reconhecimento de grupos de famílias inglesas e croatas, a pesquisadora investigou sobre o bilinguismo de trabalhadores rurais fueguinos. Os participantes eram do sexo masculino, argentinos, descendentes de ingleses ou croatas, pertencentes à terceira, quarta

---

<sup>27</sup> Vocábulos da língua selk'nam. *Kau* refere-se a uma expressão de tempo que é traduzida como "agora" e *kren* foi traduzida como "sol" (GALLARDO, 1910).

<sup>28</sup> Adverte-se a presença de algumas organizações tais como a *Sociedad Italiana*, em Ushuaia, e do Club Croata, em Porvenir. Durante nosso trabalho de campo e em conversa com descendentes de croatas e italianos, pudemos saber que as línguas por eles trazidas não foram transmitidas aos filhos, à geração nascida e criada na ilha.

e quinta geração, com idades entre 39 e 75 anos, trabalhadores rurais com estudos secundários completos.

Ao observar aspectos relacionados à aquisição da língua materna, Lescano (2010) identificou que muitos dos homens entrevistados aprenderam a língua dos pais, inglês ou croata. O contato com o espanhol foi, para muitos deles, posterior. Porém, a autora comenta que essas duas línguas maternas identificadas, no caso de subsistirem, é apenas no domínio do âmbito familiar. No caso particular dos estancieiros de origem croata, ela explica que a língua sofreu uma paulatina perda em favor do uso do espanhol. A autora acrescenta, ainda, o fato de os informantes expressarem os benefícios de contar com o inglês como ferramenta para comunicação com os turistas, lembrando que se trata de uma atividade desenvolvida nas estâncias, além das tradicionais, com bovinos e ovinos.

Por fim, a autora destaca, a respeito das línguas em questão, que, no caso do inglês, estaríamos diante de casos de bilinguismo ativo, pois os informantes indicaram manter essa língua tanto na fala, quanto na escrita e na leitura. Já no caso dos croatas, informa que se trata de bilíngues passivos, pois compreendem, mas não falam a língua.

A fim de acrescentarmos as informações trazidas por Lescano (2010), conversamos com uma descendente da família Bridges. A partir disso, foi possível saber que seu pai e tio casaram-se com mulheres de origem estrangeira que não falavam espanhol, o que permitiu a manutenção da língua inglesa no âmbito familiar. Ou seja, identifica que nas duas gerações anteriores foi possível conservar a língua inglesa. Já a sua geração, que é a quinta geração, fala inglês como primeira língua, mas salienta que com seus filhos (sexta geração) apresentam alguns indícios de perda da língua de herança. Explica que, embora quando seus próprios filhos eram crianças tentaram transmitir e manter o inglês no interior da família, percebem que hoje só conversam em espanhol. Destaca também que essa situação de paulatina perda é semelhante em outras famílias de origem inglesa.

A respeito da situação da língua quéchua na ilha, algumas ações estão sendo desenvolvidas pelos residentes bolivianos. Eles fundaram a Associação de Residentes Bolivianos Simón Bolívar, que tem como objetivo

contribuir nos espaços escolares com as crianças falantes de quéchua recém-chegadas da Bolívia e outros falantes que por vezes precisam de assistência na tradução para o espanhol. Ainda, no ano de 2019, foi realizada uma oficina no marco das propostas realizadas pela Universidad Nacional de Tierra del Fuego, intitulada *Taller Runa Simi o Quechua y Cultura Andina*, com o intuito de ofertar ferramentas básicas da língua indígena, bem como partilhar os valores culturais.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo aborda as principais noções e formulações teóricas que serviram como base para a nossa análise. Acreditamos ser conveniente introduzir alguns aspectos referentes à Geografia linguística já que, como método de estudo, tem fornecido as bases para uma profícua produção investigativa que, ao longo dos séculos, tem se materializado, e inclusive se aprimorado, resultando no que hoje conhecemos como Atlas Linguísticos.

O propósito deste capítulo é também o de compreender como nasceu essa metodologia, quais foram seus objetivos no início, e o modo como os questionamentos e diálogos estabelecidos pelos diferentes pesquisadores têm enriquecido esses estudos, sobretudo a partir da incorporação de novas ferramentas e critérios.

Na sequência, são apresentados aspectos referentes à Geografia linguística, seguidos de conceitos fundamentais da Dialetologia e Sociolinguística, bem como de alguns textos seminais sobre os estudos de contato linguístico. Em seguida, dadas as características do nosso grupo de estudo, fortemente atravessado pelas situações migratórias, abordamos aspectos referentes à adequação linguística. Por fim, expomos uma revisão de estudos relativos à norma.

#### 3.1 A GEOGRAFIA LINGUÍSTICA COMO MÉTODO

##### 3.1.1 Fase inicial

Nascida como resposta à afirmação teórica dos neogramáticos, segundo a qual as mudanças fonéticas não admitem exceções, a Geografia Linguística constitui-se como uma metodologia ou conjunto de métodos que tentam compilar de forma sistemática os testemunhos das diferenças dialetais

(CHAMBERS; TRUDGILL, 1994). Com base nas ideias e concepções anteriores, nas palavras de Coseriu, a Geografia Linguística delineou-se e coexiste com outros métodos: “no se opone a la lingüística anterior, sino que se inserta en ella y la modifica, en parte, y solo de este modo la supera” (COSERIU, 1955, p. 69).

Ainda no que se refere à Geografia Linguística, o linguista espanhol Gimeno Menéndez (1993) define-a como outra linha de estudos dos dialetos. Entre os comentários a respeito desse estudo destacados pelo autor, está a vantagem de ganhar em rapidez e extensão, graças à possibilidade de reunir uma importante quantidade de dados sobre diferentes territórios, de forma que “a partir de una particularidad fonética o morfológica cualquiera, la presentación del fenómeno sobre un mapa del territorio explorado era el mejor medio para observarlo inmediatamente en todos los puntos de dicha región” (GIMENO MENÉNDEZ, 1993, p. 116).

Ao longo do século XIX, distintos estudiosos, localizados em diversas latitudes, evidenciaram interesse pelos dialetos do seu entorno e iniciaram a tarefa de estudá-los. O trabalho de Ascoli resulta em um dos primeiros trabalhos dialetais recuperados em toda revisão sobre os estudos precursores. Na época, os interesses estavam colocados no grande serviço que poderia prestar o estudo das falas populares à linguística geral, já que se acreditava que esses estudos esclareceriam aspectos sobre os fatos contribuíram na modificação da língua no passado (GIMENO MENÉNDEZ, 1993). Dessa forma, os empreendimentos e trabalhos de observação direta do registro oral dos dialetos italianos iniciados por Ascoli e seus discípulos foram registrados na revista *Archivio Glottologico Italiano*, fundada em 1873.

Nesse contexto, um trabalho precursor da atual Geografia linguística surgiu no âmbito neogramático: o *Sprachatlas von Nord- und Mitteldeutschland*, de Georg Wenker. Tal empreendimento, iniciado em 1876, marcou a história da Geografia linguística por se tratar da primeira entrevista dialetal. Com o intuito de estabelecer limites dialetais, em 1876, o autor iniciou as entrevistas pelo correio, junto a 30.000 pontos do território de fala alemã. O estudo consistiu no envio de uma lista de frases escritas em alemão padrão a

pedagogos de escolas para que eles as traduzissem para o dialeto local. Entre os resultados, destacou-se a preocupação em observar a falta de regularidade nos diferentes dialetos, por exemplo, na ditongação /au/ do alemão moderno. A publicação do primeiro fascículo do ensaio, contendo seis mapas fonéticos sintéticos, aconteceu em 1881.

Na França, Gilliéron empreendeu outro estudo, também sob os norteamentos do método proposto pela Geografia linguística. Ao reconhecer a necessidade de estudar as falas locais, em agosto de 1897, com a ajuda de Edmond Edmont, um comerciante, iniciou a que anos depois seria considerada como a primeira pesquisa direta e sistemática de todos os falares franceses e “la primera de este tipo en la historia de la lingüística” (COSERIU, 1955, p. 41). Para tanto, elaborou um questionário de aproximadamente 1400 perguntas (aumentadas para 1920 questões); isso lhe permitiu elaborar um método científico para coletar, por meio de entrevista direta, de forma sistemática e sincrônica, os dialetos que estavam sendo ameaçados pela rápida difusão da língua normativizada e do registro literário. Ou seja, o método permitiu a coleta de material homogêneo, além do ordenamento e da apresentação das formas linguísticas obtidas distribuídas geograficamente.

Embora tenha recebido muitas críticas, sobretudo pela eleição de um inquiridor não-linguista, o Atlas Linguístico da França, de Gilliéron assentou as bases do método que permitiria alguns anos depois a elaboração e a publicação dos atuais atlas linguísticos.

Já no território espanhol, o interesse pelos estudos dialetológicos foi inaugurado por Ramón Menéndez Pidal, em 1906. O pesquisador procurou conhecer os aspectos mais relevantes do dialeto do primitivo reino de León, com especial ênfase aos diversos fenômenos linguísticos que o diferenciam dos outros dialetos peninsulares (GIMENO MENÉNDEZ, 1993).

### 3.1.2 Os nomes do método

Os especialistas têm criticado as diversas denominações que a Geografia linguística, traduzida do francês *Géographie linguistique*, recebeu ao longo do tempo. Segundo diversos autores, muitas dessas nomeações podem gerar confusão, já que evidentemente não se trata “de una geografía de las lenguas, ni de aplicaciones lingüísticas a la geografía” (GARCÍA MOUTON, 1996, p. 64). Logo, tem se proposto outros nomes alternativos como: “neolingüística (Bartoli), geolingüística (Pisani) y, finalmente, lingüística espacial (Bartoli)” (COSERIU, 1955, p. 37). Por outro lado, Hernández Campoy (1999) explica as eleições que outros especialistas têm proposto:

Los fundamentos de la Geolingüística son, por tanto, claramente dialectológicos y sociolingüísticos. De hecho, Jack Chambers (1993) la he llegado a llamar “dialectología sociolingüística”; igualmente, Peter Trudgill (1983), la ha etiquetado “dialectología sociolingüísticamente instruida” y ha defendido su entidad siempre desde el rigor y la precisión que requiere la investigación (HERNÁNDEZ CAMPOY, 1999, p. 148).<sup>29</sup>

Em 1955, em um texto chave para a Geografia linguística, Coseriu (1955) explicou o que na época eram consideradas como limitações do método; a título de exemplo, o fato de os mapas não refletirem todo o falar correspondente a uma língua. Isso decorre de dois motivos: em primeiro lugar, do contato artificial que se estabelece entre o falante e o pesquisador, por meio de um questionário fixado com antecedência, mas também aclara, nesse ponto, que nenhum questionário jamais poderá ser considerado “completo”. Em segundo lugar, o autor indica que, além de estudar determinado período histórico e determinado momento da fala, a variedade “horizontal” que é comprovada esquematicamente pela Geografia linguística não representa toda a variedade da linguagem, existe também uma variedade “vertical” registrada por falantes

---

<sup>29</sup> Os fundamentos da Geolingüística são, portanto, claramente dialetológicos e sociolingüísticos. De fato, Jack Chambers (1993) chegou a chamá-la de "dialetologia sociolingüística"; igualmente, Peter Trudgill (1983), a tem chamado de "dialetologia sociolingüísticamente instruida" e tem defendido sua entidade sempre desde o rigor e a precisão que requer a pesquisa (HERNÁNDEZ CAMPOY, 1999, p. 148 tradução nossa).

das várias camadas sociais e culturais, e também na fala do mesmo indivíduo, a depender das situações e dos diferentes contextos de fala.

As colocações de Coseriu lembram as primeiras decisões da Geografia linguística enquanto método: privilegiava-se a seleção daqueles informantes incultos e sedentários, com o intuito de garantir que sua fala tivesse características da região onde essa pessoa morava (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994), o que em outras palavras, trata-se da chamada preocupação diatópica (CARDOSO, 2002). Ao procederem dessa forma, acreditavam que podiam obter exemplos de dialetos genuínos, porém, começava a ser percebido nos estudos dialetais certo interesse por outros grupos de informantes, menos excepcionais, considerando fundamentalmente o fenômeno da mobilidade.

Outra mudança evidente quanto à orientação nos estudos dialetológicos foi o interesse em outros âmbitos. Não apenas os rurais, onde ecoavam as variantes mais conservadoras; em outro momento, iniciou-se uma preocupação em documentar também os dialetos urbanos e sociais. Nesse sentido, os aportes realizados pelos especialistas indicavam a procura de resposta sobre os aspectos sociais envolvidos que anteriormente tinham sido criticados como um ponto limitante da Geografia linguística.

Nesse novo cenário, na obra publicada por Alvar em 1969, o autor celebrava o fato de os atlas linguísticos permitirem, em épocas mais recentes, a comparação da fala de informantes de sexos distintos e de diversos grupos sociais, além de fazer referência aos aspectos urbanos.

No mesmo tom se pronunciaram Chambers e Trudgill a respeito dessa mudança e das novas incorporações às pesquisas. Segundo os autores, essa nova direção centra-se sobretudo no que eles denominam Dialetologia urbana, mais do que na Dialetologia rural, e na análise da interação “entre variables independientes y variables lingüísticas” (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p. 45).

Ciente do impacto que tiveram as grandes migrações na formação das cidades, Alvar expõe um aspecto que todo estudo feito nessa linha

deve apresentar: trata-se da realidade social do lugar que se pesquisa. O autor salienta a importância de conhecimentos cabais acerca da constituição de cada uma das cidades consideradas na pesquisa, bem como a procedência dos moradores da cidade, seu grau de cultura, seus ofícios, entre outros aspectos (ALVAR, 1969). Quanto a esse tipo de delineamentos, observamos outras sugestões referentes a aspectos relevantes a pesquisar para a construção dos atlas no território brasileiro, tais como a história da área a ser perscrutada, desde a sua fundação, passando pelas diferentes etapas que caracterizaram o seu desenvolvimento, assim como os aspectos econômicos que inserem a localidade em determinado patamar na região geográfica em que ela está situada (FERREIRA; CARDOSO, 1984).

Ao se referir aos aspectos sociais, Alvar (1969) também comenta que a incorporação da variável extralinguística sexo deve ser tratada dentro do seu contexto e do âmbito a que pertence, e ainda esclarece que:

Decir que el habla femenina es conservadora, neologista o ni una cosa u otra es, en verdad, no decir demasiado, por cuanto en su contexto social puede ser cada una de esas cosas o todas ellas, y fuera del ámbito al que pertenece no es nada (ALVAR, 1969, p. 74).<sup>30</sup>

Ao longo destes parágrafos temos conseguido enxergar como os aportes da Dialetologia aliados à Sociolinguística permitem não apenas captar as formas vernáculas mais antigas e tradicionais, não contaminadas pelo contato com outras variedades (SILVA CORVALÁN, 2001), mas também focar no estudo da fala nos centros urbanos, para compreender melhor a heterogeneidade linguística, com toda a complexidade que isso implica e assim conseguir identificar possíveis mudanças linguísticas em processo. Nos seguintes parágrafos comentamos a forma como a Dialetologia Pluridimensional tem conseguido afrontar esses desafios.

---

<sup>30</sup> Dizer que a fala feminina é conservadora, neologista ou nem uma coisa nem outra é, na verdade, não dizer muito, já que no seu contexto social pode ser cada uma dessas coisas ou todas elas, e fora do âmbito ao qual pertence pode não ser nada (ALVAR, 1969, p.74 tradução nossa).

### 3.2 DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL

Estudos mais recentes possibilitam conhecer o debate gerado no interior da Geolinguística quanto às inter-relações no espaço. Sobre esse assunto, Thun (1996) formula algumas perguntas que permitem guiar as reflexões sobre os alcances dessa disciplina: até que estrato social se estende um fenômeno linguístico que foi identificado dentro de uma área, ou seja, entre falantes do mesmo estrato social? Ou, ao contrário: até onde chega, em determinada área, um fenômeno que tem sido constatado nos distintos grupos sociais que moram em uma localidade? Nas palavras do autor, é a Geolinguística convertida em Dialetoлогия Pluridimensional e relacional, a disciplina responsável por dar respostas a esses tipos de interrogações. A esse respeito, salientamos um questionamento acerca do tipo de sujeito estático pelo qual estava interessada a Geolinguística no começo. A pergunta que surge é a seguinte: é possível, no contexto do mundo em que vivemos, continuar pensando na seleção de sujeitos sedentários?

Nesse sentido, a Dialetoлогия Pluridimensional surgiu com o intento de explicar os fatos variacionistas entendidos a partir da multiplicidade e complexidade de fatores. A realidade social tem dado forma e as bases para que os procedimentos metodológicos sejam revisados e ajustados conforme as mudanças ocorridas nas diversas comunidades linguísticas.

Assim, pensar a incorporação de outras dimensões, não apenas a espacial, mas também aquelas que permitem dar conta da complexidade dos fatos de variação, conduz pesquisadores como Thun a propor o que ele tem chamado de Dialetoлогия Pluridimensional. Embora sejam disciplinas historicamente separadas, Thun explica que a Dialetoлогия areal e a Sociolinguística confluem na Dialetoлогия Pluridimensional. Como resposta à falta de atenção sobre o contraste entre os diferentes grupos sociais, próprio da Dialetoлогия areal, o autor explica a importância de atender e olhar para as inter-relações no espaço, para poder se aproximar “al ideal de la descripción completa y ordenada del polimorfismo lingüístico y de su relación con los hablantes”

(THUN, 1998, p. 705). Trata-se, pois, de um ideal de descrição completa e ordenada do polimorfismo linguístico e de sua relação com os falantes.

A respeito dos alcances, Thun (1998) inclui uma ressalva sobre a Dialetoologia Pluridimensional, já que seu campo predileto é a superfície e o espaço suficientemente grande para que apareçam as inter-relações. No entanto, essa preferência pela macroanálise não exclui a possibilidade de a Dialetoologia Pluridimensional trabalhar em escala menor (mesozonas e microzonas) (THUN, 1998). Nosso atlas se enquadra dentro do que Thun (1998) tem mencionado como trabalhos de menor escala (pequeno domínio).

### 3.3 APROXIMAÇÃO À NOÇÃO DE DIALETO E VARIEDADE

Numa primeira abordagem a respeito da palavra dialeto, Moreno Fernández (2008) explica que a polissemia acompanhou o vocábulo grego δίαλεκτος desde os testemunhos mais antigos. A esses dados, Lastra (1992) acrescenta que a palavra dialecto “en español, según Corominas, data de 1604 y proviene del griego dialektos ‘manera de hablar’, derivado de dialégomai ‘yo converso’” (LASTRA, 1992, p. 34) e durante um tempo acreditou-se que os dialetos, por conservar elementos mais antigos, representavam uma espécie de forma pura de algo muito antigo. Foi a linguística histórica a responsável por demonstrar que a língua padrão não era a mais velha, assim como os dialetos não eram “corrupções”, crenças que permaneceram por muitos séculos. Os progressos no domínio da linguística histórica permitiram observar que as mudanças linguísticas realizam-se em diferentes porções de uma área linguística, de tal forma que não existem dialetos claramente separados uns dos outros, “sino que las variantes tenían diferentes distribuciones y las isoglosas se entrecruzaban” (LASTRA, 1992, p. 34).

Para compreender as discussões no campo da linguística sobre o termo dialeto, Montes Giraldo (1986) explica que foram vários os sentidos em que foi utilizado. A saber:

1. como variante genético-estrutural de um complexo linguístico considerado autônomo para fins de investigação.
2. como variante diatópica-estrutural de uma língua histórica.
3. como variante funcional-sistêmica de uma língua (tecnolecto, gíria).
4. como variante diastrática, social ou vertical.
5. como variante diafásica: estilo, língua literária, língua escrita.

Segundo o autor, estes cinco sentidos, que se destacam da leitura de diversos trabalhos interessados pela temática, consideram o dialeto como uma variante de uma entidade abstrata, a língua, “a cuyo diasistema histórico-estructural pertenece la variedad que es parte de la lengua” (MONTES GIRALDO, 1986, p. 25).

Existem, no entanto, outros textos que evidenciam uma preocupação por esclarecer o que não é dialeto, como modo de distanciar-se dos usos que geralmente circulam a partir do senso comum. Dentre eles há a concepção de que o termo dialeto está associado a grupos menos prestigiados, além de ligá-lo a línguas que não possuem uma tradição escrita. Ainda, este termo foi muitas vezes utilizado para referir alguns tipos de desvios da norma (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994).

Para os linguistas, por outro lado, é diferente o sentido que assume o termo dialeto: refere-se a uma variedade de língua partilhada por uma comunidade. Neste contexto, as línguas são entendidas como conceitos abstratos que se realizam em dialetos e, ao expressar que falamos uma língua, na realidade, devemos pensar que falamos um dialeto de uma língua (SILVA CORVALÁN, 2001, p. 14). Sobre os modos em que se delimitam os dialetos, Coseriu dirá que “los dialectos no existen *antes* sino *después* de la comprobación de las áreas en las que se registran los fenómenos concretos del hablar” (COSERIU, 1955, p. 53).

Diante das discussões suscitadas em torno da conveniência ou não do uso do termo dialeto, García Mouton explica que a Geografia linguística opta pelo conceito de variedades ao invés de utilizar o de dialeto:

Los mapas lingüísticos nunca negaron, sino que matizaron, el concepto que está en la base misma de la investigación -el de dialecto, al tiempo que reconocieron al hablante su protagonismo en el cambio lingüístico. El dialecto pasó, de negarse, a considerarse como una abstracción necesaria. Ante la variación en el espacio, la Geografía lingüística impuso el principio de que existe unidad en la variedad -por eso busca un informante para representar a toda una comunidad de habla-, lo mismo que el principio de la continuidad de áreas -la lengua es un *continuum*, una realidad continuada-, que se da por supuesta, de ahí que se estudie como significativa cualquier fragmentación (GARCÍA MOUTON, 1996, p. 75).<sup>31</sup>

Sobre a noção de *variedade*, sabemos que foi cunhado pela Sociologia da Linguagem como um modo de distanciar-se do uso de termos emotivos tais como língua e dialeto, e para fornecer um termo técnico e objetivo. Assim, a Sociologia da Linguagem (FISHMAN, 1979) utiliza *variedade* como uma designação não valorativa, que se opõe ao uso de dialeto ou língua porque não se utiliza para identificar nenhum *status* linguístico concreto (a não ser o de diferença):

Se puede considerar las variedades lingüísticas en un momento dado como regionales y, como sociales, en otro. Asimismo, los hablantes de una comunidad pueden tener estas variedades por regionales y los extraños a ella por sociales (o étnicas). Y, del mismo modo, las variedades pueden asumir unos usos funcionales adicionales para algunos de sus hablantes y no asumirlos para otros que poseen variedades lingüísticas menos contrastadas en sus repertorios verbales (FISHMAN, 1979, p. 49).<sup>32</sup>

---

<sup>31</sup> Os mapas linguísticos nunca negaram. O que fizeram foi matizar o conceito que está na própria base da pesquisa: o de dialeto. Ao mesmo tempo, reconheceram ao falante seu protagonismo na mudança linguística. O dialeto passou, de ser negado, a ser considerado como uma abstração necessária. Perante a variação no espaço, a Geografia linguística impôs o princípio de que existe unidade na variedade -por isso procura um informante para representar a toda uma comunidade de fala-, o mesmo que o princípio da continuidade de áreas -a língua é um continuum, uma realidade continuada-, que se dá por presumida, daí que se estude como significativa qualquer fragmentação (GARCÍA MOUTON, 1996, p.75, tradução nossa).

<sup>32</sup> As variedades linguísticas podem ser consideradas em determinado momento como regionais e em outros, como sociais. Ainda, os falantes de uma comunidade podem enxergar essas variedades como regionais, enquanto pessoas que não pertencem à comunidade podem considerar essas mesmas variedades como sociais (ou étnicas). Da mesma forma, as variedades

Os parágrafos tecidos permitiram olhar para os diferentes termos que, desde o início das tarefas no campo da Dialetologia e da Geolinguística, têm auxiliado na compreensão dos resultados no contexto das pesquisas sobre as falas das diferentes comunidades.

### 3.4 SOCIOLINGUÍSTICA

Com o intuito de unificar as perspectivas de linguistas e sociólogos, o termo Sociolinguística foi acunhado na década de 50, a fim de responder a perguntas referentes ao lugar que ocupa a língua na sociedade e, ainda, lidar com o contexto social da diversidade linguística (ROMAINE, 1996). Tudo isso, em um contexto atravessado pela sociedade ocidental da época que experimentava um processo de modernização global, junto a acelerada industrialização e urbanização, produto do desenvolvimento industrial. Em palavras de Hernández Campoy e Almeida (2005), os desajustes desse processo ocasionaram uma série de problemas sociais, especialmente nos grandes centros urbanos. Diante disso, o surgimento da Sociologia como disciplina acadêmica provocou o interesse de linguistas e educadores dos países industrializados ocidentais (HERNÁNDEZ CAMPOY; ALMEIDA, 2005, p. 11).

Assim, a Sociolinguística, vinculada com as ciências sociais – particularmente com a sociologia, a antropologia, a psicologia e a pedagogia – abarca o estudo de aspectos diversos. Afastada do conceito de homogeneidade, ferramenta analítica básica para os linguistas estruturalistas, a Sociolinguística irá se preocupar com a língua como fenômeno social e passará a pensá-la em termos de sistema linguístico heterogêneo, porém, estruturado funcionalmente. Em palavras de Lastra:

---

podem assumir alguns usos a mais, funcionais para seus falantes, e não os assumir para outros falantes que apresentam variedades linguísticas menos contrastadas nos seus repertórios verbais (FISHMAN, 1979, p. 49 tradução nossa).

es la interdisciplina que interesa tanto a sociólogos como a lingüistas y que estudia no ya la lengua como sistema sino su uso estructurado y sus relaciones con la sociedad y que al mismo tiempo revela características de la estructura de la sociedad (LASTRA, 1992, p.17).<sup>33</sup>

Afastada dos postulados estruturalistas, segundo os quais a linguística se preocupava com o falante-ouvinte ideal, de uma comunidade homogênea, a Sociolinguística será definida como o estudo dos fenômenos linguísticos que tem relação com fatores do tipo social. Entre esses fatores, podemos mencionar: a) os diferentes sistemas de organização política, econômica, social e geográfica de uma sociedade; b) fatores individuais que tem repercussão sobre a organização social em geral, como a idade, a raça, o sexo e o nível de instrução; c) aspectos históricos e etnoculturais; e d) o contexto externo em que ocorrem os fatos linguísticos (SILVA-CORAVALÁN, 2001).

Foi com o surgimento da Sociolinguística que toda unidade de análise (fonemas, sons, morfemas, sintagmas, orações), interpretada antigamente como qualitativamente invariante, passou a ser considerada como uma unidade estrutural variante, contínua e quantitativa (LABOV, 1966). Fala-se de *variante* no sentido de que o elemento linguístico pode ser realizado de diversas maneiras a depender do contexto estilístico, social e inclusive idioletal. Já o adjetivo *contínua* faz referência a significação social que determinada variante pode adquirir após sua comparação com a variante considerada estândar. Por sua vez, o adjetivo *quantitativo* refere-se à necessidade, não apenas de verificar a presença ou a ausência das variantes para o estudo do significado social, mas também de focar na frequência relativa dessas variantes (BLAS ARROYO, 2004, p. 28).

De modo geral, segundo alguns autores (BLAS ARROYO, 2004, p. 19; LASTRA, 1992, p. 20) existem duas formas de abordagem. Uma delas, com maior foco no aspecto sociológico do que no linguístico, tendo Fishman

---

<sup>33</sup> É a interdisciplina que interessa tanto a sociólogos como a linguistas e que estuda não já a língua como sistema, mas o seu uso estruturado e as suas relações com a sociedade e que ao mesmo tempo revela características da estrutura da sociedade (LASTRA, 1992, p.17 tradução nossa).

como expoente, refere-se aos modelos de pesquisa que buscam conhecer quais línguas são faladas em cada nação, quem e em qual circunstâncias são utilizadas. Ademais, inclui-se neste grupo os trabalhos com atenção para questões de bilinguismo, manutenção e perda de línguas.

A segunda abordagem, interessada mais no aspecto linguístico, estuda as variações das línguas e suas correlações com variáveis sociais como idade, sexo e classe social, tendo como seu representante mais importante William Labov. A busca de respostas a respeito da natureza da variação, da estrutura dos sistemas linguísticos e dos mecanismos de mudança linguística são os impulsores desta abordagem, chamada também de variacionista.

Sabe-se que a língua é variável e que se manifesta de forma variável, mas temos de compreender que a utilização de certas unidades linguísticas em vez de outras, independentemente do seu nível, pode dar origem a significados diferentes ou, de forma mais ampla, a valores semânticos diferentes (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 17). Contudo, como um sistema linguístico pode mudar? Que mudanças são possíveis nas línguas naturais? Quais são os fatores que impedem ou promovem a mudança nos sistemas linguísticos? Estas são algumas das perguntas que, em diferentes momentos históricos, os linguistas tentaram responder.

Diante dos fatos variáveis que acontecem em qualquer nível linguístico, a Sociolinguística poderá somar a estas perguntas outras, do tipo: por que e como se originaram esses fatos variáveis? Quais os fatores que os determinam? Qual a capacidade de determinação de cada um dos fatores concorrentes? Quais variantes linguísticas caracterizam certos grupos sociais e quais a outros? Para abordar tais questões é necessário o auxílio de outras contribuições, provenientes em muitos casos da Dialetologia ou da história da língua, que consideram a presença de fatores extralinguísticos envolvidos na variação. Ou seja, existe a possibilidade de estarem envolvidos nesses processos fatores geográficos, históricos, ou os referentes à situação comunicativa em um sentido mais amplo.

A explicação perante uma ou outra variante será dada pelas circunstâncias, que poderão ter a ver ou não, com o estritamente linguístico (MORENO FERNÁNDEZ, 1998). Neste sentido, especificou-se que podem ser dadas quatro possibilidades:

- a) as variantes são determinadas exclusivamente por fatores linguísticos
- b) as variantes são determinadas exclusivamente por fatores sociais
- c) as variantes são determinadas conjuntamente por fatores linguísticos e sociais
- d) as variantes não são determinadas por fatores linguísticos ou sociais

Assim, quando se trata de casos em que a variação linguística está correlacionada com fatores de natureza social, estamos perante casos de variação linguística e ela acontece, sobretudo quando coexistem variedades diferentes, o que será de particular interesse para a Sociolinguística (MORENO FERNANDEZ, 1998).

Ao intentar compreender sobre esses fatores de natureza social, devemos considerar a ideia de que a língua "desenvolve diferenciações internas que correspondem aos parâmetros que caracterizam os diversos subgrupos que constituem o sistema social" (SILVA CORVALÁN, 2001, p. 94). Neste contexto, o encontro ou covariação entre fenômenos linguísticos e sociais (características adscritas: aquelas que não se podem mudar como o sexo, a idade, a etnicidade ou casta e características adquiridas, como nível educacional, nível socioeconômico) é o que se denomina sob o nome de variável sociolinguística (SILVA CORVALÁN, 2001).

A crença de que a fala tem variantes livres ou opcionais com características casuais, assistemáticas e não previsíveis foi altamente questionada com a chegada da Sociolinguística. Chambers e Trudgill (1994) explicam que, no passado, sempre que a variação linguística recebia algum tipo de atenção, referia-se a ela como variação livre. Uma das maiores conquistas logo depois da incorporação do olhar social sobre os fatos da linguagem refere-se à possibilidade de evidenciar que este tipo de variação normalmente não é

"livre" em absoluto, mas que se encontra condicionada por fatores sociais e/ou linguísticos.

Desde a perspectiva sociolinguística, procura-se demonstrar que o discurso não é de todo casual nem assistemático, mas estruturado e sujeito a regras ou condicionamentos sistemáticos (SILVA CORVALÁN, 2001), e neste contexto gera-se um levantamento de hipóteses sobre por que se produzem certas mudanças, assim como a determinação "de los mecanismos lingüísticos o sociales (que) las favorecen " (SILVA CORVALÁN, 2001, p. 87).

O conceito laboviano de *mudança linguística*, surgido a partir de uma série de estudos empíricos,<sup>34</sup> tenta aproximar uma explicação detalhada sobre os processos envolvidos. Assim, entende-se que a mudança linguística ocorre quando uma determinada variável se desloca numa direção previsível e quando chega a assumir um significado particular dentro da comunidade. Neste contexto, é possível esclarecer dois aspectos de extrema importância. Em primeiro lugar, ao falar de variação e mudança linguística, referimo-nos a dois processos que se encontram intimamente relacionados, no sentido de que o segundo emerge necessariamente após uma etapa prévia de conflito entre diversas formas alternativas. Ou seja, a mudança implica necessariamente a existência prévia da variação, embora nem toda variação resulte em mudança linguística.

Por outro lado, quanto à regularidade, há de notar que muitas das chamadas evoluções linguísticas não são completamente regulares, isto é, nem todas gozam do mesmo grau de difusão, nem no espaço geográfico e social, nem no tempo. Segundo Blas Arroyo (2004), muitas das variáveis estudadas como fenômenos de mudança linguística na atualidade têm, na prática, uma considerável antiguidade e representam evoluções de

---

<sup>34</sup> O avanço de uma variante em detrimento de outras levou a Labov a observar o modo como as forças sociais operam, por exemplo, na vida da cidade estudada, Martha's Vineyard. Para conhecer em detalhe essas forças sociais, Labov afirma que " lo que tenemos que alcanzar es una comprensión profunda de la estructura social de la isla, y de las presiones que motivaron los cambios sociales del presente en Martha's Vineyard" (LABOV, 1983, p. 57).

desenvolvimento muito lento, e ainda poderia acontecer que nunca sejam concluídas.

Entre outras questões, a Sociolinguística se pergunta sobre a forma como são aceitas as inovações dentro de cada sociedade. Nesse sentido, dá-se especial ênfase às condutas evidenciadas pelos diferentes grupos com o objetivo de verificar a presença de grupos que se perfilam como particularmente inovadores, ou seja, dispostos a adaptar as novidades ou, pelo contrário, apresentam uma tendência para a rejeição.

Enquanto alguns estudiosos consideram que as inovações se geram nas camadas mais influentes da sociedade e que estão motivadas pelo desejo elitista destes grupos de permanecer à margem do resto da comunidade, a escola laboviana defende que aquelas mudanças desenvolvidas internamente surgem inicialmente entre as classes trabalhadoras. Esse tipo de mudança foi batizado por Labov como “mudanças de baixo” para referir-se a dois aspectos. Por um lado, são mudanças geradas na parte baixa do espectro social, na qual se integram as classes trabalhadoras. Por outro lado, com “desde baixo” refere-se ao fato de que as mudanças são inconscientes, ou seja, surgem “abaixo do nível da consciência” (BLAS ARROYO, 2004). Os motivos que explicam que sejam os membros da classe trabalhadora que impulsionam as inovações linguísticas poderiam encontrar-se na noção de solidariedade grupal, termo com o qual se faz referência ao recurso simbólico que uma parte destes grupos sociais pode utilizar como forma de manter certas cotas de autonomia identitária (BLAS ARROYO, 2004). Se as inovações forem aceitas pelos outros grupos sociais, mas especialmente pelas classes mais altas, essas formas inovadoras poderão ser estendidas ao resto da comunidade.

Em *Modelos Sociolingüísticos*, Labov (1983) explica que parece razoável restabelecer relações entre a conduta linguística e as medições de *status*, tanto de *adscripciones* como de realização dos falantes. Em outras palavras, considera que qualquer mudança da expressão linguística pode registrar momentaneamente as maneiras como cada indivíduo se apresenta nos diversos quadros sociais:

En cada momento, nuestro lenguaje proporciona información para responder a la cuestión del oyente: ¿qué siente usted por mí? Pero el lenguaje del hablante proporciona información general sobre sí mismo, respondiendo a las preguntas: “¿quién eres?” o “¿qué eres?” se trata de cuestiones relativas al estatus de adscripción -pertenencia religiosa y étnica, de casta, sexo o familia- y de logro -educación, renta, ocupación y posiblemente pertenencia al grupo de pares. Los cambios en el lenguaje pueden estar en correlación con los cambios en la posición de los subgrupos con los que el hablante se identifica (LABOV, 1983, p. 353).<sup>35</sup>

O autor ainda comenta sobre os fatores envolvidos na mudança linguística e explica que as forças que a influenciam podem estar ligadas a aparição de novos fatores, entre os quais destaca o incremento da alfabetização, além da convergência de diversas línguas ou o desenvolvimento do vocabulário científico, embora algumas delas representem o que ele denomina como intervenções menores na estrutura das línguas (LABOV, 1983).

Outro dos fatores que atuam para as mudanças linguísticas acontecerem tem a ver com os contatos linguísticos. Em seu trabalho pioneiro, Weinreich (1974) explicou que duas ou mais línguas estão em contato “si son usadas alternativamente por las mismas personas. Los individuos que usan esas lenguas son, por lo tanto, el punto de contacto” (WEINREICH, 1974, p.17). Por sua vez, entende que bilinguismo se refere ao costume de usar alternadamente duas línguas, e utiliza o termo bilíngue para referir-se às pessoas que têm esse costume. Tratando-se de duas ou mais línguas, pode acontecer que na fala do indivíduo bilíngue, devido à sua familiaridade com mais de uma língua, existam desvios relativos às normas de qualquer uma dessas línguas, pelo que se estaria perante o fenômeno conhecido como *interferência*. Este contempla o reajuste de padrões como resultado da incorporação de elementos estrangeiros naqueles campos da língua considerados altamente estruturados, tais como o sistema fonológico, parte da morfologia ou a sintaxe, ou certas áreas do vocabulário.

---

<sup>35</sup> Em cada momento, nossa linguagem fornece informação para responder à questão do ouvinte: o que você sente por mim? Mas a linguagem do falante fornece informações gerais sobre si mesmo, respondendo às perguntas: "quem é você?" ou "o que é?" Trata-se de questões relacionadas com o estatuto de filiação, de pertença religiosa e étnica, de casta, de sexo ou de família, e de realização, educação, rendimento, ocupação e, eventualmente, de pertença ao grupo de pares. As mudanças na linguagem podem estar em correlação com as mudanças na posição dos subgrupos com os quais o falante se identifica (LABOV, 1983, p. 353, tradução nossa).

Weinreich (1974) esclarece também que o contato linguístico precisa ser estudado e entendido a partir de um contexto maior, que compreenda um amplo ambiente psicológico e sociocultural. Ou seja, qualquer investigação sobre contatos linguísticos entendida numa base interdisciplinar atingirá maior profundidade e validade. Nesse sentido, torna-se necessário compreender a existência de traços dos grupos bilíngues que são fundamentais para o estudo da interferência. Entre eles:

- \*a dimensão do grupo bilíngue e a sua homogeneidade ou diferenciação; cultural; os dados demográficos, as relações sociais e políticas entre esses subgrupos;
- \*o predomínio de indivíduos bilíngues com certas características de comportamento linguístico;
- \*as atitudes estereotipadas em relação a cada língua (o "prestígio"); a condição de indígenas ou imigrantes das línguas em questão;
- \*as atitudes em relação à cultura de cada comunidade linguística;
- \*as atitudes para com o bilinguismo em si;
- \*tolerância ou intolerância em relação à mistura de línguas e a utilizações incorretas em cada língua.

Em seu livro *Dialects in contact*, Trudgill (1986) aborda os motivos pelos quais variedades linguísticas mutuamente inteligíveis podem influenciar umas às outras, bem como a expansão social e geográfica de determinadas formas linguísticas de um dialeto para outro. Indaga sobre o que pode ocorrer quando um dialeto, com uma série de características demográficas e linguísticas, entra em contato de um modo particular, com outro dialeto que apresenta características diferentes. No âmbito deste tipo de situações, poderão verificar-se ou não casos de bidialetalismo individual, o que dependerá, por exemplo, das transferências que tenham lugar de uma para outra variedade.

No texto em que esclarece os principais assuntos a respeito dos estudos sobre contato linguístico, Elizaincín (2007) propõe alguns pontos que devem ser considerados, dos quais destacamos aqueles que, acreditamos, iluminarão a análise dos nossos dados.

O primeiro refere-se ao contato linguístico não pensado de forma isolada, mas intimamente ligado ao contato cultural, do qual sempre será uma parte (ELIZAINCIN, 2007). Assim, esclarece que, embora seja compreensível a separação entre o cultural e o linguístico no momento da análise, isto só se justifica por uma necessidade metodológica.

O contato cultural é um ponto também referido por Silva Corvalán (2001) ao explicar que, nos estudos de contato linguístico, uma análise puramente linguística é insuficiente se não se observarem num contexto psicológico e sociocultural. Assim, a autora comenta que:

El contacto lingüístico es en verdad una expresión más del contacto cultural. La transferencia y la convergencia reflejan un proceso de difusión cultural o aculturación. Es en situaciones donde dos culturas se hallan en contacto directo en una misma área geográfica donde se presentan más clara e intensamente los casos de transferencia lingüística (SILVA CORVALÁN, 2001, p. 277).<sup>36</sup>

Por outro lado, existe um reconhecimento dos movimentos migratórios e de seu papel fundamental como uma espécie de motor de contato. Neste contexto, Elizaincín (2007) destaca algumas situações que podem ocorrer; entre elas, o contato dentro dos limites de um estado (aqui pensamos no nosso caso, de europeus na Tierra del Fuego) e aquele que surge nas fronteiras entre países diferentes (também no nosso caso, a fronteira Argentina/Chile). Diante disso, o autor adverte que as condições do contato, apesar de serem diferentes em ambos os casos, compartilham aspectos gerais do processo no que diz respeito às questões psicológicas e sociológicas envolvidas.

A categoria de *lenguas cercanas* e *lenguas lejanas* merece igualmente a nossa atenção no âmbito dos estudos que nos interessam. Sobre isso, o autor explica que, assim como o tipo de línguas que entram em contato é um problema da tipologia linguística, resulta possível pensar em “una categoria

---

<sup>36</sup> O contacto linguístico é, na verdade, mais uma expressão do contacto cultural. A transferência e a convergência refletem um processo de difusão cultural ou aculturação. É em situações em que duas culturas se encontram em contato direto em uma mesma área geográfica onde se apresentam mais clara e intensamente os casos de transferência linguística (SILVA CORVALÁN, 2001, p. 277, tradução nossa).

sociolingüística del poder: lengua más o menos poderosa, tomando solo en cuenta las que entran en contacto, y no en una comparación universal" (ELIZAINCIN, 2007, p.122). Deste modo, propõe um exemplo simples para pensar o encontro entre inglês e toba, ou entre inglês e francês. Assim, a depender das línguas envolvidas e o poder de cada uma delas, os resultados do contato podem ser diferentes.

O último dos pontos comentados por Elizaincín, é fundamental para compreender aspectos referentes à direção que adotam os empréstimos e interferências dentro do contato linguístico. A partir de enfoques sociolinguísticos se argumenta que " la lengua más prestigiosa es la que provee, a través de los mecanismos de transferencia, nueva sustancia fónica o semántica a la menos prestigiosa" (ELIZAINCIN, 2007, p.130), de modo que o mecanismo da mudança linguística seja iniciado. No entanto, existem situações em que isto pode tomar a direção oposta. Este é o caso de certos âmbitos léxico- semânticos, por exemplo aqueles associados "à cultura folk, nativa, cotidiana".

Segundo Trudgill (2004) e Al-Wer (2020), novos dialetos podem surgir produto de situações coloniais, bem como resultado da formação de novas cidades. Entre as condições que devem acontecer para identificar se estamos diante de um novo dialeto, encontra-se em primeiro lugar a migração em grande escala de pessoas de diferentes áreas dialetais. Ainda, a partir do que os pesquisadores chamaram como "urge to converge" os falantes adultos iniciam o processo de acomodação e alguns dos comportamentos se tornam (semi) permanentes, o que pode resultar em formas mais complexas, algumas das quais podem ou não ser adquiridas (BRITAIN, 2018, p. 149). Por fim, na segunda geração, ou seja, nas crianças nascidas na nova área ou na nova comunidade, continua o processo de adaptação e aquisição, demonstrando, em muitos casos, extrema variabilidade, inter e intra-individual, juntamente com a combinação de características de vários dialetos.

Diversas hipóteses foram e podem ser levantadas a depender de cada caso de contato entre dialetos. Porém, a proposta realizada por Trudgill (2004) após o estudo da formação do inglês da Nova Zelândia, e que poderia ser válido para outros dialetos emergentes, visa propor um enfoque de três

etapas para a formação dialetal, que corresponde a três gerações de falantes. Na primeira etapa, correspondente a primeira geração, chamada de “rudimentary leveling”, tem lugar no ponto inicial do contato e interação entre falantes adultos de diferentes variedades regionais e sociais. Já a segunda etapa, “variability and mixing”, corresponde a da segunda geração, ou seja, os primeiros falantes nascidos no local que, apresentados com uma infinidade de formas para escolher, apresentam uma fala que se caracteriza pela considerável variabilidade interindividual e intra-individual. Por fim, a terceira etapa acontece quando aparece um dialeto estável e relativamente uniforme.

Ao explicar o acontecido com certas variantes nos casos de dialetos emergentes estudados, Britain e Trudgill (2005) indicam que em contexto de entrecruzamento/mistura, variantes próprias de alguns dialetos regionais podem adquirir outras funções e assim evitar desaparecer/extinção. Trata-se de “variants in the mixture which were originally from different regional dialects may avoid extinction by acquiring different sociolinguistic or other functional roles in the outcome of the mixture” (BRITAIN; TRUDGILL, 2005, p.184).

Parece indiscutível a necessidade de considerar os aspectos concernentes às migrações dentro de qualquer análise linguística enquadrada em um contexto que tem experimentado tais movimentos humanos. Algumas considerações foram expostas em parágrafos anteriores quando recuperamos os pontos assinalados por Weinreich (1974), Elizaincín (2007) e Silva Corvalán (2001). Parece-nos agora oportuno destacar outros conceitos fundamentais para pensar a integração sociolinguística da população migrante: a aculturação e a acomodação comunicativa.

A teoria da aculturação considera o caráter bidirecional do processo, bem como as estratégias empregadas pelos grupos populacionais e pelos indivíduos para preservar ou não suas características identitárias. Entre as estratégias de aculturação, é possível mencionar as seguintes:

(1) integração- quando o grupo subordinado considera fundamental manter a identidade e a cultura próprias, mas ao mesmo tempo está aberto às relações com a sociedade receptora;

(2) assimilação- quando se privilegia abandonar a própria identidade cultural e se opta por estabelecer relações com os grupos da sociedade receptora;

(3) separação- quando o grupo dominado pretende preservar a sua identidade e as suas características culturais, evitando relações com a sociedade receptora e,

(4) marginalização- quando os grupos minoritários simultaneamente perdem a sua identidade cultural e evitam relações com a sociedade receptora (PAREDES GARCÍA, 2020, p. 46).

A constante mobilidade social acaba por resultar em processos não só de ordem social, mas também linguística, tanto para a comunidade receptora como para a comunidade migrante. Segundo a teoria da acomodação proposta por Giles (1977), o encontro entre os grupos de contato pode derivar em vários segmentos. Entre as pessoas que se encontram pode existir uma tendência a que suas línguas, acentos, frequências de fala, entre outros, assemelhem-se, ou seja, que convirjam. Assim, alguns falantes, guiados por um desejo de aprovação, podem tender à convergência para uma variedade com alto prestígio e *status*. Desta forma, a convergência se produz quando o falante aproxima seus usos linguísticos e comunicativos aos de seu interlocutor, “mientras que con la divergencia el hablante mantiene sus propios usos frente a los de su interlocutor, sin acercarse a ellos” (PAREDES GARCÍA, 2020, p.49). Entre os resultados da convergência encontram-se: a melhoria da eficácia comunicativa, a aprovação social ou a projeção de uma imagem social positiva. Por outro lado, a divergência consegue a manutenção da distância social, a preservação da identidade individual ou de grupo, assim como a projeção de uma imagem social determinada. No entanto, deve ser esclarecido que existe uma condição que deve acontecer: “convergence will of course only occur at a specific linguistic level if speakers have the repertoire which will enable them to do this realistically” (GILES, 1977, p. 322).

Considerando a relação estreita entre Sociolinguística e Pragmática (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 12), a seguir, são apresentados alguns aspectos referentes a esta área, que servirão como base para esta tese.

### 3.5 PRAGMÁTICA<sup>37</sup>

Nascida essencialmente de interrogações filosóficas, mais precisamente da filosofia da linguagem, a Pragmática fundiu-se com os estudos linguísticos. De modo geral, podemos afirmar que seu construto teórico se embasa, entre outras noções, na noção de contexto, entendido como contexto circunstancial (espaço, tempo, natureza e textura da comunicação), contexto situacional (referido sobretudo a aquilo que é aceito como prática em cada cultura), bem como o contexto interacional (turnos de fala, gestos) (PAVEAU; SARFATI, 2006, p. 218). A Pragmática, como podemos ver, ocupa-se do significado das palavras que são utilizadas em uma situação comunicativa concreta, mas sempre considerando o tipo de contexto em que foram produzidas. Nas palavras de Escandell Vidal:

Se entiende por pragmática el estudio de los principios que regulan el uso del lenguaje en la comunicación, es decir, las condiciones que determinan tanto el empleo de un enunciado concreto por parte de un hablante concreto en una situación comunicativa concretas, como su interpretación por parte del destinatario (ESCANDELL VIDAL, 2006, p.14).<sup>38</sup>

Dentro dos aspectos pelos quais a Pragmática tem se interessado, salientam-se aquelas estratégias conversacionais destinadas a minimizar possíveis conflitos que, em uma situação comunicativa, podem acontecer entre o falante e seu destinatário. Falamos especificamente da

---

<sup>37</sup> Levando em conta a contribuição que aspectos referentes à Pragmática supõem, aceitamos a sugestão do Dr. Elizaincín e incorporamos esta subseção. O leitor encontrará que os apontamentos poderiam ter sido desenvolvidos com maior grau de detalhe, mas, nessa instância da pesquisa, objetivamos apenas oferecer algumas análises parciais a partir dos comentários fornecidos pelos informantes (Cap. 6.2.2.4.1).

<sup>38</sup> Entende-se por Pragmática o estudo dos princípios que regem a utilização da linguagem na comunicação, ou seja, as condições que determinam tanto o uso de um enunciado concreto por parte de determinado falante em uma situação comunicativa concreta, como a interpretação realizada pelo destinatário (ESCANDELL VIDAL, 2006, p.14 tradução nossa).

*cortesía*<sup>39</sup>, ou seja, “um conjunto de normas sociais estabelecidas por cada sociedade com a finalidade de regular o comportamento adequado dos seus membros, favorecendo algumas formas de conduta e proibindo outras (ESCANDELL VIDAL, 2006, p.142).

Em particular, a *cortesía* linguística, de grande interesse para a Pragmática, embora mantenha pontos em comum com a cortesia como norma social, apresenta aspectos próprios que a seguir apresentamos. Centrada no comportamento verbal e na eleição de determinados indicadores linguísticos de cortesia, mais do que ser concebida como um conjunto de normas, ela é um conjunto de estratégias (HAVERKATE, 1994) que definem as escolhas de determinadas formas linguísticas. Refere-se ainda, a uma zona/região de negociação em qualquer situação (CALSAMIGLIA BLANCAFORT, TUSÓN VALLS, 1999).

Para melhor compreender o contexto em que o conceito de *cortesía* foi inserido, devemos dizer que ele é um tipo de comportamento que afeta a imagem social. Com a leitura de Goffman (1970) conseguimos nos aproximar da ideia de atividade comunicativa concebida socialmente como uma cena, com pessoas que atuam como atores numa peça, interpretando seu papel, sua personagem. Assim, o falante vai se constituindo como uma personagem que se define conforme avança o processo de interação com os outros. Dessa forma, há uma construção social do *self* (si mesmo) que se manifesta por meio de uma imagem (*face*):

Toda persona vive en un mundo de encuentros sociales, que la compromete en contactos cara a cara o mediatizados con otros participantes. En cada uno de esos contactos tiende a representar lo que a veces se denomina una línea, es decir un esquema de actos verbales y no verbales por medio de los cuales expresa su visión de

---

<sup>39</sup> Dada a utilização de bibliografia em espanhol, optamos por utilizar, no corpo do texto, o termo *cortesía*. Porém, advertimos ao leitor que a tradução desse conceito para o português, na literatura especializada, tem sido *polidez* e não *cortesia*.

la situación, y por medio de ella su evaluación de los participantes, en especial de sí mismo (GOFFMAN, 1970, p. 13).<sup>40</sup>

Desde essa perspectiva considera-se que para todo ser social, a imagem é um “objeto sagrado” que se deve preservar e manter através de rituais. Fala-se de “elaboração da imagem” (*face work*), o transcurso de uma interação. Tudo isso será realizado por meio de indicadores verbais e não verbais que irão funcionar simbolicamente para ajudar a determinar a imagem pretendida em cada caso (CALSAMIGLIA BLANCAFORT; TUSÓN VALLS, 1999, p.160).

A respeito das circunstâncias e a forma como entendemos a construção dessa imagem, Bravo explica que não é adequado falar em “reclamos” de imagem, mas sim em compromisso de imagem. Isso, no sentido em que o falante está apresentando uma imagem dele ao seu interlocutor ou auditório, em um “palco de fala”, e essa apresentação é “única, temporal, interaccional y está circunstancialmente acotada” (BRAVO, 2003, p. 101).

Sobre a *cortesía*, a mesma autora esclarece que é sempre uma estratégia para “quedar bien con el otro” e pode ser manifestada como um objetivo primordial, nos casos dos cumprimentos e dos agradecimentos. Isso, porque se trata de uma atenuação de algo que pode gerar a ideia de um falante descortês frente aos interlocutores (BRAVO, 2003, p. 107). Ou seja, ao pensar nas interações, temos que lembrar de que se trata de uma interação concebida como algo potencialmente conflitivo, uma instância em que a imagem pode se perder ou ainda degradar, por isso, os rituais de interação vão ser encaminhados no sentido de manter ou salvar a imagem própria e também a dos outros, por meio de: i) rituais de reparação ou de compensação, caso tenha existido ofensa ou, ii) por meio de rituais para evitar o conflito.

---

<sup>40</sup> Cada pessoa vive em um mundo de encontros sociais, e é comprometida em contato cara a cara ou mediatizados com outros participantes. Em cada um desses contatos tende a representar o que às vezes se denomina uma linha, ou seja, um esquema de atos verbais e não verbais por meio dos quais expressa sua visão da situação, e por meio dela sua avaliação dos participantes, em especial de si mesmo (GOFFMAN, 1970, p. 13 tradução nossa).

O conceito de *atenuação*,<sup>41</sup> concebido como um fenômeno de natureza pragmática, pode ser expresso como sendo uma estratégia retórica e social, em que calcula-se e formula-se materialmente em cada situação comunicativa particular<sup>42</sup> (CESTERO, ALBELDA MARCO, 2020). Além disso, trata-se de um mecanismo retórico utilizado para convencer, conseguir algum benefício, persuadir e, junto a isso, para cuidar “las relaciones interpersonales y sociales o evitar que estas sufran algún tipo de menoscabo” (BRIZ; ALBELDA MARCO, 2013, p. 293).

### 3.6 NORMA

Em um dos textos chave para compreender os aspectos que dizem respeito à norma, publicado em 1973, Coseriu comenta a existência de, pelo menos, dois sentidos que cabem ao conceito de norma. O primeiro desses sentidos tem a ver com o que o autor compreende como o uso corrente, um sentido estabelecido ou imposto segundo determinados critérios de correção e avaliação de índole subjetiva, dentro do qual é possível avaliar o que é expresso em termos de certo ou errado. Por outro lado, um segundo sentido refere-se à norma objetivamente verificável de uma língua, que é aquela que apresentamos pelo fato de ser membros de uma comunidade linguística. Assim, segundo a visão do estudioso, estamos diante de duas grandes posições. No entanto, ele opta por dedicar-se ao segundo desses sentidos, de maneira a poder comprovar, em todo caso, “*cómo se dice* y no indicar *cómo se debe decir*” (COSERIU, 1973, p. 90, itálico do autor).

---

<sup>41</sup> A respeito da relação entre *cortesía* e *atenuación*, Briz e Albelda (2013, p. 292) explicam que os analistas da cortesía consideram a *atenuación* como um modo de expressão da cortesía, e sobretudo, uma estratégia de mitigação e reparação dos atos ameaçadores da imagem própria e do outro.

<sup>42</sup> Caso pretenda-se conhecer em profundidade o fenômeno e conseguir sua caracterização completa, é necessário estudá-lo em *corpus* discursivos e analisar, não apenas sua caracterização linguística, mas também fatores contextuais que afetam diretamente, ou seja, fatores sociais, culturais e situacionais (CESTERO, ALBELDA, 2020, p. 936).

O autor acrescenta ainda a existência de normas parciais, que poderão ser sociais, ou regionais; fato que demonstra que "la norma, por naturaleza, es siempre menos general que el sistema" (COSERIU, 1973, p.77). Neste contexto, e como vamos rever ao longo das páginas seguintes, Coseriu adverte sobre os modos em que concebemos aquelas palavras que não constam nos dicionários, repositórios e testemunhas do código da norma, fato que remete para um debate extremamente atual (LAURIA, LÓPEZ GARCÍA, 2009) que tem excedido os limites dos claustros acadêmicos e ganhou outros espaços sociais (BONNIN, 2013; RIZZO, 2019). Já em 1973 Coseriu defendia a seguinte ideia:

Si consideráramos como inexistentes las palabras que no se encuentran en el Diccionario de la Academia (código de la norma), no podríamos decir planteo, concretamiento, ocultamiento.... (...) Puede ser que varias de estas palabras no existan en la norma, pero existen de alguna manera en el sistema, en el conjunto de estructuras, posibilidades y oposiciones funcionales de la lengua española. En el sistema existen como virtuales todos los nombres posibles (COSERIU, 1973, p.78).<sup>43</sup>

Ao referir-se a outros códigos que regulam o comportamento na sociedade, Jiménez (2001) indicará que também as normas idiomáticas funcionam de forma similar. Isto é, elas nunca se impõem a partir do exterior, mas provêm ou emanam daquilo que ele considera como uma harmonização flexível do autocontrole e do heterocontrole dos indivíduos enquanto sujeitos sociais.

Parece grande a discussão no que se refere a aspectos normativos e diversos autores se ocuparam disso, tanto na área das políticas linguísticas até aquelas mais relacionadas ao ensino do espanhol como L2. Para fins do nosso trabalho, abordamos brevemente o caminho seguido por algumas das principais discussões. Deste modo, é possível visualizar duas grandes posições em relação à norma (COSERIU, 1990). De um lado, aquela conhecida

---

<sup>43</sup> Se considerássemos inexistentes as palavras que não se encontram no Dicionário da Academia (código da norma), não poderíamos dizer "planteo", "concretamiento", "ocultamiento".... (...) Pode ser que várias destas palavras não existam na norma, mas existem de alguma forma no sistema, no conjunto de estruturas, possibilidades e oposições funcionais da língua espanhola. No sistema existem como virtuais todos os nomes possíveis (COSERIU, 1973, p. 78, tradução nossa).

pelo mote de "conservadores" ou "puristas", representa uma postura com tendência a censurar ou eliminar todos os usos que não correspondam ao tipo de exemplaridade que preconizam e ao que consideram como única "lengua correcta" (COSERIU, 1990, p. 46). Por outro lado, uma postura associada com aspectos "liberais" e "tolerantes", dentro da qual se encontrariam aqueles que afirmam que tudo o que se diz é bom e aceitável pelo simples fato de ser utilizado. Dentro desta última, os defensores proclamam a ideia de permitir certas formas "siempre que se entienda y que sea más o menos eficaz para la comunicación" (COSERIU, 1990, p. 46).

Partindo de uma ideia de língua exemplar, em que se faz uso de formas legitimadas e que gozam de ampla aceitação social, haverá quem se oponha ao uso do que se denomina como "vícios", traços correspondentes a um certo modo de falar (COSERIU, 1990, p.53). A respeito deste último, o *voseo*<sup>44</sup> representa um caso claro do que em algum momento foi considerado desse modo. Presente no espanhol da Argentina, o *voseo* foi considerado ao longo de décadas por estudiosos como Andrés Bello, Américo Castro, entre outros, um vício que devia ser evitado, inclusive rotulado de vulgarismo e arcaísmo. Tratava-se, segundo eles, de um traço que devia ser corrigido com urgência, sobretudo no âmbito educativo. Dessa forma, "la 'ideología estandarizadora' intentó reprimir este rasgo americano, que se desviaba de la norma peninsular" (DI TULLIO, 2006, p. 43 as aspas são do original).

Foram os estudiosos do início do século XIX, por meio de diferentes obras, que expressaram a inquietação, quando não o temor, acerca do grave perigo em que se encontrava a unidade da língua, o que Lope Blanch resume como o "fantasma da fragmentação linguística". É neste contexto que se reconhece a necessidade de um centro que governe e sirva de modelo às palavras de todos os outros territórios, além de dar coesão e uniformidade "à inevitável evolução de todo sistema linguístico" (LOPE BLANCH, 1995, p. 20).

---

<sup>44</sup> Trata-se do fenómeno linguístico dentro da língua espanhola em que se utiliza o pronome de segunda pessoa do singular "vos" junto a certas conjugações verbais particulares para se dirigir ao interlocutor, ao invés de utilizar o pronome "tú".

Por outro lado, o fato de não contar já com a pauta daquele centro metropolitano espanhol, que funcionou durante os três séculos de domínio na América, gerou um temor por uma possível diferenciação dialetal cada vez mais profunda.

A respeito disso, Amoros (2012) explica que em países como o México e, sobretudo, a Argentina, surgiram duas posições antagônicas no momento de discutir esta questão que, ainda, guardam estreita conexão com a reivindicação identitária. De um lado, escritores pertencentes à geração de 37, levaram adiante uma reivindicação em que advogavam a constituição de um idioma nacional próprio, ou seja, uma reivindicação para que sejam os próprios americanos a tomar as rédeas na direção e no destino da própria língua; por outro lado, um grupo com tendências *hispanófilas*, positivistas, que sentia saudades do período de colonialismo espanhol, e temia que a maldição de Babel levasse à separação do espanhol em múltiplos e ininteligíveis novos romances (AMOROS, 2012).

A partir do reconhecimento de que existem diversas normas nacionais e de que cada uma das normas de prestígio coincide basicamente entre si na maioria dos casos, coloca-se a necessidade de uma norma hispânica ideal que funcione como marco de referência, isto é, que possa servir como paradigma superior para todos os falantes da língua espanhola. Segundo Lope Blanch, essa norma hispânica ideal seria capaz de aglutinar todas as variedades dialetais de maneira que sirva, ao mesmo tempo, para conservar a unidade linguística fundamental da língua espanhola (LOPE BLANCH, 1995). No entanto, há um reconhecimento da difícil e delicada tarefa que supõe estabelecer um "modelo da boa expressão", tal como assinala o autor:

La actividad normativa y aun correctiva que juzgo necesaria, sobre científica, obliga a analizar y a delimitar la norma —o las normas— de prestigio o paradigmáticas. Esto es, las realizaciones que deben tenerse como modelo de la buena expresión, oral o escrita. La determinación o elección de esa norma superior o ejemplar puede resultar ser tarea difícil y delicada. Y más en el caso de la lengua española, hablada como propia en casi una veintena de países soberanos. Cada uno de los cuales posee su propia norma de prestigio, cuando no —como antes apuntaba— dos o más: que no es

la misma exactamente el habla de Buenos Aires que la de Córdoba o Mendoza, por ejemplo (LOPE BLANCH, 1995, p. 22).<sup>45</sup>

Ao pensar no percurso histórico das decisões, discussões e debates suscitados em torno de uma língua como o espanhol, não podemos ignorar o papel da Real Academia Espanhola (RAE), instituição historicamente reconhecida pelas suas funções como entidade reguladora da língua espanhola. Neste contexto, a RAE se constitui como uma instituição que observa a sociedade apenas como destinatária dos preceitos emitidos e valoriza os usos linguísticos populares mais para sua condenação, dado que a referência do que se compreende como bom uso foi fixada nas produções dos escritores e autoridades (MORENO FERNÁNDEZ, 2012).

Com o decorrer das décadas, o interesse em incorporar e abarcar as manifestações dialectais e sociolinguísticas do espanhol levou a RAE, em 1998, a fazer um pedido às academias a fim de coordenar a elaboração de uma gramática que estivesse consensuada pelas vinte e duas Academias. Assim, acreditava-se poder saldar velhas dívidas a respeito da centralização nos processos de padronização no mundo hispânico e incorporar um olhar que se pretende pluricêntrico. O resultado é o que se conhece pelo nome de Nova Gramática da língua espanhola (doravante NGLE), publicada em 2011. Entre suas conquistas, salientamos que se trata da primeira vez em que a Academia Espanhola reconhece o espanhol como uma realidade policêntrica e que por isso merece uma norma policêntrica para sua orientação. No entanto, as críticas apontam para que se investiguem as modalidades de referência. Afirma-se que se centra no "espanhol padrão", quando inclusive "no existe tal realidad como única ni homogénea" (MORENO FERNÁNDEZ, 2012, p. 607). Além disso, embora já não exista uma condenação explícita em termos do

---

<sup>45</sup> A atividade normativa e inclusive aquela que aponta à correção, que julgo necessária, sobre científica, obriga a analisar e a delimitar a norma, ou as normas, de prestígio ou paradigmáticas. Isto é, as realizações que devem ser tomadas como modelo da boa expressão, oral ou escrita. A determinação ou escolha dessa norma superior ou exemplar pode revelar-se uma tarefa difícil e delicada. E ainda mais no caso da língua espanhola, falada como própria em quase vinte países soberanos. Cada um dos quais possui sua própria norma de prestígio, quando não -como antes apontava- dois ou mais: que não é a mesma exatamente a fala de Buenos Aires que a de Córdoba ou Mendoza, por exemplo (LOPE BLANCH, 1995, p. 22, tradução nossa).

que em outro momento histórico foram considerados como "vícios", a presença de critérios tais como o de "recomendação" e o de "preferência" permanece estável dentro dessa gramática, frente a uma realidade linguística variada, imensa e complexa (MORENO FERNÁNDEZ, 2012).

Greublich (2015) dirá que o pluricentrismo<sup>46</sup> em vez de questionar ou negar o conceito de norma, o que na realidade faz, é pressupô-lo. Dessa forma, acaba por abrir um espaço de discussões, que é essencialmente político. Neste contexto, a principal discussão passa a ser “cuántas y cuáles son o deben ser las normas vigentes en el seno de una cultura lingüística específica” (GREUBLICH, 2015, p. 61).

Em consonância com outros dos problemas que emergem da leitura da NGLE, Lauria e López (2009) assinalam que a inexistência de um documento que defina claramente o que se entende por norma resulta numa sobreposição das duas definições a que já nos referimos:

Presumimos que la fusión de estas dos acepciones facilita la adopción de una norma estándar que, en tanto instaurada como patrón, es resultado de decisiones tomadas por las instituciones capaces de estandarizar, pero al estar revestida de la noción de “norma” (en tanto resultado del ejercicio de una comunidad hablante) es percibida por los destinatarios del discurso académico como la legitimación de la realidad lingüística compartida (LAURIA, LOPEZ, 2009, p.65).<sup>47</sup>

O resultado dessa sobreposição, e inclusive da falta de explicitação do agente de mudança, tem a ver com o fato de que a Península

---

<sup>46</sup> Neste texto, Greublich (2015) também dá a conhecer os diferentes intentos em salvar este tipo de problema sobre as normas regionais e, no geral, sobre a política linguística pluricêntrica.

<sup>47</sup> Presumimos que a fusão destas duas acepções facilita a adoção de uma norma padrão que, pelo fato de ter sido instaurada como padrão, é resultado de decisões tomadas pelas instituições capazes de conduzir esse processo, mas, ao estar revestida da noção de "norma" (como resultado do exercício de uma comunidade falante) é percebida pelos destinatários do discurso académico como a legitimação da realidade linguística compartilhada (LAURIA, LOPEZ, 2009, p. 65, tradução nossa).

volta a ser detentora daquele poder linguístico e, por tanto, do controle sobre a direção da evolução linguística (LAURIA, LÓPEZ, 2009).

Em resumo, nessa sessão revisamos alguns dos principais debates a respeito da noção de norma e os dois grandes sentidos que são atribuídos ao termo (COSERIU, 1990). Ainda, referimo-nos aos debates atuais sobre o conceito, junto com a ideia de norma hispânica ideal e normas nacionais (LOPE BLANCH, 1995). A seguir, realizamos um esboço sobre a questão da norma com relação à mídia, na época atual.

### 3.6.1 Atualidade e mídia

No presente, o reconhecimento da quantidade de falantes de espanhol no mundo e sua ampla extensão geográfica acabou derivando em um particular desenvolvimento de diferentes "modelos idiomáticos" (AMOROS, 2012) que servem para que as pessoas orientem a sua atuação linguística nos diferentes ambientes e âmbitos em que circulam.

Por outro lado, a humanidade toda assiste a um fluxo cada vez mais vertiginoso de recursos informativos, humanos e tecnológicos, o que supôs uma reestruturação em todos os sistemas organizativos: político, econômico, social, cultural e, claro, também linguístico. Além disso, a globalização revelou a intensificação dos contatos locais e regionais, tendo como resultados, entre outros, a emergência de novos centros nas tradicionais periferias, autênticos sistemas normativos sociolinguísticos estratificados (AMOROS, 2012).

Nesse cenário de constantes transformações e reconfigurações, ao perguntar sobre a relação entre a língua e mídia, surge a busca por querer explicar o impacto dos meios de comunicação. Sinner (2016) explica que existe um problema fundamental que tem a ver com as dificuldades para distinguir se determinadas formas linguísticas foram adquiridas por contacto direto com a mídia, ou se são produto do contacto entre falantes. A pergunta que surge acerca

do grau de influência dos meios de comunicação sobre a variedade é, até onde chega essa influência e se é factível de verificação. Parece que, de acordo com estudos, a língua em questão e os fatores contextuais, alguns autores optaram por identificar os meios de comunicação como fator de influência para as mudanças linguísticas. Em todo o caso, são os dados de cada pesquisa que permitirão preparar o caminho para realizar algum tipo de afirmação ou levantar alguma hipótese.

Num contexto de evidente complexidade como o que tentamos delinear ao longo destas páginas, é possível observar que a norma deixou de ser única no sentido vertical<sup>48</sup>. Dentro dos estudos linguísticos, o evidente interesse pelos aspectos diastráticos, não apenas pelo geográfico, demonstra que o que conhecemos como o horizonte Pan-hispânico do espanhol se vincula mais ao sociocultural que ao espacial (JIMÉNEZ, 2001). Neste contexto, autores como Sinner chamam a atenção diante do silêncio que existe sobre a variação linguística “de las personas cultas” (SINNER, 2012, p. 59). Por outro lado, percebe-se a necessidade de pensar uma política da língua espanhola frente ao distanciamento linguístico que existe no interior dos estratos socioculturais mais baixos das culturas hispânicas provocado “por la falta de contacto con otras normas, que no se conoce entre los estratos más elevados” (MORENO FERNÁNDEZ, 1992, p. 347).

Em todo caso, os saberes acumulados indicam que aquela linha que separa o culto do não culto, o que historicamente rotulamos como "o falar bem" e "o falar mal", não é nítida, pois as modalidades de uso corretas constituem um *continuum*, de limites imprecisos, de possibilidades diferentes, todas elas permitidas pela língua, e o que resulta decisivo é a adequação à concreta atuação discursiva em cada caso (JIMÉNEZ, 2001).

---

<sup>48</sup> Em um trabalho focado no espanhol do Chile, Darío Rojas explicará que “El normativismo lingüístico no es efectivo en cuanto a modificar las formas de hablar, y creo que de hecho no tiene para qué ser efectivo en ese sentido si realmente su función es ritual y simbólica” (ROJAS, 2020, p. 243).

## 4 TRABALHOS DE CUNHO DIALETOLÓGICO

Existem diversos aspectos sobre os quais os autores chamam a atenção na hora de falar da Dialetologia na América Latina. Muitos deles referem-se a aspectos metodológicos, focados nos cuidados que devem ser tomados; outros se atentam para as lacunas existentes, que poderiam ser abordadas em estudos futuros. Ao longo das seguintes páginas apresentamos os principais trabalhos nas áreas da Dialetologia e da Geografia Linguística na América Hispânica, com especial interesse nos apontamentos trazidos pelos Atlas e Projetos de Atlas desenvolvidos nesse território. Em seguida, atentamos para os trabalhos na região elaborados com o aporte da Sociolinguística, ainda, observamos os produzidos no território argentino, com foco especial nas pesquisas preocupadas com os fenômenos observados na região patagônica.

### 4.1 PERCURSO NA AMÉRICA LATINA

O ensaio de Rona (1958) inicia explicando que a Dialetologia na Hispano América deve estudar tanto as normas cultas regionais como as modalidades populares. Essas últimas, em comparação não com a norma acadêmica, mas com as normas locais. Ainda, comenta o que ele chama de “falhas tradicionais na Dialetologia hispano-americana”, salienta a escassez de isoglossas e a consideração de cada país como território linguístico unitário nos mapas linguísticos da Hispano América. Destaca também a imperiosa necessidade de considerar critérios estritamente linguístico ao invés de políticos ou históricos, já que isso tem levado a propor denominações pouco precisas como “espanhol da América”, ou “espanhol mexicano, chileno”. Entre os fenômenos que precisam de futuras abordagens para quem quiser se iniciar na caracterização dos dialetos, o pesquisador propõe olhar primeiramente os fenômenos fonéticos e fonológicos presentes no sistema. Finalmente, sobre a fragmentação dialetal observada no território em questão, Rona destaca dois

grandes grupos de fatores que devem ser considerados: sistemáticos ou históricos e extra-sistemáticos. No caso dos sistemáticos, eles podem ser permanentes, ou seja, tendências gerais da língua, bem como a criação de neologismos). No caso dos históricos, pensa na influência dos dialetos espanhóis falados pelos conquistadores. Ao falar de fatores extra-sistemáticos, Rona propõe pensar, por exemplo, nos substratos indígenas, na influência de línguas vizinhas e em imigrantes com uma língua diferente do espanhol.

Para o território americano, Elizaincín (1984) propõe não apenas trabalhos sobre Geografia Linguística mais salientes, também reclama da necessidade de procurar um modelo globalizante, que atinja toda a América. Um dos objetivos desse modelo totalizador consistiria na detecção das tendências implícitas de cada dialeto. Entre as recomendações metodológicas fornecidas aos jovens linguistas, o autor aponta à clareza e a uniformidade do método e sugere “comparar siempre los resultados obtenidos con aquellos a los que llegaron investigadores de otras regiones” (ELIZAINCIN, 1984, p. 79).

No início da década de 90, Moreno Fernández (1993) expressou que estávamos nos despedindo de uma etapa lotada de carências quanto a saberes no campo da Dialectologia e abrindo outra, na qual seria possível pensar uma nova história da linguística hispano-americana.

Montes Giraldo (1995), por sua vez, argumenta a respeito do caráter relativamente arbitrário das normas que determinam os dialetos. Entre seus argumentos, salienta o postulado de Coseriu (1982), cuja ideia central indica que os dialetos não existem antes, senão depois de determiná-los. Ainda, o autor esclarece que o espanhol, por ser uma língua de grande extensão, é quase infinito em suas variedades. Falar e determinar um dialeto implica selecionar algumas normas para delimitar sua área de vigência e, mediante correspondentes isoglossas, delimitar o dialeto (MONTES GIRALDO, 1995). A proposta do autor consiste em propor duas grandes normas diferenciadores para o espanhol da América (aspiração/não aspiração de -s implosiva, *tuteo/voseo*). Finalmente, convida os estudiosos a levantar dados exatos que contribuam na delimitação das diversas variedades que integram o espanhol.

No livro *Manual de Dialectología Hispanoamericana* dedicado ao espanhol da América, Manuel Alvar (1996) apresenta alguns dos motivos geográficos, sociais e históricos que funcionaram como fatores determinantes da “unidade do espanhol”. Nesse marco, o autor defendeu a ideia do espanhol como uma grande rede dialetal, cuja parte maior encontra-se em terras americanas. Os fatores são múltiplos, mas destacamos alguns que servem para pensar em como os dialetos, independentemente das latitudes, compartilham alguns traços comuns com a história da sua formação:

Los factores que en su día propiciaron esas diferencias parecen ser los mismos que la historia de las lenguas nos han dejado saber desde hace tiempo: diverso origen dialectal de los colonizadores, diversidad de lenguas aborígenes, aislamiento sobresaliente entre los núcleos fundacionales, ausencia de políticas lingüísticas niveladoras, entre otros factores de menor relieve (ALVAR, 1996, p. 19).<sup>49</sup>

O livro apresenta um panorama do realizado e daqueles trabalhos que ainda estavam em andamento, relacionados com a história e a sincronia atual do espanhol da América. Sobre os aspectos não estudados e incertezas, Alvar (1996) comenta que estão no caminho de tornar-se menores e, caso isso venha a acontecer, será graças ao notável progresso alcançado na coleta de material de análise, que é, certamente, o aspecto mais comprometido da pesquisa moderna (ALVAR, 1996).

Por outro lado, Palacios Alcaine (2006) chama a atenção sobre os vazios e dificuldades que aparecem. Comenta que alguns dos problemas mais notórios para os pesquisadores que cogitam uma classificação do espanhol falado na Hispano América é a falta de descrições exaustivas de muitas zonas, inclusive de países inteiros, feitas com critérios modernos e com trabalhos de campo rigorosos. Um segundo problema, aponta a autora, resulta do tipo de levantamento. Dessa forma, as descrições devem ser feitas considerando não

---

<sup>49</sup> Os fatores que em algum momento propiciaram essas diferenças parecem ser os mesmos que a história das línguas tem nos permitido conhecer há algumas décadas: diversas origens dialetais dos colonizadores, diversidade de línguas aborígenes, isolamentos marcados entre os núcleos fundacionais, ausência de políticas linguísticas niveladoras, entre outros fatores de menor peso (ALVAR, 1996, p. 19, tradução nossa).

apenas variantes diatópicas, senão também diastráticas, embora esse tipo de descrições tenha recebido menos desenvolvimento (PALACIOS ALCÁINE, 2006).

Entre os trabalhos produzidos sobre a Hispano América, Rona (1964) propõe uma classificação de zonas dialetais hispano-americanas baseado em quatro fenômenos sistemáticos: *yeísmo*, *žeísmo*, voseo e formas verbais). Ao falar de *yeísmo*, o autor refere-se à desfonologização da oposição entre os fonemas do espanhol /y/ e /ll/. No caso do *žeísmo*, trata-se da realização de qualquer desses fonemas, /y/ e /ll/, como fonos fricativos ou africados palatais, sonoros ou surdos, ou seja, é um fenômeno fonético, que não depende da existência ou inexistência simultânea do *yeísmo*. No caso do voseo, o autor esclarece que trata-se do “voseo pronominal”, ou seja, o uso de pronome *vos* com valor de segunda pessoa de singular, seja com formas verbais de segunda pessoa de singular, ou com formas verbais mais ou menos deformadas da segunda pessoa de plural. Por fim, quanto às formas verbais com que se constrói o pronome *vos*, o autor distingue alguns tipos morfológicos que variam segundo o tempo verbal. (Alguns exemplos: *vos cantáis*, *vos cantís* *vos cantás*, *vos cantes*)

Já o trabalho de Bürki e Morgenthaler García (2016) parte de uma visão crítica, com o objetivo de refletir sobre os marcos epistemológicos e ideológicos desde os quais foi descrita a variação no mundo hispânico e a partir dali foi estabelecido um “cânon de variedades” (BÜRKI, MORGENTHALER GARCIA, 2016, p. 3). As autoras salientam a influência dos processos de percepção e *agentividad* ideológica do linguista, que resultou em alguns “esquecimentos” de algumas variedades. Além disso, denunciam que os manuais de Dialetologia muitas vezes iniciam com uma descrição, inclusive para uma proscrição da variedade do próprio pesquisador, que costuma estar em consonância com a canônica. Esse tipo de afirmações permite observar que não existe trabalho onde o pesquisador não tenha se posicionado epistemologicamente. Segundo as autoras, é necessário considerar a noção “estructural de lengua, como las ideologías monoglósicas, y las epistemologías

acadêmicas para entender el quehacer metodológico y los resultados obtenidos en trabajos de este tipo” (BÜRKI, MORGENTHALER GARCIA, 2016, p. 6).

Posteriormente, focadas nas metodologias utilizadas para a elaboração do *Atlas de Hispanoamérica*, as autoras chamam atenção sobre as metodologias de corte europeu utilizadas nesses atlas. A consequência desse “transplante” de metodologias foi um claro apagamento das particularidades. Nesse contexto, elas acreditam que o fato de os questionários não considerarem aspectos envolvidos com fenômenos de contato conduz a uma simplificação onde a situação sociolinguística, bem como determinadas pessoas, atividades e fenômenos sociolinguísticos chegam a ser praticamente invisíveis. Ainda, recuperam uma recomendação de Zimmermann, para apelar aos linguistas, sobretudo aqueles formados na tradição hispana, para se ocuparem dessas variedades de forma integral, a fim de poder compreender suas características, as idiossincráticas e as compartilhadas. Para finalizar, as autoras salientam que tudo permitirá acessar a um conhecimento integral “del conjunto de las variedades que denominamos español” (BÜRKI; MORGENTHALER GARCÍA, 2016, p. 10).

#### 4.1.1 Atlas

A seguir, apresentamos, em ordem cronológica<sup>50</sup>, os Atlas publicados dentro do território americano hispano falante e alguns projetos de Atlas. Primeiramente, comentamos brevemente os aspectos metodológicos mais significativos e, nos casos em que for possível, mencionamos alguns dos problemas e desafios enfrentados por cada um dos Atlas, intimamente relacionados com as particularidades explicitadas anteriormente. Ainda, por ter

---

<sup>50</sup> Embora em alguns casos foi possível comentar sobre as datas em que os projetos de Atlas foram desenvolvidos (que por vezes dista muito da data de publicação), a ordem em que apresentamos as informações, corresponde com a data de publicação das obras. Por esse motivo, o leitor poderá encontrar algumas inconsistências quanto a ordem cronológica.

sido produzidos na América, comentamos sobre o ALiB, Atlas desenvolvido no Brasil, e sobre alguns Atlas da região Norte da América. Por fim, detemos nosso olhar em dois grandes projetos de Atlas na Europa, que abrangem também a língua espanhola.

Um dos países da Hispano América que apresenta vários atlas é o Chile, publicados em diferentes momentos históricos. O primeiro Atlas linguístico publicado no Chile, o ALESUCH (*Atlas Lingüístico-Etnográfico del Sur de Chile*) foi lançado em 1968. Alguns anos depois, sob a direção de um projeto de Manuel Alvar, foi desenvolvido o ALH-Chile (1993, 1995). Podemos afirmar que ambos são precedentes diretos do *Atlas lingüístico y geográfico de Chile por regiones*, ALECH, cuja tarefa foi iniciada em 1998. Em palavras de Wagner, autor do ALECH, os questionários estavam divididos em quatro seções (léxico geral, fonética, morfologia e sintaxe), e a rede de pontos continha localidades tanto rurais como marítimas e urbanas. Desse modo, o Atlas propõe documentar o estado da fala chilena do final do século XX, para delimitar fronteiras dialetais no interior do território pesquisado, resgatando o íntimo vínculo entre linguagem e cultura.

O *Atlas Lingüístico de Puerto Rico* foi elaborado por Navarro Tomás em 1974 e conseguiu sua publicação 20 anos depois. Autores como Svetlana (2017) comenta que este Atlas apresenta algumas singularidades entre as quais destaca que seu autor não considerou as particularidades da região hispano-americana e guiou sua tarefa a partir da metodologia europeia utilizada por Gilliéron.

Sobre o projeto de Atlas pensado para toda América Latina devemos mencionar o *Proyecto de Atlas lingüístico de Hispanoamérica* (ALH). Em trabalho de Alvar (1984), com base na Dialetologia, são apresentados os critérios gerais seguidos para a elaboração desse Atlas. O autor inicia o texto expondo a falta de estudos homogêneos e coerentes, constituindo uma das situações problemáticas que envolvem os estudos sobre o espanhol falado na América. A seguir, levanta a questão sobre o que fazer diante dessa problemática e como fazê-lo. Para isso, após expor algumas das principais

contribuições da Geografia Linguística neorromânica, lembra sobre o percurso dos atlas europeus e as dificuldades enfrentadas por eles.

Na exposição do projeto do ALH, Alvar explica que um dos principais objetivos deste projeto era estabelecer a estrutura sincrônica que apresenta o espanhol de cada país, com os resultados do bilinguismo, bem como reconhecer a persistência e vitalidade dos indigenismos. Ainda, contribuir para o estabelecimento da *koiné* do mundo hispânico e a possibilidade de descobri-la com seus imediatos resultados de comunicação em todas as latitudes e todos os níveis (ALVAR, 1984).

Sob a Geografia linguística em Hispano-América, García Mouton (2006) lembra que nos inícios europeus a Geografia Linguística em Latino-América apresentou não apenas problemas práticos de difícil solução, mas também dúvidas quanto à validade metodológica da linguística, de sua aplicação na América. Os argumentos têm a ver com a falta de materiais confiáveis e pela falta de uniformidade nas decisões metodológicas consideradas.

O projeto do *Atlas Lingüístico do Perú* foi iniciado na década de 80, com supervisão de Manuel Alvar no marco do projeto ALH (CARAVEDO, 1987). Salientamos a presença de aspectos referentes ao contato entre línguas indígenas, ausente nos outros atlas dentro do território americano. Além disso, foram contempladas questões relativas ao monolinguismo castelhano, às línguas vernáculas (quéchua e aymara) e às línguas amazônicas minoritárias (CHIRINOS RIVERA, 2001).

O *Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay* (ADDU) apresentou como uma das principais preocupações a grande mobilidade demográfica no país e o desejo por estudar as zonas bilíngues. Dessa forma, o Atlas realiza uma inovação ao adotar o foco da Dialetoлогия relacional: “supone una empresa innovadora de geolingüística pluridimensional, porque estudia dos grupos generacionales y dos niveles sociales, además de recoger diversos estilos (lectura, respuestas y conversación)” (GARCÍA MOUTON, 2006, p. 121). Os autores do Atlas reconhecem que a variação linguística tem três dimensões (diatópica, diastrática e diafásica), por esse motivo, iniciaram o projeto com a

convicção de que o Atlas “tiene la obligación de presentar una imagen de la multidimensionalidad y de las interrelaciones de los fenómenos variacionales” (THUN, FORTE, ELIZAINCÍN, 1989, p. 28).

O *Atlas lingüístico de México* (ALM) apresenta algumas inovações metodológicas quanto à seleção dos informantes. Seu precursor, Lope Blanch, considerou que deviam ser interrogados sete ou oito pessoas (homens e mulheres, jovens, adultos e pessoas de idade, analfabetos e pessoas com instrução superior) pelo menos em cada localidade estudada. Assim, seria possível identificar não apenas os casos de polimorfismo individual, mas também os polimorfismos coletivo e dialetal (WAGNER, 2003). Entre os pontos a salientar, o ALM se afasta de outros Atlas em espanhol por não estar organizado por campos semânticos. Nesse sentido, a crítica feita tem a ver com a escassa possibilidade de comparação sistemática entre esse Atlas e outros já existentes no mundo hispânico (WAGNER, 2003).

O *Atlas Lingüístico y etnográfico de Colombia* (FLOREZ, 1983), de livre acesso, foi desenvolvido entre 1959 e 1978 e teve como preferência informantes adultos entre 40 e 60 anos, analfabetos, com baixa escolaridade. Seu questionário apresentou cerca de 2000 questões e esteve dividido nos níveis lexical, fonético e morfossintático, com um total de 16 campos semânticos (BERNAL CHÁVEZ, 2018).

O *Atlas lingüístico pluridimensional de Nicaragua* (ALN), publicado em 2008, teve entre seus objetivos a delimitação das diferentes zonas dialectais da Nicarágua a partir do estudo dos fenômenos fonéticos em sua pluridimensionalidade diatópica, diasssexual e diageracional. Dentro dos critérios para a seleção dos 17 pontos que conformam a rede, considerou-se a densidade populacional e a facilidade de acesso às diversas regiões. O questionário utilizado revelou ser o mesmo utilizado para o *Atlas lingüístico-etnográfico de Costa Rica*.

O *Atlas Lingüístico de Cuba* (ALCu) foi o resultado do projeto de pesquisa desenvolvido entre 2009 e 2013 sobre materiais que tenham sido coletados entre 1989 e 1995. Montero Bernal et al. (2018) comentam que esse

atlas teve como propósito a identificação e caracterização das principais regiões linguísticas do território nacional, desde o viés fonético, morfossintático e lexical, a partir dos aspectos metodológicos da Geolinguística e Sociolinguística. Entre os pontos salientados encontram-se a vitalidade e o nível de atualidade que mantém a linha de pesquisa da Geografia Linguística na América e na Europa. Por fim, o projeto tem se caracterizado por apresentar uma orientação voltada para aspectos normativos, “en el sentido de que existe en una posible utilidad de los resultados (...) para la enseñanza del español como lengua materna y como lengua extranjera” (GARCÍA MOUTON, 1992, p. 707).

Com um projeto iniciado em 1992, o *Atlas lingüístico-etnográfico de Costa Rica* (ALECORI) obteve a sua versão impressa e digital em 2010. Em um trabalho de 1992, seu autor comenta sobre o projeto e a elaboração de 77 mapas linguísticos que buscam refletir a distribuição espacial de certas características fonéticas, morfológicos e lexicais do espanhol desse país a partir da aplicação de um questionário elaborado pelo próprio autor. Entre os aspectos contemplados observamos: fauna, flora, léxico do café, da cana-de-açúcar, do milho, além de alguns aspectos fonéticos e, em menor escala, morfossintáticos (QUESADA PACHECO, 1992). Sobre a seleção dos informantes, o autor explica que em alguns casos " los que suministraron los datos léxicos no necesariamente suministraron los morfológicos o fonéticos, y aun dentro del léxico se recurrió a veces a otros testimonios" (QUESADA PACHECO, 1992, p. 86). Entre as conclusões documentadas Quesada Pacheco salienta as alterações relativas à divisão linguística tradicional para este país, que apresentava duas grandes zonas linguísticas. Assim, com base em traços fonéticos e léxicos, o autor propõe uma nova divisão que resulta em 5 zonas dialectais.

O *Atlas lingüístico pluridimensional de El Salvador* (ALPES) nível fonético, foi apresentado em 2015 por Raúl Ernesto Azcúnaga López no âmbito do programa de doutoramento e faz parte do projeto de *Atlas lingüístico de América Central* (ALCA, 2004) <sup>51</sup> (AZCÚNAGA LÓPEZ, 2015). O trabalho parte

---

<sup>51</sup> Segundo Svetlana (2017) até 2017 o Atlas não tinha sido publicado.

de considerar as dimensões diatópica, diassexual e diageracional, com um total de 80 informantes, analfabetos ou com pouca instrução, distribuídos em uma rede composta por 20 localidades. A obra oferece um minucioso percurso por sons vocálicos e consonânticos que permite identificar duas zonas dialectais: Centro-Ocidente e Nor-Oriente.

Embora não corresponda aos atlas de língua espanhola, o *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB) merece uma especial menção, não só por ter sido realizado em solo americano, mas também por ter sido produto de uma tarefa de uma dimensão abrangente, desenvolvida por uma equipe de linguistas de doze universidades brasileiras. Com a finalidade de cobrir o máximo do território, os linguistas distribuíram-se em diversas equipes, realizando ao total 1.100 entrevistas em 250 cidades, abrangendo todos os estados brasileiros. Produto de um trabalho iniciado em 1996, a publicação do Volume I e II do ALiB foi realizada em 2013 e apresenta um total de 159 cartas linguísticas que consideram os níveis fonético-fonológico, semântico-lexical e morfossintático da língua portuguesa. O perfil do informante, elaborado segundo os princípios da pluridimensionalidade (AGUILERA, 2006), visou distribuí-los segundo sexo, por duas faixas etárias – uma de 18 a 30 anos, outra de 50 a 65 anos – e por dois graus de escolaridade – fundamental incompleto e universitário completo –, fornecendo dados para a consideração das dimensões diassexual, diageracional e diastrática. Ainda, após considerar as dimensões continentais do país e tornar o projeto viável, “foi necessário limitar a oito o número de informantes, nas capitais de Estado, e a quatro, nas demais cidades, e a reduzir para duas as faixas etárias dos informantes” (CARDOSO, MOTA, 2009, p. 247).

Projetados e desenvolvidos em território americano, mencionamos brevemente alguns Atlas produzidos no Norte da América. Iniciado em 1930 e publicado em 1939, o *Linguistic Atlas of New England* (LANE) foi dirigido por Kurath e elaborado com o intuito de reconstruir a evolução do inglês americano e as formas dos dialetos regionais. Quanto aos aspectos metodológicos, existiu a preocupação de se ter dois informantes em cada ponto: procurava-se uma pessoa camponesa ou esposa de camponês, e outra pessoa com origem de classe média, com estudos primários ou secundários.

Entre os aspectos destacados desse atlas, observamos o esforço em compor a rede de pontos com cidades que tivessem sido testemunhas dos primeiros “asentamientos” estadunidenses. Além disso, os mapas apresentam a distribuição de vocabulários regionais, além das transcrições fonéticas das respostas fornecidas por cada informante.

Também houve uma série de projetos que não chegaram a ser concretizados (*Linguistic Atlas of the United States and Canadá*) (AUROUX et al., 2006, p. 2368) e outros que conseguiram ser publicados, como o *Linguistic Atlas of the Upper Midwest* (1973) e o *Linguistic Atlas of the Gulf States*.

Recentemente, a publicação liderada por Labov com *The Atlas of North American English* fornece uma descrição geral dos dialetos dos Estados Unidos e Canadá, fundamentada na fonética e na fonologia. A utilização de ferramentas metodológicas em grande escala resultou em um total de 762 amostras telefônicas com entrevistas de falantes locais, o que permitiu a descrição do sistema vocálico dos principais dialetos urbanizados. A publicação foi realizada na forma física e no formato digital. Esta última permite a visualização de 139 mapas que apresentam a distribuição regional das variáveis fonológicas e fonéticas, além de amostras de sons de todos os dialetos norte-americanos, entre outras.

Com relação à língua espanhola, fora do território americano, mencionamos dois projetos de grande relevância, desenvolvidos do outro lado do Atlântico.

O ALE *Atlas Linguarum Europae*, contém registro de todas as línguas da Europa, pertencentes a seis famílias linguísticas: indo-europeia, urálica, altaica, semítica, caucásica e basca. O projeto foi iniciado em 1970 e hoje conta com a participação de 51 equipes de investigação e um total de 2631 localidades europeias compõem a rede de pontos. O questionário, utilizado em todos os países europeus, reuniu 550 perguntas. A abordagem e tratamento dos dados foi de caráter etimológico e motivacional, o que possibilitou uma melhor compreensão da relação língua-cultura, bem como estabelecer padrões de criação lexical vinculados à vivência histórica dos povos. Entre os aportes,

autores como Viereck (1998) destacam que os mapas chamados de motivacionais são uma forma “inovativa de la interpretación de datos geoléxicos. Van más allá del interés etimológico e intentan averiguar las causas y los motivos de la denominación de ciertos objetos” (VIERECK, 1998, p. 40).

Com o intuito de pesquisar as variedades românicas peninsulares, no século passado, na Espanha, sob a direção de Tomás Navarro Tomás, iniciava-se o projeto histórico do *Atlas lingüístico de la Península Ibérica* (ALPI). As entrevistas iniciaram no ano de 1931, mas por diversas causas sócio-históricas, o volume foi publicado em 1962. Considerado um atlas de grande domínio, se propõe caracterizar linguisticamente um extenso território que compreende 529 localidades. Salienta-se neste ponto que, como habitual nos trabalhos geolinguísticos da época, não foram consideradas as capitais nem cidades importantes. Os questionários, apresentados em cadernos, centram-se, por um lado, na fonética, na morfologia e na sintaxe, e outros dois questionários pesquisam questões lexicais. As pessoas participantes foram sobretudo homens, embora o número de mulheres seja notável. O perfil procurado foi de nascidos na aldeia ou ponto, de preferência de família local, que tivessem viajado pouco, sem instrução, e na procura de fala mais conservadora buscou-se que a pessoa fosse de certa idade.

No ano de 2007 o projeto, interrompido por causa da Guerra Civil espanhola, foi retomado com o objetivo de permitir à comunidade científica o acesso ao ALPI completo a partir do aproveitamento de armazenamento das ferramentas tecnológicas atuais. Dessa forma, a criação do site, que armazena o *pequeño ALPI interactivo* facilita o acesso para consulta à base de dados, além de possibilitar a leitura de cartas correspondentes a um total de 103 perguntas classificadas.

## 4.2 ESTUDOS NA ARGENTINA

Para realizar um balanço sobre os estudos dialetológicos na Argentina é necessário, primeiramente, fazer menção ao trabalho de Berta Vidal

de Battini (1964) na sua obra pioneira *El español de la Argentina. Estudios destinados a los maestros das escolas primárias*. Ali, a autora oferece uma primeira visão de conjunto das variedades regionais. Conforme a divisão realizada por ela, o país estaria segmentado nas seguintes regiões linguísticas: Litoral, Guaranítica, Noroeste, Cuyana e Central. O intuito de pesquisar e descrever, do modo mais completo possível as falas das diferentes províncias tinham, entre outras finalidades a formulação de observações e conselhos para o ensino da língua nas escolas primárias do país.

Sobre a metodologia deste trabalho precursor, as entrevistas foram realizadas por educadores de diferentes escolas, obtendo o total 14.050 questionários respondidos. Sobre a rede de pontos não existem informações nem dados explicitados no documento publicado. A respeito do questionário, sabe-se que foi elaborado sobre a base do questionário proposto para o Atlas linguístico de Hispanoamérica.

Segundo a autora, a determinação das regiões linguísticas da Argentina foi realizada a partir de alguns traços comuns das falas. Em primeiro lugar, salienta o que chama de “entonación característica”, em seguida, concentra sua atenção na pronúncia, morfologia, sintaxe e léxico. A respeito das consoantes, a autora distingue entre várias realizações possíveis, tentando em muitos casos fazer um comparativo entre “habla rústica y vulgar” e “habla de las personas cultas”. Outras vezes a variação encontra-se determinada pela região. Entre os traços comentados, destacam-se: -d intervocálica (“golpeao”), -b em grupos cultos como *absoluto*, *obtener*. No caso da fricativa -s, indica que há uma tradição na Argentina por considerar que a melhor pronúncia de -s corresponde a de Buenos Aires e área de influência, o que identifica como “la s de los porteños” (VIDAL DE BATTINI, 1964, p. 102). Aborda, ainda, a realização da vibrante múltipla e explica que existe uma “rr vibrante de Buenos Aires y su zona de influencia y lar r- fricativa assibilada del interior del país (la rr de los porteños y la rr de los provincianos, según la expresión corriente)” (VIDAL DE BATTINI, 1964, p. 112).

Por fim, o texto entrega algumas recomendações destinadas aos professores das escolas, entre elas, aponta o cuidado da pronúncia de certas vogais e consoantes, bem como a questões de concordância verbal, entre outros.

Nesse trabalho, a área patagônica foi contemplada de modo geral dentro da primeira das regiões (Litoral), o que leva a supor que compartilha os mesmos aspectos, particularidades e traços com províncias como Buenos Aires, Santa Fe, Entre Ríos e La Pampa.

Após alguns anos da publicação de Vidal de Battini, um grupo de pesquisadores iniciaram o projeto de elaboração do Atlas Lingüístico-Antropológico de la República Argentina (ALARA), que iria ser o primeiro atlas linguístico dentro do território. Infelizmente, diversos motivos levaram ao abandono do projeto, que tinha sido pensado, segundo palavras de Kovacci (2000) como um atlas de pequeno domínio, que buscava descrever aspectos linguísticos numa rede de aproximadamente 80 pontos. A direção estava sob responsabilidade de Manuel Alvar, que se comprometeu nos trabalhos de campo juntamente com diferentes linguistas do país. O material produzido tinha a finalidade de servir também como insumo para planejar uma estratégia para o ensino da língua padrão, veículo para a integração.

Acerca da metodologia, sabe-se que o perfil dos informantes era de analfabetos ou analfabetos funcionais, a partir dos 15 anos de idade. Alguns dos resultados do trabalho parcial foram publicados nos informes dos documentos PREDAL (1987). Dos problemas metodológicos constatados, García Mouton (1992) comenta que a necessidade de reunir diferentes projetos para "rentabilizar os esforços econômicos" fez como que fosse muito amplo o leque que se tentou cobrir: problemas de bilinguismo, de substrato e adstrato, até questões referidas a atitudes e informação sobre léxicos específicos e uma descrição de todo o espanhol da Argentina (GARCÍA MOUTON, 1992). Dentre os trabalhos apresentados no marco dos avanços do Projeto, encontram-se dois que abordam as variedades empregadas na Patagônia, sobretudo as utilizadas em zonas rurais mapuches (ACUÑA, 1987; SANTA CATALINA, 1987).

Sobre a tradição dialetológica na Argentina, e da Geografia Linguística, Donni de Mirande explica que a primeira estava constituída maiormente por estudos monográficos sobre temas ou regiões determinadas, enquanto os trabalhos de Geografia Linguística tinham pouco desenvolvimento na época, devido a dificuldades técnicas e de apoio econômico (DONNI DE MIRANDE, 1986).

Um último trabalho que vamos mencionar é o Atlas Lingüístico Etnográfico del Nuevo Cuyo (ALECuyo), resultado de longos anos de pesquisa desenvolvida por uma equipe da Universidade Nacional de San Juan. Foi pensado como um atlas regional de pequeno domínio e seguiu as bases teóricas e metodológicas dos Atlas dirigidos por Manuel Alvar, já que foi ele quem supervisionou a etapa inicial do trabalho, na década de 90.

Pelas características físicas e condições de realização, o questionário apresentou 479 questões, divididas em três grandes campos semânticos: a água, a vide e o abate de porco. Entre os problemas encontrados durante o trabalho de campo, os autores salientam a dificuldade para encontrar informantes analfabetos. Além disso, pelo fato de se tratar de populações com grande mobilidade territorial, foi difícil manter o perfil de informante sedentário. Por outro lado, para o caso das quatro grandes capitais, o perfil dos informantes também teve que ser modificado, optou-se por pessoas com estudo superior e alto nível econômico.

Nessa sessão, comentamos sobre alguns trabalhos focados na Dialetologia que serviram como base para pensar o nosso Atlas. A partir de agora, expomos os principais aportes realizados em pesquisas focadas no campo da Sociolinguística que detém o olhar para a Patagônia.

#### 4.2.1 A Patagônia nos estudos linguísticos

O trabalho de Fontanella de Weinberg (2000) resulta de consulta inevitável para quem se aproxima do campo da pesquisa sociolinguística. Dada

a ausência de um Atlas linguístico da Argentina que apresente isoglossas confiáveis para uma divisão linguística do território, a delimitação feita por regiões dialetais foi um dos grandes problemas com que lidaram as pesquisadoras. Por esse motivo optou-se pela divisão proposta por Vidal de Battini. Contudo, foi advertido que a região litoral proposta por Vidal de Battini, que inclui desde a província de Santa Fé até a Tierra del Fuego supõe um ponto discutível, dado que o território é imenso (3.000 quilômetros aproximadamente). Por isso, decidiu-se dividir essa grande região litoral em três, propondo a região bonaerense, litoral e Patagônia. Para esta última, as autoras declaram que constitui uma região particular dado que:

Si bien el habla de los sectores más cultos presenta rasgos comunes con el habla bonaerense, a medida que bajamos en el nivel socioeducacional aparecen rasgos totalmente ausentes en esa variedad, lo que se explica por el complejo poblamiento del territorio patagónico (FONTANELLA DE WEINBERG, 2000, p. 34).<sup>52</sup>

O trabalho de Virkel (2000) apresenta dados sobre uma das províncias que integram o bloco patagônico, a província de Chubut. O tipo de variações registradas é de interesse enquanto estão diretamente atravessadas pela incidência do contato dialetal, isto é, pela chegada dos imigrantes chilenos ao território *chubutense*. Ainda, comenta um isomorfismo entre o espanhol bonaerense e o padrão urbano utilizado em Chubut.

A pesquisa de Fernández (2005) realiza um aporte com foco na linguística de contato. Baseado em dados históricos, propõe uma cronologia sobre os períodos linguísticos para duas das províncias que integram a região patagônica: Río Negro e Neuquén.

---

<sup>52</sup> “Embora a fala de setores mais cultos apresente alguns traços comuns com a fala bonaerense, conforme descemos no nível socioeducacional, aparecem traços totalmente ausentes nessa variedade, o que é explicado pelo tipo de povoamento do território patagônico (FONTANELLA DE WEINBERG, 2000, p. 34, tradução nossa).

Os períodos linguísticos propostos são cinco:

- 1) línguas originárias (até 1520),
- 2) multilíngue inicial: contatos entre falantes de línguas europeias e originárias (até 1880)
- 3) multilíngue da grande imigração (até 1939)
- 4) Multidialectal (até 1960)
- 5) Estabilização das VE (*variedad estandar*<sup>53</sup>) e VNE (*variedad não estandar*) (atualidade).

Sobre a base do último período, o autor comenta de modo geral alguns dos traços mais acentuados e compartilhados com a variedade não padrão, tais como o *voseo*, o *yeísmo*, aparição de /r/ vibrante, a queda de -s em posição final.

No caso da variedade não padrão, Fernández (2005) estabelece uma diferença entre o que tem dado em chamar espanhol “apaisanado” (variedade empregada nas zonas rurais) e espanhol “mapuchizado” (dada a influência mapuche). Sobre a variedade padrão e não padrão, também Zamora Salamanca se detém a revisar, desde a Sociolinguística, os aspectos coincidentes compartilhados por essa variedade tanto no Chile como na Argentina (ZAMORA SALAMANCA, 2007).

A “Norpatagônia” é uma das categorias que ajuda Fernández a delimitar melhor o amplo território da Patagônia. Nela estão compreendidas as províncias de Rio Negro e Neuquén, e se trata de uma área que experimentou um processo de circulação onde pessoas de diferentes províncias da Argentina “fluem” para as províncias do norte da Patagônia. Grande parte desses migrantes internos que chegaram eram falantes da variedade do Litoral<sup>54</sup> e a composição desses setores era de “renda média e alta, com escolaridade média

---

<sup>53</sup> Decidimos manter os termos utilizados pelo autor para a classificação, mas sabemos que Variedade estandar poderia ser traduzido como norma padrão.

<sup>54</sup> A região Litoral compreende as províncias de Misiones, Corrientes, Entre Ríos e parte das províncias Formosa, Chaco e Santa Fe.

e superior” (FERNÁNDEZ, 2005, p. 46). Conforme os comentários do autor, essas razões servem para explicar os traços apresentados pela variedade patagônica padrão, apontando uma certa continuidade com o espanhol bonaerense.

Na hora de mencionar as outras províncias que compõem “a outra Patagônia”, Fernández comenta que das províncias de Chubut, Santa Cruz e Tierra del Fuego, apenas a primeira delas tem recebido estudos sistemáticos que tratam das variedades padrão e não padrão, processo de koineização e variedades em contato, referindo-se aos estudos desenvolvidos por Virkel (VIRKEL, 1997, 2000).

Alguns anos após a publicação que acabamos de comentar de Fernández, foi lançado o livro *Estudios lingüísticos en la Patagonia Sur* (MUÑOZ, MUSCI, 2007) com foco nos âmbitos urbano e rural de Río Gallegos. O levantamento de um e outro âmbito foi variado quanto ao número de informantes, níveis de escolaridade, bem como dos estilos estudados. Entre os objetivos, encontra-se o estudo do *yeísmo* e suas variantes, que já foram estudadas no espanhol da Patagônia por Fontanella de Weinberg e Virkel. Os resultados apontados no estudo de Río Gallegos apontam várias diferenças a respeito das caracterizações indicadas para a variedade bonaerense.

Também se apresentam dados sobre a realização de -s em seus distintos estilos. Uma vez que se compara entre as realizações para o estilo informal e formal, correspondente a leitura (lista de palavras, leitura de texto), o estudo chama a atenção sobre a alta frequência da aspiração, muito presente na comunidade estudada, e o aumento marcado da queda de -s, em final de palavra, no estilo oral.

No caso da província do nosso interesse, existem três trabalhos que, sob diversos enfoques linguísticos, têm olhado para a fala do espanhol da Tierra del Fuego. O primeiro deles, *El léxico ganadero* (VIDAL DE BATTINI, 1959) embora não forneça, segundo sua autora, um abundante fluxo, desperta o interesse a respeito das particularidades regionais dentro do léxico pecuarista do país. Na obra apresenta-se um glossário com os termos próprios registrados

na ilha, referentes a aspectos como: a fauna, os gentílicos ali utilizados – e representativos de uma porção dos moradores da ilha – tais como “galense”, “malvinero”, “chilotes”.<sup>55</sup> Ainda, acrescenta uma dezena de itens que correspondem ao léxico da região, relacionados à colonização, à fauna, ao trabalho e aos trabalhadores, à ovelha. Sobre esta última, destaca-se a descrição detalhada de todos os elementos que intervêm no trabalho da tosquia e outros com ela envolvidos.

Recentemente, Sinner (2016), em seu trabalho com foco no complexo povoamento do território patagônico, chama a atenção sobre um vazio na descrição da variedade do espanhol falado em Ushuaia, a capital da Tierra del Fuego e salienta a presença de hispano falantes de diversas regiões que moram na cidade. O autor explica que muitas vezes costuma se afirmar que as variedades da Patagônia representam um *continuum* do espanhol bonaerense. Nesse contexto, questiona a ideia da existência de uma subordinação dessas variedades a uma suposta variedade padrão – apesar de não existirem dados empíricos –.

Com o intuito de observar as variedades e usos linguísticos do espanhol de Ushuaia, Sinner (2020) iniciou uma análise das ocorrências em contextos tais como a mídia e aqueles voltados para a educação, visando constatar se as variedades do espanhol falado em Ushuaia espelham o espanhol bonaerense e o espanhol chileno, ou se eles refletem as particularidades de outras variedades. Ainda, nesse contexto, o autor objetiva corroborar a existência de prestígio do espanhol bonaerense, que domina o material didático empregado nas escolas. Para isso, serve-se de entrevistas que buscam constatar a forma como os falantes de Ushuaia percebem o modo de falar dos moradores da cidade, além do reconhecimento de características próprias dos falantes de Buenos Aires. Outro ponto considerado refere-se ao modo como são tratadas no âmbito escolar as variedades e normas existentes na comunidade.

---

<sup>55</sup> Na sequência, refere-se a pessoas que proveem do país de Gales, das Ilhas Malvinas e da Ilha de Chiloé.

Finalmente, o autor aponta sobre a necessidade de considerar esses aspectos nas pesquisas que visem o estudo da koineização.

Sinner (2016) sobre a ideia de formação de uma *koiné*, no espanhol da cidade de Ushuaia, indica ser praticamente impossível que não tenha acontecido em Ushuaia. Ainda salienta que:

Teniendo en cuenta lo que se sabe, por estudios sociolingüísticos y sobre lingüística de la migración, acerca del desarrollo de koinés y la existencia de koinés migratorias (cf. supra), es de suponer que tiene que haber ocurrido algo parecido con la lengua hablada por las generaciones de los hijos y nietos de los ushuaienses inmigrantes de primera generación. La observación de una diferencia entre la lengua de las clases alta y media, por un lado, y la clase baja, por el otro, tiene su fundamento, porque la misma divergencia social se encuentra en prácticamente todas las sociedades; no obstante, hacen falta estudios acerca de la supuesta "orientación bonaerense" de la(s) variedad(es) hablada(s) por las clases media y alta y la presunta "impronta chilena" del español ushuaiense de la clase baja (SINNER, 2016, p. 134).<sup>56</sup>

Para considerar o conceito de *koiné*, o autor refere ao conjunto de variantes linguísticas que constituem uma comunidade de fala nova, originada pela mistura de dialetos, produto dos câmbios demográficos. Nesse contexto, salienta o fato de Ushuaia ter passado de uma cidade pequena com flutuação de população, para uma cidade de "tamaño mediano" com população permanente.<sup>57</sup>

Finalmente, salientamos do trabalho de Sinner (2016) o questionamento às afirmações realizadas em trabalhos anteriores para o caso

---

<sup>56</sup> Levando em consideração o que se sabe, por estudos sociolingüísticos e sobre linguística da migração, sobre o desenvolvimento de *koinés* e a existência de *koinés* migratórias (cf. supra) é de supor que deve ter ocorrido algo parecido com a língua falada pelas gerações dos filhos e netos dos ushuaienses imigrantes de primeira geração. A observação de uma diferença entre a língua das classes alta e média, por um lado, e a classe baixa, por outro, tem o seu fundamento, porque a mesma divergência social se encontra em praticamente todas as sociedades; no entanto, são necessários estudos sobre a suposta "orientação bonaerense" da(s) variedade(s) falada(s) pelas classes média e alta e a suposta "marca chilena" do espanhol ushuaiense da classe baixa (SINNER, 2016, p. 134tradução nossa).

<sup>57</sup> Quanto aos intercâmbios populacionais entre as províncias com menos quantidade de população, principalmente nas patagônicas (PIZZOLITTO, 2006, p. 12), a mobilidade continua a ser considerável. Nos últimos anos, junto com a mobilidade, aconteceram grandes oscilações quanto ao mercado laboral (ARGENTINA, 2015, p. 6) e mudanças a nível socioeconômico, o que leva as pessoas a tomarem decisões de deslocamentos constantes.

da Patagônia, pois estas indicam que o espanhol da Patagônia costuma ser proposto junto como o espanhol de Buenos Aires, “con cuya región colinda en el norte, o se diferencia de este mencionando solo unas pocas particularidades o con restricción a determinadas capas sociales” (SINNER, 2016, p. 129).

Com vistas a descrever alguns traços linguísticos que são explicados apenas com base no contato com o espanhol do Chile (FONTANELLA DE WEINBERG, 2000; VIRKEL, 2001) consideramos pertinente incluir no nosso mapeamento os trabalhos realizados por autores como Carrillo (1969) quem comenta que, pelo “aislamiento, la zona de Chiloé, se ha conservado con más vigor que en el resto de Chile la tradición peninsular y un notable arcaísmo” (CARRILLO, 1969, p. 344). O segundo trabalho, correspondente a Rosas e Wagner (2003) com foco na precisão e distribuição real da palatal lateral no território chileno, explicam a existência de seis variantes para la /y/, fato que confirma sua frequência e permite a proposta de delimitação por áreas dialetais. Nesse contexto, lembramos o interesse que supõe para nosso trabalho esse aporte, uma vez que apresenta dados sobre a variedade do espanhol de Chiloé, lugar de onde provém muitos dos chilenos radicados na Tierra del Fuego (LORENZO, 2016).

Por outro lado, o trabalho desenvolvido por Makuc (2010) apresenta um percurso pelos principais dados levantados sobre a variação lexical, fonológica, sintática e textual no espanhol da região de Magalhães. No trabalho, a autora explica a importância de observar a composição social multiétnica dos colonizadores instalados na região que, junto com fatores geográficos e históricos, tem influenciado na fala dos moradores da região, além da influência da ilha de Chiloé, sobretudo na presença de usos verbais próprios da região. Entre outros aspectos comentados, destacamos o caso da variação fonológica na fricativização de -ch, um aspecto relevante que apareceu também nos nossos resultados. No plano lexical, a autora expõe um importante número de expressões próprias do âmbito urbano e do rural e salienta o reconhecimento, por parte dos falantes entrevistados, de uma identidade própria e um sentido de pertença à comunidade, como elemento que os diferencia do resto dos falantes do país (MAKUC, 2010).

Finalmente, em pesquisa sobre atitudes linguísticas publicada em 2011, Makuc observa a forma como os falantes da região austral do Chile, entre eles falantes da Tierra del Fuego, avaliam as falas da região. A autora aponta que os falantes julgam positivamente os usos do espanhol da região, e evidenciam um reconhecimento dos traços próprios de Magalhães, o que conduz para um fortalecimento das identidades dos moradores. Ao longo do estudo, Makuc comenta um dado interessante devido à relevância para nossa pesquisa: “en el nivel fonológico un rasgo que representa la singularidad del habla es la ausencia de variantes fonológicas socialmente estigmatizadas características del habla de baja escolaridade” (MAKUC, 2011, p. 107). Ainda, no plano lexical salientam-se expressões da fala magalhânica associadas à atividade pecuária econômica (*tumbear, carnaso, changarín, guachimán, bagual, gomería*), a aspectos da geografia (*escarcha negra, aguanieve*) e à alimentação (*churrasquear, reitimiento, baguet, chulengueada, chulengo*) (MAKUC, 2011, p. 107).

Ao longo deste capítulo foi possível observar os principais aportes realizados, no contexto dos estudos dialetológicos e sociolinguísticos, sobre o espanhol da Argentina e, em particular, sobre o espanhol da região patagônica. Nas páginas a seguir, revisamos os lineamentos metodológicos que nortearam nossa pesquisa e expomos as escolhas realizadas no decorrer do nosso trabalho.

## 5 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo apresentamos os caminhos que foram traçados, justificamos as principais escolhas que nortearam nosso trabalho, e expomos as principais alterações metodológicas, inclusive por conta da pandemia do COVID 19, conforme fomos avançando desde o projeto inicial até a elaboração do ALTDF.

A partir dos aportes revisados até o momento e ao considerar as diferentes dimensões que nortearam a pesquisa, apresentamos a seguir, as escolhas metodológicas desde as dimensões contempladas, o questionário aplicado, o perfil dos informantes até o programa de cartografiação:

**Quadro 5** - Dimensões e parâmetros do ALTDF

Dimensão	Parâmetros
Diassexual	Mulheres
	Homens
Diageracional	18 a 30 anos
	45 a 60 anos
Diastrática	Estudos de nível secundário
	Estudos de nível superior
Diatópica	Urbano
	Rural

**Fonte:** Elaboração da autora

## 5.1 OS ATLAS COMO PRODUTO

Ao nos perguntarmos pela função e os aportes dos atlas linguísticos<sup>58</sup>, precisamos remeter ao reconhecimento de que o estudo da variação linguística é factível de sistematização (CHAMBERS, TRUDGILL, 1994). E essa sistematização pode ser feita a diferentes escalas. Ao longo da literatura a respeito da Dialetologia hispânica, tem se proposto a possibilidade de elaboração de dois tipos de atlas: de grande domínio e atlas regionais.

A principal característica dos primeiros tem a ver com a possibilidade de evidenciar a necessidade de contar com uma visão de conjunto, de saber sobre uma situação dialetal que podia se ver alterada em muito pouco tempo (GARCÍA MOUTON, 1996, p. 68). Como principal dificuldade neste tipo de tarefas, sabemos que, dadas as dimensões, a rede de pontos não podia ser limitada e nem era possível fazer entrevistas em muitos lugares; ainda, o fato de ter que dar conta de aspectos culturais gerais, o questionário poderia propor apenas perguntas menos específicas. No caso do segundo tipo, os atlas regionais podem fornecer informações a respeito de aspectos dialetais e coletar dados relacionados com níveis mais aprofundados, diferentemente dos atlas de grande domínio.

Sobre os conteúdos oferecidos em todos os atlas, devemos mencionar que eles resultam em uma coleção de materiais, conteúdo esse que também poderia ser achado em coleções ou léxicos dialetais, mas se diferencia desses por apresentar importantes vantagens: clareza e evidência imediata dos fenômenos, além de garantir uma unidade técnica e a homogeneidade dos materiais, fatores que não podem ser fornecidos nos outros tipos de pesquisas mencionadas.<sup>59</sup> Nesse sentido, Coseriu salienta que um atlas não apresenta os

---

<sup>58</sup> Um estudo pormenorizado de aspectos como a monodimensionalidade e pluridimensionalidade nos Atlas foi realizado por Cardoso (2002).

<sup>59</sup> Sobre os tipos de produções de cunho dialetológico, Coseriu explica que nem os atlas linguísticos mais ricos de dados não conseguem proporcionar, em cada ponto, uma descrição

fatos isolados, mas um conjunto de falares, oferecendo, dessa forma, para cada fenômeno, uma visão espacial simultânea que permite importantes deduções de ordem histórica, geral e comparativa (COSERIU, 1955, p. 46).

### 5.1.1 Os questionários na Geografia linguística

Nos trabalhos no âmbito da Geografia linguística, define-se o questionário como um conjunto de perguntas que visam à obtenção de determinados materiais linguísticos (GARCÍA MOUTON, 1996, p. 64). Entre suas vantagens, o questionário permite reunir um núcleo comum de dados linguísticos, o que facilita a comparação dos resultados obtidos por meio de entrevistas.<sup>60</sup>

No que diz respeito ao questionário, Chambers e Trudgill (1994) explicam que a sua aplicação pode ser direta ou indireta. Quando mencionamos “perguntas diretas” fazemos referência àquelas que foram utilizadas por Edmont no trabalho iniciado por Gilliéron, como, por exemplo: “como você chama uma ‘caneca?’”.

No caso das possibilidades de elaboração das perguntas indiretas, encontramos dois grandes grupos: *naming* e *completing*. As primeiras buscam como resultado uma resposta a partir de uma pergunta enigma/charada

---

“exaustiva” da realidade da fala e, portanto, não substituem as pesquisas dialetais monográficas. Além do mais, os indícios espaciais que os mapas oferecem não substituem a documentação histórica; assim como o simples reconhecimento da distribuição das formas em um território não exclui o conhecimento das condições de vida, sociais e culturais que permeiam, e, em parte, condicionam a fala (COSERIU, 1965, p. 67, aspas do autor, tradução nossa).

<sup>60</sup> Conforme as diretrizes metodológicas da Geografia Linguística em língua espanhola, para se referir ao método de levantamento de dados com base em um questionário estruturado se opta em todos os casos por “encuesta” ou “encuesta dialectal” (MORENO FERNÁNDEZ, 1990). Por uma questão de fidelidade com o termo utilizado em português, destacamos que, mesmo havendo diferença entre “encuesta” e “entrevista” na Geografia Linguística em língua espanhola, ao longo desta tese, na versão em português, usamos o termo entrevista com o mesmo valor de “encuesta”.

para o informante. Dentro do grupo das questões *naming*, podem acontecer duas possibilidades: perguntas *talking*, que procuram obter mais de uma resposta, por exemplo: “o que se pode obter do leite?” (manteiga, queijo); ou questões *reverse*, que convidam o informante a falar mais extensamente, embora com isso se procure obter uma resposta mais concreta. Exemplo: “poderia comentar como é o processo de tosquia da ovelha?” (o inquiridor espera obter uma informação específica: tesoura de tosar/tosquiar).

O segundo grande grupo está constituído pelas perguntas *completing* que dão ao informante a possibilidade de completar uma frase ou pergunta. Por exemplo: “o senhor adoça o chá com.....?” (açúcar). Também dentro do grupo das *completing*, encontram-se perguntas chamadas de *converting*. Essas levam o informante a preencher uma sequência de frases incompletas, como, por exemplo: “a cozinheira é uma mulher que ..... diferentes pratos” (cozinha). Existe, ainda, outro tipo de classificação: perguntas onomasiológicas e semasiológicas. As primeiras têm como objetivo obter o nome do referente após fornecer ao informante a definição completa. Por exemplo: “qual palavra utilizam para falar do momento do dia em que o sol se esconde? (pôr-do-sol). Nas semasiológicas, como a palavra indica, a pergunta se constrói com base nos semas. Por exemplo, “qual o nome da corda, que a pessoa submerge, e que leva pendurados anzol? (espinel)”. Em muitos casos, esse tipo de perguntas pode ir acompanhadas de imagens, ou o investigador pode levar pequenos objetos para mostrar aos informantes e conseguir, dessa forma, o nome do referente que se busca.

Sobre a extensão, os autores têm mencionado que existem alguns riscos quando se trata de questionários extensos. Nesse sentido, Chambers e Trudgill (1994) comentam que uma entrevista muito extensa leva o pesquisador, às vezes, a ter que procurar um segundo informante, ou inclusive, a deixar entrevistas incompletas. Como podemos observar a seguir, esses aspectos foram considerados na elaboração do nosso questionário; além disso, a aplicação das questões foi testada mediante um estudo piloto.

### 5.1.2 Os informantes na Geografia linguística

Chambers e Trudgill (1994) explicam que tradicionalmente os grandes projetos de Geografia linguística têm compartilhado os mesmos critérios na hora da seleção dos informantes. Assim, além das particularidades, as discrepâncias socioeconômicas e a variedade topográfica, e pela falta de um termo estabelecido para caracterizar essa população, os autores optaram pela sigla NORMs (*nonmobile, older, rural, males*: homens rurícolas, mais velhos e sedentários) (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p. 56). A esses critérios, temos que agregar um aspecto referente ao grau de instrução: geralmente, nos primeiros projetos de atlas linguísticos, lembramos os trabalhos de Gilliéron e Wenker, optou-se por homens sem instrução.

Já nos atlas que abarcaram nos seus questionários aspectos referentes às regiões de interesse, em muitos casos, as entrevistas foram finalizadas com trabalhadores especializados, conhecedores de léxicos específicos (oleiros, marinheiros) (GARCÍA MOUTON, 1996).

## 5.2 ESCOLHAS METODOLÓGICAS DO ALTDF

### 5.2.1 Instrumentos na coleta de dados

A seguir, são apresentados os diferentes instrumentos que temos implementado na coleta de dados na nossa pesquisa.

O questionário desta tese foi constituído com base no questionário do ALARA, que, por sua vez, tinha sido inspirado no questionário do *Atlas Lingüístico de Hispanoamérica*. Alvar e Quilis (1984), autores dessa última obra, após uma série de reflexões, advertiram sobre a falta de atlas prévios na América. Na época, esse fato os levou a optar por elaborar um questionário único, contendo perguntas sobre aspectos gerais e questões válidas para todo o domínio americano de língua espanhola (ALVAR, 1996).

Acreditava-se que em etapas posteriores seria possível a indagação sobre aspectos mais específicos em cada uma das diversas regiões.

Ainda, após uma revisão do questionário aplicado para a realização do *Atlas lingüístico e etnográfico do Chile por regiões* (ALECH) consideramos a incorporação de alguns campos específicos que, pela semelhança com o tipo de atividades desenvolvidas na ilha, poderiam contribuir para um melhor conhecimento da situação lingüística atual. Esses três campos selecionados foram: (i) lã, (ii) pesca e (iii) embarcações. Após considerar a possibilidade de documentar e relevar aspectos regionais e identitários, decidimos elaborar algumas questões as quais identificamos como: (iv) específicas de Tierra del Fuego. Todos esses campos semânticos foram elaborados e organizados como questões que permitam incorporar aspectos etnográficos. Nesse viés, compreendemos a etnografia como: “una concepción y práctica de conocimiento que busca comprender los fenómenos sociales desde la perspectiva de sus miembros (entendidos como 'actores', 'agentes' o ' sujetos sociales')” (GUBER, 2001, p. 5).

Sobre a extensão, o questionário deste trabalho é visivelmente menor quando comparado com outros atlas de pequeno domínio, porém, essa dimensão mais restrita nos possibilitou realizar entrevistas completas com cada um dos informantes selecionados. A extensão dos questionários também resulta da natureza do nosso trabalho: por se tratar de uma tese de doutorado, com prazos determinados para aplicação de entrevistas, transcrição, processamento e análise dos dados, fatores somados à falta de orçamento que permitisse cobrir os gastos como a retribuição monetária para os informantes, pela disponibilização do tempo deles para a entrevista.

O questionário inicial, aplicado em entrevista piloto, constava de 325 questões, mas foi revisado com base no que foi observado no decorrer do trabalho piloto. A eliminação de algumas questões foi motivada pela falta de sentido em relação ao contexto regional da localidade. O caso mais notável foi o da pergunta correspondente ao item “paraguas” (guarda-chuvas), um objeto que, dadas as condições climáticas da ilha, sobretudo devido aos fortes ventos,

ninguém utiliza. Durante as entrevistas, alguns dos informantes comentaram que era um absurdo a formulação dessa pergunta a falantes residentes na Tierra del Fuego.

Desse modo, o questionário, que pode ser consultado na seção Apêndice B, consta de 300 questões e foi dividido da seguinte forma:

“Cuerpo humano” (85 questões); “Vestuario: prendas usadas por las mujeres” (29 questões), “prendas usadas por los hombres” (26 questões); “La familia/ la vida humana/tabú” (31 questões); “Enfermedades” (16 questões); “La casa/ Cuestiones domésticas” (30 questões); “El tiempo/fenómenos atmosféricos” (26 questões); “TDF, específicas de la islã” (18 questões); “Lana” (19 questões); “Pesca/embarcaciones” (20 questões).<sup>61</sup>

Para a coleta dos dados contamos com os seguintes instrumentos: (i) um questionário único não diferenciado, (ii) narrativa de experiência pessoal, (iii) a leitura de um texto breve, e (iv) perguntas metalinguísticas que indagam sobre as crenças e as atitudes dos falantes fueguinos.<sup>62</sup> A seguir, elucidamos os aspectos que caracterizam cada um desses grupos de questões:

**Questionário único não diferenciado.** Embora o questionário não apresente uma divisão marcada segundo questões fonético-fonológicas e semântico-lexicais, como tem sido considerado em outros atlas, após o trabalho

---

<sup>61</sup> Corpo humano (85 questões); Vestuário: roupas utilizadas pelas mulheres (29 questões), roupas utilizadas pelos homens (26 questões); A família/ a vida humana/tabú (31 questões); Enfermidades (16 questões); A casa/ aspectos domésticos (30 questões); O tempo/fenômenos atmosféricos (26 questões); TDF, específicas da ilha (18 questões); Lã (19 questões); Pesca/embarcações (20 questões).

<sup>62</sup> Essas perguntas foram reformuladas com base no questionário aplicado nas capitais de todos os países falantes de espanhol (CHIQUITO; QUESADA PACHECO, 2014). Nesse estudo, os autores abordam as crenças e atitudes dos falantes acerca de sua própria variedade e com relação ao restante de variedades do espanhol.

piloto foi possível esclarecer quais seriam as questões que iriam servir para o estudo de cada um dos níveis.<sup>63</sup>

A inclusão dos campos Pesca/ embarcações e Lã, e do campo criado *ad hoc* para indagar aspectos próprios da ilha (TDF, específicas da ilha), está relacionada ao interesse de conhecer quais daqueles campos apresentam maior variação, e saber sobre o grau de conhecimento por parte das novas gerações com relação às distintas atividades.<sup>64</sup>

**Narração de experiência pessoal.** Foi pensada, primeiramente, para obter dados de fala espontânea de cada um dos informantes. Lembrando que a conduta deles pode variar segundo se trate de fala espontânea (casual) ou formal, e do monitoramento que o falante realiza durante a produção de sua própria fala (LABOV, 1972). Por outro lado, segundo Romaine (1996), o estilo pode passar de formal a informal por várias razões, e isso pode estar vinculado ao contexto social, à relação entre os participantes, à classe social, ao sexo, à idade, ao entorno físico e ao tema.

**Leitura de um texto breve.** Permite a verificação das formas encontradas no restante da entrevista, além de fornecer alguns aspectos que podem ser estudados como formas de hipercorreção.

**Perguntas metalinguísticas.** Procuram documentar as crenças e as atitudes dos falantes fueguinos sobre a existência de aspectos próprios da variedade da Tierra del Fuego, e sobre as outras variedades presentes na ilha.

---

<sup>63</sup> Na etapa inicial do nosso projeto, empreendemos a procura dos questionários aplicados na coleta de dados do ALARA, fato que permitiria enquadrar nossa pesquisa em um estudo que desse continuidade ao que já tinha sido iniciado na Argentina. Diante da inexistência de questionários nos Documentos PREDAL, iniciamos, por meio de contato por correio eletrônico, a busca de pessoas que participaram, na época, no projeto ALARA. Dessa forma, uma das pesquisadoras envolvidas no trabalho de campo gentilmente compartilhou conosco algumas entrevistas em formato de áudios. Seguido disso, procedemos à transcrição das perguntas por ela realizadas, o que possibilitou reconstruir esse questionário, que logo serviu como base do questionário do ALTDF.

<sup>64</sup> Segundo Alves e Borges (2019) em pesquisas desenvolvidas na atualidade a respeito da presença ou da ausência de termos conceituados no mundo campesino, foi percebida uma mudança nos índices de não respostas ou de generalizações. Entre as causas, as autoras explicam que isso pode apontar que o léxico rural se encontra em vias de desaparecimento (ALVES, BORGES, 2019, p. 84).

Esse último item facilita a identificação de um possível preconceito linguístico quanto a variedades reconhecidas como mais distantes ou diferentes.<sup>65</sup>

Considerada como uma estratégia para minimizar o paradoxo do observador, o registro de fala livre pretende conseguir amostras de fala menos monitoradas, em que possam ser coletados dados e o entrevistado veja reduzida a tensão causada pela própria situação de entrevista (MORENO FERNÁNDEZ, 2011, p. 6).

#### 5.2.1.1 Decisões na consideração do estilo livre

Sobre a coleta de dados, a narrativa de uma experiência pessoal realizou-se com o intuito de contrastar com os dados recolhidos no marco do questionário e são apresentados no Capítulo 6.1. Após a realização das perguntas, quando muitos dos informantes já estavam familiarizados com a entrevista, solicitamos que contassem alguma experiência pessoal. Assim, o estilo espontâneo foi coletado a partir de três situações possíveis, indicados já em pesquisas prévias desenvolvidas na Argentina e atendendo a observação de alguns elementos paralinguísticos que caracterizam a fala espontânea, tais como a fala ofegante e entrecortada, maiores intervalos no tom de voz. Ainda, consideramos como indicadores e critérios complementares o uso de alguns giros sintáticos e de determinado vocabulário impróprio da fala formal (FONTANELLA DE WEINBERG, 1974, p. 30). A fim de organizarmos, distinguimos, seguindo a pesquisa realizada na região bonaerense de Bahía Blanca, três contextos que, por conter alguns dos elementos supracitados, serviram para análise de estilo espontâneo:

---

<sup>65</sup> Na presente tese doutoral centraremos nossa atenção apenas na análise das cartas dos campos indicados na Introdução. O restante material, coletado por meio de todos os instrumentos declarados, será analisado futuramente.

## I- O maior susto da sua vida e o que gosta de morar na ilha de TDF

Em alguns casos, em que os informantes indicaram não lembrar qual foi o maior susto das suas vidas, pedimos que contassem o que mais gostam e o que menos gostam da vida na ilha. Tentamos, em todos os casos em que eles apresentaram interesse em contar, explorar o assunto para obter mais informações.

Quando percebemos que algum desses relatos não fornecia o material esperado, seja porque o informante demonstrava pressa por acabar a entrevista ou cansaço, seja por causa da brevidade daquilo que foi contado, consideramos a seguinte situação;

## II- Fala à margem da entrevista

Em muitos casos, antes ou depois da entrevista, o informante falou de questões que estavam fora do roteiro e do questionário. Nesses casos, tentamos estimular a conversa, cientes de que esse constituía um material valioso para a coleta de dados complementares, sobretudo em casos em que percebemos algum tipo de fracasso na hora de solicitar o relato (o maior susto da sua vida e o que gosta de morar na ilha).

## III- Digressões dentro da entrevista

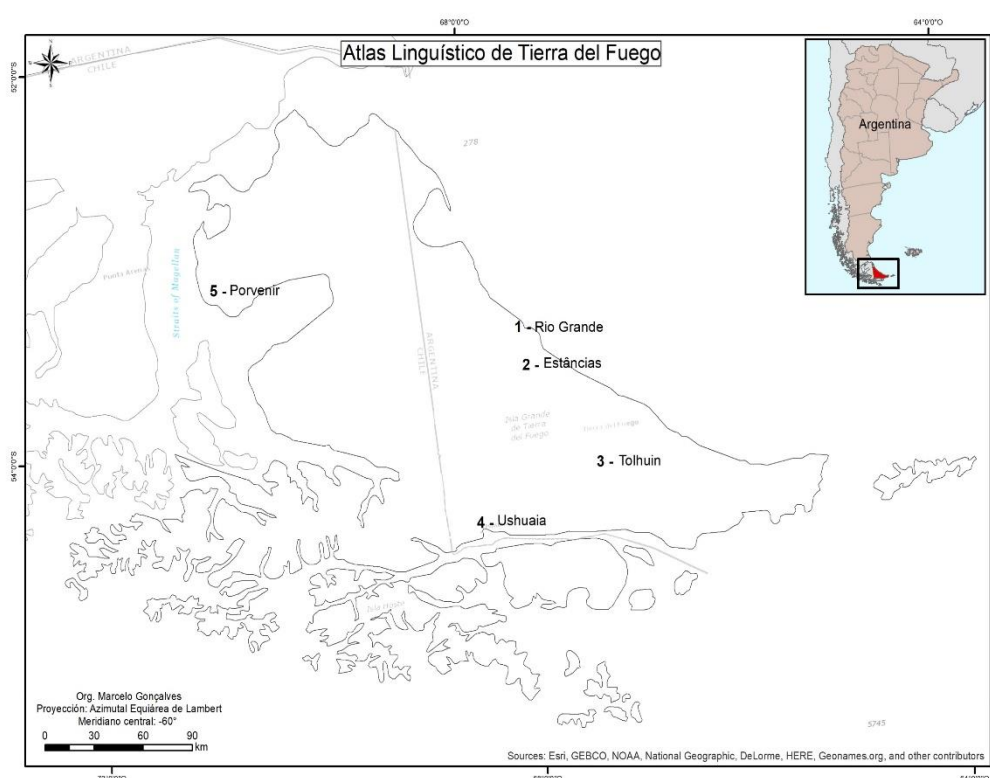
Outra forma de coletar os materiais da fala espontânea, quando I ou II fracassaram, foi por meio daquilo que o informante falou fora do estritamente perguntado no questionário, ou seja, comentários a propósito da questão, mas que não fazem parte da resposta que estávamos procurando aos fins da cartografia.

### 5.2.2 Rede de pontos

Também denominada, em espanhol, como “red de encuesta”, diz respeito ao conjunto de localidades e pontos que o pesquisador delimita para realizar os inquéritos. A rede pode ser mais estreita, isto é, incluir mais lugares,

em localidades onde o dialeto é mais interessante, ou em zonas isoladas, ou em áreas de fronteira. Ao contrário, ela pode se expandir onde se supõe que exista maior uniformidade (GARCÍA MOUTON, 1996). Como mencionado anteriormente, em um enfoque historicista, interessado mais na fala mais arcaica e em zonas afastadas dos centros de inovação, as cidades têm sido deixadas de fora, embora recentemente tenham sido incorporadas às redes de pontos.

**Figura 7-** Mapa com pontos de inquérito do ALTDF



**Fonte:** Organização de Marcelo Gonçalves com base no GEBCO

No trecho a seguir, concentramo-nos em esboçar as principais decisões que foram tomadas para o delineamento da rede de pontos desta tese, além de comentários a respeito das dificuldades experimentadas ao longo da realização do trabalho piloto e do próprio trabalho de campo.

A Ilha Grande da Tierra del Fuego apresenta uma superfície total de 21.263km<sup>2</sup>. A maioria dos seus habitantes distribui-se principalmente pelas

ciudades de Ushuaia e Río Grande-que, por sua vez, se destacam pela intensa atividade turística e industrial, respectivamente. Um contingente populacional mais reduzido, aproximadamente 3.000 pessoas, moram em Tolhuin, cidade localizada no coração da ilha. Ainda, há na ilha uma importante quantidade de vinte estâncias, com alguns poucos moradores permanentes, mas o número varia a depender da época do ano e das atividades que os convocam para o trabalho.

Inicialmente, tínhamos o objetivo de realizar entrevistas em sete pontos da ilha, a saber: Río Grande, Ushuaia, Tolhuin, Puerto Almanza, Estancias, Cerro Sombrero e Porvenir. Lembrando que os cinco primeiros pontos correspondem ao lado argentino da ilha, enquanto os últimos dois integram a parte da Tierra del Fuego chilena. Entretanto, após realizado o trabalho piloto, os pontos Puerto Almanza e Cerro Sombrero tiveram que ser revisados, pelos motivos que explicamos a seguir.

Puerto Almanza, um pequeno povoado de pescadores, foi pensado inicialmente como um ponto da rede desta tese; no entanto, desistimos de contemplá-lo pois constatamos que foi apenas a partir de 1990 que algumas pessoas, vindas de outras regiões da Argentina, começaram a se instalar no lugar. Ou seja, seria impossível achar o nosso perfil de informante: ser nascido no lugar ou ter morado ali pelo menos três quartos de sua vida.

Por outro lado, em nossa busca por informantes em Cerro Sombrero, um dos pontos considerados inicialmente para conformar nossa rede, pudemos constatar que se trata de um pequeno povoado, formado em sua maioria, de pessoas que chegaram e se instalaram nas últimas décadas, além de ser caracterizado como um importante local de trânsito de trabalhadores de empresas petrolíferas. Esse último fator, somado à presença de uma escassa população estável, levou-nos a abandonar Cerro Sombrero como ponto de nossa rede.

Por outro lado, a população rural da ilha se concentra sobretudo nas estâncias da zona norte, dedicadas na sua grande maioria ao trabalho com gado ovino. As dificuldades mais comuns que encontramos relacionam-se: (i) à

origem das pessoas que moram nas estâncias, pois muitas chegaram já com uma idade adulta, provenientes do Chile ou de províncias como Corrientes (Arg.), e às vezes de lugares com longa experiência no trabalho de tosquia, e (ii) às mudanças no sistema produtivo (redução de gado ovino e/ou abertura para o turismo da pesca esportiva), fatores que levaram a uma redução da população permanente, da equipe de trabalho e dos moradores. Dessa forma, deparamo-nos com um número reduzido de pessoas que cumpriam com os requisitos indicados no perfil selecionado: ser fueguino ou ter morado a maior parte de sua vida no lugar, e encaixar-se nas faixas etárias estabelecidas e que ainda estivesse disposto a responder a nossa pesquisa. Dada a impossibilidade de encontrar na mesma localidade os quatro informantes com o perfil delimitado, decidimos aceitar informantes que morassem ou que tivessem morado grande parte da sua vida em alguma estância do norte da ilha.

Aos motivos enumerados, somam-se as seguintes dificuldades: (i) contatar os moradores das estâncias (em muitos casos os lugares não apresentam cobertura de telefonia, nem bom sinal de comunicação) e (ii) chegar até a localidade, considerando as distâncias entre uma estância e outra. Embora inicialmente a ideia tenha sido abordar pontos rurais em que os informantes contassem com um menor nível de instrução, ou o mais baixo possível, como comentamos na página 90, no caso do ponto estâncias, tivemos que realizar uma exceção, já que nos deparamos com muitas outras dificuldades (a única mulher que pudemos encontrar que cumpria com alguns requisitos do perfil já tinha nível de escolaridade superior).

Salientamos também que as mudanças e restrições acontecidas por causa da COVID-19 a partir do mês de março de 2020 e que até novembro de 2021 foram mantidas na Argentina, fez com que os planos de voltar para o campo objetivando ampliar algumas das amostras fosse impossível.

Outro aspecto a comentar sobre os informantes do ponto Estâncias é o fato de manterem um forte e permanente contato com a cidade de Rio Grande, já que, pela cercania com “el pueblo” (modo de se referir a Rio Grande) eles realizam viagens de forma periódica, seja para o abastecimento de

alimentos ou para visitar os familiares e amigos que moram ali. Nesse sentido, a ideia do isolamento das populações rurais, tal como era concebida pela Dialetologia tradicional, passa a ser questionável na nossa comunidade de pesquisa.

Finalmente, após todo o estudo exploratório exposto nesses parágrafos, foram delimitados um total de cinco pontos: Río Grande, Ushuaia, Tolhuin, Estâncias y Porvenir (Chile). No seguinte parágrafo explicamos brevemente a motivação dessa escolha.

A eleição dos pontos Ushuaia, Río Grande e Tolhuin, do lado argentino, deu-se pelo seguinte motivo: trata-se dos únicos pontos habitados, as únicas localidades argentinas na ilha que apresentam população. O ponto Estâncias justifica-se pela necessidade de conhecer a realidade desse ambiente considerado rural. Ainda, observando a riqueza que supõe o estudo de contato linguístico e das influências intervaretais, pensamos em entrevistar o único ponto do lado chileno que apresenta as condições para nossa pesquisa e cuja população se ajusta à nossa estratificação: Porvenir. O pequeno povoado apresentou no último censo um total de 7.446 moradores e supõe um interessante aporte por se tratar de uma localidade que apresenta várias atividades compartilhadas com a população argentina fueguina, tais como circuitos culturais, como encontros de teatro e o evento conhecido como “Asado Internacional más Grande de Tierra del Fuego”, e no plano automobilístico, pelas “Carreras de la Hermandad”.

A revisão das escolhas tomadas para a delimitação da rede de pontos permitiu observar as principais dificuldades identificadas na etapa inicial de estudo exploratório e durante o trabalho de campo, bem como as características das localidades e pontos selecionados. A seguir, comentaremos sobre os aspectos referentes a seleção dos informantes.

### 5.2.3 Perfil dos informantes do ALTDF

A metodologia linguística parte do princípio de representatividade do informante: se bem escolhido o perfil, apenas um informante pode representar a fala da sua comunidade. Nas cidades, onde as diferenças sociais refletem-se com maior evidência nas formas de falar, devem ser selecionados vários perfis de informantes, contemplando: (i) os dois sexos; (ii) as diferentes idades; (iii) os variados níveis de instrução, com o intuito de representar a complexidade urbana.

No entanto, para a delimitação do perfil, torna-se necessário considerar a importância de um estudo exploratório que permita avançar no conhecimento da situação atual da comunidade e que pode servir para ajudar a propor hipóteses e determinar quais tipos de dados resultam de maior interesse. Com isso, acredita-se que esses estudos “no deben ser nunca un medio de confirmar o rechazar hipótesis, sino de descubrirlas” (MORENO FERNANDEZ, 1990, p. 56). No caso do trabalho piloto desenvolvido no início de nosso projeto, entre os meses de novembro e dezembro de 2018, esse estudo prévio permitiu comprovar informações que ajudaram a determinar o perfil dos informantes. Nesse contexto e partindo dos norteamentos da Geografia linguística, comprovamos que o requisito lugar de nascimento dos pais dos informantes (que deve ser natural da localidade) é impossível de cumprir no caso de uma província como a Tierra del Fuego, por todos os motivos que foram detalhados no capítulo Sócio-histórico (Cap. 2), pois esse fator está relacionado aos anos e às etapas de chegada dos diferentes grupos migratórios.

Cientes dessa realidade imposta pelo contexto e pelas condições demográficas da ilha, durante a etapa inicial, foram definidas as dimensões diasssexual, diageracional e diastrática. Dessa forma, o projeto, primeiramente iria privilegiar a seleção de informantes segundo o sexo, a faixa etária (faixa de 18 a 30 e de 45 a 60 anos), e o grau de escolaridade (dividido em secundário incompleto/completo e superior completo). Para as duas cidades com maior população, Río Grande e Ushuaia, consideramos um total de oito

informantes, já que nesses pontos existem há algum tempo instituições de nível superior, o que nos levou a supor que seria mais factível achar informantes com maior grau de formação. No caso dos três pontos rurais, consideramos a seleção de quatro informantes. A seguir, apresentamos uma breve justificativa sobre a eleição de cada uma das variáveis e alguns comentários a respeito dos ajustes realizados, que em todos os casos estiveram guiados pelo contexto da pesquisa.

### 5.2.3.1 Sobre o sexo

A partir da ótica da Dialetologia Pluridimensional, a incorporação da dimensão diassexual tornou-se fundamental, a fim de estabelecer uma análise comparativa das falas dos homens e das mulheres. Nesse sentido, é preciso lembrar que esses interesses provêm sobretudo do campo da Sociolinguística, disciplina que deu um grande protagonismo à variável sexo e que tem convertido essa perspectiva de análise em objeto de atenção permanente. Contudo, devemos dizer que, em reiteradas ocasiões, nos trabalhos de cunho sociolinguístico acabou-se incorrendo em preconceitos e afirmações infundadas como aquelas que antagonizam a fala dos homens à das mulheres, rotulando a fala feminina como conservadora, insegura, solidária e expressiva, e a dos homens como independente e competitiva (MORENO FERNÁNDEZ, 1998). Em qualquer caso, interessa seguir os norteamentos da Sociolinguística adotados pela Dialetologia Pluridimensional, para deter nosso olhar em possíveis relações que se estabeleçam a respeito do sexo em centros urbanos. Nesse sentido, Moreno Fernández (1998) explica:

Sin lugar a duda, el más importante de todos ellos es que las mujeres, generalmente, son más sensibles a las normas prestigiosas que los hombres, dicho de otra forma, las mujeres muestran una actitud más positiva que los hombres hacia los usos que se ajustan a la norma, a la vez que los hombres suelen ceñir sus usos a los llamados “vernáculos” y a las variedades locales con más intensidad que las mujeres (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 37).<sup>66</sup>

---

<sup>66</sup> Sem dúvidas, o mais importante de todas elas [variáveis] é que as mulheres, geralmente, são mais sensíveis às normas de prestígio do que os homens, ou em outras palavras, as mulheres

### 5.2.3.2 Sobre a escolaridade

Tanto no âmbito da Sociolinguística como em outras disciplinas interessadas no estudo da fala, foi confirmado que o nível de instrução<sup>67</sup> dos falantes atua como fator determinante da variação linguística. Nesse sentido, observou-se nessas pesquisas que aquelas variantes de maior prestígio ou que se encontram próximas da norma são registradas por pessoas com maior nível de instrução.

Embora em muitas pesquisas o nível de instrução tenha sido considerado um dos fatores que integram as classes sociais e o nível sociocultural, Moreno Fernández (1998) esclarece que estamos diante de um fator de primeira ordem que mereceria ser considerado como outra variável independente, junto a outras, tais como a idade ou o nível socioeconômico. Em contrapartida, após várias reflexões sobre trabalhos de diversos pesquisadores e de olhar para as escolhas acerca da divisão por níveis de instrução, o autor explica que são as características de cada comunidade pesquisada que irão determinar as possíveis divisões por níveis (MORENO FERNÁNDEZ, 1998).

Definir o nível de escolaridade foi um ponto que gerou dificuldades e nos obrigou a realizar uma série de ajustes. Em primeiro lugar, porque segundo o Censo de 2010, os índices indicavam um percentual de 0,68% de analfabetismo em toda a ilha (IPIEC, 2016). Em segundo lugar, nos últimos anos, a província vem realizando uma série de esforços junto com os municípios e a UNTdF (ABENDAÑO LÓPEZ, 2020) e conseguiu implementar o programa cubano de alfabetização “Yo sí puedo”, que procura diminuir os índices de

---

apresentam uma atitude mais positiva para usos que se ajustam à norma, enquanto os homens apresentam uma tendência aos usos “vernáculos” e às variedades locais com maior intensidade do que as mulheres (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 37, tradução nossa).

<sup>67</sup> Cientes das dificuldades e inconvenientes que supõe utilizar índices de estratificação, e das dificuldades, impossíveis de ocultar, dos modelos baseados em estratos (MORENO FERNÁNDEZ, 1998), além do fato da conformação demográfica de TDF, decidimos manter a denominação dada por Thun para essa dimensão “diástrática”, embora gostaríamos de esclarecer que o critério seguido se baseia no nível de escolaridade dos informantes.

analfabetismo na província. Ainda, encontramos no território em estudo uma clara política pública de incentivos para concluir a educação secundária<sup>68</sup>, bem como uma ênfase governamental especial, sobretudo no território chileno<sup>69</sup>, no incentivo da finalização dos estudos secundários pela população. Ambas as circunstâncias, o comportamento especial dos índices de escolaridade na ilha e a escassa quantidade de fueguinos que se encaixam no perfil buscado nesta tese, levaram-nos a estratificar a escolarização em nível secundário completo/incompleto. Já o segundo nível de escolaridade, superior completo, não sofreu alterações.

No caso das cidades mais povoadas, Ushuaia e Rio Grande, consideramos conveniente delimitar um total de oito informantes por localidade (sendo quatro informantes com nível secundário completo/incompleto e quatro com nível superior completo), levando em consideração a antiguidade da fundação de cada localidade e o fato de ambos os pontos de inquérito contarem com centros de educação superior há várias décadas. No caso dos demais pontos (Tolhuin, Estâncias y Porvenir), foram entrevistados quatro informantes com nível secundário completo/incompleto.

### 5.3.3.3 Sobre a idade

A idade constitui um dos fatores sociais que mais influenciam, quando não são determinantes, os usos linguísticos de uma comunidade de fala. O transcorrer do tempo na vida de um indivíduo pode modificar não apenas os

---

<sup>68</sup> Referimo-nos, no caso da Argentina, aos programas de bolsas Progresar e do programa FinEs que, entre outros benefícios, procuram garantir os direitos educativos de milhões de cidadãos de todo o país que não conseguiram finalizar seus estudos secundários.

<sup>69</sup> Os jovens chilenos que se encaixavam no perfil (faixa etária e o requisito de ter nascido na localidade) manifestaram explicitamente a preocupação dos familiares pela finalização de seus estudos. Dessa forma, mais uma vez, a realidade social com que nos deparamos nessas latitudes nos obrigou a reajustar o perfil de informante de acordo com o contexto.

hábitos sociais, mas também os comunicativos e os puramente linguísticos. Acerca das distinções entre a fala de grupos etários, e ainda considerando a falta de consenso e discussões abertas a esse respeito, interessa-nos salientar um aspecto comentado por Moreno Fernández (1998):

Durante la adolescencia, el hablante comienza a adquirir un conjunto de normas evaluadores, hasta que a los 17 o 18 años llega a ser consciente de la significación social de su propio modo de hablar y del de los demás, así como de los usos prestigiosos. La adquisición de las formas prestigiosas es tardía, mucho más en los grupos sociales con menor instrucción, de ahí que sea posible encontrar hablantes de entre 30 o 40 años de edad que aún intentan reorientar su estilo más cuidadoso -y su concepto de la norma de prestigio- hacia modelos cercanos a lo normativo (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 43).<sup>70</sup>

Nossas escolhas foram guiadas, de certa forma, pelos comentários do supracitado autor, e por esse motivo foram selecionadas duas faixas etárias. A primeira, de 18 a 30 anos, e a segunda, inicialmente selecionada na faixa de 50 a 65 anos. No entanto, mais uma vez, a realidade demográfica da ilha nos obrigou a revisar e reajustar a faixa etária do segundo grupo, conforme a explicação a seguir.

No decorrer do trabalho de campo, objetivamos averiguar a presença de pessoas maiores de 60 anos que tivessem nascido na ilha, ou que tivessem passado o período de três quartos da vida ali, com o objetivo de constatar a viabilidade de contemplar informantes maiores de 60 anos. Entretanto, isso apenas foi possível na localidade de Tolhuin, onde tivemos a oportunidade de conversar com um homem que se enquadrava nessas características. Após o diálogo, descobrimos que ele tinha 70 anos de idade, era nascido no Chile, e havia chegado na ilha aos 20 anos para trabalhar no que, na época, era um incipiente empreendimento madeireiro. A conversa permitiu com que percebêssemos em sua fala, traços próprios do espanhol chileno, tanto na

---

<sup>70</sup> Durante a adolescência, o falante começa a adquirir um conjunto de normas avaliadoras, até que aos 17 ou 18 anos fica ciente do significado social da sua própria fala e da dos outros, bem como, dos usos mais prestigiosos. A aquisição das formas prestigiosas é tardia, e ocorre muito mais nos grupos com menor instrução, nos quais é possível encontrar falantes entre 30 e 40 anos de idade que ainda tentam readequar o seu estilo mais cuidadoso -além do conceito de norma de prestígio - para modelos que estejam mais próximos do normativo (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 43, tradução nossa).

prosódia quanto nos aspectos fonéticos. Após avaliar eventos desse tipo, bem como as características da população fueguina argentina, com especial ênfase nos períodos de povoamento e as condições atuais das pessoas nascidas na ilha, decidimos reajustar a nossa segunda faixa etária, estabelecendo um máximo de 60 anos de idade. Dessa forma, as duas faixas selecionadas nesta tese foram as seguintes: 18 a 30 e 45 a 60 anos.<sup>71</sup>

#### 5.2.4 Sobre o nosso trabalho de campo

A seguir, apresentamos algumas informações quanto à execução da primeira fase de levantamento *in loco* de dados, conduzida em duas das cinco localidades da rede de pontos, e sobre o processo de entrevistas. Seguidamente, realizamos o percurso da segunda etapa, propriamente de levantamento de todos os dados.

O trabalho de campo foi completado em duas etapas, em que realizei viagens desde a cidade de Londrina para a Tierra del Fuego, voando 4.649 km em cada um desses trajetos.

O trabalho exploratório foi realizado no mês de novembro do ano de 2018, com a finalidade de testar os questionários elaborados, bem como corroborar a possibilidade de achar informantes com o perfil que estávamos procurando.

Nessa oportunidade, antes da viagem para a Tierra del Fuego, aplicamos e testamos nosso primeiro esboço de questionário com um falante chileno que morava, na época, em Londrina. Dessa forma, conseguimos descartar algumas questões que consideramos desnecessárias. Uma vez que arribamos na Tierra del Fuego, contatamos três pessoas de Rio Grande e uma de Ushuaia e conseguimos realizar as entrevistas. Essa viagem e os primeiros diálogos *in situ* possibilitaram também estreitar contato com vários moradores que comentaram acerca da possibilidade ou não de achar pessoas com o perfil

---

<sup>71</sup> Em futuras pesquisas não descartamos a consideração de outras faixas etárias que permitam contrastar com os dados expostos. Para a obtenção de dados de informantes fueguinos maiores de 60 anos e que encaixem nos demais requisitos propostos pela metodologia utilizada nesta tese acreditamos que devemos esperar, no mínimo, mais duas décadas.

procurado, nos pontos que haviam sido pensados. Foi a partir dessas informações que descartamos os pontos Cerro Sombrero e Puerto Almanza.

Ainda, a aplicação do questionário piloto, nos levou a revisar e reduzir o questionário do campo semântico “cuerpo humano” já que algumas pessoas da segunda faixa etária se mostraram cansadas e assim expressaram. O questionário mostrou ser muito extenso para elas, inclusive, uma delas pediu para deter a conversa e marcar outro encontro.

Dessa forma, após a volta para o Brasil foram discutidas algumas questões que tenham sido consideradas no ALARA, mas que achamos desnecessárias diante do fato mais relevante observado no trabalho exploratório: antes das entrevistas, muitas pessoas expressavam falta de tempo disponível para serem entrevistadas. Inclusive, muitas das que contatamos inicialmente, acabaram cancelando por terem outros compromissos. Além disso, percebemos que o ritmo de vida, a quantidade de tarefas e trabalhos que realizam, somado a exigência extra pelas características da comunidade estudada, devia ser um aspecto relevante a ser considerado ao longo de toda a pesquisa de campo. Ou seja, o tempo todo esteve presente a pressão de não “poder perder” aquele informante que cumpria com os requisitos, em vistas de que eram poucas as pessoas que conseguiam preencher os perfis procurados.

A segunda viagem foi aquela em que precisávamos voltar com todos os dados coletados, ainda sem saber que se precipitava uma pandemia em breve. Iniciamos os inquéritos no dia 18 de novembro de 2019<sup>72</sup> no ponto Rio Grande, cidade que funcionou durante toda a estadia como o ponto desde o qual iria me locomover para a realização de toda a pesquisa, estratégico quanto às distâncias a serem percorridas. Conteí, na maioria das oportunidades, com ajuda de três pessoas (minha irmã e duas amigas) que me auxiliaram durante o tempo das gravações, controlando o correto funcionamento dos aparelhos, e fazendo anotações sobre as questões a serem retomadas. Diante do fato de não existir

---

<sup>72</sup> Salientamos que a situação especial de ter tido que cursar disciplinas durante 2018 e 2019, conforme indica o Programa de Doutorado da Universidade, foi o que condicionou as datas das viagens. Também não era possível programar o trabalho de campo para o mês de janeiro ou fevereiro porque é muito comum na província as pessoas aproveitarem esses meses para sair da ilha, ir para no “Norte” a procura de calor e bom clima. Diante dessas condições acreditamos que a melhor data seriam os meses de novembro e dezembro.

meio de transporte público, além das características geográficas e as dificuldades para chegar, sobretudo nas estâncias e a Porvenir, pois o acesso é feito somente por estradas sem pavimentação asfáltica, duas das ajudantes se ofereceram como motoristas. Desse modo, no decorrer das semanas planejamos uma agenda bem-organizada, a fim de otimizar o tempo e o dinheiro das viagens e manutenção nos pontos que assim o exigiram. Porém, nem sempre foi possível cumprir com os prazos estabelecidos, dado que em três oportunidades, após contatar as pessoas que pareciam atingir nossos requerimentos, verificamos a inviabilidade de efetuar a entrevista. Em algumas ocasiões, o dia pautado para o encontro, a pessoa a entrevistar tinha sofrido um contratempo pessoal e não conseguia nos atender. Já em outros casos constatamos – após verificar por meio de troca de mensagens de WhatsApp ou ligação, algumas informações, iniciar a entrevista e o preenchimento dos dados pessoais –, que na realidade a pessoa não preenchia o perfil desejado (*i.e.* falta de denticão, ter morado mais tempo no Chile do que na Argentina). Esse tipo de inconvenientes obrigava a realizar uma série de rearranjos, considerando não apenas as condições climáticas para locomovermos (no mês de dezembro, além dos fortes ventos que podem ultrapassar os 100km/h, há regiões da ilha onde cai neve), mas sobretudo os tempos apertados das pessoas. Estávamos próximos das datas de finalização do ano letivo e da data do Natal, o que fez com que muitas pessoas alegassem não contar com tempo suficiente para participarem das entrevistas.

A última entrevista foi realizada no dia 30 de dezembro, na cidade de Tolhuin, após muitas tentativas e ligações, pois o informante encontrava-se com um familiar enfermo. Fica uma anedota, pois após bater em várias portas e conversar com várias pessoas da localidade, na hora que explicávamos as características que precisava ter a pessoa para nos ajudar com a entrevista, todos eles indicavam o mesmo nome, pois era o único que apresentava os requisitos. Dessa forma, no penúltimo dia de 2019 finalmente conseguimos o último informante que nos restava, homem da segunda faixa etária nascido nesse lugar.

Inúmeras vezes, referido como assunto problemático, o Atlas Linguístico do Amapá comenta sobre o comportamento e disponibilidade do

entrevistado. Assim, salientamos que, coincidente com o tipo de atitudes encontradas em nossos informantes, os da segunda faixa etária se mostraram mais receptivos:

Visto que em alguns inquéritos ele se apresenta tímido, indiferente e de pouca elocução e, por outro lado, há aquele que se mostra eloquente, espontâneo e muito participativo. Pelo que se observou na fala dos 40 informantes que participaram das entrevistas, os participantes da segunda faixa etária foram os que se mostraram mais receptivos, espontâneos, dispostos e, conseqüentemente, tomaram os inquéritos mais longos (RAZKY *et al.*, 2017, p. 307).

A seguir, são apresentados detalhes sobre as entrevistas, como e onde foram realizadas, bem como aspectos referidos ao tempo e contratempos sofridos durante essa etapa.

Os lugares e dependências onde foram realizados cada um dos inquéritos estiveram sujeitos a disponibilidade dos informantes: em alguns casos em que foi possível, nos receberam nas suas moradias ou nas casas onde nós estávamos hospedadas, enquanto em outros casos fomos até o lugar de trabalho deles (mercearia, galpão de estância, escola), pois só dessa forma podíamos garantir o encontro. Totalizam 300 questionamentos que, em geral, foram realizados em um tempo médio de uma a uma hora e meia, o que dependeu muito do comportamento e disponibilidade de cada entrevistado.

Com o fim de completar os dados obtidos de forma espontânea, seguindo a técnica adotada pela Dialetologia Pluridimensional e Relacional, sempre que possível aplicamos a técnica de insistência e sugestão com a finalidade de completar os dados obtidos espontaneamente. O que é indicado para investigar sistematicamente o conhecimento que possuem os falantes sobre as formas linguísticas não utilizadas por eles num discurso atual, mas que fazem parte do seu saber linguístico. Em face disso, tais falas não aparecem no mapeamento dos dados. Salientamos que em todos os casos em que foi possível obter mais informações, elas constam no reverso de cada carta, nos segmentos destinados aos comentários.

A ideia apontada pelo comitê do ALiB quanto ao “limite de insistência nas perguntas não respondidas pelo informante” (ALTINO, 2004,

p.56) esteve também presente durante nosso trabalho. Ainda, seguindo os norteamentos adotados pelo ALiB e todas as pesquisas que dele se derivam, sabemos que o inquiridor é orientado a não insistir demasiadamente para não constranger ou cansar o informante. Dessa forma, deixa-se para o final da entrevista as questões não respondidas e se utiliza o recurso da retomada, em que o entrevistador dá mais uma chance para o informante tentar se lembrar das respostas esquecidas (AGUILERA; SPAGNOLO, 2018).

Alguns informantes se mostraram dispostos a responder e expressaram ânimo em colaborar, mas houve três casos, de duas mulheres e um homem, da segunda faixa etária, que expressaram desconforto, com gestos e até com palavras, por causa da insistência ao longo do questionário e nas perguntas retomadas ao final das entrevistas, ou seja, aquelas que a pessoa não conseguia responder na ordem. Diante disso, nas três oportunidades optei por perguntar-lhes se tinham certeza de querer continuar com a entrevista, respondendo afirmativamente em todos os casos. Assim, uma vez finalizada cada uma dessas entrevistas, perguntámo-nos sobre os benefícios da insistência extrema, em um contexto exíguo de pessoas com os perfis requeridos. Novamente, é necessário refletir a respeito do extremo cuidado que deve ter o inquiridor durante todo o momento do encontro com aqueles que se predispõem a colaborar.

### 5.3 PROCESSAMENTO DOS DADOS

A tarefa não se esgota após finalizado o trabalho de campo. Pelo contrário, a etapa seguinte requer uma transcrição, organização e posterior análise de um grande montante de dados que devem ser cartografados.

Cientes da amplitude e da abrangência dos mapas e da cartografia, nos parágrafos seguintes vamos nos deter em uma breve explanação do tipo de mapas que se costuma apresentar nos atlas linguísticos

e um detalhamento sobre as ferramentas que utilizamos para a análise e a cartografia dos dados desta tese.

De modo geral, podemos afirmar que a forma de transferir os dados para os mapas linguísticos fornece possibilidades de leituras ao consulente, tais como o vínculo entre a história de determinada língua e os fatores geográficos e geopolíticos de determinado território. Dão indícios da procedência do que se concebe como “inovação” a partir de alguns centros (COSERIU, 1955) e também auxiliam na delimitação das difusões (com base em limites físicos, políticos ou simbólicos).

Existem dois grandes tipos de mapas linguísticos: expositivos e interpretativos. Chambers e Trudgill (1994) explicam que os primeiros, além de serem os mais comuns de encontrar em qualquer atlas linguístico, oferecem as respostas tabuladas em uma unidade concreta em um mapa; a tabulação é proposta em uma perspectiva geográfica (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994). De outro modo, os interpretativos apresentam a distribuição das variantes predominantes em uma região em relação a outra. Nesse sentido, esse último aparece com maior frequência naquelas pesquisas que tomam como fonte primordial dados referentes a um projeto de Geografia dialetal.

### 5.3.1 Ferramentas utilizadas

Após a obtenção das gravações, realizadas com o gravador Sony PX440 *Digital Voice Recorder PX*, os áudios foram recortados por meio do *software* de livre acesso *Audacity 1.3.5*. Com o objetivo de garantir o máximo de confiabilidade de nossas transcrições fonéticas fizemos uso do *software* de livre acesso PRAAT, cujos oscilogramas e espectrogramas serviram para elucidar as dúvidas que se suscitaram, a fim de transcrever as realizações com maior riqueza de detalhes. Como durante as entrevistas foram tomados todos os cuidados necessários, a qualidade dos áudios das gravações está aceitável.

### 5.3.2 Cartas linguísticas e representação cartográfica

Para o processamento de nossos dados, vamos nos servir do programa [SGVCLin] (Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas), uma ferramenta computacional que tem como objetivo principal facilitar ao usuário o processo de consulta ao material linguístico salvo em uma base de dados geral:

O SGVCLin consiste em uma ferramenta computacional inovadora projetada para fornecer uma interface simples que permita o armazenamento de dados geolinguísticos e posterior geração de cartas linguísticas por meio de consultas ao banco de dados. Além disso, o software permite a criação de grupos de questões por usuário e a geração de relatórios pautados por diferentes variáveis, bem como a criação de cartas bidimensionais: diatópica/diassexual e diatópica/diageracional, além de cartas de isoglossas (ROMANO; SEABRA; OLIVEIRA, 2014, p. 128).

Dado o fato de o programa SGVCLin permitir apenas o cruzamento de duas variáveis, as cartas podem apresentar algumas possibilidades de distribuição. Em todos os casos, essa informação consta embaixo da “Legenda” onde se apresentam as variantes.

A seguinte afirmação, feita pela equipe de pesquisadores do projeto ALiB, esclarece o motivo pelo qual optamos pela cartografiação e mapeamento de todas as respostas:

Desse modo, hoje, busca-se, acima de tudo, a possibilidade de obtenção de múltiplas respostas e alternativas a partir de um mesmo conjunto de dados, aliando-se aos requisitos básicos que conferem o grau de qualidade das cartas, outros fatores que, atualmente, têm grande peso nas decisões que envolvem a escolha de técnicas e métodos de levantamentos para a geração e atualização de bases cartográficas (custo baixo, rapidez na execução e retorno rápido e eficiente tanto das informações, quanto dos investimentos feitos) (TELES, RIBEIRO, 2006, p. 215).

Nossa tarefa esteve pautada em expor a distribuição diatópica das variantes em cartas geolinguísticas. Para isso, apresentamos em alguns casos a primeira resposta e, em outros, todas as variantes registradas (o que foi

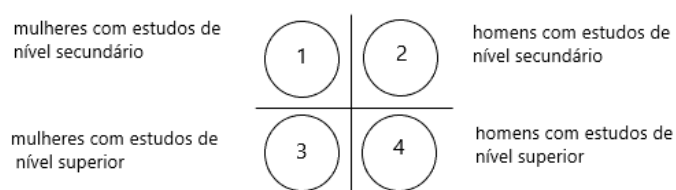
chamado de mapa de “coocorrência total” (ZIMMERMANN, 2010, p. 169) e com ocorrências lexicais estratificadas.

Seguimos, na nossa classificação, a proposta realizada por Montes Giraldo (1987) a respeito dos mapas linguísticos. Assim, são apresentados três tipos de mapas: i) analíticos: em cada ponto se transcrevem as respostas da forma como estas foram coletadas; ii) sintéticos: eles são produto de uma análise prévia e reúne fenômenos que se dão de modo igual ou similar em certas regiões, e iii) mistos: trata-se de um mapa intermediário entre o analítico e o sintético. Emprega símbolos ou cores próprios para cada variante, o que permite observar a resposta em cada localidade, porém não permite conhecer em detalhe a sua forma fonética.

A seguir, explicamos como estão distribuídas as variantes:

#### Nível de instrução e sexo

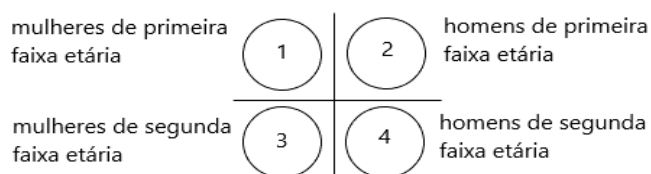
As cartas lexicais e fonéticas apresentam a distribuição das variantes considerando o nível de instrução e o sexo dos informantes. Para representar o perfil dos informantes, adotamos o diagrama em formato de cruz. Do lado esquerdo da cruz, encontram-se os dados referentes às mulheres e do lado direito, os dados relativos aos homens. Na parte superior da cruz, localizam-se os informantes com nível de instrução secundário; dessa forma, em todos os pontos, a parte superior da cruz estará preenchida. Apenas nos pontos urbanos, Rio Grande e Ushuaia, onde foi possível encontrar informantes com o nível de escolaridade superior completo, estará preenchida a parte inferior da cruz com os dados dos informantes com ensino superior completo.

**Figura 8-** Distribuição segundo sexo e escolaridade

**Fonte:** Elaboração da autora

### Sexo e idade

As cartas lexicais e fonéticas apresentam a distribuição de variantes por sexo e faixa etária. Para representar os informantes, novamente adotamos o diagrama de cruz. Do lado esquerdo da cruz, situam-se os dados referentes às mulheres da primeira faixa etária e do lado direito, os dados relacionados aos homens da primeira faixa etária. Na parte inferior do lado esquerdo, encontram-se os dados relativos às informantes do sexo feminino da segunda faixa etária e, do lado direito, os resultados obtidos a partir da fala dos homens dessa mesma faixa etária.

**Figura 9-** Distribuição segundo sexo e idade

**Fonte:** Elaboração da autora

Em resumo, temos apresentado um esboço de cada uma das escolhas realizadas quanto às decisões metodológicas do ALTDF. No seguinte capítulo, focalizamos nas análises realizadas sobre uma seleção de cartas fonético-fonológicas e semântico-lexicais.

## 6 TRAÇOS DO ESPANHOL FALADO EM TIERRA DEL FUEGO

Neste capítulo são expostas as análises fonéticas e lexicais, realizadas com base nos dados reunidos nos 5 pontos escolhidos para nossa pesquisa. Alguns dos fatos aqui abordados foram também estudados por outros pesquisadores, interessados pelos mesmos processos em outras comunidades falantes de espanhol, o que nos permite um aprofundamento e uma melhor compreensão a respeito dos processos fonético-fonológicos e semântico-lexicais analisados.

### 6.1 CARTAS FONÉTICO-FONOLÓGICAS

Na sequência, são apresentados os resultados correspondentes a realização das variantes de [s] em coda silábica ordenada segundo os diferentes estilos (estilo entrevista, estilo espontâneo, estilo leitura de texto), a realização dos grupos consonantais cultos e ao fenômeno do *yeísmo*.

#### 6.1.1 Análise de /S/ em coda silábica

##### 6.1.1.1 Estilo entrevista

A presente análise versa sobre o conjunto de cartas (p. 31, 35, 39, Tomo II) que visam averiguar dados de natureza fonético-fonológica, com o intuito de conhecer sobre o uso das diferentes variantes da sibilante fricativa alveolar surda em coda silábica.

A presença da fricativa alveolar surda tem recebido muita atenção nos estudos sobre o espanhol. De modo geral, é possível afirmar que podem acontecer três variantes a partir de: i) a realização ['fosforo], ii) a aspiração ['fo<sup>h</sup>foro], e iii) a elisão/apagamento ['foforo]. A seguir, frisamos alguns das principais colocações que diferentes estudiosos têm aportado.

O processo fonético-fonológico conhecido como aspiração supõe um dos aspectos mais importantes de variação dialetal em espanhol (HUALDE, 2014).<sup>73</sup> Trata-se de um fenômeno variável, pois o mesmo falante pode pronunciar a forma aspirada em determinado momento da conversa e, em outro momento, apresentar a queda total da sibilante. A depender do contexto em que seja produzida a fala, formal ou informal, a sibilante terá ou não probabilidades de queda ou aspiração. Ou seja, de modo geral, quanto mais informal for o contexto, maior probabilidade desses fenômenos acontecerem. No *Manual de Fonología*, Hualde (2014) afirma que tal fenômeno está sempre acompanhado de variação. Por uma parte, a aspiração é social, pois existe maior debilitamento em contextos informais e em falantes com menor escolarização, e por outro lado é fonológica “siendo más frecuentes en algunos contextos fonológicos que en otros” (HUALDE, 2014, p. 157).

Por sua parte, Quilis (2010) explica a respeito da aspiração em muitas zonas da Espanha e de Hispanoamérica:

Cuando el fonema /s/ se encuentra en posición silábica postnuclear, no se pronuncia como [s], sino que: a) se aspira, realizándose como una fricativa laríngea o faríngea, [h]: [dóh] *dos*, [éhte] *este*, [péhka], *pesca*, [míhmo] *mismo*, [ehtámohkansáoh] *estamos cansados*, etc. (QUILIS, 2010, p. 55).<sup>74</sup>

São inúmeras as pesquisas desenvolvidas em diferentes latitudes que descrevem este fenômeno e explicam acerca do enfraquecimento ou debilitamento de /S/. Algumas delas têm se dedicado ao estudo da situação no norte e sul da península (LLORENTE MALDONADO, 1962; MOLINA

---

<sup>73</sup> Embora corresponda a uma abordagem com relação à sibilante em final de palavra, ao falar da aspiração no espanhol de Buenos Aires, Terrell salienta que se trata de um processo universal, para nada exclusivo do espanhol, nem menos da variedade de Buenos Aires: “Es importante reconocer que este sistema de transcripción es en sí mismo una hipótesis de que la selección particular del porteño es entre sibilante, fricción glotal y elisión, y que los detalles fonéticos de esta selección son una consecuencia automática de procesos asimilatorios universales, que no son particulares del español ni mucho menos del dialecto porteño” (TERRELL, 1987, p. 43).

<sup>74</sup> Quando o fonema /s/ ocorre em posição pós-nuclear silábica, não se pronuncia como [s]. Ele se realiza de forma aspirada, realizando-se como uma fricativa laríngea ou faríngea, [h]: [dóh] *dois*, [éhte] *este*, [péhka], *pesca*, [míhmo] *mesmo*, [ehtámohkansáoh] *estamos cansados*, etc. (QUILIS, 2010, p. 55, tradução nossa).

MARTOS, 2006), enquanto outras focaram-se nas variedades do espanhol falado na América (RUIZ SÁNCHEZ, 2004; ORTIZ LIRA, MENA FLORES, 2015).

A seguir, expomos alguns dos trabalhos que foram realizados no território argentino sobre o referido processo, mas por se tratar de estudos desenvolvidos a partir de outras escolhas metodológicas, torna-se difícil estabelecer uma comparação rigorosa. Dessa forma, são trazidos apenas para observar os elementos que estiveram implicados, bem como a consideração das variáveis extralinguísticas envolvidas.

Acerca da realização de [s],<sup>75</sup> nos estudos aplicados na Argentina, podemos mencionar que tem recebido atenção tanto no contexto de coda silábica interna como em final de palavra. Os resultados diferem bastante conforme cada um dos contextos, interno ou externo. Aqui salientamos que são abordados apenas aqueles concernentes ao fenômeno em coda silábica interna.<sup>76</sup> No estudo dialetológico considerado pioneiro no território argentino, Vidal de Battini (1964) indicou que entre as principais características da região Litoral -dentro da qual se encontrava a Patagônia- a presença da sibilante era uma marca das classes cultas, enquanto que existia uma “tendencia a la aspiración en final de sílaba y pérdida muy acentuada en la pronunciación del vulgo” (VIDAL DE BATTINI, 1964, p. 76).

Sobre os dados coletados por Terrell (1978) na pesquisa sobre o espanhol *porteño*,<sup>77</sup> a retenção da sibilante em posição pré-consonântica resultou ser de 12%, enquanto a aspiração teve uma frequência de 80% e a

---

<sup>75</sup> Esclarecemos que quando se trata de citações diretas de outros autores, o leitor encontrará, em muitos casos, a representação do fonema.

<sup>76</sup> Com a previsão de observar a realização de /S/ em final de palavra, nosso questionário esperava, a partir da realização da questão 73, a resposta “los intestinos”. Porém, não obtivemos uniformidade nas respostas dos informantes, já que muitos deles responderam apenas “intestino”.

<sup>77</sup> A pesquisa foi desenvolvida com 24 informantes de estrato médio-alto de Buenos Aires, no contexto do projeto intitulado “Proyecto del estudio coordinado de la norma lingüística culta de las principales ciudades de Iberoamérica y de la -Península Ibérica” (TERRELL, 1978).

elisão, de um 8%. O autor esclarece que o processo de elisão no espanhol de Buenos Aires parece estar nas primeiras etapas de implementação, de qualquer forma, a elisão supõe um índice menor que aquele encontrado nos dialetos do Caribe. Sobre a incidência do contexto fonológico no caso da aspiração, o pesquisador salienta que:

En la investigación presente se encontraron distintos niveles de aspiración, y aunque es posible que el contexto fonológico contribuya a su intensidad, es más probable que el nivel específico sea determinado por la fuerza articulatoria del hablante en el instante de producir cada palabra de modo individual (TERRELL, 1978, p. 64).<sup>78</sup>

Por sua parte, alguns anos depois, Donni de Mirande (1996) indicou que a realização da sibilante “varía en cada región según la estratificación social y el registro del discurso” (DONNI DE MIRANDE, 1996, p. 213). Já no caso de Fontanella de Weinberg, no seu texto de 2000<sup>79</sup> explica que:

La realización de /s/ es en el ámbito urbano una sibilante de timbre siseante, similar a la bonaerense. En el ámbito rural, y sobre todo en los niveles socioeducacionales más bajos se oyen realizaciones de timbre ciceantes, conservación, probablemente, de realizaciones similares existentes en territorio chileno, ya que estos pobladores son en su amplia mayoría de ese origen. En cuanto a la /s/ final de sílaba y palabra, se aspira generalmente en posición preconsonántica [káhko] “casco”, [dehde] “desde”, [lah kosa<sup>s</sup>] “las cosas” (FONTANELLA DE WEINBERG, 2000, p. 214).<sup>80</sup>

---

<sup>78</sup> Nesta pesquisa foram encontrados diferentes níveis de aspiração e, embora o contexto fonológico possa contribuir para a sua intensidade, é mais provável que o nível específico seja determinado pela força articulatória do falante no instante de produzir cada palavra de modo individual (TERRELL, 1978, p. 64, tradução nossa).

<sup>79</sup> Na obra de Fontanella de Weinberg (2000) são realizados alguns comentários sobre a situação da sibilante em coda, em particular sobre o timbre ciceante próprio do âmbito rural. Nos referimos à realização da fricativa interdental surda [θ]. Trata-se de um fenômeno que, da mesma forma que o seseo, tem recebido especial atenção por parte dos estudos fonéticos e dialetais (RAMÍREZ QUESADA, 2019).

<sup>80</sup> A realização de /s/ é no ambiente urbano um sibilante de timbre siseante, semelhante à bonaerense. No âmbito rural, e sobretudo nos níveis socioeducacionais mais baixos se ouvem realizações de timbre ciceantes, conservação, provavelmente, de realizações similares existentes em território chileno, já que estes povoadores são em sua ampla maioria dessa origem. Quanto à /s/ final de sílaba e palavra, é geralmente aspirado em posição pré-consonântica [káhko] "casco", [dehde] "desde", [lah kosa<sup>s</sup>] "las cosas" (FONTANELLA DE WEINBERG, 2000, p. 214, tradução nossa).

Por fim, no estudo realizado em Río Gallegos -capital de Santa Cruz, uma das províncias que integram a região patagônica- Muñoz e Musci (2007) indicam que existe uma tendência ascendente para o “mantenimiento de la [s] según se eleva el nivel de escolaridad y se hace más formal el estilo” (MUÑOZ; MUSCI, 2007, p. 39).

Nossa primeira análise fonética versa sobre a realização do [s] em coda silábica precedendo a fricativa labiodental surda [f]. Em seguida, abordamos a realização de [s] em contato com a oclusiva velar surda [k] e a nasal bilabial sonora [m].<sup>81</sup>

#### 6.1.1.1.1 Carta fonética 12- Fósforo

A carta F12 *fósforo* permite observar o comportamento da sibilante precedendo a fricativa labiodental surda. Entre as variantes, verificamos que o apagamento foi a mais produtiva, enquanto as outras duas aspiradas - fricativa glotal surda e sonora- tiveram menor ocorrência, como podemos observar no quadro a seguir. Comprovamos aqui a presença de diferentes níveis de aspiração, fato também comentado por Terrell (1978). A seguir, o Quadro 5 apresenta a distribuição das variantes com suas respectivas porcentagens:

---

<sup>81</sup> Inicialmente, o projeto procurava controlar /S/ em coda silábica em contexto adjacente com duas consoantes surdas (fricativa labiodental surda [f] e oclusiva velar surda [k]) e duas sonoras (nasal bilabial sonora [m] e fricativa dental sonora [ð]). Esperava-se a realização de [ð] no item *desdentado*, porém os resultados foram diferentes: os informantes forneceram diferentes respostas para a questão, o que resultou em uma carta lexical levando em consideração a produtividade lexical.

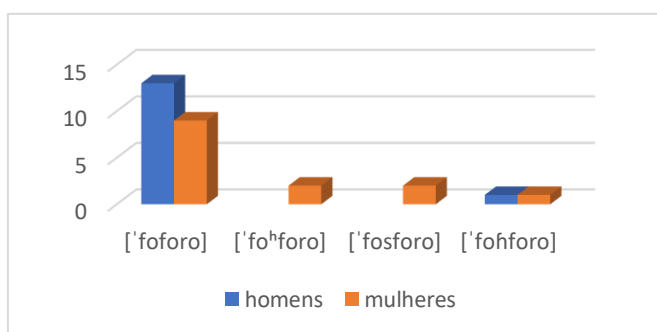
**Quadro 6-** Variantes de *fósforo* com porcentagens

Variante	Nº de ocorrências	%
[ˈfoforo]	22	78.57%
[ˈfo <sup>h</sup> foro]	2	7.41%
[ˈfosforo]	2	7.41%
[ˈfohforo]	2	7.41%

**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

É possível observar que a variante apagamento da sibilante é a mais produtiva no falar de homens e mulheres. No entanto, verificamos que os homens apresentam mais ocorrências do apagamento enquanto as mulheres, da realização e da aspiração da sibilante.

**Gráfico 1-** Distribuição das variantes segundo o sexo



**Fonte:** Elaborado pela autora com base nos dados coletados para esta tese

A seguir, apresentamos os resultados para a lexia *asma*.

6.1.1.1.2 Carta fonética 10- Asma

Na carta F10, correspondente à unidade *asma*, visualizamos o encontro entre a sibilante e a bilabial nasal sonora [m]. Foram contabilizadas 27 respostas e apenas uma não resposta. Como podemos observar na transcrição

fonética mais detalhada,<sup>82</sup> em muitos casos percebe-se que existe um alongamento vocálico.<sup>83</sup>

Quanto à faixa etária e ao sexo não foram observadas grandes diferenças, todavia, das três ocorrências da sibilante, duas delas foram produzidas por mulheres. No caso do grupo com maior nível de escolaridade, percebe-se a presença da variante [ˈasma]. Outras duas ocorrências desta mesma variante foram produzidas por um homem e por uma mulher no ponto rural 3 (Tolhuin).

#### Quadro 7- Variantes de *asma* com porcentagens

Variante	Nºde ocorrências	%
[ˈahma]	22	81.48%
[ˈasma]	3	11.11%
[ˈafma]	1	3.70%
[ˈahma]	1	3.70%

**Fonte:** Elaborado pela autora com base nos dados coletados para esta tese

#### 6.1.1.1.3 Carta fonética 08- Casco

A carta F08 (Tomo II, p. 31), correspondente ao item *casco*, permite observar o comportamento da sibilante diante da plosiva velar [k]. Sua escolha -e não das outras duas (*cosquillas* e *descalzo*) que apresentam o mesmo contexto, mas que mostram a presença absoluta de aspiração- deu-se pela

---

<sup>82</sup> Conforme transcrições apresentadas no Tomo II, p. 36.

<sup>83</sup> O fenômeno conhecido como *alargamiento vocálico compensatorio* recebeu importante atenção nos estudos do espanhol de Cuba (HAMMOND, 1986) refere-se a uma hipótese proposta por Hammond segundo a qual o *alargamiento vocálico compensatorio* é resultado da elisão de /s/ no espanhol cubano.

No caso das pesquisas desenvolvidas na Argentina, os estudos mencionados não focaram no debilitamento de /-s/ implosiva como associado a efeitos sobre as vogais.

ocorrência de uma única exceção,<sup>84</sup> a realização da sibilante ['kasko]. No caso da aspiração, flutua entre as variantes glotais surda e sonora. Dessa forma, contamos com 23 ocorrências da variante ['kaɦko] e quatro da variante ['kaʰko].

Ao falar de aspiração, devemos lembrar a preocupação que tem existido para determinar se ela é surda ou sonora. No seu texto, o estudioso espanhol Martínez Celdrán (2016) explica que, embora historicamente tenha existido a crença, sobretudo em algumas das antigas definições sobre aspiração, de que se trata de um fenômeno surdo, diversas evidências proporcionadas pelo uso dos programas para leitura de oscilogramas fornecem argumentos suficientes para refutar a consideração da aspiração ser surda. Dessa forma, o autor explica que a aspiração sonora pode ocorrer e, embora não esteja em condições de propor sua sistematicidade, há evidência de realizações que de forma aleatória e casual podem ser encontradas (MARTÍNEZ CELDRÁN, 2019, p. 16). Ainda, agregamos que em um dos exemplos fornecidos pelo autor, a aspirada sonora ocorre diante de contexto surdo, fato também documentado por Luna (2014) para o espanhol de Puerto Rico:

Las descripciones tradicionales documentan una aspiración sonora solo antes de consonante sonora como resultado de la asimilación de sonoridad que ocurre con /s/ en este contexto, incluso en dialectos que no aspiran. En el español de Puerto Rico, este alófono sonoro se manifiesta independientemente de la función de los pliegues o cuerdas vocales en el segmento que le sigue: ['aʃta]→['aɦta]" (LUNA, 2014, p. 111).<sup>85</sup>

Dessa forma, contamos com algumas evidências e indícios para apontar futuras pesquisas, além de observar que os resultados comentados para Tierra del Fuego encontram eco nos resultados dos autores citados.

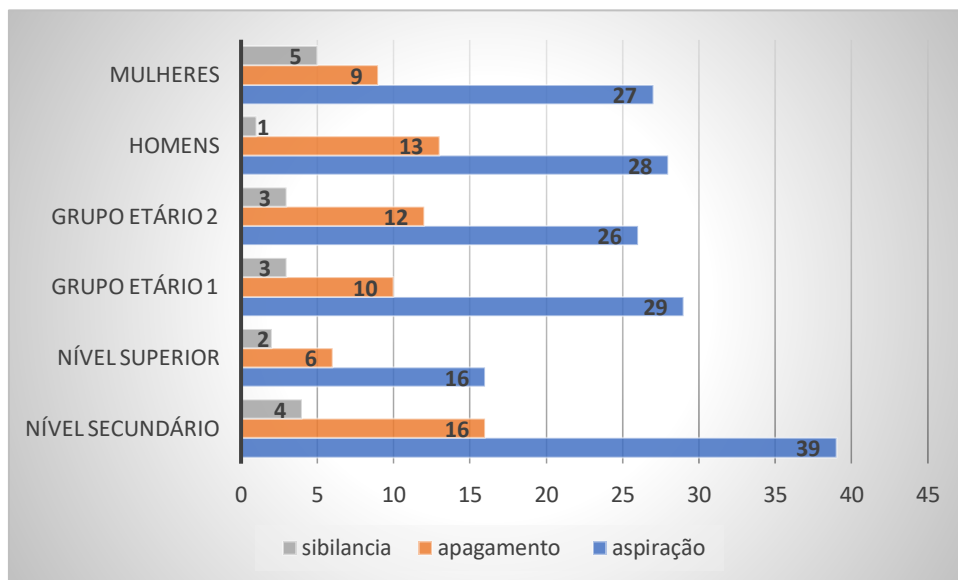
---

<sup>84</sup> Tudo indica que essa única ocorrência da sibilante ['kasko] poderia ser o resultado de monitoramento conforme avançávamos com as perguntas do questionário. Salientamos, ainda, que a informante pertence ao grupo com alto nível de escolaridade.

<sup>85</sup> As descrições tradicionais documentam uma aspiração sonora apenas antes de consoante sonora como resultado da assimilação de sonoridade que ocorre com /s/ neste contexto, mesmo em dialetos que não aspiram. No espanhol de Puerto Rico, este alófono sonoro se manifesta independentemente da função das dobras ou cordas vocais no segmento seguinte: ['aʃta]→['aɦta] (LUNA, 2014, p. 111 tradução nossa).

A seguir, observamos em detalhe as variáveis extralinguísticas de maior influência em cada uma das variantes:

**Gráfico 2-** Distribuição das variantes de /S/ por variáveis extralinguísticas



**Fonte:** Elaborado pela autora com base nos dados coletados para esta tese

O enfraquecimento de /s/ concorda com os estudos que afirmam que, há séculos, opera uma mudança de enfraquecimento de /s/ implosiva, com diferentes características a depender da geografia hispânica (MOLINA MARTOS, 2006, p. 138). Em nosso estudo, pudemos verificar que a aspiração, seja surda ou sonora, de modo geral, ocorre de igual forma tanto no falar dos homens quanto no das mulheres, bem como entre os mais jovens e os informantes de maior idade. Já no caso da comparação por nível de escolaridade, além de considerar que a amostra não está equilibrada por causa das discrepâncias quanto ao número de informantes selecionados para cada localidade, devemos observar que entre o grupo de informantes com nível de escolaridade alta a aspiração evidencia um interessante número de realizações.

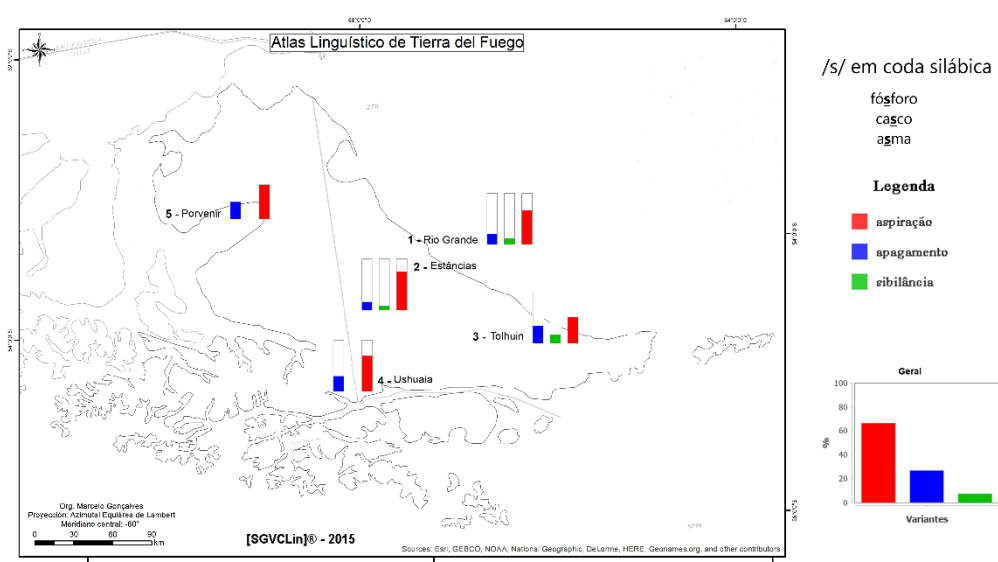
Tal como afirmam outras pesquisas sobre a presença da variante de maior prestígio [s] e seu predomínio entre as mulheres, observamos que, efetivamente, está estendido seu uso no grupo feminino. Quanto às

preferências por essa variante entre os grupos etários, verificamos que não há diferenças entre os mais jovens e os informantes de maior idade.

O apagamento da sibilante foi mais frequente entre os homens, o grupo de informantes de maior idade, além de marcada presença entre os informantes com nível de escolaridade alto.

A seguir, observamos em uma carta sintética as realizações de /S/ em coda silábica:

**Figura 10-** Carta sintética /S/ em coda silábica



Fonte: ALTDF. Tomo II, p. 41

No contexto analisado a partir dos três itens<sup>86</sup>, a carta sintética possibilita visualizar a total ausência de sibilância nos pontos 04 e 05, Ushuaia e Porvenir, fato que resulta de relevância para avançar na nossa análise. Por enquanto, nos permitimos uma pergunta que tem a ver com a história do

<sup>86</sup> A elaboração e análise dessa carta esteve motivada pelo interesse em observar os tipos de realizações que, de modo geral, foram documentados em cada um dos pontos, uma vez que chama nossa atenção a ausência de sibilância em algumas localidades. Porém, alguns esclarecimentos devem ser realizados, pois os contextos adjacentes (*fósforo*, consoante seguida de fricativa labiodental; *casco* consoante seguida de plosiva velar; *asma*, consoante seguida de nasal bilabial) não são equivalentes nem podem ser realizadas generalizações.

espanhol do Chile e dos movimentos migratórios. Em especial, nos referimos à influência que desde o século XVI tem recebido o espanhol chileno, (CONTRERAS, 2007) da variedade andaluza, destacada pelo traço linguístico da aspiração. Ainda, salientamos os aportes realizados por Carillo (1969) a respeito da situação linguística em Chiloé (lugar de procedência da maioria dos migrantes que chegaram a Tierra del Fuego) e da marcada conservação da tradição peninsular. A partir dessas considerações, acreditamos que, além de poder avançar na nossa análise, é possível pensar em futuras pesquisas que, sobre uma base maior de dados, indaguem sobre o fenômeno da aspiração.

#### 6.1.1. 2 Estilo espontâneo

Como indicado em 5.2.1.1, as diversas situações com cada um dos entrevistados levaram-nos a tomar a seguinte decisão quanto a forma de analisar e tabular os dados, optamos por examinar cinco minutos da fala espontânea de cada informante, o que deu como resultado a obtenção de 1711 realizações de /S/.

Os dados apresentados nos Quadro 7 evidenciam a distribuição das variantes [s], [h], [∅], quando realizadas em final de sílaba (*descubierta*) ou de palavra (*peones*). Além disso, não foram consideradas as escassas realizações de grupos consonantais (em palavras como *instancia* ou *extraño*), e nem os casos em que a consoante seguinte era /s/ (ex., *más seguido*, *muchas centollas*).

Quanto a realização de -s segundo os diferentes estilos, Blas Arroyo (2004) explica que a variação fonológica<sup>87</sup> se encontra condicionada a fatores linguísticos, sociais e estilísticos, geralmente nessa ordem de relevância.

---

<sup>87</sup> O autor esclarece que, na prática sociolinguística, a variável fonológica costuma ser considerada como o segmento fonológico subjacente, enquanto as realizações “de superfície”, ou seja, suas variantes, constituem o conjunto de equivalência. Porém, comenta que uma caracterização deste tipo expõe algumas dificuldades relacionadas com o fato de os limites de uma variável fonológica pode ser que não correspondam exatamente com os limites de um fonema (BLAS ARROYO, 2004, p. 39).

Ao pensarmos nos fatores linguísticos lembramos que se referem às pressões internas do sistema linguístico, e podem ser de três tipos:

- a) distribucionales, los cuales afectan a la posición en que aparece la variable objeto de estudio en el seno de la cadena hablada (posición inicial, intermedia o final de sílaba, palabra...);
- b) contextuales: dan cuenta de los elementos que aparecen en el contexto contiguo —previo o siguiente— del segmento fonológico analizado; y
- c) funcionales: aluden a la naturaleza gramatical de la variable (función gramatical, clase de morfema, etc.) (BLAS ARROYO, 2004, p. 44).<sup>88</sup>

Se a análise das respostas obtidas ao longo do questionário, que resultaram nas cartas fonéticas recém apresentadas, permitiram observar aspectos referentes aos fatores distribucionais e contextuais, com a análise dos traços obtidos do estilo livre, esperamos obter informações quanto aos aspectos distribucionais de /S/, a fim de complementar os anteriores. Além disso, acreditamos que esses dados e os obtidos na leitura de texto apórtem informações quanto à variação diafásica.

Das 1.711 ocorrências registradas, 1.366 (80%) corresponderam a casos da variante [s] e 345 (20%) a casos de ausência [∅]. A análise por contextos fônicos tem demonstrado que a ausência de -s aumenta em final de palavra e diminui em posição interna. Dentro do primeiro caso, alcança um máximo de ocorrências em contexto diante de consoante, e um mínimo quando se realiza em contexto adjacente de vogal. (Ex: [losne'ɣosio∅ ken'ese mo'mento] (*los negocios que en ese momento*), [losarxen'tino∅'emos 'roto] (*los argentinos hemos roto*), [de∅'pues] (*después*).

---

<sup>88</sup> a) Distribucionais: afetam a posição em que se apresenta a variável que é objeto de estudo no meio da cadeia falada (posição inicial, intermédia ou final de sílaba, palavra...); b) Contextuais: referentes aos elementos que aparecem no contexto anterior ou seguinte do segmento fonológico analisado; e c) funcionais: referem-se à natureza gramatical da variável (função gramatical, classe de morfema, etc.) (BLAS ARROYO, 2004, p. 44 tradução nossa).

**Quadro 8** - Variantes de /S/ segundo o contexto fônico

	__C interior de palavra	__C fim de palavra	__V fim de palavra	__# fim de palavra	TOTAL
[s]	52	133	183	101	<b>469</b>
[h]	228	512	143	14	<b>897</b>
[Ø]	19	165	75	86	<b>345</b>
N =	299	810	401	201	<b>1711</b>

**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

Quando o fonema se mantém, pode ser realizado por meio de duas variantes: antes de consoante utiliza-se [h] e antes de vogal ou pausa prefere-se [s]. Ex: [suh'pares] (“sus pares”), [loh mexi'zones] (“los mejillones”), [lahemfer'meras] (“las enfermeras”).

No estilo livre, tal como revelado na análise do estilo entrevista, o uso de [h] também foi majoritário, o que confirma alguns dos resultados das pesquisas precedentes (FONTANELLA DE WEINBERG, 1992). A diferença dos dados obtidos no estilo mais monitorado, em que [s] registrou menor nível de ocorrência do que o apagamento, constatamos que esse resultado é revertido na fala livre.

**Quadro 9** - As variantes principais segundo sua posição na palavra

	[s]	[h]	[Ø]	N
interna	17,39%	76,25%	6,35%	
	52	228	19	299
final	29,53%	47,37%	23,08%	
	417	669	326	1412

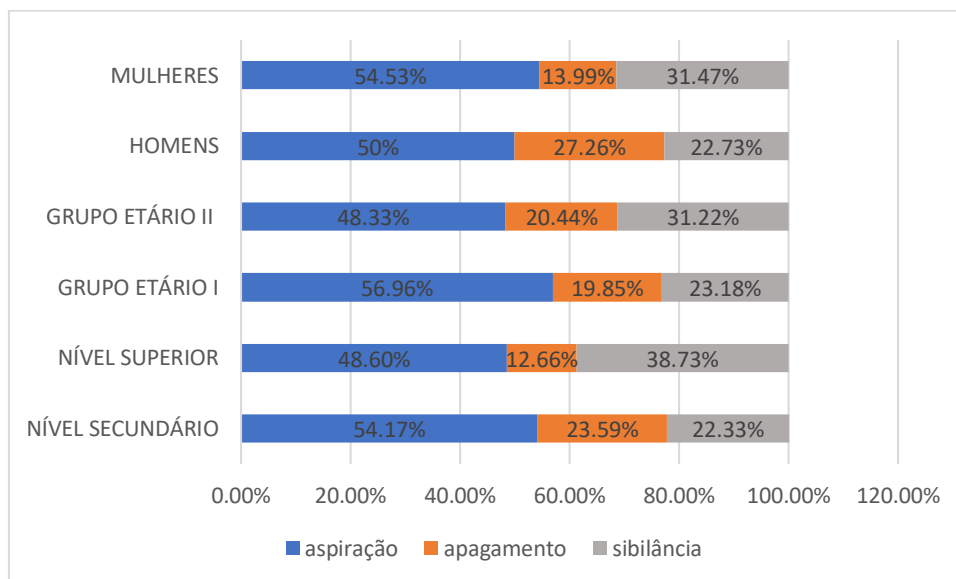
**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

Após a revisão do fator distribuição, verificamos que tanto em posição interna quanto em posição final, a variante mais produtiva foi a aspirada.

O Quadro 8 tem permitido observar a incidência dos contextos adjacentes na manutenção ou perda das variantes de /S/, no estilo fala/conversa livre. Os contextos prevocálico e prepausal resultaram os mais favorecedores

para a realização plena de [s], enquanto a realização da variante aspirada [h] é propiciada pelo contexto de consoante adjacente. Já a queda total (zero fonético) viu-se favorecida pelo contexto de coda externa.

**Gráfico 3** - Distribuição das variantes de /S/ por variáveis extralinguísticas no estilo livre



**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

A quantidade de dados na análise do estilo espontâneo permitiu avançar nas análises que detalhamos a seguir.

Por uma parte, quando comparamos as realizações dos informantes mais jovens com os de maior idade, identificamos que os primeiros realizaram mais a variante aspirada (56,96%), enquanto os mais velhos produziram a mesma variante em 48,33% das ocorrências. No caso da variável sexo, notamos pouca diferença quanto ao uso entre homens (50%) e mulheres (54,53%) no estilo espontâneo.

Sobre a variante [s], os índices de produtividade da sibilante apresentam diferenças em ambos os níveis de escolaridade, sendo maioritário seu uso no grupo com nível superior. Ainda, confirmando os resultados reportados em estudos anteriores como nos extraídos das cartas, as mulheres participantes de nossa pesquisa também optaram mais do que os homens pela

variante [s]. Isso indicaria, inclusive, no estilo livre e menos monitorado, uma tendência por parte das mulheres a optarem pelas formas mais prestigiosas. A respeito da variável idade, a realização da fricativa plena [s] mostra-se produtiva nos informantes de maior idade, ou seja, no grupo etário II.

Referente ao apagamento, identificamos que, no estilo de fala livre, os homens apresentam maior tendência (27,26%) ao apagamento, comportamento também observado na análise das cartas. Não foram registradas diferenças relevantes nos grupos etários quanto a esta variante. Por fim, ao observar o comportamento segundo o grau de instrução, constatou-se a presença de apagamento no grupo com máximo nível de escolaridade. Aqui, lembramos afirmações realizadas em pesquisas anteriores sobre a fala em diferentes regiões da Argentina, que afirmaram a aspiração e queda da sibilante como marca das pessoas de classe baixa, enquanto pessoas de classe culta caracterizavam-se pelo uso da sibilante (VIDAL DE BATTINI, 1964, p. 76).

Acreditamos que dois fatores podem ter influenciado para a aspiração ter avançado tanto: a distância dos centros irradiadores da norma padrão, e em especial da variedade bonaerense, bem como a proximidade e o predomínio da variedade do Chile na constituição da variedade fueguina.

#### 6.1.1.3 Estilo leitura de texto

A leitura de texto constitui-se como a última instância de análise para verificar a variação diafásica. Um total de 388 dados foram levantados e são apresentados a seguir:

**Quadro 10** - Distribuição de variantes de /S/ em leitura de texto

	[s]	[h]	[Ø]	N
interna	20,37%	77,77%	1,85%	
	11	42	1	54
final	42,51%	51,20%	6,28%	
	142	171	21	334

**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

Ao revisar os índices de aspiração no estilo leitura de texto e comparar com o acontecido em estilo espontâneo, observamos que as porcentagens se mantêm semelhantes em ambas as posições, interna e final de palavra.

Os contrastes aparecem na posição final de palavra: a elisão registra um 6,28% na leitura de texto, enquanto em estilo espontâneo foi de 23,08%. Já sobre as ocorrências da sibilante [s] em final de palavra, podemos afirmar que, comparando ambos os estilos, diminui no espontâneo (29, 53%) enquanto na leitura apresenta um percentual de 42,51%. Esses apontamentos permitem confirmar a hipótese que, em estilo monitorado, o falante cuida da sua imagem, evitando a realização das variantes consideradas estigmatizadas, neste caso o [Ø]. Ainda, confirmamos que a realização da variante prestigiada ([s]) foi maior no estilo mais cuidado, do que na fala menos monitorada.

#### 6.1.2 Análise de grupos consonantais cultos

O estudo da sílaba pode fornecer informação a respeito das transformações e mudanças em curso de uma língua. Na definição fornecida por Jota (1981), o encontro consonantal refere-se a presença de grupo de consoantes na mesma sílaba ou em sílabas diferentes. Ainda, esclarece que os grupos podem ser *conjunto* ou *tautossilábico* (em palavras como *claro, prato*), ou *disjunto* ou *heterossilábico* (em palavras como *acne, perspectiva*).

Historicamente associados ao bom uso e à boa pronúncia do espanhol, os grupos consonantais cultos despertam interesse há vários séculos. O trabalho de Satorre Grau (2006), por exemplo, apresenta a história da língua e a forma como diferentes instituições, ao longo dos séculos, têm promovido e insistido na manutenção dos grupos em questão. Segundo consta em vários manuscritos, o autor (SATORRE GRAU, 2006, p. 38) explica que era uma preocupação existente já na Idade Média. No século XVIII, a partir da fundação e consolidação da Real Academia, iniciou-se um processo de codificação

ortográfica e representação gráfica dos grupos consonantais cultos (doravante GCC), que perduram até hoje:

- a. -BST-, -BSTR- (*abstinencia, substancia, abstraer, etc.*)
- b. -CT- (*docto, recto, pacto, producto, doctor, etc.*) y -CTR- (*doctrina, etc.*)
- c. -PT- (*precepto, concepto, etc.*)
- d. -NSC- (*transcurso, etc.*) y -NSCR- (*inscripción*)
- e. -NSP- (*conspiración, transparente, etc.*), -NST- (*constar, constelación, etc.*) y -NS+cons.- (*transferir, transgresión, transversal*)
- f. -NSTR- (*instruir, monstruo, etc.*)
- g. -SC- (*ascender, disciplina, etc.*)
- h. -X + cons-:
  - XC- (*excelso, excelente, etc.*)
  - XCL- (*exclamar*) y -XCR (*excremento*)
  - XP- (*experiencia*); -XPL- (*explicación*), y -XPR- (*expresión*)
  - XQU- (*exquisito*)
  - XT- (*extender*) y -XTR- (*extraño, extremo*)

Já desde o século XIX é possível observar a presença de indicações sobre tais processos fonético-fonológicos dentro dos manuais que propiciam a correta escrita e pronúncia da língua espanhola. É interessante observar o movimento em torno dos grupos consonantais cultos, segundo explica Satorre Grau:

En el caso de los grupos cultos, se ha ido de la escritura a la pronunciación, y no de la pronunciación a la escritura, como suele ser común. Hemos recorrido un camino en sentido inverso a lo que es habitual en la lengua porque lo normal es ir de la pronunciación a la escritura, y contra corriente porque se restituyen consonantes implosivas cuando la tendencia es la de su relajación y pérdida (SATORRE GRAU, 2006, p. 46).<sup>89</sup>

Em trabalho sobre fonologia do espanhol, o filólogo Navarro Tomás (1977) explica o enfraquecimento das oclusivas [p], [t], [k] não acentuadas. Ainda, expõe sobre o grupo de nosso interesse, o grupo das oclusivas surdas (ct), *doctor*- [dok'tor] e comenta que, durante a oclusão, os

---

<sup>89</sup> No caso dos grupos cultos, tem se passado da escrita à pronúncia, e não da pronúncia para a escrita, como é costume. Temos percorrido um caminho no sentido inverso do habitual na língua, porque o normal é ir da pronúncia para a escrita, e a contramão, pois foram colocadas consoantes implosivas quando a tendência é a sua relaxação e queda (SATORRE GRAU, 2006, p. 46 tradução nossa).

órgãos passam da primeira consoante à segunda, sem ser a transição acusticamente perceptível. Como resultado, o autor indica que “a primeira consoante, de modo geral, apresenta uma articulação relaxada que, ora se reduz a fricativa, ora se perde totalmente na pronúncia” (NAVARRO TOMÁS, 1977, p. 134, tradução nossa).

Entre os processos fonético-fonológicos abordados nos estudos de cunho sociolinguístico na Argentina, os grupos consonantais cultos têm ganhado especial atenção por parte de alguns pesquisadores dedicados ao estudo das variedades dentro do território nacional.<sup>90</sup>

No trabalho de Vidal de Battini, a “boa pronúncia” de GCC é atribuída às pessoas cultas e semicultas, embora não esclareça quais as características de cada um desses grupos. Indica também que no interior do país a supressão dos GCC ou “mala pronunciación” é considerada uma marca de ruralidade. Quanto às diversas realizações, podem ocorrer: (i) a supressão: *ojetto* (por *objeto*); (ii) a vocalização: *leición* (por *lección*); e (iii) a pronúncia vacilante: neste caso, indica que inclusive entre as pessoas cultas podem ocorrer as seguintes realizações: “*ojetto, ojecto, ocjeto* (por *objeto*)” (VIDAL DE BATTINI, 1964, p. 131).

Donni de Mirande (1978) explica que na região do litoral os grupos cultos -ct realizam-se, no caso da fala culta, como oclusiva sonora, fricativa sonora ou ensurdecida “[dogtrína]”, e como zero fônico no caso dos níveis baixos [dotrína] (DONNI DE MIRANDE, 1978 p. 418). Ainda, indica que:

Con respecto a los otros fonemas consonánticos, se registra en Rosario como fenómeno general la conocida pérdida de las oposiciones, válidas en otros contextos, de continua/interrupta y de sonora/sorda en el elemento inicial implosivo de los grupos consonánticos integrados por oclusivas y fricativas sordas o sonoras

---

<sup>90</sup> Existem algumas pesquisas na área da Patagônia que mencionam aspectos referentes a grupos consonantais. Entre elas, Acuña (1987) indagou sobre os grupos -pr e -tr com base nos dados colhidos das províncias de Neuquén e Río Negro (ACUÑA, 1987, p. 23). Por sua parte, Fernández (2005) aborda também alguns dos fenômenos relacionados ao grupo consonantal em produções geradas em uma oficina de escrita, com crianças da província de Río Negro (FERNÁNDEZ, 2005, p. 59).

em la posición inicial del grupo. En el habla culta, las oclusivas se realizan como oclusivas sonoras o fricativas sonoras o ensordecidas y las fricativas se ensordecen o relajan: [dogtór] [dogtór] [dogtór] (doctor). En el habla popular y vulgar se llega al cero fónico como la realización más frecuente: [dotór] (doctor), [cásula] (cápsula) (DONNI DE MIRANDE, 1978, p. 416).<sup>91</sup>

Sobre o fonema /k/, no caso do espanhol de Rosario, a mesma autora indicou que se trata de um fonema oral, denso y grave (velar), oclusivo, surdo, e apontou, ainda, que o referido segmento pode se neutralizar em posição implosiva, o que gera como resultado ora uma oclusiva sonora, ora uma fricativa sonora ou ensurdecida, no caso da fala culta. Já o zero fônico é identificado na fala de pessoas com outros níveis de instrução: “[dogtrína~dogtrina~dogtrína~dotrína] (doctrina)” (DONNI DE MIRANDE, 1978 p. 418).

Para o espanhol da Patagônia, segundo expressa Fontanella de Weinberg (2000), a realização dos chamados grupos consonantais cultos varia. A autora fornece alguns exemplos de vocábulos como *apto*, *objeto*, *ignorar*. Ainda, comenta que a presença ou ausência da consoante em final de sílaba encontra-se condicionada pelo nível socioeducacional, aumentando a ausência ou a confusão de outros fonemas “[o(k)xéto] para *objeto*, conforme o nível socioeducacional é mais baixo (FONTANELLA DE WEINBERG, 2000, p. 215).

Embora trate-se de um estudo sociolinguístico realizado no Uruguay, consideramos pertinente comentar brevemente o estudo realizado por Fernández (2002), especificamente sobre grupos cultos do espanhol de Montevideo, Uruguay.

---

<sup>91</sup> Com respeito aos outros fonemas consonânticos, regista-se em Rosário como fenômeno geral a conhecida perda das oposições, válidas em outros contextos, de contínua/IntERRUPTA e de sonora/surda no elemento inicial implosivo dos grupos consonânticos integrados por oclusivas e fricativas surdas ou sonoras na posição inicial do grupo. Na língua culta, as oclusivas são realizadas como oclusivas sonoras ou fricativas sonoras ou ensurdecidas e as fricativas sofrem ensurdecimento ou relaxamento: [dogtór] [dogtór] [dogtór] (doctor). Na fala popular e vulgar alcança o zero fônico como a realização mais frequente: [dotór] (doctor) (DONNI DE MIRANDE, 1978, p. 416 tradução nossa).

A autora divide os grupos cultos em dois grandes grupos. Dentro do primeiro GCI (grupo culto I), achamos palavras como “exportar”, “transmisión”, “extraño”. Ela explica que, enquanto os montevidianos de nível baixo apresentam um comportamento quase categórico no sentido de descartar praticamente a pronúncia desses segmentos, os informantes de nível alto apresentam realizações com maior variabilidade (FERNÁNDEZ, 2002, p. 46). A autora explica que a conservação do grupo culto está diretamente relacionada à idade: os mais jovens são os que mais realizam os grupos cultos. Ao observar especificamente o que ela chama de GCII (grupo culto II), em palavras como *actuar*, *opción*, *ómnibus* e *acción*, explica que este tipo de grupo culto se apresenta como um marcador social muito claro da fala considerada culta, o que permite afirmar que a prescrição idiomática poderia estar operando de forma mais severa sobre este tipo de grupo GCII. Quanto às diferenças entre sexo e idade, são pouco significativas. Por fim, a pesquisa conclui que ambos os grupos consonantais são marcadores linguísticos de identidade, além de proporcionar informação sobre o nível de instrução dos falantes.

A revisão dos principais apontamentos a respeito do estudo dos GCC no espanhol, com especial atenção para as variedades presentes no território argentino, possibilitou um olhar sobre o assunto de modo geral. A seguir, analisamos o comportamento variável de grupos consonantais cultos a partir da leitura de três cartas linguísticas que consideram as seguintes estruturas silábicas: CCVCC (*transpiración*, Tomo II, p.19) y CVC (*doctor*, *eructar*, Tomo II, p. 21, 17).

#### 6.1.2.1 Doctor

Sob a metodologia própria da Dialectologia Pluridimensional, uma vez realizadas as perguntas ao informante, tentou-se por vários meios suscitar a forma procurada por nós, *doctor*. Em muitos casos, embora as perguntas não respondidas fossem retomadas no final da pesquisa, os informantes continuaram sem poder produzir a forma esperada. Este é um dos

casos para o item *doctor*, em que cinco pessoas não conseguiram realizar a forma que buscávamos e, em seu lugar, escolheram "médico".

A carta F03 *doctor* (Tomo II, p.21) trata do fenômeno do grupo culto na estrutura silábica CVC e recebeu um total de 23 respostas por parte dos informantes, e cinco não respostas. Pode se afirmar que em pesquisa sociodialetoal costumam acontecer diversas autorreflexões e análise na etapa da exegese, em que pesquisadores precisam fazer escolhas e tomar decisões a partir de todo o material coletado. Assim, Santos (2020) indica que, para um melhor aproveitamento, tratamento e discussão das informações levantadas, é necessário olhar para as não respostas tanto para fazer sua quantificação seguindo os critérios estabelecidos pela pesquisa, como para a finalidade de levantar hipóteses que permitam interpretar informações de cunho social, histórico e cultural (SANTOS, 2020).

Especificamente, nos perguntamos se guarda relação com o fato da variante [do:'tor] representar um fenômeno que pode ser pensado como estigmatizado,<sup>92</sup> associado à fala não padrão e, por tanto, desprestigiada e corrigida no âmbito escolar, pode ter sido o motivo pelo qual vários dos informantes não responderam à pergunta. Lembrando que, segundo algumas autoras, existem variedades estigmatizadas na Patagônia (ACUÑA; MENEGOTTO, 1996), o que se relaciona com a dicotomia urbano-rural e a forma como são avaliadas as falas de populações afastadas dos centros urbanos, muitas vezes associadas aos processos de mobilidade de comunidades indígenas ou camponesas.

---

<sup>92</sup> A conhecida obra *M'hijo el doctor*, de Florencio Sánchez, publicada em 1903, apresenta o reflexo das mudanças nas relações familiares e sociais no contexto de modernização vivenciado na Argentina. A presença, dentro do título, de duas marcas atribuídas as falas rurais (*m'hijo* e *doctor*) permitem entrever o que a obra expressa, ou seja, o conflito campo-cidade, além do conflito entre as novas gerações, que se negam a dar continuidade aos costumes dos mais velhos, que falam uma nova linguagem e desenvolvem outros hábitos (GARCÍA, 2004).

A variante com mais ocorrências foi [do'tor] (15 ocorrências), seguida da fricativa sonora lenis, [doʎ'tor], com sete ocorrências. Foi registrada apenas uma realização da variante com o grupo consonântico pleno, [dok'tor].

Quanto às variáveis escolhidas segundo os grupos de homens e de mulheres, foram registradas diferenças, já que o apagamento ocorreu com maior produtividade entre os homens (dez ocorrências). No caso das mulheres, teve um total de cinco ocorrências. No caso da fricativização foi realizada, na sua maioria, por mulheres (cinco ocorrências). A variante com grupo culto [dok'tor] foi registrada com uma única ocorrência, no grupo feminino. Por fim, as não respostas vieram por parte de três mulheres e dois homens.

Embora a amostra se apresente de forma desequilibrada em termos de nível de instrução, observamos, em termos qualitativos, que o comportamento exposto pelo grupo com o máximo nível de instrução não coincide com o indicado em estudos anteriores, em que foi constatada a realização plena do GCC para pessoas com um nível de escolaridade mais elevado.

Ao falar da distinção entre p/b, t/d e k/g, Alarcos Llorach (1981) explica que a realização fonética dos arquifonemas /B/, /D/ e /G/ depende de preferências sociais e individuais, e não do seu contexto fônico. Saliencia, como caso frequente, aquele em que o representante fonético desses três arquifonemas supõe uma “variedad sonora 'fortis' o una 'lenis' ensordecida, con fricación” (ALARCOS LLORACH, 1981, p. 184) Entre os exemplos fornecidos pelo autor, que coincidem com o nosso item *doctor*, consta “actor [ag'tɔɾ] /aGtóR/”.

Quanto ao apagamento, dados similares foram reportados por Monroy Casas (2008) ao explicar que /k/ apresenta uma distribuição estilística que pode ir, desde a forma plena diante de consoante (*actitud*) em estilo formal de fala, até uma fricativa em estilo coloquial, e a supressão ou apagamento em “estilo familiar ou vulgar” (MONROY CASAS, 2008, p. 16).

Por sua vez, Cueva Sánchez (2018), em um estudo fonológico realizado em Lima, Peru, considera a existência de certas variações que podem sofrer os segmentos. Em posição de ataque, há uma tendência ao fortalecimento, enquanto em coda se tende ao enfraquecimento. Assim, o estudo aborda a descrição acústica dos processos de enfraquecimento que afetam os segmentos oclusivos em posição de coda no interior da palavra, entre os quais se encontram a elisão, a mudança de sonoridade, a fricativização e a mudança de ponto de articulação. Por fim, faz alusão à impossibilidade de estabelecer regras, dado que "as oclusivas em posição de coda estão em "una especie de variación libre" (CUEVA SÁNCHEZ, 2018, p. 181).

A análise da lexia *doctor* permitiu verificar que, nos nossos dados, a realização plena do grupo consonântico culto parece ser quase que uma exceção. Além disso, apontamos a variável sexo como significativa, pois os homens apresentam maior tendência ao apagamento, enquanto as mulheres demonstram preferência pela fricativização. Por fim, a leitura dos resultados sobre a lexia *doctor* não permite afirmar, como indicou-se em estudos prévios, que exista relação entre realização de grupo culto e nível educacional.

### 6.1.2 Eructar

No caso do segundo item analisado, (*eructar- Carta F01*), observamos que nenhum dos informantes manifestou a variante padrão [eruk'tar] nem [e'rukto]<sup>93</sup>. Isso pode estar relacionado com a crença difundida de que a forma de maior prestígio é *eruptar*, fato constatado nos esclarecimentos fornecidos pelo *Dicionário Panhispánico de Dudas*.

A fim de obter transcrições mais detalhadas, distinguimos entre [eru<sup>w</sup>'tar] y [erup'tar]. No entanto, para os fins práticos ambas as variantes foram

---

<sup>93</sup> Uma distinção específica entre o uso do verbo, *eructar*, ou do substantivo, *eructo*, pode ser encontrada nas transcrições. Para os fins das análises consideramos apenas o grupo culto e suas variantes, elicitadas por médio do verbo ou do substantivo.

mapeadas considerando sua labialização. Estas, por sua vez foram as mais produtivas com um total de 15 ocorrências, seguida da variante apagamento [eru'Øtar], com 12 ocorrências. Mesmo após insistir, refazendo a pergunta, destacamos que um informante masculino do ponto Porvenir<sup>94</sup> respondeu com outra lexia (*chancho*). Sobre a preferência pela variante apagamento, o grupo com escolaridade secundária manifestou maior número de ocorrências (11), enquanto o outro grupo, apenas uma única ocorrência dessa variante. No caso da labialização, foram registradas oito ocorrências no grupo de informantes com nível secundário e sete ocorrências nos de nível superior. Quanto à variável sexo e idade, não encontramos diferenças significativas na realização das variantes.

Seguindo a lógica da atuação, isto é, o fato de ter achado a forma [e'rupto], ao invés de [e'rukto], permite-nos levantar duas hipóteses. Uma, que apesar de estarem em pontos distantes (bilabial e velar), o fato de serem duas oclusivas surdas pode ter propiciado a alternância. A segunda e a mais plausível, seria pela hipercorreção. Conforme destaca Pesqueira (2006) para se referir às formas canônicas e não canônicas, explica que além dos casos de hipercorreção, encontra-se o favorecimento de “erupto” ao invés de “eructo” (PESQUEIRA, 2006, p. 126).

Como é possível observar nas transcrições expostas na carta do Tomo II, embora não esteja diretamente relacionado com o fenômeno dos GCC, notamos variação no tipo de realizações vocálicas no início de palavra, fato interessante a ser analisado em pesquisa futura.

Menéndez Pidal, ao explicar o que acontece em muitas mudanças fonéticas, indica que estas podem se iniciar por erros na audição, ou seja, um erro na percepção que se deve à equivalência de certos sons com outros, muitas vezes provocado por uma confusão no ponto de articulação

---

<sup>94</sup> Após insistir e reperguntar com o objetivo de obter o item necessário para a nossa análise, *eructo*, o informante explicou que só conhecia a palavra *chancho*.

(MENÉNDEZ PIDAL, 1987, p. 195). Ainda, salienta que as confusões podem decorrer do vozeamento ou desvozeamento, e da abertura articulatória.

Por outro lado, em estudo sobre consonantes em coda silábica, a partir de dados sobre o espanhol do México, Arias Álvarez verificou um processo de lenição e enfraquecimento (sonorização, fricativização, vocalizações e apagamentos). Os resultados observados indicam uma tendência por parte dos falantes a se ajustar a padrões de sonoridade para a formação de uma nova sílaba (ARIAS ÁLVAREZ, 2007, p. 20). Entre os exemplos fornecidos no caso da lenição da fricativa sonora, a autora propõe uma mudança da oclusiva surda para uma oclusiva sonora e por fim, para a fricativa sonora, como no caso de “perfecto” [per'fektɔ] > [per'fegto] > [per'feɣto]. Também menciona o reconhecimento da perda de tensão articulatória e comenta sobre a perda total do traço implosivo/segmento implosivo como último passo após a lenição. Isso, considerando que a sílaba prototípica do espanhol é CV, e as sílabas que apresentam esquema CVC mostram tendência a sofrer modificações no segmento implosivo, o que acaba gerando o apagamento da coda e, portanto, uma estrutura CV.

“cápsula” [ˈkap. su. la] > [ˈka. su. la]  
                   CVC CV CV                   CV CV CV

Sobre a realização de [e'rupto], observamos que o referido processo também foi identificado no espanhol do México, por Arias Álvarez (2007), ao advertir sobre a mudança relacionada com a equivalência acústica. No caso, [k] → [p] “examen” [ep'samen].

Em síntese, os dados que versam sobre o encontro -ct no item “eructo” têm demonstrado uma modificação na consoante plosiva do GCC e evidenciado um importante avanço da labialização. Além disso, a variável escolaridade apresenta-se como significativa já que identificamos maior uso da forma com menor prestígio, [e'ruto], no grupo de informantes com nível secundário (11 ocorrências), enquanto, entre os falantes de nível superior, se registrou apenas uma ocorrência. Acreditamos que a mudança da plosiva velar surda [k] pela plosiva bilabial surda [p] pode ser explicada, conforme aponta

Menéndez Pidal, como um caso de erro na audição, que tem se estendido de forma significativa na área hispanofalante.

### 6.1.2.3 Transpiración

Nossa última análise refere-se ao encontro consonantal – nsp- na lexia *transpiración*. A variante aspirada [trahpira'sion] foi documentada com maior produtividade (23 ocorrências). O grupo culto, com sua variante [transpira'sion], foi realizado duas vezes. Por sua vez, a variante apagamento [trapira'sion] foi realizada apenas uma vez, por um informante masculino com o nível máximo de escolaridade.<sup>95</sup>

Quanto às informações segundo o eixo diassexual, não registramos grandes diferenças pela preferência da variante aspirada. Sobre a variante padronizada, aquela que realiza o GCC, foram registradas duas ocorrências no grupo das mulheres. A respeito do eixo diageracional, verificamos que não existem diferenças significativas quanto à preferência da variante com aspiração (grupo I, 13 ocorrências, grupo II, dez ocorrências). Não se evidenciaram ocorrências da variante padrão no grupo dos informantes com nível máximo de escolaridade, como documentado em outras áreas da Argentina (DONNI DE MIRANDE, 1978).

Em exposição, no manual *Los sonidos del español*, Hualde (2014) faz alusão a alguns dos encontros consonantais de nosso interesse e associa o apagamento da consoante precedente a aspectos referentes ao estilo, ao invés do nível de escolaridade:

en grupos con /s/ como segunda consonante es frecuente la elisión de la consonante precedente, como en extra [éstra], tra(n)sporte, o(b)stáculo, etc. Según el área geográfica esta simplificación puede

---

<sup>95</sup> Por sua vez, dois informantes não forneceram resposta.

ser común en todos los estilos o restringida a estilos informales (HUALDE, 2014, p. 64).<sup>96</sup>

Dentro de um *continuum* que vá de maior a menor formalidade, sabemos que a situação de entrevista se encontra no polo de maior formalidade, o que faz supor que as realizações plenas das consoantes encontradas nesse estilo, segundo Hualde, devem ser mais cuidadas por parte do informante. No entanto, nossos resultados diferem dos apontados pelo autor, pois as entrevistas aplicadas demonstraram altos índices de produtividade para a variante com elisão da consoante precedente ([do'tor]).

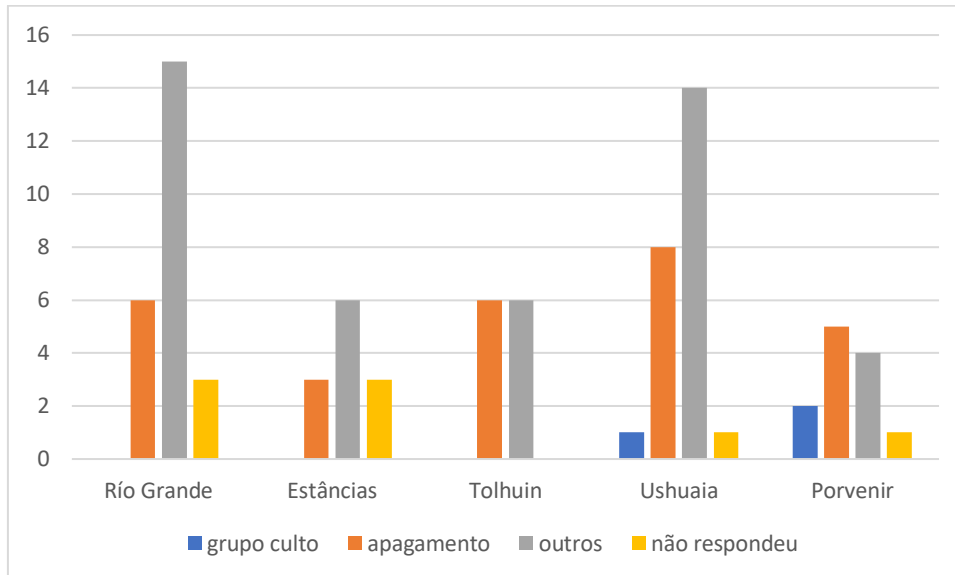
As cartas analisadas e as transcrições realizadas e expostas no Tomo II (p.17,19, 21) correspondentes aos itens *doctor*, *eructar* e *transpiración* permitiram observar a redução do GCC ([do'tor], [eru'tar], [trapira'sion]) e reafirmar o que foi apontado nos estudos de historiografia linguística a respeito do comportamento dos GCC, tanto na língua oral como na escrita. Referimo-nos às diferenças existentes entre a língua oral, que se apresenta como dinâmica e em constante mudança, e a língua escrita que “se mantiene anclada en unas normas gráficas que no experimentan cambios espontáneos, lo que lleva, inexorablemente, al alejamiento de la lengua oral y de su representación escrita” (SATORRE GRAU, 2006, p. 37).

Ao revisar a distribuição das principais variantes dos grupos cultos nos diferentes pontos de inquérito é possível verificar a presença dos GCC em dois pontos da rede: Porvenir e Ushuaia. A seguir, o gráfico mostra as realizações levantadas segundo sua distribuição espacial:

---

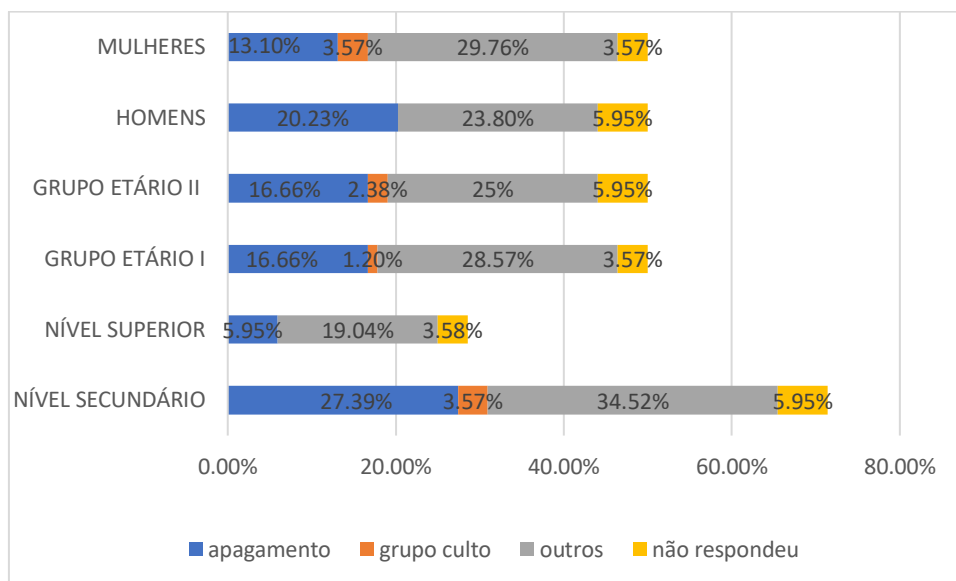
<sup>96</sup> Em grupos com /s/ como segunda consoante é frequente a elisão da consoante precedente, como em: extra [éstra], tra(n)sporte, o(b)stáculo, etc. A depender da área geográfica, esta simplificação pode ser comum em todos os estilos ou restrita a estilos informais (HUALDE, 2014, p.64 tradução nossa).

**Gráfico 4** - Distribuição das variantes de grupos consonantais cultos por ponto de inquérito



**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

Embora com poucas ocorrências, a conservação dos GCC no lado chileno da ilha poderia estar relacionada com a dinâmica sócio-histórica evidenciada nesse ponto, com a maior ou menor mobilidade demográfica e com o papel da escola como reguladora da norma. Ao comparar os resultados do lado argentino da ilha, verificamos menor aproximação entre as realizações orais e as representações escritas.

**Gráfico 5** - Distribuição das variantes dos grupos consonantais cultos

**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

Ao longo da análise revimos o modo como diversos estudiosos interpretaram o comportamento das consoantes em coda silábica e o associaram a motivos estritamente linguísticos e/ou sociais. Entre eles, observamos que processos tais como o enfraquecimento e/ou elisão, que conduzem a uma redução dos GCC, podem ser explicados por motivos relacionados ao estilo de fala empregado pelos informantes; por motivos relacionados com o esquema da sílaba CVC em espanhol e sua tendência a sofrer modificações. Além disso, outro tipo de análise explica o fenômeno como produto de uma confusão no ponto de articulação. No caso das pesquisas desenvolvidas na Argentina para o caso pontual dos GCC, as autoras observaram uma relação entre a elisão e a realização das formas plenas, com o nível de escolaridade dos falantes (FONTANELLA DE WEINBERG, 2000; DONNI DE MIRANDE, 1978).

Entre os nossos resultados, notamos que os GCC sofrem: i) enfraquecimento realizando-se com aspiração ([trahpira'sion]) e fricativização ([dox'tor]) da consoante em coda silábica; ii) labialização no ponto de articulação (k > p) ([e'rukto] > [e'rupto]); e iii) apagamento da variante na coda silábica, sobretudo no grupo -ct ([do'tor]).

As realizações da variante apagamento [Ø], como ocorre em [do'tor], [e'ruto], poderiam estar relacionadas à construção silábica CV, conforme Arias Álvarez (2007) observou sobre a estrutura silábica própria do espanhol. No caso de [e'rupto], realizado pela maioria dos informantes entrevistados, permite perceber o avanço do processo de anteriorização da velar e ainda levantar a hipótese de que estamos diante de um caso de hipercorreção, já apontado em trabalhos anteriores. Por outro lado, em cada uma das cartas estudadas as formas plenas dos GCC foram apresentadas praticamente como exceções.

A diferenciação segundo as quatro dimensões consideradas, possibilitou olhar em detalhes traços e aspectos que, na tradição dos estudos desenvolvidos na Argentina, não tinham sido contemplados. Assim, constatamos que GCC foram realizados exclusivamente por mulheres com nível secundário. Ademais, a tendência indicada em pesquisas prévias para Argentina, em que pessoas com nível superior de escolaridade são usuários de GCC, não foi comprovada nos nossos dados. As cartas também demonstraram presença de apagamento dos GCC. Por sua vez, a distribuição espacial observada por meio do método proporcionado pela Dialetologia Pluridimensional permitiu-nos evidenciar a presença de formas plenas de GCC em dois dos pontos de nossa rede: Porvenir e Ushuaia.

Consideramos que a ação conjunta da escola, dos meios de comunicação e das constantes ondas migratórias ampliou a complexidade social e, por conseguinte, a variação linguística, ou seja, levou a um uso social da língua de forma mais heterogênea, o que poderia ajudar a compreender o comportamento diferente do verificado em outras áreas da Argentina (VIDAL DE BATTINI, 1964; DONNI DE MIRANDE, 1978; FONTANELLA DE WEINBERG, 2000).

### 6.1.3 Yeísmo

A existência de uma série de traços linguísticos que caracterizam o espanhol da Argentina (DONNI DE MIRANDE, 1996,

FONTANELLA DE WEINBERG, 2000) leva-nos considerar um dos mais notáveis e distintivos, conhecido como *yeísmo*<sup>97</sup> (FONTANELLA DE WEINBERG, 1995). Trata-se da neutralização de /j/ y /ɰ/ em palavras como *calle*, *verno*. Sua realização apresenta uma articulação prepalatal *rehilada* alternando entre as variantes sonora [ʒ] e surda [ʃ].

Antes de iniciar a análise, cabe explicar o conceito de *rehilamiento* que já foi utilizado por Amado Alonso em 1925 como tecnicismo da fonética para se referir ao “zumbido especial producido en el punto de articulación”, característico de uma variante de [y]. Por sua vez, Navarro Tomás, em 1934, explicou que: “la tensión articulatoria, el impulso de la corriente espirada, la fuerza de la fricación y la amplitud de las vibraciones laríngeas son mayores en las consonantes rehiladas” (NAVARRO TOMÁS, 1934, p. 276). Dessa forma, o autor entendeu que na acepção fonética de *rehilar* estavam compreendidas juntamente a vibração que estremece os órgãos, não apenas na laringe, mas também o ponto de articulação, e o efeito acústico que disso resulta.

### Yeísmo na argentina

Na Argentina, o fenômeno conhecido como *yeísmo* tem sido abordado ao longo das décadas por diversos estudiosos. A seguir, comentamos os resultados obtidos por alguns autores i) a respeito de todo o território, ii) na região bonaerense e, iii) aqueles documentados na Patagônia.

Em 1964, Vidal de Battini identificou duas grandes regiões linguísticas: zonas que conservam a “*l castellana*, e zonas *yeistas*”. Sobre a segunda, explicou que era possível a localização em quatro grandes áreas. Primeiramente, uma região de *yeísmo rehilado* que compreendia a cidade e a

---

<sup>97</sup> Em palavras de Miranda, além do *yeísmo*, deve ser mencionada a existência do *voseo*, o que permite afirmar que essa característica é percebida no resto do mundo como “argentina”. A autora associa o cosmopolitismo da capital e seu impacto cultural dentro e fora do país, exercido por múltiplas atividades que envolvem a língua, a comunicação e a representação (férias, espetáculos teatrais e musicais, festivais de todo tipo) (MIRANDA, 2013, p. 25).

província de Buenos Aires, Entre Ríos, uma extensão de Córdoba, La Pampa e Patagônia. Além da variante *rehilada*, a autora comenta existência de variantes ensurdecidas, que são realizadas especialmente por mulheres novas e mais velhas pertencentes às classes cultas e, em menor grau, pelas de classes populares. No caso dos homens, indica que essa variante supõe uma exceção (VIDAL DE BATTINI, 1964, p. 119).

As discussões sobre o ensurdecimento de [ʒ] foram registradas também por Guitarte (1955), que propôs pensá-lo como um fenômeno amplamente utilizado que pode ser reconhecido pela pronúncia “debilmente sonora” ou “semisurda” de muitos falantes. Comenta também que o fenômeno apresenta maior aplicação entre as mulheres, e seus dados indicam como centro de expansão a burguesia média.

No livro *Manual de dialectología*, no capítulo dedicado ao espanhol da Argentina, Donni de Mirande (1996) afirma que no país existem regiões em que a oposição entre “/y/ y /j/” (DONNI DE MIRANDE, 1996, p. 214) tem sido conservada. Refere-se a regiões como nordeste e a região andina do Norte, enquanto o resto do país apresentam perda dessa oposição, ou seja, apresentam *yeísmo*.

Segundo Donni de Mirande (1996), a presença ou não da fricativa postalveolar assibilada /ʒ/<sup>98</sup> tornou possível subdividir essa região, advertindo que existem regiões com e sem *ʒeísmo*. No mesmo texto, a autora explica que as zonas *ʒeístas* apresentam indícios de processos de ensurdecimento parcial ou total do fonema /ʒ/. Uma revisão tornou possível observar que o ensurdecimento é quase completo no grupo mais jovem de portenhos (termo utilizado para referir-se aos moradores da que hoje leva o

---

<sup>98</sup> Tal como o leitor poderá perceber ao longo do trabalho, especificamente nas citações dos diversos autores interessados pelo fenômeno do *yeísmo*, há a utilização de diferentes símbolos para indicar a presença das várias fricativas que provêm da notação fonética americanista. Porém, além dessas citações, nós optamos pela utilização do IPA (International Phonetic Alphabet, 2005). Dessa forma, advertimos que toda vez que nas citações seja anotada [ʒ], fará referência ao símbolo [ʒ] e, [š] ao símbolo [j].

nome de Cidade Autônoma de Buenos Aires), e que o grupo de mulheres lideram a mudança (DONNI DE MIRANDE, 1996, p. 214).

A respeito da situação da cidade de Bahía Blanca, Fontanella de Weinberg (1979) adverte que o ensurdecimento apresenta uma distribuição complexa no conjunto da sociedade, que não pode ser reduzido a um único fator como sexo ou nível educacional, pois a mudança parece tomar vários sentidos. Por um lado, mostra-se característico das informantes femininas de menor nível escolar, grupo de grande peso nessa etapa do processo. Porém, nos casos dos homens menores de 30 anos, o ensurdecimento é característico daqueles de maior nível educativo (FONTANELLA DE WEINBERG, 1979, p. 97). Finalmente, a autora, salienta que o predomínio das variantes surdas e sonoras está condicionado socialmente, visto que nos falantes de baixo nível educativo o ensurdecimento é maior, enquanto nos falantes com alto nível educativo existe “predomínio da sonorização de /š/” (FONTANELLA DE WEINBERG, 1979, p. 121).

Em pesquisa sobre o espanhol da zona bonaerense, Link (2009) tem demonstrado a presença estendida da variante surda, o que chamou de “šeísmo”. A respeito da variante sonora, a autora adverte que em pessoas jovens “prácticamente no está presente”. Questiona afirmações sobre a extensão do ensurdecimento, pois segundo ela, isso implicaria a ausência completa da forma anterior e uma mudança total no sistema todo. Porém, adverte que o fato de observar predomínio de “šeísmo” entre os jovens pode levar a teorizar sobre uma futura mudança linguística a favor da variante surda.

Recentemente, em análise acústico instrumental, Rohena-Madrado (2013), indagou sobre a variação no ensurdecimento da fricativa postalveolar do espanhol de Buenos Aires em jovens e pessoas mais velhas de classe média e alta. Entre os resultados, o autor comenta que o grupo dos jovens de classe alta mantém níveis de sonoridade “mais altos que os de uma fricativa surda”, e isso permite pensar no bairro como índice de classe social, que afeta o nível de sonoridade da /ʒ/. Além disso, explica que “el ensordecimiento de /ʒ/ sí es afectado por el factor *estilo*, pero no en términos sociales clásicos de normas de prestigio, tal como había sido señalado por Fontanella de Weinberg

para Bahía Blanca” (ROHENA-MADRAZO, 2013, p. 56). Seus resultados indicam que níveis de sonoridade se relacionam com a rapidez da fala e a coordenação dos gestos articulatórios. Por fim, a variação estilística, mais que a de prestígio, parece depender de fatores fonéticos.

Segundo Fontanella de Weinberg (2000), na Patagônia, a chegada de profissionais, funcionários e professores oriundos da região pampeano-bonaerense fez com que a fala dos grupos mais cultos dessa região apresentasse traços similares a dos bonaerense. A autora afirma, também, que nos estratos mais baixos existe um elevado número de migrantes chilenos e seus descendentes, o que leva a perceber, nesse grupo e no âmbito rural, traços como: “/y/ no rehilada, /r/ y grupo /tr/ asibilados y aspiración de /s/ intervocálica en final de palabra y final absoluta, como en [laholah] "las olas"” (FONTANELLA DE WEINBERG, 2000, p. 213). A pesquisadora adverte, no entanto, que esse tipo de pronúncia está em retrocesso, produto da ação e das tarefas desenvolvidas pela escola e pela mídia. Ainda, especificamente sobre os estudos com foco no *yeísmo* na região patagônica, Fontanella de Weinberg (2000), no livro *El español de la Argentina y sus variedades regionales*, explica que a pronúncia do primeiro fonema em palavras como *yema* e *llena* realiza-se de igual modo, o que permite identificar a região como *yeísta*. Aponta, contudo, algumas diferenças quanto aos falantes urbanos e rurais:

En los hablantes urbanos de nivel medio-alto el fonema resultante tiene una realización rehilada /ž/ similar a la tradicionalmente característica del habla bonaerense. Sin embargo, difiere de la realización bonaerense, en que en muchos núcleos urbanos patagónicos -tal el caso de Trelew- el ensordecimiento ha avanzado muchísimo menos que en la región bonaerense, por lo que las realizaciones tipo /š/ son muy escasas. En el ámbito rural y en algunos hablantes urbanos de los niveles más bajos se oyen muchas veces realizaciones débilmente rehiladas de tipo [žʲ], por influjo de la /y/ no rehilada chilena. En el norte y oeste de Neuquén esta realización está generalizada (FONTANELLA DE WEINBERG, 2000, p. 214).<sup>99</sup>

---

<sup>99</sup> Nos falantes urbanos de nível médio-alto, o fonema resultante apresenta traços *rehilados* /ž/ semelhante a utilizada tradicionalmente na fala de Buenos Aires. No entanto, difere da realização de Buenos Aires, pois em muitos núcleos patagônicos urbanos, tal como Trelew- o ensurdecimento avançou muito menos do que na região de Buenos Aires, de modo que as realizações tipo /š/ são muito escassas. No âmbito rural e em alguns falantes urbanos dos níveis mais baixos se ouvem muitas vezes realizações *rehiladas* enfraquecidas de tipo [žʲ], por

Em estudo voltado para a província de Chubut, Virkel (2000) registra um total de quatro variantes e opta por realizar uma separação entre variedade estândar e não estândar (padrão e não padrão) conforme a variação diatópica e diastrática observada. Assim, registra a ocorrência de “i) fricativa prepalatal sonora rehilada e ii) fricativa prepalatal sorda lenis, ambas identificadas como variantes estândar, utilizadas na fala urbana. Por outro lado, próprias da fala rural, iii) a semiconsonante prepalatal sonora com leve *rehilamiento* previo, e iv) a rehilada prepalatal sonora con um breve momento semiconsonântico” (VIRKEL, 2000). No caso das duas últimas, comportam um tipo de *rehilamiento* diferente do registrado no espanhol bonaerense. Isto é, “las variantes con rehilamiento leve constituyen un rasgo estructural propio de la variedad no estândar, y son, por ende, manifestaciones de la situación de convergencia interdialectal” (VIRKEL, 2000, p. 210). Junto com esses dados, a autora coleta outros indícios e afirma a existência de uma fragmentação do *continuum* bonaerense- patagônico.

Em pesquisa realizada na capital de Santa Cruz, outra das províncias que conformam o bloco patagônico, Muñoz e Musci (2007)<sup>100</sup> focaram no estudo das seguintes variantes: fricativa prepalatal sonora rehilada [ž], fricativa prepalatal ensordecida [ẓ̌], fricativa prepalatal sorda [š] y fricativa prepalatal sonora no rehilada [y]. Entre os resultados, salientam que, ao considerar todos os estilos, a variante de maior produtividade tem sido a variante sonora [ž]. As variantes surda e ensurdecida foram favorecidas pela variável idade, isto é, os mais jovens apresentaram maior número de ocorrências dessas variantes. Sobre a fricativa prepalatal sonora não rehilada [y], observa-se sua presença principalmente no âmbito rural, especificamente entre os homens maiores de 60 anos. Finalmente, a pesquisa indica que existe uma diferenciação

---

influência da /y/ no *rehilada* chilena. No norte e oeste de Neuquén esta realização é generalizada (FONTANELLA DE WEINBERG, 2000, p.214 tradução nossa).

<sup>100</sup> As autoras consideraram um total de 43 informantes do âmbito urbano (distribuídos segundo sexo, faixa etária, nível de escolaridade). No caso da área rural não se especifica o número de informantes, embora comentem que foram apenas homens. Sobre os estilos estudados, encontram-se a leitura de lista de palavras, leitura de texto e estilo oral espontâneo.

quantitativa (percentual menor de ensurdecimiento) e qualitativa (ocorrência de uma variante a mais) no *yeísmo* de Río Gallegos “respecto al de la variedad bonaerense, que se acentúa en las zonas rurales” (MUÑOZ; MUSCI, 2007, p. 53).

Diante do exposto, estudamos o comportamento dos falantes de Tierra del Fuego quanto à realização das fricativas prepalatais, a fim de verificar se sua realização se aproxima mais das ocorrências do espanhol bonaerense ou das províncias que integram a Patagônia. Para isso, analisamos as fricativas prepalatais em contexto inicial e medial de palavra, observando as variáveis extralinguísticas sexo, idade, escolaridade e a distribuição diatópica.

#### 6.1.3.1 Análise de dados

Com o objetivo de analisar o *yeísmo*, coletamos 139 ocorrências, a partir dos seguintes itens do questionário: *callado*, *cosquillas*, *ladrillo*, *yema*, *llave* (Tomo II, p.43,45,47,49,51).

Em termos gerais, sem considerar os contextos fonológicos adjacentes, os resultados demonstram o predomínio da consoante fricativa pós-alveolar surda [ʃ], seguida das fricativa pós-alveolar sonora [ʒ] e da aproximante palatal sonora [j]. Em processo de covariação, estão as consoantes variantes fricativa palatal sonora [j] e a oclusiva palatal sonora [dʒ].

**Quadro 11** – Variantes *yeístas*

Variante	Nº de ocorrências	%
[ʃ]	93	66,91%
[ʒ]	22	15,83%
[j]	16	11,51%
[dʒ]	4	2,88%
[dʒ]	4	2,88%

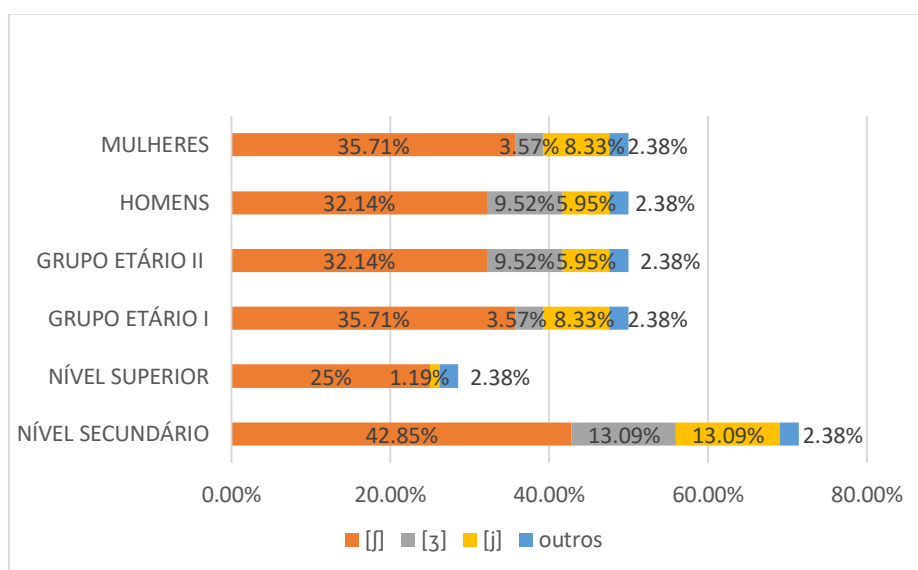
**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

### 6.1.3.1.1 Yeísmo em contexto medial

Para investigar a realização das variantes yeístas no interior de palavra, selecionamos os seguintes itens lexicais: *callado*; *cosquillas*; *ladrillo* (Tomo II, p. 43,45,47). Com um total de 84 registros, os resultados apresentam a variante fricativa pós-alveolar surda [ʃ] com um 67,85%, seguida da aproximante palatal sonora [j] com 14,29% e da fricativa pós-alveolar sonora [ʒ] que obteve um 13,10%. Com iguais percentuais, 2,38%, encontram-se as variantes fricativa palatal sonora [ʝ] e a oclusiva palatal sonora [ɟ].

A seguir, podemos observar o gráfico com a distribuição segundo as variáveis sociais:

**Gráfico 6** - Distribuição das variantes yeístas por variáveis extralinguísticas em contexto medial



**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

As informantes de sexo feminino e os mais jovens são os que mais fazem uso da variante fricativa pós-alveolar surda [ʃ]. Além disso, essa variante foi de uso predominante entre os informantes com nível superior, o que encontra diferenças substanciais quando comparado com o que foi apontado por Fontanella de Weinberg (2000, p. 214) para esse mesmo grupo de falantes bonaerenses, identificados como usuários da variante sonora. Ao respeito do

uso da variante surda [ʃ] entre os jovens, autores como Muñoz e Musci (2007) e Link (2009) indicam, para Santa Cruz e Buenos Aires, respetivamente, um amplo uso da variante [ʃ] em pessoas jovens.

Nossos dados mostram que a variante sonora [ʒ] foi a escolhida principalmente por homens, informantes mais velhos e aqueles com nível secundário.

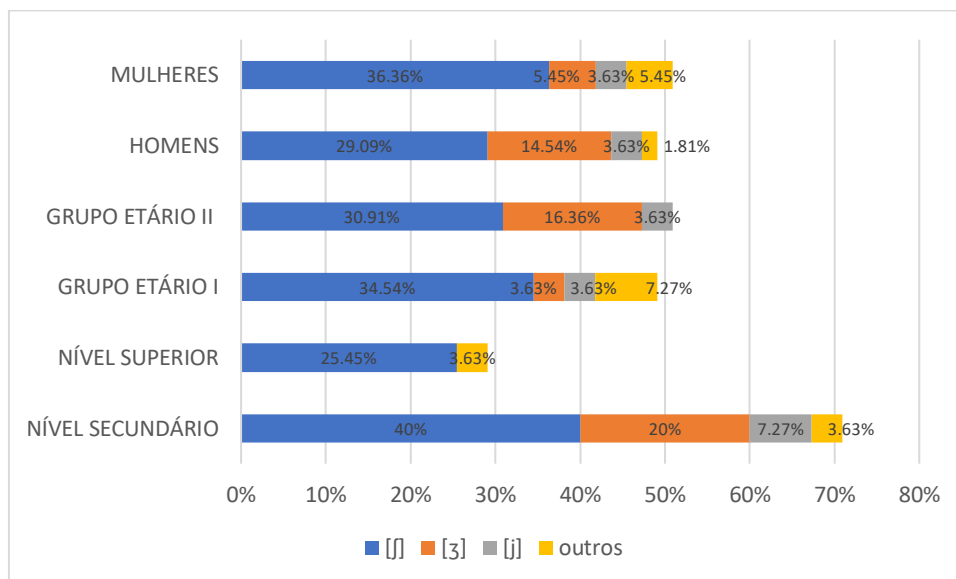
#### 6.1.3.1. 2 Yeísmo em contexto inicial

A investigação das variantes yeístas em início de palavra foi realizada sobre a base dos itens *yema* e *llave* (Tomo II, p.49, 51), o que gerou um total de 55 registros e uma não resposta.

De modo geral, observamos que no contexto inicial de palavra existe um predomínio da variante fricativa pós-alveolar surda [ʃ], com percentual de 65,45%, seguida da fricativa pós-alveolar sonora [ʒ] que obteve o percentual de 20,00%. Com baixos percentuais encontram-se as variantes identificadas como próprias do espanhol do Chile (SADOWSKY; SALAMANCA, 2011): aproximante palatal sonora [j] com 7,27%, fricativa palatal sonora [ç] com 3,64% e a oclusiva palatal sonora [tʃ], com 3,64%.

A seguir, analisamos os dados do gráfico por distribuição segundo variáveis sociais:

**Gráfico 7** - Distribuição das variantes yeístas por variáveis extralinguísticas em contexto inicial



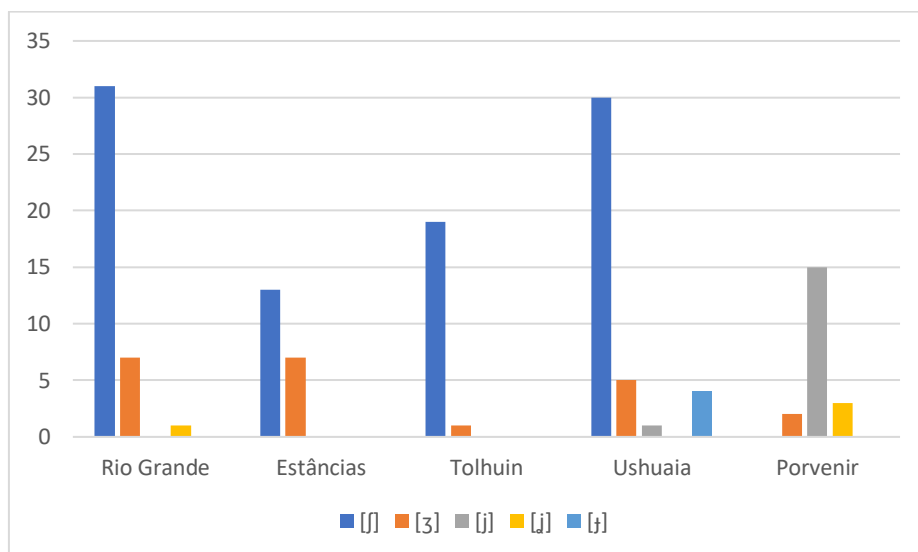
**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

As mulheres, a faixa etária I e os informantes com nível de estudo secundário evidenciaram maior uso da variante [j]. Por sua vez, essa variante mostrou-se produtiva também entre os informantes com nível superior. Observamos que os homens, as pessoas mais velhas e de nível secundário, mostraram maior produtividade da variante fricativa pós-alveolar sonora [ʒ] em início de palavra.

A fim de comparar com as pesquisas prévias da região patagônica, o estudo realizado por Virkel (2000) na província de Chubut, mostrou que os homens com mais de 30 anos produzem exclusivamente a variante sonora (VIRKEL, 2000, p. 211), fato que coincide com os resultados encontrados em Tierra del Fuego. Além disso, os resultados demonstram que a população que finalizou estudos superiores apresenta os índices mais altos da variante chamada de ensurdecida.

Nossos resultados também encontram eco no estudo realizado por Musci e Muñoz, que observa sobre o predomínio da variante surda apresentado pelas informantes de sexo feminino (MUÑOZ, MUSCI, 2007, p. 49).

Quanto a distribuição diatópica, o gráfico a seguir permite observar a produtividade por ponto de inquérito:

**Gráfico 8** - Distribuição das variantes *yeístas* por ponto de inquérito

**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

Nos pontos urbanos Rio Grande e Ushuaia observamos comportamentos semelhantes quanto ao uso das fricativas pós-alveolar surda e sonora. Ainda, nota-se a presença, embora reduzida, de outras variantes próprias do espanhol do Chile, o que estaria indicando a influência do grupo migrante chileno na área argentina. Por fim, constatamos a total ausência da variante surda no território chileno e uma forte presença da aproximante prepalatal sonora [j], seguida de fricativa prepalatal sonora [ɟ] e, em menor medida, da fricativa pós-alveolar sonora [ʒ].

No caso do âmbito rural, as pesquisas de Virkel (2000) e de Muñoz e Musci (2007) indicaram presença de variantes fricativa prepalatal sonora não *rehilada* e de semiconsonante prepalatal sonora com leve *rehilamiento* prévio em informantes do âmbito rural. No entanto, os dados coletados em Tierra del Fuego oferecem um comportamento diferente, pois as únicas variantes observadas nesse âmbito foram as fricativas pós-alveolar surda e sonora.

Segundo a revisão sobre o percurso histórico, a presença de migrantes chilenos contratados para trabalhar nas estâncias, ou seja, nos âmbitos rurais, foi marcante no início do século XX. Porém, as políticas de povoamento das últimas décadas e a diminuição das atividades pecuaristas e

frigorífica, que tinham como principal motor a comercialização da lã, fez com que a população dessas estâncias diminuísse consideravelmente. Ainda, na atualidade, o contato permanente com “el Pueblo” (Río Grande), junto com o avanço no uso da tecnologia e a permanente interação com usuários de outras variedades, poderiam explicar, nos pontos rurais (Tolhuin e Estâncias), a total ausência das variantes registradas em Chubut e Rio Gallegos (Província de Santa Cruz), nas áreas rurais e, em seu lugar, a presença das variantes reconhecidas por Virkel como próprias da variedade estandar.

A revisão efetuada, desde os primeiros indícios de processo de enurdecimento, sobretudo na área bonaerense, até as últimas pesquisas publicadas para a Patagônia, tem permitido evidenciar diversas nuances a respeito das variantes e sua distribuição. Conseguimos revisar a generalização realizada em épocas passadas que associava o uso de certas variantes a determinados grupos sociais, ou seja, nos referimos aos dados expostos quanto ao processo de enurdecimento, como liderado pelo grupo das mulheres das chamadas classes cultas.

Dessa maneira, com todo o *corpus* organizado, isto é, com as variantes a serem analisadas devidamente tabuladas, junto a informações relacionadas ao número de ocorrências locais de registro e os dados recolhidos na Tierra del Fuego, salientamos a primazia da variante surda [ʃ], com percentual de 66,91%, predominante em todo o território argentino da ilha, utilizada principalmente por mulheres, jovens e pessoas com nível de estudo superior. Já a variante sonora [ʒ] mostrou maior ocorrência no grupo masculino, em informantes mais velhos e entre aqueles com estudos secundários. Ademais, esses comportamentos foram observados com ocorrências semelhantes tanto no contexto medial quanto no início de palavra.

Diante do exposto, constatam-se várias coincidências quanto ao fenômeno do *yeísmo*, na variedade considerada como da Patagônia. Ou seja, nossos resultados associam-se a alguns dos já apontados por Virkel (2000) e Muñoz Musci (2007) para Chubut e Santa Cruz.

## 6.2 CARTAS SEMÂNTICO- LEXICAIS

Neste subtópico, apresentamos as análises realizadas a partir de leitura de algumas cartas lexicais. Vale salientar que no plano semântico lexical, para cotejamento dos dados, contamos com as informações proporcionadas pelo *Atlas Lingüístico do Chile* (2004) (doravante ALECH). Esse Atlas considerou dentro da Macro-região Sul-Austral os pontos de Porvenir e de Rio Grande, constituindo-se uma fonte valiosa, dada a ausência de informações e estudos de cunho dialetológico para a área argentina, principalmente relativo a campos e a itens específicos de nosso interesse. Além disso, servem como fonte lexicográfica o *Diccionario Latinoamericano de la Lengua Española* (doravante DLLE), o *Diccionario de la Real Academia Española* (doravante DRAE), o *Diccionario de Americanismos* (doravante DIA) e o *Diccionario del habla de los argentinos* (doravante DHA).

Sobre as categorias utilizadas para apresentar cada uma das variantes fornecidas pelos informantes, foram identificadas unidades simples e unidades complexas. Com unidades simples ou monolexicais nos referimos às palavras simples, unitárias, composta por um único elemento (ex. *amarrete*).

Consideramos unidades complexas aquelas unidades fraseológicas que caracterizam-se por apresentar um significado total ou parcialmente metafórico, pois podem exibir traços de idiomaticidade. Outro traço característico refere-se a sua estrutura, mais ou menos fixa de palavras, o que torna difícil a supressão, substituição ou inserção de elementos<sup>101</sup> (ex. *tiene un cocodrilo en el bolsillo*). Ainda, entre as unidades complexas encontram-se aquelas que se compõem de elementos verbais como *faltar un diente*, *está nevando* e são chamadas de perífrase.

---

<sup>101</sup> Com a finalidade de estabelecer as categorias, temos seguido os apontamentos fornecidos no trabalho de Camacho Barreiro *et al.* (2018).

Comparado com outros níveis da língua, o léxico caracteriza-se pelo seu caráter dinâmico. Sabemos que palavras novas manifestam transformações sociais, culturais e tecnológicas que acontecem em cada comunidade. Ao compará-lo com a sintaxe, Preti (1998) afirma que o léxico, além de constituir a parte menos conservadora de uma língua, resulta ser o nível que melhor se presta a mostrar essas transformações, “Vocábulos que surgem e desaparecem, num processo contínuo e natural de neologia e obsolescência, são o reflexo mais perfeito das mudanças sociais” (PRETI, 1998, p.119).

Conforme especificado no capítulo sobre Metodologia (Cap. 5.2.1), a partir desse entendimento, agrupamos os vocábulos segundo os seguintes campos semânticos: “corpo humano”, “família/vida humana”, “vestuário”, “fenômenos atmosféricos” e “específicas de TDF”. Optamos pela manutenção de todas as variantes e seus respectivos percentuais em quadros demonstrativos quando há a formação de isoléxicas, inserimos cartas que apresentam a arealidade. Isso, com o intuito de observar possíveis isoglossas, ou seja, uma linha desenhada em um mapa com o objetivo de separar duas áreas dialetais, evidenciando a ocorrência de alguns usos ou variantes linguísticas em uma delas em oposição a usos e variantes linguísticas em outra área.

### 6.2.1 Corpo humano

Adentrar no mundo e nas escolhas referentes ao universo lexical nos permitiu descobrir o quanto o espanhol da América, de modo geral, e a fala de cada região, em particular, tem adquirido diversos significados, refletindo novos valores sociais, econômicos e culturais. Ainda, nesse contexto, a depender dos propósitos, das exigências do tempo, do lugar e da situação, os falantes fazem escolhas de certas palavras, descartam outras, bem como ampliam os significados de algumas delas (KANY, 1969, p. 5).

Conforme a análise, observamos que as metáforas sustentam várias das respostas fornecidas pelos informantes e podem ser utilizadas para

conseguir do ouvinte maior efeito “cognoscitivo, emotivo ou estético”. Podem também estar motivadas pela semelhança da aparência, a semelhança de qualidade, atividade ou função, ou pela similitude do efeito emotivo (KANY, 1969, p. 40).

Embora tradicionalmente a metáfora tenha sido pensada, em termos literários, como um recurso linguístico, a partir de uma série de pesquisas desenvolvidas no campo da linguística cognitiva, pesquisadores conseguiram determinar que se trata de um processo semântico presente nas atividades diárias de todo ser humano, que “impregna la vida cotidiana, no solamente el lenguaje, sino también el pensamiento y la acción” (LAKOFF, JOHNSON, 1986, p. 39). Assim, consideramos as metáforas proveitosas – e, nesse sentido, a importância que o corpo tem para a conceptualização humana do mundo – para a categorização da realidade (JULIÀ, 2010), levando em conta a forma como isso se reflete na comunicação.

A partir de um olhar cognitivista, diversas propostas de pesquisas têm confirmado que o corpo humano pode ser estudado como origem da polissemia das unidades léxicas de uma língua e como objeto polissêmico desde o ponto de vista do léxico dos nomes das partes do corpo. Isso, considerando o interesse que gera o valor que as diferentes partes corporais adquirem na mente e na criação de significados (JULIÀ, 2010, p. 152).

As cartas referentes ao campo semântico “corpo humano” foram selecionadas pela alta variação lexical, quando comparada com outros campos semânticos e por evidenciar, tanto nos pontos urbanos quanto rurais, novas variantes para o mesmo referente. Nesta análise foram escolhidos quatro itens que refletem uma relevante produtividade na província em estudo.

#### 6.2.1.1 Carta lexical 01 - *Cabeza*

A questão 01, que indagava pela parte superior do corpo humano, demonstrou importante produtividade quanto a “criação popular e espontânea”. Recebeu como primeira resposta espontânea, na totalidade dos

informantes, a forma *cabeza*. Quando perguntados sobre outras formas de se referir, obtivemos 11 variantes, que constam no seguinte quadro:

**Quadro 12** – Designações para a QSL 01, seus respectivos números de ocorrências e percentuais

Variante	N° de ocorrências	%	Variante	N° de ocorrências	%
cabeza	28	54,90%	zapallo	1	1,96%
bocho	5	9,80%	testa	1	1,96%
coco	3	5,88%	sesera	1	1,96%
mate	3	5,88%	casco	1	1,96%
marote	3	5,88%	pensadora	1	1,96%
capocha	3	5,88%	guampas	1	1,96%
		51			

**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

As respostas obtidas para esse item não foram contrastadas com outros materiais de cunho dialetológico coletados na região, pois, no caso do ALECH, verificamos que essa questão não foi considerada.

A voz<sup>102</sup> *bocho* foi registrada com cinco ocorrências e apenas no território argentino, nos pontos Rio Grande, Tolhuin e Ushuaia. Segundo o DIA, o termo faz referência, de forma coloquial, a *cabeza*, e é utilizada também para referir ao cérebro, à mente e à inteligência. Ainda, o dicionário indica que essa voz é popular na Argentina e no Uruguai.

A seguir, comentamos a situação e distribuição das outras quatro variantes que registraram igual número de ocorrências (*coco*, *mate*, *marote* e *capocha*). Os dicionários que registram a forma *mate*, indicam que se trata de uma forma coloquial própria dos seguintes países: Argentina, Chile, Bolívia, Uruguai e Paraguai. Porém, os resultados levantados nesta tese indicam que a variante *mate* realizou-se apenas no ponto chileno. Por sua vez, a forma *coco* foi registrada como de uso coloquial e informal pelo DLLE. No caso de *marote*, o DIA circunscreve seu uso para os países de Argentina e Uruguai e

---

<sup>102</sup> No capítulo referido aos aspectos semântico-lexicais, os termos *lexia*, *variante* e *voz* são utilizados como sinônimos.

indica que se trata de uma forma espontânea e festiva. A variante *capocha* não consta nos registros das obras lexicográficas consultadas. No entanto, sabemos que se trata de uma adaptação própria do italiano, da voz que deriva de *capo* e resultou em *capòccia*. Ou seja, *capocha* trata-se de um empréstimo do italiano, recurso característico do lunfardo, estendido no Rio de la Plata (CASTAÑEDA NARANJO, ORDUÑA LÓPEZ, 2013).

As variantes que apresentaram uma única ocorrência em nossos dados foram documentadas por outros pesquisadores dedicados ao estudo semântico das variantes da lexia *cabeza*, conforme discorreremos a seguir.

Em pesquisa apresentada por Baldinger (1964) sobre o território hispano-americano, no que refere à parte do corpo *cabeza*, registra 160 variantes e explica que existe uma distinção fundamental entre as palavras objetivas e as afetivas. As primeiras referem-se e servem para as comunicações simples. As segundas são muito mais instáveis, produto da criação espontânea e contínua dos falantes.

*Casco* foi registrada por Baldinger (1964) como de uso “chistoso” e “jocoso” no México, “vulgar” ou “afetivo” na Colômbia, mas não constam comentários sobre sua presença na Argentina. No caso de *pensadora*, o mesmo autor registra essa forma no território chileno, colombiano e mexicano, como de uso familiar e festivo. No caso de *testa*, o autor indica sua presença no Uruguai, na Argentina, Chile e Colômbia. Ainda, explica que, quando apresenta valor afetivo, pode ter um uso familiar e festivo, ou muito culto.

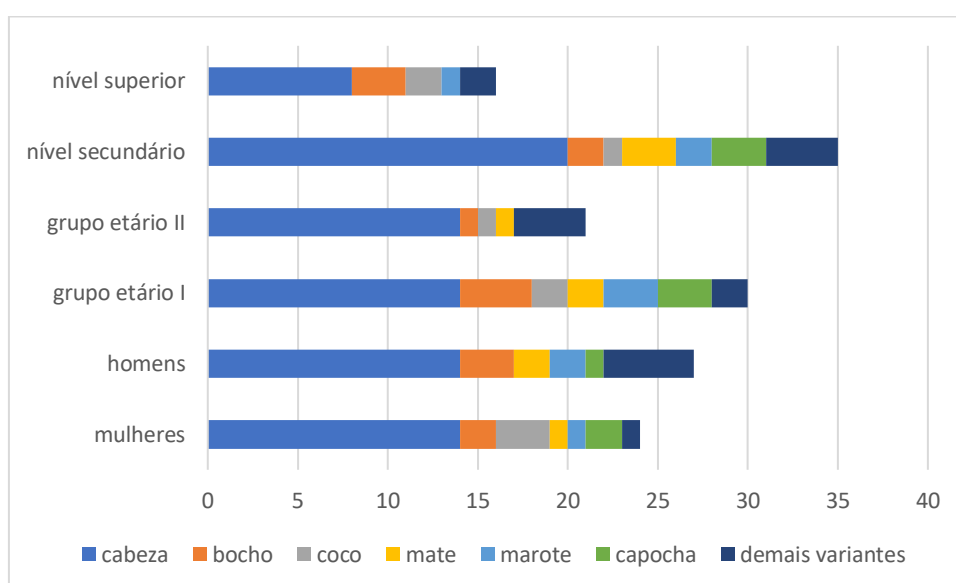
Ao pensar na variante *guampas*, forma presente no nosso quadro de variantes, observamos que Baldinger (1964) faz menção a algumas questões que podem ajudar a refletir sobre sua presença dentro das respostas de nossos informantes. O pesquisador registrou o uso da forma *cuernuda* no México, ou seja, constatou-se a associação entre os chifres dos animais e essa parte do corpo humano.

Quanto ao campo metafórico dos frutos que servem para designar a *cabeza*, o autor registra *calabaza* e *coco*, em conjunto com um importante número de variantes que remetem a diversos frutos, ainda explica

que “tanto la dureza (testarudez) como la blandura (falta de energía y de inteligencia) pueden ser motivos del uso metafórico” (BALDINGER, 1964, p. 51). Neste contexto, acreditamos que as variantes registradas em TDF, *zapallo*, *coco* e *mate*, poderiam fazer parte deste grupo no sentido de designarem por meio de metáfora, sendo um recurso de produção lexical.

As variáveis sociais estudadas têm permitido olhar para alguns resultados que são apresentados a seguir:

**Gráfico 9** - Distribuição das variantes da QSL 01 por variáveis extralinguísticas



**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

Ao verificar o eixo diageracional, comprovamos que a variante *capocha* é utilizada apenas pelos mais jovens. No caso do eixo diassexual, as variantes *mate* e *bocho* demonstraram maior produtividade nos homens do que nas mulheres. A forma *coco* foi registrada apenas no grupo das mulheres. Por sua vez, *mate* e *capocha* surgiram exclusivamente das respostas dos informantes com nível secundário.

#### 6.2.1. 2 Carta lexical 04 - *Sin dientes*

Na carta lexical 04, presente no Tomo II, que recolhe todas as respostas dadas pelos informantes – *¿Qué nombre recibe una persona a la que*

*le falta algún diente?*<sup>103</sup>-, são documentadas 29 ocorrências nas variantes lexicais apresentadas no Quadro 13:

**Quadro 13** - Designações para a QSL 32, seus respectivos números de ocorrências e percentuais

Variante	Nº de ocorrências	%	Variante	Nº de ocorrências	%
sin dientes	7	24,14%	le falta el comedor	2	6,90%
desmuelado	6	20,69%	ventanita	2	6,90%
sindi	6	20,69%	chimuelo	1	3,45%
desdentado	4	13,79%	viejo sin dientes	1	3,45%
29					

**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

A ausência de resposta veio por parte de três informantes dos pontos urbanos, dois deles com nível superior.<sup>104</sup> Acreditamos que está relacionado com aspectos voltados para uma questão de respeito com as pessoas que apresentam essas características. A seguir, apresentamos a carta com todas as variantes registradas como respostas.

Destacamos para análise da carta alguns comentários sobre as variantes dicionarizadas ou que constam no ALECH. O item *desmuelado* foi registrado no ALECH para os pontos de Porvenir e de Rio Grande, pelo DRAE e pelo DIA, mas como um item próprio das variedades do Perú e da Bolívia, entre outras variedades. *Desdentado* consta como forma rural dentro do *Diccionario de Americanismos* e foi registrado em países da América Central. Ainda, foi registrado pelo DRAE, sem que seja especificada a localização de uso. Já o

<sup>103</sup> Que nome recebe a pessoa que perdeu algum dente? (tradução nossa)

<sup>104</sup> A respeito da importância da não resposta em pesquisas geolingüísticas e, em particular, sobre os dados relevados no âmbito do projeto ALiB, Aguilera e Yida (2008) têm documentado que o maior número de brancos, ou seja, de não respostas, esteve dada pelas pessoas de menor escolaridade (AGUILERA; YIDA, 2008, p. 28). No nosso caso, para esse item em particular, a não resposta foi produzida por três pessoas, todas dos pontos urbanos, duas delas com nível de escolaridade superior. Acreditamos que a falta de resposta, no caso da presente questão, tem a ver com aspectos voltados para o pudor e até de respeito com essas pessoas, observados também nas questões 60 e 61 que indagavam pelos nomes para se referir às pessoas corcundas e mancadas.

ALECH registra uma única ocorrência da variante *desdentado*, no ponto que corresponde à cidade argentina de Bariloche, distante a mais de 2.000 km da ilha. A variante *sindi* apareceu registrada unicamente no DIA, como de uso popular e festivo nos países da Bolívia e do Paraguai. Por fim, segundo este mesmo dicionário, *ventanita* designa o “Hueco que deja un diente en el lugar que ocupaba en la encía” (DIA on-line) nos países da República Dominicana e a Bolívia.

Sobre a variante *sindi*, forma apocopada de *sin dientes*, é interessante o fato dessa variante ter aparecido nos cinco pontos e com maior frequência entre os mais jovens (cinco ocorrências), grupo que demonstrou preferência na utilização da variante considerada pelo DIA como festiva, enquanto foi registrada com apenas uma ocorrência na segunda faixa etária. Ainda, salientamos a coincidência entre o uso da variante *sindi* (lembrando que não foi registrado no DIHA, o principal dicionário da fala dos argentinos) e a marcada presença em toda a ilha de imigrantes bolivianos e paraguaios, ou seja, pessoas vindas de países onde foi registrada essa variante (MALLIMACI BARRAL, 2012).

Um dos componentes da expressão *le falta el comedor*, foi registrado no DHA. O item que consta no DHA com a entrada *comedor* expressa que provém do *lunfardo*<sup>105</sup> e pode ser empregado para referir-se à dentadura. Ainda, salientamos que a expressão *le falta el comedor* foi elicitada por informantes pertencentes ao grupo com estudos de nível superior.

Por fim, nenhuma das variantes informadas nos pontos do lado argentino tem presença no DHA, ou seja, não estão dicionarizadas como própria

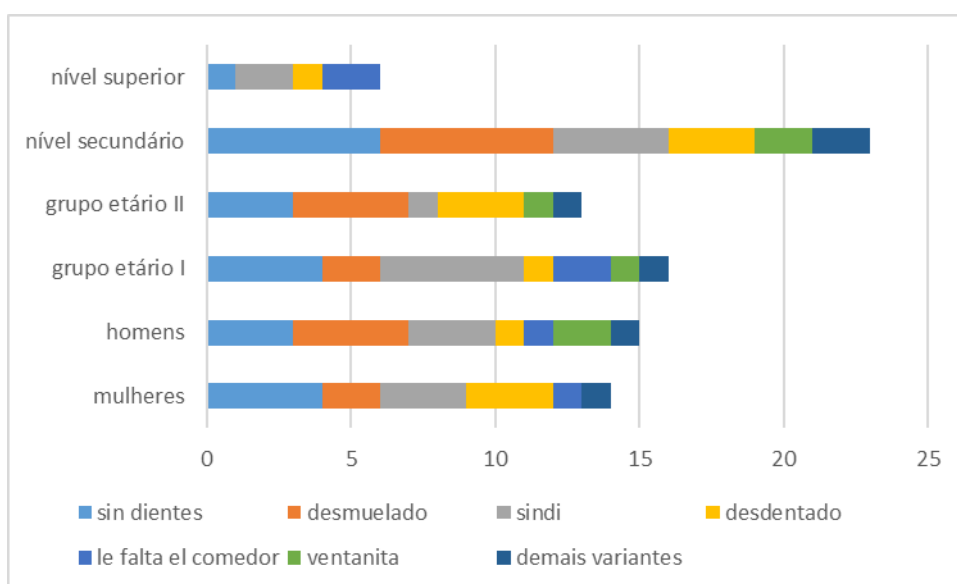
---

<sup>105</sup> A gíria nascida nos “conventillos” (na Argentina, nome dado às moradias onde se conglomerava um número grande de pessoas, geralmente imigrantes italianos), conhecida como *lunfardo*, foi um código compartilhado por grandes setores da população. Longe de ser um código marginal, foi incorporado à vida cotidiana e difundido por meio de expressões artísticas como o tango e o sainete. A vigência na atualidade levou os pesquisadores à criação da Academia Porteña del Lunfardo, que registra e documenta periodicamente sua riqueza.

da fala dos argentinos. A revisão do Dicionário de americanismos permitiu verificar que se trata de variantes registradas em diferentes países da América.

Ao observar a incidência das variáveis sociais na escolha das lexias por parte dos informantes, no Gráfico 10 verificamos os seguintes resultados:

**Gráfico 10-** Distribuição das variantes da QSL 32 por variáveis extralinguísticas



**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

O Gráfico 10 demonstra a preferência da variante *sindi* por parte dos informantes mais novos. Por sua vez, o uso da variável *desdentado* foi de preferência das informantes femininas. No caso das preferências de uso quanto ao nível de escolaridade, verificamos que *desmuelado* foi uma variante registrada apenas no grupo com nível secundário.

6.2.1. 3 Carta lexical 06 – *Dientudo*

Para o questionamento –¿*Qué nombre recibe una persona que tiene los dientes grandes?*<sup>106</sup>– presente na carta lexical 06, coletamos um total de 38 respostas, distribuídas em 10 designações:

**Quadro 14** - Designações para a QSL 33, seus respectivos números de ocorrências e percentuais

Variante	Nº de ocorrências	%	Variante	Nº de ocorrências	%
dientudo	14	36,84%	dientes grandes	1	2,63%
dientón	7	18,42%	Bugs Bunny	1	2,63%
conejo	4	10,53%	muela	1	2,63%
paletas	4	10,53%	dientes de conejo	1	2,63%
castor	4	10,53%	dientator	1	2,63%
38					

**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

Sobre as diferenças diatópicas, a única variante que não teve presença no ponto chileno de Porvenir foi *conejo*. Já a forma *dientón* não foi registrada em nenhum dos pontos rurais da Argentina.

Quando comparada a distribuição segundo as faixas etárias, encontramos que a variante *dientón* teve maior produtividade na faixa I (seis ocorrências), enquanto a mesma variante foi realizada uma vez na faixa II. No caso de *paletas*, foi registrada com três ocorrências na faixa II e apenas uma ocorrência na faixa dos informantes mais jovens.

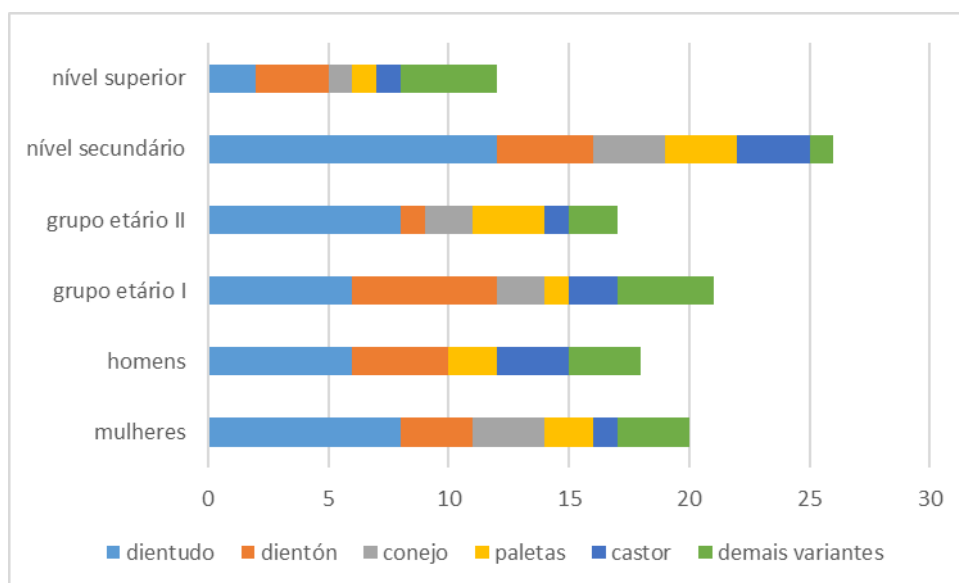
Do total de variantes, nenhuma foi registrada pelo ALECH e apenas duas foram dicionarizadas. Dessa forma, *dientudo* refere-se à pessoa “que tiene los dientes superiores grandes” segundo o DIA e o DRAE, e se trata de um termo pejorativo, segundo o DIA, nos países do Chile e da Argentina. Já

<sup>106</sup> Que nome recebe a pessoa que tem dentes grandes?

a forma *dientón*, de uso mais espontâneo, foi documentada no DIA, mas não como própria das variedades do Chile ou da Argentina. *Paletas* e *conejo* não foram registrados com esse sentido em nenhum dos dicionários consultados, nem figura seu registro no ALECH.

A variante *castor* possibilita uma reflexão sobre o caráter mutável da língua, em constante evolução nas comunidades de falantes, que recriam e reinventam seus próprios instrumentos de comunicação (GARCÍA MANGA, 2010). Ainda, permite uma observação sobre a influência no campo lexical dos aspectos do ambiente natural fueguino, onde pode ser encontrada essa espécie de animal. Nesse sentido, Ullman define a metáfora como comparação condensada que afirma uma identidade intuitiva e concreta (ULLMAN, 1976, p. 241). No caso das mudanças semânticas por inovação linguística, acontece uma transferência do nome pela semelhança dos sentidos, que pode ser substancial (de forma, de função, de situação). Assim, o item em questão pode indicar um caso de motivação por metáfora animal (GARCÍA MANGA, 2010, p. 236).

A respeito da análise segundo as variáveis sociais, o Gráfico 11 demonstra a preferência dos jovens pela variante *dientón*. Apenas o grupo das mulheres optou pela forma *conejo*. Ainda, registramos por parte das pessoas com nível superior, o uso de outras variantes, tais como: *muelas*, *dientes grandes*, *dientator* e *dientes de conejo*.

**Gráfico 11-** Distribuição das variantes da QSL 33 por variáveis extralinguísticas

**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

#### 6.2.1.4 Carta lexical 10- *Panza*

As respostas fornecidas pelos informantes à questão nº 71, que indagava pelas formas utilizadas para referir a essa parte do corpo, evidenciaram um total de oito variantes, que constam no quadro a seguir:

**Quadro 15** - Designações para a QSL 71, seus respectivos números de ocorrências e percentuais

Variante	Nº de ocorrências	%	Variante	Nº de ocorrências	%
panza	24	50,00%	estómago	4	8,33%
guata	6	12,50%	abdomen	2	4,17%
barriga	5	10,42%	zapán	2	4,17%
buzarda	4	8,33%	ravioles	1	2,08%
48					

**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

Com distribuição em todos os pontos de inquérito, a variante *panza* foi predominante, seguida da variante *guata*, com grande preminência no

território chileno. A forma *barriga* foi produzida exclusivamente no lado argentino, enquanto *abdomen* registrou-se apenas no ponto rural estancias.

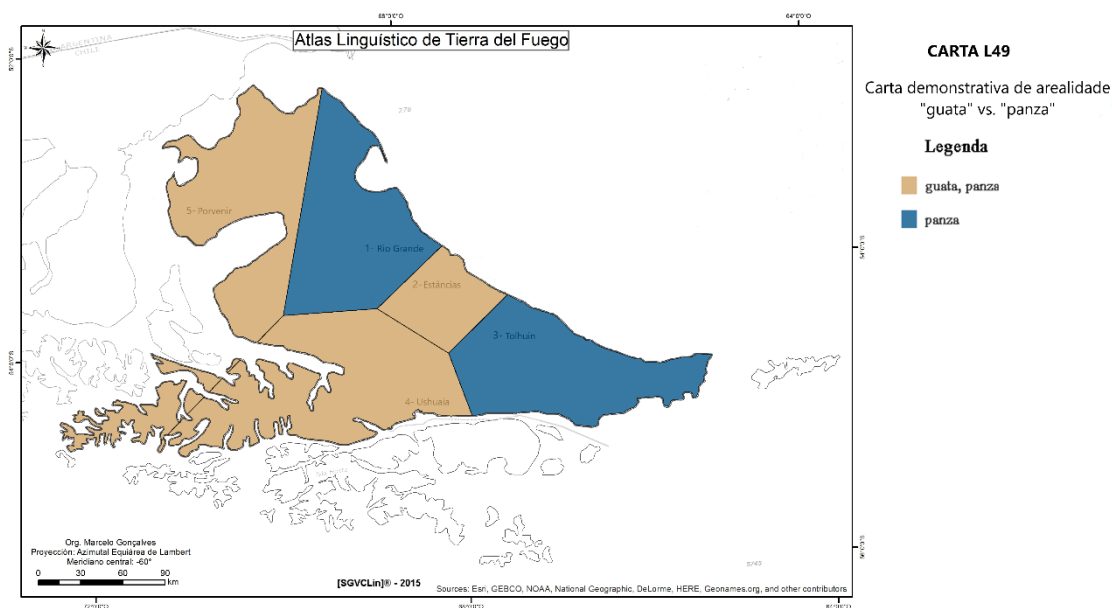
Verificamos que o DRAE é o único dicionário que anota a forma *panza* para a “barriga o vientre, especialmente el muy abultado”. A forma *guata*, del mapuche *huata*, apresenta um uso coloquial nos países de Argentina, Bolívia, Chile, Equador e Peru, segundo o DRAE e o DIA. Já o DLLE atribui essa forma, caracterizada como coloquial, despectiva, juvenil e familiar, ao território chileno. A voz *barriga* foi definida pelo DRAE como a “región exterior del cuerpo humano correspondiente al abdomen, especialmente si es abultado”. Reconhecida como lunfardismo por alguns autores (GUILLEN, URZÚA, 2017), a forma *buzarda* foi registrada pelo DHA como de uso vulgar, para referir ao “vientre e estómago”. Já a forma *estómago* y *abdomen* são citadas no DRAE. O termo *estómago* é descrito como “parte ensanchada del aparato digestivo, situada entre el esófago y el intestino, cuyas paredes segregan los fermentos gástricos”, e a voz *abdomen* indica “vientre del hombre o de la mujer, en especial cuando es prominente”. Dos dicionários consultados, o DIA foi o único que apresentou a forma *zapán*, esclarecendo que se trata de uma voz presente na Argentina para se referir ao “vientre de la persona”.

Sobre a variante *zapán* encontrada em nossos dados, refere-se a um tipo de vocábulo próprio do que em espanhol se conhece como a forma de falar ao *vesre*. Segundo Conde (2013a), trata-se de um procedimento que deve ser enquadrado dentro do lunfardo, ou seja, do repertório léxico próprio da região rio-platense, constituído por expressões populares de procedência diversa, caracterizado por sua oposição ao espanhol estandar. O *vesre* manifesta-se em vocábulos que expressam variantes léxicas facilmente reconhecíveis ou relativamente fáceis (*feca* por *café*, *dorima* por *marido*, *gotán* por *tango*) (CONDE, 2013a, p. 90). Consiste em inverter a ordem das sílabas, e é chamada “hablar al revés”. Entre as possibilidades de formação da forma *vésrica*, encontramos várias possibilidades. No caso de *zapán* (*panza*) é o resultado da transposição das sílabas, convertendo as palavras graves em agudas ou vice-versa, como no caso de *camba* (por *bacán*), *chogán* (por *gancho*) (AZEVEDO, 1984). Em palavras dos especialistas, esse procedimento pode ter tido sua

origem na dificuldade da compreensão da palavra dita ou na pretensão de enriquecê-la com um matiz lúdico e de brincadeira (CONDE, 2013a, p. 89).

Na seguinte carta apresenta-se a arealidade das formas *guata* e *panza*:

**Figura 11** – Carta demonstrativa de arealidade: *guata* vs. *panza*



**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

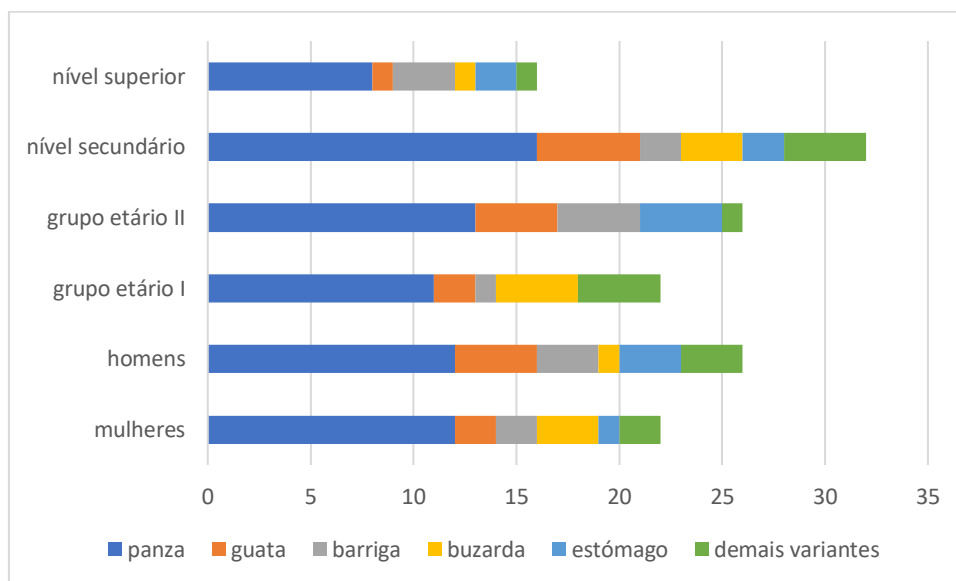
A partir da carta de arealidade, das informações registradas no dicionário DLLE e após consulta em diversas fontes,<sup>107</sup> podemos afirmar que *guata* é uma variante típica chilena que tem se estendido no território argentino, nos pontos de Ushuaia e Estâncias. Ainda, a forma *panza*, demonstrou difusão também no território chileno.

O traçado de isoléxicas permitiu verificar a presença da forma documentada nos dicionários como própria do espanhol do Chile, também no território argentino, nos pontos Ushuaia e Estâncias. Além disso, observamos que a forma *panza* se disseminou para mais de uma área geográfica, o que permite refletir sobre a fluidez das fronteiras.

<sup>107</sup> Registrado como chilenismo por Meyer Rusca (1952) y en el Diccionario del habla chilena (1978).

As variáveis sociais indicam que o fator idade é significativo nessa análise, pois os mais jovens utilizam formas que não foram registradas entre os mais velhos: *buzarda*, *zapán*<sup>108</sup> y *ravioles*. Enquanto a voz *estómago* foi referida exclusivamente pelos informantes mais velhos. A seguir, o gráfico que permite visualizar a distribuição das variantes mais produtivas:

**Gráfico 12** - Distribuição das variantes da QSL 71 por variáveis extralinguísticas



**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

A presença de lunfardismos na ilha nos leva a confirmar que o repertório léxico integrado por palavras e expressões de origem diversa, é utilizado em alternância com expressões do espanhol estândar e difundido transversalmente em todas as camadas sociais e centros urbanos da Argentina (CONDE, 2013b, p. 81).

A análise desenvolvida permitiu identificar vozes que provêm do lunfardo (*capocha*, *zapán*), bem como variantes que respondem a criações lexicais por meio do recurso metafórico, presentes também em outros países da América. Ainda, a variável idade destaca-se pela sua influência na escolha das

<sup>108</sup> A respeito do lunfardismo *zapán* e sua presença na publicidade difundida na Argentina pelo comercial do produto Buscapina, Conde explica: “Los que también favorecieron la difusión y contribuyeron a la fijación del léxico lunfardo en la conciencia lingüística de los argentinos fueron los medios de comunicación, aunque la creación de lunfardismos por parte de estos solo se dio de manera esporádica” (CONDE, 2013b, p. 102).

variantes consideradas próprias do lunfardo, *buzarda*, *zapán*, enquanto unicamente os mais velhos optaram pela variante *estómago*.

### 6.2.2 Família/ vida humana

O campo semântico “família/ vida humana” tem demonstrado ser um dos mais ricos não apenas pelas variantes registradas, mas também pelos comentários dos informantes sobre os vocábulos que sabem que existem, mas que não costumam utilizar por se tratar de formas depreciativas ou ofensivas<sup>109</sup>. As cartas que comentamos abordam as questões 163 -¿Cómo llama a la mujer que sale con muchos hombres?<sup>110</sup> - e 164 -¿Cómo llama al hombre que gusta de otros hombres?<sup>111</sup>-. Antes de iniciar a análise, acreditamos conveniente revisar algumas reflexões preliminares sobre o olhar do tabu linguístico para aprimorar a leitura e interpretação de nossos dados, uma vez que se trata da escolha que os falantes podem fazer, de um recurso ou de outro, para se referir ao mesmo conceito ou realidade. Isso permite admitir que estamos perante um fenômeno variável, ou seja, a seleção que o falante realize estará condicionada por fatores contextuais (a situação comunicativa) e sociais (as características sociais dos falantes) (CESTERO MANCERA, 2015).

---

<sup>109</sup> Casas Gómez (1994) explica que, embora a técnica dialetológica tenha sido aprimorada, existem problemas de ordem prático no referido às entrevistas e ao pudor que gera tanto nos próprios pesquisadores quanto nos informantes a abordagem das perguntas. O autor comenta que em muitos casos “los atlas lingüísticos manifiestan una innegable laguna léxica en relación con el vocabulario sexual y escatológico” (CASAS GÓMEZ, 1994, p. 133).

<sup>110</sup> Como você chama à mulher que namora com muitos homens?

<sup>111</sup> Como você chama ao homem que gosta de outros homens?

### 6.2.2.1 Tabu linguístico

O campo semântico sexualidade caracteriza-se por estar impregnado de significados culturais relevantes para qualquer sociedade (PIZARRO PEDRAZA, 2013). O seu *status* de categoria tabu pode colocar em evidência as ideologias que circulam na sociedade, bem como aqueles pressupostos morais e aspectos psicoemocionais dos membros de uma comunidade determinada.

O tabu linguístico, também conhecido como *interdicción lingüística*, foi definido por Coseriu como “el fenómeno por el cual ciertas palabras relacionadas con supersticiones y creencias se evitan y se sustituyen por préstamos, eufemismos, circunlocuciones, metáforas, antífrasis, etc.” (COSERIU, 1977, p. 90). O autor entende o tabu linguístico como parte de um fenômeno mais amplo, intimamente relacionado com as superstições e crenças, porém, também unido a razões de índole emotiva e social, tais como a educação, a cortesia, as boas maneiras e a decência. Por meio dele, evitam-se expressões e palavras que podem ser consideradas grosseiras, descorteses ou indecentes (COSERIU, 1977, p. 93).

Autores como Casas Gómez (1986) explicam que o passar do tempo levou a uma paulatina perda de muitos daqueles tabus linguísticos próprios do plano religioso, em especial daqueles voltados aos temores supersticiosos, e a um avanço do tabu para outras facetas da vida humana. Nesse sentido, observa-se um aumento considerável de aqueles tabus “de decencia, pudor o delicadeza” (CASAS GÓMEZ, 1986, p. 28).

### 6.2.2.2 Eufemismo: algumas considerações

Definido pelo DRAE como a “Manifestación suave o decorosa de ideas cuya recta y franca expresión sería dura o malsonante”, consideramos

também que o eufemismo serve para atenuar, dizer com respeito e cortesia o que se quer dizer, toda vez que isso que se tem a dizer resulta incômodo. Embora se trate de um fenômeno difícil de sistematizar linguisticamente, tem recebido abundante atenção por parte dos estudiosos. Encontramos alguns autores que definem o eufemismo sob uma ótica extralinguística e estabelecem suas motivações, outros, porém, caracterizam o processo linguístico que existe por trás do eufemismo.

Pizarro Pedraza (2013) salienta que as múltiplas finalidades do eufemismo dentro do discurso pode encobrir o que não pode ser dito e servir como modo de acomodação social, ou de sensibilização social. Todas elas atuam em diversas situações e segundo a situação comunicativa. Ademais, Casas Gómez (1986, p. 47) indica que a definição de um termo como “culto”, “familiar”, “popular” e “vulgar” deve ser relativizada, ou seja, a depender do contexto em que determinado termo seja registrado, ele poderá ter um uso culto, um uso popular ou vulgar. Ao falar de substitutos lexicais, o autor também salienta que os diversos substitutos poderão ter um uso eufemístico ou disfemístico, a depender da situação pragmática concreta.

No contexto da revisão dos fenômenos de interdição, Ullman (1976) aponta que podem ser classificados segundo a natureza do tabu (superstição, delicadeza ou decência), ou segundo o procedimento eufemístico utilizado. Assim, entre os possíveis procedimentos eufemísticos, destaca-se: i) a modificação, referida às deformações fonéticas e às modificações morfológicas, nesse caso consideram-se os diminutivos, e ii) a substituição léxica, onde destaca, entre alguns dos mecanismos, os empréstimos, as generalidades evasivas, antífrases, metáforas e perífrase.

Ao falar de disfemismo, Casas Gómez explica que se trata do fenômeno inverso ao eufemismo que não procura a ruptura das associações com “el vocablo interdicto, sino contrariamente, motivarlas e intensificarlas” (CASAS GÓMEZ, 1986, p. 84) e consiste no uso de uma interdição aproveitando os meios linguísticos que acentuem as conotações tabu, ao invés de atenuá-las. Desta forma, relaciona-se com os insultos, as palavras vulgares, as injúrias.

Sobre as diferenças diastráticas que podem ser evidenciadas nos diversos usos dos eufemismos e das palavras tabuizadas, López Morales (2005) explica que existe um posicionamento que não considera o tabu nem os eufemismos como elementos variáveis, indicadores de estratificação social. Entretanto, em outra perspectiva acredita-se que o tabu estaria condicionado, no mínimo, pelo estrato sociocultural do falante e pelo estilo empregado na interação com os outros (LÓPEZ MORALES, 2005, p. 8).

Em pesquisa realizada recentemente com jovens de escolas de ensino médio da cidade de Bahía Blanca (Buenos Aires, Arg.), Garate Peralta (2021) constatou a disponibilidade léxica referente ao campo semântico sexualidade e a adaptação realizada pelos jovens aos diferentes contextos situacionais e estilos comunicativos. Assim, identificou a eleição de variantes “ortofemísticas” (formas neutras ou diretas de nomear as realidades tabuizadas, que não são nem eufemísticas nem disfemísticas) no caso do discurso institucional, de eufemismos no caso da comunicação familiar, e disfemismos na interação com colegas da mesma idade (GARATE PERALTA, 2021, p. 86).

#### 6.2.2.3 Carta lexical 20 – *Putá*

A carta lexical 20 - *¿Cómo llama a la mujer que sale con muchos hombres?* - apresenta um interessante polimorfismo lexical. Nos próximos parágrafos vamos deter nosso olhar na carta que recolhe a totalidade de respostas dadas pelos informantes, não apenas a primeira.

**Quadro 16** - Designações para a QSL 163, seus respectivos números de ocorrências e percentuais

Variante	Nº de ocorrências	%	Variante	Nº de ocorrências	%
trola	8	19,51%	prostituta	1	2,44%
puta	8	19,51%	arriesgada	1	2,44%
gato/a	4	9,76%	fácil	1	2,44%
suelta	3	7,32%	divina	1	2,44%
loca	3	7,32%	putita	1	2,44%
maraca	2	4,88%	cachera	1	2,44%
prostituta	2	4,88%	putarraca	1	2,44%
atorranta	2	4,88%	perra	1	2,44%
yiro	1	2,44%			
41					

**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

As variantes de maior produtividade foram *puta* e *trola*, que mostraram oito ocorrências cada uma, seguida da variante *gato/a*, com quatro ocorrências. *Suelta* e *loca* obtiveram a mesma quantidade de ocorrências (três ocorrências). *Atorranta*, *prostituta* e *maraca* contabilizaram duas ocorrências cada uma das variantes. Entre as unidades que mostraram uma única ocorrência encontramos: *arriesgada*, *divina*, *cachera*, *perra*, *fácil*, *putarraca*, *yiro*, *prosti*, e *putita*.

Sobre a redução da lexia *prostituta* pela forma *prosti*, Casas Gómez (1986) afirma que a supressão de sílabas, principalmente as finais (apócope), resulta um fato possível de constatar na língua, de modo geral, e inclusive pode ser lexicalizado. O autor explica que se trata de formas frequentes na fala juvenil, que são comuns para fins cômicos ou humorísticos, gerando maior expressividade (CASAS GÓMEZ, 1986, p. 121).

Quanto às diferenças diatópicas, percebemos que as variantes *suelta* (três ocorrências), *maraca* (duas ocorrências) e *cachera* (uma ocorrência) tem presença só no território chileno (Porvenir). *Gato* foi registrada apenas no norte da ilha do lado argentino (Rio Grande e Estâncias), enquanto *atorranta* ocorreu apenas nos pontos do centro e sul da ilha (Tolhuin e Ushuaia). Isso nos proporciona informação a respeito das possibilidades de certos termos estarem

condicionados por diversos fatores como o tipo de interação linguística, pelas circunstâncias comunicativas. A existência de palavras que não podem ser pronunciadas em certas ocasiões, mas sim em outras, evidencia as nuances eufemísticas de uma palavra, o que confirma que elas são instáveis, efêmeras e relativas (CASAS GOMEZ, 1986, p. 40).

Sobre a variação segundo a geração dos informantes, a variante *gato* (quatro ocorrências) foi registrada apenas na faixa I. Duas variantes aconteceram exclusivamente na faixa II: *prostituta* (três ocorrências) e *atorranta* (duas ocorrências). É interessante salientar o resultado quanto ao uso da variante *puta* (sete ocorrências), de maior produtividade entre os informantes da faixa I, que foi registrada na faixa II com as seguintes formas: *puta*, *putarraca* e *putita* cada uma com uma ocorrência. A presença das formas com os prefixos -arraca (*putarraca*) e o diminutivo -ita (*putita*) possibilita pensar que entre os informantes da segunda faixa etária existiria um maior pudor na produção da forma *puta*, portanto, servem-se de estratégias de sufixação a fim de suavizar a expressão malsonante.

A primeira resposta dada pelos informantes diante da questão 163 - ¿Cómo llama a la mujer que sale con muchos hombres?- relevou como a variante de maior produtividade *trola* (seis ocorrências). Entre as outras variantes encontram-se: *puta* (cinco ocorrências), *loca* (três ocorrências), *gato* (duas ocorrências), *atorranta* (duas ocorrências), *suelta* (duas ocorrências). Como ocorrências únicas foram registradas as variantes: *putita*, *maraca*, *perra*, *arriesgada*, *putarraca*, *cachera*, *gata*. Por sua parte, uma informante mulher, com máximo nível de escolaridade, disse desconhecer a forma como é chamada uma mulher com essas características.

Verificamos a inexistência no ALECH da abordagem do item referido à mulher que costuma ter relacionamentos com muitos homens. Por isso, a seguir comentamos apenas aquelas variantes que foram dicionarizadas.

A forma *puta* não foi dicionarizada em nenhum dos materiais consultados, fato que poderia denotar o preconceito sobre este termo, altamente tabuizado. Porém, a revisão dessa unidade em outros dicionários *online* permitiu

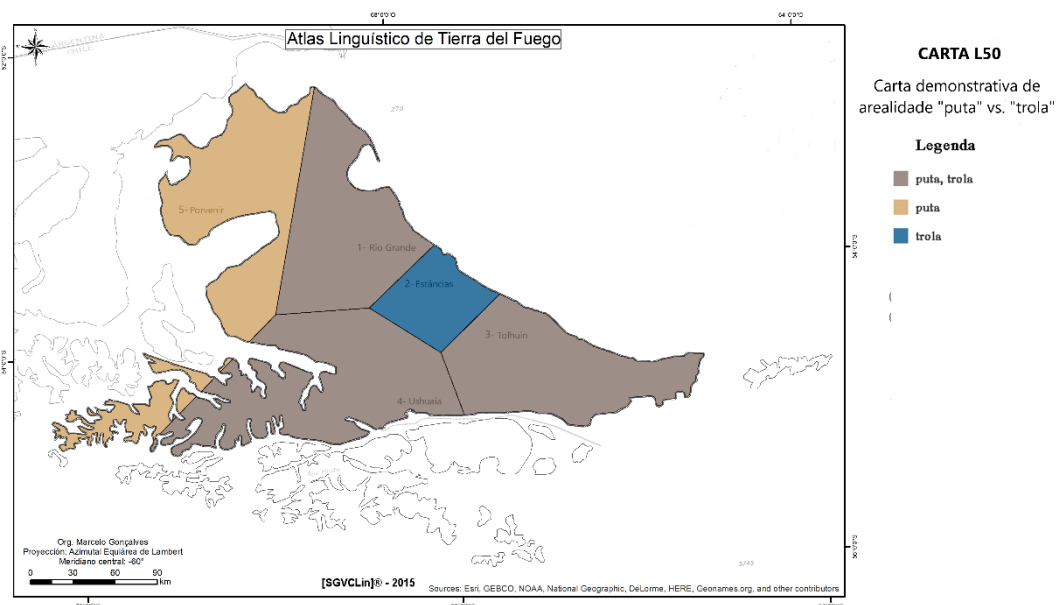
achar que é definida como “persona que ejerce la prostitución” (WORDREFERENCE), além de ser utilizada para referir a “mujer que entrega su cuerpo a la satisfacción de los deseos sexuales de otra persona” (Diccionario del español de México). Em ambos os casos salienta-se o carácter grosseiro e vulgar da unidade. Por sua vez, a variante *trola* consta dos registros do DLLE como um termo próprio da Argentina, de uso vulgar e malsonante, além de depreciativo, faz alusão “a la mujer generosa con su cuerpo”.

*Gato* consta dos registros dos dicionários DLLE e DIA para se referir na Argentina a uma “Prostituta de alto estatus social, lo que suele promocionarse como 'acompañante” (DLLE). Já o DIA indica que se trata de uma unidade para se referir a uma “Prostituta a la que frecuentan personas con recursos económicos” (DIA) de uso popular na Argentina e no Uruguai, enquanto que na Espanha supõe um uso vulgar.

Documentada pelo DIA como de uso pejorativo, exclusivo no Chile, *suelta* refere-se à “Mujer de conducta sexual desinhibida” (DIA). O lexema *loca*, registrado pelo DIA para diferentes países da América Latina, utiliza-se para prostituta. Ainda, o DRAE fornece a mesma aceção, e indica que se trata de uma voz eufemística e coloquial registrada na Argentina e no Uruguai para se referir a prostituta (DRAE). Por sua vez, a voz *prostituta* foi dicionarizada pelo DRAE para nomear a “persona que mantiene relaciones sexuales a cambio de dinero” (DRAE). Por fim, *atorranta* consta dos registros do DIA indicando que é pouco utilizado no Chile, e serve para se referir às prostitutas (DIA) outra aceção específica que se trata de um termo de uso espontâneo e pejorativo, documentado na Argentina para chamar a uma “*mujer, promiscua*” (DIA).

Apresentamos, a seguir, a carta de arealidade correspondente às formas *puta* e *trola*:

**Figura 12 - Carta demonstrativa de arealidade: *puta* vs. *trola***



**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

Enquanto *trola* está restrito ao território argentino, o que coincide com os registros do DLLE, a variante *puta* é hegemônica nas áreas demarcadas em cinza e marrom. A área de covariação de ambas as formas, situada na Argentina, restringe-se aos pontos urbanos, junto com o ponto Tolhuin.

#### 6.2.2.4 Carta lexical 22 – Gay

A carta que recolhe o total de respostas oferecidas pelos informantes à pergunta *¿Cómo llama al hombre que gusta de otros hombres?*<sup>112</sup> traz como resultado um total de 46 respostas fornecidas.

<sup>112</sup> Como você chama ao homem que gosta de outros homens?

**Quadro 17** - Designações para a QSL 164, seus respectivos números de ocorrências e percentuais

Variante	Nº de ocorrências	%	Variante	Nº de ocorrências	%
gay	19	41,30%	hueco	1	2,17%
puto	10	21,74%	trolebús	1	2,17%
homossexual	6	13,04%	putarraco	1	2,17%
maricón	4	8,70%	mariposa	1	2,17%
troló	3	6,52%			
46					

**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

Das 19 ocorrências de *gay*, 13 foram registradas em informantes da primeira faixa etária, o que indicaria a preferência dos jovens pelo anglicismo. Já no caso dos informantes da segunda faixa, além de usar a variante *gay*, muitos optaram pela variante *homossexual* (cinco ocorrências), variante que, entre os jovens, foi registrada com uma única ocorrência.

Quanto às diferenças diassexuais, percebemos que um grande número de mulheres optou pela variante *gay* (12 ocorrências), enquanto essa mesma variante foi elicitada pelos homens com sete ocorrências. A variante *puto* (oito ocorrências) foi registrada como a de maior produtividade entre os homens, ao passo que entre as mulheres aconteceu apenas duas vezes. Fica a pergunta sobre a carga pejorativa do lexema *puto*, quais as motivações por trás dessa escolha por parte dos homens, e a tendência, entre as mulheres, de evitar essa forma.

Ainda, salientamos que *troló* distribui-se por três dos pontos da Argentina (Rio Grande, Estancias e Tolhuin), mas não ocorreu no Chile. A voz *gay* foi definida pelo DRAE como “dicho de una persona, especialmente de un hombre: homossexual”. A variante *puto*, registrada pelo DIA para vários países da América Latina, entre os quais figura a Argentina, serve para se referir aos homens homossexuais. O DLLE indica, ainda, que se trata de um eufemismo próprio da Argentina, e apresenta um uso vulgar e coloquial.

No caso da lexia *homosexual*, aparece registrada pelo DRAE como “dicho de una persona inclinada sexualmente hacia individuos de su mismo sexo”. Chama a atenção o comentário do verbete para *maricón* presente no DLLE que, além de indicá-lo como uma voz presente na Argentina, destaca que se trata de um termo homofóbico, cuja utilização tem caído em desuso, o que é factível de discussão segundo nossos dados, já que foi registrado com quatro ocorrências. Por fim, salientamos a variante *troló*, cuja etimologia refere a um veículo de transporte que circulava por Buenos Aires no século passado, chamado *trolebús*. O particular funcionamento do veículo (veículo transporte ônibus com duas frentes) levou a adotar a forma *troló* “para referirse a varones homosexuales”. O fato de ter nascido como uma expressão para um meio de transporte que funcionou em Buenos Aires explicaria a ausência total dessa voz no território chileno.

Acerca das diferenças diastráticas, constatamos que algumas variantes de ocorrência única (*mariposa* e *putarraco*) foram produzidas exclusivamente por informantes com nível superior. Ainda, duas variantes que ocorreram com frequência nos informantes de nível secundário não foram registradas entre aqueles de nível superior: *troló* e *maricón*.

A primeira resposta fornecida pelos informantes quando consultados com a seguinte questão: *¿Cómo llama al hombre que gusta de otros hombres?* registrou um total de cinco variantes: *gay* (16 ocorrências), *puto* (sete ocorrências), *homosexual* (três ocorrências), e com uma ocorrência as variantes *putarraco* e *troló*.

#### 6.2.2.4.1 Análise dos comentários

Sobre os comentários realizados pelos informantes, a respeito das questões 163 e 164, verificamos que foram aqueles que mais reflexões têm suscitado, conforme vemos na sequência:

- (1) INF: *la pasa bien, qué sé yo. No me suelo referir. Gato le dicen algunos. [2/1]*
- (2) INF: *¿te lo digo? Es que es muy feo el término, pero generalmente le dicen maraca, suelta, prostituta. [5/4]*
- (3) INF: *la gente suele decir atorranta, pero yo no uso esa palabra. Porque además ahora, culturalmente no es una palabra que se use como antes porque hay muchos prejuicios o formas de relación que están entrando en crisis y ya no se la denomina de la misma manera. [4/4]*
- (4) INF: *y...lamentablemente la palabra puta, prostituta. [4/8]*
- (5) INF: *vos sabés que nunca supe cómo se les dice a esas mujeres que andan con muchos hombres...Una loca, una trola le dicen por ahí. [1/4]*
- (6) INF: *gay, mariposa, eso te lo digo porque entre amigos es así [1/5]*
- (7) INF: *¿qué querés, sinónimos?*
- INQ: *¿qué palabra usarías vos en caso de tener que referirte a esa persona?*
- INF: *trolebús, pero hay de todo. Patea el estribo... [2/4]*
- (8) INF: *es gay, pero le dicen trola.*
- INQ: *¿Vos cuál usás?*
- INF: *Por respeto, gay. [3/2]<sup>13</sup>*

Nas falas apresentadas, observamos certos cuidados por parte dos informantes no momento de indicar quais palavras são utilizadas para se referir aos homens e às mulheres com essas características. Desse modo, acreditamos que podem ser identificadas algumas atitudes nesses comentários: i) preocupação por se distanciar das falas dos outros, como no caso de “gato, le dicen algunos” (1), “la gente suele decir” (3); ii) preocupação por cuidar da própria imagem (GOFFMAN, 1970): “es que es muy feo el término (2)” “por respeto, gay”(8); e iii) um intento por parte dos informantes para desnaturalizar discursos

---

<sup>113</sup> (1) INF: Curte bastante, não sei, não faço idéia. Não costumo falar disso. Gato falam alguns [2/1].

(2) INF: Posso dizer para você? É que o termo é muito feio, mas geralmente falam maraca, suelta, prostituta [5/4].

(3) INF: As pessoas costumam dizer atorranta, mas eu não uso essa essa palavra. Até porque agora, culturalmente não é uma palavra que se utilize como antes porque tem muito preconceito ou formas de relacionamento que estão entrando em crise e agora não se chama às pessoas da mesma forma [4/4]

(4) INF: E...infelizmente a palavra puta, prostituta [4/8]

(5) INF: Você sabe que eu nunca soube como se lhe diz a essas mulheres que costumam namorar muitos homens ...Uma loca, uma trola falam alguns [1/4]

(6) INF: Gay, mariposa, isso eu falo para você porque entre amigos é assim [1/5]

(7) INF: ¿Você quer sinónimos?

INQ: ¿Qual palavra você usa para se referir a essa pessoa?

(8) INF: Trolebús, mas tem de tudo. Patea el estribo... [2/4]

INF: É gay, mas falam trola.

INQ: ¿Você usa qual?

INF: Por respeito, gay [3/2]

que podem ser percebidos como próprios de outra época, em que a sexualidade era concebida de outra forma: “culturalmente no es una palabra que se use” (3).

A análise dos comentários das pessoas entrevistadas leva-nos a refletir acerca do papel da lei de Educação Sexual Integral na Argentina e a sensibilização que ela provocou, de modo geral, na comunidade. Nesse sentido, as reflexões sobre as ideologias linguísticas propostas por Arnoux e Del Valle (2010) auxiliam na compreensão deste tipo de comentários feitos por nossos informantes:

Las ideologías lingüísticas se inscriben en regímenes de normatividad que, al actuar desde las instituciones, son generadores de discursividades legítimas. Estos dispositivos pueden inferirse de las propias prácticas discursivas o de las evaluaciones que los hablantes hacen de las formas en un determinado espacio social (ARNOUX, DEL VALLE, 2010, p. 6).<sup>114</sup>

Por meio das análises é possível olhar para algumas cartas dos campos semânticos selecionados, “corpo humano” e “família/vida humana”, e verificar que há contraste dos dados coletados com aqueles resultados do ALECH e com as variantes dicionarizada. Isso permitiu algumas reflexões a respeito das variantes inovadoras e da variação lexical produto dos contatos linguísticos acontecidos na ilha. Ainda, a análise dos comentários é uma amostra do impacto e a forma como operam os termos tabu na atualidade. A seguir, expomos algumas considerações parciais.

#### 6.2.2.5 Carta lexical 18 - *Cornudo*

A questão nº 160, contabilizou um total de 11 variantes para denominar o homem que é enganado por sua mulher. A forma *cornudo* apresenta predominância, e se distribui por todo o território. De igual forma acontece com as variantes *gorreado* e *gorro*. Apenas as formas *guampa* e

---

<sup>114</sup> As ideologias linguísticas inscrevem-se em regimes de normatividade que, agindo a partir das instituições, são geradores de discursividades legítimas. Estes dispositivos podem ser inferidos das próprias práticas discursivas ou das avaliações que os falantes fazem das formas em um determinado espaço social (ARNOUX, DEL VALLE, 2010, p.6 tradução nossa).

*guampeta* se registraram no norte da ilha, nos pontos Porvenir e Rio Grande. No ponto Estâncias foram registradas duas formas, enquanto nos outros pontos rurais os informantes mostraram conhecimento sobre outras vozes. A seguir, o quadro com as variantes e seus respectivos percentuais.

**Quadro 18** - Designações para a QSL 160, seus respectivos números de ocorrências e percentuais

Variante	Nº de ocorrências	%	Variante	Nº de ocorrências	%
cornudo	24	46,15%	engañado	1	1,92%
gorreado	11	21,15%	guampeta	1	1,92%
guampudo	5	9,62%	guampeado	1	1,92%
guampa	3	5,77%	gorro	1	1,92%
corneta	2	3,85%	venado	1	1,92%
cuernudo	2	3,85%			
52					

**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

Sobre as variantes que foram dicionarizadas, encontramos que a forma *cornudo*, de uso coloquial, utiliza-se para referir a uma “persona, especialmente de un marido que es objeto de infidelidad por parte de su pareja”. O DLLE registra esta forma como própria da Argentina, enquanto o DRAE não especifica informações quanto a sua distribuição diatópica.

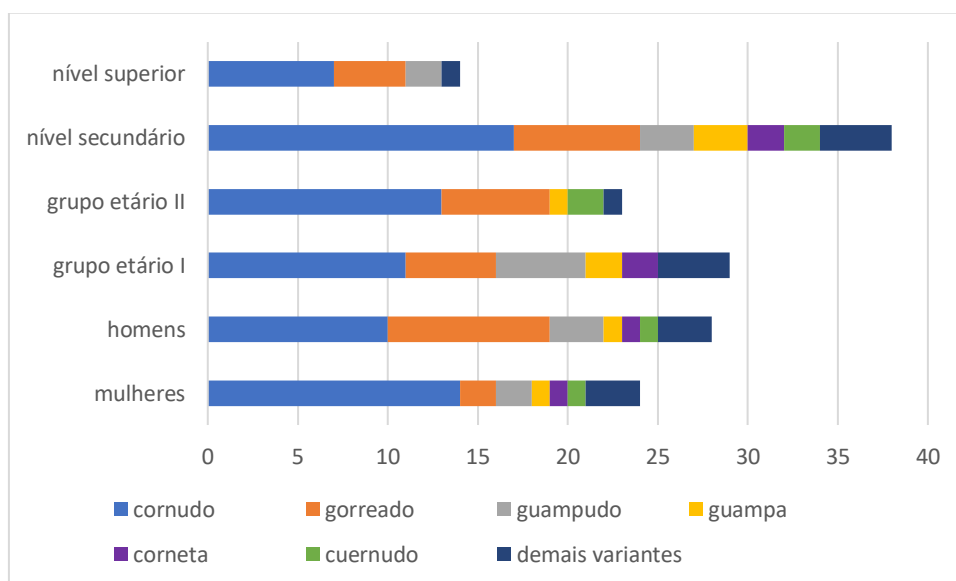
*Gorreado* consta dos registros do DIA como forma utilizada no Chile, enquanto o DLLE, além de indicar seu uso coloquial, pejorativo e familiar, salienta seu registro na Argentina, em especial na província de Córdoba.

A voz *guampudo* é indicada pelo DIA como própria da Argentina e do Uruguai. *Guampa*, registrado pelo DIA e o DRAE, é utilizado em países como Uruguai, Paraguai e Argentina de forma metafórica para referir a “infidelidad en una pareja que mantiene una relación amorosa”.

A forma *cuernudo* foi documentada pelo DIA como própria de países como República Dominicana, Puerto Rico, Peru e Bolívia para chamar “en una relación amorosa, persona que es engañada por su pareja”.

No tocante às diferenças diastráticas de uso, as formas *guampa*, *corneta* e *cornudo* foram registradas apenas no grupo de informantes com nível secundário. O eixo diageracional evidenciou a eleição da forma *cuernudo* por parte dos mais velhos, enquanto os mais jovens optaram pelas variantes *guampudo* e *corneta*, totalmente ausente nas escolhas do outro grupo. A seguir, o gráfico que evidencia a distribuição segundo as variáveis sociais:

**Gráfico 13** - Distribuição das variantes da QSL 160 por variáveis extralinguísticas



**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

A diasssexualidade, por outro lado, apresenta alguns índices diferenciais entre as variantes, pois registrou-se uma maior produtividade da variante *gorreado* nos informantes homens, e da variante *cornudo* por parte das mulheres.

#### 6.2.2.6 Carta lexical 15 - *Amarrete*

Para a questão nº 147 -¿ *Cómo llama a la persona a la que no le gusta gastar plata?*-, foram recolhidas um total de 16 variantes. Entre elas constam 14 formas lexicalizadas, e as unidades fraseológicas *mano de guagua* e *tiene un cocodrilo en el bolsillo*.

**Quadro 19** - Designações para a QSL 147, seus respectivos números de ocorrências e percentuais

Variante	N° de ocorrências	%	Variante	N° de ocorrências	%
tacaño	16	27,59%	cagón	2	3,45%
rata	10	17,24%	mano de guagua	2	3,45%
amarrete	6	10,34%	lauchas	2	3,45%
codo	4	6,90%	mugriento	1	1,72%
apretado	3	5,17%	miserable	1	1,72%
tiene un cocodrilo en el bolsillo	3	5,17%	rastrero	1	1,72%
agarrado	3	5,17%	cagado	1	1,72%
mezquino	2	3,45%	pijotero	1	1,72%
58					

**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

A presença do termo *tacaño* distribui-se por toda a ilha. Sua dicionarização no DRAE indica que procede do italiano *taccagno*, “que escatima en gastos”.

Já as formas, *apretado*, *cagado* e *mano de guagua* foram registradas exclusivamente no território chileno. Ao olhar a primeira forma, *apretado*, o DIA registra seu uso no Chile, para se referir ao “amarrete, avaro”. Por sua vez, o DRAE indica que se trata de uma forma coloquial para chamar uma pessoa de “mezquina, miserable”.

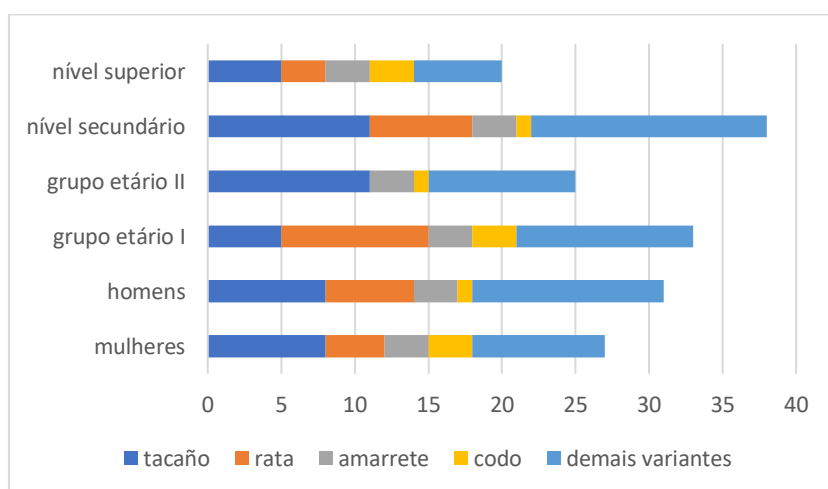
Com ocorrência em todos os pontos do lado argentino da ilha, a lexia *rata* foi dicionarizada pelo DRAE y pelo DLLE, segundo o qual se trata de uma forma coloquial e pejorativa para referir ao avaro.

Continuando com a análise das variantes distribuídas na carta L14 (Tomo II, p. 84), a forma *codo* teve ocorrências unicamente no ponto norte da ilha, em Rio Grande. Sua dicionarização consta do DRAE, mas como uma forma própria de países de América Central. O DIA indica seu registro também na Bolívia e no Paraguai. Acreditamos que pode ter ingressado no país com as migrações limítrofes acontecidas a partir da década de 80, e irradiado ao resto da Argentina, pois se trata de uma voz muito utilizada também em Buenos Aires.

Segundo o DRAE, a variante *agarrado* é de uso coloquial e serve para aludir ao *tacaño*. Localiza-se nos pontos centro e sul da ilha, Tolhuin e Ushuaia.

No gráfico apresentado a seguir, os fatores diageracionalidade e diasssexual demonstram aspectos distintos:

**Gráfico 14** - Distribuição das variantes da QSL 147 por variáveis extralinguísticas

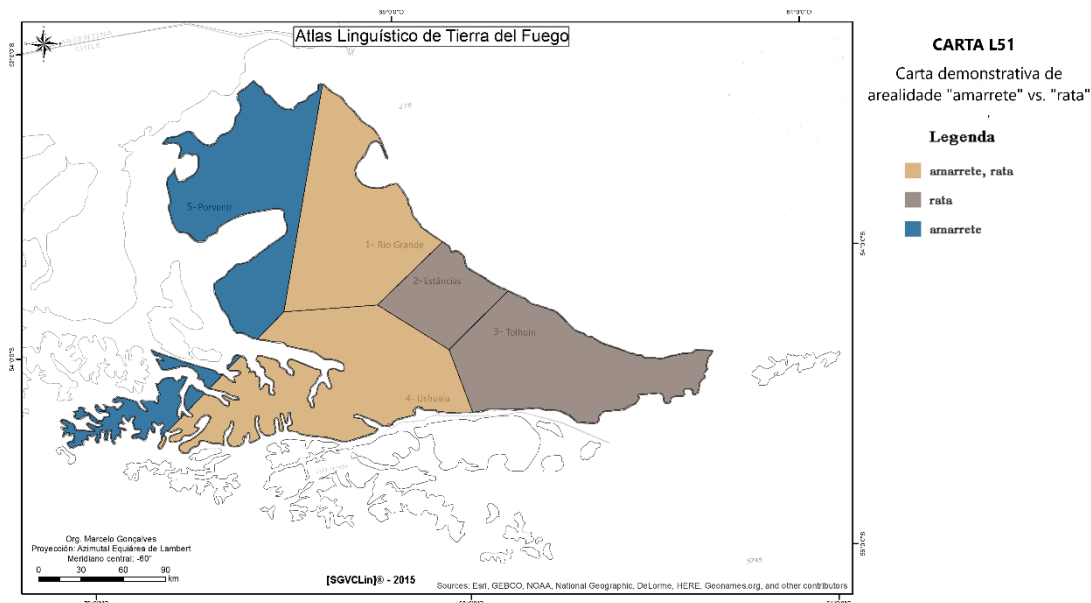


**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

No que se refere às escolhas segundo as variáveis sociais, nos dois sexos verificamos os mesmos índices na escolha das formas *tacaño* e *amarrete*. Diferentemente, a variante *rata* apresenta maior produtividade entre os homens do que entre as mulheres. No eixo diageracional, registramos maior ocorrência da variante *codo* entre o grupo etário I. *Rata* foi informada como exclusiva dos mais jovens, o que coincide com a informação relevada pelo DLLE sobre seu uso na Argentina, sobretudo entre os falantes jovens.

A seguir, a carta que demonstra a arealidade de *rata* em contraste com *amarrete*:

**Figura 13** - Carta demonstrativa de arealidade: *amarrete* vs. *rata*



**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

Com áreas cinza e marrom, a variante *rata* demonstra presença hegemônica do lado argentino, o que confirma as informações do DLLE sobre seu uso dentro do território. Já o lado chileno confirma a presença da forma *amarrete*. No caso dos pontos urbanos, representam a área de covariação entre ambas as formas.

### 6.2.3. Vestuário

As roupas e a moda podem ser consideradas elementos que representam a identidade dos indivíduos na sociedade (DULCI, 2015). Assim, o léxico presente no campo “vestuário”, expõe o repertório de uma comunidade de falantes e reflete o caráter inovador conforme as novidades da moda, presente em cada época, e salienta-se como um campo especial no qual ecoam, desde há séculos, empréstimos do francês e do inglês (RODRÍGUEZ GUTIÉRREZ, 2018).

Ainda, no contexto marcado pelas características climatológicas de Tierra del Fuego, despertou nosso interesse o fato de observar como são concebidos certos itens lexicais. Assim, do total de perguntas do campo “vestuário”, foram escolhidas quatro cartas que, apresentam interessante distribuição e trazem algumas reflexões pelo eixo diassexual. A seguir, são apresentadas as análises referidas as cartas lexicais 127-*campera*; 138-*sandalia*; 139-*ojota*; 132-*bombacha*.

#### 6.2.3.1 Carta lexical 26 -*Campera*

O primeiro item em análise refere-se a uma das peças do vestuário que mais é utilizada nessa geografia, levantada a partir da questão 127, que indagava pela roupa utilizada no inverno, colocada acima de *sweaters* ou *jerseys*. Identificamos sete variantes, conforme ilustrado no quadro 20.

**Quadro 20** - Designações para a QSL 127, seus respectivos números de ocorrências e percentuais

Variante	Nº de ocorrências	%	Variante	Nº de ocorrências	%
campera	22	64,71%	tapado	1	2,94%
parka	4	11,76%	paletó	1	2,94%
saco	3	8,82%	gamulán	1	2,94%
chaqueta	2	5,88%			
34					

**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

Com maior ocorrência, *campera* registrou-se como variante diatópica, presente exclusivamente no território argentino. Porém, ao pesquisar a dicionarização, encontramos seu registro no DIA como forma presente na Bolívia, no Chile, Paraguay, Argentina e Uruguay.

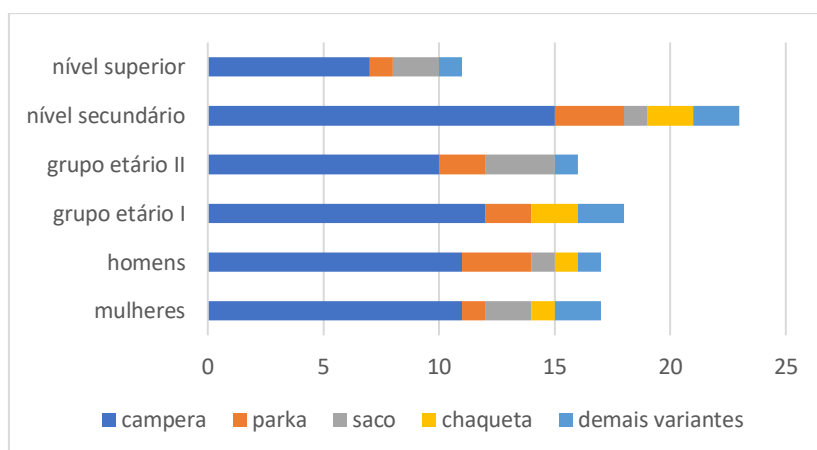
*Parka* e *chaqueta*, as únicas duas variantes documentadas no Chile, ocorreram também no território argentino, na cidade mais próxima, Rio Grande. O que poderia indicar, mais uma vez, a presença de variantes produto do contato varietal. Ambas as formas foram dicionarizadas apenas no DRAE. A primeira, *parka*, refere-se a um vocábulo proveniente do russo e este, segundo

o DRAE, do samoyedo *parka* “abrigo de pele”. Na definição atual o dicionário indica que se trata de “prenda de abrigo de material impermeable por fuera y acolchada por dentro”. A voz *chaqueta* foi definida como “prenda exterior de vestir, con mangas y abierta por delante, que llega por debajo de la cadera”.

A variante *saco*, produzida apenas em alguns pontos do lado argentino, consta dos dicionários DIA e DRAE. No caso do primeiro, o vocábulo foi registrado na Argentina, dentre outros países que o utilizam, e definido como “prenda de vestir de punto, abierta en la parte delantera, que cubre el torso y los brazos y se cierra con botones”.

A variável social apresentada como mais significativa resultou ser a idade. Entre as variantes presentes apenas na fala dos informantes mais velhos, encontramos *saco* e *paletó*. No caso de variantes utilizadas exclusivamente por jovens encontramos as formas *chaqueta*, e de ocorrência única *tapado* e *gamulán*. A seguir, o Gráfico 15 que apresenta a distribuição:

**Gráfico 15** - Distribuição das variantes da QSL 127 por variáveis extralinguísticas



**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

### 6.2.3.2 Carta lexical 28 - *Bombacha*

Ao perguntar pela questão nº132 -¿Cómo se llama la ropa interior de las mujeres?- obtivemos um total de 46 respostas distribuídas em 10

formas. Algumas delas, poderiam ser consideradas como “genéricas” e outras, muitas específicas dão conta do nome que é conhecido por cada falante, com maior ou menor grau de precisão.

**Quadro 21** - Designações para a QSL 132, seus respectivos números de ocorrências e percentuais

Variante	Nº de ocorrências	%	Variante	Nº de ocorrências	%
bombacha	24	52,17%	cuadro	1	2,17%
tanga	7	15,22%	bikini	1	2,17%
calzón	6	13,04%	colaless	1	2,17%
lencería	2	4,35%	hilo dental	1	2,17%
culotte	2	4,35%	ropa interior	1	2,17%
46					

**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

A variante *bombacha*, de maior produtividade, encontra-se disseminada em todos os pontos do lado argentino e foi registrada no DRAE como forma comum da Argentina, Bolívia e Paraguai para chamar à roupa íntima feminina. Já a forma *tanga*, com menor número de ocorrências, foi utilizada exclusivamente do lado argentino. Trata-se de uma forma com origem na voz tupi, segundo o DRAE, e caracteriza-se por ser de menor tamanho. O DIA informa sobre seu uso também no Uruguai.

A variante mais produtiva no território chileno resultou ser *calzón* e seu registro encontra-se nos dicionários consultados DIA, DLLE e DRAE. O DIA localiza a forma em vários países da América Latina, inclusive na Argentina, o que se confirma nas duas ocorrências da forma nas localidades de Rio Grande e Ushuaia.

Por fim, as formas *lencería* e *culote* merecem alguns esclarecimentos, já que se trata de duas variantes factíveis de ser categorizadas de diferente forma. Quanto a *lencería*, referimo-nos ao vocábulo conhecido na semântica como hiperônimo, termo que abrange muitas outras formas. No caso de *culote*, estamos diante do que poderia ser proposto como um subtipo, dentro das roupas íntimas utilizadas pelas mulheres. O mesmo esclarecimento

realizado para *culote* vale para as formas de ocorrências únicas *colaless* e *hilo dental*. Todas elas com características e tamanhos diferenciados.

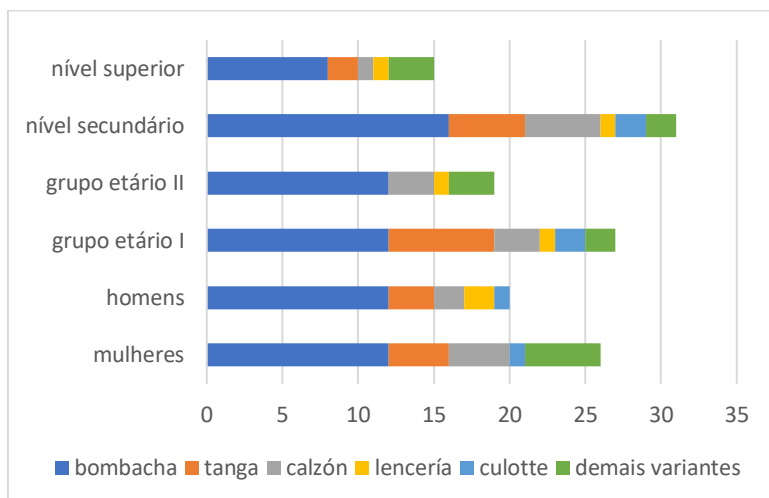
Sobre a incidência das variáveis sociais nas escolhas dos informantes, verificamos a ocorrência de *lencería* como uma variante exclusiva do grupo dos homens. A forma *lencería* indicaria uma menor preocupação por parte dos homens, na identificação detalhada de uma roupa íntima única das mulheres e as possíveis influências que a variável sexo tem nas eleições lexicais.<sup>115</sup> Isso permite pensar a linguagem apresentada como reveladora de concepções de gênero, produto das diferenças nos processos de socialização de homens e mulheres.

Ainda, sobre o eixo diassexual, observamos a referência a outras variantes registradas exclusivamente no grupo de mulheres, agrupadas em “demais variantes”: *hilo dental*, *bikini*, *culote*, *cuadro*, *colaless*, *ropa interior*. No caso das variantes *tanga* e *culote* foram registradas apenas no grupo dos informantes mais jovens. A seguir, o gráfico com as variantes e sua distribuição:

---

<sup>115</sup> Assuntos relacionados com a incidência da variável sexo e sua associação com o tipo de motivação e contexto social em que se produzem são relatadas em pesquisa sobre disponibilidade léxica desenvolvida em Cuba (PACHECO CARPIO et al., 2017). Ao comparar o comportamento linguístico de homens e mulheres e verificar a disponibilidade léxica no centro de interesse “medios de transporte”, pesquisadores tem constatado um amplo uso, por parte dos homens, dos nomes das marcas específicas de carros, completamente ausentes no léxico disponível na fala das mulheres.

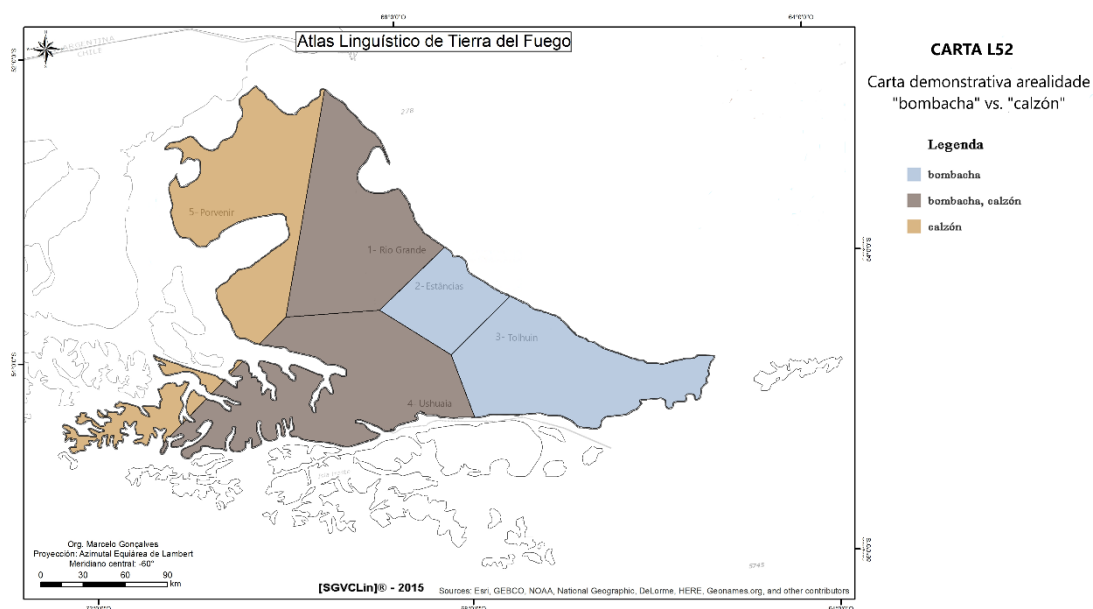
**Gráfico 16** - Distribuição das variantes da QSL 132 por variáveis extralinguísticas



**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

A Figura 14 mostra as áreas em que ocorrem *bombacha* e *calzón*, assim como as áreas em que ambas as formas covariam:

**Figura 14** - Carta demonstrativa de arealidade: *bombacha* vs. *calzón*



**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

Conforme destacado, *calzón* distribui-se pela área chilena; concorre com *bombacha* nos dois centros urbanos, Ushuaia e Rio Grande, que podemos considerar como zonas de transição dessa variante, além de se tratar dos pontos que tiveram maior quantidade de informantes. Por sua vez, no contexto rural do lado argentino da ilha, a forma *calzón* encontra-se ausente.

### 6.2.3.3 Carta lexical 30 - *Sandalias*

A questão n° 138, esteve acompanhada de imagem que indagava sobre o tipo de sapato aberto, utilizado pelas mulheres em tempo de calor, e obteve um total de 29 respostas, distribuídas em seis variantes, três delas registradas com apenas uma ocorrência.

**Quadro 22** - Designações para a QSL 138, seus respectivos números de ocorrências e percentuais

Variante	N° de ocorrências	%	Variante	N° de ocorrências	%
sandalias	18	62,07%	chanquetas	1	3,45%
tacos	5	17,24%	chatitas	1	3,45%
zapatos/zapatitos	3	10,34%	chalitas	1	3,45%
29					

**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

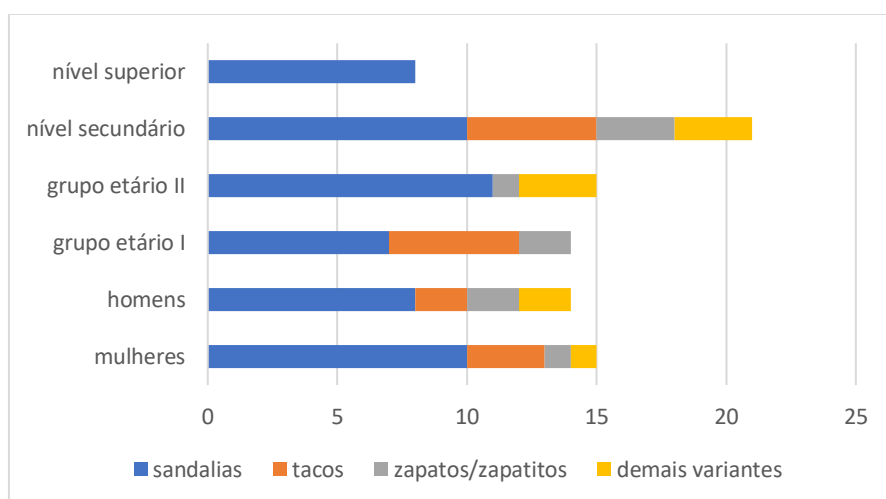
A variante mais produtiva foi *sandalias*, distribuída em todos os pontos de inquérito. Por sua vez, *tacos* foi referida por informantes localizados no lado chileno e em dois pontos argentinos da ilha (Ushuaia e Tolhuin), no extremo sul. Por fim, embora com poucos registros, o agrupamento *zapatos/zapatitos* foi documentado em Porvenir, Rio Grande e Tolhuin. A exceção de Ushuaia e Tolhuin, outras três variantes de ocorrência única foram registradas nos demais pontos (*chanquetas*, *chatitas*, *chalitas*).

Segundo o DIA, a forma *taco* refere-se a “tacón de un zapato, en la mayoría de los países de América del sur”. Ao refletir sobre o processo que tem operado na substituição da lexia *sandalia* por *tacos* pensamos que pode ter

ocorrido uma metonímia, cuja função primeira é a de referência, possibilitando o uso de uma entidade por outra. Em palavras de Ullman (1973 [1964]), p. 454, não permite descobrir relações novas, porém, surge entre palavras que já guardavam relação. No caso de *tacos*, trata-se de uma parte do objeto sapato, ou seja, poderia ingressar na classificação proposta pelos estudiosos como “la parte por el todo”. Assim, segundo Lakoff: “la parte del todo que escogemos determina en qué aspecto del todo nos centramos” (LAKOFF; JOHNSON, 1986, p. 74).

Na análise segundo as variáveis sociais, o gráfico 17 traz alguns resultados chamativos para o eixo diastrático e diageracional:

**Gráfico 17** - Distribuição das variantes da QSL 138 por variáveis extralinguísticas



**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

No eixo diastrático, no grupo com nível superior, verificamos a ausência de variação, já que só constatamos a realização de uma única variante: *sandalias*. Por outro lado, o grupo com estudos secundários ofereceu, além de *sandalias*, as variantes *tacos* e *zapatos/zapatitos*, juntamente com as formas compreendidas como demais variantes (*chancletas*, *chalitas*, *chatitas*). Constatam-se, novamente, diferenças de uso no eixo diageracional: a variante *tacos* é utilizada apenas pelos mais jovens, enquanto os mais velhos registraram outras variantes, todas de ocorrência única.

#### 6.2.3.4 Carta lexical 32 - *Ojotas*

Para a questão n°139, apresentamos aos informantes uma imagem que indagava sobre o nome atribuído ao calçado utilizado na época de verão. Ao total, obtivemos seis variantes dentro das 29 respostas levantadas.

**Quadro 23** - Designações para a QSL 139, seus respectivos números de ocorrências e percentuais

Variante	N° de ocorrências	%	Variante	N° de ocorrências	%
ojotas	18	62,07%	chanclas	2	6,90%
chalias	3	10,34%	chinelas	2	6,90%
chancletas	3	10,34%	hawaiana	1	3,45%
29					

**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

Com distribuição em todo o território argentino da ilha, a variante *ojota* foi identificada pelo DRAE com origem na língua quéchua, *ushuta*. Nos países da Argentina e do Uruguai refere-se à “sandalia de goma, usada ocasionalmente en la playa, baños o piscinas”.

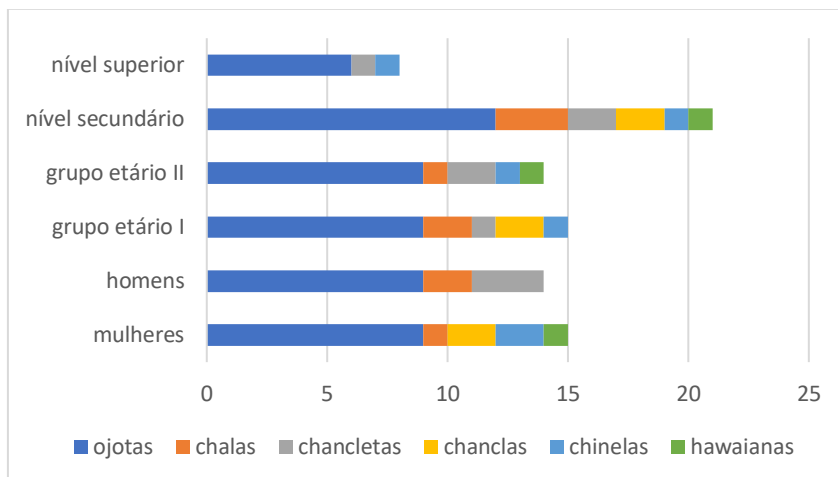
Mais uma vez, realizaram-se variantes exclusivas no território chileno: *chalias* e *hawaianas*. Registrada no DIA como de uso popular e espontâneo próprio do Chile, *chalias* obteve três ocorrências. *Hawaianas* refere-se a marca popular deste tipo de calçado que, por extensão, passou a ser utilizado para denominar o objeto, e marcou uma única ocorrência.

Com baixo índice de ocorrência a variante *chanclas*, definida pelo DRAE como “calzado de verano que se sujeta al pie con una o dos tiras en el empeine o entre los dedos”, foi informada em Rio Grande e Ushuaia, enquanto *chancletas* ocorreu em Rio Grande e Tolhuin. O ponto Estâncias foi o único em apresentar homogeneidade de uso, optando pela variante mais produtiva, *ojotas*.

Por fim, Rio Grande resultou o único ponto da ilha onde foi utilizada a forma *chinelas*, indicado no DIA para países como Bolívia, Nicarágua e Costa Rica, como um “tipo de sandalia hecha de una suela que se sostiene al

pie por medio de una tira en forma de V, que separa el pulgar de los dedos restantes”.

**Gráfico 18** - Distribuição das variantes da QSL 139 por variáveis extralinguísticas

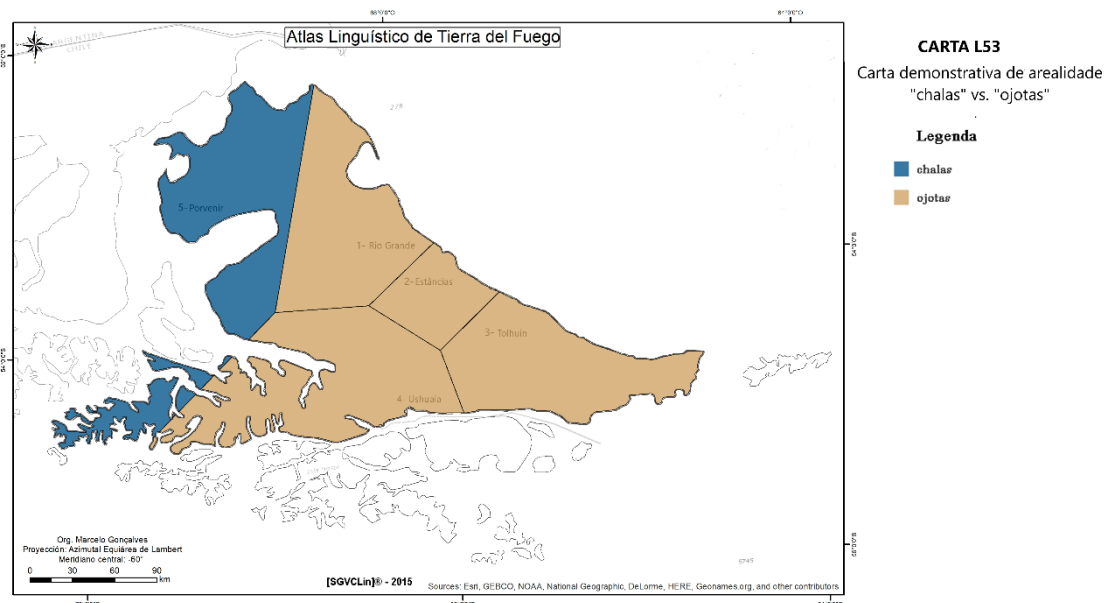


**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

O grupo com nível secundário optou pelas formas *chalas*, e em menor medida por *chanclas* e *havaianas*. Ainda, salientamos que foram as mulheres as únicas que expressaram preferência pela forma *chinelas*, enquanto os homens, por *chancletas*.

A seguir, a carta de arealidade onde são apresentadas as formas *chalas* e *ojetas*:

**Figura 15** - Carta demonstrativa de arealidade: *chalias* vs. *ojotas*



**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

A carta evidencia a distribuição areal das formas *chalias* e *ojotas*. Tal como fora revisado nos registros dos dicionários consultados, que atribuíam o uso das variantes ao Chile e à Argentina. Permite levantar a hipótese de que as lexias não tenham conseguido se expandir de um lado e outro do território por causa de ser esse um elemento pouco utilizado, ou utilizado apenas em algumas épocas do ano em que o clima o permite. Ou seja, a circulação e o grau de uso escasso ou nulo das formas *chalias* e *ojotas* faz com que essas lexias sejam identificadas sem constatar zonas de influência.

#### 6.2.4 Fenômenos atmosféricos

Ao falar de tempo e fenômenos atmosféricos, devemos lembrar que a interpretação dos dados dos Atlas linguísticos (Colômbia, França, Andalucia) tem demonstrado o quanto o tempo atmosférico foi e continua sendo de enorme importância para os diferentes povos, pois configura seus labores agrícolas e todo o planejamento para obter proveitos. É um elemento fundamental já que “de acuerdo con él podían prever los riesgos para la

agricultura y la ganadería, pudiendo asegurarse su subsistencia” (GORDÓN PERAL, 2009, p. 335). Ao longo dos séculos, as observações a respeito dos fenômenos atmosféricos permitiram às diferentes comunidades e povos, ainda mais aos moradores de regiões rurais, desenvolver com grande sutileza uma terminologia que permitisse a descrição e a diferenciação entre os diversos fenômenos, pois deles dependiam muitos dos seus afazeres.

No que se refere às diferenças que podem ser verificadas no confronto das formas presentes nos âmbitos rurais e urbanos, nota-se que há variedade léxica nas falas rurais, o que permite comparar com as falas urbanas e observar diferenças importantes. Algo esperado, se pensarmos nos falantes das cidades, cuja subsistência depende bem menos das forças da natureza e isso faz com que os termos próprios da modalidade estandar, como *nube*, *cielo nublado*, sejam para eles suficientes (GORDÓN PERAL, 2009, p. 336).

Segundo explicam os autores colombianos sobre sua geografia (MUNEVAR- SALAZAR; BERNAL, 2021), observamos que também na Tierra del Fuego o vento marca, em algumas regiões da ilha, diversos tipos de práticas e cuidados específicos em cada época do ano.<sup>116</sup>

A seguir, apresentamos as análises que se referem às questões: 220-*viento fuerte*; 223-*nube de tormenta*; 229-*chaparrón*; 239-*nevazón*.

#### 6.2.4.1 Carta lexical 33 - *Viento fuerte*

Esse item supõe especial interesse pois os ventos são característicos, já desde os relatos dos primeiros expedicionários e até a atualidade são motivo de assunto e até mesmo de preocupação<sup>117</sup>. Para a

---

<sup>116</sup> Segundo um dos informantes do ponto Estâncias, os perigos implicados nos dias de vento são vários, mais o principal acontece quando, por causa do vento, as árvores são derrubadas, e isso acaba quebrando os arames e os sistemas de proteção que existem para os animais não se misturarem. Relatou, nesse sentido, as várias vezes que por causa da queda desses sistemas o toro ingressou na área das vacas e deixou prenhas várias delas, mas não todas, o que gera transtornos na hora de criar as bezerras para logo vendê-las.

<sup>117</sup> Após a consulta de vários jornais digitais, encontramos titulares que utilizam essa variante no sentido consignado pelos informantes. “Inusual temporal de nieve y viento em Tierra del Fuego”

questão 220, os informantes forneceram um total de 33 respostas distribuídas em 12 formas, um número de variantes que se mostra chamativo.

**Quadro 24** - Designações para a QSL 220, seus respectivos números de ocorrências e percentuais

Variante	Nº de ocorrências	%	Variante	Nº de ocorrências	%
viento fuerte	7	21,21%	viento huracanado	2	6,06%
ráfagas	5	15,15%	terrible viento	1	3,03%
temporal	5	15,15%	tormenta de viento	1	3,03%
ventarrón	4	12,12%	brisa magallánica	1	3,03%
tormenta	4	12,12%	vientazo	1	3,03%
tornado	2	6,06%			
33					

**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

Entre as mais produtivas encontramos *viento fuerte* registrada em todos os pontos da ilha. A forma *ráfagas* encontra-se distribuída nas cidades de Rio Grande, Tolhuin e Ushuaia, e segundo o DRAE, único dicionário onde consta sua definição, trata-se de “viento fuerte, repentino y de corta duración”. Porém, salientamos que a duração deste tipo de ventos no território fueguino é bem mais extenso, podendo durar inclusive vários dias. A variante *temporal*, por sua vez, foi registrada em todos os pontos com exceção de Tolhuin. O único dicionário em que foi registrada a forma, o DRAE, indica que *temporal* refere-se a tempo de chuva persistente ou a uma tempestade.<sup>118</sup> Constatamos que na ilha

---

(CADENA3.COM), “No cesa el temporal de viento y extienden alerta en Tierra del Fuego” (INFO FUEGUINA.COM), “Un temporal de viento y nieve azota a Tierra del Fuego y se suspenden actividades” (SUR 54.COM). <https://www.infofueguina.com/tu-ciudad/2020/10/11/no-cesa-el-temporal-de-viento-extienden-la-alerta-en-tierra-del-fuego-51304.html>

[https://www.cadena3.com/noticia/juntos/inusual-temporal-de-nieve-y-viento-en-tierra-del-fuego\\_243265](https://www.cadena3.com/noticia/juntos/inusual-temporal-de-nieve-y-viento-en-tierra-del-fuego_243265)

<http://www.sur54.com/un-temporal-de-viento-y-nieve-azota-tierra-del-fuego-y-se-suspend-en-actividades>

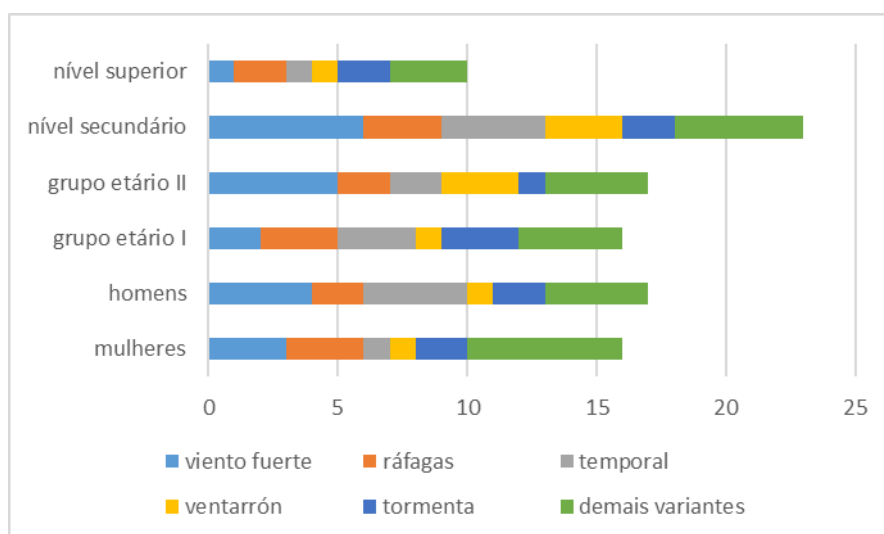
<sup>118</sup> Por sua vez, a lexia *tempestad*, segundo o DRAE, refere-se a “tormenta grande, especialmente marina, con vientos de extraordinaria fuerza”. Ao procurarmos pela lexia *tormenta*, o mesmo dicionário indica que se trata de uma

a forma é utilizada para indicar a presença de ventos fortes, mais do que de chuvas.

Com presença apenas nos pontos urbanos, encontramos a variante *tormenta*. Por outro lado, a variante *ventarrón*, embora com poucas ocorrências (quatro), foi localizada nos pontos Porvenir, Rio Grande e Tolhuin. Podemos explicar a presença apenas nesses pontos porque, segundo as características climáticas, esse fenômeno é mais característico do norte da ilha, da zona de estepe. Foi definido pelo DRAE como “viento que sopla con mucha fuerza”.

As variantes *viento huracanado* e *tornado* registraram duas ocorrências cada uma, enquanto *tormenta de viento*, *brisa magallánica*, *vientazo* e *terrible viento*<sup>119</sup> foram informadas como de ocorrência única.

**Gráfico 19** - Distribuição das variantes da QSL 220 por variáveis extralinguísticas



**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

“perturbación atmosférica violenta acompañada de aparato eléctrico y viento fuerte, lluvia, nieve o granizo”.

<sup>119</sup> Durante o tempo em que morei nas províncias de Santa Cruz y Tierra del Fuego pude perceber uma forte presença e um uso muito estendido nas diferentes gerações de falantes, do adjetivo *terrible* anteposto a qualquer substantivo (ex. *terrible viento*, *terrible lluvia*, *terrible hambre*).

A respeito das variáveis sociais, constatamos que as mulheres apresentam maior número de “demais variantes” que os homens, enquanto eles registraram maior preferência pela variante *temporal*. Os mais jovens optaram por *ráfagas* e *tormenta*, enquanto entre os mais velhos as variantes *viento fuerte* e *ventarrón* obtiveram maiores registros.

#### 6.2.4.2 Carta lexical 35 - *Nube de tormenta*

A questão 223, também acompanhada por uma imagem, buscava conhecer o nome dado às nuvens escuras. Foram obtidas um total de 28 respostas, distribuídas em nove variantes.<sup>120</sup>

**Quadro 25** - Designações para a QSL 223, seus respectivos números de ocorrências e percentuais

Variante	N° de ocorrências	%	Variante	N° de ocorrências	%
nube de tormenta	10	35,71%	nube grosa	1	3,57%
nube negra	5	17,86%	nube oscura	1	3,57%
nube de lluvia	4	14,29%	abochornado	1	3,57%
nublado	3	10,71%	nubarrón	1	3,57%
cúmulus	2	7,14%			
28					

**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

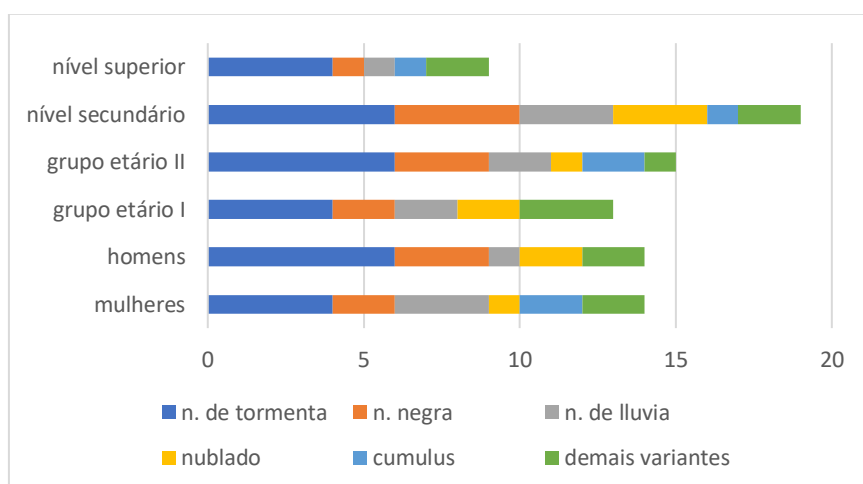
Com presença em toda a ilha, a variante de maior produtividade foi *nube de tormenta*. *Nube negra*, foi registrada apenas nos pontos urbanos, enquanto *nube de lluvia* localizou-se apenas no território argentino (Rio Grande, Tolhuin e Ushuaia). *Nublado* foi outra forma com poucas ocorrências, registrada na região norte da ilha (Porvenir, Rio Grande e Estancias). O termo *cumulus*, por sua vez, refere-se a forma latina do que em espanhol chama-se de cúmulo,

<sup>120</sup> Além disso, contabilizamos duas não respostas, uma por problemas técnicos e outra por causa de um informante indicar desconhecimento.

termo mais utilizado no campo da meteorologia e que foi registrado com duas ocorrências, em Rio Grande e Estâncias.

Por fim, com ocorrências únicas, encontramos *nube grosa*, *nube oscura*, *abochornado* e *nubarrón*. O ponto que mais variação registrou foi Rio Grande, com um total de 7 variantes.

**Gráfico 20** - Distribuição das variantes da QSL 223 por variáveis extralinguísticas



**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

Sobre os comentários que podemos realizar a respeito das variáveis sociais, observamos que *cumulus* foi uma variante realizada por mulheres do grupo etário II. Os homens optaram mais pela variante *nube de tormenta*, *nube negra* e *nublado*, enquanto as mulheres apresentam maior preferência por *nube de lluvia*.

#### 6.2.4.3 Carta lexical 37 - *Chaparrón*

A pergunta 229 –¿Y cuando cae mucha agua de golpe? [qué nombre tiene ese tipo de lluvia]?- apontou um total de 13 formas resultantes de 30 respostas.

**Quadro 26** - Designações para a QSL 229, seus respectivos números de ocorrências e percentuais

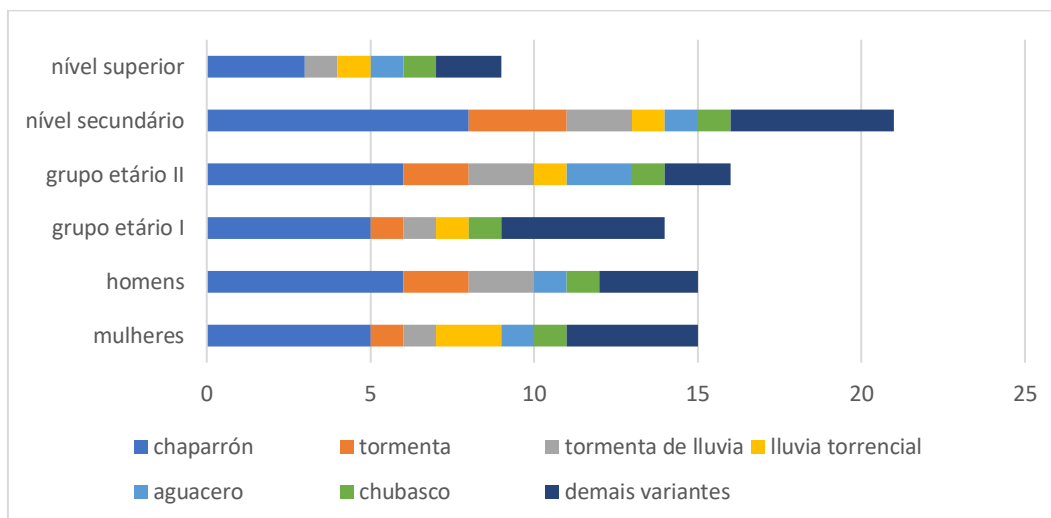
Variante	Nº de ocorrências	%	Variante	Nº de ocorrências	%
chaparrón	11	36,67%	baldazo	1	3,33%
tormenta	3	10,00%	terrible lluvia	1	3,33%
tormenta de lluvia	3	10,00%	lluvia	1	3,33%
lluvia torrencial	2	6,67%	llovizna	1	3,33%
aguacero	2	6,67%	diluvio	1	3,33%
chubasco	2	6,67%	llueve de arriba pa´abajo	1	3,33%
lluvia a cántaros	1	3,33%			
30					

**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

É interessante comentar que foram obtidas três ocorrências da variante *tormenta de lluvia*, lembrando que na questão 220 identificamos *tormenta* para o fenômeno relacionado ao vento, agora registramos a forma *tormenta de lluvia*, e nos perguntamos se há essa distinção em outras partes da Argentina, ou se, ocorre apenas com o sentido de *tormenta* para se referir a que é relacionada à chuva.

Com duas ocorrências, as variantes *lluvia torrencial*, *aguacero* e *chubasco* foram identificadas apenas nos pontos urbanos. Acreditamos que se trata de formas mais utilizadas em outras regiões da Argentina. Com ocorrências únicas registramos: as perífrases *llueve a cántaros* e *llueve de arriba pa´abajo*, a unidade fraseológica *terrible lluvia*, as formas *lluvia*, *diluvio*, e a metáfora *baldazo*.

**Gráfico 21** - Distribuição das variantes da QSL 229 por variáveis extralinguísticas



**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

A respeito das variantes díassexuais, os resultados demonstram a presença da forma *lluvia torrencial* no grupo das mulheres. No caso do eixo idade, *aguacero* foi escolhida exclusivamente pelos informantes mais velhos, enquanto os jovens declararam variantes registradas como de ocorrência única: *llueve de arriba pa'abajo*, *lluvia*, *terrible lluvia*, *llovizna*, *llueve a cántaros*.

#### 6.2.4.4 Carta lexical 39 - *Nevazón*

Para a questão nº239 -¿Y cuando comienza a nevar y no para durante varias horas [qué nombre tiene ese fenómeno]?-, recolhemos 8 variantes, distribuídas em 29 respostas. O quadro a seguir apresenta os percentuais coletados nos cinco pontos da pesquisa:

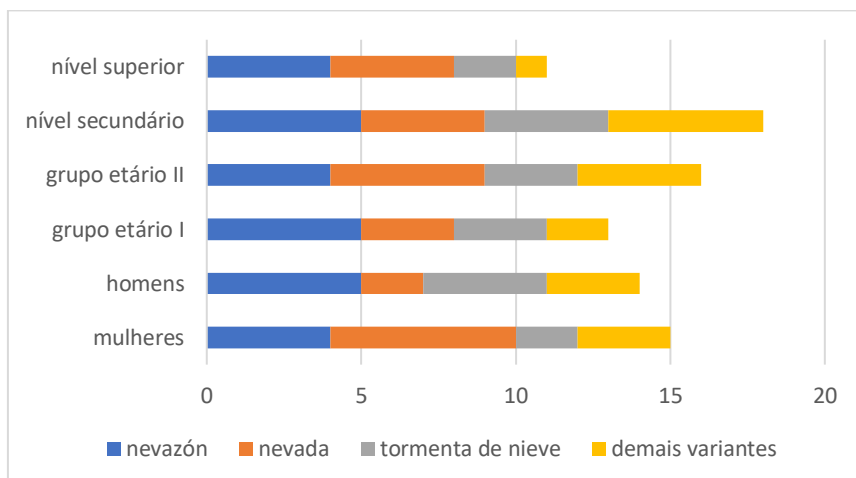
**Quadro 27** - Designações para a QSL 239, seus respectivos números de ocorrências e percentuais

Variante	Nº de ocorrências	%	Variante	Nº de ocorrências	%
nevazón	9	31,03%	ventisca	1	3,45%
nevada	8	27,59%	san copo	1	3,45%
tormenta de nieve	6	20,69%	flor de nevada	1	3,45%
está nevando	2	6,90%	temporal de nieve	1	3,45%
29					

**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

A variante de maior percentual refere-se a *nevazón*, registrada nos pontos Porvenir, Rio Grande e Ushuaia. O vocábulo foi registrado no DIA como presente nos países do Equador, Chile e Argentina para denominar uma “nevada intensa”. Por sua vez, o item *nevada*, definido pelo DRAE como “acción y efecto de nevar”, junto à forma *tormenta de nieve*, foram localizados exclusivamente nos pontos do território argentino. Ainda, a perífrase *está nevando* foi identificada nos pontos rurais Porvenir e Tolhuin. Com ocorrências únicas constatamos *ventisca*, *flor de nevada*, *temporal de nieve* e *san copo*. Interessados pela presença desta última forma, consultamos a outros informantes se conheciam ou tinham ouvido falar de *san copo*, mas nenhum deles conhecia. Portanto, acreditamos que se trata de uma forma própria de um idioleto.

**Gráfico 22** - Distribuição das variantes da QSL 239 por variáveis extralinguísticas



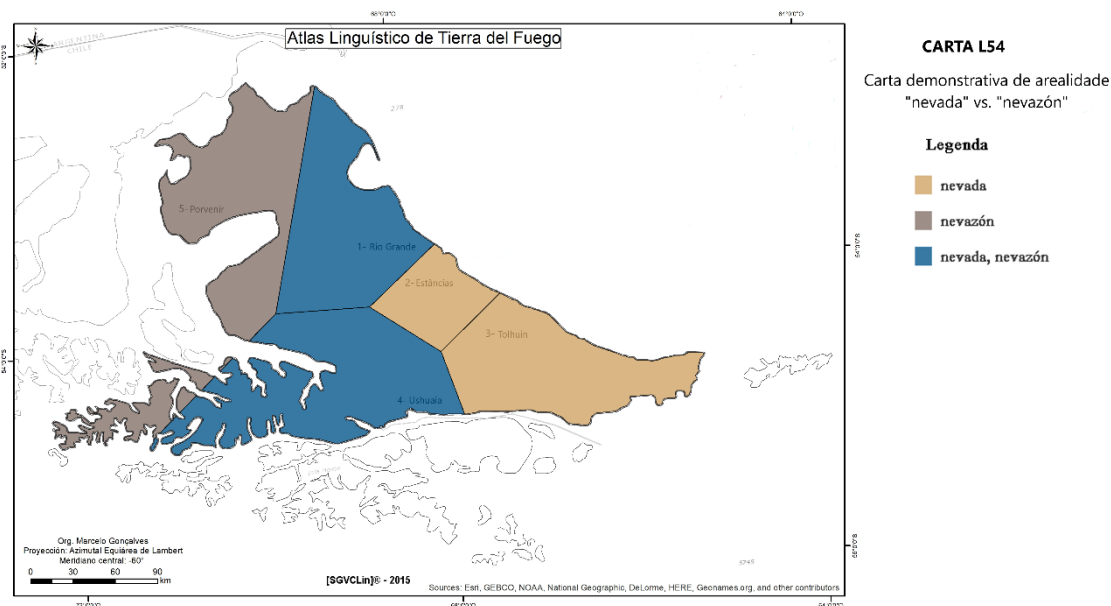
**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

Quanto a atuação das variáveis sociais, notamos que as mulheres e os mais velhos mostraram maior predileção pela forma *nevada*, enquanto os homens por *tormenta*. Por fim, o grupo dos mais velhos refletem o conhecimento de outras variantes tais como *ventisca*, *san copo* e a unidade fraseológica *flor de nevada*.

Foram poucas as variantes fornecidas exclusivamente no território chileno e, quando isso aconteceu, tratou-se apenas de ocorrências únicas (*brisa magallánica*, *ventisca*).

A seguir, a Figura 16 demonstra a arealidade de *nevada* em contraste com *nevazón*:

**Figura 16** - Carta demonstrativa de arealidade: *nevada* vs. *nevazón*



**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

A carta evidencia a divisão entre a região em que prepondera *nevazón*, no território chileno e a área que demonstra covariação. Em posição oposta, estão as localidades em que predomina *nevada*, nos pontos rurais do lado argentino. Por fim, os pontos urbanos representam a área em que ambas as variantes covariam, indicando uma transição entre ambas as formas. Mais uma vez, os pontos urbanos se apresentam como espaços onde as formas covariam, espaços que podem ser pensados como de transição e confluência de múltiplas variedades e línguas, o que levaria os falantes desses pontos a admitir e incorporar novas lexias.

### 6.2.5 Específicas de TDF

O léxico é um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. O sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através do tempo (BIDERMAN, 2001). Nesse sentido, as questões específicas para Tierra del Fuego buscam indagar sobre o modo como é pensado o entorno natural, de geografia e de clima específicos, muito particulares quando

comparados com o “Norte” da Argentina, o que, acreditamos, acaba influenciando no mundo e na vida dos seus povoadores. Ainda, no dizer de Guber:

Un investigador social difícilmente entienda una acción sin comprender los términos en que la caracterizan sus protagonistas. En ese sentido los agentes son informantes privilegiados pues solo ellos pueden dar cuenta de lo que piensan, sienten, dicen y hacen con respecto a los eventos que los involucran (GUBER, 2001, p.5).<sup>121</sup>

A escolha dessas 4 cartas foi realizada por apresentarem uma interessante variação e porque abrem uma reflexão para o dinamismo da língua, ou seja, o surgimento de novas unidades lexicais e o registro de novos significados para palavras já existentes. Dessa forma, centramos nossa atenção na análise das seguintes cartas: 238-*resbaloso*; 240-*estalactitas*; 215-*hallulla*; e 289-*castoreras*.

#### 6.2.5.1 Carta lexical 41- *Resbaloso*

Ao observar as respostas obtidas na questão nº238 -*Cuando las calles se congelan y el hielo se empieza a derretir, el piso está.....*”- verificamos um total de 38 variantes.

---

<sup>121</sup> Um pesquisador social difícilmente entende uma ação sem compreender os termos em que ela é caracterizada pelos seus protagonistas. Nesse sentido, os agentes são informantes privilegiados pois só eles podem dar conta do que pensam, sentem, dizem e fazem com respeito aos eventos que os envolvem (GUBER, 2001, p.5 tradução nossa).

**Quadro 28-** Designações para a QSL 238, seus respectivos números de ocorrências e percentuais

Variante	Nº de ocorrências	%	Variante	Nº de ocorrências	%
resbaloso	12	31,57%	jabonoso	1	2,63%
patinoso	5	13,15%	lavado	1	2,63%
escarchado	5	13,15%	como espejo	1	2,63%
resbaladizo/a	4	10,52%	con hielo	1	2,63%
congelado	4	10,52%	hecho un vidrio	1	2,63%
jabón	2	5,26%	hielo lavado	1	2,63%
38					

**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

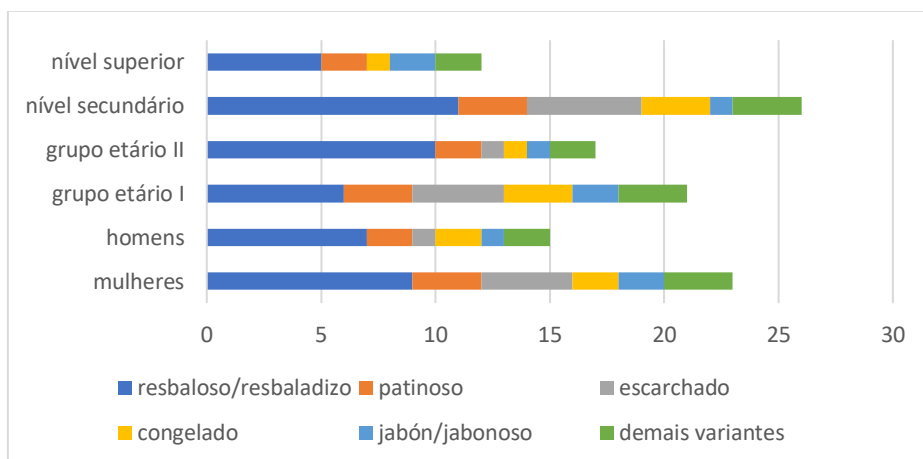
Notamos a existência de maior produtividade do agrupamento *resbaloso/resbaladizo* em todo o território pesquisado. Quanto à presença nos dicionários, encontramos apenas a segunda forma, *resbaladizo*, que foi definida como “dicho de un lugar: que presenta riesgo de resbalar facilmente”. No caso da formação de *resbaloso* foi utilizado o padrão radical (*resbal-*) + sufixo (*-oso*).

As variantes *patinoso* e *escarchado*, foram registradas com igual índice de produtividade, porém distribuídas de forma especial. *Escarchado* ocorreu em todos os pontos com exceção de Rio Grande, enquanto *patinoso* foi registrado apenas nos pontos urbanos Rio Grande e Ushuaia. Sobre a criação de *patinoso*, ausente das obras lexicográficas consultadas, para sua formação seguiu-se o padrão radical (*patin-*) + sufixo (*-oso*). Também a variante *jabón* foi realizada apenas nos pontos de Ushuaia e Rio Grande. Sobre o agrupamento *jabón/jabonoso* vale salientar o mecanismo de metáfora, segundo o qual existem dois termos e as características ou traços de um dos objetos é utilizada para esta criação. Por sua vez, *congelado* foi registrado apenas nos pontos do sul da ilha, Tolhuin e Ushuaia.

O fato de os pontos urbanos apresentarem novas variantes (*patinoso* e *jabón/jabonoso*), muitas delas ausentes nos pontos rurais, além do motivo de terem um número maior de informantes, pode estar relacionado com o fluxo migratório, ou seja, essas variantes podem ser resultado da necessidade de nomear um fenômeno novo para muitos moradores, originais de zonas

quentes ou menos frias do que Tierra del Fuego, ao verem pela primeira vez as calçadas, ruas e estradas cobertas por uma camada de gelo.

**Gráfico 23** - Distribuição das variantes da QSL 238 por variáveis extralinguísticas



**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

Sobre as escolhas segundo as variáveis sociais, observamos a presença da variante *escarchado* apenas no grupo com nível secundário. No eixo diasssexual, as mulheres manifestaram maior preferência pelo uso do agrupamento *resbaloso/resbaladizo* e da forma *escarchado*. A diageracionalidade apresenta algumas leves diferenças quanto às escolhas: os mais jovens optaram mais por *escarchado* e *congelado*, enquanto os mais velhos mostraram predileção por *resbaloso/resbaladizo*.

#### 6.2.5.2 Carta lexical 42 -*Estalactitas*

Na questão nº 240, acompanhada de imagem, a pergunta indagava pelo nome da formação com forma cônica que se origina após a água pingar dos tetos das casas. Recebeu um total de 30 respostas distribuídas em 14 variantes.<sup>122</sup>

<sup>122</sup> Soubemos, por narrações fora da situação das entrevistas, que para muitos moradores mais velhos, isso era considerado um confeito durante a época da sua infância. Há relatos em que,

**Quadro 29** - Designações para a QSL 240, seus respectivos números de ocorrências e percentuais

Variante	Nº de ocorrências	%	Variante	Nº de ocorrências	%
estalactitas	12	40,00%	piquitos	1	3,33%
velas	3	10,00%	barritas de hielo	1	3,33%
picos de hielo	2	6,67%	carámbanos	1	3,33%
escarcha	2	6,67%	conitos	1	3,33%
hielo	2	6,67%	agua escarchada	1	3,33%
escarlatita	1	3,33%	cachitos	1	3,33%
escarlatina	1	3,33%	picos	1	3,33%
30					

**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

Sobre a produtividade e distribuição das formas levantadas, *estalactita* encontra-se no primeiro lugar, distribuída em todo o território da ilha. Por sua vez, o agrupamento *picos/picos de hielo/ piquitos* foram variantes escolhidas apenas no norte da ilha, nos pontos Porvenir e Rio Grande. Já a forma *velas* registrou-se nos pontos urbanos de Rio Grande e Ushuaia e em Tolhuin. Por sua vez, *escarcha* e *água escarchada* ocorreram apenas no Norte da Ilha.

Com ocorrências únicas, salientamos *escarlatita* e *escarlatina*, que poderiam ser interpretadas como resultado de processos de confusão de alguns traços.

No caso de *carámbanos*, a lexia consta dos registros do DRAE. Ainda, pelos comentários de dois informantes que indicaram essa forma, a cidade de Ushuaia contou, entre os poetas e personalidades da cultura, com uma escritora chamada Anahí Lazzaroni que escreveu o poema intitulado “Los duendes de los carámbanos”. Dessa forma, os informantes comentaram que acreditavam que se tratava de uma criação poética. Ao perguntar sobre seu uso

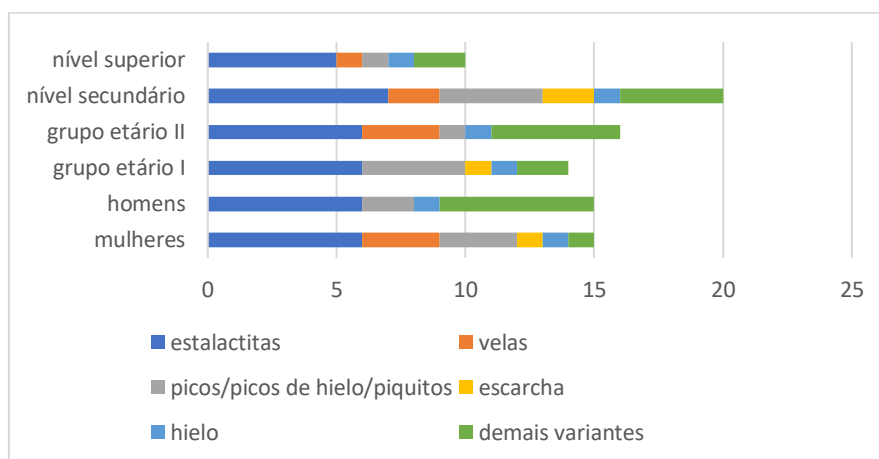
---

após obter as *estalactitas*, as banhavam com leite condensado e as comiam como se fosse uma verdadeira “golosina”.

no dia a dia, eles informaram que, embora saibam da existência dessa “criação poética”, eles utilizam outras formas para se referir.

A presença de maior quantidade de outras variantes no grupo etário II poderia ser explicada pelo fato desses informantes, na sua infância, aproveitarem essas *estalactitas* para comerem e brincarem, ao invés dos mais novos, que perderam esse costume e o contato com o objeto. Quanto às variantes diassexuais, observamos as formas *velas* e *escarcha* exclusivamente no grupo das mulheres. Já no caso das variantes diastráticas, *escarcha* foi realizada apenas no grupo com nível secundário.

**Gráfico 24** - Distribuição das variantes da QSL 240 por variáveis extralinguísticas



**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

#### 6.2.5.3 Carta lexical 45 - *Hallullas*

Por meio da imagem e da questão n° 215-¿*Qué nombre tiene ese pan redondo, chiquito que se vende en las panaderías?*- obtivemos um total de 32 respostas distribuídas em oito variantes.

**Quadro 30** - Designações para a QSL 215, seus respectivos números de ocorrências e percentuais

Variante	Nº de ocorrências	%	Variante	Nº de ocorrências	%
hallulla	15	46,88%	bizcocho de grasa	1	3,12%
pan	6	18,75%	galleta	1	3,12%
pan casero	4	12,50%	pan especial	1	3,12%
raspadita	3	9,38%	bizcocho	1	3,12%
32					

**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

A forma *hallulla*, de maior produtividade, encontra-se localizada em todos os pontos de inquérito, com maior ocorrência nos pontos Porvenir e Tolhuin. Nos pontos restantes, observa-se a co-ocorrência com outras variantes. Na consulta das obras lexicográficas, constatamos o registro de *hallulla* no DRAE e no DIA como uma voz presente na Bolívia, no Chile e no Equador, para indicar o “pan de forma circular de masa relativamente delgada”.

Por outro lado, as formas *pan*, *pan casero* e *pan especial* obtiveram realizações em todos os pontos da ilha. Podemos pensar que se trata de formas mais genéricas, sem muita especificação.

A variante *raspadita* foi registrada apenas nos pontos urbanos. Sua presença não consta nos dicionários consultados. Porém, após uma procura no buscador do Google, soubemos que se trata do nome dado na província argentina de Mendoza a esse tipo de pão. Assim sendo, acreditamos que se trata de uma forma trazida pelos migrantes internos no decorrer dos anos.

A respeito dessas mudanças, dois informantes mencionaram precisamente os efeitos que gera na comunidade a chegada de novos moradores oriundos de outras regiões:

(1) INF: *raspaditas*

INQ: *¿hallullas también le dicen?*

INF: *no, la escuché, pero en mi familia no la dicen*

INQ: *¿chipacas también se le dice?*

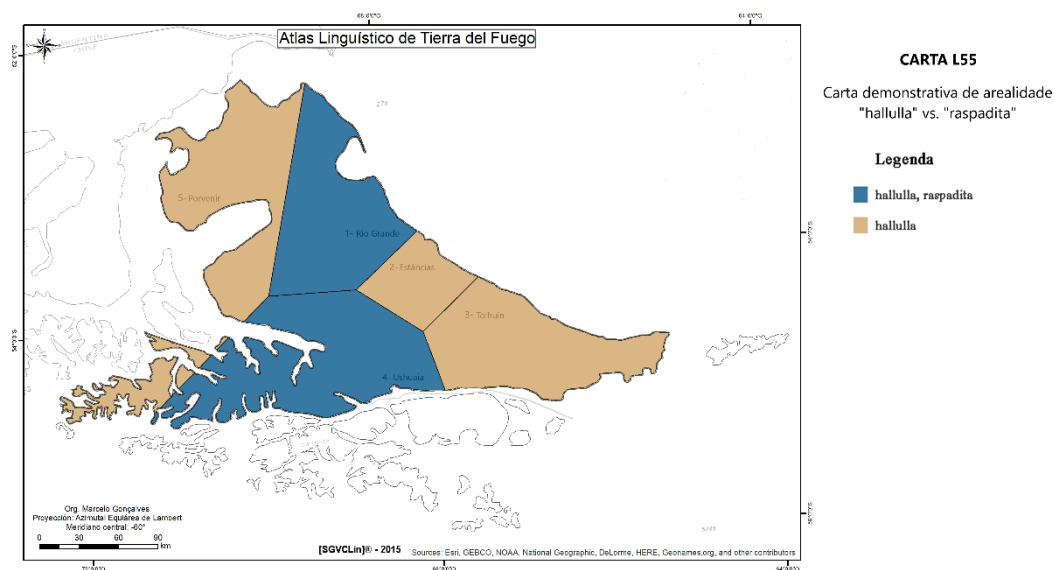
INF: *sí, también. Yo de chiquita le decía chipaca y ahora de grande raspadita. Se ve que trajeron otro lenguaje. [1-02]*

(2) INF: *la hallulla, por ejemplo, le llaman así en Chile, al pan chato, pinchadito. Una vez vino un señor de Córdoba que empezó a hacer las*

*chipacas, que es muy de Córdoba. Después de los 80 fue el furor de las chipacas, que eran esas. [1-08]<sup>123</sup>*

Na seguinte carta, é possível observar a arealidade de *hallulla* e *raspadita*:

**Figura 17-** Carta demonstrativa de arealidade: *hallulla* vs. *raspadita*



**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

A variante *hallulla* apresenta-se como hegemônica em toda a ilha. Segundo as informações que constam nos dicionários, trata-se de uma variante procedente do Chile. Já os pontos urbanos representam áreas de

<sup>123</sup>(1) INF: raspaditas

INQ: hallullas também é usado?

INF: Não, eu já escutei, mas na minha família não falam assim.

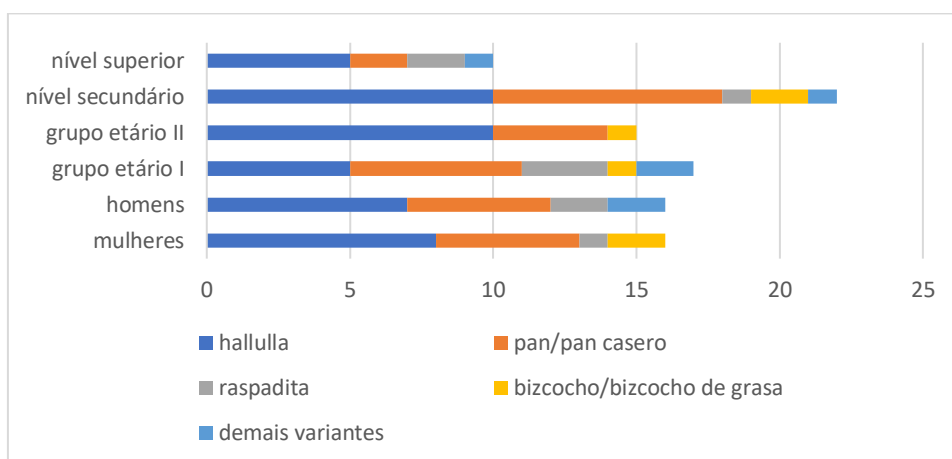
INQ: chamam de chipacas também?

INF: sim, também. Eu quando era criança chamava de chipaca e agora de grande raspadita. Parece que trouxeram outra linguagem. [1-02]

(2) INF: a hallulla, por exemplo, é chamado assim no Chile, ao pão chato. Uma vez veio um senhor de Córdoba que começou a fazer as chipacas, que é muito de Córdoba. Depois dos anos 80 foi o furor das chipacas, que eram essas. [1-08]

covariação. A incorporação da variante *raspadita* poderia estar relacionada com a chegada de migrantes internos de outras regiões da Argentina.

**Gráfico 25** - Distribuição das variantes da QSL 215 por variáveis extralinguísticas



**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

Sobre as variáveis sociais, o agrupamento das formas *bizcocho/bizcocho de grasa* estiveram presentes apenas nas falas das informantes mulheres com nível secundário. No caso da variável idade, a forma *raspadita* foi realizada exclusivamente pelos mais jovens, o que poderia indicar que se trata de uma variante inovadora que demonstra abertura dos mais novos para a incorporação de variantes de outras regiões. Já entre os mais velhos foi mais frequente a lexia *hallulla*.

#### 6.2.4.4 Carta lexical 47 -*Castoreras*

Na questão nº 289 -¿Qué nombre tiene eso que los castores construyen con la madera de los árboles?- obtivemos um total de 33 respostas reunidas em seis variantes, e também foram registradas duas não respostas.

**Quadro 31** - Designações para a QSL 289, seus respectivos números de ocorrências e percentuais

Variante	Nº de ocorrências	%	Variante	Nº de ocorrências	%
castorera	14	42,42%	madriguera	2	6,06%
represa	9	27,27%	casa	1	3,03%
dique	6	18,18%	nicho	1	3,03%
33					

**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

Verificamos uso majoritário da variante *castorera*, identificada em todos os pontos de inquérito. Embora a variante não conste nos registros dos dicionários consultados, identificamos um uso abundante nos portais turísticos da província, bem como em texto de divulgação publicado pelo CONICET (Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas).<sup>124</sup>

*Represa* foi a segunda variante mais produtiva, também documentada em todos os pontos da ilha com destaque para Porvenir, o ponto que manifesta maior uso dessa forma. Salientamos também que este resulta ser o ponto mais afastado das zonas da ilha onde podem ser localizados os castores. Já nos pontos argentinos, *represa* convive com outras variantes. Segundo o DRAE, o vocábulo refere-se ao “lugar donde las aguas están detenidas o almacenadas, natural o artificialmente”.

Por sua vez, a forma *dique* foi realizada em três pontos argentinos (Rio Grande, Estâncias e Ushuaia) e refere-se à “construcción para contener las aguas”.

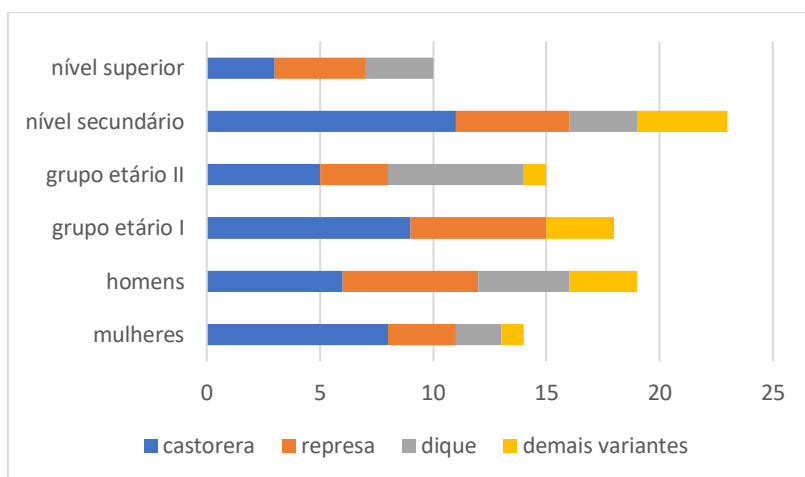
No caso da variante *madriguera*, com duas ocorrências, registrou-se em Rio Grande e Ushuaia. Segundo o DRAE, indica a “cueva en que habitan ciertos animales, especialmente los conejos”. Por fim,

---

<sup>124</sup> No texto em questão, o tema abordado refere-se a expansão dos castores dentro da ilha, e os prejuízos para o ecossistema fueguino. Os vocábulos utilizados de forma equivalente ao longo do texto são: *castoreras*, *represas* e *diques*. <https://www.conicet.gov.ar/castores-invasion-sin-fronteras/>

com apenas uma ocorrência, registramos as formas *nicho* e *casa*, que poderiam dizer a respeito do contato com o ambiente natural fueguino por parte dos informantes que indicaram essa voz.

**Gráfico 26** - Distribuição das variantes da QSL 289 por variáveis extralinguísticas



**Fonte:** Elaborado pela autora com bases nos dados coletados para esta tese

No que diz respeito aos usos segundo a variável sexo, notamos que os homens optaram mais pelas variantes *represa*, *dique* e demais variantes. Quanto ao eixo diageracional, a forma *dique* foi escolhida exclusivamente pelos informantes mais velhos. Sobre o eixo diastrático, pessoas com nível superior escolheram as variantes *castoreras*, *represa* e *dique*, enquanto no grupo com nível secundário optaram por outras variantes: *madriguera*, *casa* e *nicho*.

## SÍNTESE DOS ASPECTOS DIALETAIS DO ESPANHOL FALADO NA TIERRA DEL FUEGO

A seguir, apresentamos os principais resultados da pesquisa diferenciando os níveis da língua analisados. Assim, primeiramente, expomos os aspectos fonético-fonológicos, seguidos dos semântico-lexicais.

### Aspectos fonético-fonológicos

Em trabalho publicado no ano de 1995, após discrepar com várias das pesquisas defensoras de uma suposta homogeneidade dos grupos de falantes com alto nível de instrução, Acuña e Menegotto (1995) chamavam a atenção sobre a heterogeneidade linguística urbana na Patagônia. Segundo as autoras, era necessário olhar para a distribuição da população, bem como para as tarefas e atividades desenvolvidas.

As caracterizações realizadas para o espanhol da Patagônia nas pesquisas que precederam esse estudo têm fornecido apontamentos a respeito de diversos traços fonéticos. Referimo-nos ao caso de /y/ não *rehilada*, de /r/ e grupo /tr/ assibilados e aspiração de /s/ intervocálica em final de palavra e final absoluta. Em muitos desses estudos, associaram esse tipo de traços a um menor nível educacional e à fala rural, enquanto pessoas com nível de educação alto, apresentavam, segundo essas pesquisas, traços semelhantes ao espanhol bonaerense.

Assim, os processos fonético-fonológicos estudados nesta tese trazem resultados que apontam para a primazia de certas variáveis sociais que comentamos a seguir:

a) Sobre /S/, no estilo entrevista, tal como afirmam outras pesquisas que documentam a presença da variante de maior prestígio [s] e seu predomínio entre as mulheres, observamos que, efetivamente, está estendido seu uso no grupo feminino. Quanto às preferências por essa variante entre os

grupos etários, verificamos que não há diferenças entre os mais jovens e os informantes de mais idade.

Ao compararmos com estudos precedentes, nossos dados trazem resultados que se contrapõem a afirmação de que “pessoas cultas realizam /s/”. No grupo de informantes com ensino superior, no estilo mais cuidado (entrevista), a aspiração e inclusive o apagamento foram mais produzidos do que a sibilante plena. Ou seja, nesse grupo, e no grupo com estudos secundários, a aspiração evidencia um interessante número de realizações, o que permitiria confirmar a hipótese sobre a mudança linguística referente ao enfraquecimento de /s/ implosiva, em muitas áreas da geografia hispânica (MOLINA MARTOS, 2006, p. 138).

Por fim, o apagamento da sibilante teve maior frequência entre os homens, no grupo de informantes de mais idade e uma marcada presença entre os informantes com alto nível de escolaridade.

b) No estilo espontâneo, a sibilância também obteve maiores realizações por parte das mulheres. Ainda, foi significativa produção no grupo dos mais velhos (31,22% no Grupo II e 23,18% no Grupo I) e em informantes com nível superior.

Quanto à aspiração, observamos que, embora não haja grande diferença entre homens e mulheres, estas apresentaram maior ocorrência da referida variante. Situação similar foi observada quanto às diferenças por idade. Enquanto no grupo etário I a aspiração foi de 56,96%, no grupo dos mais velhos foi de 48,33%.

O apagamento da consoante obteve cifras semelhantes em ambos os grupos etários. Já os homens mostraram maior produtividade na realização do zero fônico, enquanto as mulheres obtiveram a metade (27,26% contra 13,99%).

Cabe destacar que, diferentemente do que algumas pesquisas prévias afirmaram sobre a preponderância do apagamento na fala dos informantes com baixa escolaridade, neste estudo verificamos que os informantes com nível superior também realizam o apagamento (12, 66%).

c) Na leitura de texto foi possível confirmar que em estilo monitorado o falante cuida da sua imagem, evitando a realização das variantes consideradas estigmatizadas, neste caso [Ø]. Ainda, verificamos que a realização da variante de maior prestígio [s] foi maior no estilo mais cuidado, do que na fala menos monitorada.

### Grupos consonantes cultos

O enfraquecimento e queda das consoantes oclusivas tem recebido a atenção de estudiosos que, desde diversas perspectivas e olhares, centraram parte de suas pesquisas na análise dessas consoantes (HUALDE, 2014; ALARCOS LLORACH, 1981; NAVARRO TOMÁS, 1977).

Entre os nossos resultados notamos que os GCC estudados, são realizados mediante: i) enfraquecimento das consoantes, fato que deriva em processos tais como aspiração [trahpira'sion] e fricativização [doʎ'tor]; ii) mudanças no ponto de articulação, referimo-nos à labialização [e'rupto]; iii) elisão, sobretudo no grupo -ct, em que o apagamento se tem mostrado muito produtivo. Por fim, as formas plenas dos GCC foram apresentadas praticamente como exceções em cada uma das cartas estudadas.

Quanto à presença de variantes com [Ø] como [do'tor], [e'ruto], encontra eco no apontamento de Arias Álvarez (2007) a respeito da procura por conseguir a estrutura CV própria do espanhol.

A diferenciação segundo as quatro dimensões consideradas possibilitou olhar em detalhe traços e aspectos que, na tradição dos estudos desenvolvidos na Argentina, não tinham sido atendidos. Assim, verificamos que GCC foram realizados exclusivamente por mulheres com nível secundário. Junto com isso advertimos que a tendência indicada em pesquisas prévias para Argentina (VIDAL DE BATTINI, 1964; DONNI DE MIRANDE, 1978; FONTANELLA DE WEINBERG, 2000), de que pessoas com o nível máximo de escolaridade são usuários de GCC, não foi comprovada nos nossos dados. Ao

contrário, esse grupo de informantes demonstrou presença de apagamento dos GCC.

### Yeísmo

A Tierra del Fuego, por meio dos dados dispostos na presente tese, apresenta a primazia da variante surda, com percentual de 66,91%, predominante em todo o território argentino da ilha, utilizada principalmente por mulheres, jovens e pessoas com nível de estudo superior. Já a variante sonora mostrou-se como preferência no grupo masculino, em informantes mais velhos e naqueles com estudos secundários. Esses comportamentos foram observados com ocorrências semelhantes tanto no contexto medial quanto no início de palavra.

Em ambos os eixos diastráticos, embora reduzida, nota-se presença de outras variantes próprias do espanhol do Chile, o que indica a influência do grupo migrante chileno na área argentina.

Nos pontos urbanos de Rio Grande e Ushuaia observamos comportamentos semelhantes quanto ao uso das fricativas pós-alveolar surda e sonora. No caso do âmbito rural, os dados coletados para Tierra del Fuego oferecem um comportamento diferente aos documentados em outras áreas da Patagônia, pois as únicas variantes observadas nesse âmbito foram as fricativas pós-alveolar surda e sonora. Isso se distancia dos comportamentos em áreas rurais de Chubut e Santa Cruz apontados por Virkel (2000) e Muñoz e Musci (2007), em que advertem sobre presença das variantes fricativa prepalatal sonora não rehilada e de semiconsonante prepalatal sonora com leve *rehilamiento*.

Diante dos resultados verificados nesta tese, entendemos que a presença de variantes próprias do espanhol do Chile deve ser realizada com cautela. Na Tierra del Fuego, muitas das pessoas que têm acesso à educação superior são de origem chilena ou filhos de pais chilenos. Assim, a associação dos traços da fala chilena a estratos baixos ou pessoas de baixa escolaridade, como já fora feito para outras províncias da Patagônia (FONTANELLA DE WEINBERG, 2000; VIRKEL, 2000), não cabe para TDF. Junto a isso e voltando

às categorias sociais expostas por Hermida, Malizia e Van Aert (2013b), poderíamos imaginar que a categoria *Antiguo poblador*, que organiza e, hierarquiza a sociedade, pode ser estendido ao plano linguístico. Nesse contexto poderia entender-se o fato de que os traços que eles e seus descendentes possuem, demonstram certo prestígio, ou, no mínimo, não são identificados como portadores de estigma.

#### Aspectos semântico-lexicais

Apesar dos números e da quantidade de dados serem escassos para propor conclusões ou generalizações que sejam extensivos ao conjunto da população fueguina, os resultados apontados permitiram verificar a existência de polimorfismo lexicológico nas localidades pesquisadas, conforme esboçamos a seguir:

A partir da análise das 20 cartas estudadas, podemos afirmar que as variações originam-se principalmente pelas diferenças geracionais, o que confirma a ideia de que o transcorrer do tempo na vida de um indivíduo pode modificar não apenas os hábitos sociais, mas também os comunicativos e os puramente linguísticos. Ainda, a variação registrada nesse eixo, permite levantar alguma hipótese quanto as influências que as redes sociais (BERTONHA; ZAVAGLIA, 2017) e o uso das novas tecnologias têm na esfera lexical.

O campo “corpo humano” permitiu identificar vozes que provêm do lunfardo (*capocha, zapán*), bem como variantes que respondem a criações lexicais por meio do recurso metafórico, presentes também em outros países da América. Nesse sentido, constatamos variantes como *sindi*, cujo registro consta como própria dos países vizinhos. Ainda, verificamos a presença da variante *castor*, motivada possivelmente pelo contexto e o ambiente fueguino.

Entre as variáveis mais relevantes, constatamos que a faixa etária I destaca-se pela sua influência na escolha das variantes consideradas próprias do lunfardo, como *buzarda, zapán*, enquanto os mais velhos realizaram

a variante *estómago*. A respeito de variantes diageracional, identificamos *chaqueta*, como de uso exclusivo dos falantes mais jovens.

Sobre os resultados encontrados na análise das cartas do campo “família/ vida humana”, evidenciamos grande produtividade de unidades lexicais, bem como presença de algumas unidades fraseológicas como *mano de guagua*, *tiene um cocodrilo en el bolsillo*, o que permite observar a grande riqueza linguística e cultural.

O contraste entre os dados coletados com os resultados do *Atlas Lingüístico de Chile* e com as variantes dicionarizadas permitiu algumas reflexões a respeito das variantes inovadoras e da variação lexical, produto dos contatos linguísticos que ocorreram na ilha. Ainda, a leitura das cartas revela diferenças diageracionais, e mostra que os mais jovens optaram por variantes como *rata*, *guampudo* e *corneta*, totalmente ausentes nas escolhas do outro grupo etário.

A análise das cartas pertencentes ao campo “vestuário” permitiu observar a linguagem apresentada como reveladora de concepções de gênero, produto das diferenças nos processos de socialização de homens e mulheres.

O eixo diastrático mostrou-se relevante no caso do item *sandalías*, pois no grupo com nível superior, verificamos a ausência de variação, ou seja, só constatamos a realização de uma única variante: *sandalías*. Por outro lado, o grupo com estudos secundários ofereceu, além de *sandalías*, as variantes *tacos* e *zapatos/zapatitos*, juntamente com as formas compreendidas como demais variantes (*chancletas*, *chalitas*, *chatitas*). Ainda, constatamos diferenças de uso no eixo diageracional: as variantes *tacos* e *tanga* são utilizadas do lado argentino da ilha, apenas pelos mais jovens, enquanto os mais velhos registraram outras variantes, todas de ocorrência única.

No que se refere ao campo “TDF/ específicas da ilha”, este mostrou-se como o mais produtivo, pois apresentou muitas informações etnográficas. O fato de os pontos urbanos apresentarem novas variantes (*patinoso* e *jabón/jabonoso*), muitas delas ausentes nos pontos rurais, além do

aumento do número de informantes, pode estar relacionado com o fluxo migratório, ou seja, essas variantes podem ser resultado da necessidade de nomear um fenômeno novo para muitos moradores, originais de zonas quentes ou menos frias do que Tierra del Fuego, ao verem pela primeira vez as calçadas, ruas e estradas cobertas por uma camada de gelo.

No caso de *estalactitas*, a presença de maior quantidade de “outras variantes” no grupo etário II poderia ser explicada pelo fato desses informantes, na sua infância, aproveitarem essas *estalactitas* para comerem e brincarem, ao contrário dos mais jovens, que perderam esse costume e o contato com o objeto.

No caso da variável idade, a forma *raspadita* foi realizada exclusivamente pelos mais jovens, o que poderia indicar que se trata de uma variante inovadora que demonstra abertura dos jovens para a incorporação de variantes de outras regiões. Lembrando que, segundo algumas informações disponíveis, parece ser esta uma variante muito utilizada em Mendoza. Já entre os mais velhos foi mais frequente a lexia *hallulla*.

Sobre os aspectos salientes quanto ao eixo diastrático, observamos que pessoas com nível superior escolheram as variantes *castoreras*, *represa* e *dique*, enquanto no grupo com nível secundário optaram por outras variantes: *madriguera*, *casa* e *nicho*.

No caso dos resultados para as cartas relacionadas ao campo “fenômenos atmosféricos”, tem demonstrado polimorfismo e variação que permite verificar o quanto a natureza influi nas criações lexicais bem como nas mudanças de sentido de certos vocábulos. A respeito das variáveis sociais, constatamos que as mulheres apresentam maior número de “demais variantes” que os homens, enquanto eles registraram maior preferência pela variante *temporal*.

Sobre a questão 229, é interessante comentar que foram obtidas três ocorrências da variante *tormenta de lluvia*, lembrando que na questão 220 identificamos tormenta para aquela que é de vento, agora registramos a forma *tormenta de lluvia*, e nos perguntamos sobre a existência dessa distinção em

outras partes da Argentina, ou se, ocorre apenas com o sentido de tormenta para se referir a que é relacionada à chuva.

Destacamos que *ventarrón* é utilizado nas regiões onde “el viento sopla más fuerte” e esteve ausente nos pontos e nas regiões que não sofrem tanto com esse tipo de ventos fortes.

A partir desses resultados, é possível pensar na existência de *chilenismos* presentes na parte argentina da ilha ou de *lunfardismos* ou unidades lexicais típicas do espanhol da Argentina do outro lado da fronteira? Quais termos têm maior presença e quais foram coletados nos pontos mais afastados? Para refletir sobre essas questões, os tipos de contato ao longo do tempo devem ser considerados. Porém, sabe-se que nem sempre é possível determinar a origem exata do léxico registrado no contexto de fronteira. Sobre isso, González Salgado indica que: “En una zona en la que han existido influencias diversas, y teniendo en cuenta que en muchos casos son muchas las variedades lingüísticas que convergen, resulta bastante incierto y problemático” (GONZÁLEZ SALGADO, 2019, p. 153). Ainda, nesse contexto, acreditamos que, além dos resultados comentados ao longo dos capítulos, na atualidade, a mídia e as redes sociais exercem um papel fundamental nas relações e dinâmicas comunicativas (AMOROS, 2012) o que pode influenciar na incorporação de novas lexias.

A leitura das cartas escolhidas segundo a divisão por isoléxicas permitiu verificar heterogeneidade na distribuição areal das formas, bem como demonstrar a vitalidade e difusão de alguns vocábulos no espaço geográfico. Nesse contexto, surge a pergunta: Quais as tendências que sinalizam algumas das características encontradas na fala dos fueguinos? A identificação de certas transferências foi apontada por Altenhofen (2013) que explica, no caso de duas variedades encontradas no sul do Brasil, que é preciso “comparar essas transferências de marcas distintivas nas duas direções” (ALTENHOFEN, 2013, p.42). Ainda, salienta que em termos metodológicos, o pesquisador deveria, portanto, procurar levantar dados de ambos os grupos em contato, para deste modo definir melhor quem influencia quem (direção da influência) e em que medida (grau de influência).

As cartas de arealidade levaram a verificar os pontos urbanos como áreas de covariação de formas, o que poderia estar relacionado à grande mobilidade da população localizada nessas áreas. Assim, identificamos que formas como *hallulla* e *guata*, consideradas por vários autores e em algumas obras lexicográficas como *chilenismos*, tem se estendido pela área argentina. Outra situação similar foi o caso de *calzón*, que demonstra amplo uso no Chile e documentou-se também nos pontos urbanos da Argentina. Por outro lado, foi observada a presença da variante inovadora *raspadita* nos pontos urbanos. Abre-se, dessa forma, a pergunta sobre a atitude de receptividade dos falantes dos pontos urbanos para a incorporação de formas novas, procedentes de outras regiões.

Padrões de distribuição mais homogêneos foram observados no caso das variantes *chalias* e *ojotas*, pois essas unidades léxicas poderiam demonstrar que a fronteira política acompanha, de alguma forma, a fronteira linguística. Seguindo o mesmo padrão, mas apenas do lado argentino, há as unidades *trola* e *rata*.

Nos próximos parágrafos, apresentamos as considerações finais conforme os objetivos e hipóteses que guiaram nosso trabalho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mais nova das províncias argentinas, Tierra del Fuego, pertencente à região patagônica, abrigou e ainda abriga, em sua superfície, uma multiplicidade de culturas, línguas e variedades, decorrentes de sua colonização e das diferentes ondas migratórias acontecidas sobretudo ao longo do século XX.

A realização deste trabalho nos levou a empreender uma pesquisa de campo que considerou o território da ilha, nas áreas argentina e

chilena, abarcou cinco pontos e contemplou 28 informantes estratificados por sexo, idade e nível de instrução.

A metodologia aplicada seguiu as diretrizes da Dialetologia Pluridimensional, o que permitiu a coleta sistemática de dados referentes a aspectos diatópicos, além da consideração e o entrecruzamento dos parâmetros diassexual, diageracional e diastrático.

Foram produzidas um total de 80 cartas, presentes no Tomo II, e 37 delas analisadas no Tomo I (11 cartas fonéticas e 27 semântico-lexicais). Essas análises contribuíram para o conhecimento do espanhol da Tierra del Fuego no que tange aos níveis fonético-fonológicos e semântico-lexical.

Das nossas hipóteses inicialmente definidas, chegamos a seguintes constatações:

*a) Os aspectos fonético-fonológicos apontados para a região patagônica, em que os estratos médios e altos apresentam características próprias do discurso bonaerense, enquanto os baixos, realizações similares às existentes em território chileno, não são verificados, na sua totalidade, para o território fueguino.*

Para isso, nosso propósito foi descrever, com enfoque nas dimensões diatópica, diassexual, diageracional e diastrática, as realizações de sibilantes em coda, realização de grupos consonantais cultos e o *yeísmo* presentes na variedade fueguina.

Temos a dizer que, a hipótese inicial apresentada nesta tese, a saber, que estratos médios e altos apresentam características semelhantes à fala bonaerense, enquanto estratos baixos são similares às do território chileno, foi refutada após a análise de nossos dados. A análise dos três processos fonético-fonológicos segundo as variáveis sociais supramencionadas levou-nos a verificar maior variação linguística, ou seja, uso social da língua mais heterogêneo na região, provavelmente produto da ação conjunta da escola, da mídia e das constantes ondas migratórias, que resultou em uma maior complexidade social.

No caso da análise da sibilante em coda, nossos resultados permitiram verificar que o menor grau de escolaridade favorece o apagamento. Todavia, quando nos referimos aos informantes com ensino superior, constatamos um comportamento diferenciado, pois enquanto estudos prévios indicaram resistência ao apagamento da sibilante, em nossa pesquisa, mostraram-se favoráveis à aspiração e ao apagamento. No caso específico da aspiração, há a evidência de um importante avanço, provavelmente condicionado pelo contexto fonológico (como nos casos de *cosquillas*, *descalzo*, *casco*) mais do que pelo nível de escolaridade dos informantes e, provavelmente pela distância com os centros irradiadores da norma padrão e em especial da variedade bonaerense. Ainda, a proximidade e predomínio da variedade chilena na conformação da variedade fueguina colaboraram para o avanço da aspiração.

Por fim, a análise adicional da variação diafásica permitiu confirmar a hipótese de que em estilo monitorado o falante cuida da sua imagem, evitando a realização das variantes consideradas estigmatizadas, neste caso [Ø]. Ainda, confirmamos que a realização da variante de maior prestígio [s] foi maior no estilo mais cuidado, do que na fala menos monitorada. Salientamos a necessidade de pensar em futuras pesquisas que, sobre uma base maior de dados, indaguem sobre o fenômeno da aspiração.

A revisão dos GCC (-ct e -nsp) demonstrou enfraquecimento ou queda consonantal e quando foram realizados, predominaram exclusivamente em mulheres com nível secundário. Junto a isso, a tendência indicada em pesquisas prévias para Argentina, em que pessoas com máximo nível de escolaridade são usuários de GCC, não foi comprovada nos nossos dados. Ao contrário, esse grupo de informantes demonstrou presença de apagamento dos GCC.

Um olhar na distribuição diatópica das variantes yeístas evidenciou a heterogeneidade do lado argentino e a presença de variantes próprias do espanhol do Chile em informantes argentinos, independentemente da escolaridade. Em relação as lexias estudadas (*callado*, *cosquillas*, *ladrillo*, *yema*, *llave*) verificamos cinco variantes: consoante fricativa pós-alveolar surda [ʃ], a fricativa pós-alveolar sonora [ʒ] e a aproximante palatal sonora [j]. Em

processo de covariação, estão as consoantes variantes fricativa palatal sonora [j] e a oclusiva palatal sonora [ɟ].

A variante surda mostrou-se como hegemônica do lado argentino e foi utilizada principalmente por mulheres, jovens e pessoas com nível de estudo superior. Já a variante sonora, presente em ambos os lados da ilha, foi preferência do grupo masculino, dos informantes mais velhos e daqueles com estudos secundários.

*b) A variação lexical presente na variedade fueguina é resultado das constantes migrações e deslocamentos que desde o início marcaram a história do território.*

Para verificar essa hipótese, mapeamos os dados, com vistas às análises que permitiram verificar a variação lexical, nos campos semânticos: "família/vida humana", "corpo humano", "vestuário", "fenômenos atmosféricos" e "específicas de TDF". Todavia, essa hipótese deve ser refutada já que, a partir de nossos dados, ao longo da revisão e análise das 20 cartas lexicais estudadas, podemos afirmar que as variações originam-se principalmente pelas diferenças geracionais, o que confirma a ideia de que o transcorrer do tempo na vida de um indivíduo pode modificar não apenas os hábitos sociais, mas também os comunicativos e os puramente linguísticos. Nesse contexto, salientamos o impacto que o uso das redes sociais tem nos diferentes grupos etários, o que leva a refletir sobre o dinamismo lexical (BERTONHA, ZAVAGLIA, 2017). Desta forma, entre os mais jovens documentamos a existência de variantes diageracionais em quatro campos semânticos, com destaque para o campo da "família/vida humana", com itens como *guampudo*, *corneta*, *rata*, *gato*. No caso do campo "corpo humano" salientamos: *capocha*, *buzarda*, *zapán*. Por fim, *tacos*, *tanga*, *culote* ("vestuário") e *raspadita* ("específicas de TDF"). Por sua vez, o grupo etário II registrou variantes diageracionais, tais como *dique* ("específicas de TDF"), *loca* ("família/vida humana"), *aguacero* ("fenômenos atmosféricos").

A incorporação da variável sexo possibilitou observar diferenças quanto aos comportamentos de homens e mulheres. No campo "família/vida humana", constatamos, por exemplo, o cuidado das mulheres na escolha da

variante eufemística *gay*, ao invés do disfemismo *puto*, escolhido por grande parte dos homens. Por outro lado, encontramos algumas variantes realizadas exclusivamente pelo grupo das mulheres referente ao campo “corpo humano”: *coco*, *conejo* e no campo “fenômenos atmosféricos” *lluvia torrencial*. Por fim, quanto ao comportamento dos homens a única variante diassexual exclusiva deste grupo tem sido *lencería*.

Sobre as formas evidenciadas como marca da diageracionalidade, constatamos a presença de: *capocha*, *zapán*, *buzarda*. Esses vocábulos, próprios do lunfardo foram registrados apenas na fala de pessoas mais novas, ou que permite pensar na presença e a receptividade dessas vozes. Ainda, acreditamos que podem ser resultado do contato dos mais jovens com as novas tecnologias ou com a mídia. Tudo isso, em contexto em que, talvez, Buenos Aires continue a funcionar como capital irradiadora de norma, o que leva os falantes a adquirirem marcadores sociolinguísticos identitários. Por fim, o campo semântico “corpo humano”, nos itens revisados, permitiu o levantamento da variante regional e inovadora *castor*, que não consta dos registros dos dicionários consultados.

*c) A especial configuração étnica da população de ambos os lados da fronteira, junto com a particular história social de Tierra del Fuego permitem observar, nos campos semânticos analisados, alguns limites quanto ao uso de determinadas unidades léxicas.*

Para isso, propusemos-nos a identificar possíveis isoglossas, a partir dos dados mapeados, que permitam identificar normas lexicais cotejando sua distribuição espacial. Assim, na revisão de variantes diatópicas, na fala chilena verificamos *mate*, no campo “corpo humano”; *chalias* e *chaqueta* no campo “vestuário” e, no campo “família/vida humana”, *cachera*, *suelta*, *cagado*, *apretado* e *mano de guagua*. De outro lado, *trolo*, *trola*, *rata* apresentam-se como variantes próprias do lado argentino da ilha.

Olhar para o repertório linguístico da população e as formas como as variedades ocupam determinadas territorialidades, permitiu descobrir o modo como se constitui uma variedade linguística no contato com a diversidade

de “modos de falar” do novo meio para onde migraram essas populações (ALTENHOFFEN, 2013). Aqueles construtos quase estanques descritos ao longo do século XX, hoje estão longe do que acontece na realidade linguística da província mais austral da Argentina. As distâncias, o contato multivarietal, a especial mobilidade dos grupos de migrantes, bem como o assentamento recente, confirmam que se trata de um território com ampla variação.

Após a contabilização do total de variantes para cada um dos campos analisados, obtivemos os seguintes resultados: “família/vida humana”- 53 variantes; “fenômenos atmosféricos”- 40 variantes; “específicas de TDF”- 40 variantes; “corpo humano”- 38 variantes; “vestuário”-29 variantes.

Diante disso, surgiu a pergunta sobre os motivos pelos quais tanto a inovação quanto a variação acontecem mais em campos como “família/vida humana” e “fenômenos atmosféricos”, e não em “vestuário”, o que nos levou a hipotetizar que os primeiros são mais permeáveis ao dinamismo da língua.

Embora o território seja pequeno, a variação mostrou-se profícua. Isso provavelmente ocorra pela convivência de várias normas, pelas migrações e mudanças sociais na província. A Tierra del Fuego é um território marcado pela heterogeneidade sociocultural e diversidade linguística desde seus inícios e sabe-se que contextos com essas características tendem a promover o contato entre variedades que, com o decorrer do tempo, podem ser avaliadas, absorvidas ou rejeitadas pelos falantes pertencentes à comunidade.

O fato de termos uma ocupação recente e contato entre variedades de uma mesma língua nos faz refletir a respeito da possibilidade de pensar na formação de um dialeto emergente. Apontamentos semelhantes foram propostos anteriormente para o território patagônico em termos da formação de *koiné* (VIRKEL, 2000; SINNER, 2016).

Consideramos que o presente estudo teve: i) uma base de dados que provém de falantes de segunda geração, filhos de: chilenos, croatas, ingleses, e argentinos vindos de outras regiões do país, cujos pais começaram a chegar a partir da década de 60 para a Tierra del Fuego; ii) informações que

demonstram instabilidade demográfica, ou seja, o assentamento não corresponde a um assentamento estável diante das condições e mudanças socioeconômicas vivenciadas nas últimas décadas; iii) a confirmação do estado de ampla variação presente nos campos semânticos e nos processos fonético-fonológicos estudados por meio das cartas selecionadas. Acreditamos que, caso os dados mais relevantes de nossa pesquisa sirvam como base para afirmar que existe formação de um dialeto emergente (TRUDGILL, 2004), ele estaria na segunda fase, pois se trata de falantes nascidos na ilha, filhos de pais chegados de diferentes regiões e países, que apresentam amplas amostras de variação semântico-lexical e fonético-fonológica. No caso desse último nível da língua, aspectos que apontam para uma possível *reallocation* foram identificados. Isto é, os traços associados a grupos com baixa escolaridade em outras regiões da Patagônia, têm outro *status* na ilha de Tierra del Fuego, o que poderia estar relacionado com a especial constituição sociodemográfica e isso os afasta de avaliações negativas.

Em vista do exposto, esperamos que o estudo apresentado possa contribuir para os estudos linguísticos argentinos, em especial com a variedade da província de Tierra del Fuego. A partir dos dados coletados almejamos ter fornecido algumas características da fala fueguina, bem como detalhes quanto às nuances e usos linguísticos entre informantes. Por fim, esperamos, também, que as cartas apresentadas no Tomo II sirvam para o aprofundamento do conhecimento de uma realidade linguística tão diversa e plural.

## REFERÊNCIAS

ABENDAÑO LÓPEZ, Sandra. La implementación del programa de alfabetización cubano "Yo sí puedo" como una práctica de responsabilidad social de la Universidad Nacional de Tierra del Fuego. **Papeles Salmantinos de Educación**, Núm. 24, p. 79-92, 2020.

ACADEMIA CHILENA. **Diccionario del habla chilena**. Santiago de Chile: Editorial Universitaria, 1978.

ACUÑA, María Leonor, MENEGOTTO, Andrea. Algunas observaciones sobre variedades dialectales en Patagonia. *In: IV CONGRESO ARGENTINO DE HISPANISTAS*. "La cultura hispánica y Occidente", 1995, Mar del Plata. Actas [...], Mar del Plata, 1995, p. 99-103.

ACUÑA, María Leonor. Ejemplos de interferencia lingüística en el español de Neuquén y Río Negro. *In: Documentos del Predal Argentina 2. Atas Lingüístico Antropológico de la República Argentina*. Buenos Aires: Ministerio de Educación y Justicia y Organización de los Estados Americanos, 1987. p. 21-28.

AGGIO, Carlos; GATTO, Francisco; ROMANO, Silvina. Estudio de la promoción industrial en Tierra del Fuego. Análisis de la evolución reciente de la producción electrónica. **Documento de trabajo N1**, Instituto de Desarrollo Económico e Innovación, Universidad Nacional de Tierra del Fuego, Ushuaia, Argentina, 2014.

AGUILERA, Vanderci de Andrade, SPAGNOLO, Mariana. O Inquiridor e as Dificuldades na Obtenção de Respostas para o Atlas Linguístico do Brasil: o caso de doido. **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, v. 21, n. 1, p. 72-88, 2018.

AGUILERA, Vanderci de Andrade; YIDA, Vanessa. Projeto ALiB: Uma análise das respostas e das não respostas de informantes das capitais. **Signum: Est. Ling.**, Londrina, n. 11/2, p. 15-31, 2008.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. A Geolingüística no Brasil: estágio atual. *Revista da ABRALIN*, v. 5, n. 1 e 2, p. 215-238, dez. 2006.

ALARCOS LLORACH, Emilio. **Fonología española**. Madrid: Gredos, 1981.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da Geolingüística pluridimensional e contatual. **Revista de Letras Norte@mentos**. v. 6, n. 12, p. 31-52, jul./dez., 2013.

ALTINO, Fabiane Cristina. Avaliação dos procedimentos metodológicos: uma conversa sobre a conduta do inquiridor. *In: AGUILERA, Vanderci de Andrade, ANDRADE MOTA, Jacyra; LIMA MILANI, Gleidy Aparecida. Documentos 1*. Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador, EDUFBA, 2004, p. 55-62.

ALVAR, M. **Manual de dialectología hispánica**. El español de América. Barcelona: Ariel, Ed, 1996.

ALVAR, Manuel, QUILIS, Antonio. **Atlas lingüístico de Hispanoamérica: cuestionario**. Madrid: Instituto de Cooperación Iberoamericana, 1984.

ALVAR, Manuel. El atlas lingüístico y etnográfico de la provincia de Santander (España) **Revista de Filología Española**, v. 59, n. ¼, p. 81-118, 1977.

ALVAR, Manuel. **Estructuralismo: geografía lingüística y dialectología actual**. Madrid: Ed. Gredos, 1969.

ALVES, Greize da Silva; BORGES, Patrícia Andréa. Presença vs ausência de traços de ruralidade no léxico tocantinense. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. n. 72, p. 83-105, abr. 2019.

AL-WER, Enam. New-dialect formation: The Amman dialect. In: LUCAS, Christopher; MANFREDI, Stefano (eds.) **Arabic and contact-induced change**. Berlin: Language Science Press, 2020. p. 551–566.

AMOROS, Carla. **Norma y estandarización**. Salamanca: Luso Española Ediciones, 2008.

AMOROS, Carla. El pluricentrismo de la lengua española: ¿un nuevo ideograma en el discurso institucional? El desafío de la glosodidáctica, **Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana**, n. 19, p. 127-148, 2012.

ARGENTINA. **Informe de situación de la provincia de Tierra del Fuego**. Ministerio de Desarrollo Social, Presidencia de la Nación. Sistema de Información, Monitoreo y Evaluación de Programas Sociales. SIEMPRO. 2015.

ARIAS ÁLVAREZ, Beatriz. Estudio sobre la realización de algunas consonantes en coda en el habla popular de la Ciudad de México: hacia una interpretación causal de los hechos. **Boletín de Filología**, v. XLII, p. 11-35, 2007.

ARNOUX, Elvira Narvaja de; DEL VALLE, José. Las representaciones ideológicas del lenguaje. Discurso glotopolítico y panhispanismo. **Spanish in Context**, vol. 7, n. 1, p. 1-24, 2010.

AUROUX, Silvain et al (Ed.). **History of the language sciences: an international handbook on the Evolution of the study of language from the Beginnings to the Present**. Berlin: De Gruyter, 2006.

AZEVEDO, Maria Consuelo de. Lunfardo, vesre e outras modalidades do linguajar argentino. **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 7, n. ½, p. 145-154, jan./dez. 1984.

BALDINGER, Kurt. Designaciones de la cabeza en la América española. **Anuario de Letras, Lingüística y Filología**, v. 4, p. 25-56, 1964.

BANDIERI, Susana Los estudios sobre la frontera argentino-chilena como espacio social en la Patagonia: primeros aportes para una historiografía renovada. **Coordenadas. Revista de Historia local y regional**, 5, n. 2, p. 1-21, 2018.

BASCOPE, Julio Joaquín. De la exploración a la explotación. Tres notas sobre la colonización de la Patagonia austral. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos** [En línea] Disponible em: <http://journals.openedition.org/nuevomundo/56645>. Acceso em: 20/03/2020

BASCOPE, Julio Joaquín. **En un área de tránsito polar**: Desde el establecimiento de líneas regulares de vapores por el estrecho de Magallanes (1872) hasta la apertura del canal de Panamá (1914). Villa Tehuelches: CoLibris. 2018.

BERNAL CHÁVEZ, Julio Alexander. Atlas Lingüístico-Etnográfico de Colombia. Geolinguistic corpus. In: **V International Linguistics and Language Conference**, p. 128–141, 2018.

BERTONHA, Flávio Henrique de Carvalho; ZAVAGLIA, Claudia. Dinamismo lexical nas redes sociais: contribuições para a Lexicografia. **Calidoscópico**, v.15, n. 3, p. 407–416, 2017. Disponible em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2017.153.01>. Acceso em: 10 set. 2021.

BÈS, Gabriel. Examen del concepto de rehilamiento. **Thesaurus**, XIX, p.18-42, 1964.

BIDERMAN, Maria Tereza. **Teoría lingüística**. Teoría lexical e lingüística computacional. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BLAS ARROYO, José Luis. **Sociolingüística del español. Desarrollos y perspectivas en el estudio de la lengua española en contexto social**. Madrid: Cátedra. 2004.

BONDEL, Santiago. **Tierra del Fuego (Arg.): la organización de su espacio**. Ushuaia: CADIC, 1985.

BONNIN, Juan Eduardo. Pensar el castellano en Internet: discursos sobre la norma en los foros de Wordreference.com. In: NARVAJA DE ARNOUX, Elvira, NOTHSTEIN, Susana (eds.) **Temas de glotopolítica. Integración regional sudamericana y panhispanismo**. Buenos Aires: Biblos, 2013. p. 351-372.

BRAVO, Diana. Actividades de cortesía: imagen social y contextos socioculturales. Una introducción. In: BRAVO, Diana (ed.) **Actas del primer coloquio del programa EDICE**. Estocolmo, 98 - 108. Universidad de Estocolmo.

BRIDGES, Esteban Lucas. **El último confín de la tierra**. Buenos Aires: Emecé, 1952.

BRITAIN, David. Dialect Contact and New Dialect Formation. *In*: BOBERG, Charles; NERBONNE, John; WATT, Dominic. **The Handbook of Dialectology**. Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, Inc, 2018. p. 143-158.

BRITAIN, David; TRUDGILL, Peter. New Dialect Formation and Contact-induced Reallocation: Three Case Studies From English Fens. **International Journal of English Studies**, v. 5, n. 1, p. 183-209, 2005.

BRIZ, Antonio, ABELDA MARCO, Marta. Una propuesta teórica y metodológica para el análisis de la atenuación lingüística en español y portugués. La base de un proyecto común (ES.POR.ATENUACIÓN), **Onomázein**, n. 28, p. 288-319, 2013.

BÜRKI, Yvette; MORGENTHALER GARCÍA, Laura. En torno al olvido en el estudio de la variación lingüística del español. **Estudios de Lingüística Del Español**, 37, p. 3–15, 2016.

CALSAMIGLIA BLANCAFORT, Helena; TUSÓN VALLS, Amparo. **Las cosas del decir**. Manual de análisis del discurso, Barcelona: Ariel, 1999.

CAMACHO BARREIRO, Aurora; PALACIO PIÑEIRO, Yurelkys; GARCÍA GONZÁLEZ, Elisa; HERNÁNDEZ VALDÉS, Lorena; TRIANA OROZCO, Amalia; LINARES TERRY, Kelly. Diccionario Geolectal de Cuba. Aspectos de la planta lexicográfica. **Textos en proceso**, v. 4, n. 1, p. 93-122, 2018.

CARAVEDO, Rocío. El Perú en el Atlas Lingüístico Hispanoamericano. **Lexis**, v. XI, n. 2, p. 165-182, 1987.

CARDOSO, Susana. Geolingüística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional? **Revista GELNE**, 4, p. 1-16, 2002.

CARRILLO, Gastón. Significación del Atlas Lingüístico y Etnográfico de Chile (ALECH) para la dialectología y la lingüística geográfica chilena e hispanoamericana. **Anales de La Universidad de Chile**, p. 306-356, 1969.

CASAS GÓMEZ, Miguel. Marcas diatópicas en el léxico eufemístico-disfemístico hispanoamericano. *In*: WOTJAK, Gerd; ZIMMERMANN, Klaus (eds.) **Unidad y variación léxicas del español de América**, Frankfurt: Vervuert., 1994, p. 133-183.

CASAS GÓMEZ, Miguel. **La interdicción lingüística**. Mecanismos del eufemismo y disfemismo. Servicio de publicaciones: Universidad de Cádiz, 1986.

CASTAÑEDA NARANJO, Luz Stella; ORDUÑA LÓPEZ, José Luis. Estudio lexicológico comparativo de la categoría nominal en parlache y lunfardo. *In*: NEUS VILA RUBIO (ed.) **De parces y troncos**: Nuevos enfoques sobre los argots hispánicos. Ediciones de la universidad de Lleida, 2013, p. 107-128.

CESTERO MANCERA, Ana María, ABELDA MARCO, Marta. Estudio de variación en el uso de atenuación I: Hacia una descripción de patrones dialectales y sociolectales de la atenuación en español. **Revista Signos**. Estudios de Lingüística, v. 53, n. 104, p. 935-961, 2020.

CESTERO MANCERA, Ana María. La expresión del tabú: estudio sociolingüístico. **Boletín de Filología**, Tomo L, n. 1, p. 71-105, 2015.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. **La dialectología**. Madrid: Visor, 1994.

CHIQUITO, Ana Beatriz; QUESADA PACHECO, Miguel Angel (Eds.) **Actitudes lingüísticas de los hispanohablantes hacia el idioma español y sus variantes**. Bergen Language and Linguistic Studie, 2014.

CHIRINOS RIVERA, Andrés. **Atlas lingüístico del Perú**. Cusco: Ministerio de Educación y Centro Bartolomé de las Casas, 2001.

CONDE, Oscar. Las Formas Anagramáticas en Lunfardo. **Gramma**, v. XXIV, n. 51, p. 87-94, 2013a.

CONDE, Oscar. Lunfardo rioplatense: delimitación, descripción y evolución. In: NEUS VILA RUBIO (ed.) **De parces y troncos: Nuevos enfoques sobre los argots hispánicos**. Ediciones de la universidad de Lleida, 2013b. p. 77-105.

CONTRERAS, Manuel. Un momento en la historia del español de Chile. **Estudios Filológicos**, v. 42, p.59-77, 2007.

COSERIU, Eugenio. El español de América y la unidad del idioma. **Separata del I Simposio de Filología Iberoamericana**. Sevilla 26 al 30 de marzo de 1990.

COSERIU, Eugenio. **Sentido y Tareas de la Dialectología**. México: Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.

COSERIU, Eugenio. **El hombre y su lenguaje**. Estudios de teoría y metodología lingüística. Madrid: Gredos, 1977.

COSERIU, Eugenio. Sistema, norma y habla. In: COSERIU, Eugenio. **Teoría del lenguaje y lingüística general**, 3era Ed. Madrid, Gredos, 1973. p. 11-113.

COSERIU, Eugenio. La geografía lingüística. **Cuadernos del Instituto Lingüístico Latinoamericano**, Montevideo, n. 11, p. 29-69, 1965.

COSERIU, Eugenio. Determinación y entorno, de los problemas de la lingüística del hablar. **Romanistisches Jahrbuch**, v.7, p. 29-54, 1955.

CUEVA SÁNCHEZ, Óscar Esaul. Análisis fonético-fonológico de los procesos que afectan a los segmentos oclusivos en posición de coda en el castellano limeño. **Boletín de la Academia Peruana de la Lengua**, n. 63, p. 155-183, 2018.

DE IMAZ, José Luis. **Los hombres del confín del mundo**. Tierra del Fuego. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1972.

DI TULLIO, Angela. Antecedentes y derivaciones del voseo argentino. **Páginas de Guarda**, N° 1, p. 41-54, 2006. Disponible em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/2014999.pdf>. Acesso em: 12/03/2021.

DONNI DE MIRANDE, N. Argentina-Uruguay. *In*: ALVAR, M. (ed.). **Manual de dialectología hispánica: el español de América**. Barcelona: Ariel, 1996.

DONNI DE MIRANDE, Nélida. Problemas y estado actual de la investigación del español de la Argentina hasta 1984. **Anuario de Letras: Lingüística y Filología**, 24, p. 179-236, 1986.

DONNI DE MIRANDE, Nélida. Fonología del español en Rosario. **Thesaurus**. Tomo XXXIII. Núm. 3, p. 407-421, 1978.

DULCI, Luciana Crivellari. Globalização, moda e a cultura do consumismo. **Dobra[s]**, São Paulo, v. 8, n. 17, p. 81-89, 2015.

ELIZAINCÍN, A. Geolingüística, sustrato y contacto lingüístico: español, portugués e italiano em Uruguay. *In*: LOBO, Tânia *et al.* (orgs.) **Rosae: lingüística histórica, história das línguas e outras histórias** [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 481-498.

ELIZAINCIN, Adolfo. Ocho precisiones sobre el contacto lingüístico. **Linguística**. v. 19, 2007, p. 117-132, 2007.

ELIZAINCIN, Adolfo. Métodos en el estudio del español hablado en América. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Número 6, p. 71-82, 1984.

ESCANDELL VIDAL, María Victoria. **Introducción a la pragmática**. Madrid: Ariel, 2006, 1era Ed.1996.

FARÍAS, Ariel; LÓPEZ, Julieta. Migración y heterogeneidad estructural en Tierra del Fuego. Un análisis de la desigualdad social asociada a procesos migratorios, 2004 y 2014. *In*: **Jornadas de Sociología de la UNLP**, 9., 5 al 7 de diciembre de 2016, Ensenada, Argentina, 2016. Disponible em: [http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab\\_eventos/ev.8949/ev.8949.pdf](http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.8949/ev.8949.pdf).  
Aceso em: 01 agosto 2018.

FERNÁNDEZ, Ana. Comportamiento de grupos consonánticos cultos. *In*: BARRIOS, Graciela, ORLANDO, Virginia. **Marcadores sociales en el lenguaje**. Estudios sobre el español hablado en Montevideo. Montevideo: Gráficos del Sur. P.43-54, 2002.

FERNÁNDEZ, César. **Hablar paisano. Estudios sobre el español de la Patagonia**. Buenos Aires: Secretaría Parlamentaria, Dirección Publicaciones, 2005.

FERREIRA Carlota; CARDOSO, Susana. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1984.

FISHMAN, Joshua. **Sociología del lenguaje**, Madrid: Ediciones Cátedra, 1979. traducción de Ramón Sarmiento y Juan Carlos Moreno

FLÓREZ, Luis. **Atlas Lingüístico-Etnográfico de Colombia**. Bogotá: ICC, 1983.

FONTANELLA DE WEINBERG, María Beatriz (Coord.) **El español de la Argentina y sus variedades regionales**. Buenos Aires: Edicial, 2000.

FONTANELLA DE WEINBERG, María Beatriz. El rehilamiento bonaerense del siglo XIX, nuevamente considerado. **Nueva Revista de Filología Hispánica**, v. 43, n. 1, p. 637-651, 1995.

FONTANELLA DE WEINBERG, María Beatriz. **El español de América**, Madrid: Mapfre, 1992.

FONTANELLA DE WEINBERG, María Beatriz. Un nuevo aporte sobre el rehilamiento bonaerense del siglo XIX. **Anuario de Letras**, v. 27, p. 269-274, 1989b.

FONTANELLA DE WEINBERG, María Beatriz. **El español hablado en la Patagonia**. Buenos Aires: Roche, 1987.

FONTANELLA DE WEINBERG, María Beatriz. **Dinámica social de un cambio lingüístico**: la reestructuración de las palatales en el español bonaerense. México: UNAM. 1979.

FONTANELLA Un aspecto sociolingüístico del español bonaerense. **Cuadernos de Lingüística**, Bahía Blanca, 1974.

GALLARDO, Carlos. **Tierra del Fuego**. Los Onas. Buenos Aires: Cabaut y Cía. Editores, 1910.

GARATE PERALTA, Agustina. **Elecciones léxicas, sexualidad y adolescencia**: aspectos del léxico sexual del habla adolescente en el español bonaerense, 2021, Tesina (Licenciatura en Letras)- Universidad Nacional del Sur, Departamento de Humanidades, Bahía Blanca, Argentina, 2021.

GARCÍA, Guillermo. Modernidad y teatro popular rioplatense (1900-1930). **Espéculo**, Revista de estudios literarios. Universidad Complutense de Madrid, 2004. Disponible em: <https://webs.ucm.es/info/especulo/numero28/rioplate.html>  
Acesso em: 12 out. 2021.

GARCÍA MOUTON, Pilar. Los Atlas lingüísticos y las variedades del español de América. **Boletín Hispánico Helvético**, 8 (otoño), p. 111-122, 2006.

GARCÍA MANGA, M. del C. **La etimología popular como fenómeno peculiar de motivación del lenguaje**. 2010. Tese de doutorado -Universidad de Cádiz, Facultad de Filosofía y Letras. Departamento de Filología. Área de Lingüística general, 2010.

GARCÍA MOUTON, Pilar. Dialectología y geografía lingüística. In: ALVAR, Manuel (dir.) **Manual de dialectología hispánica**: el español de España, Barcelona, Ariel, p. 63-77, 1996.

GARCÍA MOUTON, Pilar. Sobre geografía lingüística del español de América. **Revista de Filología Española**, LXX, p. 699-713, 1992.

GILES, Howard. (ed.). **Language, Ethncity and Intergroup Relations**. London, Academic Press, 1977.

GIMENO MENÉNDEZ, Francisco. **Dialectología y sociolingüística españolas**, 2da ed., Alicante: Universidad de Alicante, 1993.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de la interacción**. Buenos Aires: Editorial Tiempo Contemporáneo, 1970.

GONZÁLEZ SALGADO, José Antonio. Variación léxica en la frontera hispano-portuguesa: vocabulario compartido y elementos constitutivos. **Labor Histórico**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p.147-171, jul./dez., 2019.

GORDÓN PERAL, María Dolores. Variedad interna y difusión areal en el léxico andaluz. La terminología de la *nube* y otros aspectos del cielo. *In*: CAMACHO TABOADA, María Victoria; RODRÍGUEZ TORO, José Javier; SANTANA MARRERO, Juana (Eds.) **Estudios de Lengua Española: Descripción, Variación y Uso**. Homenaje a Humberto López Morales. Madrid: Iberoamericana, 2009, p. 333-364.

GREUßLICH, Sebastian. El pluricentrismo de la cultura lingüística hispánica: política lingüística, los estándares regionales y la cuestión de su codificación. **Lexis** Vol. XXXIX (1), p. 57-99, 2015.

GUBER, Rosana. **La etnografía, método, campo y reflexividad**. Bogotá: Grupo Editorial, Norma, 2001.

GUILLEN, Adriana; URZÚA, Alfredo. Reconocimiento de lunfardismos entre hablantes de español porteño. **Signo y Seña**, n. 32, p. 62-82, jul./dic., 2017.

GUITARTE, Guillermo. El ensordecimiento del žeísmo porteño. Fonética y fonología. **Revista de Filología española**, v. 39, n. 1-2, p. 261-283, 1955.

HAMMOND, Robert. En torno a una regla global en la fonología del español de Cuba”, *In*: R. Núñez Cedeño, J. Guitart e I. Páez Urdaneta (eds.) **Estudios sobre la fonología del español del Caribe**, eds. La Casa de Bello, Caracas, 1986, pp. 31-39.

HAVERKATE, Henk. **La cortesía verbal**. Estudio pragmatolingüístico. Gredos: Madrid. 1994.

HERMIDA, Mariano; MALIZIA, Mariano; VAN AERT, Peter. Migración e identidad. El caso de Tierra del Fuego. **IDENTIDADES**, Núm. 10, Año 6 Junio 2016, p. 34-52, 2016.

HERMIDA, Mariano; MALIZIA, Mariano; VAN AERT, Peter. Migración en Tierra del Fuego (o la historia de una ida y una vuelta). Sociedad Fueguina, Documento del Instituto de Cultura Sociedad y Estado, UNTDF, v. 1, n. 2. p. 6-7, 2013a.

HERMIDA, Mariano, MALIZIA, Mariana, VAN HAERT, Peter. Ser fueguino. Un estudio sobre migración y construcción de pertenencia. *In: JORNADAS DE SOCIOLOGÍA*, 10., 2013, Buenos Aires. **Actas** [...]. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2013b. Disponible em: <https://cdsa.aacademica.org/000-038/692.pdf>. Acceso em: 7 nov. 2020.

HERNÁNDEZ CAMPOY, Juan Manuel; ALMEIDA, Manuel. **Metodología de la investigación sociolingüística**. Málaga: Comares, 2005.

HERNÁNDEZ CAMPOY, Juan Manuel. La geolingüística: consideraciones sobre la dimensión espacial del lenguaje. *ELUA. Estudios de Lingüística*, n. 13, p. 65-88, 1999.

HERNÁNDEZ FLORES, Nieves. Actividad de imagen: caracterización y tipología en la interacción comunicativa. **De Gruyter** v. 1, n. 2, p. 175–198, 2013.

HUALDE, José Ignacio. **Los sonidos del español**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

INDEC. Instituto Nacional de Estadística y Censos. **Censo Nacional de Población, Hogares y Viviendas 2010**. Cuadro P1-P. Provincia de Tierra del Fuego, Antártida e Islas del Atlántico Sur. Población total y variación intercensal absoluta y relativa por departamento. Años 2001-2010. Buenos Aires: Indec, 2010. Disponible en: [http://www.censo2010.indec.gov.ar/CuadrosDefinitivos/P1-P\\_Tierra\\_del\\_fuego.pdf](http://www.censo2010.indec.gov.ar/CuadrosDefinitivos/P1-P_Tierra_del_fuego.pdf). Acceso en: 01 agosto 2018.

IPIEC TIERRA DEL FUEGO. **Anuario Estadístico de Tierra del Fuego 2013**. Disponible em: [https://ipiec.tierradelfuego.gob.ar/wp-content/uploads/2015/04/Anuario\\_2013.pdf](https://ipiec.tierradelfuego.gob.ar/wp-content/uploads/2015/04/Anuario_2013.pdf) Acceso em: 23/05/2020

JIMÉNEZ, Antonio Narbona. Movimientos centrífugos y centrípetos en la(s) norma(s) del español. **II Congreso Internacional de la Lengua Española**, Valladolid, 2001. Disponible em: [https://idus.us.es/bitstream/handle/11441/29502/Movimientos\\_centripetos\\_y\\_centrifugos.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://idus.us.es/bitstream/handle/11441/29502/Movimientos_centripetos_y_centrifugos.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acceso em: 10 de mar. 2021.

JOTA, Zélio dos Santos. **Dicionário de linguística**. 2.ed. Rio de Janeiro: Presença, INL, 1981.

JULIÀ LUNA, Carolina. **Estructura y variación en el léxico del cuerpo humano**. 2010. 665 f. Tese (Doctorado en Filología española- opción Lengua)- Universidad Autónoma de Barcelona, Barcelona, 2010.

KANY, Charles. **Semántica hispanoamericana**. Madrid: Aguilar. [1960] 1969.

KOVACCI, Ofelia. Atlas lingüístico-antropológico de la República Argentina. **Boletín de la Academia Argentina de Letras**, Tomo LXVIII, n. 267-268, enero-junio, p. 131-146, 2003.

LABOV, William. **The Social Stratification of English in New York City**. Washington: Center for Applied Linguistics, 1966.

LABOV, William. **Modelos sociolingüísticos**. Madrid: Cátedra. Título original de la obra: Sociolinguistic Patterns, José Miguel Marinas Herreras. 1983.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas de la vida cotidiana**. Madrid: Cátedra, 1986.

LASTRA, Yolanda. **Sociolingüística para hispanoamericanos**. Una introducción. El Colegio de México, México, 1992.

LAURIA, Daniela; LOPEZ GARCÍA, María. Instrumentos lingüísticos académicos y norma estándar del español: la nueva política lingüística panhispánica. **Lexis**, Vol. XXXIII (1), p. 49-89, 2009.

LESCANO, Silvina. **Estudio sociolingüístico sobre Bilingüismo en establecimientos rurales de la provincia de Tierra del Fuego**. 2010. Trabalho realizado para aprovação de disciplina, não publicado.

LINK, Katharina. **El yeísmo bonaerense** – un análisis sociolingüístico. Seminario sobre lenguas románicas. Universidad de Tubinga, 2008-2009. (Online). Disponible em: [http://www.meta.narr.de/9783823368540/musterhausarbeit\\_235.pdf](http://www.meta.narr.de/9783823368540/musterhausarbeit_235.pdf). Acesso em: 8 out. 2020.

LLORENTE MALDONADO DE GUEVARA, Antonio.; Fonética y fonología andaluzas. **Revista de filología española**, 45:1/4,1962.

LOPE BLANCH, Juan Manuel. La norma lingüística hispánica. In: **II Congreso Internacional de la Lengua Española**. Valladolid 2001. Instituto Cervantes-RAE. <[http://congresosdelalengua.es/valladolid/ponencias/unidad\\_diversidad\\_del\\_espanol/1\\_la\\_norma\\_hispanica/lope\\_j.htm](http://congresosdelalengua.es/valladolid/ponencias/unidad_diversidad_del_espanol/1_la_norma_hispanica/lope_j.htm) (3 de junio de 2009)>.

LOPE BLANCH, Juan Manuel. El problema de la lengua española en América. **Nueva revista de filología hispánica**, Tomo 43, n. 1, p. 17-36, 1995.

LÓPEZ GARCÍA, Ángel. **Pluricentrismo, hibridación y porosidad en la lengua española**. Madrid: Iberoamericana, 2010.

LÓPEZ MORALES, Humberto. Sociolingüística del tabú. **INTERLINGÜÍSTICA**. 16 (1), p. 7-20, 2005. Disponible em: <file:///C:/Users/Romina/Downloads/Dialnet-SociolingüísticaDelTabu-2514205.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2021

LORENZO, Agustina. Trabajadores rurales. Experiencias selk'nam entre 1890-1930. **Revista La Lupa**, 6, p. 12-16, 2016.

LUIZ, María Teresa; SHILLAT, Mónica. **Tierra del Fuego**: Materiales para el estudio de la Historia Regional. Ushuaia: Fuegia, 1998.

LUNA, Kenneth. La evolución fonética y fonológica del español de Puerto Rico: de Navarro Tomás a nuestros días. **Cuadernos de la ALFAL**, N°6 junio 2014. p. 105-119.

MADERA, Mónica. Identidad de grupo y funciones de la lengua en el análisis de la desaparición o mantenimiento de una lengua. *In*: Herzfeld, A. y Lastra Y. (eds.). **Las causas sociales de la desaparición y del mantenimiento de las lenguas en las naciones de América**, Hermosillo: Universidad de Sonora, 1999, p. 137-149.

MAKUC, Margarita. La actitud lingüística en la comunidad de habla de Magallanes: aproximación a sus componentes básicos. **Magallania**, v. 39, n. 2, p. 105-111, 2011.

MAKUC, Margarita. Caracterización de la comunidad de habla de Magallanes: elementos lingüísticos y de identidad cultural. **Identidad regional y desarrollo para Magallanes**. Universidad de Magallanes, Punta Arenas. p. 32-37, 2010.

MALVESTITTI, Marisa. Chaanpen, gūta, es decir, palabras. Los vocabularios como instrumentos de documentación de las lenguas originarias de Tierra del Fuego. **Revista argentina de historiografía lingüística**, v. VII, n. 1, p. 39-53, 2015. Disponible em: [file:///C:/Users/Romina/Downloads/Dialnet-ChaanpenGutaEsDecirPalabras-7425458%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Romina/Downloads/Dialnet-ChaanpenGutaEsDecirPalabras-7425458%20(1).pdf). Acceso em: 23 nov. 2021.

MANZANO, Fernando Ariel; VELÁZQUEZ Guillermo Ángel. Dinámica migratoria y desempleo en la Argentina (1991-2010) **Ateliê Geográfico - Goiânia-GO**, v. 9, n. 2, p. 7-29, 2015. Consultado em: <https://core.ac.uk/download/pdf/80362761.pdf> Acceso em: 05/10/2020

MARTÍNEZ CELDRÁN, Eugenio. En torno al concepto de aspiración o sonido aspirado. *In*: ELVIRA-GARCÍA, Wendy y ROSEANO, Paolo (eds.) **Lecto Magistrallis de Eugenio Martínez Celdrán**. Barcelona: Laboratori de Fonètica de la Universitat de Barcelona. p. 9-23

MARTINIC, Mateo. La inmigración chilota en Magallanes. Apreciación histórica sobre sus causas, características y consecuencias. **Anales del Instituto de la Patagonia**, 27, p. 27-47, 1999.

MASTROSCELLO, Miguel. **La economía del fin del mundo**. Configuración, evolución y perspectivas económicas de Tierra del Fuego. Buenos Aires: De los cuatro vientos, 2008.

MENÉNDEZ PIDAL, Ramón. **Manual de Gramática Histórica española**. 19° edición. Madrid: Espasa-Calpe, 1987

MEYER RUSCA, Walterio. **Voces indígenas del lenguaje popular sureño**. 550 chilenismos. Santiago de Chile: San Francisco Padre Las Casas, 1952.

MIRANDA, Lidia Raquel. **Palabras y algo más**. Esbozos prácticos para iniciar el estudio del nivel léxico-semántico. Santa Rosa: Universidad Nacional de la Pampa. Facultad de Ciencias Humanas, 2013.

MOLINA MARTOS, Isabel. Innovación y difusión del cambio lingüístico en Madrid. **Revista de Filología Española**, v. 86(1) p. 127-149, jun., 2006.

MONROY, Rafael. Fonoestilística de las vocales y de las consonantes del español: su reflejo en los estilos de habla. **Lingüística española actual**, 30 (2), p. 153-182, 2008.

MONTERO BERNAL, Lourdes *et al.* Atlas Lingüístico de Cuba (ALCu). **Revista Anales de La Academia de Ciencias de Cuba**, 8(1), p. 1–14, 2018.

MONTES GIRALDO, José Joaquín. La bipartición dialectal del español. **Boletín de Filología**, 35(1), p. 317–331, 1995.

MONTES GIRALDO, José Joaquín. **Dialectología general e hispanoamericana**: orientación teórica, metodológica y bibliográfica. 2.ed. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1987.

MONTES GIRALDO, José Joaquín. Lengua-dialecto una vez más: la persistencia y actualidad de un viejo problema. **Thesaurus**, Tomo XLI. n. 1-3. p. 23-41. 1986.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. La entrevista sociolingüística. Esquemas de perspectivas. **Linred: Lingüística en la Red**, n. 9, 2011-2012. Disponible em: [https://ebuah.uah.es/dspace/bitstream/handle/10017/24166/Entrevista\\_Moreno\\_LR\\_2011\\_9.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://ebuah.uah.es/dspace/bitstream/handle/10017/24166/Entrevista_Moreno_LR_2011_9.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acceso em: 10 nov. 2021.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. La dimensión social de la gramática. A propósito de la Nueva gramática básica de la lengua española. Cum corde et in nova grammatica, Servicio de Publicaciones de la Universidad de Santiago de Compostela p. 605-615, 2012.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. La voz “dialecto” en la historia del español. **Boletín de Filología**, Tomo XLIII, n. 2, p. 175-204, 2008.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. Método geolingüístico y método sociolingüístico. El factor "sexo" en los atlas. *In*: RADTKE, Edgar; THUN, Harald (Ed.) **Neue Wege der romanischen Geolinguistik**, Acten des Symposiums zur empirischen Dialektologie, Kiel: Westensee-Verl., 1996. p. 210-269. (Dialectologia Pluridimensionalis Romanica; 1.)

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco (Ed.). **La división dialectal del español de América**. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá de Henares, 1993.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. Norma y prestigio en el español de América. Apuntes para una planificación de la lengua española. **Revista de Filología española**, V. LXXII, n. 3/4, p. 345- 359, 1992.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Metodología sociolingüística**. Madrid: Gredos, 1990.

MORGENTHALER, L. ZIMMERMANN, K Introducción: ¿Lingüística y migración o lingüística de la migración?: De la construcción de un objeto científico hacia

una nueva disciplina. **Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana**, v. 5, n. 2 (10), Lengua y migración en el mundo hispanohablante, p. 7-19, 2007.

MOSELEY, Christopher. **Atlas de las lenguas del mundo en peligro**. UNESCO. 2da Ed. 2010.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A construção de um Atlas Lingüístico do Brasil: o percurso do ALiB. **Signum: Est. Ling.**, Londrina, v. 12, n. 1, p. 237-256, jul. 2009.

MUNEVAR-SALAZAR, Alejandro, BERNAL, Julio. Brisas cruzadas: comparación de representaciones populares del viento en Colombia y Francia. **Revista Chakiñan de Ciencias Sociales y Humanidades**, Universidad Nacional de Chimborazo, n. 14, p. 14-30, 2021.

MUÑOZ, Nora; MUSCI, Mónica. **Estudios lingüísticos en la Patagonia Sur**. El habla en Río Gallegos. Río Gallegos: Universidad Nacional de la Patagonia Austral, 2007.

NAVARRO TOMÁS, Tomás. **Manual de pronunciación española**. Editorial: Ed. Instituto Miguel de Cervantes, Madrid, 1977.

NAVARRO TOMÁS, Tomás. Rehilamiento. **Revista de Filología española**, XXI, p. 274-279, 1934.

ORTIZ LIRA, Héctor; MENA FLORES, Leonardo. Alofonía del fonema fricativo alvéolo-dental /s/ en posición codal preconsonántica en el habla de profesionales de Santiago. **Boletín de Filología** [online]. 2015, v.50, n.2, p. 123-148. Disponible em: [http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0718-93032015000200006&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-93032015000200006&lng=es&nrm=iso). Acesso em: 13 de fev. 2021.

PACHECO CARPIO, Carmen Rosa; CABRERA ALBERT, Juan Silvio; LÓPEZ, Iselys. Incidencia de la variable "sexo" en la disponibilidad léxica de estudiantes de preuniversitario en Pinar del Río, Cuba. **Íkala Revista de Lenguaje y Cultura**, v. 22, n. 2, p. 237-253, 2017.

PALACIOS ALCÁINE, Azucena. Variedades del español hablado en América: una aproximación educativa. In: DE MIGUEL, Elena (ed.) **Las lenguas españolas: un enfoque filológico**. Madrid: MEC, 2006, p. 175-196.

PAREDES GARCÍA, Florentino. Un modelo para el análisis de la integración sociolingüística de la población migrante: fundamentos, dimensiones e instrumentos. **Lengua y migración** / Language and Migration 12:1, Monográfico, p. 39-81, 2020.

PAVEAU, Marie-Anne, SARFATI, Georges-Élia. **As grandes teorias da linguística: da gramática comparativa à pragmática**. Trad. Rosário Gregolin (Coord.). São Carlos: Claraluz, 2006.

PAYRÓ, Roberto. **La Australia argentina: Excursión periodística a las costas patagónicas, Tierra del Fuego e Isla de los Estados**. Buenos Aires: La Nación. 1898.

PEDRERO GONZÁLEZ, Amalia. **Léxico español en el sudoeste de Estados Unidos**. (Basado en las encuestas del Atlas Lingüístico de Estados Unidos). Madrid: CSIC, 2002.

PESQUEIRA, Dinorah. Formas canónicas y formas no canónicas en el nivel léxico. *In*: BUTRAGUEÑO, Martín (Ed.) **Líderes lingüísticos: estudios de variación y cambio**. Colegio de México, 2006.

PIZARRO PEDRAZA, Andrea. **Tabú y eufemismo en la ciudad de Madrid: estudio sociolingüístico-cognitivo de los conceptos sexuales**. 2013. Tese (Doutorado)- Universidad Complutense de Madrid, 2013.

PIZZOLITTO, Georgina. **Distribución de la población y migraciones internas en Argentina: sus determinantes individuales y regionales**. 2006. Tese (Maestría en Economía)- Facultad de Ciencias Económicas, Universidad Nacional de la Plata, 2006.

PRETI, Dino. A gíria na sociedade contemporânea. *In*: VALENTE, André Crim (org.). **Língua, linguística e literatura**. Rio de Janeiro: UERJ: 1998.

QUESADA PACHECO, Miguel Ángel. Pequeño Atlas lingüístico de Costa Rica. **Filología y Lingüística**, v. XVIII, n. 2, p. 85-189, 1992.

QUILIS, Antonio. **Principios de fonología y fonética españolas**. Madrid: Arcos. 2010.

QUIROGA SALCEDO, César; GONZÁLEZ DE ORTIZ, Aida; MERLO, Gustavo. **Atlas Lingüístico y Etnográfico del Nuevo Cuyo (ALECuyo)**. Buenos Aires: Academia Argentina de Letras, 2018.

RAMÍREZ QUESADA, Estrella. El seseo y el ceceo: un ejemplo de la aportación de la variedad a la caracterización fonológica. **Moenia**. 25, p. 499-520, 2019.

RAZKY, Abdelhak; RIBEIRO, Celeste; SANCHES, Romário. O Projeto Atlas Linguístico do Amapá (ALAP): caminhos percorridos e estágio atual. **Alfa**, São Paulo, v. 61, n. 2, p.303-317, 2017.

RIZZO, María Florencia. El discurso normativo de la RAE en Twitter. **Revista de Investigación Lingüística**, 22, p. 425-450, 2019.

RODRÍGUEZ GUITIÉRREZ, Yliana Virginia. Anglicismos y galicismos en artículos periodísticos sobre moda. **ELIA: estudios de lingüística inglesa aplicada**, n. 18, p. 137-156, 2018.

ROHENA-MADRAZO, Marcos Variación y cambio de sonoridad de la fricativa postalveolar del español de Buenos Aires. *In*: COLANTONI, Laura; RODRÍGUEZ LOURO, Celeste. **Perspectivas teóricas y experimentales sobre el español de la Argentina**. Madrid: Iberoamericana Vervuert, 2013. p.37-58.

ROJAS, Darío. ¿Cómo hablan los chilenos? Conocer la historia de un idioma para traducir. Entrevista al profesor Darío Rojas. **RÓNAI** Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios Vol. 8, n. 2, p. 235-244, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ronai/article/view/32386>. Acesso em: 15/06/2021

ROMAINE, Suzane. **El lenguaje en la sociedad**. Una introducción a la sociolingüística. Barcelona: Ariel, 1996.

ROMANO, Silvina Alejandra; KATAISHI, Rodrigo Ezequiel, DURÁN, Laura. La promoción industrial en Argentina: entramado normativo para el caso de la ley 19.640. **Economía, Sociedad y Territorio**, v. xviii, n. 58, p. 947-976, 2018. Disponível em: [http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1405-84212018000300947](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1405-84212018000300947). Acesso em: 12 fev. 2021.

ROMANO PEREIRA, Valter; SEABRA, Rodrigo; OLIVEIRA, Nathan. [SGVCLin] – Software para geração e visualização de cartas linguísticas **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 119-151, jan./jun. 2014.

RONA, José Pedro. El problema de la división del español americano en zonas dialectales. **Presente y Futuro de La Lengua Española**, v. 1, p. 215–226, 1964.

RONA, José Pedro. **Aspectos metodológicos de la dialectología hispanoamericana**. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Universidad de la República, Montevideo, 1958; 37 pp. (Instituto de Filología, Publicaciones del Departamento de Lingüística, 14).

ROSAS, Claudia; WAGNER, Claudio. Geografía de la “ll” en Chile. **Estudios Filológicos**, 38, p. 189-200, 2003.

RUIZ SÁNCHEZ, Carmen El comportamiento de la /s/ implosiva en el habla de Caracas. **Boletín de Lingüística**, núm. 21, enero-junio, 2004, p. 48-65 Universidad Central de Venezuela Caracas, Venezuela.

SADOWSKY, Scott; SALAMANCA, Gastón. El inventario fonético del español de Chile: principios orientadores, inventario provisorio de consonantes y sistema de representación (AFI-CL). **Onomázein**, v. 24, n. 2, p. 61-84, 2011.

SALDÍVAR ARELLANO, Juan Manuel; TERRADO, Luisyane de María Carlos. Os “Viajeros Golondrina”: uma etnografia transnacional da migração chilota em Fuego-Patagônia do Chile e Argentina. **Mana**. Vol. 25(1):126-158. DOI: 10.1590/1678-49442019v25n1p126.

SANTA CATALINA, Isabel. Primera lectura de rasgos fonético-fonológicos registrados en las provincias de San Juan, Mendoza y Río Negro. In: **Documentos del Predal Argentina 2**. Atlas Lingüístico Antropológico de la República Argentina. Buenos Aires: Ministerio de Educación y Justicia y Organización de los Estados Americanos, p. 30-41, 1987.

SANTOS, Leandro Almeida dos. As não respostas e as fronteiras dialetais brasileiras: possíveis caminhos. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 10, n. 3 p. 1-19,

set./dez. 2020. Disponível em:  
<http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/1905>  
Acesso em: 13 set. 2021.

SATORRE GRAU, F. J. Los grupos consonánticos cultos: escritura y pronunciación. **Centro Virtual Cervantes**, 2006. Disponível em:  
[https://cvc.cervantes.es/literatura/aih/pdf/17/aih\\_17\\_8\\_006.pdf](https://cvc.cervantes.es/literatura/aih/pdf/17/aih_17_8_006.pdf) acceso em: 07 jul. 2020.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. **Sociolingüística y pragmática del español**. Washington: Georgetown University Press, 2001.

SINNER, Carsten. Contacto de variedades, koineización y conflicto de normas en Ushuaia, Argentina: Acerca de estereotipos sociales, prejuicios lingüísticos y la influencia recíproca de medios, enseñanza y opinión de los hablantes. *In*: GREUßLICH, Sebastian; LEBSANFT, Franz (eds.) **El español, lengua pluricéntrica**. Discurso, gramática, léxico y medios de comunicación masiva. Göttingen: Bonn University Press, p. 143-176, 2020.

SINNER, Carsten. Mito y realidad del impacto de los nuevos medios de comunicación en la lengua. El caso del castellano. *In*: CARRISCONDO ESQUIVEL, Francisco M. (Hrsg.). **El español como noticia y el español de los medios**. Vigo: Editorial Academia del Hispanismo, p. 161-207, 2016.

SINNER, Carsten. La periferia olvidada: el español de Ushuaia. **Estudios de Lingüística Del Español**, 37, p. 127-147, 2016.

SINNER, Carsten La unidad de la lengua: ¿solo ha de mirarse en el habla de las personas cultas? *In*: LEBSANFT, Franz, MIHATSCH, Wiltrud, POLZIN-HAUMANN, Claudia (Hrsg) **El español, ¿desde las variedades a la lengua pluricéntrica?** Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/ Iberoamericana, p. 47-70, 2012.

SVETLANA, Iakovleva. Contribución a la historia de la geolingüística de Hispanoamérica (1927–2010) **La Colmena**, Universidad Autónoma del Estado de México, México, n. 96, p. 11-31, 2017.

TERRELL, Tracy. La aspiración y elisión de /s/ en el español porteño. **Anuario de Letras: Lingüística y Filología**, 16, p. 41-66, 1978.

THUN, Harald. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. *In*: ZILLES, A. M. S. (Org.). **Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2005. p. 63-92.

THUN, Harald. La geolingüística como lingüística variacional general (com ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). *In*: **International Congress of Romance Linguistics and Philology**. Tübingen: Niemeyer, v. 5, p. 701-729, 1998.

THUN, Harald; FORTE, Carlos; ELIZAINCÍN, Adolfo. El Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU) Presentación de un proyecto. **Iberoromania**, 30, p. 26–63, 1989.

ULLMAN, Stephen. **Semántica**. Introducción a la ciencia del significado. 3. Ed. Madrid: Aguilar, 1976.

ULLMAN, Stephen. **Semântica**. Uma introdução à ciência do significado. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1973 [1964].

UNIVERSIDAD NACIONAL DE TIERRA DEL FUEGO. **Proyecto de Investigación. Dinámicas institucionales y procesos de construcción territorial**. Ushuaia: UNTDF, 2013.

TALES, Ana Regina; RIBEIRO, Silvana. Apresentando a cartografia aos lingüistas: o Projeto ALiB. *In*: MOTA, Jacyra Andrade, CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Orgs.) **Documentos 2**: projeto atlas lingüístico do Brasil Salvador: Quarteto, 2006, p. 207-228.

TRAVAGLINI, Rosa María. **Da Bologna al fin del mundo**. 1948. Una historia de emigración italiana. Buenos Aires: De los cuatro vientos, 2011.

TRUDGILL, Peter. **New Dialect Formation**. The Inevitability of Colonial Englishes. Edinburg: Edinburg University Press, 2004.

TRUDGILL, Peter. **Dialects in contact**. New York: Basil Blackwell. 1986

ULLMAN, Stephen. **Semântica**: uma introdução à ciência do significado. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VARELA, María Clara. (2007). Política y ciudadanía en Tierra del Fuego. *In*: **XI Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia**. Departamento de Historia. Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Tucumán, San Miguel de Tucumán, 2007. Disponible em: <https://studylib.es/doc/9059368/varela--maria-clara--uncuyo--conicet--2007--politica-y...> Acceso em: 2 abr. 2021.

VERA, Alberto Gaspar. La transformación territorial de la ciudad de Río Grande en Tierra del Fuego a partir de las migraciones generadas por decisiones geopolíticas. **Área**. Agenda de Reflexión en Arquitectura, Diseño y Urbanismo, n. 25(2), 2019. Disponible em: <https://area.fadu.uba.ar/area-2502/vera2502/>. Acceso em: 9 jan. 2022.

VIDAL DE BATTINI, Berta Elena. **El español de la Argentina**. Estudio destinado a los maestros de las escuelas primarias. Buenos Aires: Ministerio de Educación, 1983.

VIDAL DE BATTINI, Berta Elena. **El léxico ganadero en la Argentina**. La oveja en la Patagonia y en Tierra del Fuego. *Filología* (Buenos Aires) 5, p. 135-192, 1959.

VIERECK, Wolfgang. El Atlas Linguarum Europae y sus resultados en la historia cultural de Europa. **Lingua Americana**, v. II, n. 2, p. 38-52, 1998.

VIRKEL DE SANDLER, Ana. **El español hablado en Chubut**. Aportes para la definición de un perfil sociolingüístico. 2000. Tese (Doutorado) Universidad de Valladolid. Facultad de Filosofía y Letras. Departamento de Lengua Española, 2000.

VIRKEL DE SANDLER, Ana. Español de la Patagonia: contacto dialectal y koineización. **Anuario de Lingüística Hispánica**. Valladolid: Universidad de Valladolid, v.13, p. 835-854 1997.

WAGNER, Claudio. El atlas lingüístico y etnográfico de Chile: Localidades y cuestionario. **Estudios filológicos**, v. 39, p. 83-120, 2004.

WAGNER, Claudio. Atlas lingüístico de México. **Nueva Revista de Filología Hispánica**, LI, p. 193-203, 2003.

WEINREICH, Uriel. **Lenguas en contacto**. Descubrimientos y problemas, prefacio de André Martinet, traducción de Francisco Rivera. Caracas, 1974.

ZAMORA SALAMANCA, Francisco José. Variedades nacionales del español estándar (con algunas reflexiones sobre los casos de Argentina y Chile. In: XXV Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes **Actes** [...]. Innsbruck, 2007.

ZIMMERMANN, Klaus. Atlas Lingüístico Guaraní-Románico. Tomo 1: Léxico del cuerpo humano. **Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana**, v. 8, n. 2, p. 239-242, 2010.

ZIMMERMANN, Klaus. Constitución de la identidad y anticortesía verbal entre jóvenes masculinos hablantes de español. In: BRAVO, Diana (ed.). **Primer Coloquio del Programa EDICE**. La perspectiva no etnocentrista de la cortesía: identidad sociocultural de las comunidades hispanohablantes. Universidad de Estocolmo, 2003, p. 47-59.

## APÉNDICES

## APÉNDICE A- FICHA DO INFORMANTE

Datos personales del informante

Código de la entrevista:

Nombre:

Fecha de nacimiento:

Sexo:

Edad:

Dirección:

¿Con qué edad llegó a esta localidad? (en caso de que no sea nacido en la localidad)

Domicilio y tiempo de permanencia fuera de la localidad:

Escolaridad:

Ciudad de origen

-madre:

-padre:

-cónyuge:

Comentarios sobre contacto con los medios de comunicación:

APÉNDICE B- QUESTIONÁRIO  
**QUESTIONÁRIO LINGUÍSTICO**

CUERPO HUMANO

1- CABEZA

¿Esta parte del cuerpo cómo se llama? (señalar)

¿Usan algún nombre humorístico para referirse a ella?

2- CESO/CEREBRO

¿Y lo que está dentro de la cabeza?

3-PELO/ CABELLO

¿Esto cómo se llama? (señalar)

4- LISO/ ONDEADO/ MOTA

Y en cuanto a la forma, ¿qué formas hay?

5- CASPA

¿Cómo se llama el polvito blanco que tenemos en la cabeza, que hay que poner champú para sacarlo?

6- BARBA

¿Y lo que les crece acá a los hombres? (señalar)

7- BIGOTE

¿Y esto de acá? (señalar)

8- VELLO

¿Y lo que tienen las mujeres, más finitos que la barba de los hombres?

9-CARA/ROSTRO

¿Y esto de acá? (señalar)

10-PIEL

¿Y todo lo que recubre?

11- BLANCO, AMARILLO, OSCURA, MOROCHA

¿Qué colores de piel conoce?

12-LUNARES/PECAS

¿Y estas manchas que nos salen en la cara? (señalar)

13- VERRUGAS

¿Y esas otras, más grandes, que hay que quemarlas?

14-ANTOJO

Eso que les viene a las mujeres cuando están embarazadas y quieren comer alguna cosa en particular, ¿cómo se llama?

15- OREJAS

¿Estas de acá, cómo se llaman? (señalar)

16-ESCUCHAR

¿Para qué sirven?

17- SORDO

¿Cómo se llama a una persona que no escucha?

18-OJOS

¿Y estos dos? (señalar)

19- CIEGO

¿Y a una persona que no ve?

20-BIZCO

¿Y a alguien que tiene los ojos así? (imagen)

21- GUIÑAR

¿Y hacer así con el ojo? (realizar movimiento)

22-CEJAS

¿Estas de acá? (señalar)

23-PÁRPADO

¿Y esta parte de acá? (señalar)

24- PESTAÑAS

¿Y estas? (señalar)

25-LAGAÑA

¿Y esas cositas amarillas que se forman en esta parte del ojo después de dormir? (señalar)

26-ORZUELO

¿Y esos granos que se forman en los ojos y se inflaman?

27-NARIZ

¿Y esto? (señalar)

28-PERA

¿Esta parte de acá? (señalar)

29-MANDÍBULA/CARRETILLA

¿Y esta de acá? (señalar)

30-CACHETES

¿Y esto que se les pellizca a los nenes?

31-CARIES

¿Y estas manchas en los dientes, que necesitamos ir al odontólogo para repararlas?

32-DESDENTADO

¿Qué nombre recibe una persona a la que le falta algún diente?

33-DIENTUDO

¿Y uno que tiene dientes grandes?

34-DENTADURA

¿Y lo que se les pone a las personas cuando se les caen los dientes?

35-MORDER

¿Hacer así qué es? (realizar movimiento)

36-ERUCTAR

¿El ruido que hace uno después de comer, que lo tiene que hacer, pero a veces se considera de mala educación?

37-ESTORNUDAR

¿Y esto? (realizar movimiento)

38-BOSTEZAR

¿Y hacer así qué es? (realizar movimiento)

39-TOMAR

¿Hacer esto qué es? (imagen)

40-PAJITA/BOMBILLA

¿Y eso que se les pone a las latitas?

41-BESAR

¿Y hacer así? (imagen)

42-CALLADO

¿Si uno no está hablando, está .....

43-TARTAMUDO

¿Cómo se llama a una persona que habla entrecortado?

44-RONQUIDO

¿Y el ruido que uno hace cuando duerme?

45-PESADILLA

Cuando el sueño es feo, decimos tuve una.....

46-SUSPIRAR

¿Y hacer así? (realizar movimiento)

47- ASPIRAR

¿Y así? (realizar movimiento)

48-NUCA

¿Y esta parte de acá? (señalar)

49-CUELLO

¿Y esto? (señalar)

50-GARGANTA

¿Y esto con lo que tragamos? (señalar)

51-NUEZ DE ADÁN

¿Y lo que les crece a los hombres acá? (señalar)

52-ESQUELETO

¿Esto de acá, qué es? (imagen)

53-HUESOS

¿Y cada una de estas cosas que son? (imagen)

54-CRÁNEO

¿Y esta parte de acá? (imagen)

55-COLUMNA

¿Y esta parte de acá? (imagen)

56-PULMÓN

¿Y lo que usamos para respirar?

57-CORAZÓN

¿Lo que late?

58-PECHO

¿Esta parte de acá arriba?

59- PECHOS

¿Se llama igual para el hombre que para la mujer?

60-JOROBADA

¿Y a una persona con estas características? (imagen)

61-MANCO

¿Y la persona a la que le falta una mano?

62-COJO

¿Y al que le falta una pierna?

63-ZURDO

¿Al que escribe con la mano izquierda?

64-YEMA

¿Esta parte de acá de los dedos? (señalar)

65-PUÑO

¿Y esto? (señalar)

66-PUÑETAZO/PIÑA

¿Y hacer así? (imagen)

67-BOFETADA

¿Pegar así con la mano, qué es? (imagen)

68-BRAZO

¿Y esto de acá? (señalar)

69-TRANSPIRACIÓN

¿Y ese olor que sale de las axilas?

70-COSQUILLAS

y lo que se les hace a los chicos para hacerlos reír?

71-PANZA/BARRIGA

¿Y esta parte de acá? (señalar)

72-OMBLIGO

¿Y lo que tenemos en el medio?

73-LOS INTESTINOS

¿y esto que tenemos acá? (imagen)

74-VOMITAR

Cuando uno comió mucho y sale de viaje, si en la ruta hay curvas y contracurvas le pueden venir ganas de.....

75-PATEAR

¿Pegar con el pie qué es? y si estoy por realizar la acción digo voy a...

76-TALÓN

¿Esta parte de atrás del pie? (imagen)

77-RENGO

¿Qué nombre recibe una persona que camina así? (imagen)

78-CHUECO

¿Y una que tiene las piernas así? (imagen)

79-CALLOS

¿Y lo que nos sale en la planta de los pies por caminar mucho, que son duros?

80-DESPEREZARSE

¿Y hacer así qué es? (realizar movimiento)

81-RASCARSE

¿Y hacer así? (realizar movimiento)

82-GORDO/OBESO

A una persona con este peso, ¿cómo se la suele llamar? (imagen)

83-LUNGO/ALTO

¿Y a una así, por su estatura? (imagen)

84-PETISO

¿Y una persona así, por su estatura, tiene algún nombre? (imagen)

85-FLACO

¿A una persona así, por su peso? (imagen)

VESTUARIO. Hombre

86-SASTRE

¿Cómo se llama la persona que cose la ropa para hombres?

87-TRAJE

¿Eso que usan los hombres con corbata, cuando se casan por ejemplo?  
(imagen)

88-SACO

¿Y la parte de arriba?

89-PANTALÓN

¿Y la de abajo?

90-CAMISA

¿Y esto de acá? (imagen)

91-BOLSILLO

¿Y estas partes de acá de la camisa? (imagen)

92-MAMELUCO

¿Y la ropa que usan algunos hombres, en un taller, por ejemplo? (imagen)

93-ARREMANGARSE

¿Y hacer así así con las mangas? (realizar movimiento)

94-CINTO

¿Y eso que usamos para sostener el pantalón?

95-CALZONCILLO

¿Y la ropa interior de los hombres?

96-PONCHO

¿Y para cubrirse del frío? (imagen)

97-SOMBRERO

¿Y en la cabeza?

98-PAÑUELO

¿Para sonarse la nariz?

99-PILOTO

¿Y para cubrirse de la lluvia?

100-CASCO

Para andar en moto, ¿qué tengo que usar en la cabeza?

101-SHORT

Para ir a la pileta o al río, ¿qué se ponen los hombres?

102-MALLA

¿Y las mujeres?

103-PIJAMA

¿Para dormir?

104-MEDIAS

Estas de acá, ¿que son? (imagen)

105-ANTEOJOS

¿Y esto? (señalar)

106-DESVESTIRSE

Sacarse todo el vestido, ¿qué es?

107-ABRIGARSE

¿Y lo contrario, cuando tenés frío, en invierno?

108-PRENDERSE

Hacer así, ¿qué es? (realizar movimiento)

109-DESPRENDERSE

¿Y lo contrario?

110-DESCALZO

¿Y las personas que andan sin zapatos?

111-CALZADO  
¿Y lo contrario?

VESTUARIO. Mujeres

112-MODISTA  
Una persona que hace los vestidos para mujeres ¿cómo se llama?

113-HILO  
¿Y con qué cose?

114-AGUJA  
¿Con qué más?

115-ALFILERES  
¿Y esos que tienen cabecita, que pinchan?

116-CARRETELES  
¿Cómo vienen los hilos/como los venden? (imagen)

117-DEDAL  
¿Para no pincharnos qué podemos usar?

118-TEJER  
¿La lana para qué se usa?

119-MADEJA POR KILO  
¿Cómo se vende la lana en el negocio?

120-BORDADO  
¿Y eso que uno hace en los manteles o pañuelos con hilo y aguja?

121-MANGA  
¿Esta parte de la blusa? (señalar)

122-POLLERAS  
¿Eso que nos ponemos las mujeres, que pueden ser cortas o largas?

123-BROCHE  
¿Y esto que se usa en las camperas que son a presión? (señalar)

124-REMERERA  
¿Y esas que son de algodón, que usan las mujeres y los hombres? (señalar)

125-CHOMBA  
¿Y si la remera tiene cuello y botoncitos?

126-SWEATER

En invierno, ¿qué se ponen arriba de una camisa?

127-SACO/ CAMPERA

¿Y arriba?

128-BUFANDA

¿Y lo que se ponen en el cuello?

129-PERFUME

¿Lo que se pone uno para oler bien?

130-GUARDAPOLVO

¿Y lo que se ponen los chicos para ir a la escuela?

131-DELANTAL

¿Qué se pone la gente para no mancharse en la cocina?

132-BOMBACHA

La ropa interior de las mujeres, ¿cómo se llama?

133-CORPIÑO

¿Y la parte de arriba?

134-FAJA

¿Y eso que se pone uno para que no se note la panza?

135-ZAPATOS LEÑADORES

¿Cómo se llama esto? (imagen)

136-ZAPATILLAS

¿Y esto? (imagen)

137-ALPARGATAS

¿Y estas, con suela de yute? (imagen)

138-SANDALIAS

¿Y estas así? (imagen)

139-OJOTAS

¿Y esas que se usan en el verano? (imagen)

140-BOTAS

¿Y las que se usan en invierno que son largas?

FAMILIA/ VIDA HUMANA

141- NOVIO/A

¿Qué nombre tiene la persona que mantiene una relación amorosa con otra?

142-CORTEJAR/ GALANTEAR

¿Cómo se llama cuando una persona gusta de otra y trata de llamar la atención para lograr concretar algo?

143-AMUCHARSE/CONVIVENCIA

¿Y cuando esas personas se van a vivir juntas sin estar casadas?

144-EMBARAZADA

¿Qué nombre recibe una mujer que espera un bebé?

145-NENES/CHICOS

¿Cómo se llama a los niños menores de 8 años?

146-ADOLESCENTE

¿Y cuando tienen más de 15 años?

147-AMARRETE/TACAÑO

¿Y a una persona a la que no le gusta gastar plata, por ejemplo, en una salida?

148-GENEROSA/DESPILFARRADOR

¿A una persona que es muy generosa?

149-COMILONA

Cuando fuimos a una fiesta en que había de todo para comer y tomar, decimos tuve una.....

150- FANFARRÓN

¿Y a uno que anda siempre provocando, haciéndose el guapo?

151-BORRACHO

¿A uno que bebe mucho?

152-CURDA

¿Y eso que se agarra qué es?

153-COMILÓN

¿Al que come mucho?

154-ESTAR HASTA EL GOYETE

¿Hay alguna expresión que se utilice cuando una persona comió muchísimo?

155-DELICADO

¿Al que le gusta comer solo algunas cosas?

156-FARRANDERO

¿Y al que sale de noche jueves, viernes, sábado, domingo...?

157-MIEDOSO

¿Al que tiene miedo de todo?

158-VALIENTE

¿Y una persona que no tiene miedo de nada?

159-TRANQUILA

Lo contrario de una persona alterada es una persona .....

160-GUAMPUDO/CORNUDO

¿Al que la mujer lo engaña con otro hombre?

161-AFEMINADO

¿Cómo se llama al hombre que tiene actitudes o gestos considerados femeninos?

162-MUJERIEGO

¿Al que anda con muchas mujeres?

163-MUJER DE LA VIDA

¿Y a la mujer que anda con muchos hombres?

164-GAY

¿Y al hombre que gusta de otros hombres?

165-LESBIANA

¿Y a la mujer que gusta de otras mujeres?

166-COQUETA

A la mujer que le gusta arreglarse, vestirse bien, ¿cómo se le dice?

167-CHARLATÁN

¿Al que habla mucho?

168-CHISMOSO

¿Qué nombre recibe una persona a la que le gusta andar hablando de otras, contando lo que aconteció en el barrio, por ejemplo?

169-ADULADOR

¿Y a una persona que te dice cosas lindas o te halaga solo porque quiere conseguir algún favor tuyo?

170-TESTARUDO

¿Una persona que se encierra demasiado en sus ideas y que no escucha lo que otros le dicen, por ejemplo, cuando está equivocado en algo?

171-COLÉRICO

¿Y una persona que está muy muy enojada por algo?

## ENFERMEDADES

172-ENFERMA

Una persona que no está sana, está.....

173-SARPULLIDO

¿Cómo se llama eso que sale en la piel, que uno se llena de manchas coloradas?

174-ASMA

¿Esta enfermedad que tienen algunos que no pueden respirar?

175-PULMONÍA

¿Y cuando se inicia como una gripe, pero luego afecta a los pulmones?

176-APENDICITIS

¿Y cuando duele acá que hay que operar? (señalar)

177-TAQUICARDIA

¿Y cuando a uno le palpita el corazón?

178-INFARTO

¿Y cuando es peor que la taquicardia?

179-EMPACHO

¿Cuando uno come mucho qué es lo que le puede agarrar, que en general buscamos a alguien para que nos cure?

180- REUMA

¿Y cuando nos duelen los huesos?

181-ARTROSIS/ARTRITIS

¿Y cuando agarra en las manos, que se deforma?

182-PULSO

¿Esto que puede hacer el médico, que toma acá, qué es?

183-CURANDERA

¿Y si uno no va al médico para curar el empacho, a dónde va?

184-QUEBRAR/FRACTURAR

Si yo me caigo, ¿qué es lo que puede pasar?

185-HOSPITAL

¿Y a dónde me llevan?

186-DOCTOR

¿Y ahí quién me atiende?

187-CASCARITA

¿Qué nombre tiene lo que se forma en las heridas cuando cicatriza?

## LA CASA. CUESTIONES DOMÉSTICAS

188-CUADRA

Si me va a explicar cómo llegar hasta el centro, tengo que caminar cuántas

.....

189-VECINO

Y la persona que vive al lado de la casa, ¿cómo se llama?

190-TERRENO

¿Y el lugar para construir la casa?

191-LADRILLO

¿Y estos qué son? (imagen)

192-JARDÍN

¿Dónde se ponen generalmente las plantas?

193-LLAVE

¿Y para cerrar la puerta qué se usa?

194-TIMBRE

Y para llamar a una puerta, ¿qué puedo tocar?

195-ESCALERA

¿Para bajar de un piso a otro qué es lo que uso? (imagen)

196-CAJONES/CAJONERAS

¿Para guardar la ropa?

197-BAÚL

¿Y lo que se usaba antiguamente? (imagen)

198-ESPEJO

¿Y para mirarse?

199-CUADROS

¿En las paredes que se puede poner?

200-CAMA

Para dormir me acuesto en.....

201-COLCHÓN

Que tiene un .....

202-FRAZADA/ COLCHA

Y para taparme, ¿qué uso?

203-ALMOHADADA

¿Y para apoyar la cabeza? (imagen)

204-NAFTALINA

¿Y lo que se acostumbra a poner en los placares para evitar que haya polillas?

205-CHIMENEA

¿El lugar para poner la leña y hacer fuego?

206-FÓSFOROS

¿Y si usted quiere quemar leña en el patio qué es lo que usa para prender fuego?

207-BRASAS

¿Y lo que queda cuando se apagó un fuego de leña?

208-VELA

¿Y eso que se usa cuando no hay luz?

209-MORTERO

¿Qué se usa para machacar el ajo el perejil?

210-OLLA/SARTÉN

¿Qué se usa para cocinar?

211-ACEITE/VINAGRE/LIMÓN

¿Y para condimentar una ensalada?

212-DAMAJUANA

El vino, cuando viene en muchos litros, viene en una.....

213-VAJILLA

¿Y cómo se llama el conjunto de platos?

214-¿Cuáles son las comidas típicas de acá que usted conoce?

215-CHIPACA

¿Qué nombre tiene ese pan redondo, chiquito que se vende en las panaderías? (imagen)

216-ALBÓNDIGAS

¿Y esas bolitas de carne picada que suelen freírse? (imagen)

217-ARVEJAS

¿Y esto de acá que suele prepararse en ensaladas? (imagen)

EL TIEMPO

218-ATARDECER

¿Qué palabra utilizan para referirse al momento del día en que el sol se esconde?

219-VIENTITO

Un viento leve es un .....

220 -VENTARRÓN/HURACÁN

¿Cómo se llama ese viento que derrumba árboles, vuela techos?

221- POLVAREDA

¿Y cuando el viento levanta tierra? (imagen)

222- CIELO ABORREGADO

¿Qué nombre tiene un cielo como este? (imagen)

223- NUBARRÓN

¿Y este tipo de nubes tienen un nombre especial? (imagen)

224-CIELO CUBIERTO

Cuando el cielo está lleno de nubes, ¿se dice que está cómo?

225- CIELO LIMPIO

¿Y lo contrario, cuando se empieza a abrir?

226-NEBLINA

¿Y esas nubes bajas que hay en invierno que no dejan ver?

227-LLUVIA

¿Y al agua que cae del cielo?

228-LLOVIZNA

¿Y cuando es muy finita?

229-CHAPARRÓN

¿Y cuando cae mucha agua de golpe?

230-CHUBASCO

¿Esa lluvia leve que cae durante un tiempo corto y pasa rápidamente?

231-CHARCO

Si salimos a caminar después de una lluvia, para no mojarnos los pies tenemos que tener cuidado para no pisar ¿qué cosa? .....

232-TRUENO

¿Y el sonido que hacen las nubes cuando chocan porque hay tormenta?

233-REFUCILO

¿Y la luz que se ve en el cielo?

234-GRANIZO

¿Y las piedritas congeladas que pueden caer?

235-ROCÍO

¿Lo que cae de madrugada, que deja los autos y las veredas mojadas?

236-CHUCHO

¿Cuando hace un frío extremo, las personas acá dicen tengo un/a.....?

237-ESCARCHA

¿Y lo que se forma (arriba de los autos, en la calle, en las plantas) después de una noche de mucho frío?

238-BABOSO/JABONOSO

Cuando las calles se congelan y el hielo se empieza a derretir, el piso está.....

239-NEVAZÓN

¿Y cuando comienza a nevar y no para durante varias horas?

240-ESTALACTITAS

¿Qué nombre reciben estas formaciones? (imagen)

241-CHORRILLO

¿Qué nombre recibe esa caída de agua, que a veces se ven personas en la ruta, juntando el agua con botellas? (imagen)

#### 242-EMPONCHADO

Cuando una persona se pone muchos abrigos, uno arriba del otro para cubrirse del frío acá decimos que está.....

#### 243-GUANTES

¿Y lo que nos ponemos en las manos para cubrirnos del frío?

#### LA LANA

#### 244-OVEJA

¿Qué nombre tiene ese animal bajito que se cría acá en la Patagonia, del que se extrae lana?

#### 245-CARNERO

¿Y el macho, tiene algún nombre?

#### 246-ESQUILAR

Cuando se les quita la lana a las ovejas se dice que se las va a.....

#### 247-ESQUILADORA

¿Qué nombre tiene la máquina que sirve para hacer esto?

#### 248-VELLÓN

¿Cómo se llama toda esa lana que esquila?

#### 249-VEDIJA

¿Qué nombre tiene el mechón de lana?

#### 250-LEGADOR

¿Cómo se llama a la persona que maneja a la oveja para que sea esquilada?

#### 251-ESQUILADERO

¿Cómo se llama el lugar donde se esquilan las ovejas?

#### 252-PEGUJÓN

¿Qué nombre tiene el conjunto de lana que uno aprieta para formar un ovillo?

#### 253-PACA

¿Qué nombre tiene el fardo de lanas?

#### 254-LANAS MÁS APRECIADAS

¿Qué nombre reciben las lanas de mejor calidad?

#### 255-HUSO

Y ese utensilio de madera que sirve para hilar la lana, ¿qué nombre tiene?

#### 256-HILAR

Cuando se transforma en una fibra textil, en un hilo listo para tejer, ¿qué es lo que se está haciendo?

257-DEVANAR

¿Y cuando se hace un ovillo con el hilo o la lana de una madeja?

258-DEVANADERA

¿Qué nombre recibe la persona que se dedica a hacer esto?

259-TEÑIR

¿Qué es lo que se hace cuando se quiere dar color a la lana?

260-TELAR

¿Cómo es el nombre de este instrumento que se usa para tejer? (imagen)

261-URDIMBRE

¿Qué nombre tiene eso que se forma para ordenar los hilos uno al lado del otro en el telar?

262-LANZADERA

¿Qué nombre tiene el instrumento que se pasa por debajo para tramar?

## EMBARCACIONES

263-CHALANA/KAYAK

¿Qué nombre tiene la siguiente embarcación? (imagen)

264-BOGAR

¿Conoce algún otro verbo para indicar este movimiento con los remos?

265-BANCADA

¿Qué nombre tiene la tabla o el banco a donde se sientan las personas que reman?

266-NAUFRAGAR

Cuando la embarcación se hunde o se pierde, ¿qué nombre tiene eso?

267-CUADERNAS

¿Qué nombre tienen las maderas curvas, que se ubican simétricamente y le dan forma a una embarcación?

268-ACHICADERO

¿Qué nombre tiene el tarrito que se usa para sacar el agua que entra en la embarcación?

269-BOYA

¿Cómo se llama ese objeto flotante que uno ve en el río o el mar que indica peligro, o algún límite?

270-POTALA

¿Cómo se llama la piedra que se tira para hacer fondear los botes o barcos chicos?

PESCA

271-CENTOLLA

¿Cómo es el nombre del crustáceo que tiene la apariencia de un cangrejo gigante?

272-RED

¿Qué nombre tiene esa malla que se sumerge y sirve para capturar peces/centollas?

273-SIRGA

¿Cómo se llama el instrumento que sirve para tirar las redes y para llevar las embarcaciones desde tierra al agua?

274-CALAR LA RED

¿Cómo se llama cuando se sumerge la red?

275-FLOTADORES DE LA RED

¿Y lo que queda a la vista una vez que toda la red se sumerge? (imagen)

276-ANZUELO

Para pescar, ¿qué es lo que suelen usar? (imagen)

277-ESPINEL

¿Qué nombre tiene esa cuerda que se sumerge, en la que se colocan anzuelos? (imagen)

278-ARPÓN

¿Qué nombre tiene ese utensilio de forma alargada con una punta de hierro que sirve para herir a las presas?

279-ARPONERO

¿Qué nombre tiene la persona que suele pescar con ese instrumento?

280-CANASTILLO PARA LA PESCA

¿Qué nombre tiene ese instrumento enorme que se sumerge, que tiene unas redes, con una abertura por la que ingresan los peces, la centolla?

281-TRUCHA/SALMÓN

¿Qué es lo que se pesca normalmente en las aguas de Tierra del Fuego?

282-MOSCA

¿Qué es lo que se usa generalmente para pescar?

## ESPECÍFICAS TDF

283-BALSA

¿Y lo que tenemos que usar para cruzar el Estrecho de Magallanes?

284-CAMPO/BOSQUE

¿Adónde van las familias un domingo de sol en la isla, que suelen acampar?

285-FOGATA

¿Y lo que prenden para mantener el calor?

286-LENGA

¿Y el nombre del árbol más conocido de acá de TDF, ese que tiene unos nudos que se usan para artesanías?

287-TURBA

¿Y el nombre de ese material que uno suele encontrar cuando va al campo, al bosque...que uno pisa y parece que se hunde?

288-CASTOR

¿Y ese animal que tala los árboles, que actualmente abunda en la isla?

289-CASTORERA

Y lo que ellos construyen con la madera, ¿qué nombre tiene?

290-PELETERA

Se dice que los trajeron para incentivar la industria.....

291-GUANACO

¿Ese animal que se cruza en la ruta, que salta los alambrados?

292-CHULENGO

¿Qué nombre recibe la cría de este animal?

293

¿Conoce algunas fiestas típicas acá en la isla?

294-LA VUELTA

¿Cómo le llaman al evento que se realiza y convoca a muchas personas que se paran a los costados de la ruta a ver pasar autos, motos y cuatriciclos?

295-FABRIQUERO

¿Qué nombre se usa generalmente para llamar a las personas que trabajan en una fábrica?

296-PEÓN

¿Qué nombre recibe generalmente la persona que cuida de una estancia?

297-COIRÓN

¿Cómo se llama ese yuyo marrón que crece al costado de las rutas? (imagen)

298-ASENTAMIENTO

¿Qué nombre se le da generalmente al conjunto de viviendas precarias (que en Ushuaia tiene nombre de “Andorra”, en Río Grande “la Margen”)?

299-CHACRA

¿Qué nombre tiene el lugar donde se plantan verduras, que suele ser cerrado?

300-CHANGA

¿Qué nombre le damos acá a esos trabajos que son temporarios?

## QUESTIONÁRIO METALINGÜÍSTICO

1. ¿Cómo se llama el idioma que habla usted?

2- ¿Qué/cuáles tres regiones/zonas/lugares del país siente que hablan igual a usted? (mínimo una respuesta es obligatoria)

- 1.
- 2.
- 3.

¿Por qué?

3- ¿En qué/cuáles tres regiones/zonas/lugares del país le gusta cómo se habla el español/castellano?

- 1.
- 2.
- 3.

¿Por qué?

4- ¿En qué/cuáles tres regiones/zonas/lugares del país considera usted que se habla "mejor"?

- 1.
- 2.
- 3.

¿Por qué?

5- ¿En qué/cuáles tres regiones/zonas/lugares del país siente que hablan diferente a usted?

- 1.
- 2.
- 3.

¿Por qué?

6- ¿En qué/cuáles tres regiones/zonas/lugares del país no le gusta cómo se habla el español/castellano?

- 1.
- 2.
- 3.

¿Por qué?

7. ¿En qué/cuáles tres regiones/zonas/lugares del país considera usted que hablan "peor"?

- 1.

¿Por qué?

## **TEXTO PARA LEITURA**

Atravesar todo el país, de punta a punta, en tren, siempre fue mi sueño. Lástima que ahora sería imposible. Lo peor es que le tengo miedo al avión, y para hacerlo en auto, hay que tener ganas de luchar contra el tránsito de las rutas. Además, hay tramos realmente intransitables cuando llueve. La única solución es contratar una excursión en colectivo y dejarse llevar. Pero nunca va a tener la misma emoción que el viaje en tren. En Ushuaia me subí al que llaman el “Tren del fin del mundo” y ahora tengo ganas de conocer el de Salta: el tren de las nubes. ¿Será tan emocionante como dicen?



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

ROMINA LEONOR TORANZOS

**ESTUDO GEOLINGUISTICO SOBRE O ESPANHOL DE  
TIERRA DEL FUEGO COM VISTA À CONSTRUÇÃO DE UM  
ATLAS  
TOMO II CARTAS LINGUÍSTICAS**

---

Londrina  
2022

ROMINA LEONOR TORANZOS

**ESTUDO GEOLINGUISTICO SOBRE O ESPANHOL DE  
TIERRA DEL FUEGO COM VISTA À CONSTRUÇÃO DE UM  
ATLAS  
TOMO II CARTAS LINGUÍSTICAS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito para obtenção do título de Doutora.

Orientadora: Prof.a Dr.a Dircel Aparecida Kailer

Londrina  
2022

## SUMÁRIO

### TOMO II

	<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	4
<b>1</b>	<b>INFORMANTES</b> .....	5
<b>2</b>	<b>MAPAS INTRODUTÓRIOS</b> .....	7
<b>3</b>	<b>CONFIGURAÇÃO DAS CARTAS LINGUÍSTICAS</b> .....	13
	CARTAS FONÉTICAS.....	13
	CARTAS LEXICAIS .....	14
<b>4</b>	<b>NOTAÇÃO FONÉTICA NO ALTdF</b> .....	15
<b>5</b>	<b>CARTAS LEXICAIS</b> .....	57

## **APRESENTAÇÃO**

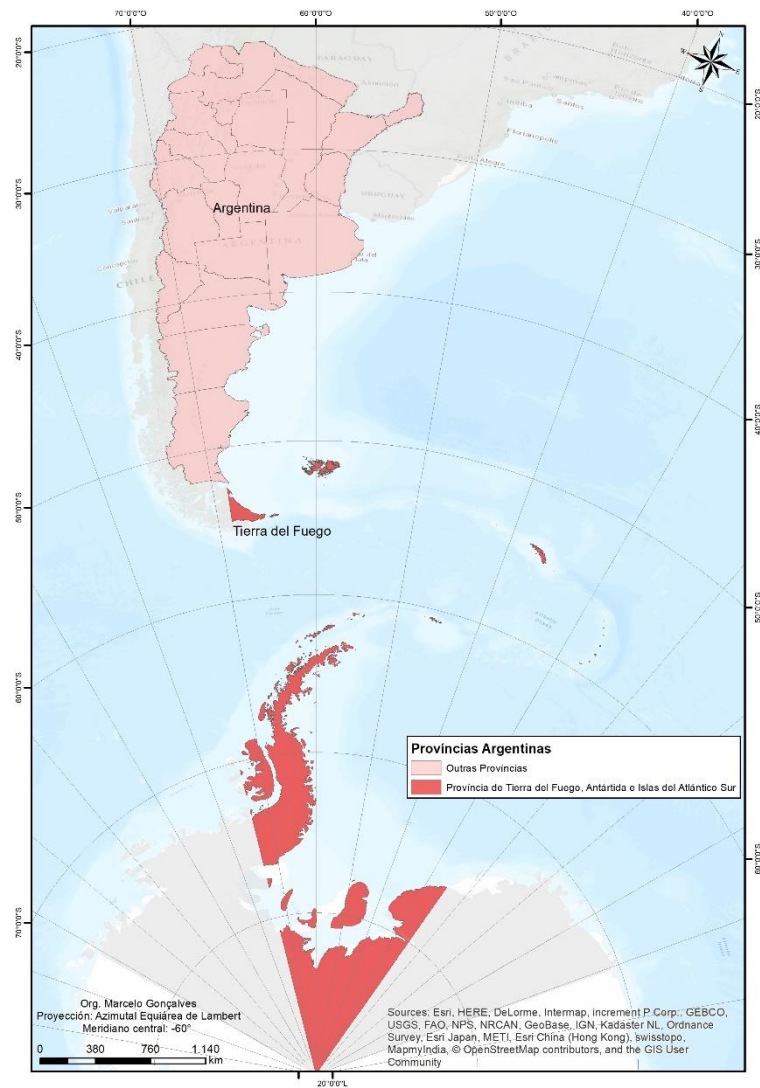
Apresentamos, neste volume o conjunto de cartas linguísticas elaboradas com vista à construção do Atlas Linguístico de Tierra del Fuego. Compõe-se de 80 cartas, distribuídas entre: (i) 5 cartas introdutórias, (ii) 20 cartas de carácter fonético, e (iii) 55 cartas lexicais.

## 1 INFORMANTES

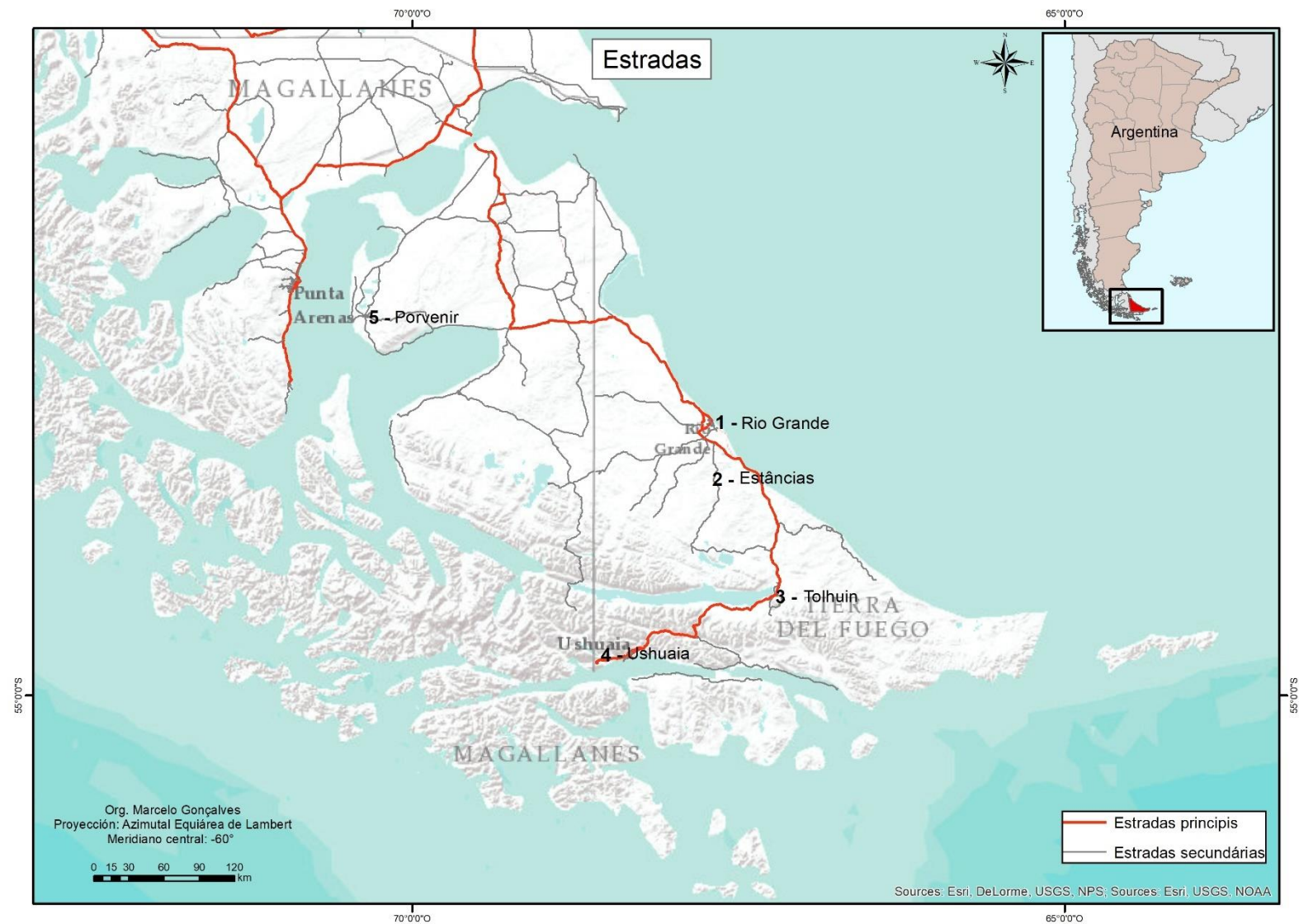
Ponto	Informante	Sexo	Idade	Lugar de nacimiento	Idade de chegada	Nível de instrução	Ocupação	Origem do pai	Origem da mãe
<b>1. Rio Grande</b>									
1	F. A.	M	22	TDF- Arg.		Sec. Inc	desempregado	Chile	Chubut
1	M. M.	F	25	TDF- Arg.		Sec. Inc	cabeleleira	Santa Cruz	Buenos Aires
1	C. G.	M	60	Chile	4 meses	Sec. Comp.	empregado municipal	Chile	Chile
1	M. M.	F	59	Chubut	5 anos	Sec. Inc	aposentada	Chubut	Chubut
1	C. O.	M	30	TDF-Arg.		Sup. Comp.	professor	Chile	Chile
1	P. A.	F	29	TDF-Arg.		Sup. Comp.	professora	Chile	Chile
1	M. G	M	49	TDF-Arg.		Sup. Comp.	professor	Chile	Chile
1	M.R	F	57	TDF-Arg.		Sup. Comp.	professora	ex Yugoslavia	Chile
<b>2. Estâncias</b>									
2	B. D.	M	23	TDF-Arg.		Sec. Comp.	encargado de estância	Buenos Aires	Buenos Aires
2	V. O.	F	24	TDF-Arg.		Sec. Comp.	trabalhadora asociación rural	Santa Cruz	Buenos Aires
2	P. D	M	45	TDF-Arg.		Sec. Comp.	encargado de estância	Buenos Aires	Tierra del Fuego
2	N. G.	F	49	Buenos Aires	4 anos	Sec. Comp.	trabalhadora em estância	Buenos Aires	Buenos Aires
<b>3- Tolhuin</b>									
3	L. B.	M	22	TDF- Arg.		Sec. Comp.	empregado/serviços gerais	Santa Fe	Chile
3	N. V.	F	29	TDF- Arg.		Sec. Comp.	empregada municipal	Tierra del Fuego	Buenos Aires
3	F. O.	M	46	TDF- Arg.		Sec. Inc	motorista	Chile	Chile
3	A. O.	F	48	TDF- Arg.		Sec. Inc	comerciante	Chile	Chile
<b>4- Ushuaia</b>									
4	S. F.	M	30	TDF- Arg.		Sec. Comp.	empregado de fábrica	Chaco	Neuquén
4	T. C.	F	21	TDF- Arg.		Sec. Inc	desempregada	Buenos Aires	Santa Fe
4	H. M.	M	54	TDF- Arg.		Sec. Inc	comerciante	Tierra del Fuego	Chubut
4	N. G.	F	53	TDF- Arg.		Sec. Comp.	empregada casa de repouso	Chile	Córdoba
4	E. T.	M	30	TDF- Arg.		Sup. Comp.	polícia	Buenos Aires	Buenos Aires
4	V. A.	F	30	TDF- Arg.		Sup. Comp.	professora	Chile	Chile
4	M. L.	M	52	TDF- Arg.		Sup. Comp.	professor	Buenos Aires	Buenos Aires
4	M. P.	F	58	TDF- Arg.		Sup. Comp.	aposentada serviço social	Uruguay	Santa Cruz
<b>5- Porvenir</b>									
5	S. A.	M	23	TDF- Chile		Sec. Comp.	empregado oficina mecânica	Chile	Chile
5	C. H.	F	21	TDF- Chile		Sec. Comp.	empregada municipal	Chile	Chile
5	. F. D.	M	54	TDF- Chile		Sec. Inc	comerciante	Chile(Porvenir)	Chile(Chiloé)
5	G. A.	F	0	TDF- Chile		Sec. Comp.	empregada municipal	ex Yugoslavia	Chile

## 2 MAPAS INTRODUTÓRIOS

# Mapa da Argentina bicontinental, com destaque para a província de Tierra del Fuego

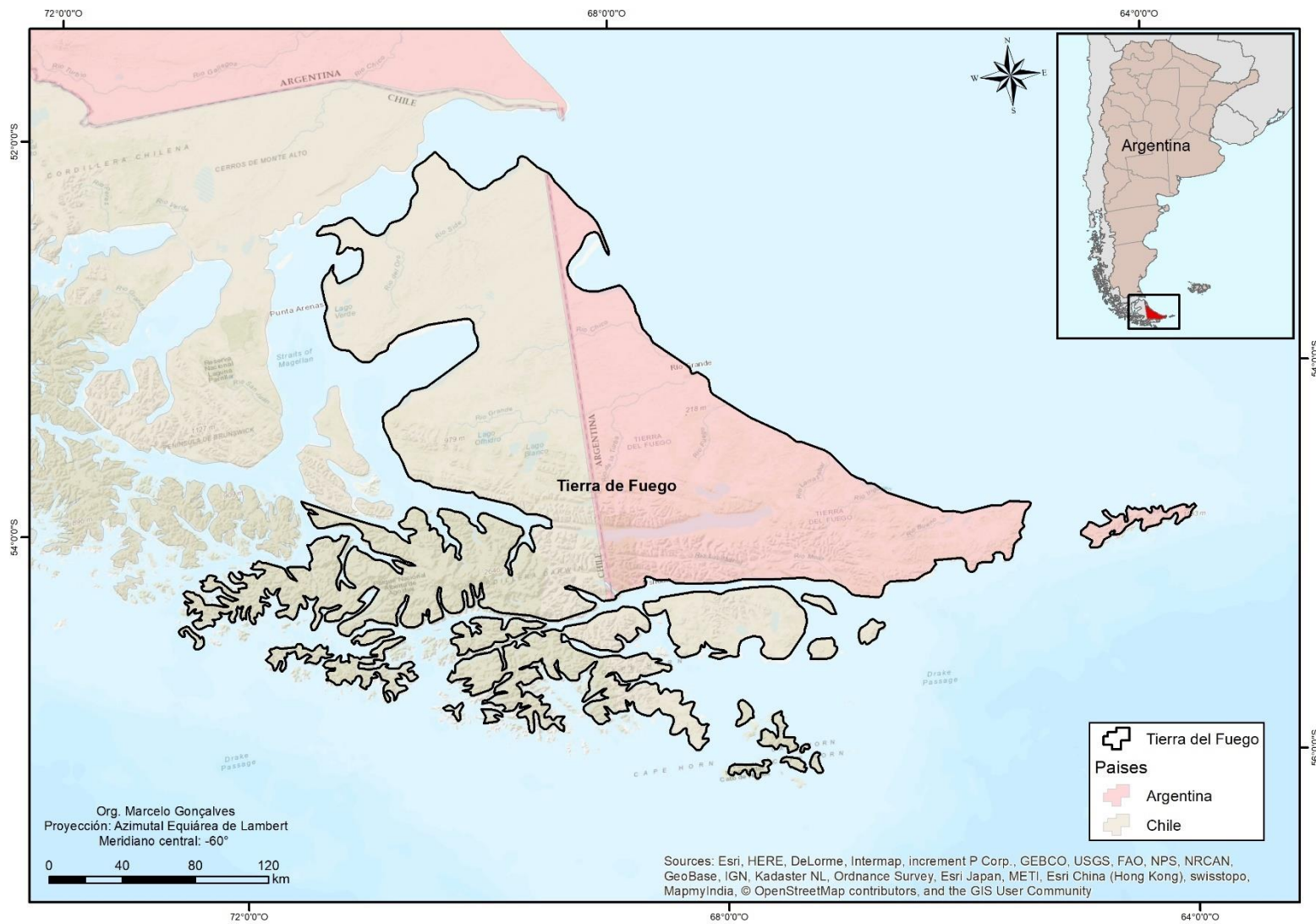


# Mapa de Tierra del Fuego- Estradas

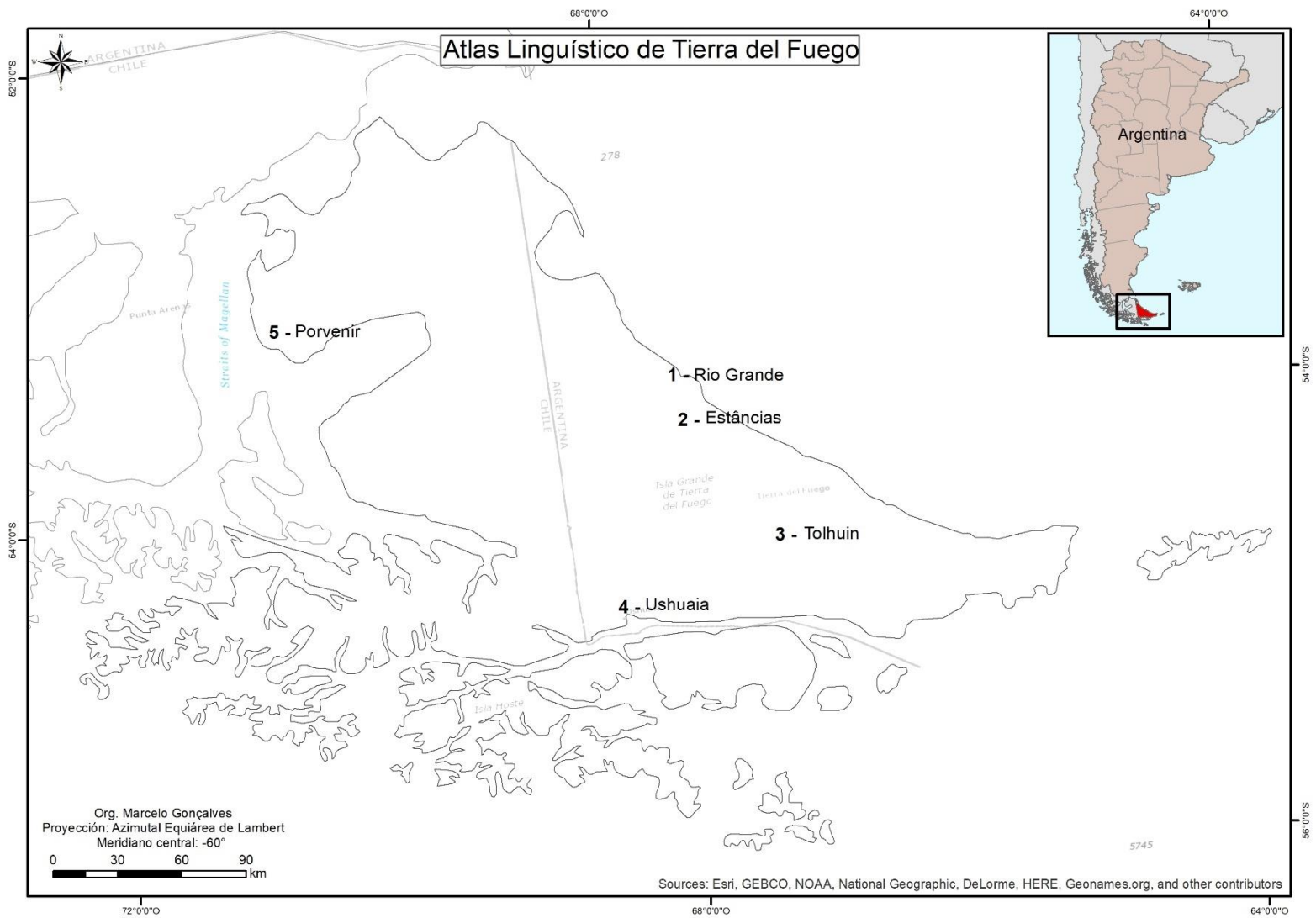




# Mapa da ilha de Tierra del Fuego com divisão por países



# Mapa com rede de pontos ALTdF



### 3 CONFIGURAÇÃO DAS CARTAS LINGUISTICAS

#### CARTAS FONÉTICAS

As cartas fonéticas apresentam informações assim distribuídas:

##### FRENTE

- Natureza da carta: neste caso, fonética, seguida pela numeração
- Título do atlas: na parte superior, centrado
- Título da carta: localizado na parte superior direita. As cartas fonéticas têm como título o próprio vocábulo, com destaque sublinhado para o contexto fônico observado
- Legenda: contêm as variantes fonéticas representadas por cores conforme a frequência e ordenados segundo a produtividade
- Gráfico geral de produtividade: localizado na parte inferior da carta, contém os dados percentuais de ocorrência.

##### VERSO

- Número da carta
- Pergunta do questionário
- Observações: constam aqui os dados correspondentes aos pontos onde alguns informantes se abstiveram de responder
- Transcrições fonéticas: no caso das cartas fonéticas, objetivando oferecer ao leitor uma transcrição estreita, são apresentados dois quadros com as transcrições fonéticas ordenadas segundo nível de escolaridade.

## CARTAS LEXICAIS

As cartas lexicais apresentam informações assim distribuídas:

### FRENTE

- Natureza da carta: neste caso, lexical, seguida pela numeração
- Título do atlas: na parte superior, centrado
- Título da carta: localizado na parte superior direita. Para o título das cartas lexicais decidimos apresentar a questão tal como foi formulada durante a entrevista, dessa forma, acreditamos uma melhor orientação para o leitor
- Legenda: contém as variantes lexicais representadas por cores conforme a frequência e ordenadas segundo a produtividade. No caso das cartas lexicais, os itens que tiveram ocorrência única foram representados em cor cinza
- Gráfico geral de produtividade: localizado na parte inferior da carta, contém os dados percentuais de ocorrência.

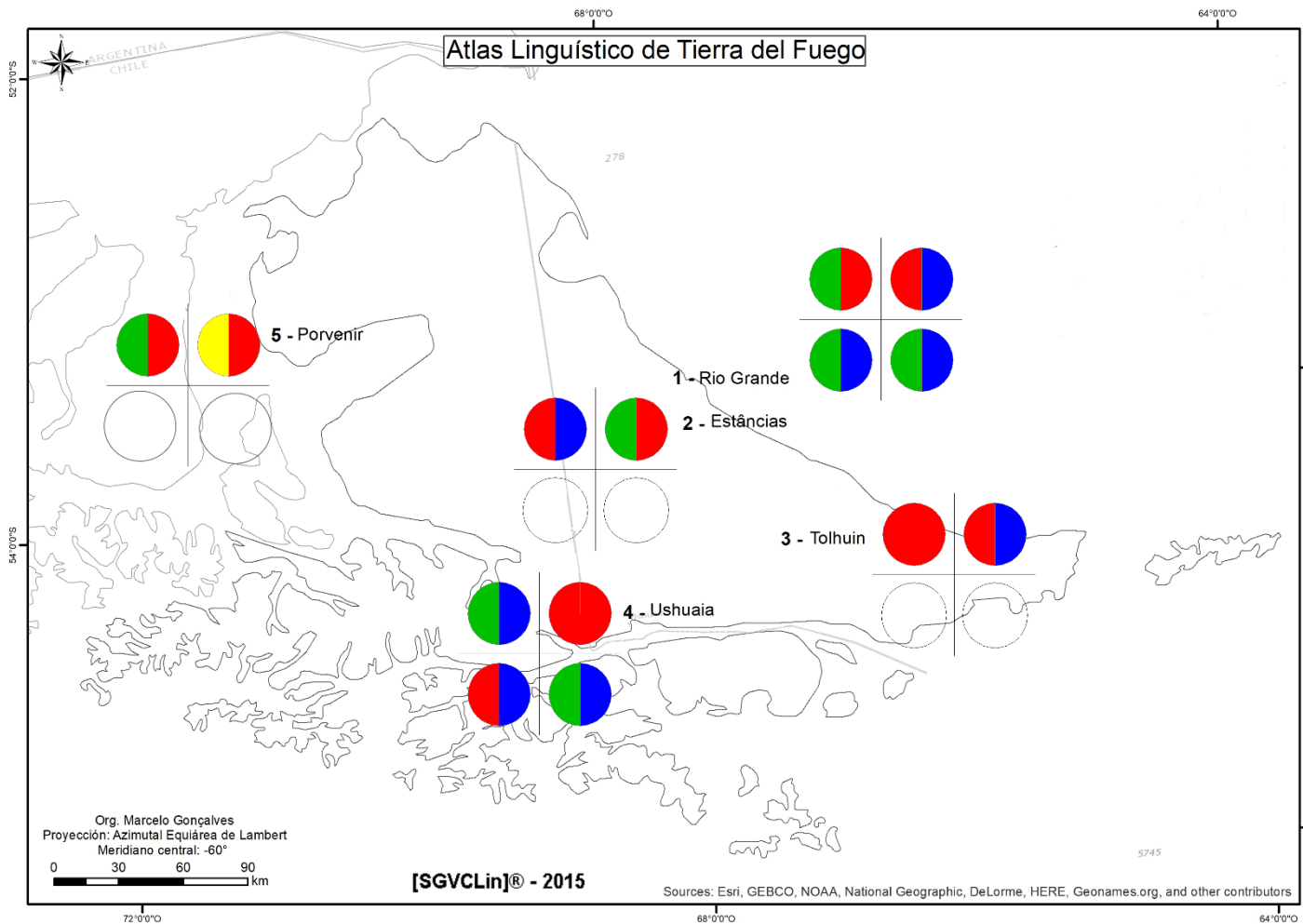
### VERSO

- Número da carta: seguido da aclaração, “todas as variantes”, nos casos em que constam todas as respostas dadas pelos informantes, ou com a explicação “com a primeira resposta oferecida por cada informante”
- Pergunta do questionário: no caso das cartas lexicais, é apresentada a pergunta realizada durante a entrevista
- Observações: para melhor compreensão, a grande maioria das cartas lexicais apresenta observações. Constam aqui, os casos de ocorrências únicas, juntos com dados correspondentes aos pontos onde alguns informantes se abstiveram de responder
- Comentários dos informantes

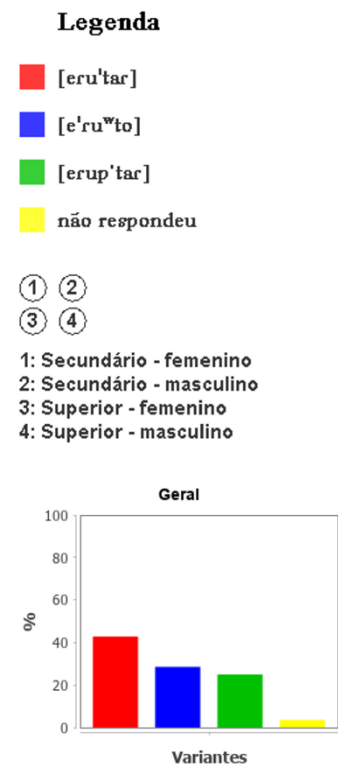
#### 4 NOTAÇÃO FONÉTICA NO ALTdF

[a]	Vogal aberta anterior	[ɟ]	Consoante fricativa palatal sonora
[e]	Vogal semifechada anterior	[j]	Consoante aproximante palatal sonora
[ə]	Vogal semifechada central	[k]	Consoante plosiva velar surda
[i]	Vogal fechada anterior	[ɬ]	Consoante velarizada alveolar lateral aproximante
[ɪ]	Vogal média fechada anterior	[m]	Consoante nasal bilabial sonora
[o]	Vogal semifechada posterior	[n]	Consoante nasal alveolar sonora
[ɔ]	Vogal semiaberta posterior	[ŋ]	Consoante nasal alveolar sonora
[u]	Vogal fechada posterior	[p]	Consoante plosiva bilabial surda
[b]	Consoante plosiva bilabial sonora	[r]	Consoante tepe alveolar
[β]	Consoante fricativa bilabial sonora	[r̄]	Consoante vibrante alveolar múltiple
[d]	Consoante plosiva alveolar sonora	[t]	Consoante plosiva alveolar surda
[ð]	Consoante fricativa dental sonora	[ʃ]	Consoante fricativa pós-alveolar surda
[g]	Consoante plosiva velar sonora	[s]	Consoante fricativa alveolar surda
[ɦ]	Consoante fricativa glotal sonora	[ʒ]	Consoante fricativa pós-alveolar sonora
[h]	Consoante fricativa glotal surda	[ɣ]	Consoante fricativa velar sonora

## 4 CARTAS FONÉTICAS



**CARTA F01- Eructar-  
Grupos consonánticos cultos**



## Carta fonética 01

### Pergunta do questionário linguístico 036- Eructar

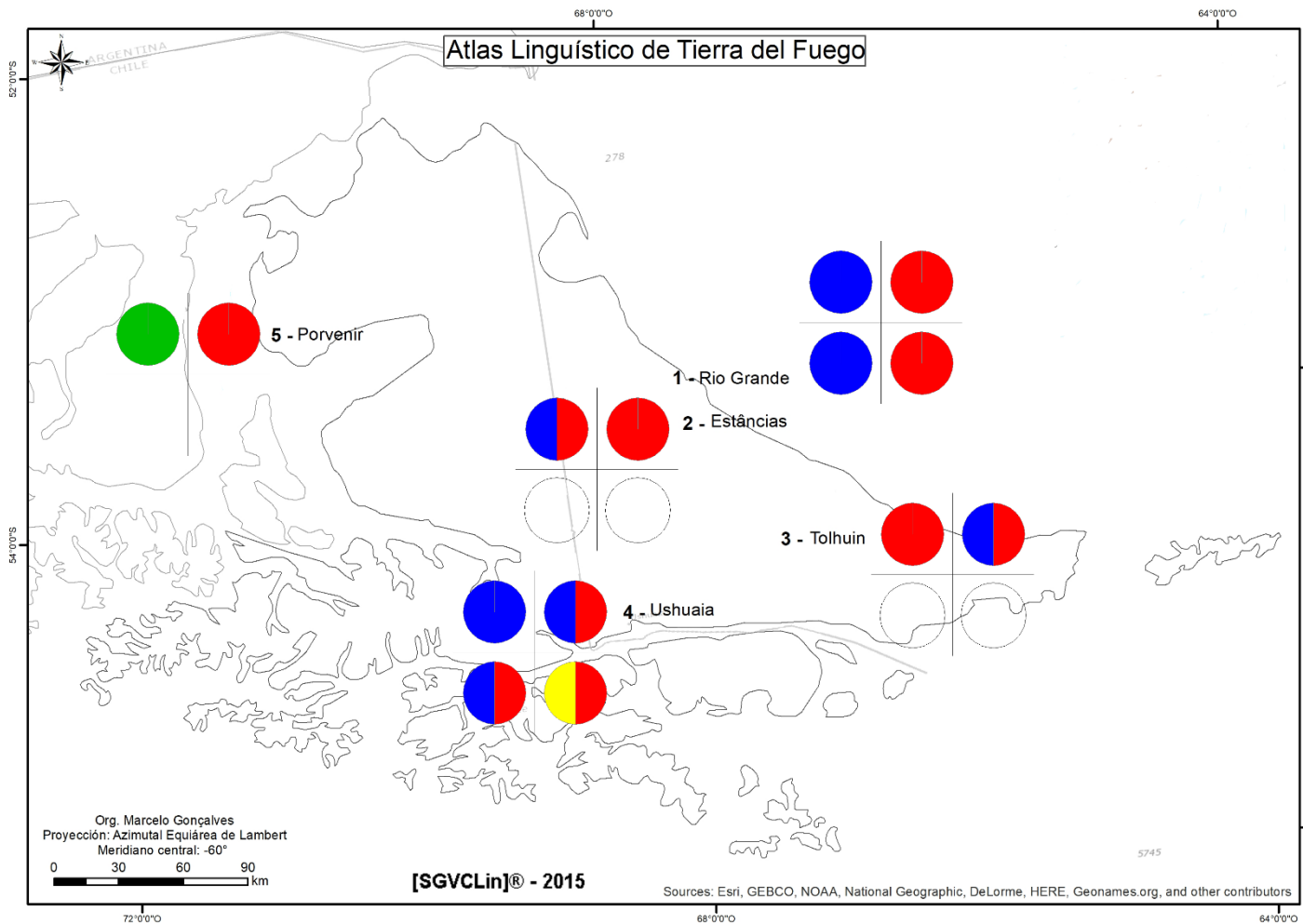
#### Transcrições fonéticas

#### Nível secundário

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa etária II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	[eru'tar]	[e'rupto]	[eru <sup>w</sup> 'tar]	[e'ruto]
2	[eru'tar]	[e'ru <sup>w</sup> tar]	[eru:ptar]	[eru:'tar]
3	[e'ru <sup>w</sup> to]	[e'ruto]	[ru'tar]	[e'ruto]
4	[eru'ta:r]	[erup'tar]	[ə'ruto]	[e'ru <sup>w</sup> :to]
5	SR	[eru'tar]	[i'ruto]	[e'rupto]

#### Nível superior

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa etária II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
1	[e'rupto]	[eru <sup>w</sup> 'tar]	[e'ru <sup>w</sup> to]	[erup'tar]
4	[e'rupto]	[e'ru <sup>w</sup> to]	[e'ru <sup>w</sup> :to]	[eru:'tar]



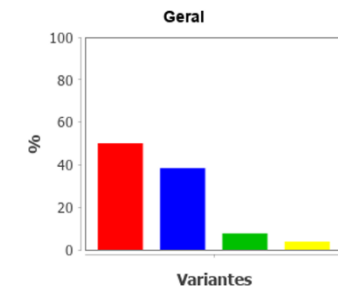
**CARTA F02- Transpiración-  
Grupos consonánticos cultos**

**Legenda**

- [tra<sup>h</sup>pira'sion]
- [trahpira'sion]
- [transpira'sion]
- [tra:pira'sion]

- ① ②
- ③ ④

- 1: Secundário - femenino
- 2: Secundário - masculino
- 3: Superior - femenino
- 4: Superior - masculino



## Carta fonética 02

### Pergunta do questionário linguístico 069- Transpiración

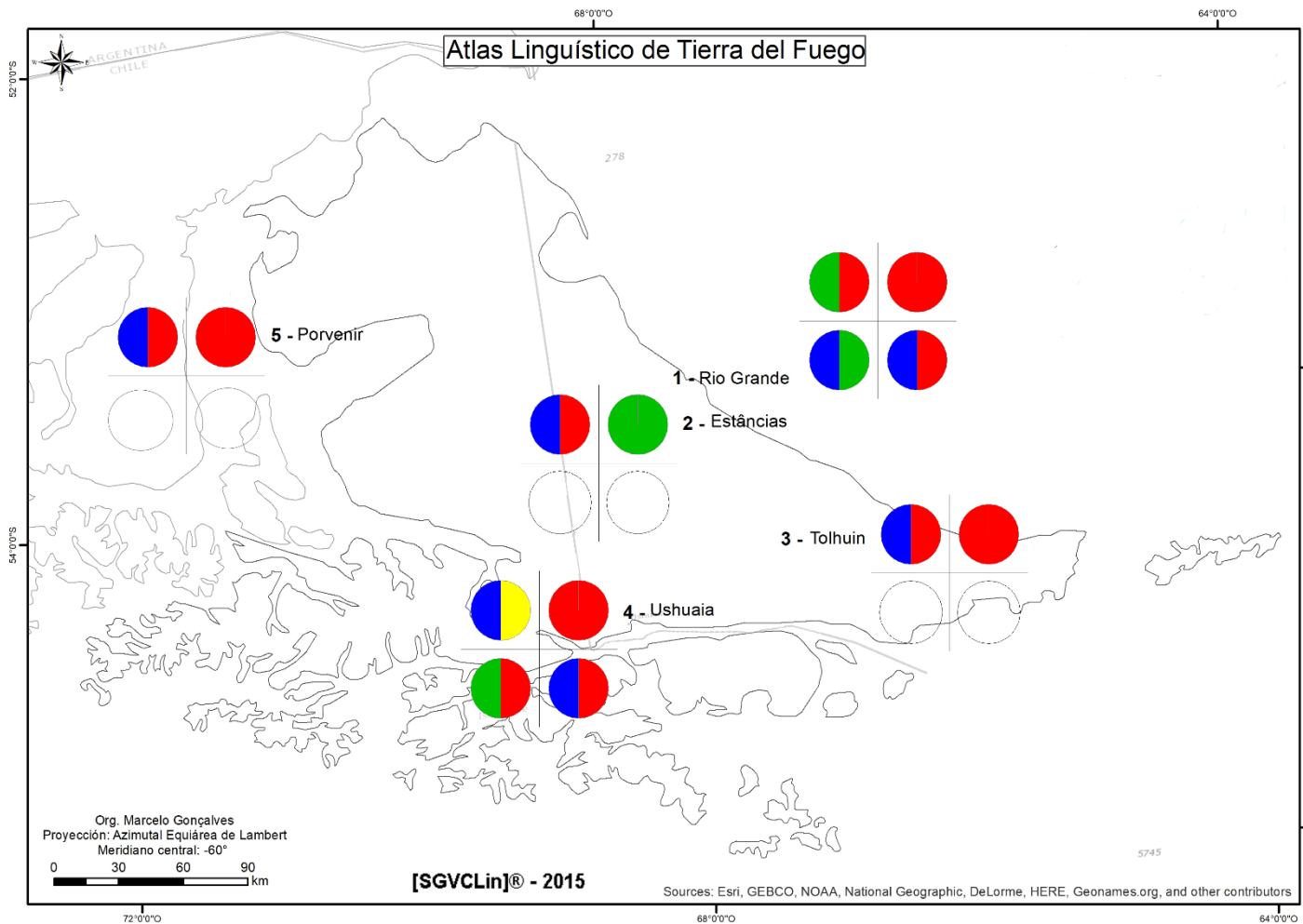
#### Transcrições fonéticas

#### Nível secundário

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa etária II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	[tra <sup>h</sup> pira'sion]	[trahpira'sion]	[tra <sup>h</sup> :pira'sion]	[trahpi'rando]
2	[tra <sup>h</sup> pi'rao]	[trahpira'sion]	SR	[tra <sup>h</sup> pira'sion]
3	[trahpira'sion]	[tra <sup>h</sup> pira'sion]	[tra <sup>h</sup> pira'sion]	[tra <sup>h</sup> pira'sion]
4	[tra <sup>h</sup> piro]	[trahpi'rar]	[trahpi'ramo]	[trahpira'sion]
5	[tra <sup>h</sup> pira'sion]	[transpira'sion]	[tra <sup>h</sup> :pira]	[transpira'sion]

#### Nível superior

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa etária II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
1	[tra <sup>h</sup> pira'sion]	[trahpira'sion]	SR	[trahpira'sion]
4	[tra <sup>h</sup> pira'sion]	[tra <sup>h</sup> :pira'sion]	[tra:pira'sion]	[trahpira'sion]



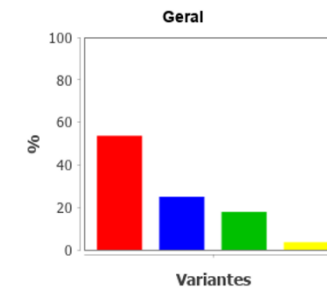
**CARTA F03- Doctor-  
 Grupos consonánticos  
 cultos**

**Legenda**

- [do'tor]
- [doʔ'tor]
- [dok'tor]
- não respondeu

- ① ②
- ③ ④

- 1-mulheres-nível secundário
- 2-homens-nível secundário
- 3-mulheres-nível superior
- 4-homens-nível superior



### Carta fonética 03

#### Pergunta do questionário linguístico 186- Doctor

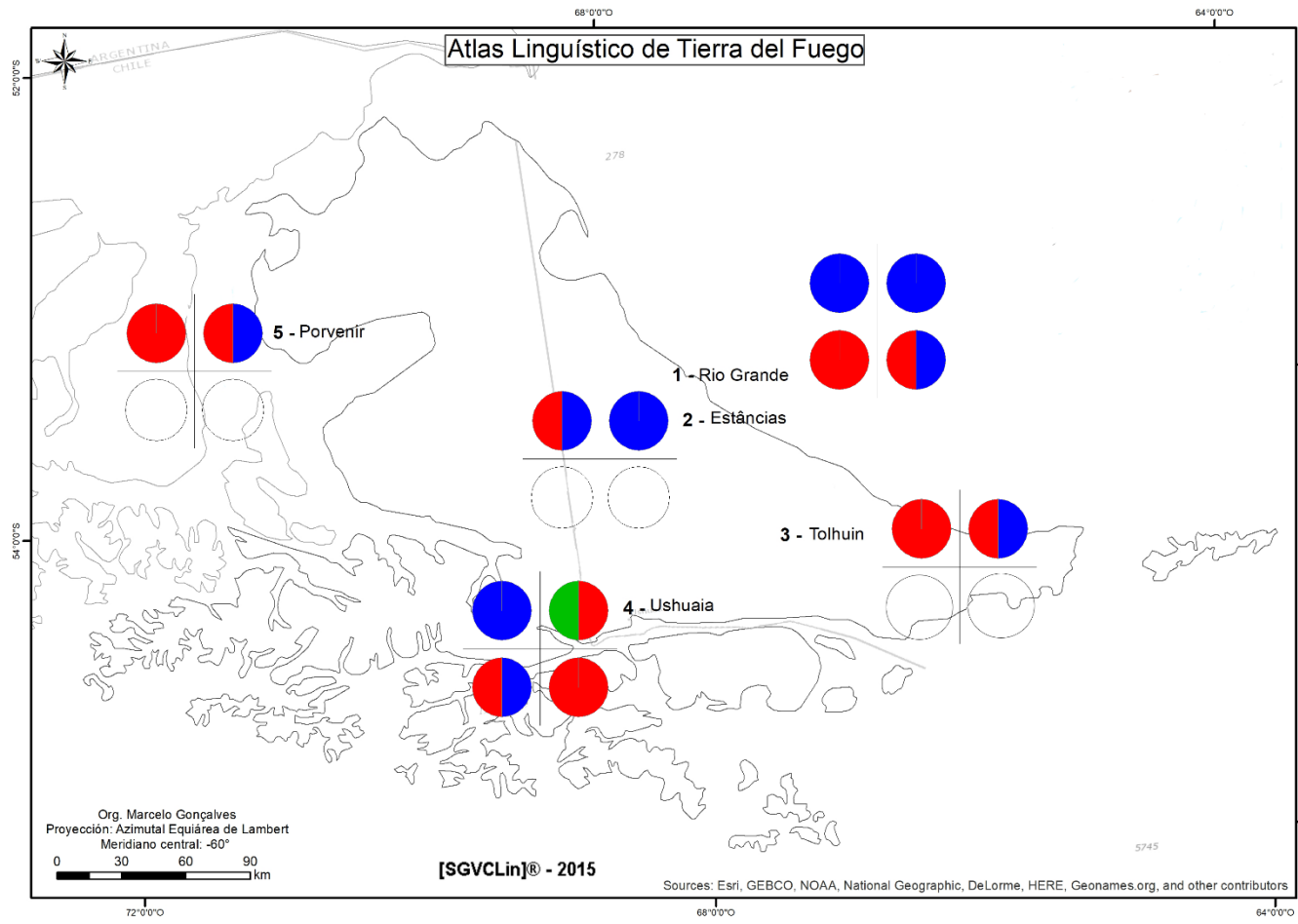
#### Transcrições fonéticas

#### Nível secundário

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa etária II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	[do'tor]	[do:'tor]	[do <sup>̃</sup> :'tor]	SR
2	SR	[do:'tõ]	SR	[do <sup>x</sup> 'tor]
3	[do <sup>̃</sup> :'tor]	[do <sup>x</sup> 'tor]	[do:'tor]	[do <sup>̃</sup> :'tor]
4	[do:'tor]	[do <sup>x</sup> 'tor]	[do <sup>̃</sup> :'tor]	[dok'tor]
5	[do:'tor]	[do <sup>x</sup> :'tor]	[do:'tor]	[do:'tor]

#### Nível superior

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa etária II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
1	[do <sup>̃</sup> :'tor]	SR	[do <sup>x</sup> 'tor]	[do <sup>x</sup> 'tor]
4	[do:'tor]	[do:'tor]	[do <sup>x</sup> 'tor]	SR



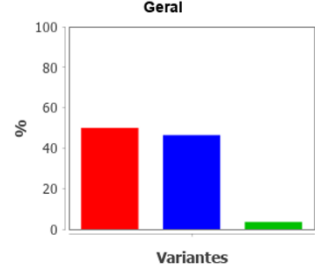
**CARTA F04- Caspa-  
/S/ em coda medial**

**Legenda**

- ['kafpa]
- ['ka<sup>h</sup>pa]
- ['kaspɑ]

- ① ②
- ③ ④

- 1-mulheres-nível secundário
- 2-homens-nível secundário
- 3-mulheres-nível superior
- 4-homens-nível superior



## Carta fonética 04

### Pergunta do questionário linguístico: 05- Caspa

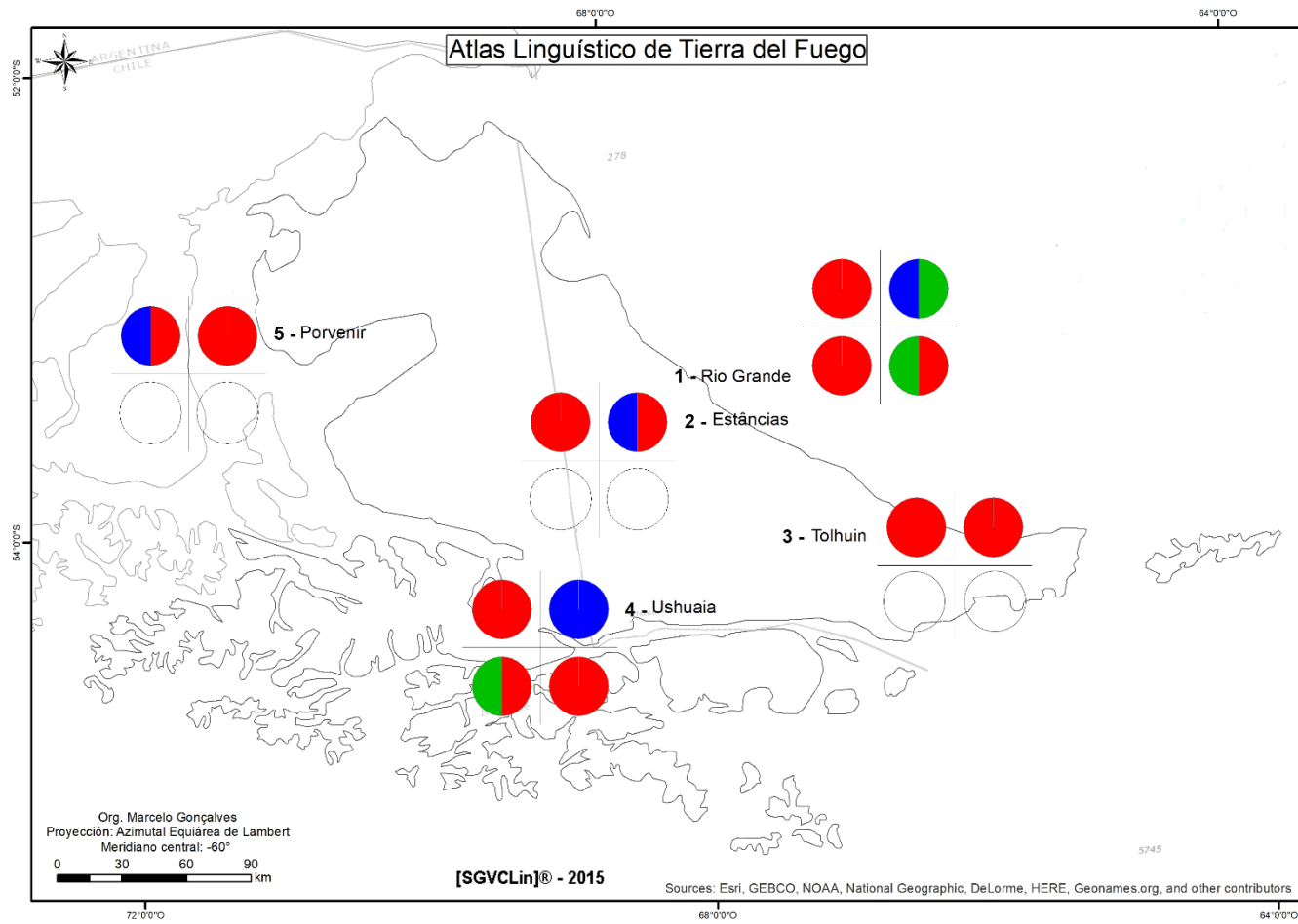
#### Transcrições fonéticas

#### Nível secundário

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa etária II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	[ˈkaʰpa]	[ˈkaʰpa]	[ˈkaʰpa]	[ˈkaʰ:pa]
2	[ˈkaʰ:pa]	[ˈkaŋpa]	[ˈkaʰpa]	[ˈkaʰ:pa]
3	[ˈkaŋ:pa]	[ˈkaŋ:pa]	[ˈkaʰpa]	[ˈkaŋpa]
4	[ˈkaspɑ]	[ˈkaʰpa]	[ˈkaŋpa]	[ˈkaʰpa]
5	[ˈkaŋpa]	[ˈkaŋ:pa]	[ˈkaʰpa]	[ˈkaŋpa]

#### Nível superior

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa etária II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
1	[ˈkaŋpa]	[ˈkaŋ:pa]	[ˈkaʰpa]	[ˈkaʰpa]
4	[ˈkaŋ:pa]	[ˈkaʰpa]	[ˈkaŋpa]	[ˈkaŋpa]



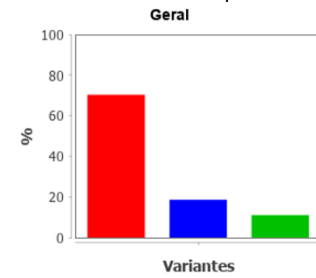
**CARTA F05- Boštezar-  
/S/ em coda medial**

**Legenda**

- [bofite'sar]
- [bo<sup>h</sup> te'sar]
- [boste'sar]

- ① ②
- ③ ④

- 1-mulheres-nível secundário
- 2-homens-nível secundário
- 3-mulheres-nível superior
- 4-homens-nível superior



## Carta fonética 05

### Pergunta do questionário linguístico: 38- Bostezar

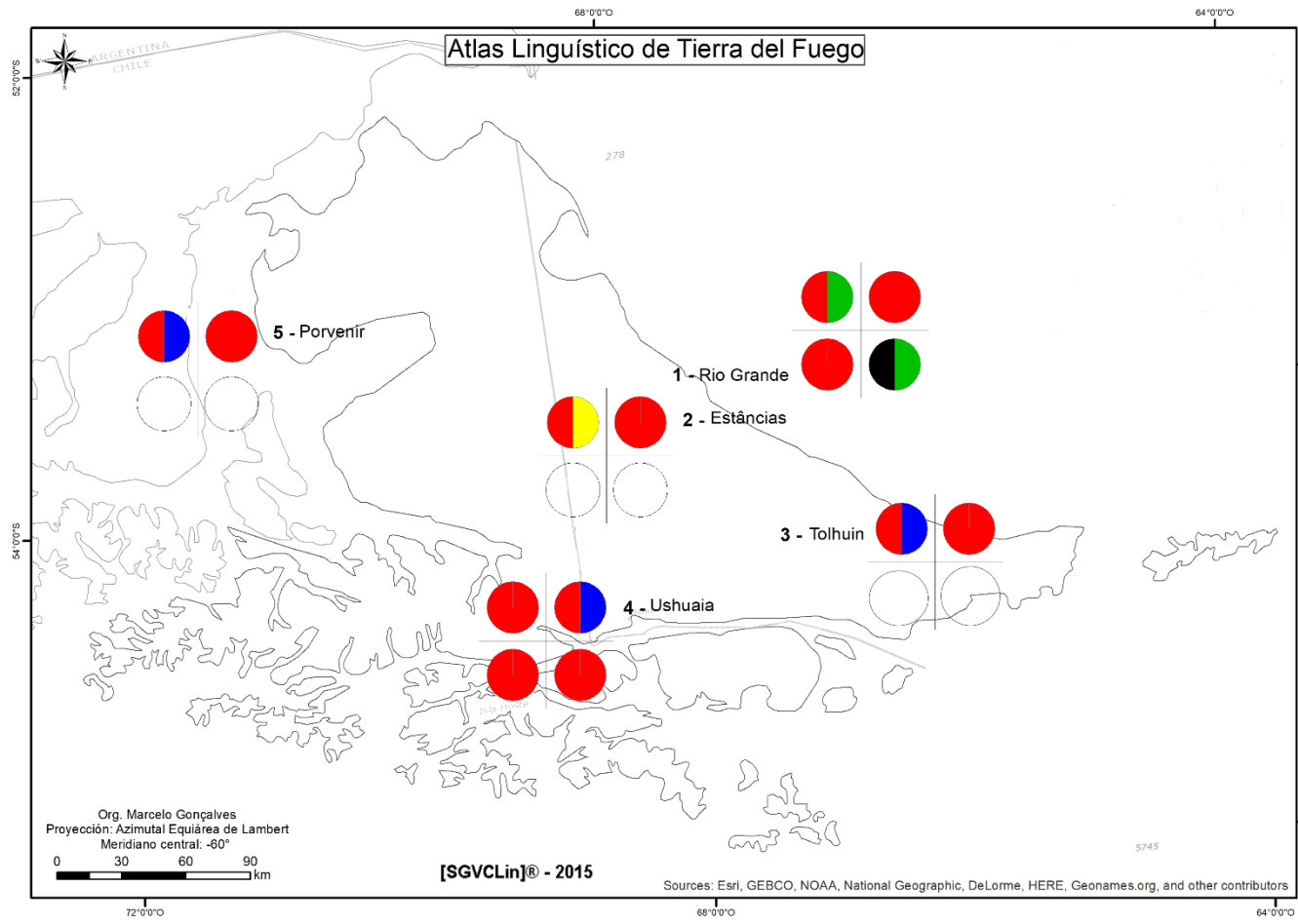
Transcrições fonéticas

#### Nível secundário

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa etária II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	[boste'sar]	[boɦte'sar]	[bo <sup>h</sup> te'sar]	SR
2	[boɦte'sar]	[boɦte'sar]	[bo <sup>h</sup> te'sar]	[boɦte'sar]
3	[boɦte'sar]	[boɦte'sar]	[boɦte'sar]	[boɦte'sar]
4	[bo <sup>h</sup> te'sar]	[boɦte'sar]	[bo <sup>h</sup> 'teso]	[boɦ'teso]
5	[boɦte'sar]	[boɦ'teso]	[boɦ'teso]	[bo <sup>h</sup> 'teso]

#### Nível superior

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa etária II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
1	[bos <sup>ɾ</sup> 'teso]	[boɦte'sar]	[boɦ'teso]	[boɦte'sar]
4	[boɦte'sar]	[bos <sup>ɾ</sup> 'te'sar]	[boɦte'sar]	[boɦte'sar]



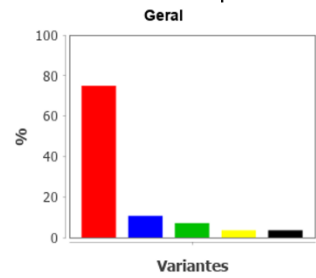
**CARTA F06- Suspirar-  
/S/ em coda medial**

**Legenda**

- [su<sup>h</sup>pi'rar]
- [su:pi'rar]
- [suhpi'rar]
- [su<sup>h</sup>pi'rar]
- [sus'piro]

- ① ②
- ③ ④

- 1-mulheres-nível secundário
- 2-homens-nível secundário
- 3-mulheres-nível superior
- 4-homens-nível superior



**Carta fonética 06****Pergunta do questionário linguístico: 46- Suspirar**

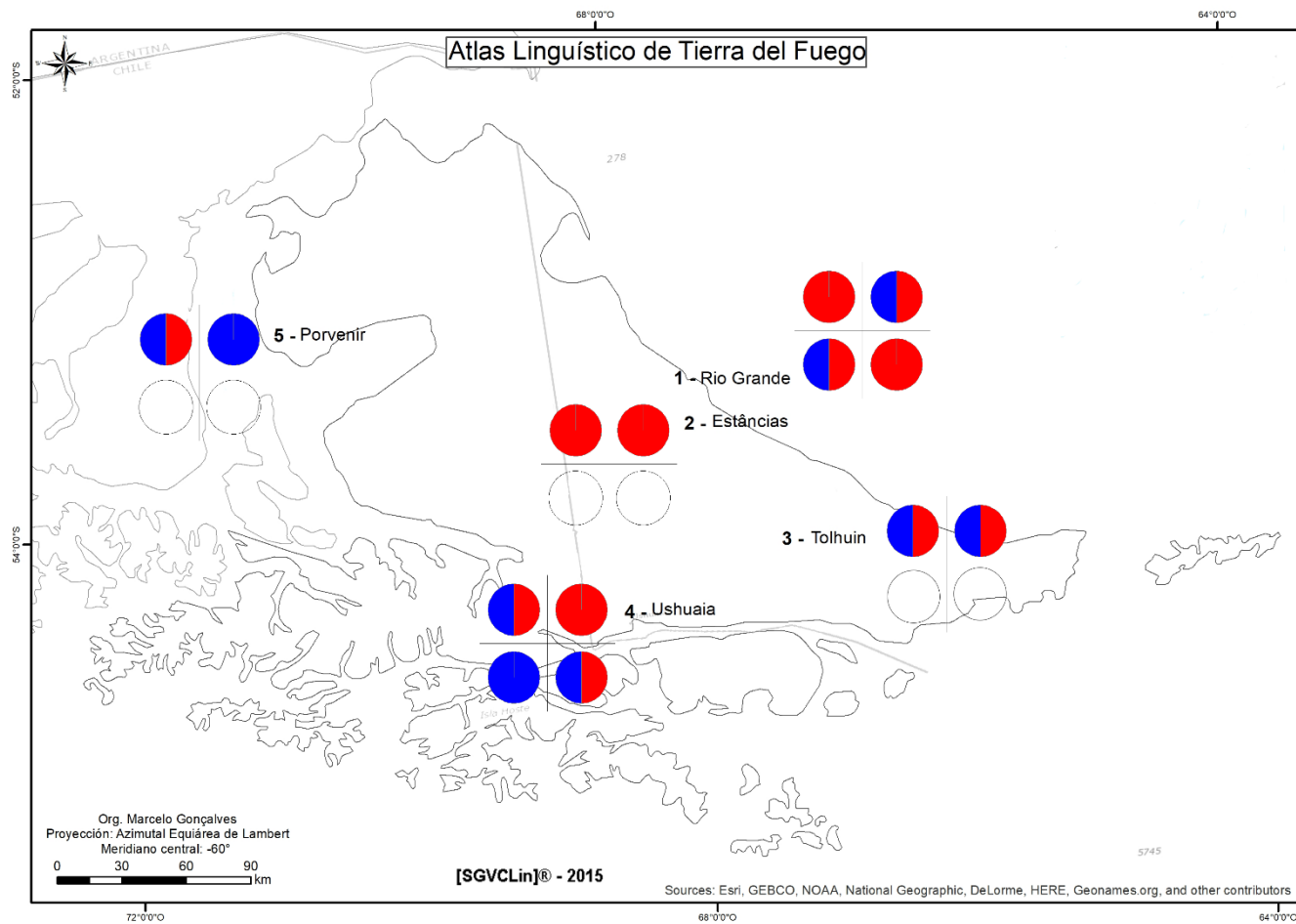
Transcrições fonéticas

## Nível secundário

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa etária II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	[su <sup>h</sup> pi'rar]	[su <sup>h</sup> :pi'rar]	[su <sup>h</sup> 'piro]	[suh'piro]
2	[su <sup>h</sup> pi'rar]	[su <sup>h</sup> pi'rar]	[su <sup>h</sup> pi'rar]	[s̃u <sup>h</sup> pi'rar]
3	[su <sup>h</sup> pi'rar]	[su <sup>h</sup> :pi'rã]	[su <sup>h</sup> :pi'rã]	[su:'piro]
4	[su:pi'rar]	[su <sup>h</sup> :piro]	[su <sup>h</sup> 'piro]	[su <sup>h</sup> 'piro]
5	[su: <sup>h</sup> 'piro]	[su <sup>h</sup> pi'rar]	[su <sup>h</sup> pi'rar]	[su:'piro]

## Nível superior

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa etária II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf.7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
1	[sus'piro]	[su <sup>h</sup> 'piro]	[suhpi'rar]	[su <sup>h</sup> pi'rar]
4	[su <sup>h</sup> 'piro]	[su <sup>h</sup> 'piro]	[su <sup>h</sup> pi'rar]	[su <sup>h</sup> pi'rar]



**CARTA F07- Cosquillas-  
/S/ em coda medial**

**Legenda**

■ [h]

■ [f]

① ②

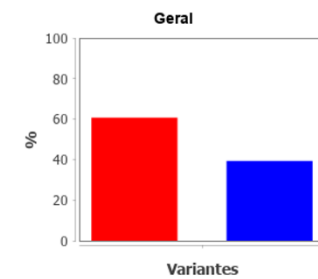
③ ④

1-mulheres-nível secundário

2-homens-nível secundário

3-mulheres-nível superior

4-homens-nível superior



## Carta fonética 07

### Pergunta do questionário linguístico: 70- Cosquillas

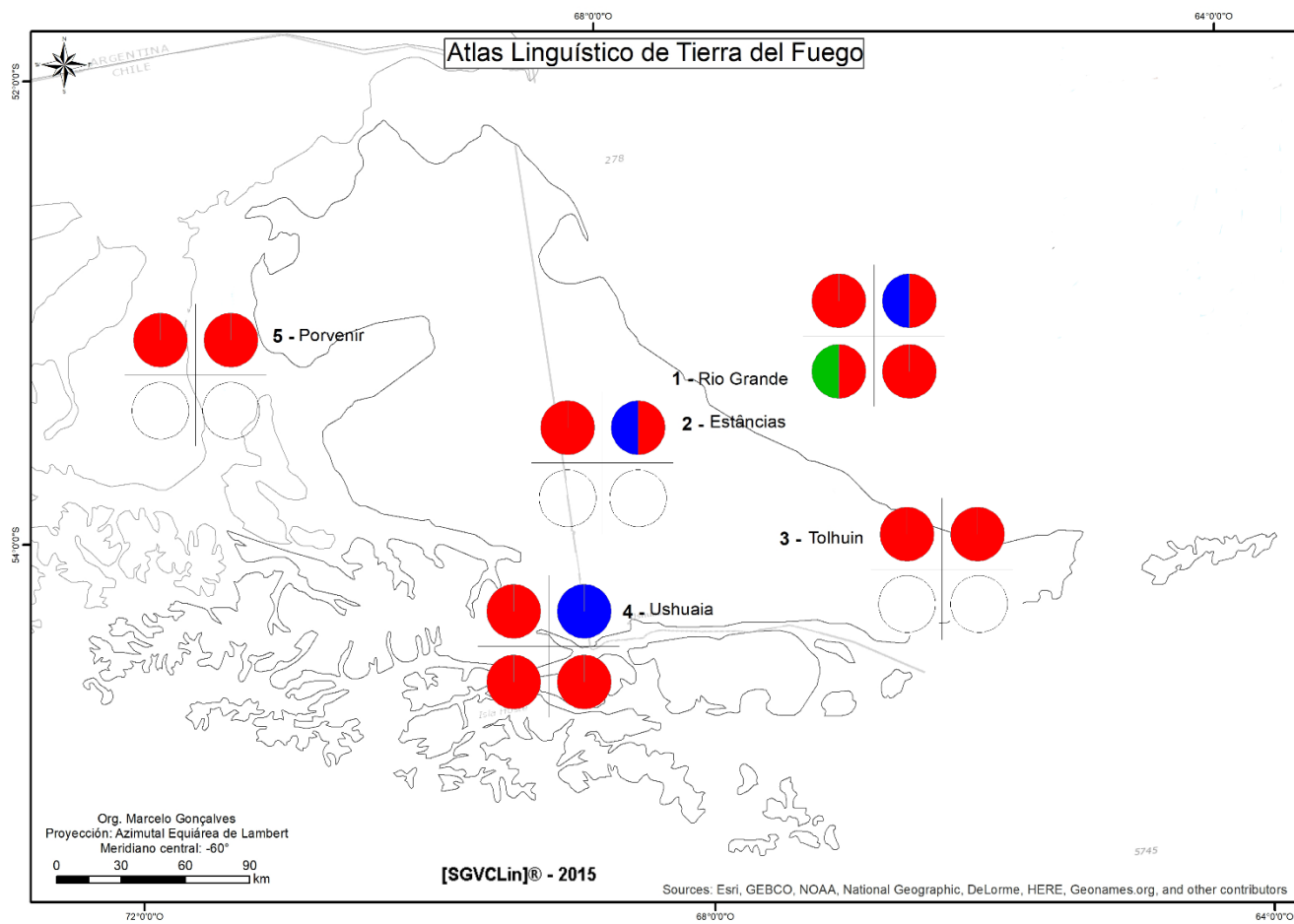
#### Transcrições fonéticas

#### Nível secundário

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa etária II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	[ko <sup>h</sup> 'kifas]	[ko <sup>h</sup> 'kifas]	[koñ'kijas]	[ko <sup>h</sup> kiza]
2	[ko <sup>h</sup> :kiza]	[ko <sup>h</sup> 'kifas]	[ko <sup>h</sup> 'kifa]	[ko <sup>h</sup> :'kizas]
3	[koñ'kifas]	[koñ'kifas]	[ko <sup>h</sup> 'kifa]	[ko <sup>h</sup> 'kifa]
4	[ko <sup>h</sup> 'kifa]	[koñ'kifa]	[ko <sup>h</sup> 'kiza]	[ko <sup>h</sup> 'kifas]
5	[koñ:'kijas]	[koñ'kijas]	[koñ'kijas]	[ko <sup>h</sup> 'kija]

#### Nível superior

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa etária II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf.7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
1	[ko <sup>h</sup> 'kifas]	[ko <sup>h</sup> 'kifas]	[ko <sup>h</sup> 'kifas]	[koñkifas]
4	[koñkifas]	[koñkijas]	[ko <sup>h</sup> 'kifas]	[koñ:'kifas]



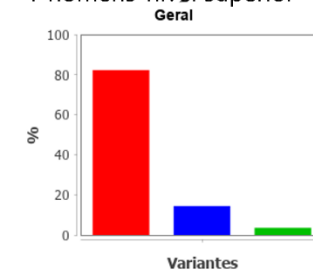
**CARTA F08- Casco-  
/S/ em coda medial**

**Legenda**

- ['kafiko]
- ['ka<sup>h</sup>ko]
- ['kaʒko]

- ① ②
- ③ ④

- 1-mulheres-nível secundário
- 2-homens-nível secundário
- 3-mulheres-nível superior
- 4-homens-nível superior



## Carta fonética 08

### Pergunta do questionário linguístico: 100- Casco

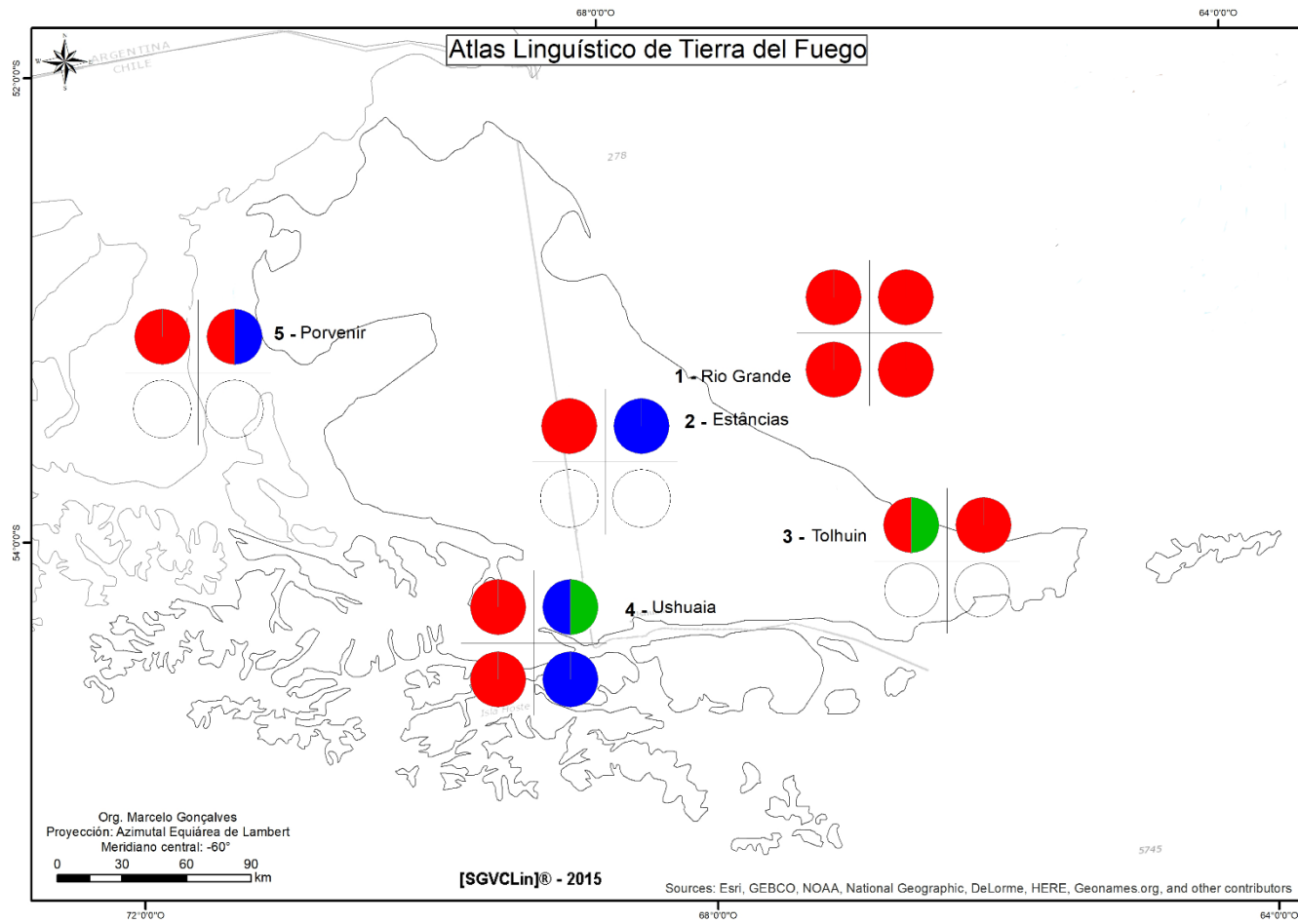
#### Transcrições fonéticas

#### Nível secundário

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa etária II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	['kaŋko]	['kaŋko]	['ka <sup>h</sup> ko]	['kaŋ:ko]
2	['ka <sup>h</sup> :ko]	['kaŋko]	['kaŋko]	['kaŋko]
3	['kaŋ:ko]	['kaŋko]	['kaŋko]	['kaŋko]
4	['ka <sup>h</sup> ko]	['kaŋ:ko]	['ka <sup>h</sup> ko]	['kaŋ:ko]
5	['kaŋ:ko]	['kaŋ:ko]	['kaŋ:ko]	['kaŋ:ko]

#### Nível superior

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa etária II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
1	['kaŋko]	['kaŋko]	['kaŋ:ko]	['kaʂko]
4	['kaŋ:ko]	['kaŋ:ko]	['kaŋ:ko]	['kaŋko]



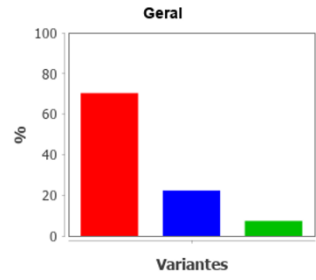
**CARTA F09- Desçalzo-  
/S/em coda medial**

**Legenda**

- [defi' kalso]
- [de<sup>h</sup>' kalso]
- [deh' kalso]

- ① ②
- ③ ④

- 1-mulheres-nível secundário
- 2-homens-nível secundário
- 3-mulheres-nível superior
- 4-homens-nível superior



## Carta fonética 09

### Pergunta do questionário linguístico: 110- Descalzo

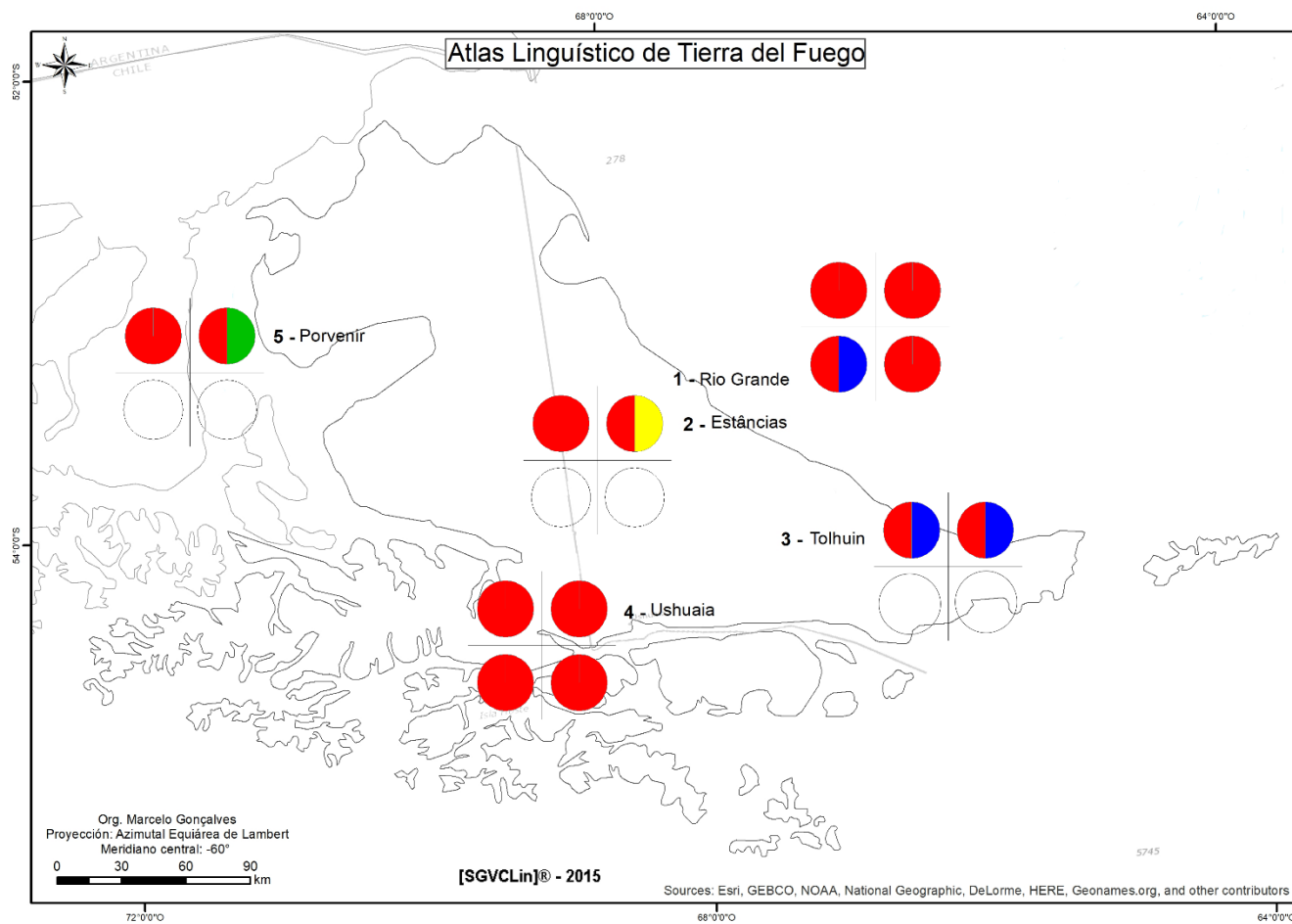
#### Transcrições fonéticas

#### Nível secundário

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa etária II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	[deñ'kalso]	SR	[deñ'kalso]	[deñ'kalsa]
2	[de <sup>h</sup> 'kalso]	[deñ'kalso]	[de <sup>h</sup> 'kalso]	[deñ'kalsos]
3	[deñ'ka:lso]	[deñ'kalso]	[deñ'kalso]	[de <sup>h</sup> 'kalso]
4	[de <sup>h</sup> 'kalsos]	[deñ'kalsos]	[de <sup>h</sup> 'kalsaðo]	[deñ'kalso]
5	[de <sup>h</sup> 'kalso]	[deñ'kalso]	[deñ'kalso <sup>h</sup> ]	[deñ'kalso]

#### Nível superior

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa etária II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
1	[deñ'kalso]	[deñ'kalso]	[deñ'ka'lso]	[deñ'kalso]
4	[de <sup>h</sup> 'kalsos]	[deñ'kalso]	[de <sup>h</sup> 'ka:lso]	[deñ'kalso]



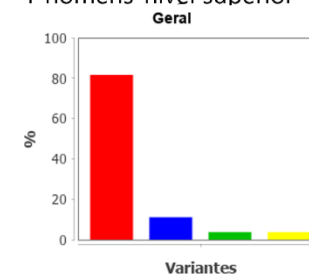
**CARTA F10- Asma-  
/S/ em coda medial**

**Legenda**

- [a<sup>h</sup>ma]
- [a<sup>s</sup>ma]
- [a<sup>f</sup>ma]
- [a<sup>h</sup>ma]

- ① ②
- ③ ④

- 1-mulheres-nível secundário
- 2-homens-nível secundário
- 3-mulheres-nível superior
- 4-homens-nível superior



## Carta fonética 10

### Pergunta do questionário linguístico: 174- Asma

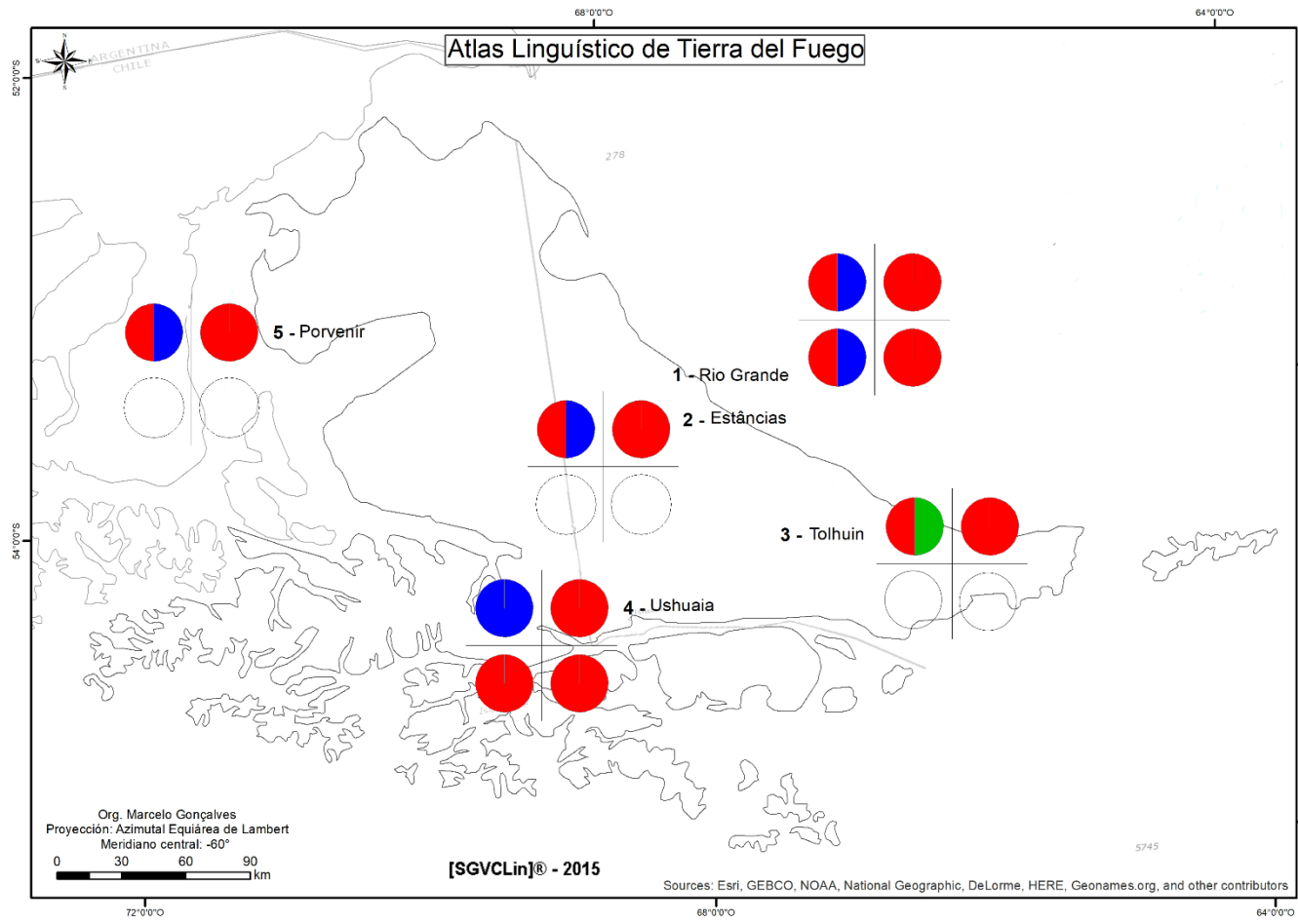
#### Transcrições fonéticas

#### Nível secundário

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa etária II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	[a <sup>h</sup> 'matiko]	['a <sup>h</sup> ma]	[a <sup>h</sup> 'matiko]	['a <sup>h</sup> :ma]
2	['ahma]	['a <sup>h</sup> ma]	['a <sup>h</sup> ma]	['a <sup>h</sup> ma]
3	['asma]	['asma]	['a <sup>h</sup> ma]	['a: <sup>h</sup> ma]
4	['a: <sup>h</sup> ma]	['a: <sup>h</sup> ma]	[a: <sup>h</sup> 'matiko]	SR
5	['a: <sup>h</sup> ma]	['a <sup>h</sup> :ma]	[a <sup>h</sup> 'matiko]	['a: <sup>h</sup> ma]

#### Nível superior

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa etária II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
1	['a <sup>h</sup> ma]	['a <sup>h</sup> ma]	['a <sup>h</sup> ma]	['a <sup>h</sup> ma]
4	['a: <sup>h</sup> ma]	['a: <sup>h</sup> ma]	[a: <sup>h</sup> 'matiko]	['a: <sup>h</sup> ma]



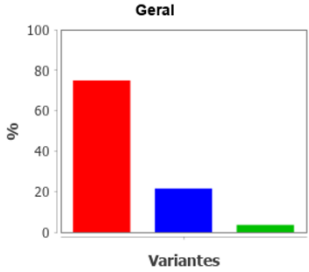
**CARTA F11- Hospital /S/ em coda medial**

**Legenda**

- [o<sup>h</sup>pi'tal]
- [ohpi'tal]
- [opi'tal]

- ① ②
- ③ ④

- 1-mulheres-nível secundário
- 2-homens-nível secundário
- 3-mulheres-nível superior
- 4-homens-nível superior



## Carta fonética 11

### Pergunta do questionário linguístico: 185- Hospital

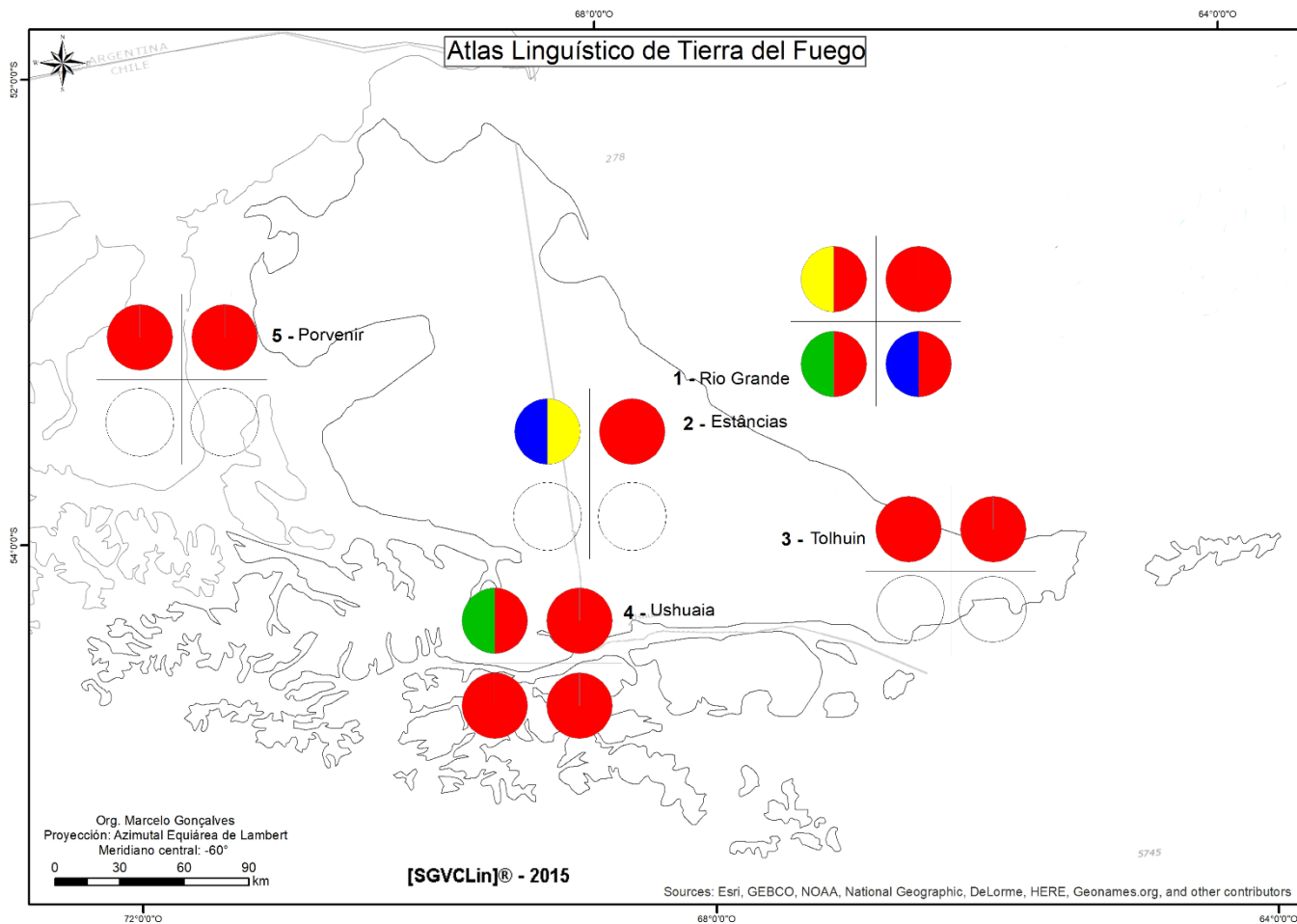
#### Transcrições fonéticas

#### Nível secundário

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa etária II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	[o <sup>h</sup> pi'tal]	[ohpi'tal]	[o <sup>h</sup> pi'tal]	[o <sup>h</sup> pi'tal]
2	[o <sup>h</sup> :pi'tal]	[ohpi'tal]	[o <sup>h</sup> pi'tal]	[o <sup>h</sup> :pi'tal]
3	[o <sup>h</sup> :pi'tal]	[opi'tal]	[o <sup>h</sup> pi'tal]	[o <sup>h</sup> :pi'tal]
4	[o <sup>h</sup> pi'tal]	[ohpi'tal]	[o <sup>h</sup> pi'tal]	[ohpi'tal]
5	[o <sup>h</sup> pi'tal]	[ohpi'tal]	[o <sup>h</sup> pi'tal]	[o <sup>h</sup> pi'tal]

#### Nível superior

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa etária II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
1	[o <sup>h</sup> pi'tal]	[ohpi'tal]	[o <sup>h</sup> pi'tal]	[o <sup>h</sup> pi'tal]
4	[o <sup>h</sup> pi'tal]	[o <sup>h</sup> pi'tal]	[o <sup>h</sup> pi'tal]	[o <sup>h</sup> pi'tal]



**CARTA F12- Fósforo-  
/S/ em coda medial**

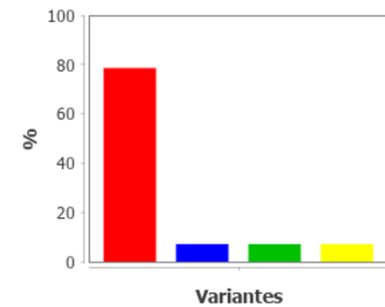
**Legenda**

- [ 'foforo ]
- [ 'fofiforo ]
- [ 'fo<sup>h</sup>foro ]
- [ 'fosforo ]

- ① ②
- ③ ④

- 1-mulheres-nível secundário
- 2-homens-nível secundário
- 3-mulheres-nível superior
- 4-homens-nível superior

**Geral**



## Carta fonética 12

### Pergunta do questionário linguístico: 206- Fósforos

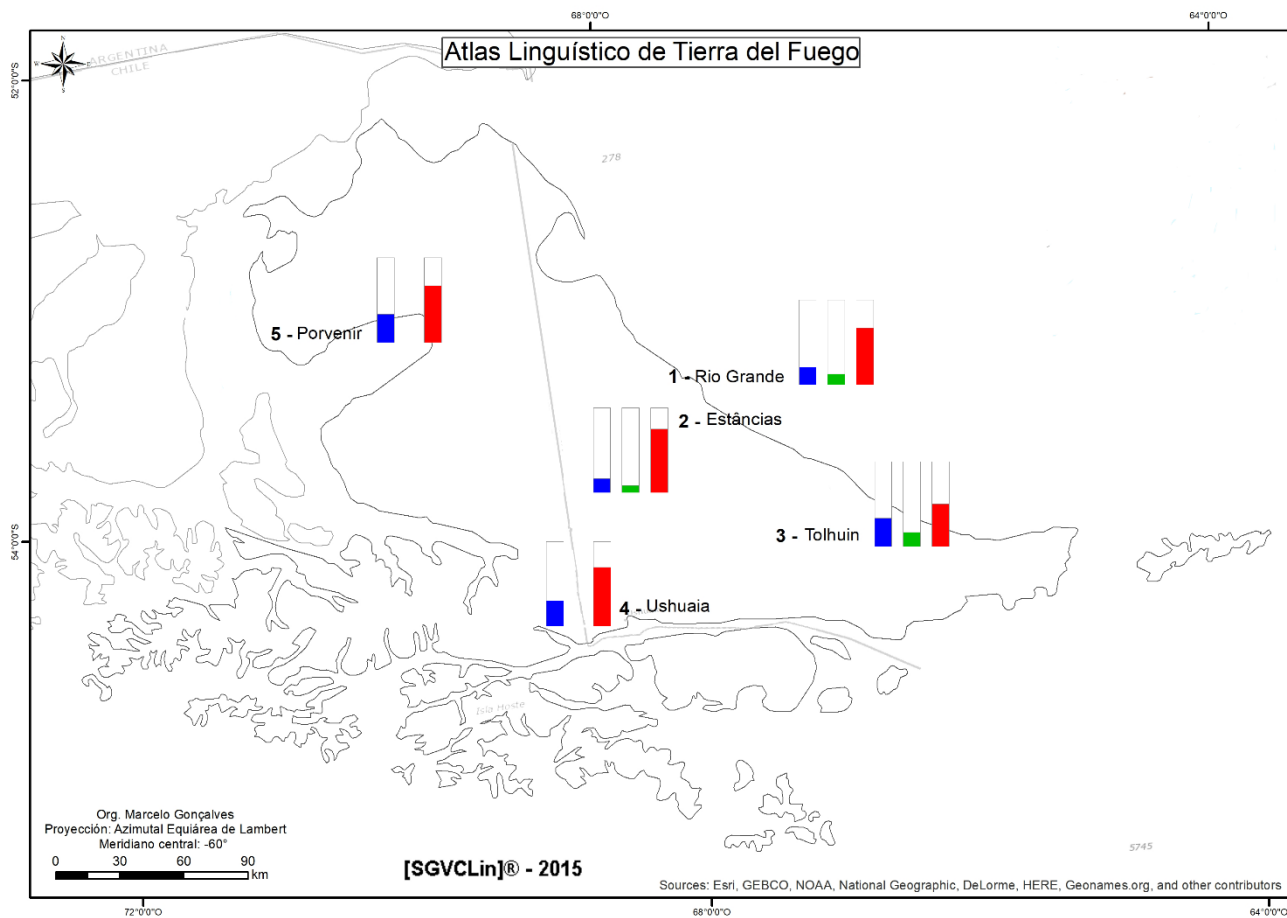
#### Transcrições fonéticas

#### Nível secundário

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa etária II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	[ 'foforo]	[ 'fosforos]	[ 'foforo]	[ 'foforo]
2	[ 'foforo]	[ 'fohforo]	[ 'foforo]	[ 'fosforo]
3	[ 'foforo]	[fofo'ro]	[ 'fo:foro]	[ 'fo:foro]
4	[ 'fo:foro]	[ 'fo:foro]	[ 'fo:foro]	[ 'fo <sup>h</sup> foro]
5	[ 'foforo]	[ 'fo:foro]	[ 'fo:foro]	[ 'foforo]

#### Nível superior

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa etária II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
1	[ 'fohforo]	[ 'fo <sup>h</sup> foro]	[ 'foforo]	[ 'fo:foro]
4	[ 'foforo]	[ 'foforo]	[ 'fo:foro]	[ 'fo:foro]

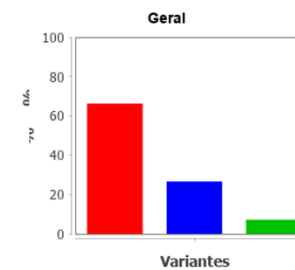


**CARTA F13- SINTÉTICA- /S/ em coda silábica**

fósforo  
 caço  
 asma

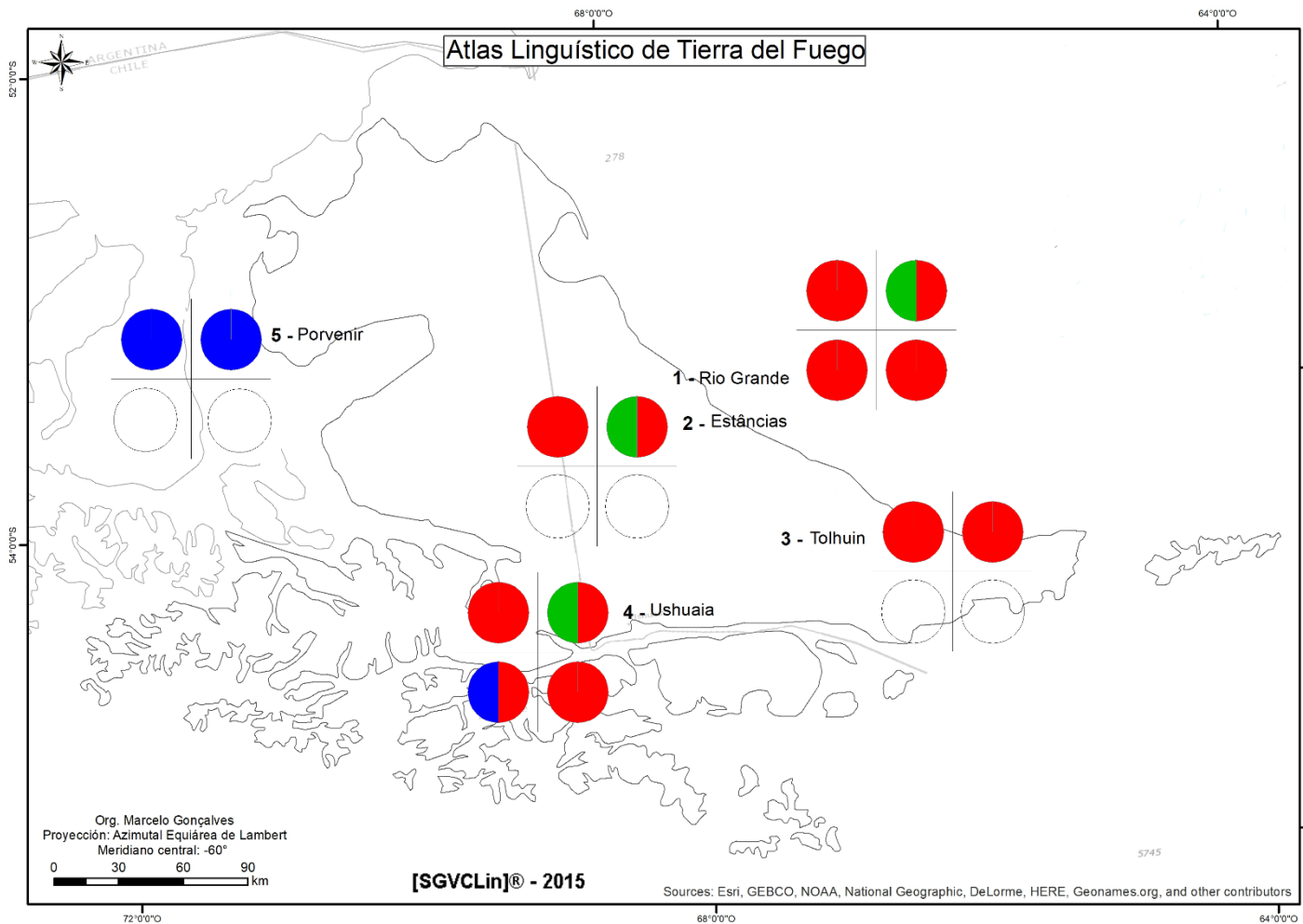
**Legenda**

- aspiração
- apagamento
- sibilância



**Carta fonética 13- Sintética**

**Perguntas do questionário linguístico: 206- fósforo; 100- casco; 174- asma.**



## Carta fonética 14

### Pergunta do questionário linguístico: 42- Callado

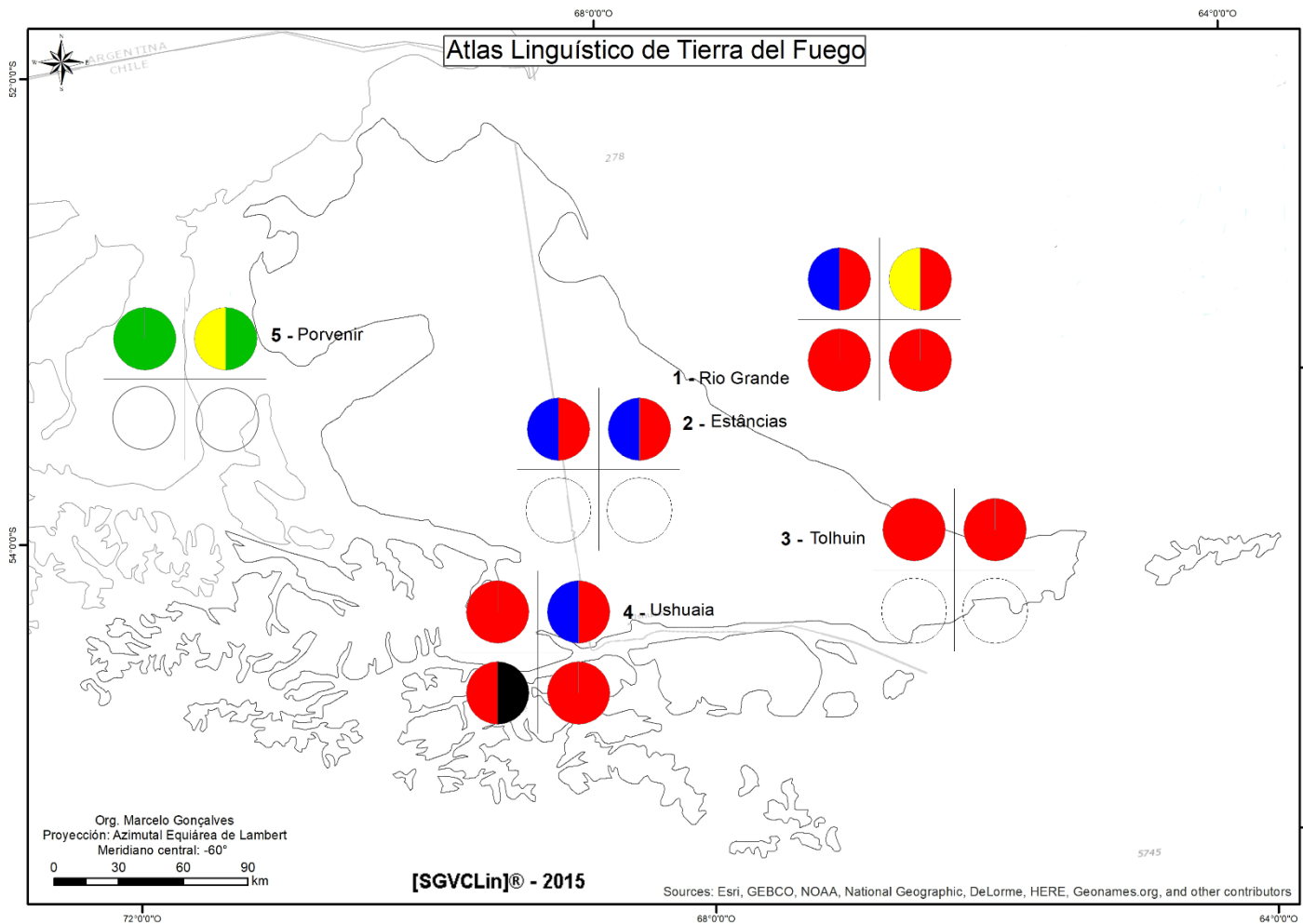
#### Transcrições fonéticas

#### Nível secundário

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa etária II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	[ka'jaðo]	[ka'jaðo]	[ka'zaðo]	[ka'jaðo]
2	[ka'zao]	[ka'jaðo]	[ka'jaðo]	[ka'jaðo]
3	[ka'jaðo]	[ka'jaðo]	[ka'jaðo]	[ka'jaða]
4	[ka'jaðo]	[ka'jaðo]	[ka'za:ðo]	[ka'jað'o]
5	[kaja'ito]	[ka'jaðo]	[ka'jað'o]	[ka'ja.o]

#### Nível superior

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa etária II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
1	[ka'jaðo]	[ka'jaðo]	[ka'jaðo]	[ka'jaða]
4	[ka'jaðo]	[ka'jado]	[ka'ja:ðo]	[ka'jaðo]

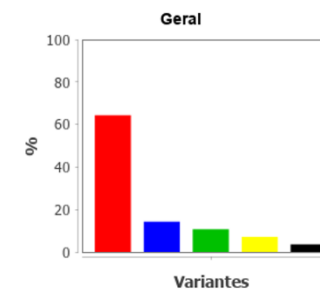


**CARTA F15- Cosquillas-  
 Fricativa pós-alveolar em  
 contexto medial**

**Legenda**

- [ʃ]
  - [ʒ]
  - [ʒ]
  - [ʃ]
  - [ʃ]
- ① ②  
 ③ ④

- 1-mulheres-nível secundário
- 2-homens-nível secundário
- 3-mulheres-nível superior
- 4-homens-nível superior



## Carta fonética 15

### Pergunta do questionário linguístico: 70- Cosquillas

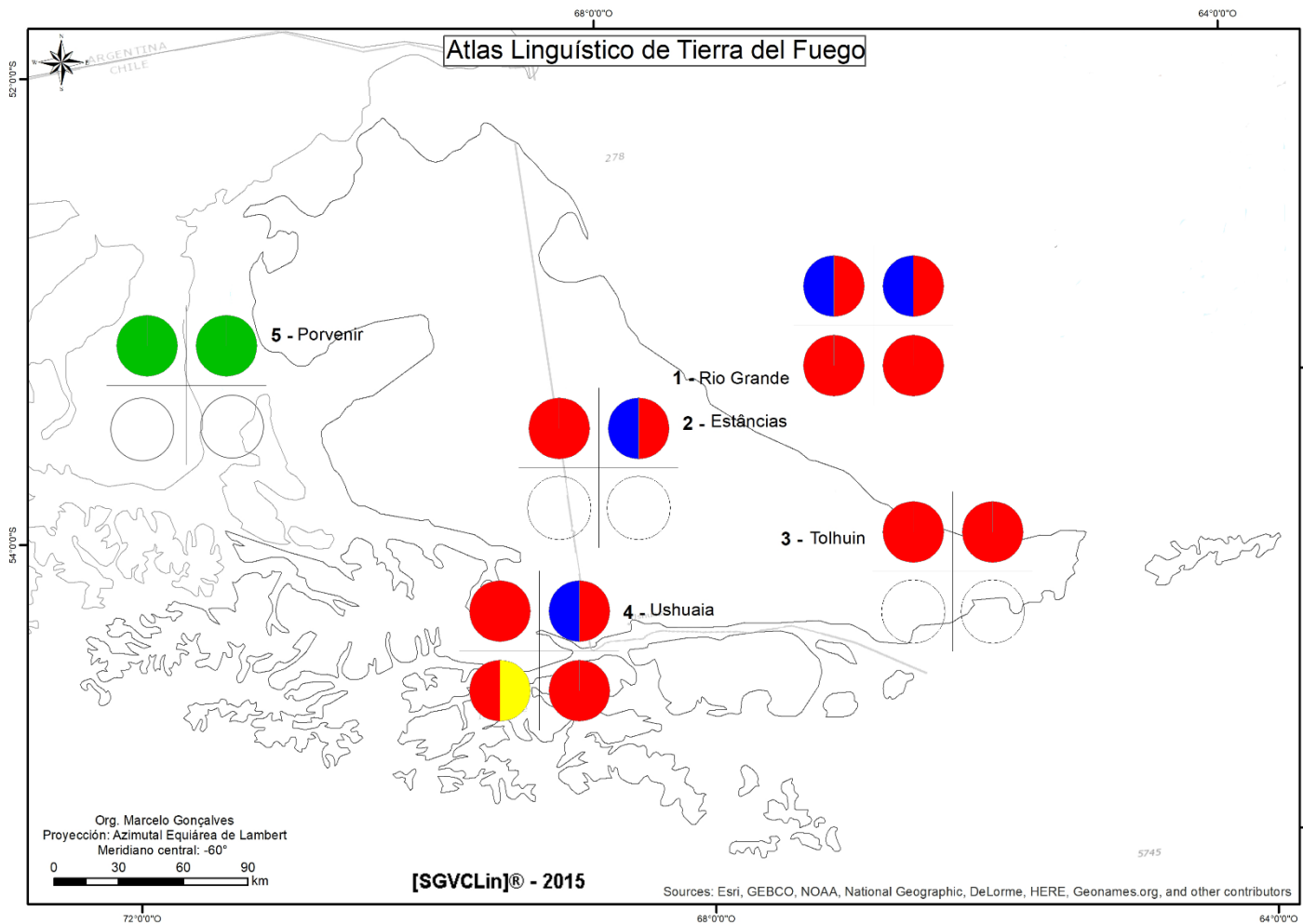
#### Transcrições fonéticas

#### Nível secundário

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa etária II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	[ko <sup>h</sup> 'kifas]	[ko <sup>h</sup> 'kifas]	[ko <sup>h</sup> 'kijas]	[ko <sup>h</sup> 'kiza]
2	[ko <sup>h</sup> :kiza]	[ko <sup>h</sup> 'kifas]	[ko <sup>h</sup> 'kifa]	[ko <sup>h</sup> : 'kizas]
3	[ko <sup>h</sup> 'kifas]	[ko <sup>h</sup> 'kifas]	[ko <sup>h</sup> 'kifa]	[ko <sup>h</sup> 'kifa]
4	[ko <sup>h</sup> 'kifa]	[ko <sup>h</sup> 'kifa]	[ko <sup>h</sup> 'kiza]	[ko <sup>h</sup> 'kifas]
5	[ko <sup>h</sup> : 'kijas]	[ko <sup>h</sup> 'kijas]	[ko <sup>h</sup> 'kijas]	[ko <sup>h</sup> 'kija]

#### Nível superior

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa etária II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf.7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
1	[ko <sup>h</sup> 'kifas]	[ko <sup>h</sup> 'kifas]	[ko <sup>h</sup> 'kifas]	[ko <sup>h</sup> kifas]
4	[ko <sup>h</sup> kifas]	[ko <sup>h</sup> kifas]	[ko <sup>h</sup> 'kifas]	[ko <sup>h</sup> : 'kifas]



**CARTA F16- Ladrillo-  
Fricativa pós-alveolar em  
contexto medial**

## Carta fonética 16

### Pergunta do questionário linguístico: 191- Ladrillo

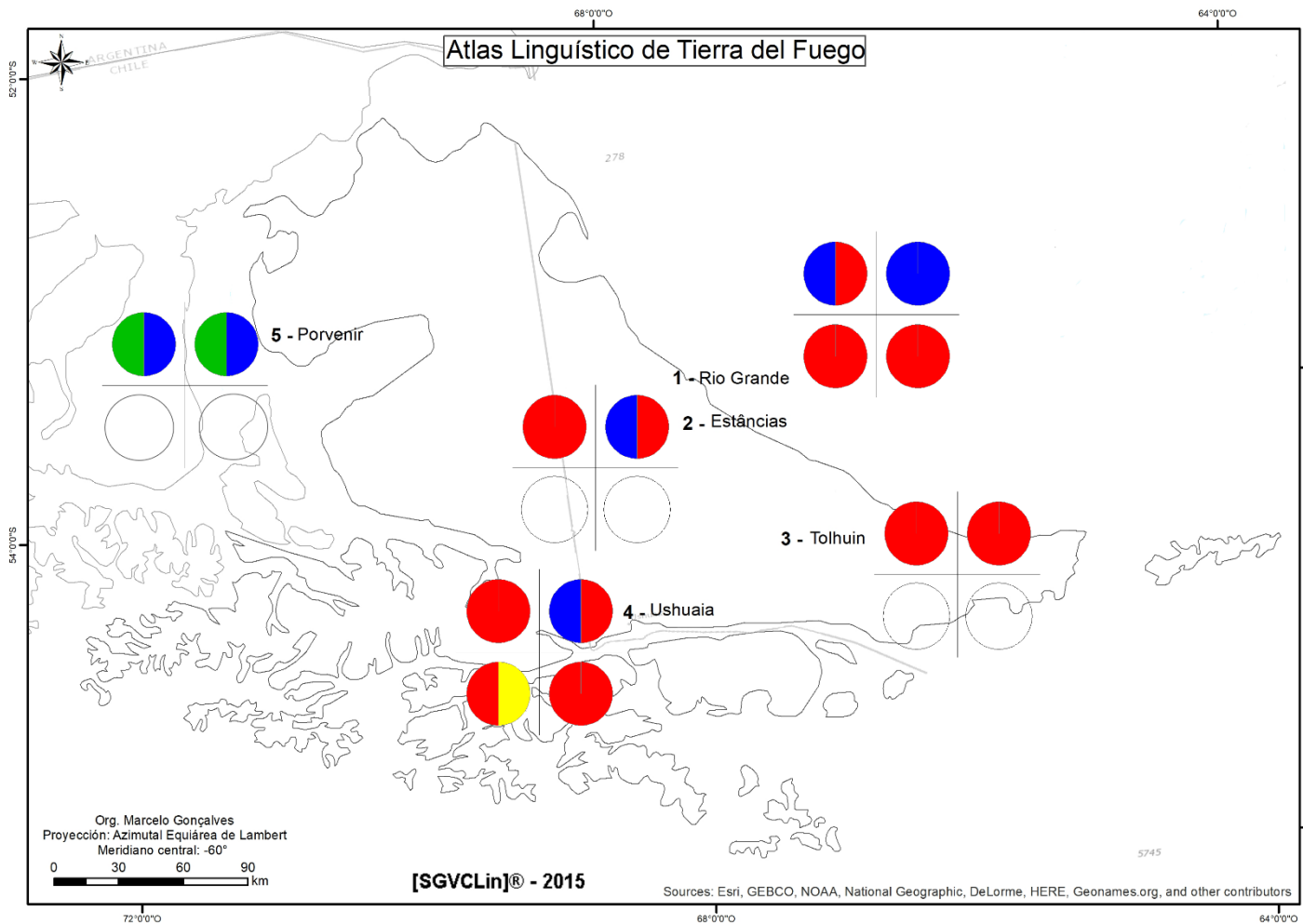
#### Transcrições fonéticas

#### Nível secundário

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa etária II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	[la'ðrijo]	[la'ðrijo]	[la'ðrizo]	[la'ðrizo]
2	[la'ðrizo]	[la'ðrijo]	[la'ðrijo]	[la'ðrijo]
3	[la'ðrijo]	[la:'ðrijo]	[la'ðrijo]	[la'ðrijo]
4	[la'ðrijo]	[la'ðrijo]	[la'ðrizo]	[la'ðrijo]
5	[la'ðrijo]	[la'ðrijo]	[la'ðrijo]	[la'ðrijo]

#### Nível superior

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa etária II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
1	[la'ðrijo]	[la'ðrijo]	[la'ðrijo]	[la'ðrijo]
4	[la'ðrijo]	[la'ðrijo]	[la'ðrijo]	[la'ðrijo]

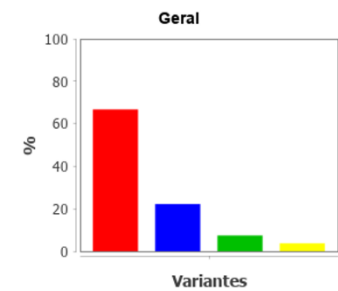


**CARTA F17- Yema-Fricativa pós-alveolar em contexto inicial**

**Legenda**

- [ɲ]
  - [ʃ]
  - [ʎ]
  - [ʝ]
- ① ②  
③ ④

- 1-mulheres-nível secundário
- 2-homens-nível secundário
- 3-mulheres-nível superior
- 4-homens-nível superior



## Carta fonética 17

### Pergunta do questionário linguístico: 64- Yema

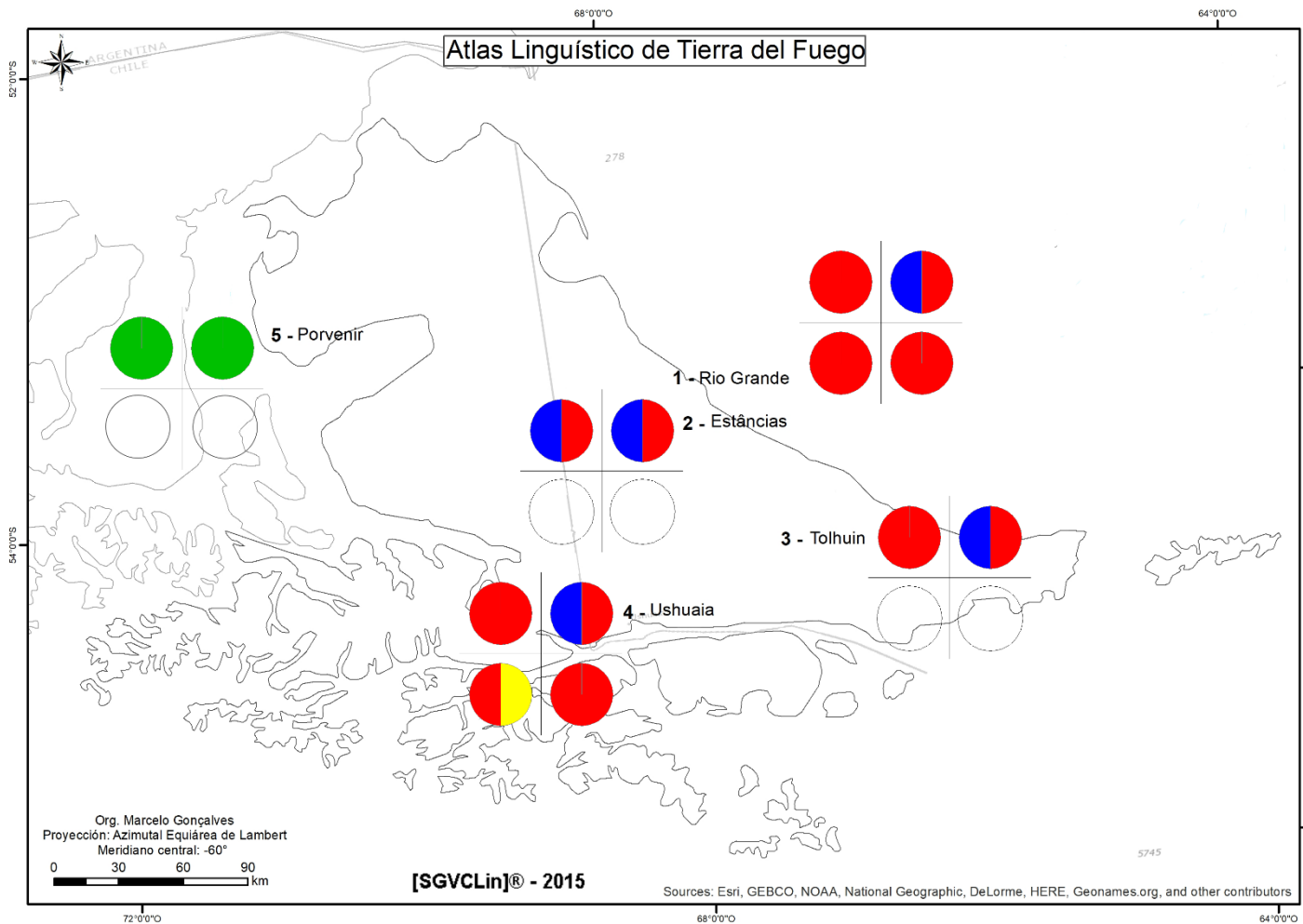
#### Transcrições fonéticas

#### Nível secundário

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa etária II	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	SR	[ˈjemas]	[ˈzema]	[ˈzema]
2	[ˈzema]	[ˈjema]	[ˈjema]	[ˈjema]
3	[ˈje:ma]	[ˈje:ma]	[ˈjema]	[ˈjema]
4	[ˈjema]	[ˈjema]	[ˈzema]	[ˈjema]
5	[ˈje:ma]	[ˈjema]	[ˈzema]	[ˈzema]

#### Nível superior

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa etária II	
	Inf. 5 (masculino)	Inf. 6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
1	[ˈjema]	[ˈj:ema]	[ˈjema]	[ˈje:ma]
4	[ˈjema]	[ˈjema]	[ˈjema]	[ˈjema]

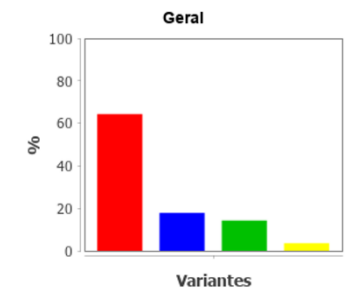


**CARTA F18- Llave-Fricativa pós-alveolar em contexto inicial**

**Legenda**

- [ʃ]
- [ʒ]
- [j]
- [ʝ]
- ① ②
- ③ ④

- 1-mulheres-nível secundário
- 2-homens-nível secundário
- 3-mulheres-nível superior
- 4-homens-nível superior



**Carta fonética 18.****Pergunta do questionário linguístico: 193- Llave**

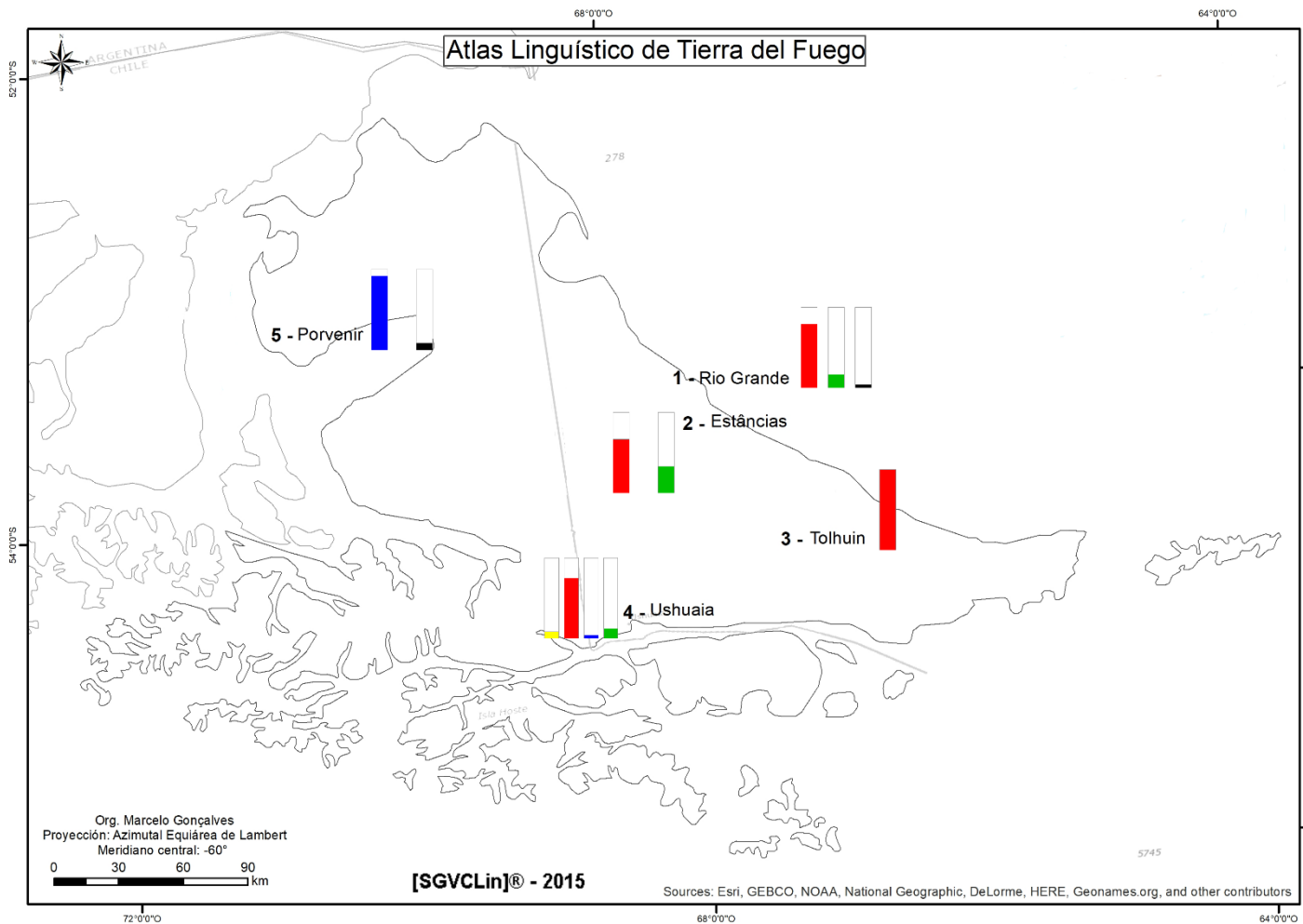
Transcrições fonéticas

## Nível secundário

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa etária I	
	Inf. 1 (masculino)	Inf. 2 (feminino)	Inf. 3 (masculino)	Inf. 4 (feminino)
1	[ˈjaβe]	[ˈjaβe]	[ˈzaβe]	[ˈjaβe]
2	[ˈzaβe]	[ˈjaβe]	[ˈjaβe]	[ˈzaβe]
3	[ˈjaβe]	[ˈjaβe]	[ˈzaβe]	[ˈjaβe]
4	[ˈjaβe]	[ˈjaβe]	[ˈjaβe]	[ˈjaβe]
5	[ˈjaβe]	[ˈjaβe]	[ˈjaβe]	[ˈjaβe]

## Nível superior

Pontos linguísticos	Faixa etária I		Faixa etária I	
	Inf. 5 (masculino)	Inf.6 (feminino)	Inf. 7 (masculino)	Inf. 8 (feminino)
1	[ˈjaβe]	[ˈja:βe]	[ˈjaβe]	[ˈjaβe]
4	[ˈjaβe]	[ˈjaβe]	[ˈjaβe]	[ˈjaβe]

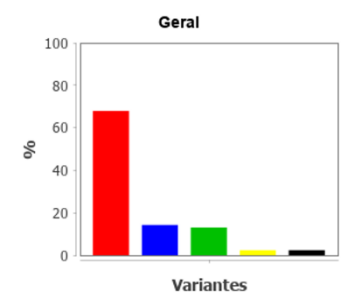


**CARTA F19- SINTÉTICA-  
 Fricativa pós-alveolar em  
 contexto medial**

callado  
 cosquillas  
 ladrillo

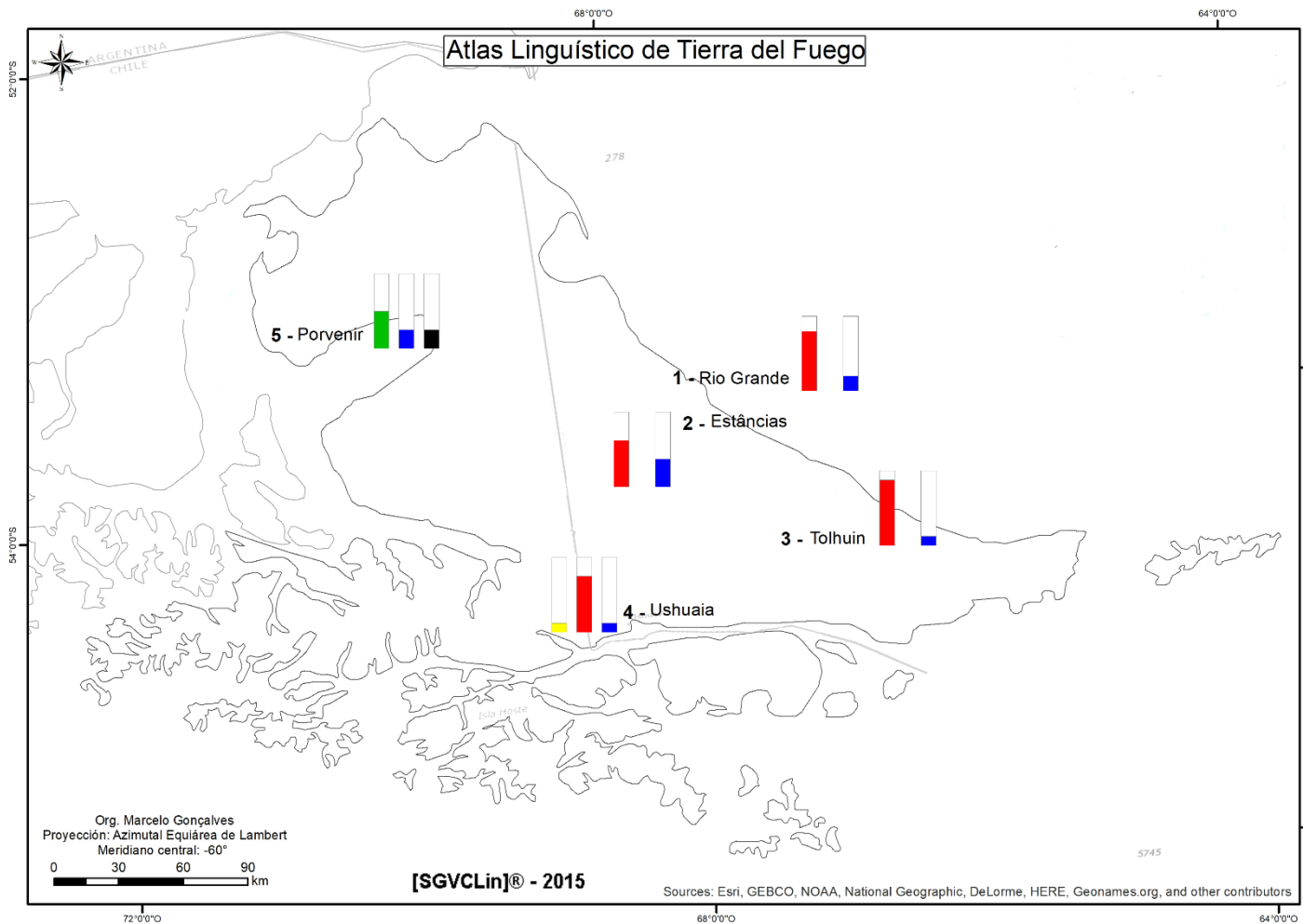
**Legenda**

- █ [ɲ]
- █ [ʎ]
- █ [ʒ]
- █ [ʝ]
- █ [j]



**Carta fonética 19- Sintética. Contexto medial**

**Perguntas do questionário linguístico: 42- callado; 70-cosquillas; 191-ladrillo.**

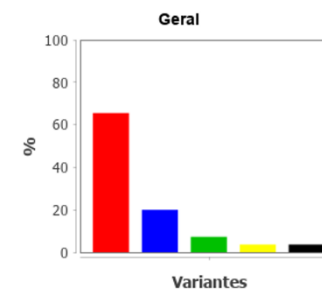


### CARTA F20- SINTÉTICA- Fricativa pós-alveolar em contexto inicial

llave  
yema

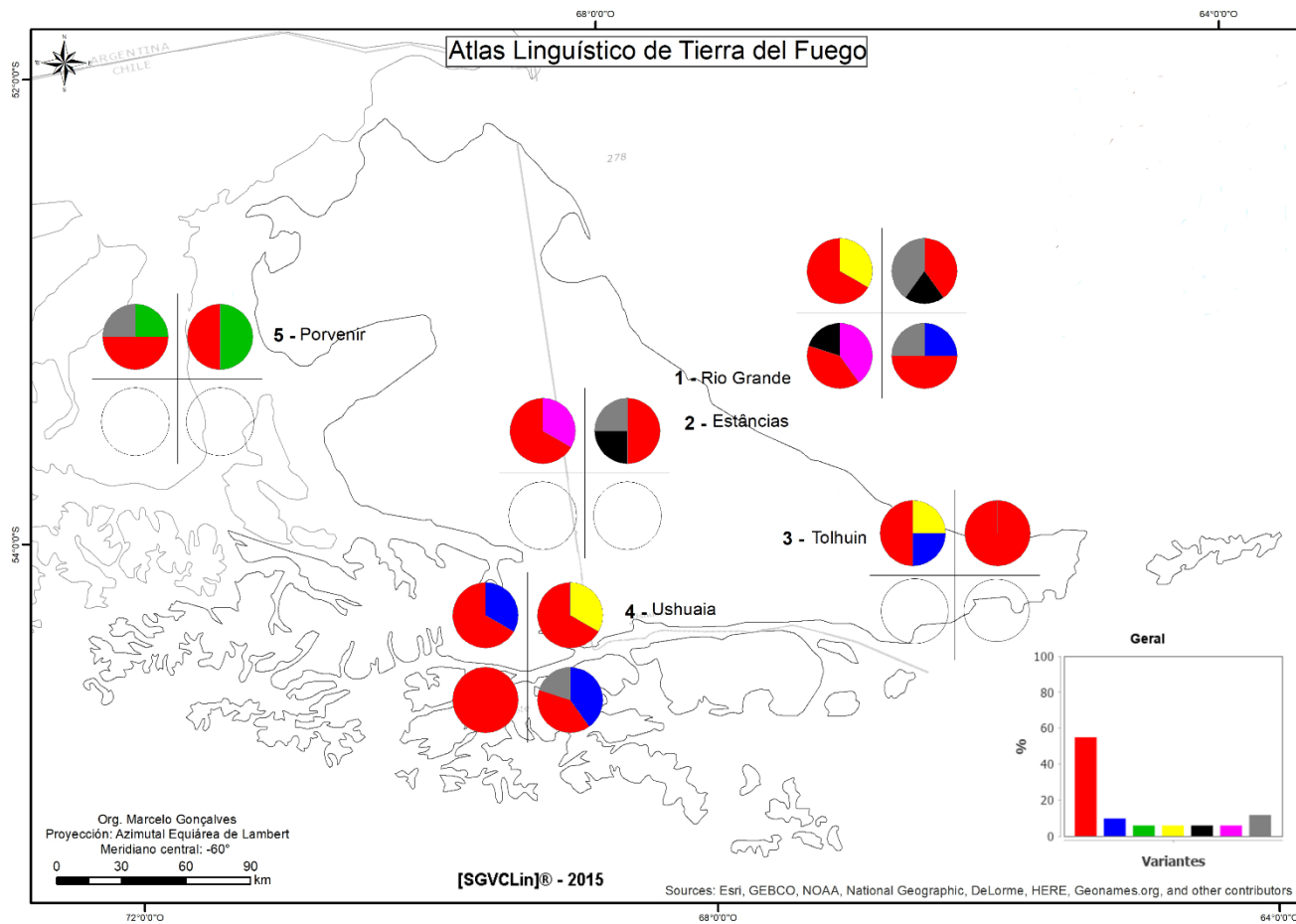
#### Legenda

- [ʃ]
- [ʒ]
- [ʝ]
- [ʧ]
- [ʤ]



**Carta fonética 20- Sintética. Contexto inicial**  
**Perguntas do questionário linguístico: 64- yema; 193-Ilave.**

## 5 CARTAS LEXICAIS



### CARTA L01

1- ¿Cómo se llama esta parte del cuerpo? (señalar)

#### Legenda

- cabeza
- bocho
- mate
- capocha
- marote
- coco
- Outros

- ① ②
- ③ ④

- 1- mulheres-nível secundário
- 2- homens-nível secundário
- 3- mulheres-nível superior
- 4- homens-nível superior

## Carta Lexical 01- Todas as variantes

**Pergunta do questionário: 001- ¿Cómo se llama esta parte del cuerpo? (señalar)**

**Observações:** As variantes que obtiveram ocorrências únicas ou baixas ocorrências foram registradas dentro de “outros”.

**Ocorrências únicas:** *casco* (Porvenir), *testa* (Río Grande), *guampas* (Río Grande), *zapallo* (Ushuaia), *sesera* (Río Grande), *pensadora* (Estâncias).

## Comentários

INF: Cabeza. forma graciosa... no que yo conozca...marote a veces... como que vos estás del marote... como decir estás loco. Vos estás del marote. O coco también, te patina el coco (RG 06).

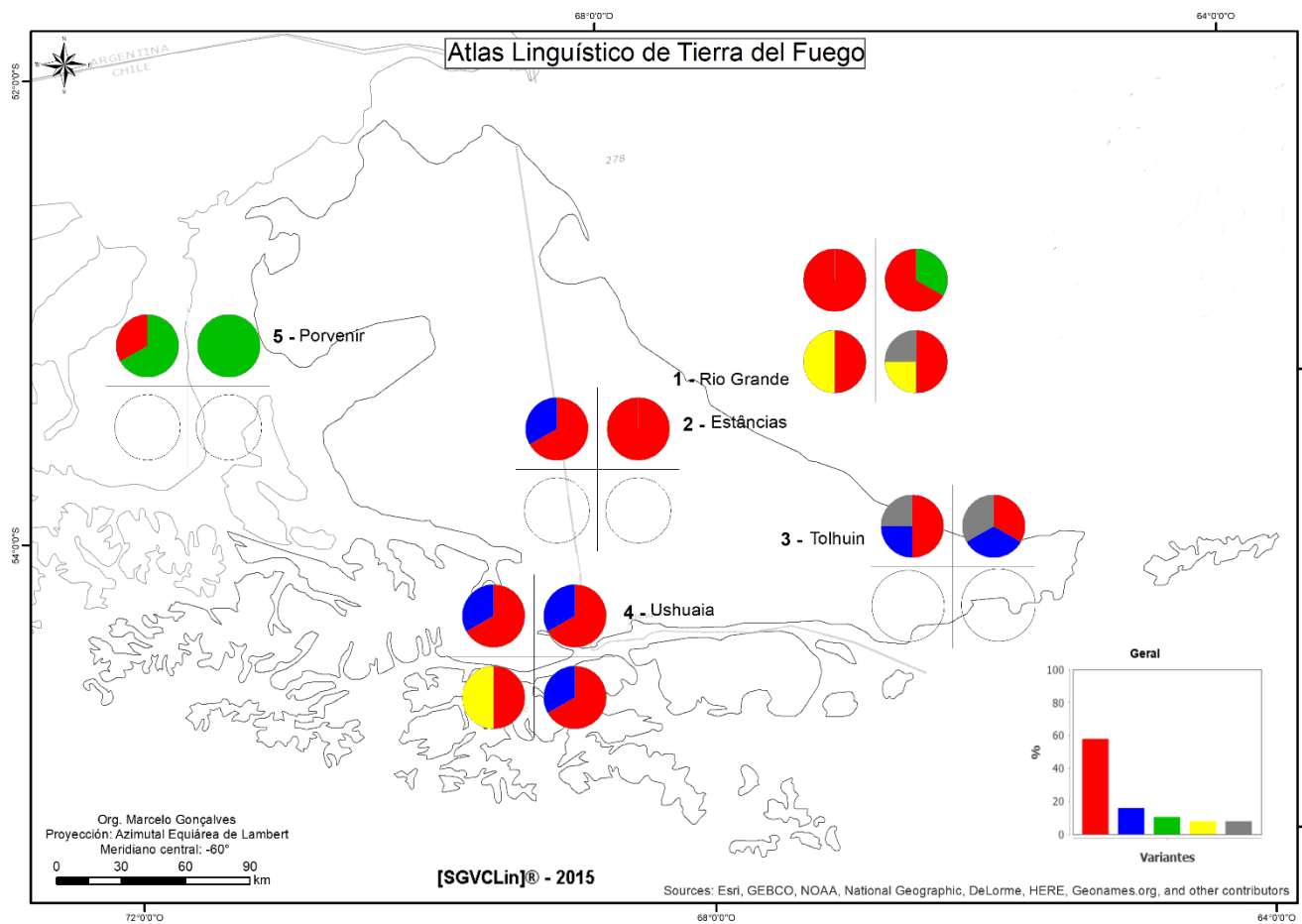
INF: La pensadora, el cerebro.

INQ: ¿La pensadora?

INF: Sí, así le dicen algunos, algunos paisanos... El marote.

INQ: ¿Y si tuvieras que usar alguna de esas dos?

INF: No... cualquiera, marote capaz. Marolio le decimos como cuadro nosotros (E 01).



**CARTA L02**

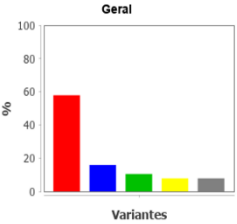
20-¿Cómo se llama a la persona que tiene los ojos así? (imagen)

**Legenda**

- bizzo
- bizcocho
- túrneo
- estrábico
- Outros

- ① ②
- ③ ④

- 1-mulheres-nível secundário
- 2-homens-nível secundário
- 3-mulheres-nível superior
- 4-homens-nível superior



## **Carta Lexical 02- Todas as variantes**

**Pregunta do questionário: 020- ¿Cómo se llama a la persona que tiene los ojos así? (imagen)**

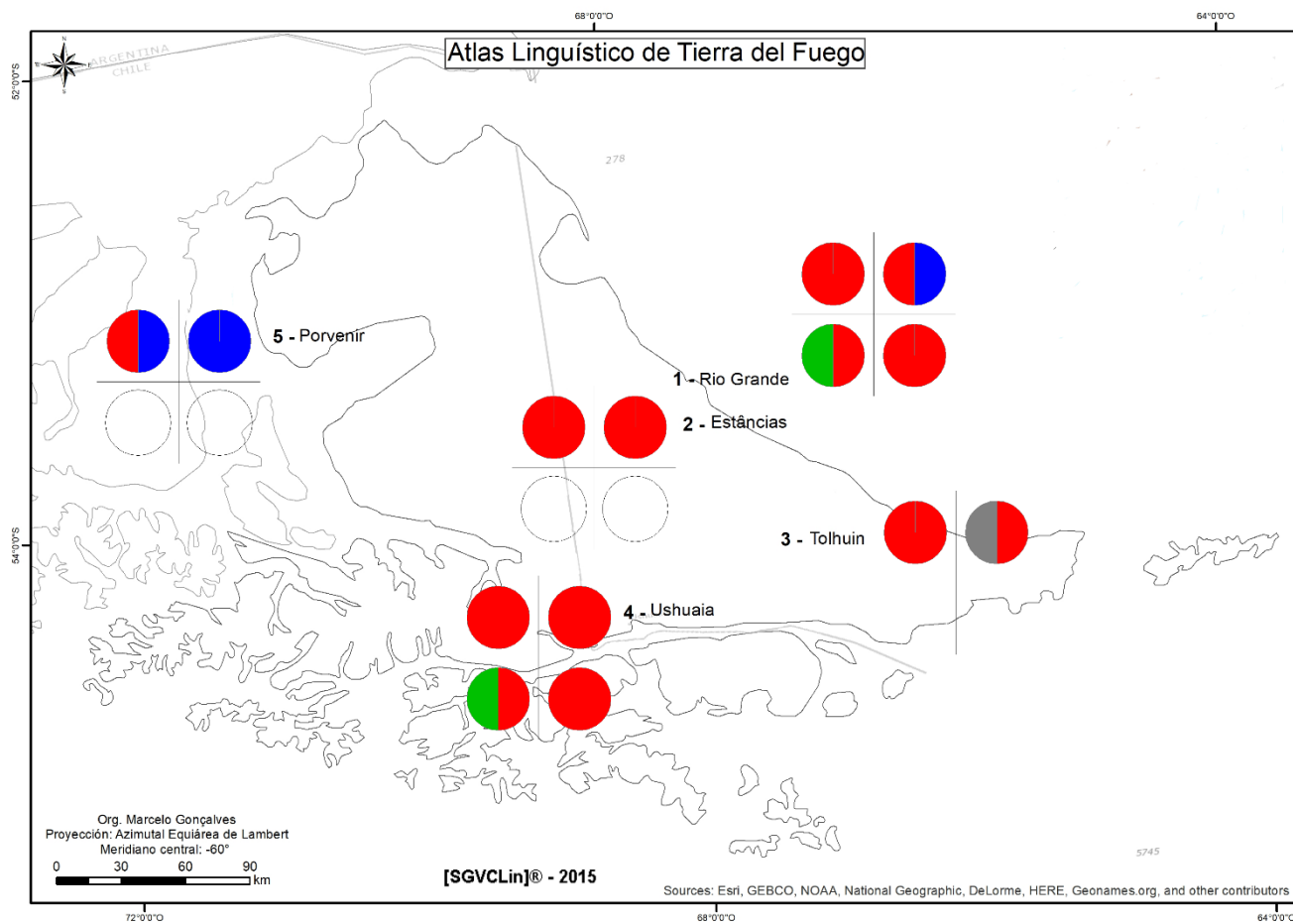
**Observações:** As variantes que obtiveram ocorrências únicas ou baixas ocorrências foram registradas dentro de “outros”.

**Ocorrências únicas:** *ojito vago* (Río Grande), *tiene los ojos cruzados* (Tolhuin), *tuerto* (Tolhuin)

### **Comentários**

INF: Lamentablemente bizco, para mí es un prejuicio, pero no lo digo, no lo uso (USH 08).

INF: De niña le diría bizco, pero hoy le diría estrábico (RG 08).



**CARTA L03**

20-¿Cómo se llama a la persona que tiene los ojos así? (imagen)

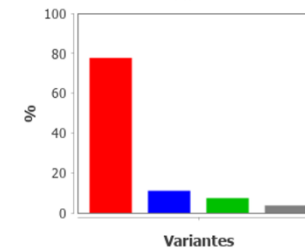
**Legenda**

- bizco
- túrneo
- estrábico
- Outros

- ① ②
- ③ ④

- 1-mulheres-nível secundário
- 2-homens-nível secundário
- 3-mulheres-nível superior
- 4-homens-nível superior

**Geral**

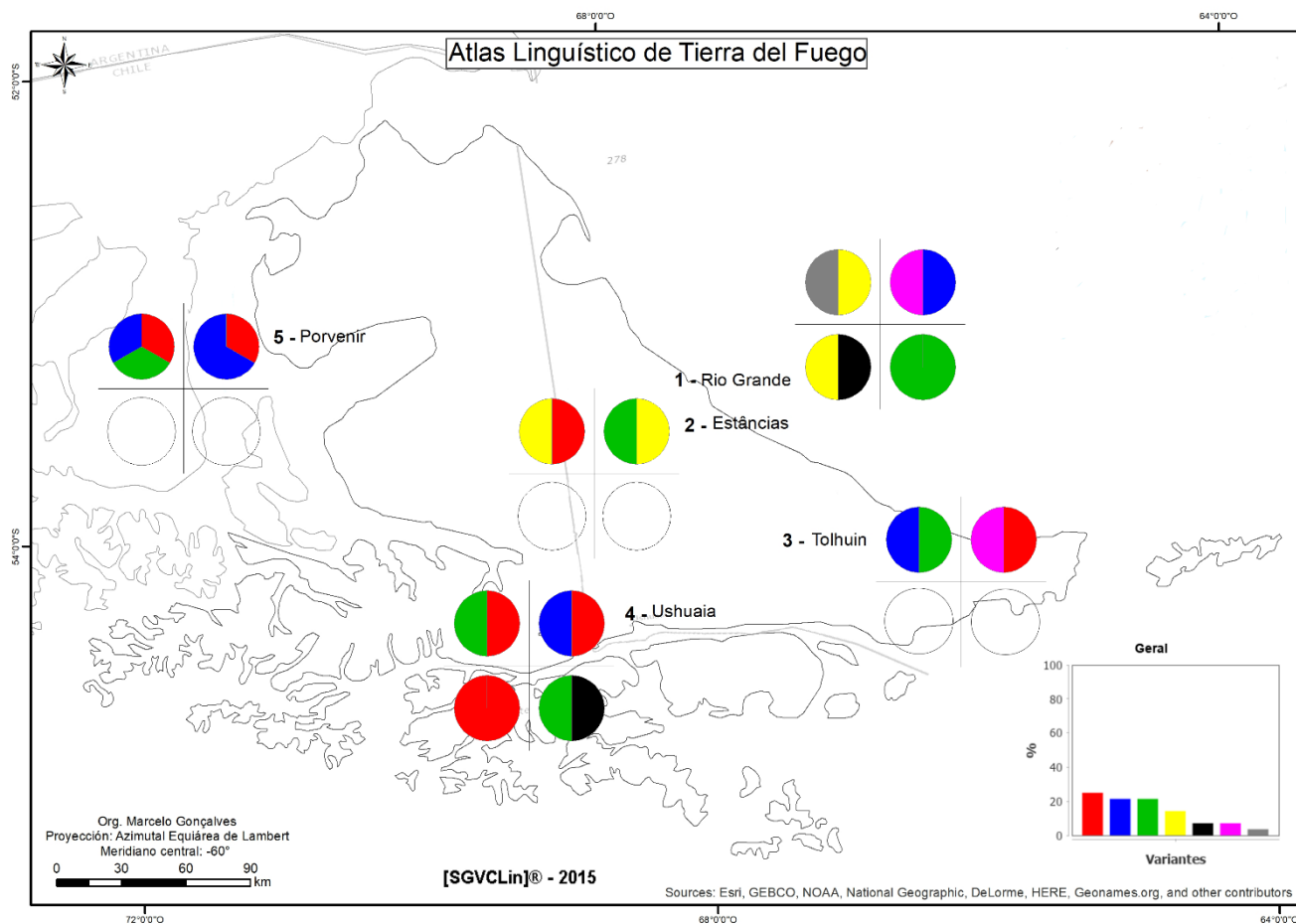


**Carta Lexical 03- Com a primeira resposta fornecida por cada informante**

**Pergunta do questionário: 020- ¿Cómo se llama a la persona que tiene los ojos así? (imagen)**

**Observações:** As variantes que obtiveram ocorrências únicas ou baixas ocorrências foram registradas dentro de “outros”.

**Ocorrências únicas:** *tiene los ojos cruzados* (Tolhuin)



**CARTA L04**

32- ¿Qué nombre recibe una persona a la que le falta algún diente?

**Legenda**

- sin dientes
- desmuelado
- sindi
- desdentado
- le falta el comedor
- ventanita
- Outros

- ① ②
- ③ ④

- 1-mulheres-nível secundário
- 2-homens-nível secundário
- 3-mulheres-nível superior
- 4-homens-nível superior

#### **Carta Lexical 04- Todas as variantes**

**Pergunta do questionário: 032 ¿Qué nombre recibe una persona a la que le falta algún diente?**

**Observações:** As variantes que obtiveram ocorrências únicas ou baixas ocorrências foram registradas dentro de “outros”. Três informantes não souberam responder RG 07, USH 04, USH 06.

**Ocorrências únicas:** *viejo sin dientes* (Río Grande), *chimuelo* (Río Grande).

#### **Comentários**

INQ: Si le falta un diente o dos ¿le dicen chimuelo?

INF: No, si le falta un diente o dos, ventanita

INQ: ¿Y chimuelo cuándo es?

INF: Cuando no tiene dientes (RG 01).

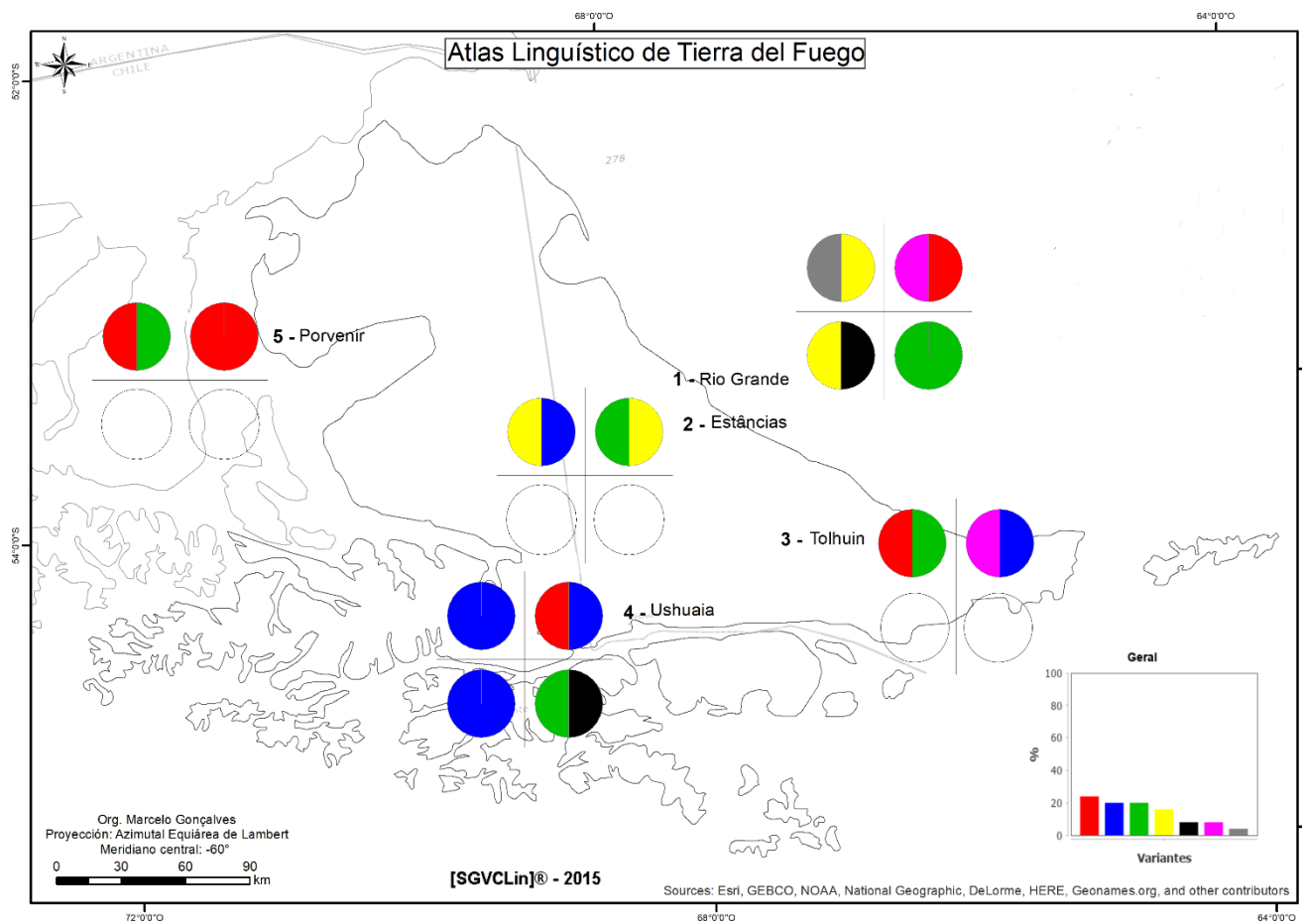
INF: Si le faltan muchos (decimos) “no tiene el comedor completo”. Siempre es una expresión y es muy común decir así (RG 06).

INF: Depende cómo sea... si le falta de adelante: le falta la carretilla de adelante (PR 01).

INF: Por lo general acá le dicen desmuelao... es algo chileno. Sin diente.

INQ: Han escuchado sindi?

INF: Claro.. acá desmuelao (PR 03).



**CARTA L05**

32- ¿Qué nombre recibe una persona a la que le falta algún diente?

**Legenda**

- desmuelado
- sin dientes
- sindi
- desdentado
- le falta el comedor
- ventanita
- Outros

- ① ②
- ③ ④

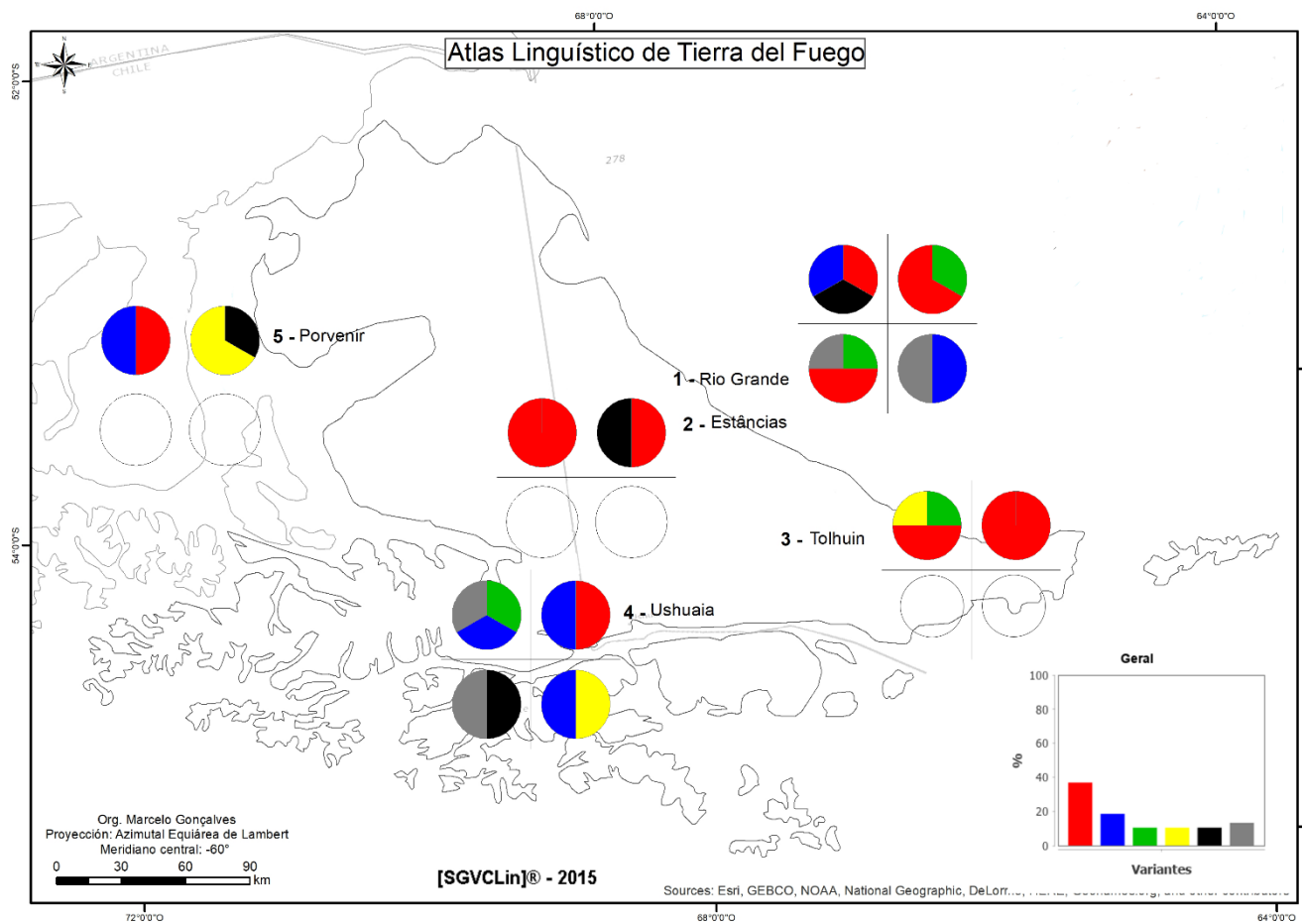
- 1-mulheres-nível secundário
- 2-homens-nível secundário
- 3-mulheres-nível superior
- 4-homens-nível superior

**Carta Lexical 05- Com a primeira resposta fornecida por cada informante**

**Pergunta do questionário: 032 ¿Qué nombre recibe una persona a la que le falta algún diente?**

**Observações:** As variantes que obtiveram ocorrências únicas ou baixas ocorrências foram registradas dentro de “outros”.

**Ocorrências únicas:** *viejito sin dientes* (Río Grande)



**CARTA L06**

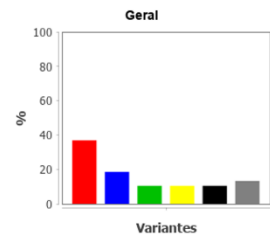
33- ¿Qué nombre recibe una persona que tiene los dientes grandes?

**Legenda**

- dientudo
- dientón
- conejo
- castor
- paletas
- Outros

- ① ②
- ③ ④

- 1-mulheres-nível secundário
- 2-homens-nível secundário
- 3-mulheres-nível superior
- 4-homens-nível superior



### **Carta Lexical 06- Todas as variantes**

**Pergunta do questionário: 033 ¿Qué nombre recibe una persona que tiene los dientes grandes?**

**Observações:** As variantes que obtiveram ocorrências únicas ou baixas ocorrências foram registradas dentro de “outros”. Duas informantes não souberam responder USH 04, USH 06.

**Ocorrências únicas:** *Bugs Bunny* (Ushuaia), *dientes de conejo* (Río Grande), *muela* (Río Grande), *dientator* (Río Grande), *dientes grandes* (Ushuaia)

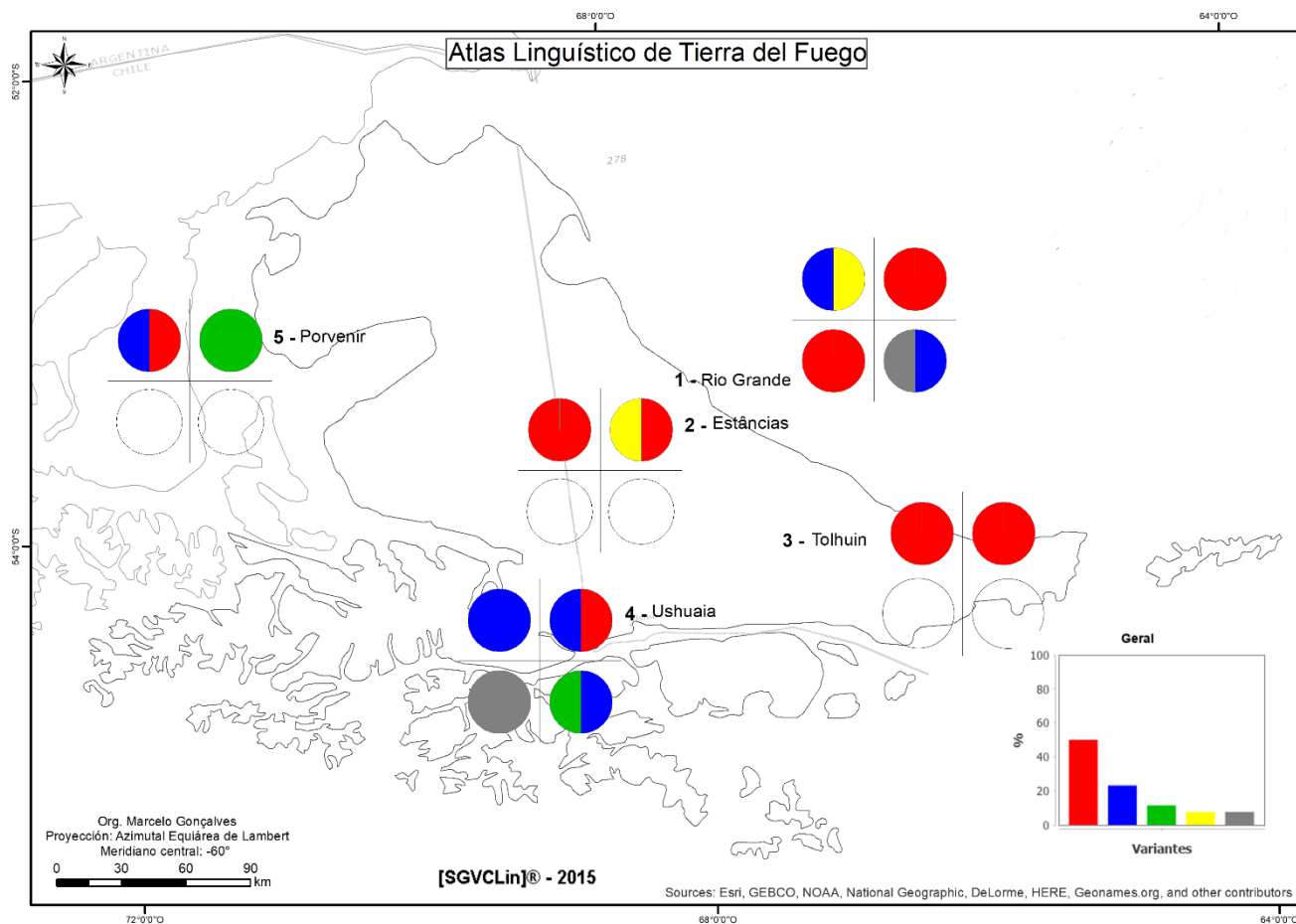
### **Comentários**

INF: Conejo, para los dientes de adelante (RG 03).

INQ: ¿Y escuchaste esa palabra (muela) en otras personas?

INF: Sí, mi abuelo la usaba (RG 05).

INF: No me gustan los prejuicios, pero se le dirá dientes grandes o paletas (USH 08).



**CARTA L07**

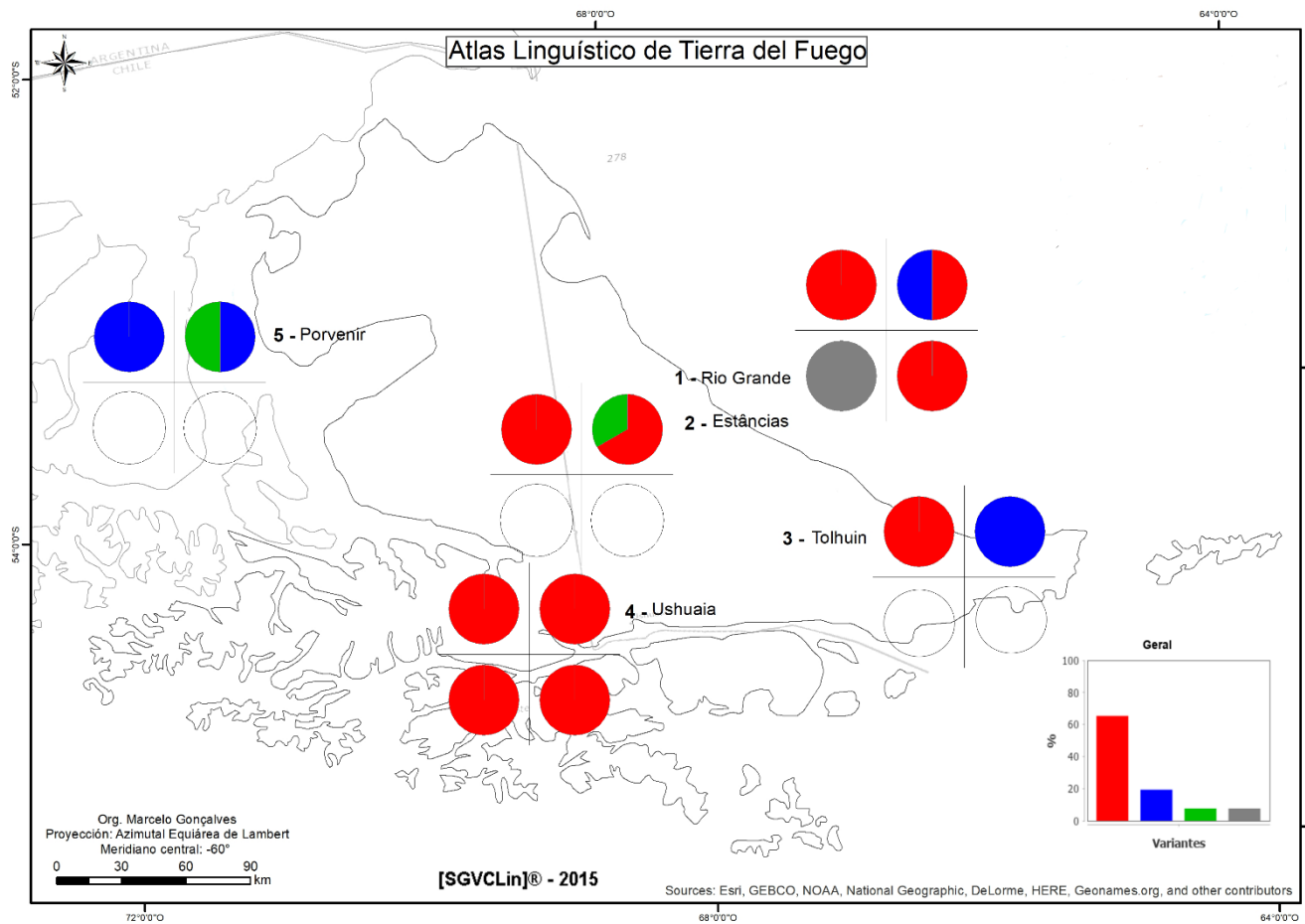
33- ¿Qué nombre recibe una persona que tiene los dientes grandes?

**Carta Lexical 07- Com a primeira resposta fornecida por cada informante**

**Pergunta do questionário: 033 ¿Qué nombre recibe una persona que tiene los dientes grandes?**

**Observações:** As variantes que obtiveram ocorrências únicas ou baixas ocorrências foram registradas dentro de “outros”.

**Ocorrências únicas:** *muela* (Río Grande), *dientes grandes* (Ushuaia)



**CARTA L08**

51- ¿Qué nombre recibe lo que les crece acá a los hombres? (señalar)

### **Carta Lexical 08- Todas as variantes**

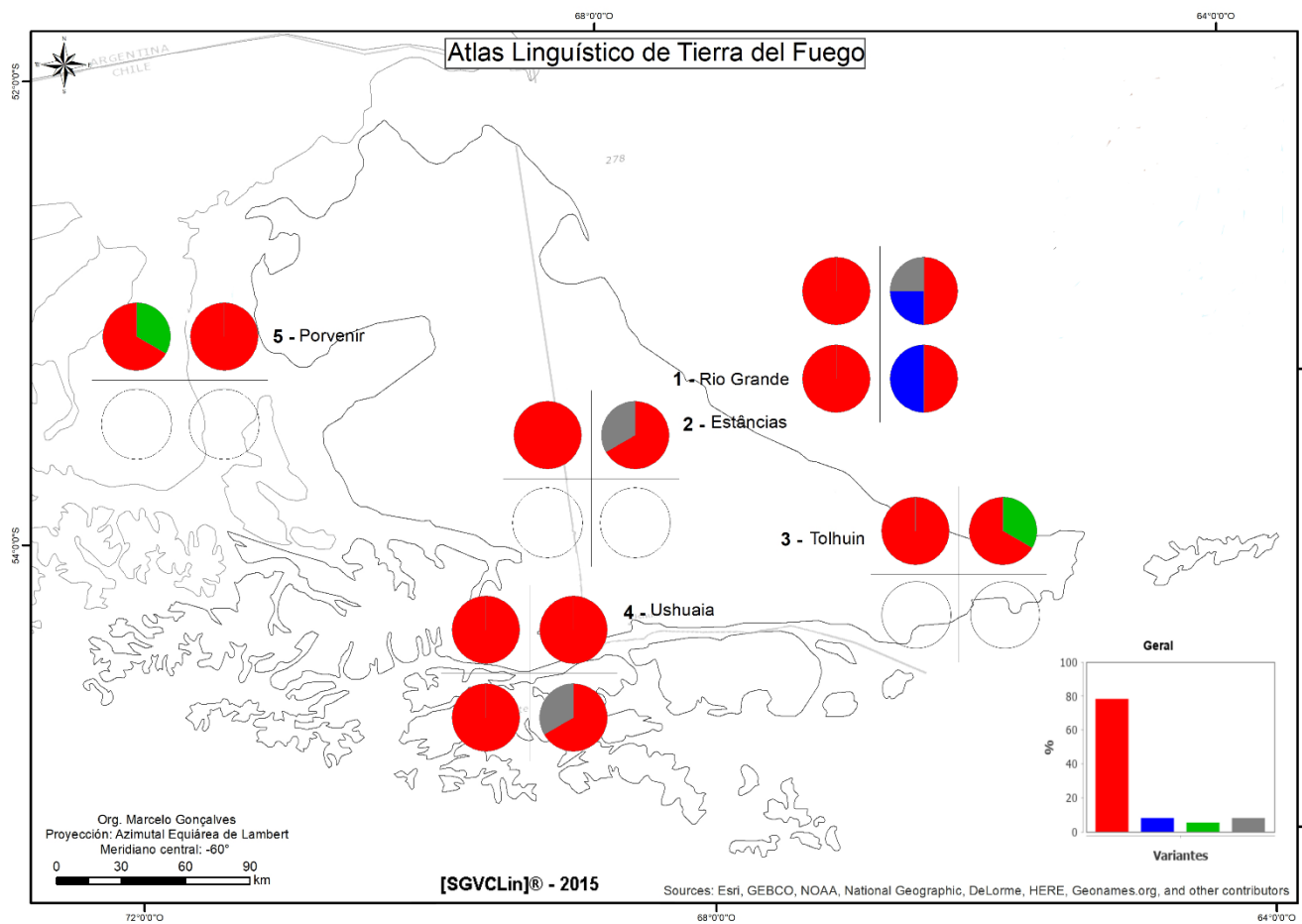
**Pergunta do questionário: 051 ¿Qué nombre recibe lo que les crece acá a los hombres? (señalar)**

**Observações:** As variantes que obtiveram ocorrências únicas ou baixas ocorrências foram registradas dentro de “outros”. Três informantes não souberam responder TOL 04, TOL 04, USH 04.

**Ocorrências únicas:** *campanita* (Río Grande), *huesito* (Río Grande).

### **Comentários**

INF: Campanita. O también escuché nuez, pero yo le digo campana (RG 06).



**CARTA L09**

67- ¿Qué nombre recibe esta acción? (imagen)

**Legenda**

- cachetada/ cachetazo
- bofetada
- palmazo
- Outros

- ① ②
- ③ ④

- 1-mulheres-nível secundário
- 2-homens-nível secundário
- 3-mulheres-nível superior
- 4-homens-nível superior

### **Carta Lexical 09- Todas as variantes**

**Pergunta do questionário: 067 ¿Qué nombre recibe esta acción? (imagen)**

**Observações:** As variantes que obtiveram ocorrências únicas ou baixas ocorrências foram registradas dentro de “outros”.

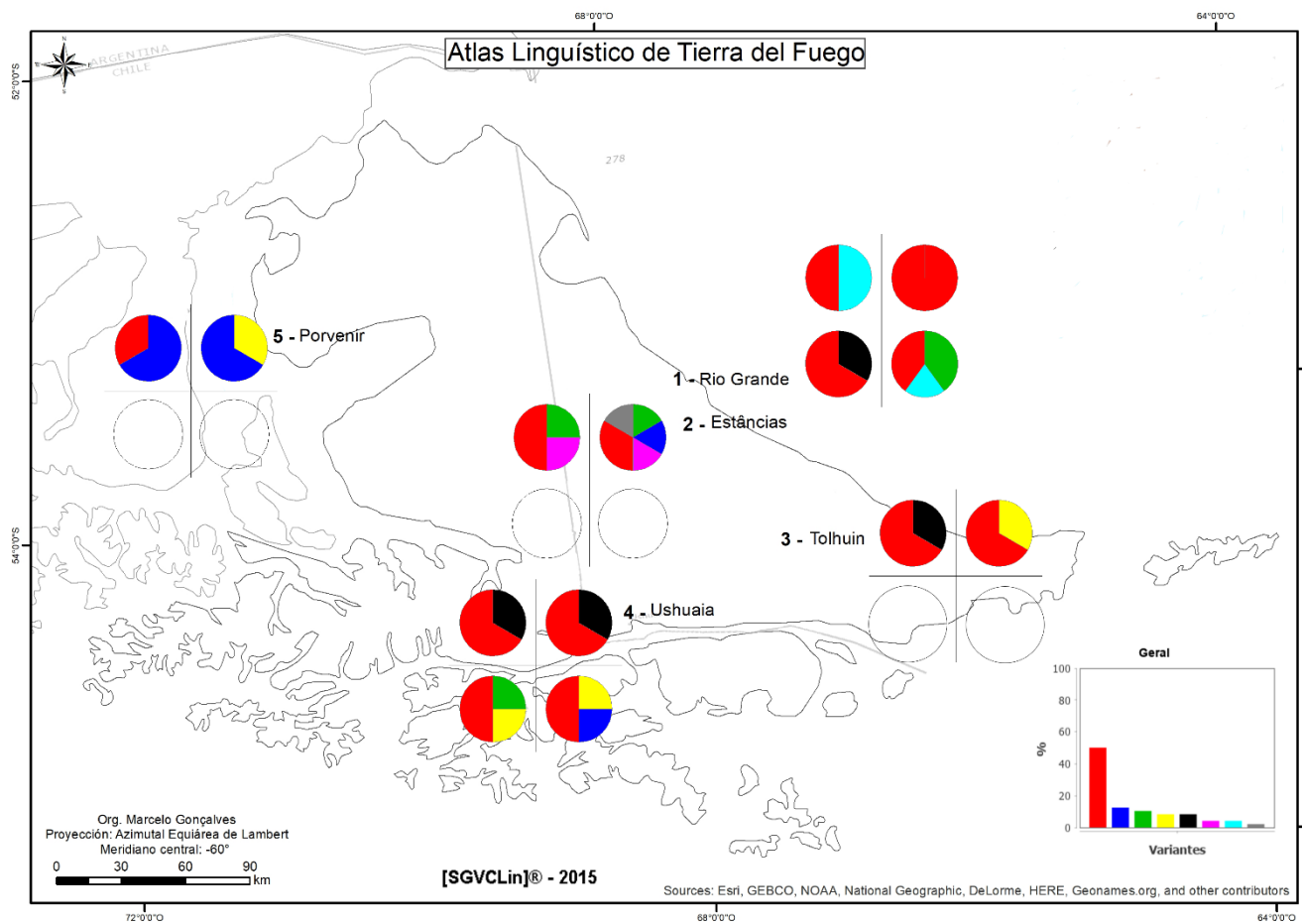
**Ocorrências únicas:** *combo* (Ushuaia), *bife* (Río Grande), *sopapo* (Estâncias)

### **Comentários**

INF: Dar un palmazo, una cachetada.

INQ: ¿Cuál usás vos?

INF: Depende cómo venga, porque si estás jugando con alguien le decís te voy a dar un palmazo, y si no estás jugando le pegás una cachetada (TOL 03).



**CARTA L10**

71- ¿Esta parte del cuerpo cómo se llama? (señalar)

**Legenda**

- panza
- guata
- barriga
- estómago
- buzarda
- abdomen
- zapán
- Outros

- ① ②
- ③ ④

- 1-mulheres-nível secundário
- 2-homens-nível secundário
- 3-mulheres-nível superior
- 4-homens-nível superior

## Carta Lexical 10- Todas as variantes

Pregunta do questionário: 71 ¿Esta parte del cuerpo cómo se llama? (señalar)

**Observações:** As variantes que obtiveram ocorrências únicas ou baixas ocorrências foram registradas dentro de “outros”.

**Ocorrências únicas:** *ravioles* (Estâncias).

### Comentários

INF: Panza. Los chilenos le dicen guata.

INQ: ¿Vos usás esa palabra?

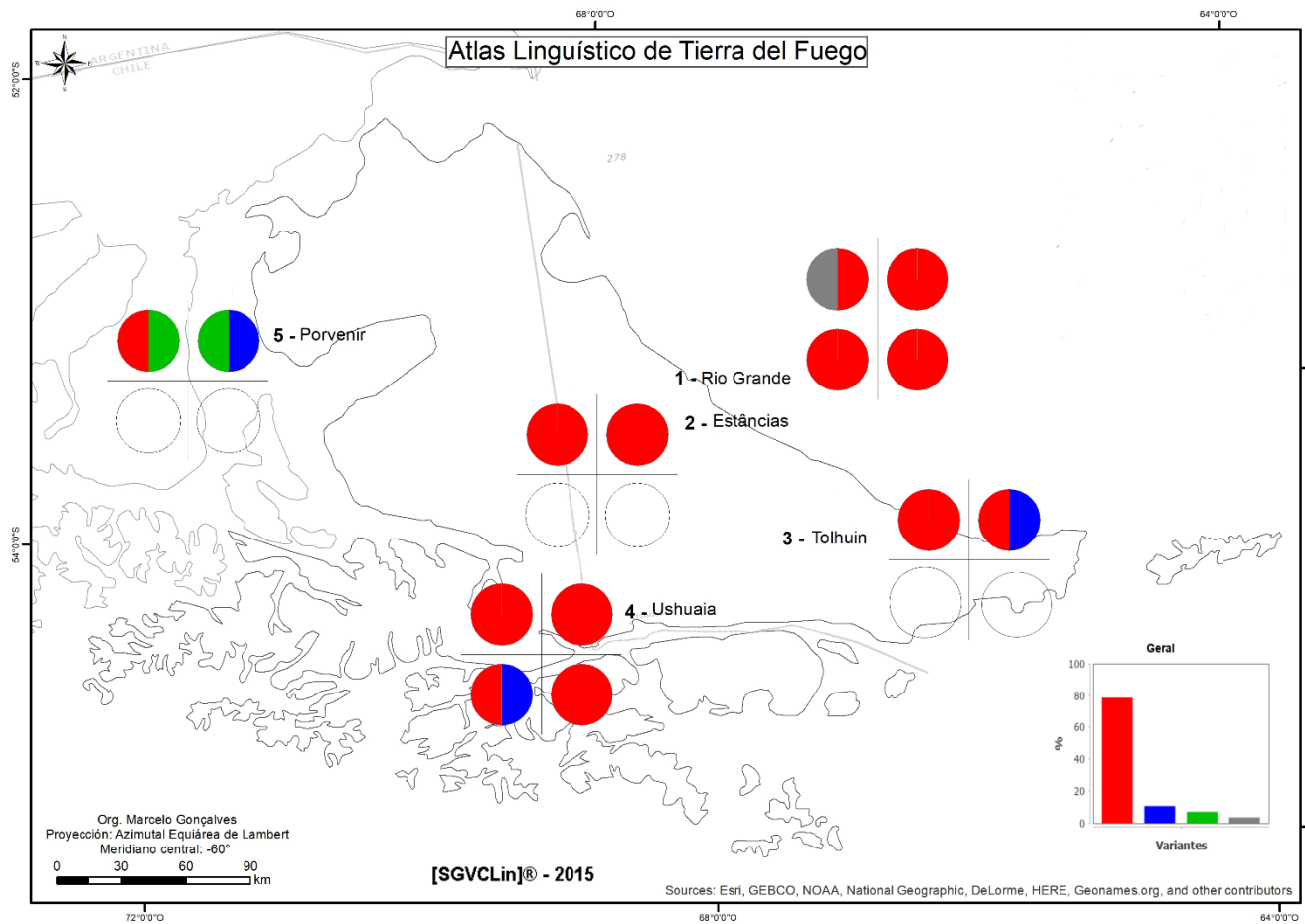
INF: No, no (TOL 01).

INQ: ¿Y guata?

INF: No, guata suelen decir los chilenos.

INQ: ¿Y vos decís mondongo?

INF: No, mondongo le digo a lo que le saco a los animales (TOL 03).



### CARTA L11

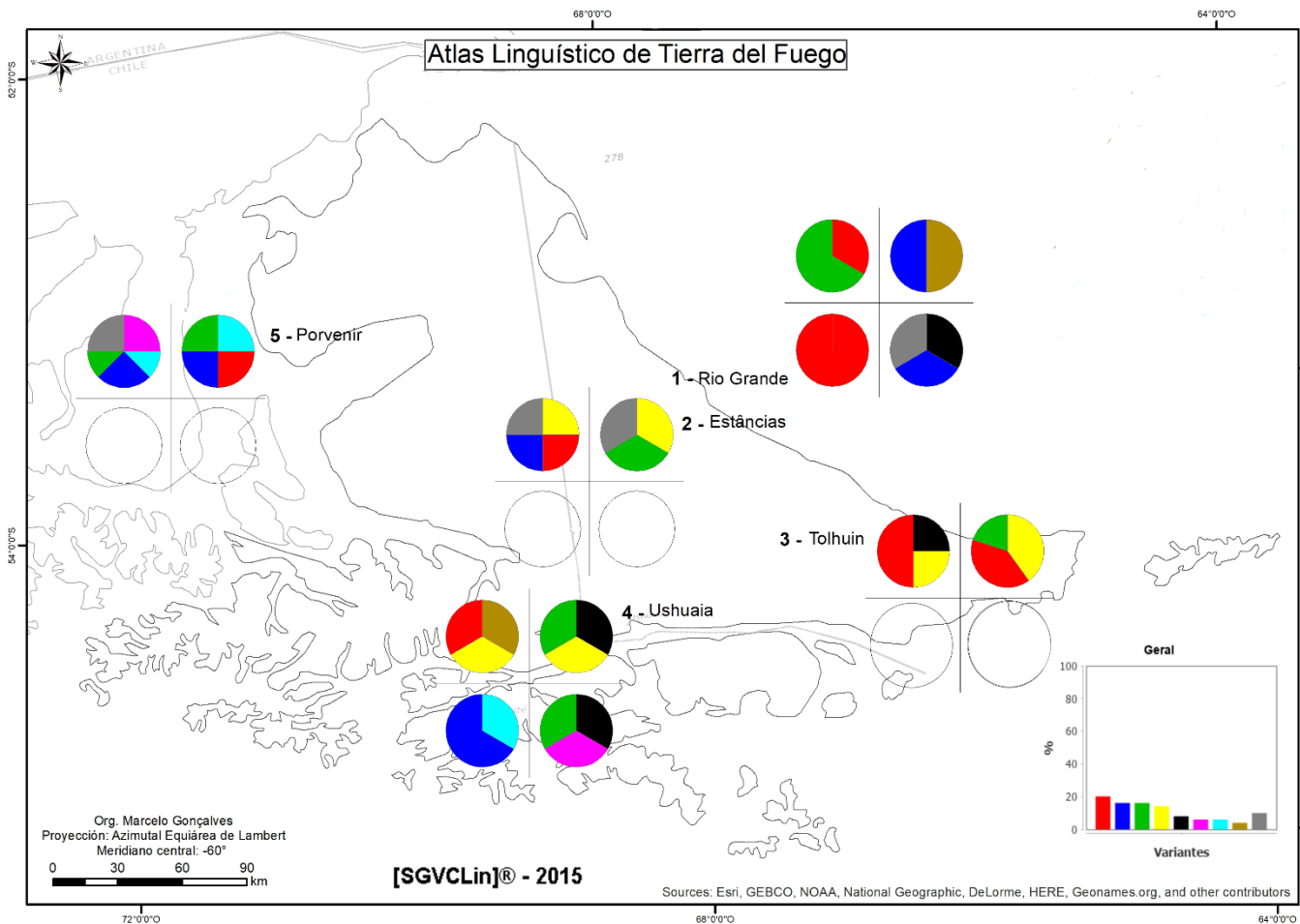
71- ¿Esta parte del cuerpo cómo se llama? (señalar)

**Carta Lexical 11- Com a primeira resposta fornecida por cada informante**

**Pergunta do questionário: 071 ¿Esta parte del cuerpo cómo se llama? (señalar)**

**Observações:** As variantes que obtiveram ocorrências únicas ou baixas ocorrências foram registradas dentro de “outros”.

**Ocorrências únicas:** *Zapán* (Río Grande)



**CARTA L12**

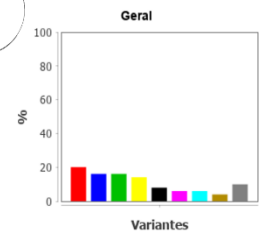
145- ¿Cómo llama a los niños menores de ocho años?

**Legenda**

- *chicos*
- *niños*
- *pendejitos/ pendejos*
- *nenes*
- *pibes/ pibitos*
- *cabros/ cabros chicos*
- *pequeños*
- *guachines*
- *Outros*

- ① ②
- ③ ④

- 1-mulheres-nível secundário
- 2-homens-nível secundário
- 3-mulheres-nível superior
- 4-homens-nível superior



### **Carta Lexical 12- Todas as variantes**

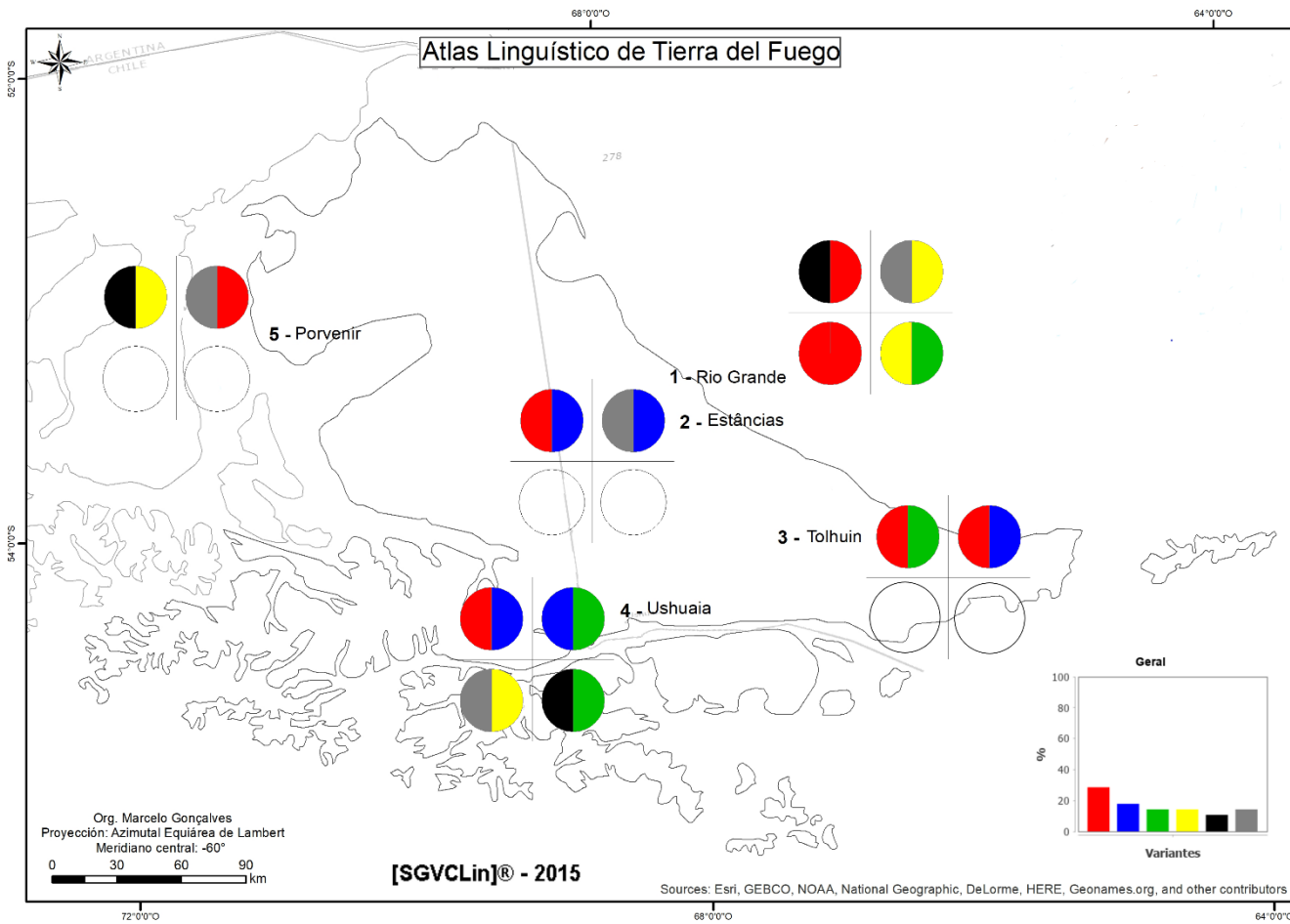
**Pergunta do questionário: 145 ¿Cómo llama a los niños menores de ocho años?**

**Observações:** As variantes que obtiveram ocorrências únicas ou baixas ocorrências foram registradas dentro de “outros”.

**Ocorrências únicas:** *cabros* (Porvenir), *mocoso* (Porvenir), *infantes* (Río Grande), *chiquitines* (Estâncias)  
*chiquillos* (Porvenir), *muchachitos* (Estâncias).

### **Comentários**

INF: Chicos... pero hay tanta mezcla del norte que por ahí yo escucho de mis compañeras y les dicen niño... eh, china, chango, gurises... pero propio de acá es chicos, pero lo que tiene acá es que se mezcla mucho (RG 01).



**CARTA L13**

145- ¿Cómo llama a los niños menores de ocho años?

**Legenda**

- *chicos*
- *nenes*
- *pibes/ pibitos*
- *niños*
- *pendejitos/ pendejos*
- *Outros*

- ① ②  
③ ④

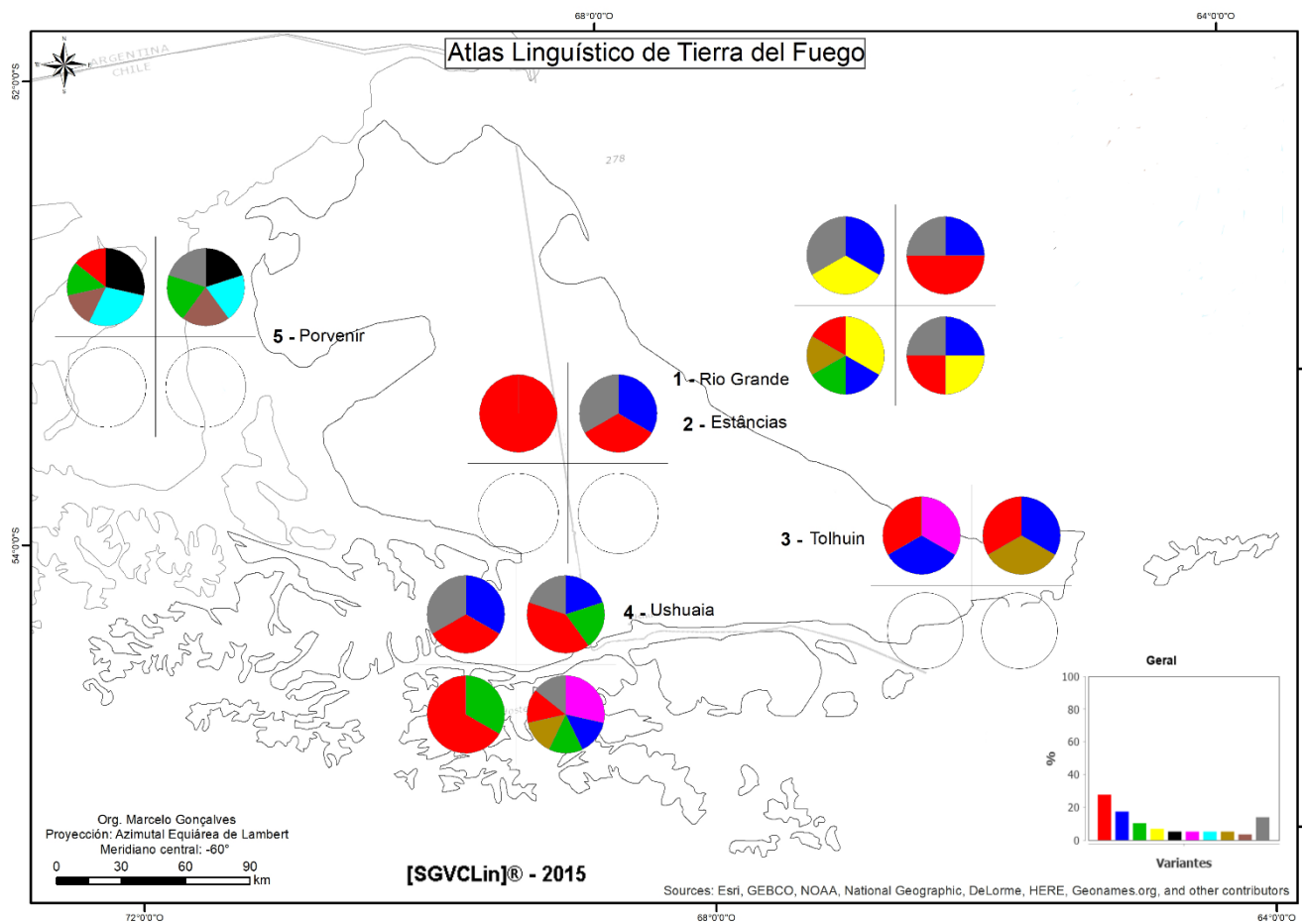
- 1-mulheres-nível secundário  
2-homens-nível secundário  
3-mulheres-nível superior  
4-homens-nível superior

**Carta Lexical 13- Com a primeira resposta fornecida por cada informante**

**Pergunta do questionário: 145 ¿Cómo llama a los niños menores de ocho años?**

**Observações:** As variantes que obtiveram ocorrências únicas ou baixas ocorrências foram registradas dentro de “outros”.

**Ocorrências únicas:** *pequeñitos* (Porvenir), *muchachitos* (Estancias), *pequeños* (Ushuaia), *guachines* (Río Grande).



### CARTA L14

147- ¿Cómo se llama a la persona a la que no le gusta gastar plata?

#### Legenda

- tacaño
- rata
- amarrete
- codo
- cagado/ cagón
- agarrado
- apretado
- tiene un cocodrilo en el bolsillo
- mano de guagua
- Outros

- ① ②
- ③ ④

- 1-mulheres-nível secundário
- 2-homens-nível secundário
- 3-mulheres-nível superior
- 4-homens-nível superior

### **Carta Lexical 14- Todas as variantes**

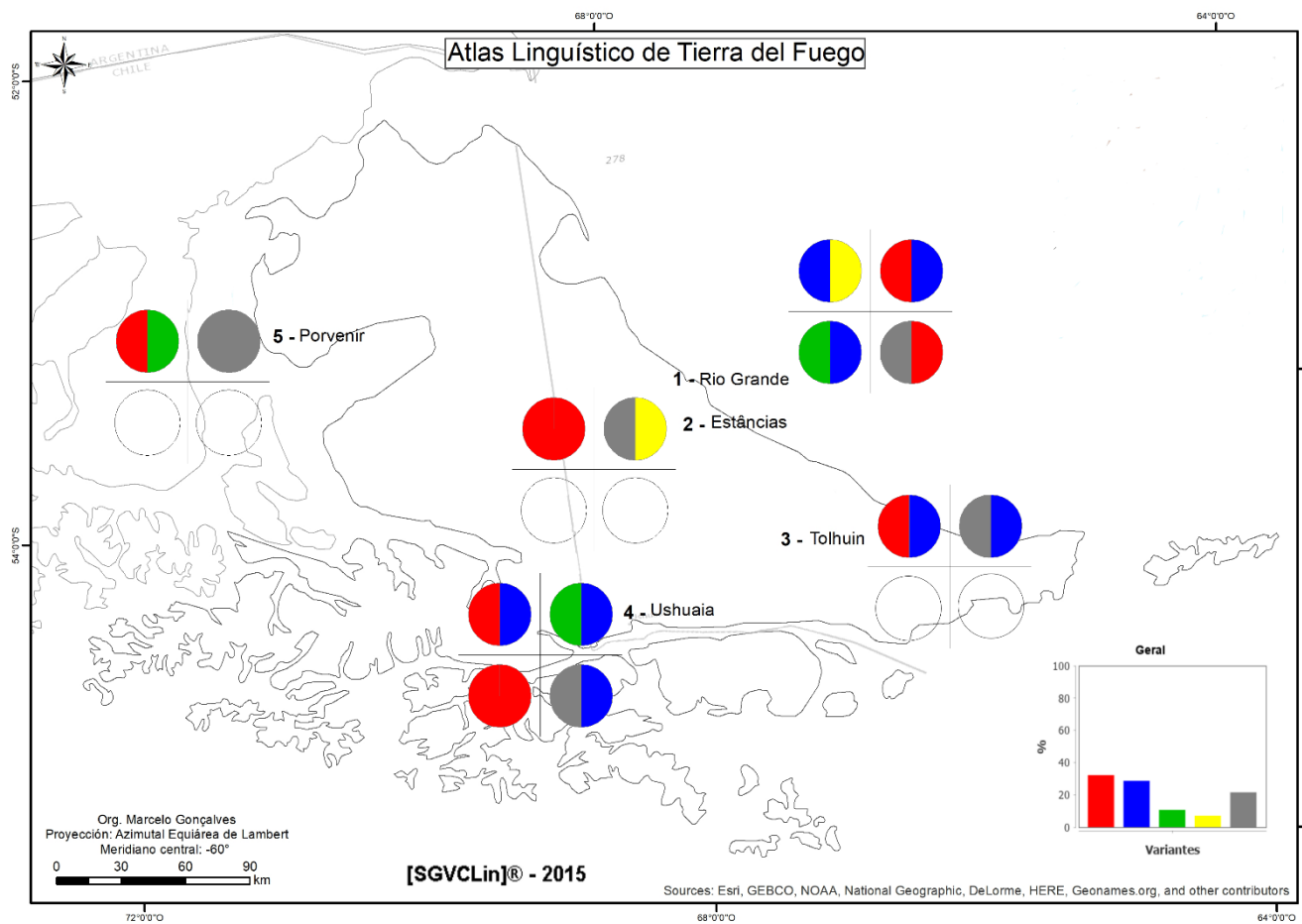
**Pergunta do questionário: 147 ¿Cómo llama a la persona a la que no le gusta gastar plata?**

**Observações:** As variantes que obtiveram ocorrências únicas ou baixas ocorrências foram registradas dentro de “outros”.

**Ocorrências únicas:** *miserable* (Porvenir), *pijotero* (Ushuaia), *cagado* (Porvenir), *mugriento* (Ushuaia), *rastrero* (Ushuaia).

### **Comentários**

INF: Codito decíamos cuando éramos chicos (RG 08).



### CARTA L15

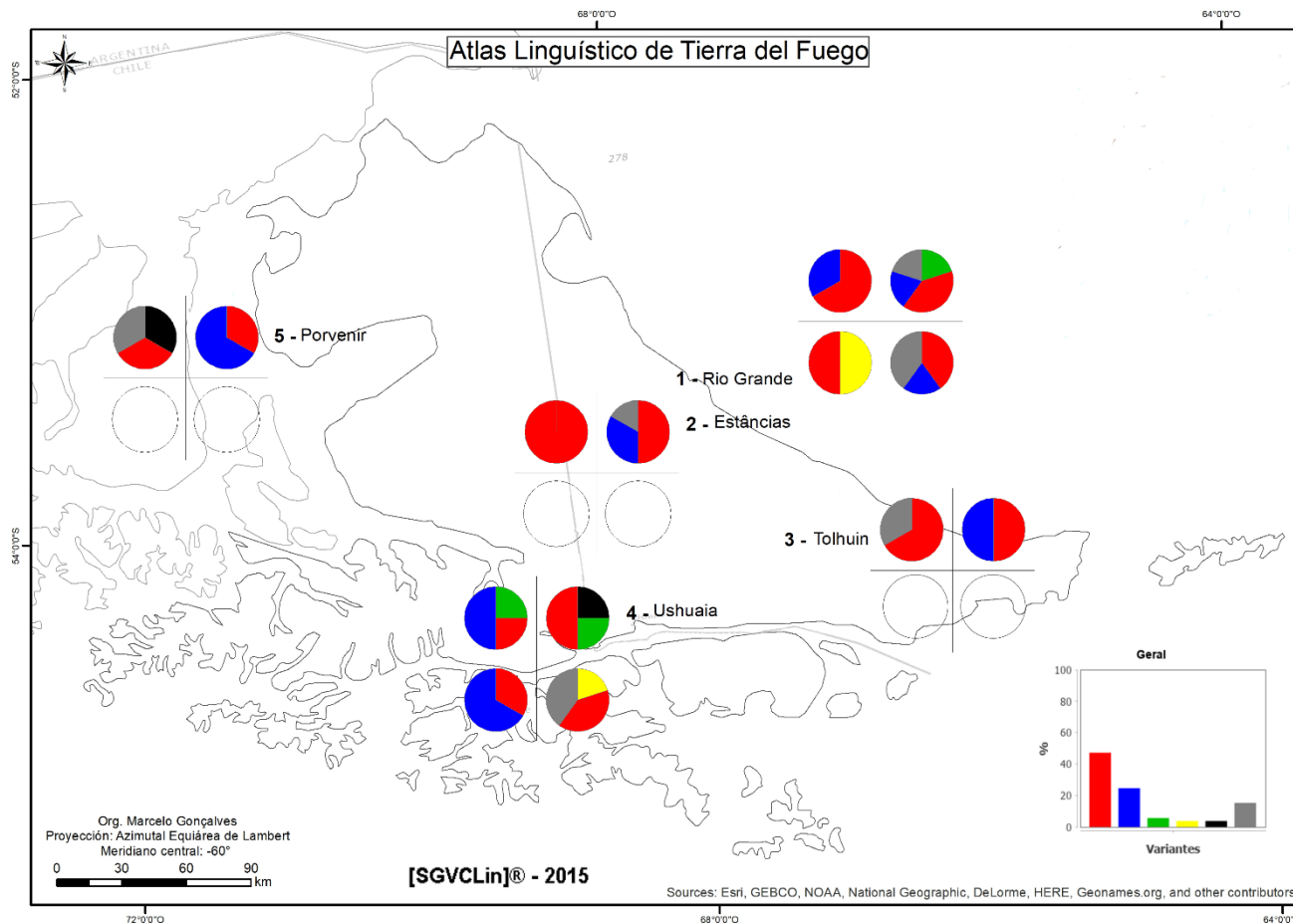
147- ¿Cómo se llama a la persona a la que no le gusta gastar plata?

**Carta Lexical 15- Com a primeira resposta fornecida por cada informante**

**Pergunta do questionário: 147 ¿Cómo llama a la persona a la que no le gusta gastar plata?**

**Observações:** As variantes que obtiveram ocorrências únicas ou baixas ocorrências foram registradas dentro de “outros”.

**Ocorrências únicas:** *mano de guagua* (Porvenir), *ratón* (Estâncias), *miserable* (Porvenir), *tiene un cocodrilo en el bolsillo* (Tolhuin), *agarrado* (Ushuaia), *laucha* (Río Grande).



**CARTA L16**

151- ¿Cómo llama a una persona que bebe mucho?

**Legenda**

- borrachito/ borracho/ borrachín
- alcohólico
- ebrio
- escabiado
- beodo
- Outros

- ① ②
- ③ ④

- 1-mulheres-nível secundário
- 2-homens-nível secundário
- 3-mulheres-nível superior
- 4-homens-nível superior

## Carta Lexical 16- Todas as variantes

**Pregunta do questionário: 151 ¿Cómo llama a una persona que bebe mucho?**

**Observações:** As variantes que tiveram baixas ocorrências ou ocorrências únicas foram registradas dentro de “outros”.

**Ocorrências únicas:** *chichero* (Porvenir), *mamado* (estancias), *jalado* (Río Grande), *re copete* (Tolhuin), *bodega* (Río Grande), *choborra* (Ushuaia), *poca soda* (Ushuaia), *garganta de lata* (Río Grande).

### Comentários

INF: Jalado se usa por los Simpson, en un episodio lo dice Homero (RG 05).

INF: Decimos así como: “vo está todo el día re copete” (TOL 02).

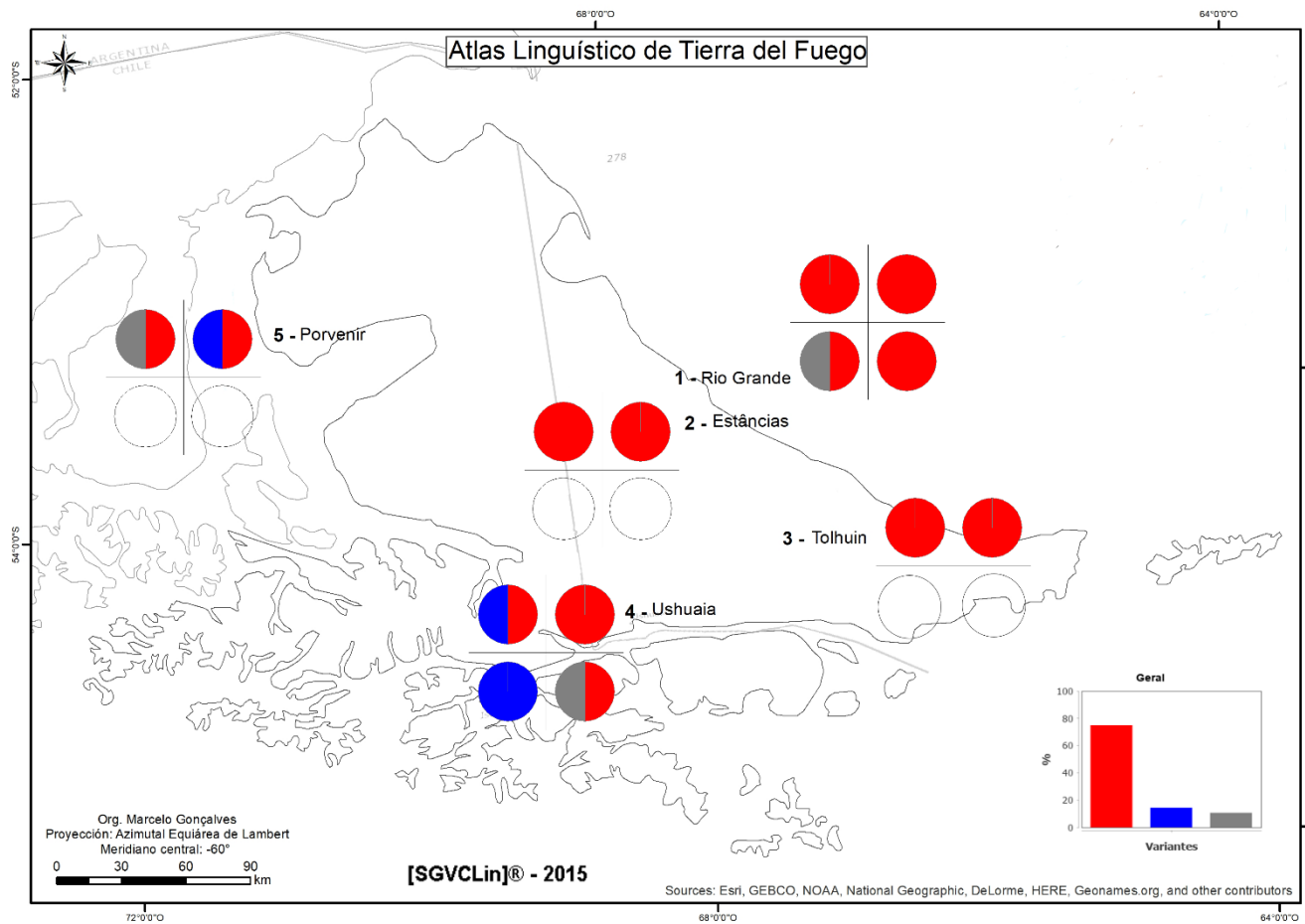
INF: Borracho, beodo. En el campo se decía esa palabra, me acuerdo de Landriscina (USH 03).

INF: Antes se usaba mucho curao... eso es bien chileno “está curao”, mamar, mamado.

INQ: ¿Y vos cuál usás?

INF: Chupado y curao lo uso mucho. Está curadito... después otro era: “está cosido”, “está listo pal horno”. Estamos hablando del tipo que se mama... no del alcohólico (USH 07).

INF: Es que se me viene anda como “mazo del tiro”. Es que la palabra maceta es muy usada en Magallanes, maceta es alguien tonto, pero si “andas como maso” es porque “andas muy curado”, “está fuerte el viento”, igual... “anda lleno”, “está como nago” (POR 02).



**CARTA L17**

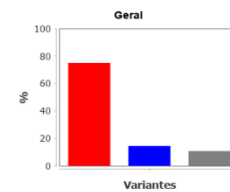
151- ¿Cómo llama a una persona que bebe mucho?

**Legenda**

- **borrachito/ borracho/ borrachín**
- **alcohólico**
- **Outros**

- ① ②
- ③ ④

- 1-mulheres-nível secundário
- 2-homens-nível secundário
- 3-mulheres-nível superior
- 4-homens-nível superior

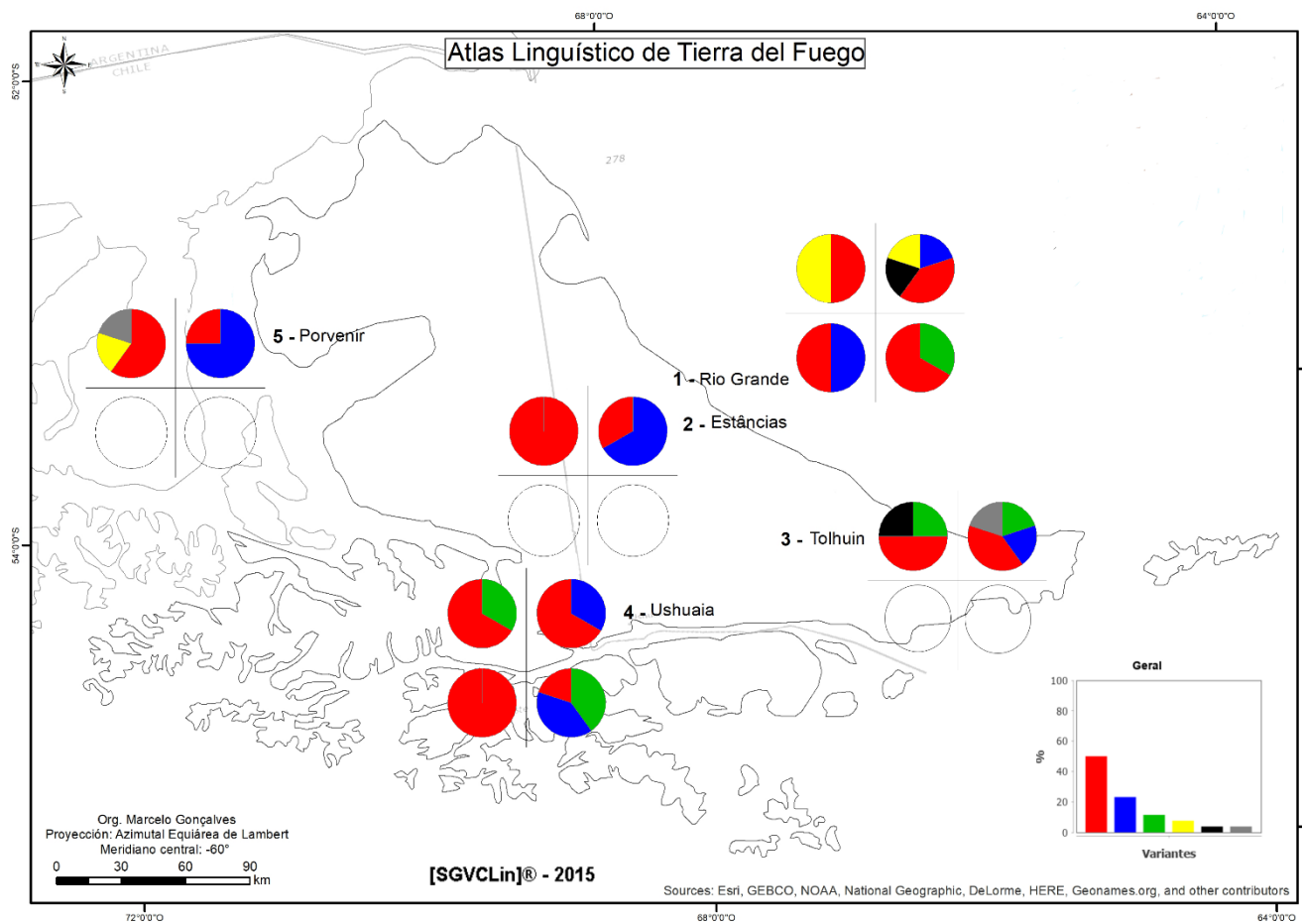


**Carta Lexical 17- Com a primeira resposta fornecida por cada informante**

**Pergunta do questionário: 151 ¿Cómo llama a una persona que bebe mucho?**

**Observações:** As variantes que tiveram baixas ocorrências ou ocorrências únicas foram registradas dentro de “outros”.

**Ocorrências únicas:** *escabiado* (Rio Grande), *beodo* (Porvenir), *choborra* (Ushuaia)



### CARTA L18

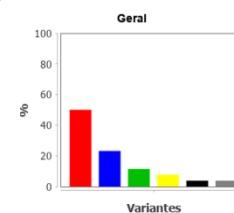
160- ¿Cómo se llama al hombre que es engañado por su mujer?

#### Legenda

- cornudo/ cuernudo
- gorreado/ gorro
- guampeado/ guampudo
- guampa/ guampeta
- corneta
- Outros

- ① ②
- ③ ④

- 1- mulheres-nível secundário
- 2- homens-nível secundário
- 3- mulheres-nível superior
- 4- homens-nível superior

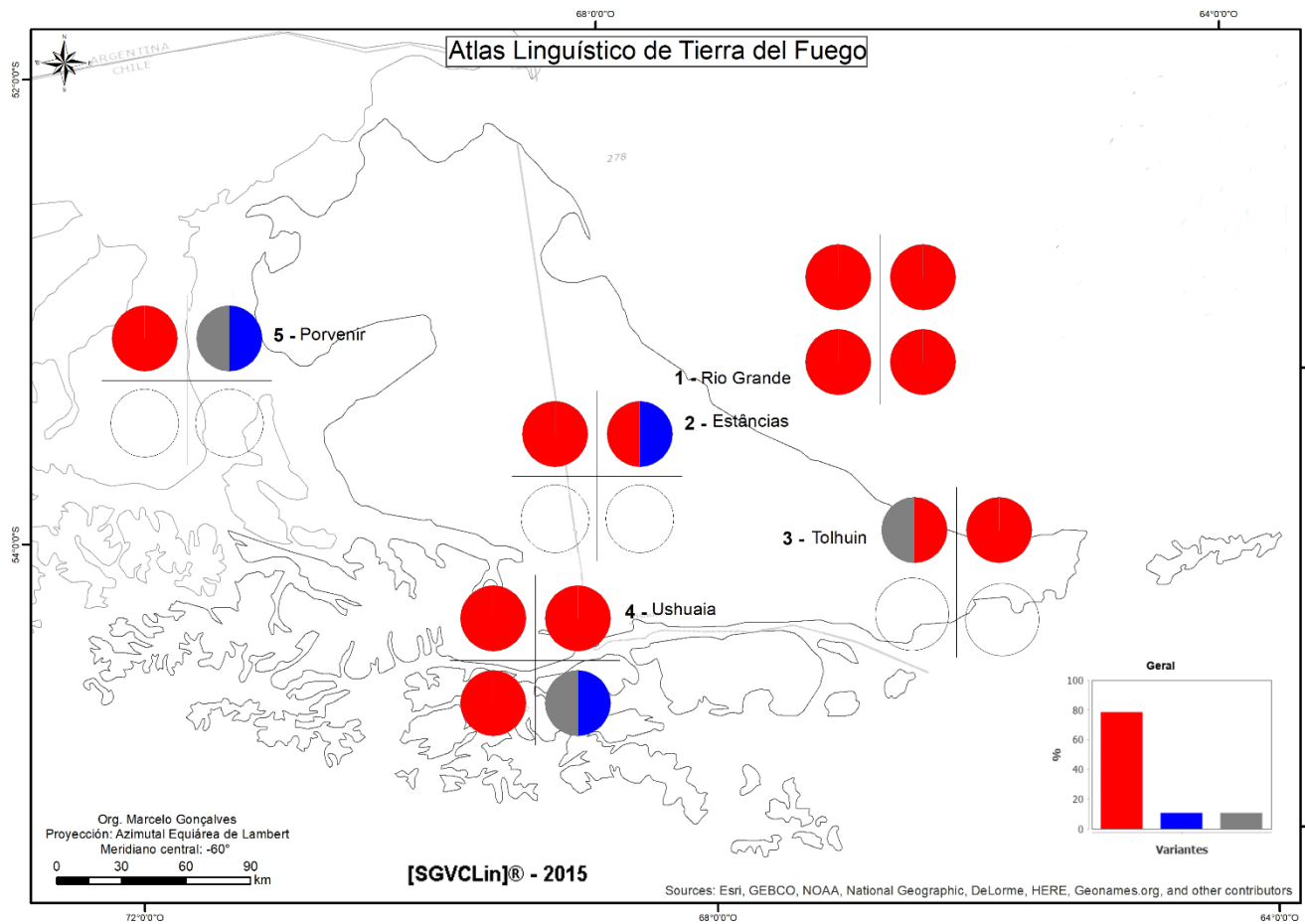


**Carta Lexical 18- Todas as variantes**

**Pergunta do questionário: 160 ¿Cómo se llama al hombre que es engañado por su mujer?**

**Observações:** As variantes que tiveram baixas ocorrências ou ocorrências únicas foram registradas dentro de “outros”.

**Ocorrências únicas:** *venado* (Porvenir), *gorro* (Porvenir), *engañado* (Tolhuin).



**CARTA L19**

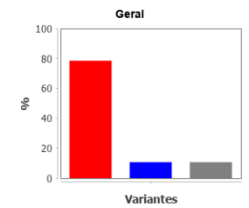
160- ¿Cómo se llama al hombre que es engañado por su mujer?

**Legenda**

- cornudo
- gorreado
- Outros

- ① ②
- ③ ④

- 1- mulheres-nível secundário
- 2- homens-nível secundário
- 3- mulheres-nível superior
- 4- homens-nível superior

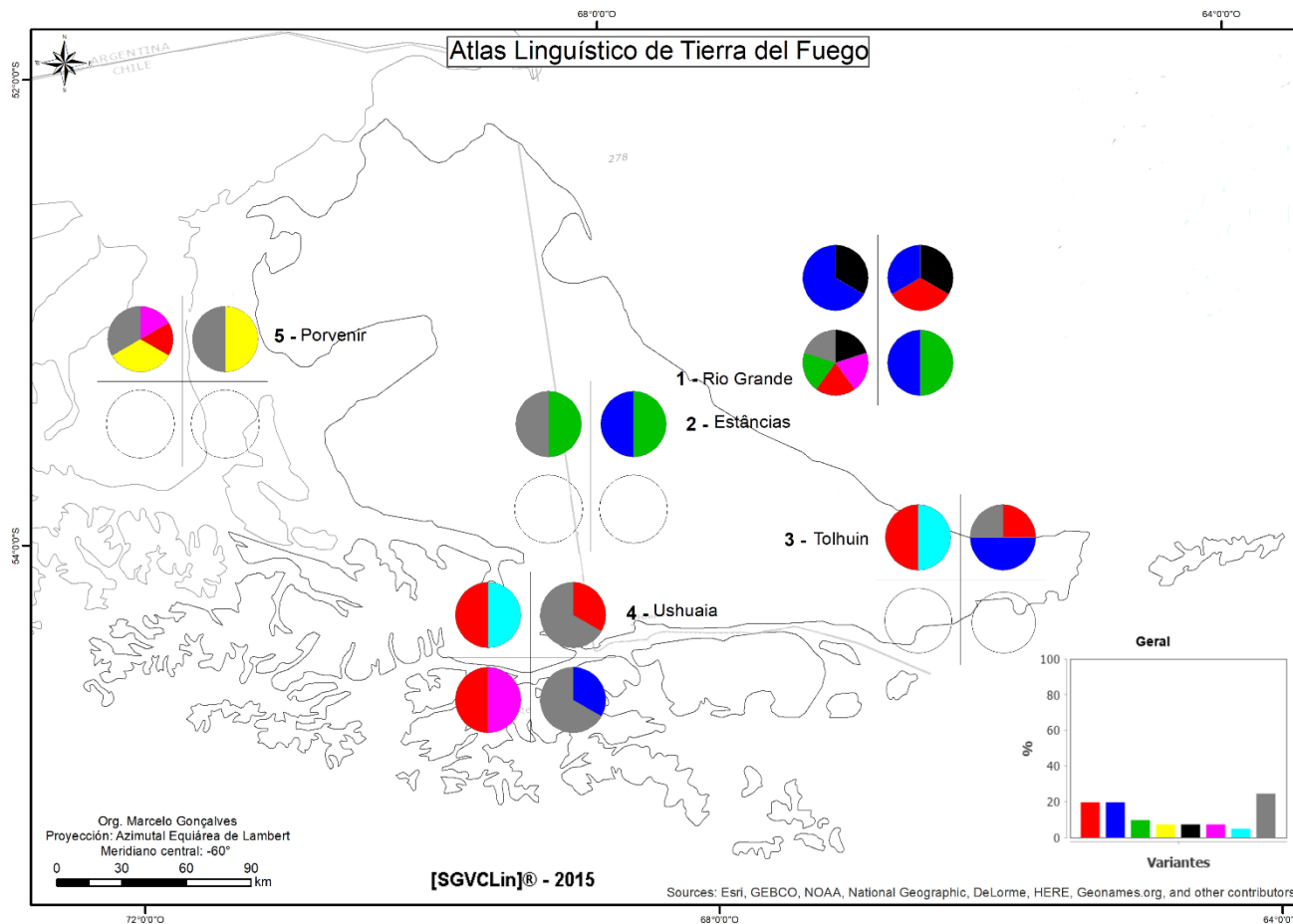


**Carta Lexical 19- Com a primeira resposta fornecida por cada informante**

**Pergunta do questionário: 160 ¿Cómo se llama al hombre que es engañado por su mujer?**

**Observações:** As variantes que tiveram baixas ocorrências ou ocorrências únicas foram registradas dentro de “outros”.

**Ocorrências únicas:** *guampeado* (Ushuaia), *gorro* (Porvenir), *corneta* (Tolhuin).



**CARTA L20**

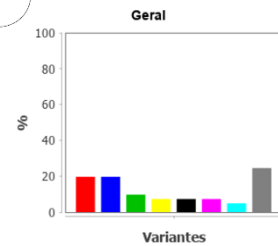
163- ¿Cómo llama a la mujer que sale con muchos hombres?

**Legenda**

- puta
- trola
- gato/a
- suelta
- loca
- prostituta
- atorranta
- Outros

- ① ②
- ③ ④

- 1- mulheres-nível secundário
- 2- homens-nível secundário
- 3- mulheres-nível superior
- 4- homens-nível superior



## Carta Lexical 20- Todas as variantes

**Pregunta do questionário: 163 ¿Cómo llama a la mujer que sale con muchos hombres?**

**Observações:** As variantes que tiveram baixas ocorrências ou ocorrências únicas foram registradas dentro de “outros”. Uma informante não soube responder USH 06.

**Ocorrências únicas:** *arriesgada* (Tolhuin), *divina* (Ushuaia), *cachera* (Porvenir), *perra* (Ushuaia), *fácil* (Tolhuin), *putarraca* (Ushuaia), *yiro* (Rio Grande), *putita* (Ushuaia).

### Comentários

INF: ¿Vos sabés que nunca supe cómo se les dice a esas mujeres q andan con muchos hombres? (RG 04).

INF: La pasa bien, qué sé yo. No me suelo referir. Gato le dicen algunos. (EST 01).

INF: Claro... eso no está tan difundido, la verdad que no sé. Una arriesgada (EST 04).

INF: Yo siempre peleo por eso porque no está bien así, hablar despectivamente pero... todo.. "es re puta" dicen (TOL 02).

INF: Por lo general se la ve mal, así que le dicen que es trola (TOL 03).

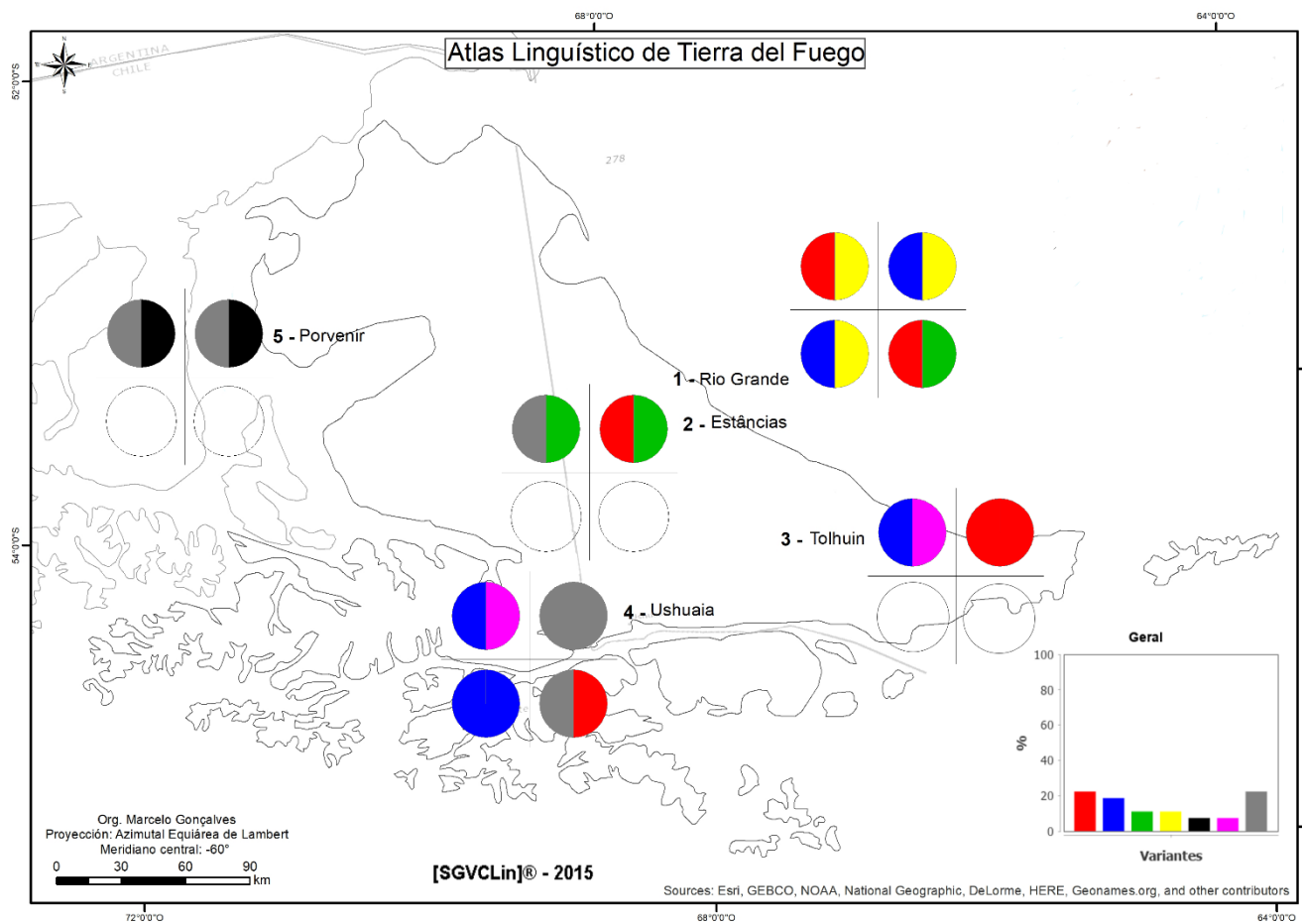
INF: Y esa es la palabra, ¿viste? Ahí te das cuenta hace mucha diferencia. El hombre es un banana y la mujer es una putita. Lamentablemente, viste, porque yo defiendo mucho eso de los prejuicios eso que le ponen el rótulo a cada uno, no me gusta, nunca me gustó. Yo diferencio, ¿viste? Putita, puta, (de) la que cobra. Es su trabajo, alternadora. (USH 03).

INF: La gente suele decir atorranta, pero yo no uso esa palabra. Porque además ahora, culturalmente no es una palabra que se use como antes porque hay muchos prejuicios o formas de relación que están entrando en crisis y ya no se la denomina de la misma manera (USH 04).

INF: Una trola, cosas que yo no comparto (USH 05).

INF: Y...lamentablemente la palabra puta, prostituta (USH 08).

INF: ¿Te lo digo? Es que es muy feo el término, pero generalmente le dicen maraca, suelta, prostituta (POR 04).



### CARTA L21

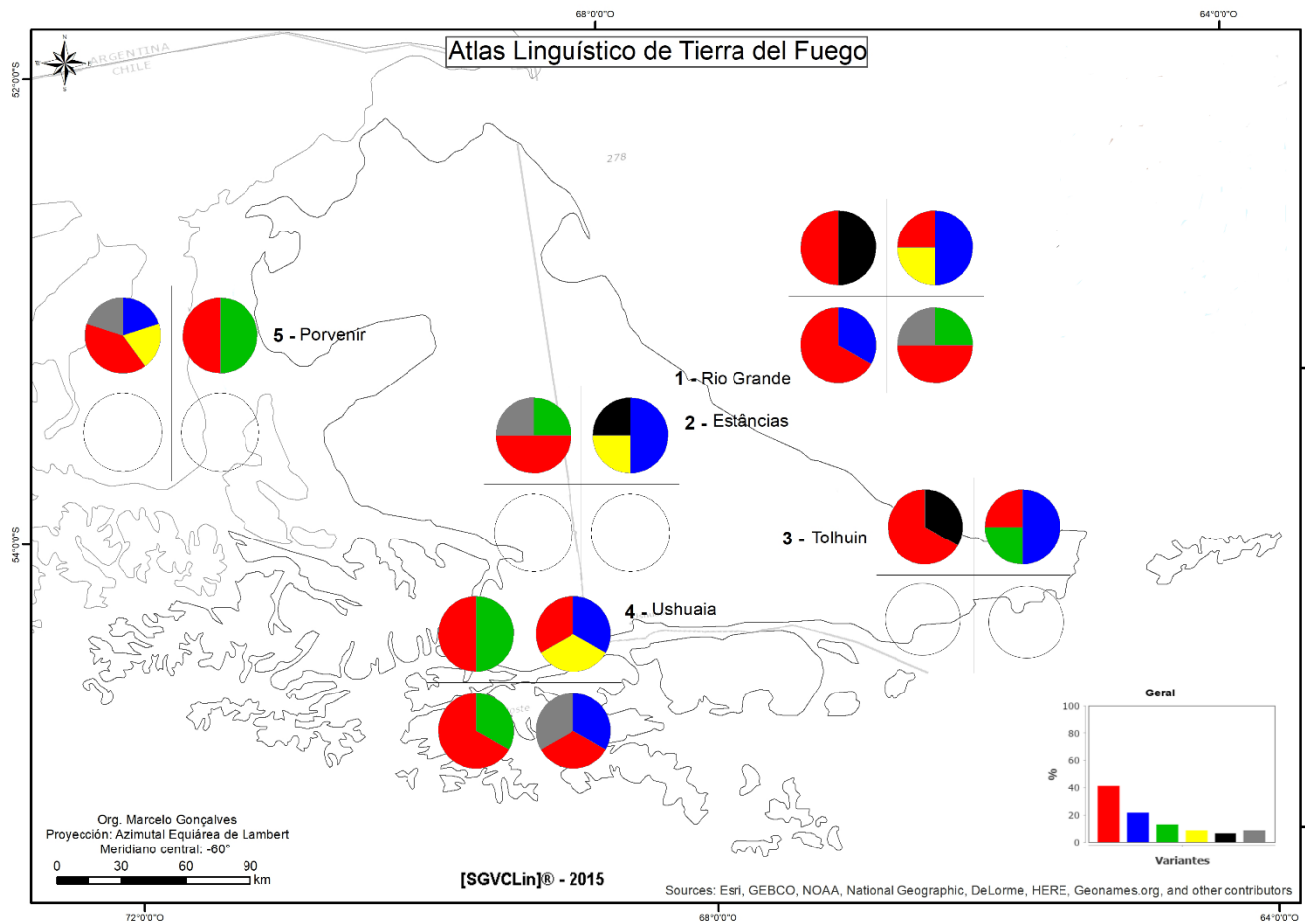
163- ¿Cómo llama a la mujer que sale con muchos hombres?

**Carta Lexical 21- Com a primeira resposta fornecida por cada informante**

**Pergunta do questionário: 163 ¿Cómo llama a la mujer que sale con muchos hombres?**

**Observações:** As variantes que tiveram baixas ocorrências ou ocorrências únicas foram registradas dentro de “outros”.

**Ocorrências únicas:** *arriesgada* (Estancias), *maraca* (Porvenir), *cachera* (Porvenir), *perra* (Ushuaia), *putarraca* (Ushuaia), *putita* (Ushuaia).



### CARTA L22

164- ¿Cómo llama al hombre que gusta de otros hombres?

## Carta Lexical 22- Todas as variantes

**Pergunta do questionário: 164 ¿Cómo se llama al hombre que gusta de otros hombres?**

**Observações:** As variantes que tiveram baixas ocorrências ou ocorrências únicas foram registradas dentro de “outros”.

**Ocorrências únicas:** *hueco* (Porvenir), *trolebús* (Estancias), *putarraco* (Ushuaia), *mariposa* (Río Grande).

### Comentários

INF: Gay, mariposa, eso te lo digo porque entre amigos es así (RG 05)

INF: ¿Qué querés, sinónimos?

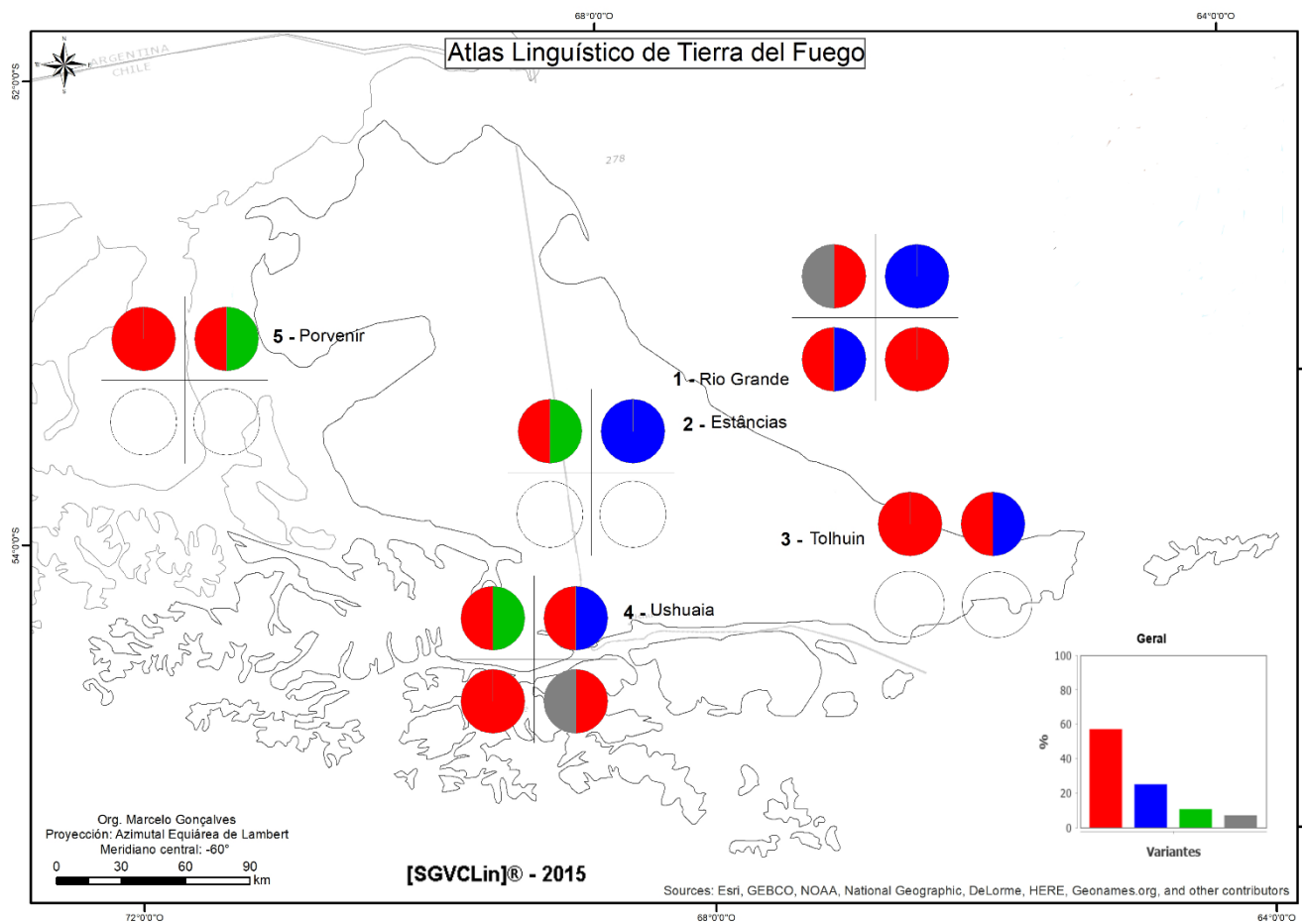
INQ: ¿Qué palabra usarías vos en caso de tener que referirte a esa persona?

INF: Trolebús, pero hay de todo. Patea el estribo... (EST 02)

INF: Es gay pero le dicen trolo.

INQ: ¿Vos cuál usas?

INF: Por respeto, gay (TOL 02).



### CARTA L23

164- ¿Cómo llama al hombre que gusta de otros hombres?

#### Legenda

- gay
- puto
- homosexual
- Outros

- ① ②  
③ ④

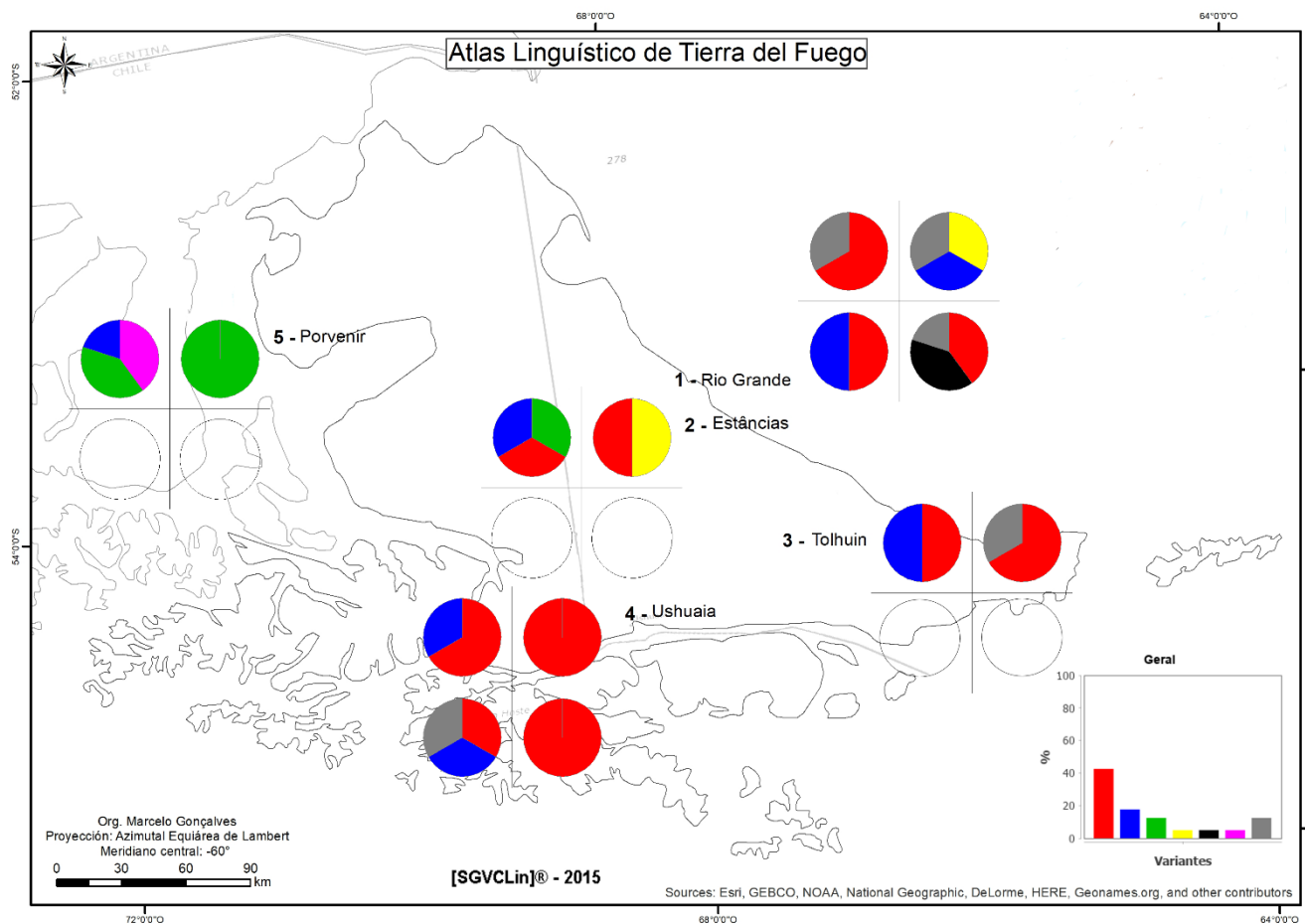
- 1- mulheres-nível secundário  
2- homens-nível secundário  
3- mulheres-nível superior  
4- homens-nível superior

**Carta Lexical 23- Com a primeira resposta fornecida por cada informante**

**Pergunta do questionário: 164 ¿Cómo se llama al hombre que gusta de otros hombres?**

**Observações:** As variantes que tiveram baixas ocorrências ou ocorrências únicas foram registradas dentro de “outros”.

**Ocorrências únicas:** *troló* (Río Grande), *putarraco* (Ushuaia).



**CARTA L24**

168- ¿Cómo se llama al que le gusta contar lo que pasa en el barrio?

**Legenda**

- chusma
- chismoso
- copuchento
- putero
- buchón
- cahuinero
- Outros

- ① ②
- ③ ④

- 1-mulheres-nível secundário
- 2-homens-nível secundário
- 3-mulheres-nível superior
- 4-homens-nível superior

### **Carta Lexical 24- Todas as variantes**

**Pergunta do questionário: 168 ¿Cómo se llama al que le gusta contar lo que pasa en el barrio?**

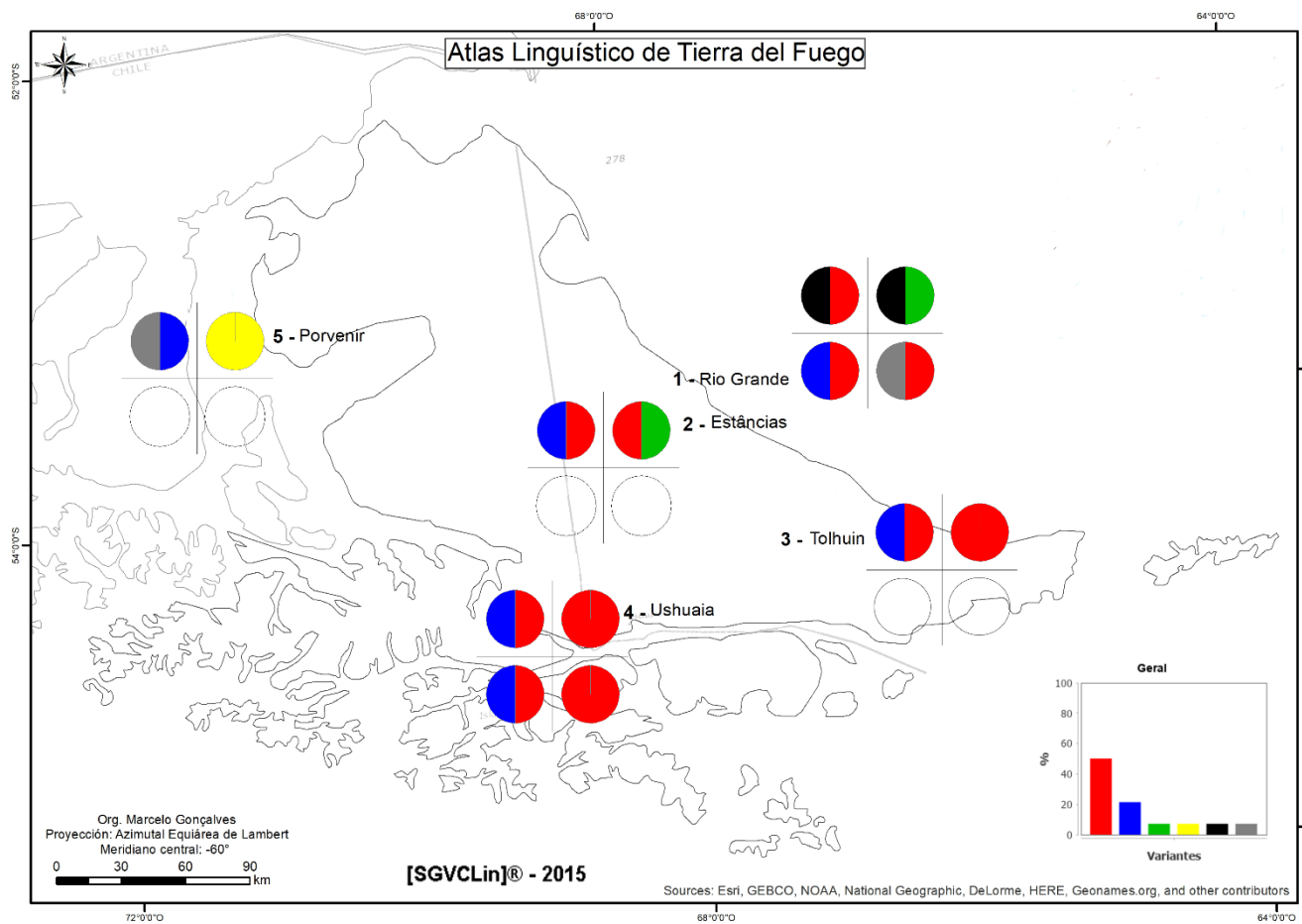
**Observações:** As variantes que tiveram baixas ocorrências ou ocorrências únicas foram registradas dentro de “outros”.

**Ocorrências únicas:** *emisora* (Rio Grande)

### **Comentários**

INF: Putero. No...los viejos se saben todos los puteríos, en todas las estancias... se saben todo y acá y no lo pasan en la radio a eso (EST 01).

INF: Chismoso, cucuchento, esa es chilena (EST 04).



**CARTA L25**

168- ¿Cómo se llama al que le gusta contar lo que pasa en el barrio?

**Legenda**

- chusma
- chismoso
- putero
- copuchento
- alcahuete
- Outros

- ① ②
- ③ ④

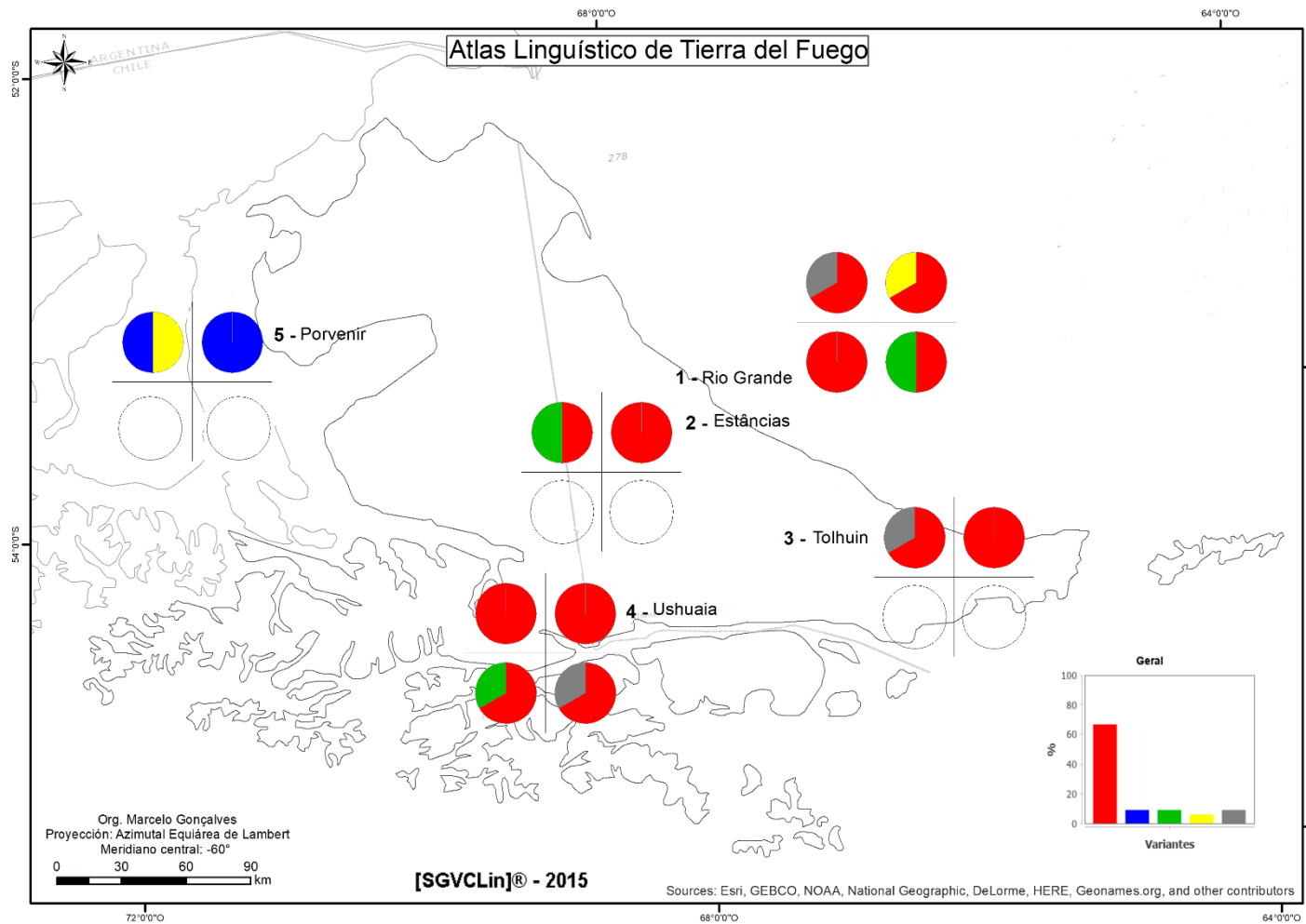
- 1-mulheres-nível secundário
- 2-homens-nível secundário
- 3-mulheres-nível superior
- 4-homens-nível superior

**Carta Lexical 25- Com a primeira resposta fornecida por cada informante**

**Pergunta do questionário: 168 ¿Cómo se llama al que le gusta contar lo que pasa en el barrio?**

**Observações:** As variantes que tiveram baixas ocorrências ou ocorrências únicas foram registradas dentro de “outros”.

**Ocorrências únicas:** *buchón* (Rio Grande), *cabuino* (Porvenir).



**CARTA L26**

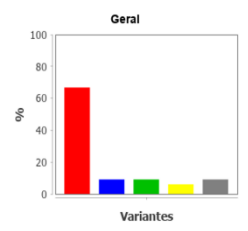
127-¿Qué se ponen arriba de un sweater cuando hace frío?

**Legenda**

- campera
- parka
- saco
- chaqueta
- Outros

- ① ②
- ③ ④

- 1-mulheres-nível secundário
- 2-homens-nível secundário
- 3-mulheres-nível superior
- 4-homens-nível superior



### **Carta Lexical 26- Todas as variantes**

**Pergunta do questionário: 127 ¿Qué se ponen arriba de um sweater cuando hace frío?**

**Observações:** As variantes que tiveram baixas ocorrências ou ocorrências únicas foram registradas dentro de “outros”.

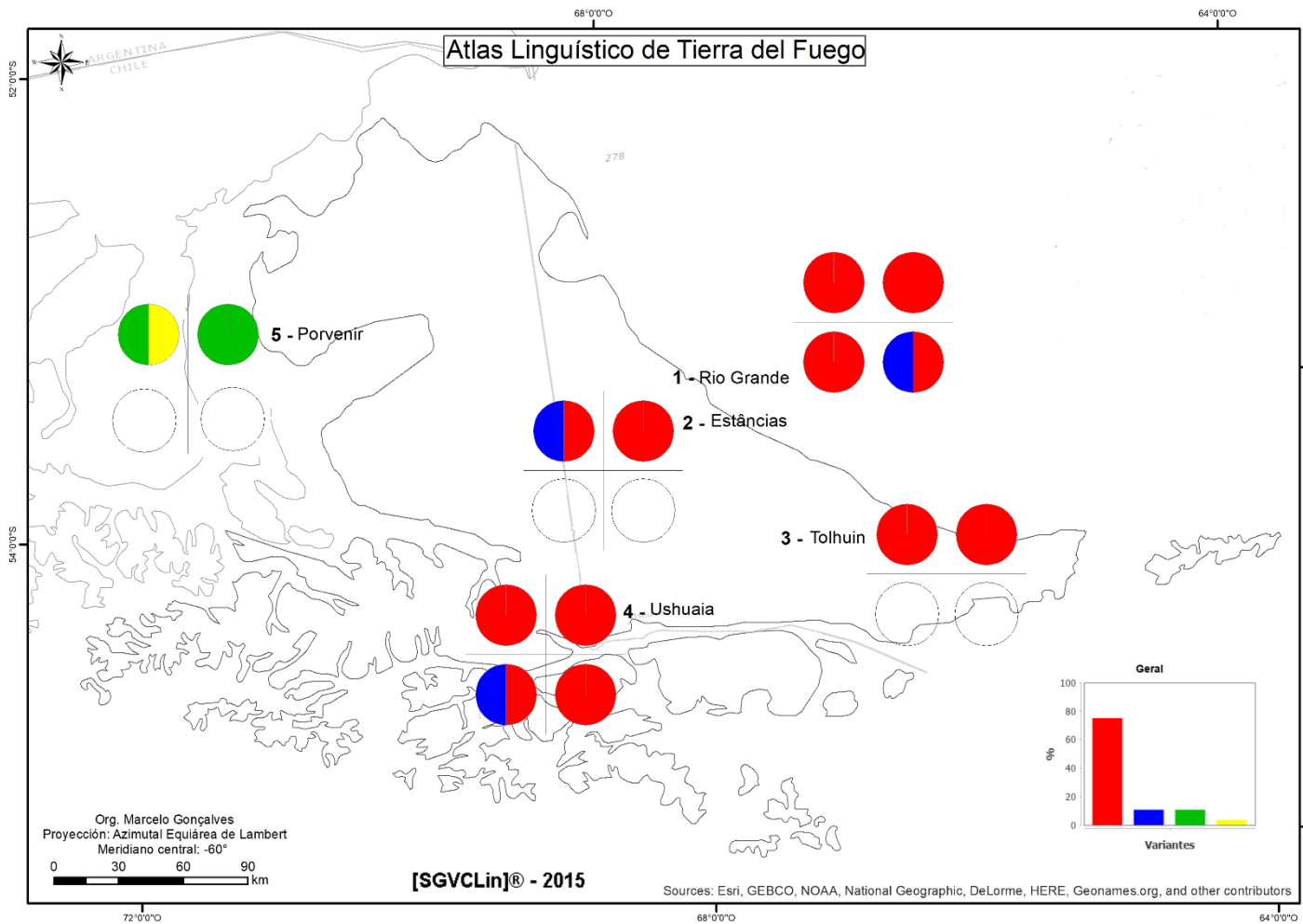
**Ocorrências únicas:** *tapado* (Rio Grande), *gamulán* (Tolhuin), *paletó* (Ushuaia).

### **Comentários**

INQ: ¿Algún otro nombre?

INF: Paletó. Esa me quedó de chico. Ponete el paletó... no sé qué era... yo me crié con una familia chilena que me cuidaba mientras mi vieja no estaba (USH 07).

INF: Campera o algún gamulancito (es la campera larga que también te da formalidad y es abrigado) (TOL 02).



**CARTA L27**

127-¿Qué se ponen arriba de un sweater cuando hace frío?

**Legenda**

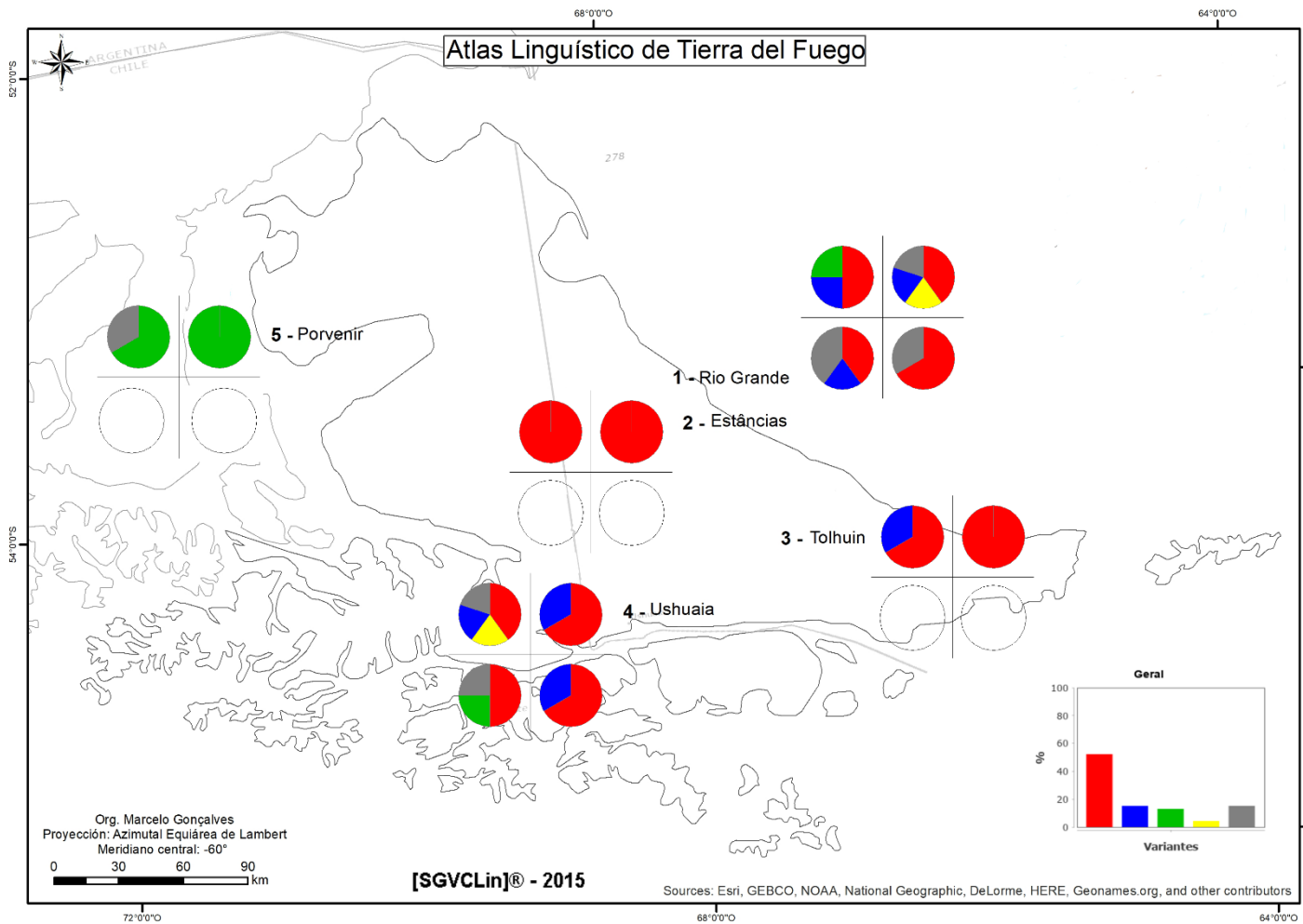
- campera
- saco
- parka
- chaqueta

- ① ②
- ③ ④

- 1-mulheres-nível secundário
- 2-homens-nível secundário
- 3-mulheres-nível superior
- 4-homens-nível superior

**Carta Lexical 27- com a primeira resposta fornecida por cada informante**

**Pergunta do questionário: 127 ¿Qué se ponen arriba de um sweater cuando hace frío?**



**CARTA L28**

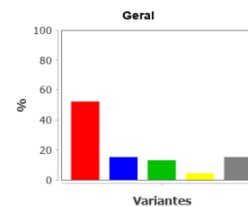
132-¿Qué nombre tiene la ropa interior de las mujeres?

**Legenda**

- bombacha
- tanga
- calzón
- culotte
- Outros

- ① ②
- ③ ④

- 1-mulheres-nível secundário
- 2-homens-nível secundário
- 3-mulheres-nível superior
- 4-homens-nível superior



### **Carta Lexical 28- Todas as variantes**

**Pergunta do questionário: 132 ¿Qué nombre tiene la ropa interior de las mujeres?**

**Observações:** As variantes que tiveram baixas ocorrências ou ocorrências únicas foram registradas dentro de “outros”.

**Baixas ocorrências:** *lencería* (Rio Grande)

**Ocorrências únicas:** *colaless* (Rio Grande), *hilo dental* (Río Grande) *cuadro* (Porvenir) *bikini* (Ushuaia), *ropa interior* (Ushuaia)

### **Comentários**

INF: calzones, cuadros...

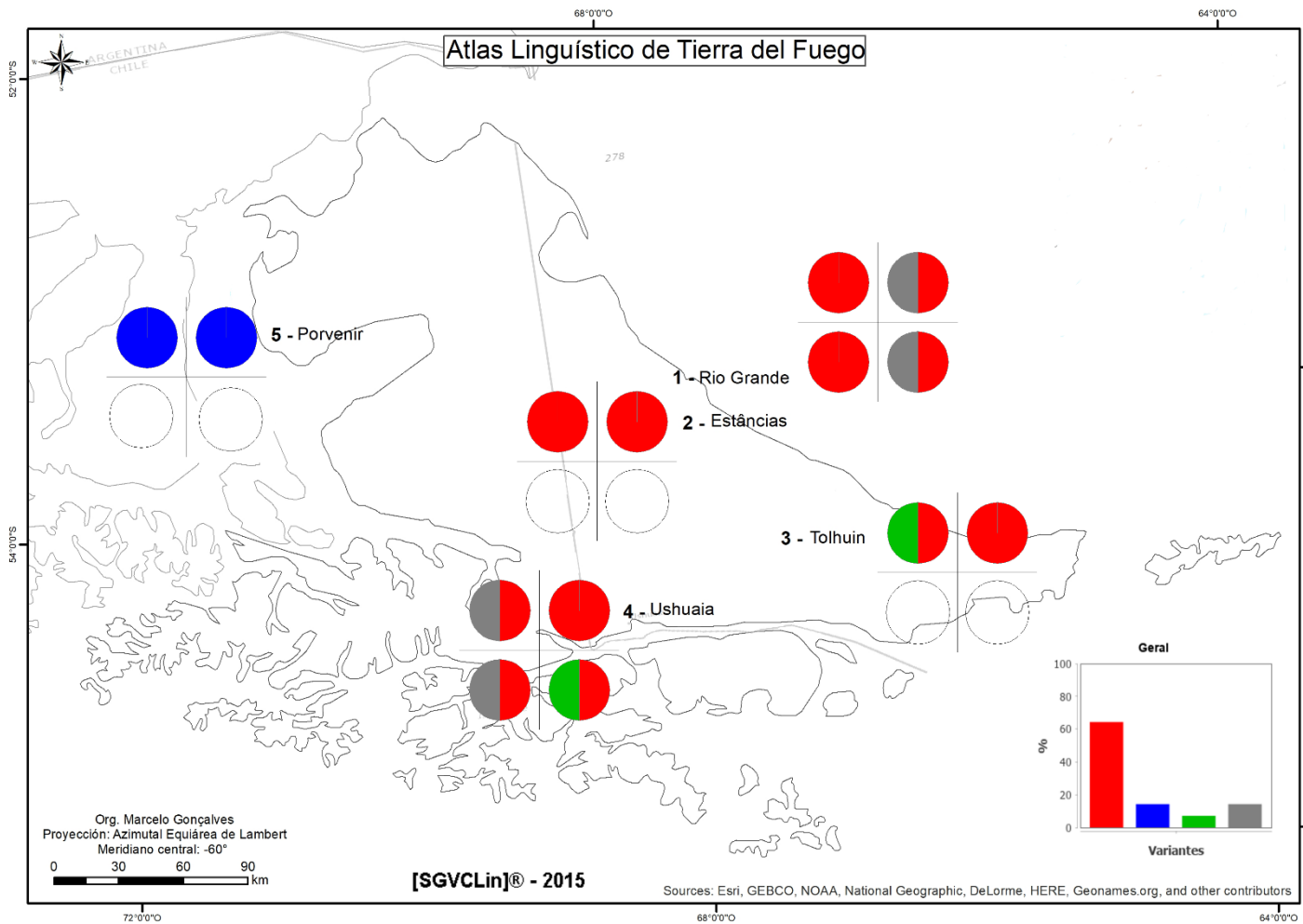
INQ: ¿Qué es un cuadro?

INF: Calzones también, pero es como más, para no ser tan vulgar usan la palabra cuadro (POR 02).

INF: Bikini o bombacha, calzón, dijera mi madre.

INQ: ¿Usás esa palabra?

INF: No, lo usaba mi madre (USH 08).



**CARTA L29**

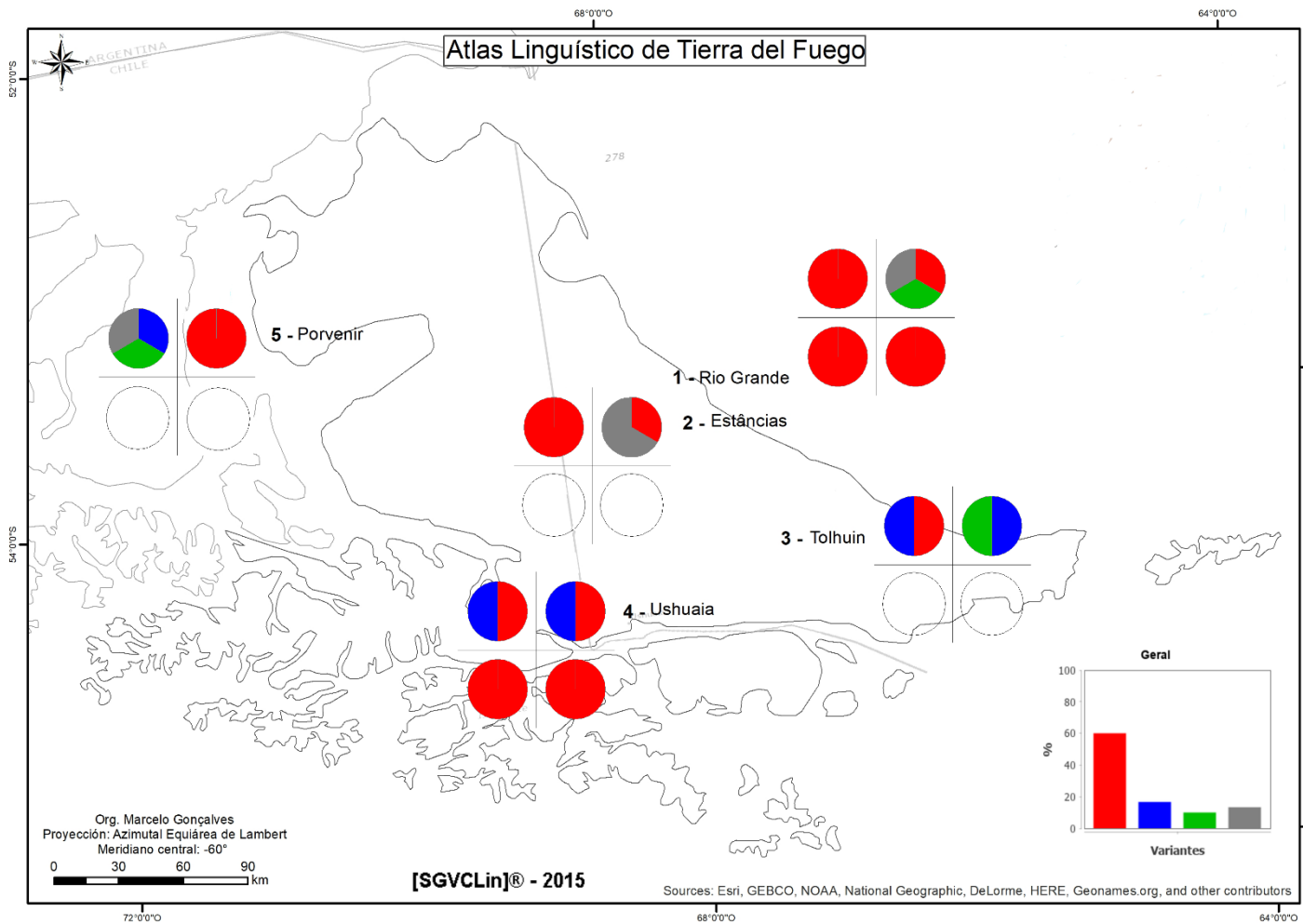
132-¿Qué nombre tiene la ropa interior de las mujeres?

**Carta Lexical 29- Com a primeira resposta fornecida por cada informante**

**Pergunta do questionário: 132 ¿Qué nombre tiene la ropa interior de las mujeres?**

**Observações:** As variantes que tiveram baixas ocorrências ou ocorrências únicas foram registradas dentro de “outros”.

**Ocorrências únicas:** *lencería* (Rio Grande), *bikini* (Ushuaia), *ropa interior* (Ushuaia)



**CARTA L30**

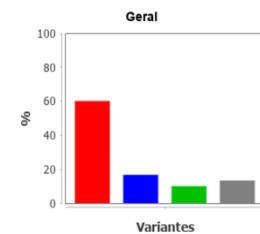
138- ¿Qué nombre tiene este calzado usado por las mujeres, generalmente en verano? (imagen)

**Legenda**

- sandalias
- tacos
- zapatos/zapatitos
- Outros

- ① ②
- ③ ④

- 1-mulheres-nível secundário
- 2-homens-nível secundário
- 3-mulheres-nível superior
- 4-homens-nível superior

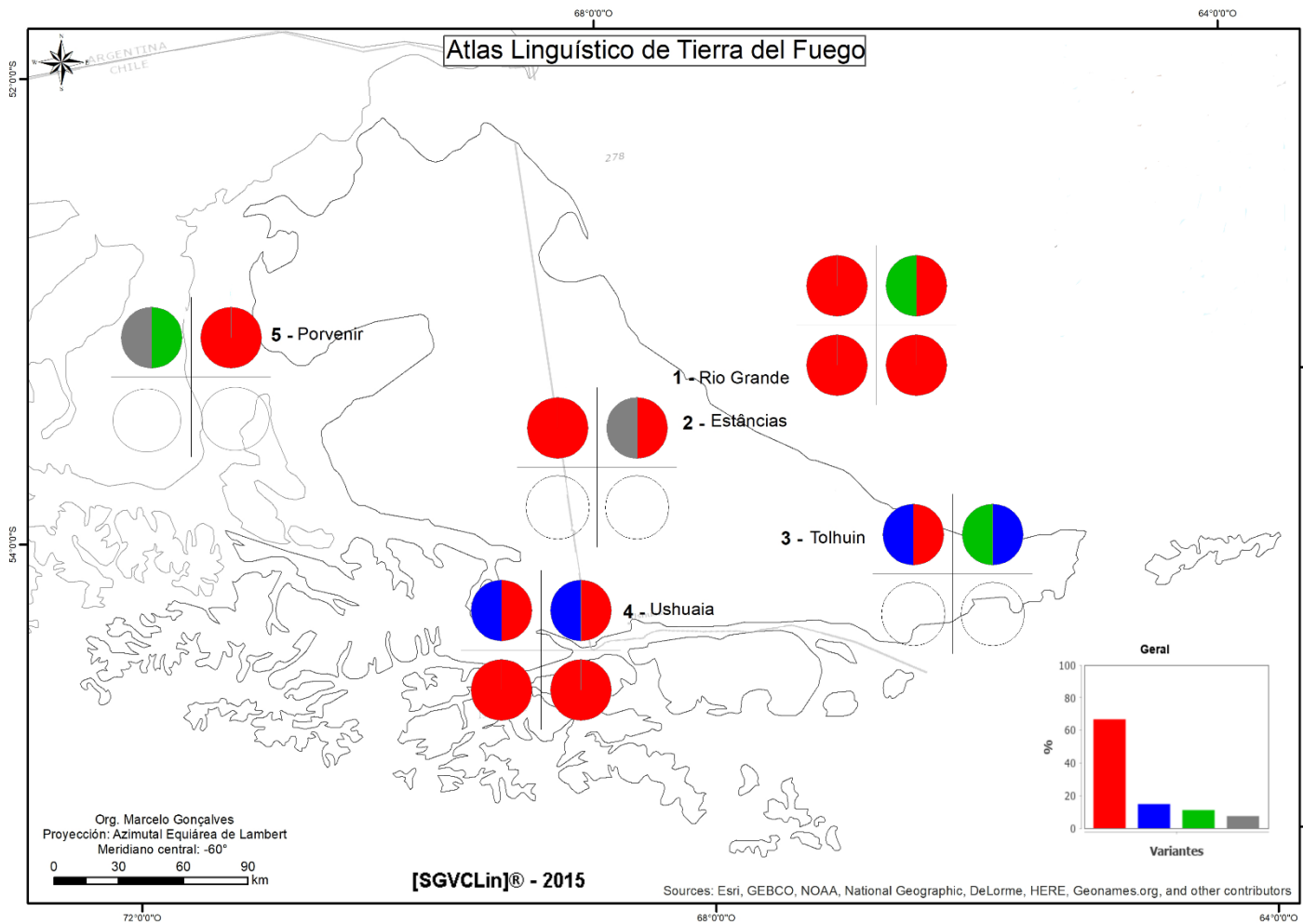


**Carta Lexical 30- Todas as variantes**

**Pergunta do questionário: 138 ¿Qué nombre tiene este calzado usado por las mujeres, generalmente en verano?**

**Observações:** As variantes que tiveram baixas ocorrências ou ocorrências únicas foram registradas dentro de “outros”.

**Ocorrências únicas:** *chatitas* (Rio Grande), *chalitas* (Porvenir), *chancletas* (Estâncias)



**CARTA L31**

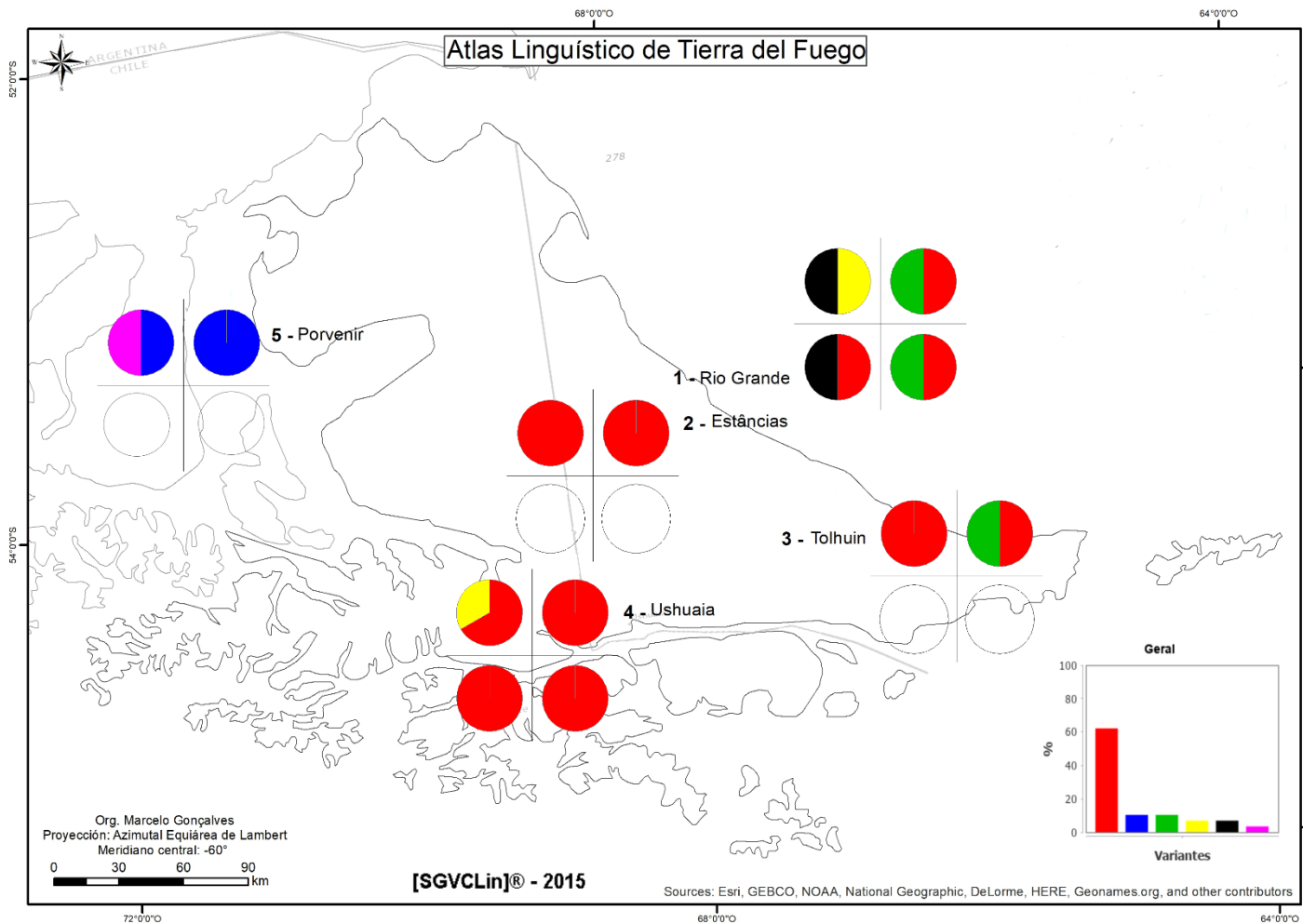
138- ¿Qué nombre tiene este calzado usado por las mujeres, generalmente en verano? (imagen)

**Carta Lexical 31- Com a primeira resposta fornecida por cada informante**

**Pergunta do questionário: 138 ¿Qué nombre tiene este calzado usado por las mujeres, generalmente en verano?**

**Observações:** As variantes que tiveram baixas ocorrências ou ocorrências únicas foram registradas dentro de “outros”.

**Ocorrências únicas:** *chalitas* (Porvenir), *chancletas* (Estâncias).



### CARTA L32

139-¿Qué nombre tiene este calzado que se usa en el verano? (imagen)

**Carta Lexical 32- Todas as variantes**

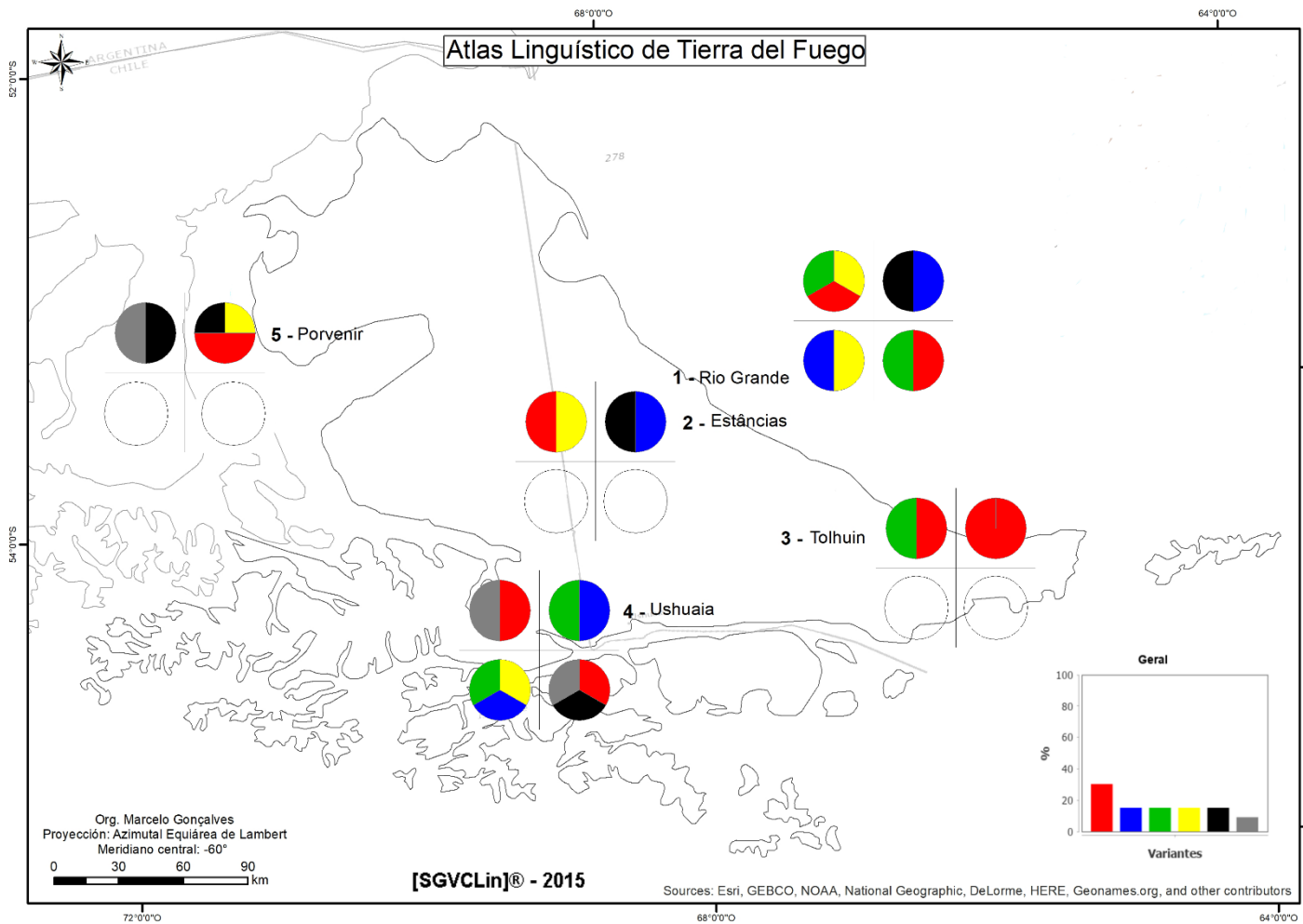
**Pergunta do questionário: 139 ¿Qué nombre tiene este calzado que se usa en verano?**

**Observações:** As variantes que tiveram baixas ocorrências ou ocorrências únicas foram registradas dentro de “outros”.

**Ocorrências únicas:** *hawaianas* (Porvenir)

**Comentários**

INF: Esa se llama hawaiana, en el norte porque aquí no se vende, nadie las usa (POR 04).



### CARTA L33

220-¿Qué nombre tiene ese viento que derrumba árboles, vuela techos?

#### Legenda

■ terrible viento/ viento fuerte/ viento huracanado

■ tormenta/ tormenta de viento

■ ráfagas

■ ventarrón/ vientazo

■ temporal

■ Outros

① ②

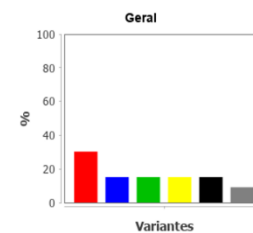
③ ④

1-mulheres-nível secundário

2-homens-nível secundário

3-mulheres-nível superior

4-homens-nível superior



### **Carta Lexical 33- Todas as variantes**

**Pergunta do questionário: 220 ¿Qué nombre tiene ese viento que derrumba árboles, vuela techos?**

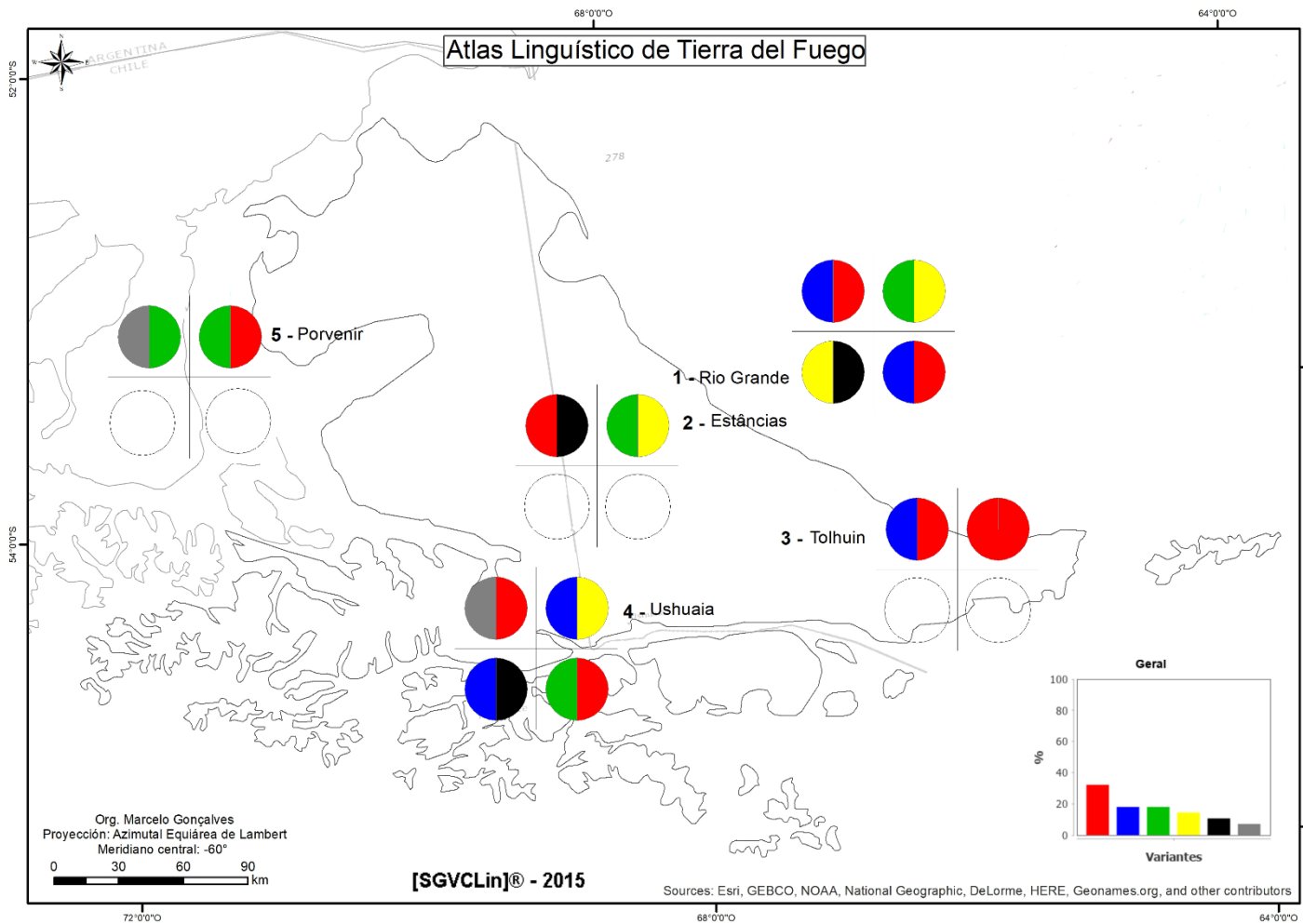
**Observações:** As variantes que tiveram baixas ocorrências ou ocorrências únicas foram registradas dentro de “outros”.

**Baixas ocorrências:** *tornado* (Ushuaia)

**Ocorrências únicas:** *brisa magallánica* (Porvenir)

### **Comentários**

INF: tormenta... tormenta lo relacionamos a viento, porque como acá no hay de las otras tormentas eléctricas (RG 06).



**CARTA L34**

220-¿Qué nombre tiene ese viento que derrumba árboles, vuela techos?

**Legenda**

- terrible viento/ viento fuerte/ viento huracanado
- ráfagas
- temporal
- tormenta/ tormenta de viento
- ventarrón/ vientazo
- Outros

- ① ②
- ③ ④

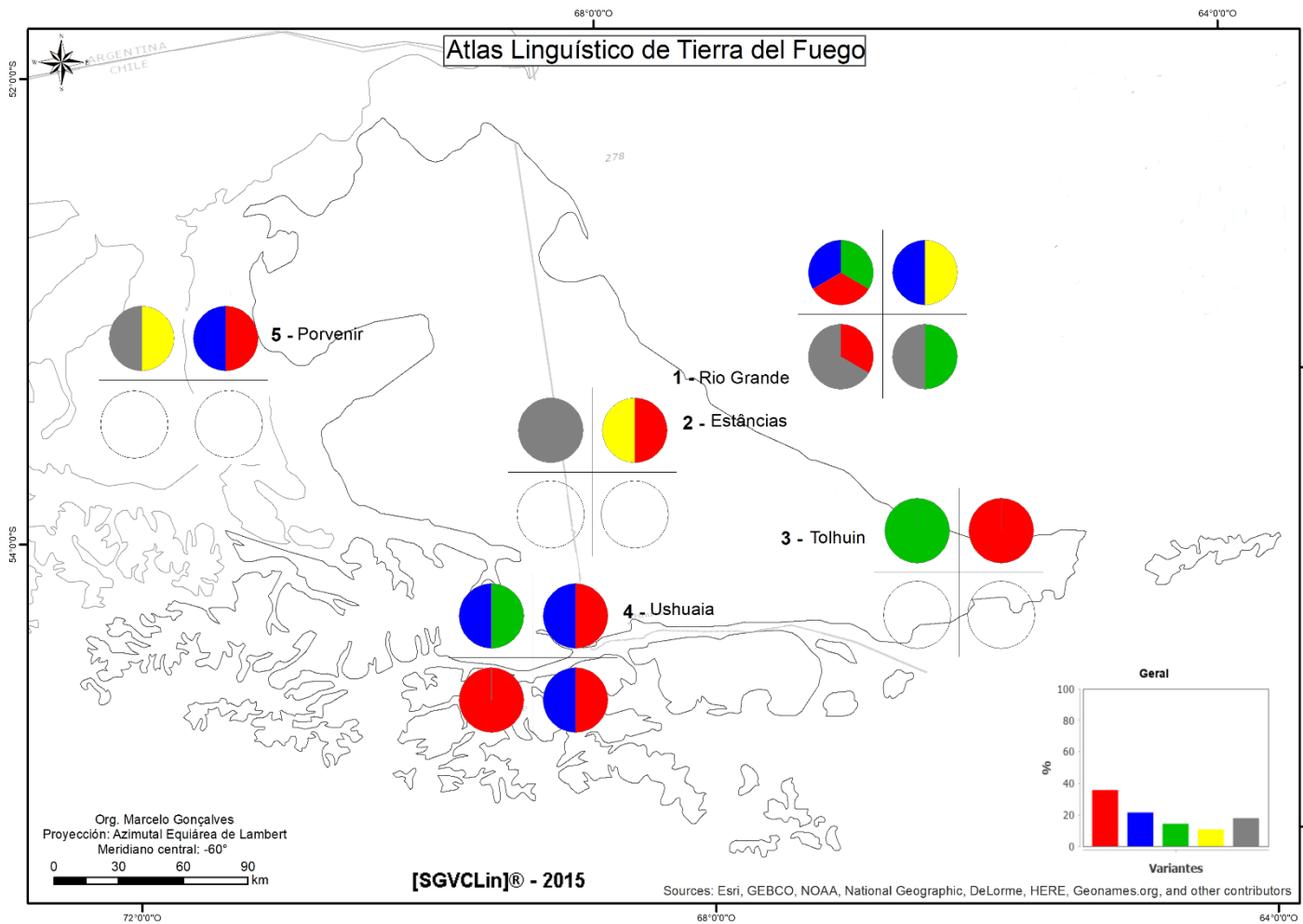
- 1-mulheres-nível secundário
- 2-homens-nível secundário
- 3-mulheres-nível superior
- 4-homens-nível superior

**Carta Lexical 34- Com a primeira resposta fornecida por cada informante**

**Pergunta do questionário: 220 ¿Qué nombre tiene ese viento que derrumba árboles, vuela techos?**

**Observações:** As variantes que tiveram baixas ocorrências ou ocorrências únicas foram registradas dentro de “outros”.

**Ocorrências únicas:** *tornado (Ushuaia), brisa magallánica (Porvenir)*



**CARTA L35**

223-¿Qué nombre tiene este tipo de nube? (imagen)

**Legenda**

- nube de tormenta
- nube negra/ nube oscura
- nube de lluvia
- nublado
- Outros

- ① ②
- ③ ④

- 1-mulheres-nível secundário
- 2-homens-nível secundário
- 3-mulheres-nível superior
- 4-homens-nível superior

### **Carta Lexical 35- Todas as variantes**

**Pergunta do questionário: 223 ¿Qué nombre tiene este tipo de nubes?**

**Observações:** As variantes que tiveram baixas ocorrências ou ocorrências únicas foram registradas dentro de “outros”.

**Baixas ocorrências:** *cumulus* (Rio Grande)

**Ocorrências únicas:** *nube grosa* (Rio Grande), *nubarrón* (Rio Grande), *abochornado* (Porvenir).

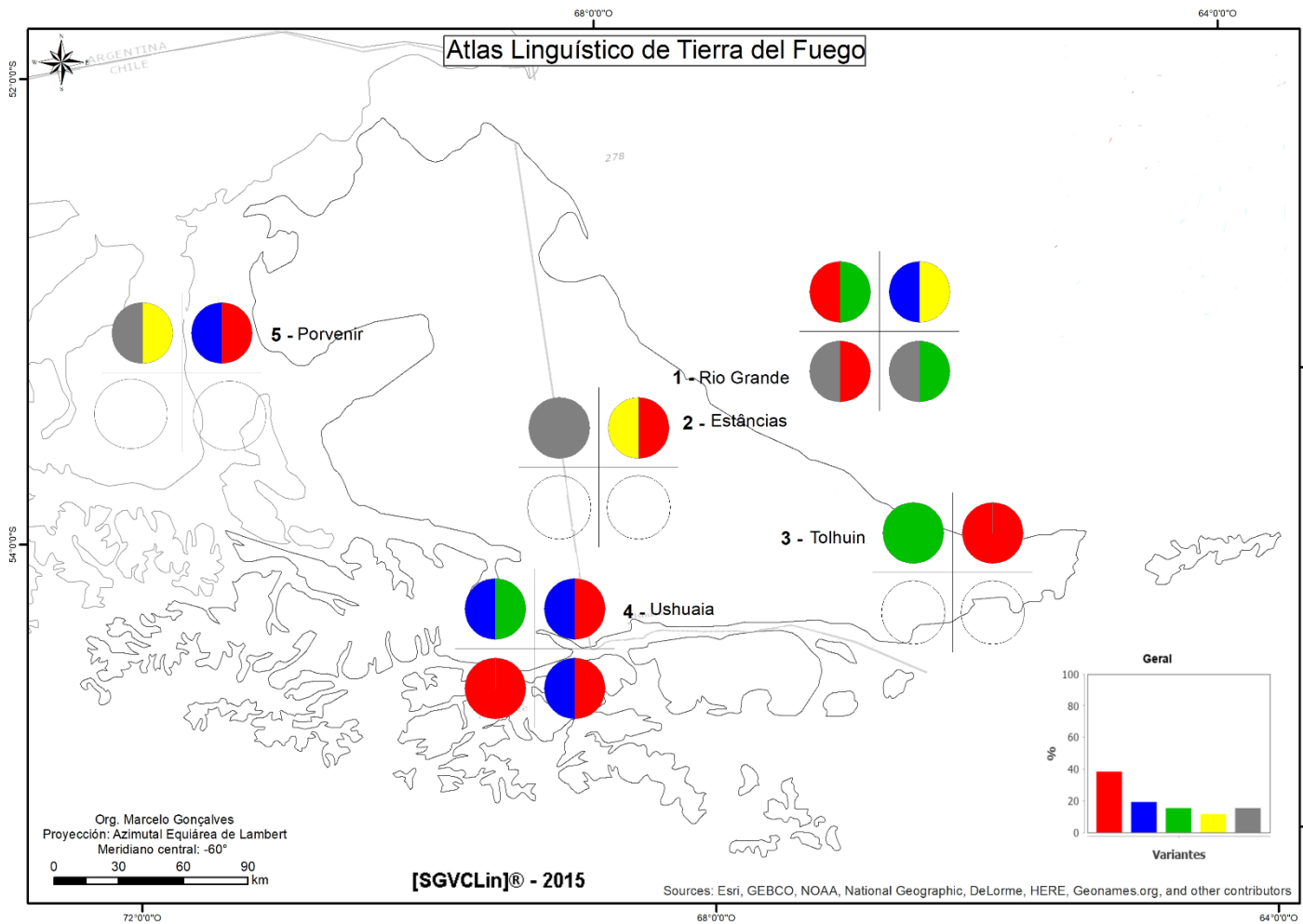
### **Comentários**

INF: de tormenta, pero yo sé que es un cumulus nimbus, pero porque lo estudié alguna vez (RG O8).

INF: Tá nublado.

INQ: ¿y si viene medio negra?

INF: Se viene un temporal (EST 01).



**CARTA L36**

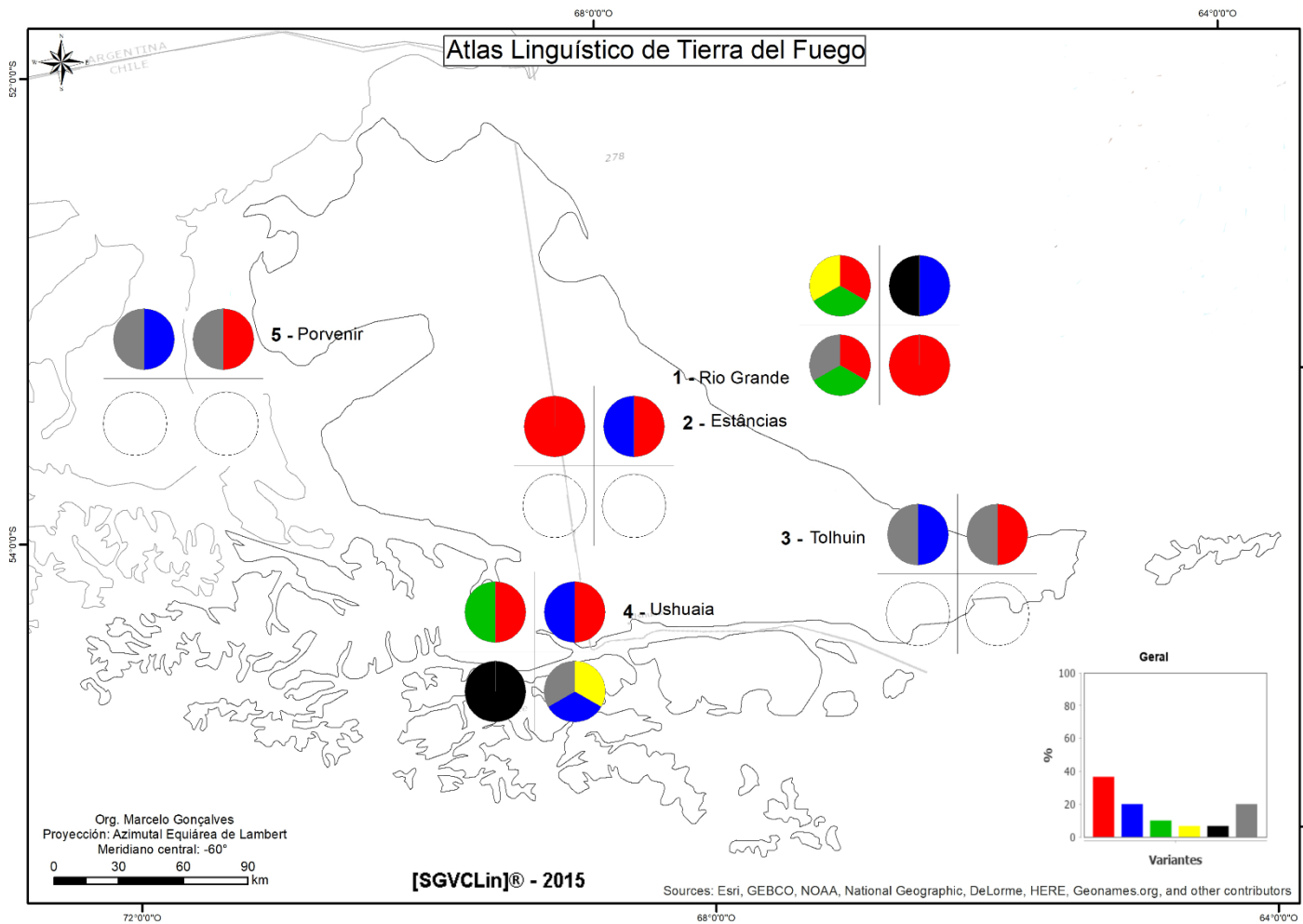
223-¿Qué nombre tiene este tipo de nube? (imagen)

**Carta Lexical 36- Com a primeira resposta fornecida por cada informante**

**Pergunta do questionário: 223 ¿Qué nombre tiene este tipo de nubes?**

**Observações:** As variantes que tiveram baixas ocorrências ou ocorrências únicas foram registradas dentro de “outros”.

**Ocorrências únicas:** *cumulus* (Estâncias), *nube grossa* (Rio Grande), *nubarrón* (Rio Grande), *abochornado* (Porvenir).



**CARTA L37**

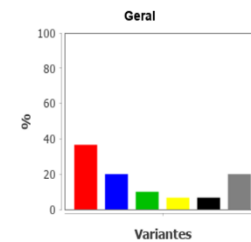
229- ¿Y cuando cae mucha agua de golpe [qué nombre tiene]?

**Legenda**

- chaparrón
- tormenta/ tormenta de lluvia
- lluvia torrencial/ terrible lluvia
- aguacero
- chubasco
- Outros

- ① ②
- ③ ④

- 1-mulheres-nível secundário
- 2-homens-nível secundário
- 3-mulheres-nível superior
- 4-homens-nível superior



### **Carta Lexical 37- Todas as variantes**

**Pergunta do questionário: 229 ¿Y cuando cae mucha agua de golpe [qué nombre tiene]?**

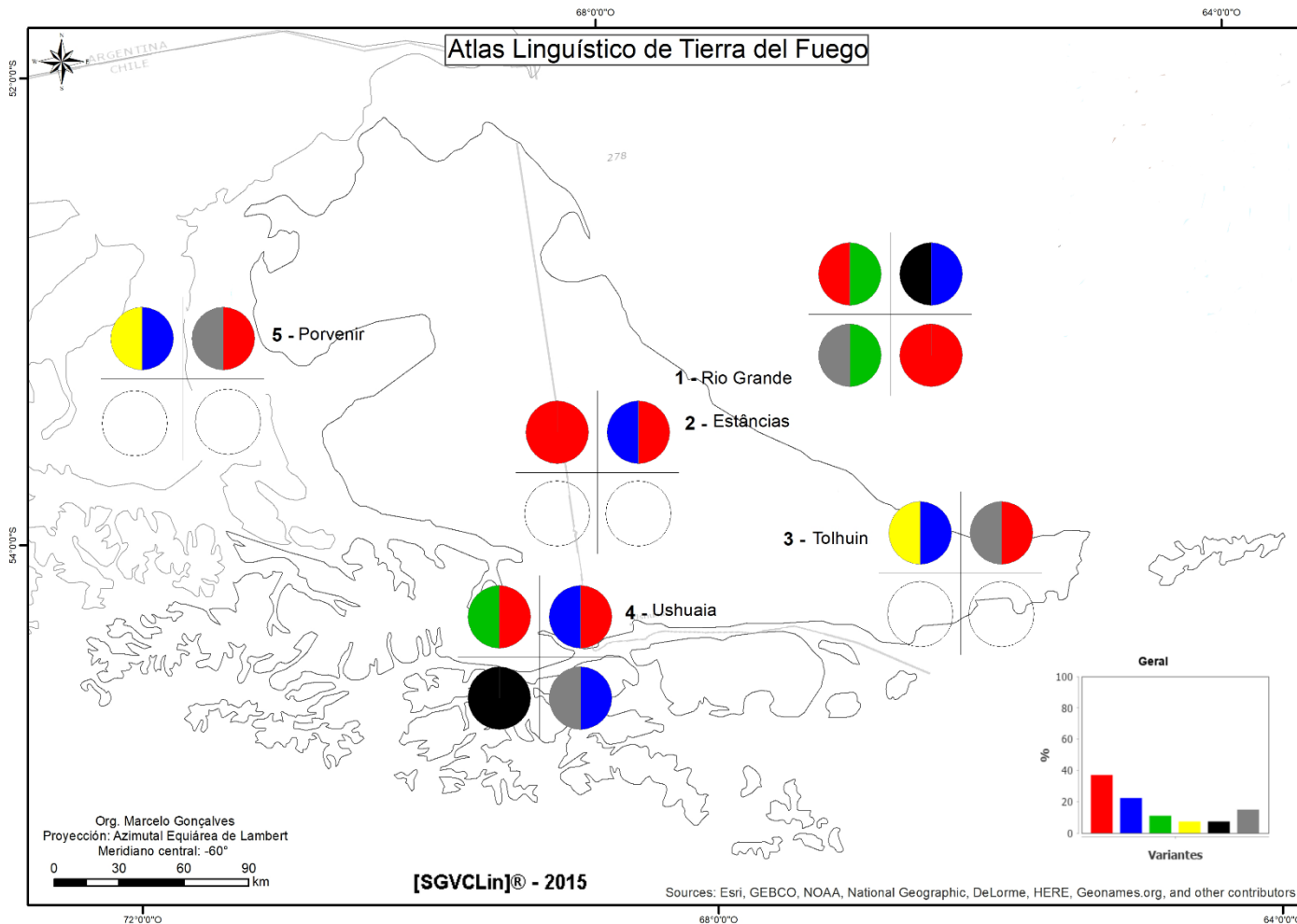
**Observações:** As variantes que tiveram baixas ocorrências ou ocorrências únicas foram registradas dentro de “outros”.

**Ocorrências únicas:** *Ilovizna* (Porvenir) *Ilueve de arriba pa´ bajo* (Porvenir), *diluvio* (Rio Grande), *Ilueve a cántaros* (Tolhuin), *luvia* (Tolhuin), *baldazo* (Ushuaia).

### **Comentários**

INQ: Diluvio o chaparrón ¿serían lo mismo para vos?

INF: Pero usás ese diluvio para el momento nada más (RG 08).



**CARTA L38**

229-¿Y cuando cae mucha agua de golpe [qué nombre tiene]?

**Legenda**

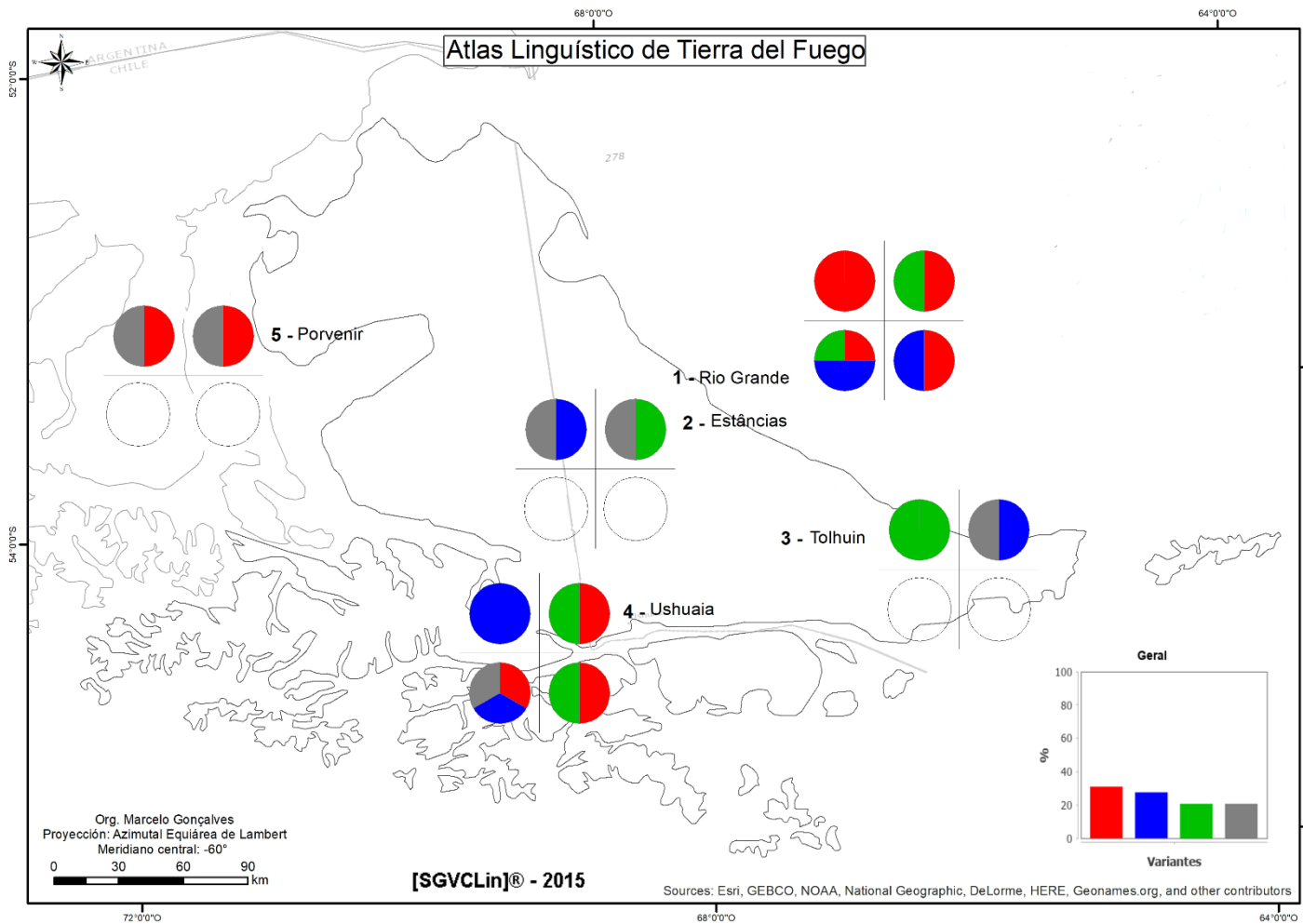
- chaparrón
  - tormenta/ tormenta de lluvia
  - lluvia torrencial/ terrible lluvia
  - llueve a cántaros/ llueve de arriba pa' bajo
  - chubasco
  - Outros
- ① ②  
③ ④
- 1-mulheres-nível secundário  
 2-homens-nível secundário  
 3-mulheres-nível superior  
 4-homens-nível superior

**Carta Lexical 38- Com a primeira resposta fornecida por cada informante**

**Pergunta do questionário: 229 ¿Y cuando cae mucha agua de golpe [qué nombre tiene]?**

**Observações:** As variantes que tiveram baixas ocorrências ou ocorrências únicas foram registradas dentro de “outros”.

**Ocorrências únicas:** *diluvio* (Río Grande), *llovizna* (Porvenir), *aldazo* (Ushuaia), *lluvia* (Tolhuin).



**CARTA L39**

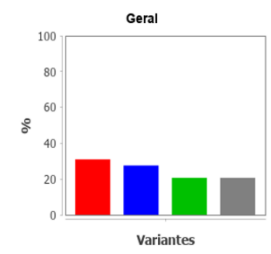
239-¿Cuándo comienza a nevar y no para durante varias horas [qué nombre tiene]?

**Legenda**

- nevazón
- nevada
- tormenta de nieve
- Outros

- ① ②
- ③ ④

- 1-mulheres-nível secundário
- 2-homens-nível secundário
- 3-mulheres-nível superior
- 4-homens-nível superior



### **Carta Lexical 39- Todas as variantes**

**Pergunta do questionário: 239 ¿Cuando comienza a nevar y no para durante varias horas [qué nombre tiene]?**

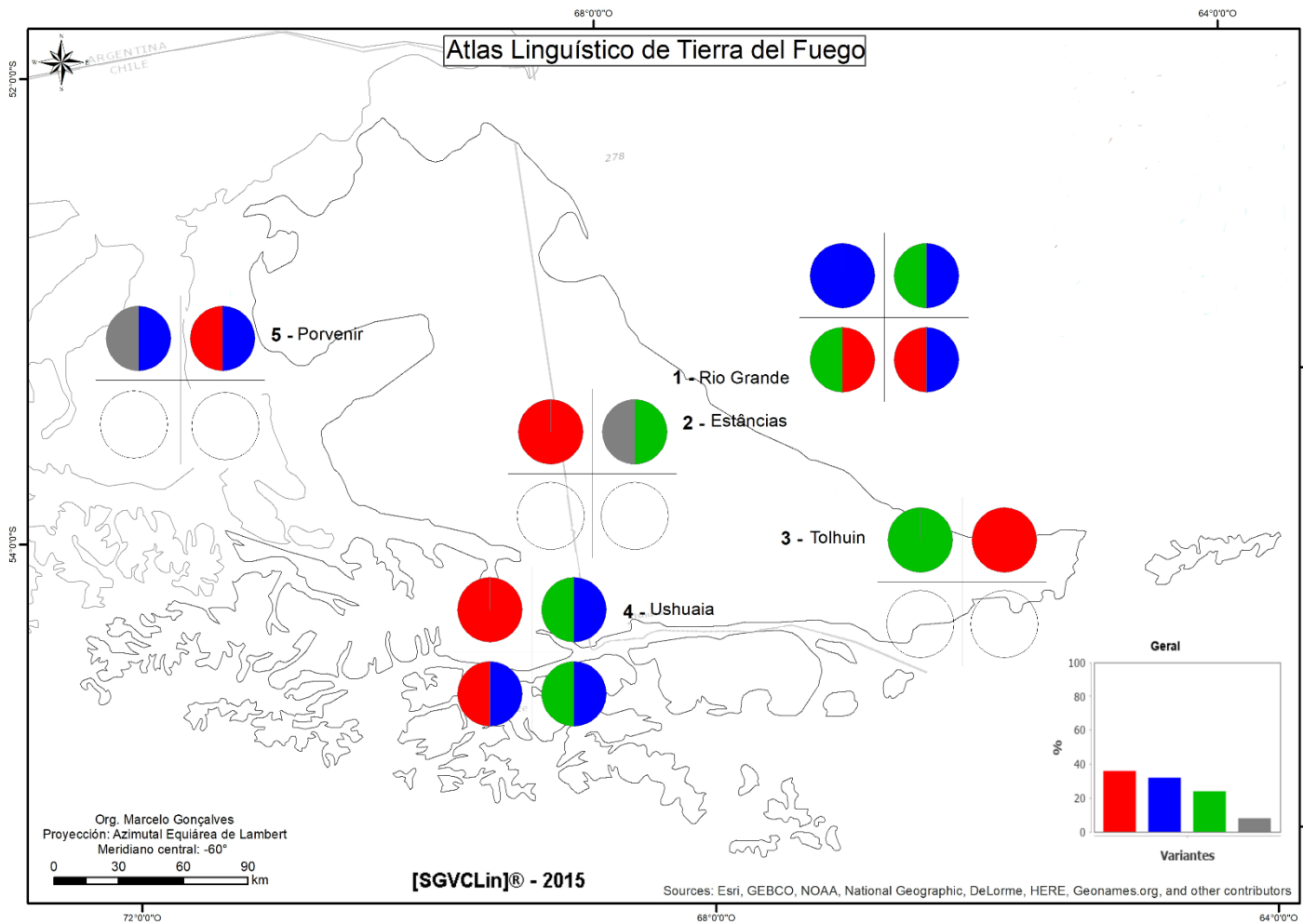
**Observações:** As variantes que tiveram baixas ocorrências ou ocorrências únicas foram registradas dentro de “outros”. Dois informantes não souberam responder RG 04, TOL 02.

**Baixas ocorrências:** *está nevando* (Porvenir), *está nevando* (Tolhuin)

**Ocorrências únicas:** *ventisca* (Porvenir), *temporal de nieve* (Estâncias), *flor de nevada* (Estâncias), *san copo* (Ushuaia)

### **Comentários**

INF: No creo que le tenga un nombre. Es como que “está nevando”. Nunca le puse un nombre cuando nieva y no para (EST 02).



**CARTA L40**

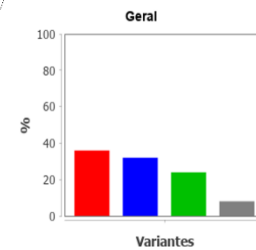
239-¿Cuando comienza a nevar y no para durante varias horas [qué nombre tiene]?

**Legenda**

- nevada
- nevazón
- tormenta/ tormenta de nieve
- Outros

- ① ②
- ③ ④

- 1-mulheres-nível secundário
- 2-homens-nível secundário
- 3-mulheres-nível superior
- 4-homens-nível superior

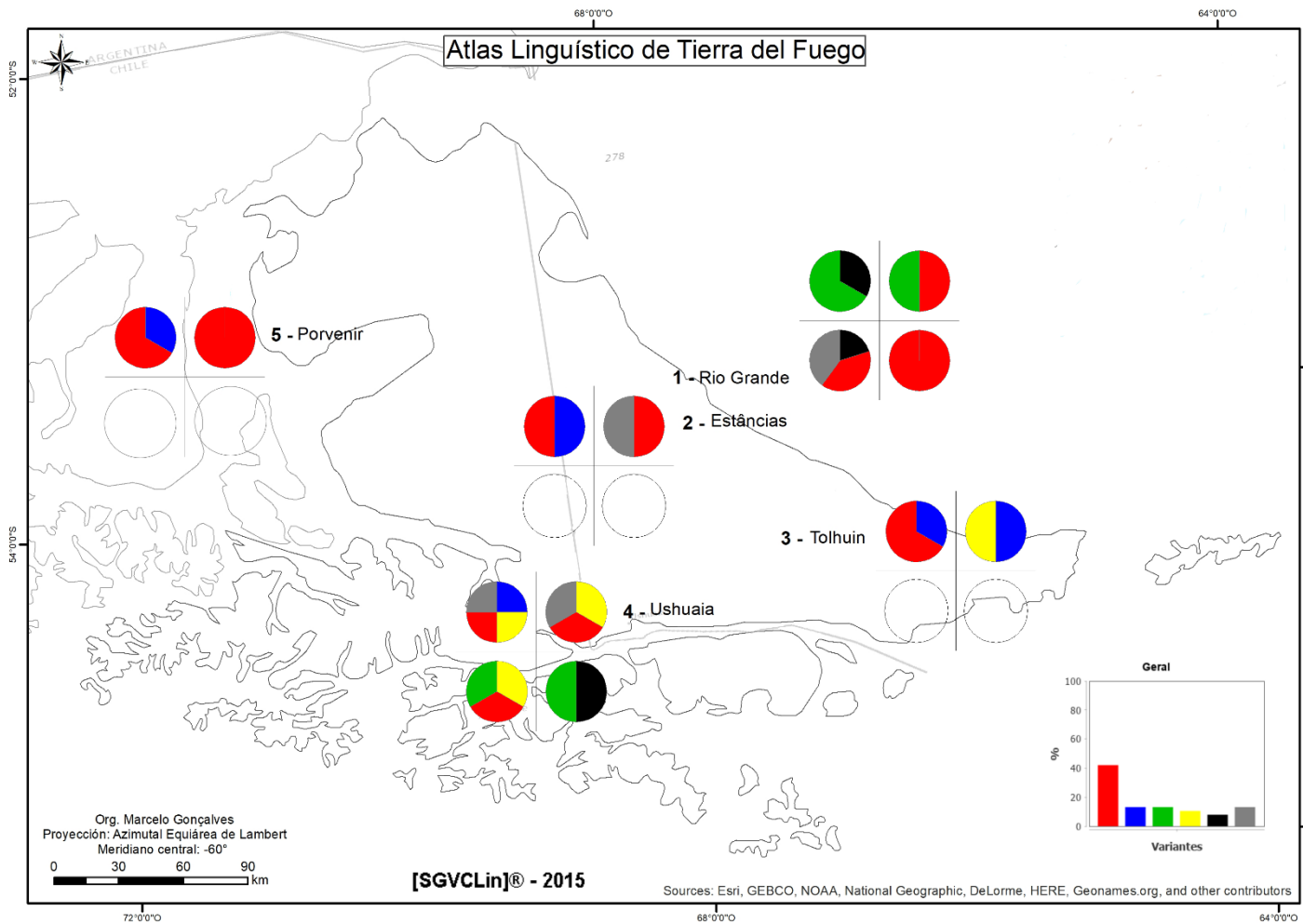


**Carta Lexical 40- Com a primeira resposta fornecida por cada informante**

**Pergunta do questionário: 239 ¿Cuando comienza a nevar y no para durante varias horas [qué nombre tiene]?**

**Observações:** As variantes que tiveram baixas ocorrências ou ocorrências únicas foram registradas dentro de “outros”. Dois informantes não souberam responder RG 04, TOL 02.

**Baixas ocorrências:** *está nevando* (Tolhuin), *está nevando* (Porvenir).



**CARTA L41**

238- Cuando las calles se congelan y luego el hielo se empieza a derretir, decimos que el piso está...

**Legenda**

- resbaloso/resbaladizo
- escarchado
- patinoso
- congelado
- jabonoso/ jabón
- Outros
- ① ②
- ③ ④

- 1-mulheres-nível secundário
- 2-homens-nível secundário
- 3-mulheres-nível superior
- 4-homens-nível superior

### Carta Lexical 41- Todas as variantes

**Pregunta do questionário: 238- Cuando las calles se congelan y luego el hielo se comienza a derretir decimos que el piso está.....**

**Observações:** As variantes que tiveram baixas ocorrências ou ocorrências únicas foram registradas dentro de “outros”.

**Ocorrências únicas:** *hecho un vidrio* (Rio Grande), *como espejo* (Rio Grande), *lavado* (Estancias), *hielo lavado* (Ushuaia), *con hielo* (Ushuaia).

### Comentários

INF: Con escarcha, escarchada, resbalosa, vidriosa

INQ: ¿Y qué palabra usás habitualmente?

INF: escarchada, sí. Porque a veces está hecha un jabón...cuando deshiela un poquito (EST 04).

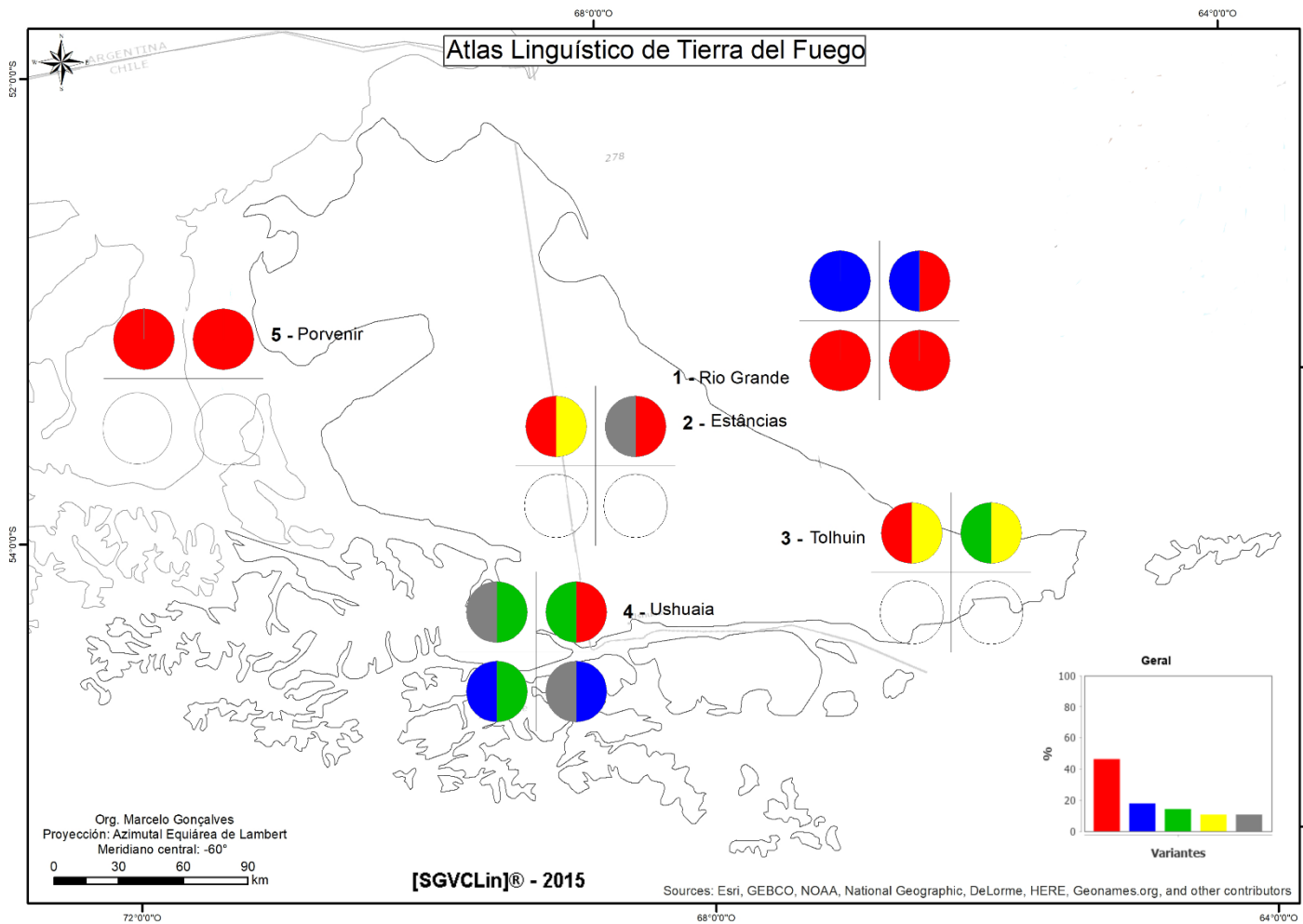
INF: Congelada...escarchada.

INQ: Está hecha un...

INF: Un hielo

INQ: ¿Un jabón escuchaste?

INF: no (USH 02).



**CARTA L42**

238- Cuando las calles se congelan y luego el hielo se empieza a derretir, decimos que el piso está...

**Legenda**

- resbaladizo/ resbaloso
- patinoso
- congelado
- escarchado
- Outros

- ① ②
- ③ ④

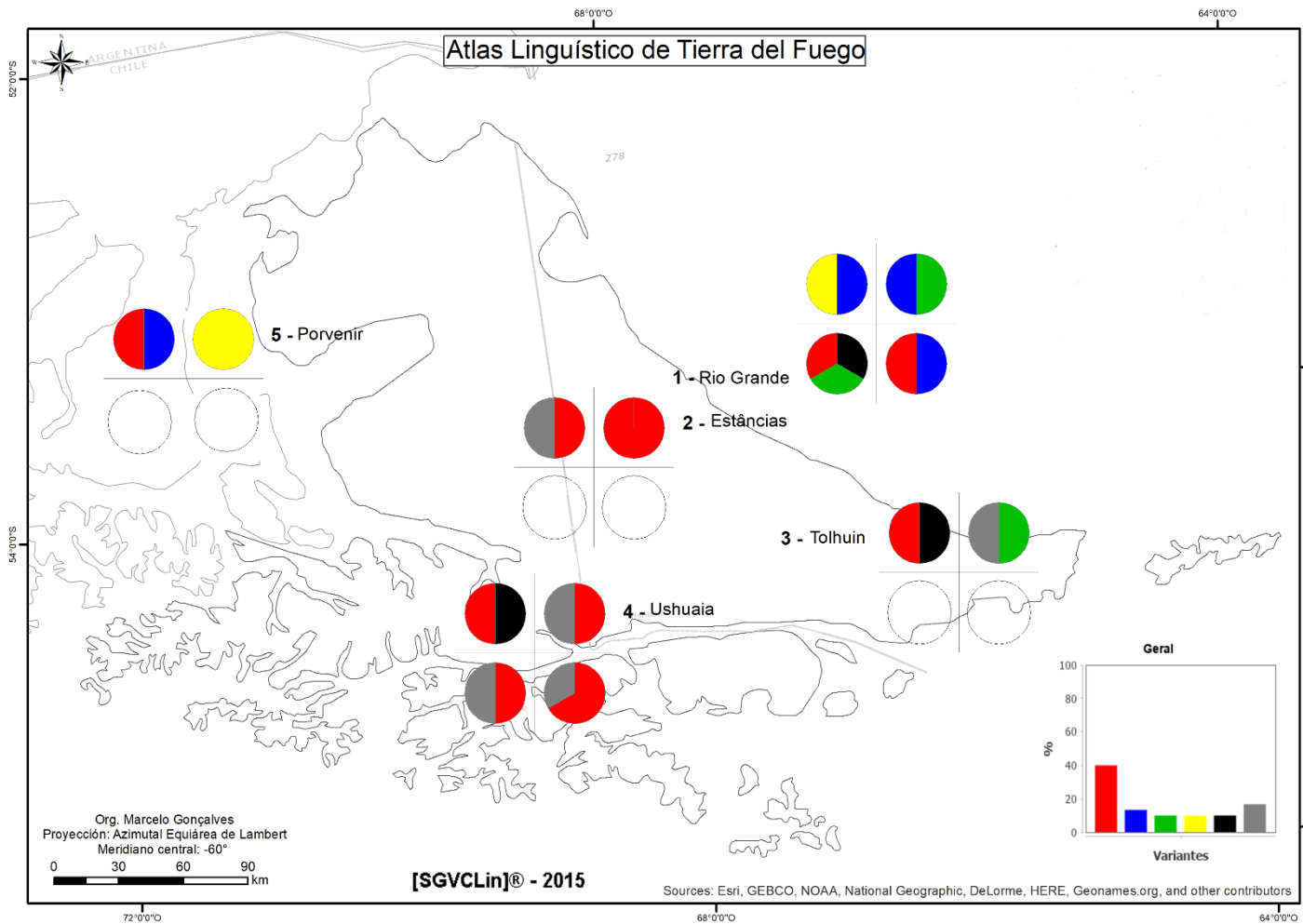
- 1-mulheres-nível secundário
- 2-homens-nível secundário
- 3-mulheres-nível superior
- 4-homens-nível superior

**Carta Lexical 42- Com a primeira resposta fornecida por cada informante**

**Pergunta do questionário: 238- Cuando las calles se congelan y luego el hielo se comienza a derretir decimos que el piso está.....**

**Observações:** As variantes que tiveram baixas ocorrências ou ocorrências únicas foram registradas dentro de “outros”.

**Ocorrências únicas:** *lavado* (Estancias), *con hielo* (Ushuaia), *jabón* (Ushuaia).



### CARTA L43

240-¿Qué nombre reciben estas formaciones (imagen)?

#### Legenda

- estalactitas
  - picos/ picos de hielo/ piquitos
  - barritas de hielo/ hielo
  - agua escarchada/ escarcha
  - velas
  - Outros
- ① ②  
③ ④

- 1-mulheres-nível secundário
- 2-homens-nível secundário
- 3-mulheres-nível superior
- 4-homens-nível superior

### **Carta Lexical 43- Todas as variantes**

**Pergunta do questionário: 240 ¿Qué nombre reciben estas formaciones?**

**Observações:** As variantes que tiveram baixas ocorrências ou ocorrências únicas foram registradas dentro de “outros”.

**Ocorrências únicas:** *conitos* (Estancias), *cachitos* (Tolhuin), *carámbanos* (Ushuaia), *escarlantina* (Ushuaia), *escarlatita* (Ushuaia).

### **Comentários**

INF: Yo les digo las velas, pero sé que hay una palabra que suelen utilizar que es carámbanos, pero yo personalmente nunca la uso. La que siempre le daba ese nombre era una vieja pobladora, cómo era que se llamaba... que ella era escritora.

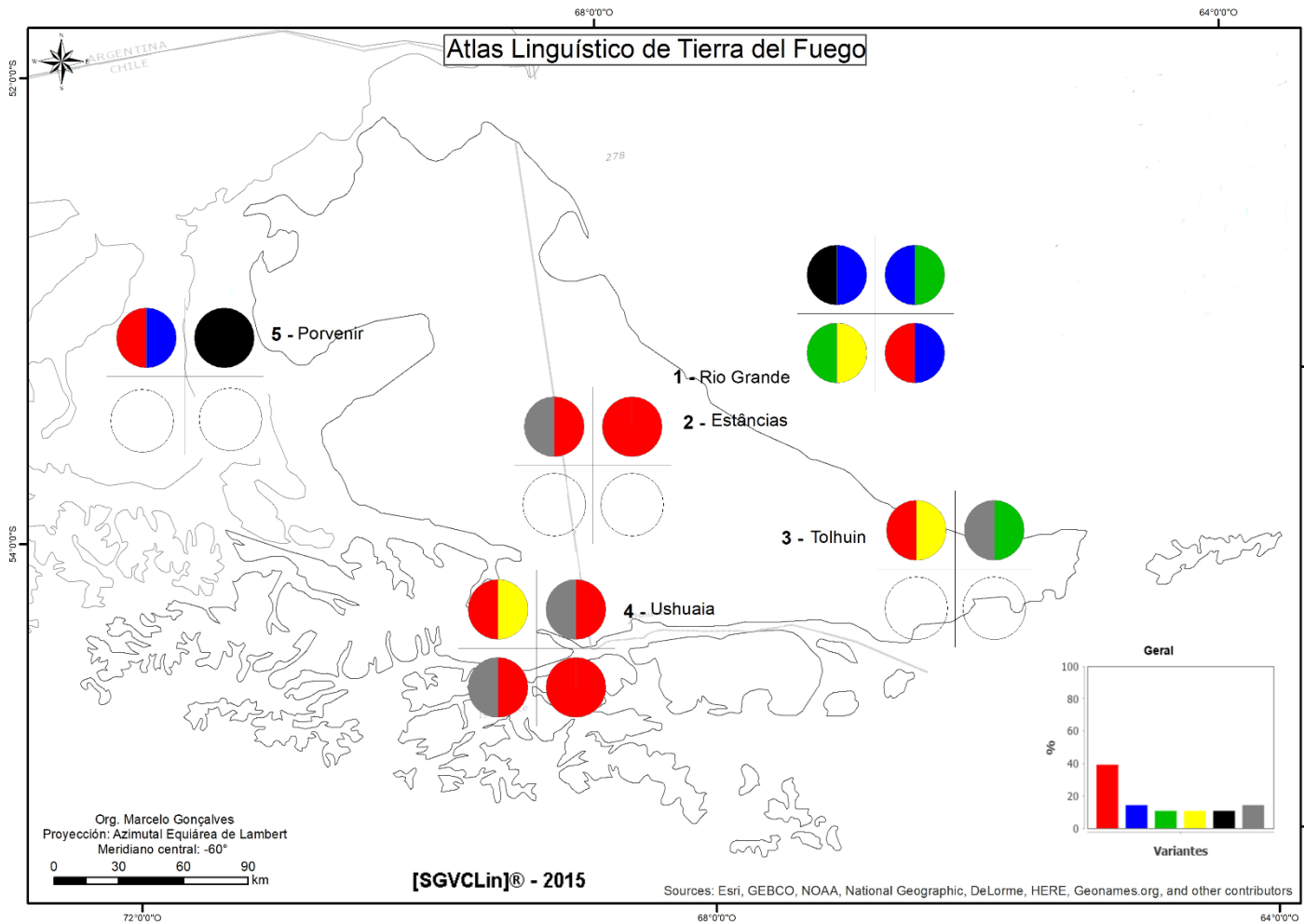
INQ: ¿y después volviste a escuchar ese nombre?

INF: No, pero a ella... no sé de dónde habrá sacado la palabra (USH 04).

INF: nosotros toda la vida le dijimos estalactitas, pero no son estalactitas, porque nacen del suelo hacia arriba, estos cuelgan, tiene otro nombre... pero eso le aprendí de grande...

INQ: ¿Pero vos los llamabas estalactitas?

INQ: Sí. Me lo enseñó un poema de una escritora de acá. Otero. Ella hizo, le puso el nombre carámbanos, le hizo un poema a los carámbanos (USH 07).

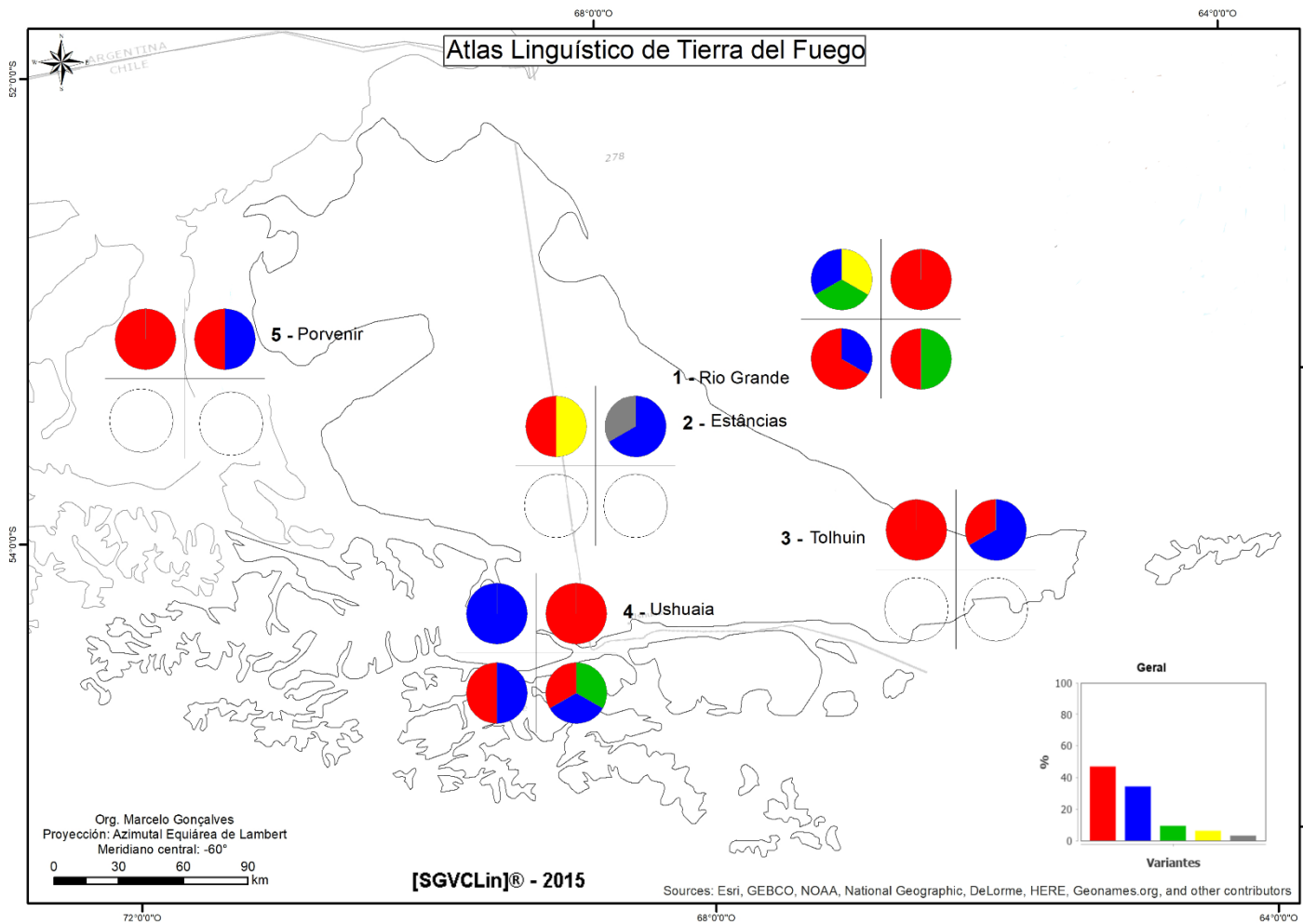


**CARTA L44**

240-¿Qué nombre reciben estas formaciones (imagen)?

**Carta Lexical 44- Com a primeira resposta fornecida por cada informante**  
**Pergunta do questionário: 240 ¿Qué nombre reciben estas formaciones?**

**Observações:** As variantes que tiveram baixas ocorrências ou ocorrências únicas foram registradas dentro de “outros”.  
**Ocorrências únicas:** *conitos* (Estancias), *cachitos* (Tolhuin), *escarlatina* (Ushuaia), *escarlatita* (Ushuaia).



**CARTA L45**

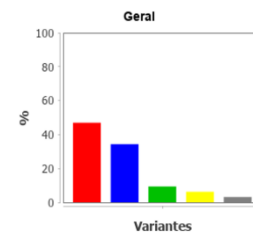
215-¿Qué nombre tiene este pan redondo, chiquito, que se vende en las panaderías?

**Legenda**

- hallulla
- pan/ pan casero/ pan especial
- raspadita
- bizcocho/ bizcocho de grasa
- Outros

- ① ②
- ③ ④

- 1-mulheres-nível secundário
- 2-homens-nível secundário
- 3-mulheres-nível superior
- 4-homens-nível superior



### **Carta Lexical 45- Todas as variantes**

**Pergunta do questionário: 215 ¿Qué nombre tiene este pan redondo, chiquito, que se vende en las panaderías?**

**Observações:** As variantes que tiveram baixas ocorrências ou ocorrências únicas foram registradas dentro de “outros”.

**Ocorrências únicas:** *galletas* (Estâncias)

### **Comentários**

INQ: ¿chipacas también se le dice?

INF: Sí, también. Yo de chiquita le decía chipaca y ahora de grande raspadita. Se ve que trajeron otro lenguaje (RG 02).

INF: raspadita.

INQ: ¿Algún otro nombre?

INF: Tortilla

INQ: ¿Las conocés como hallullas?

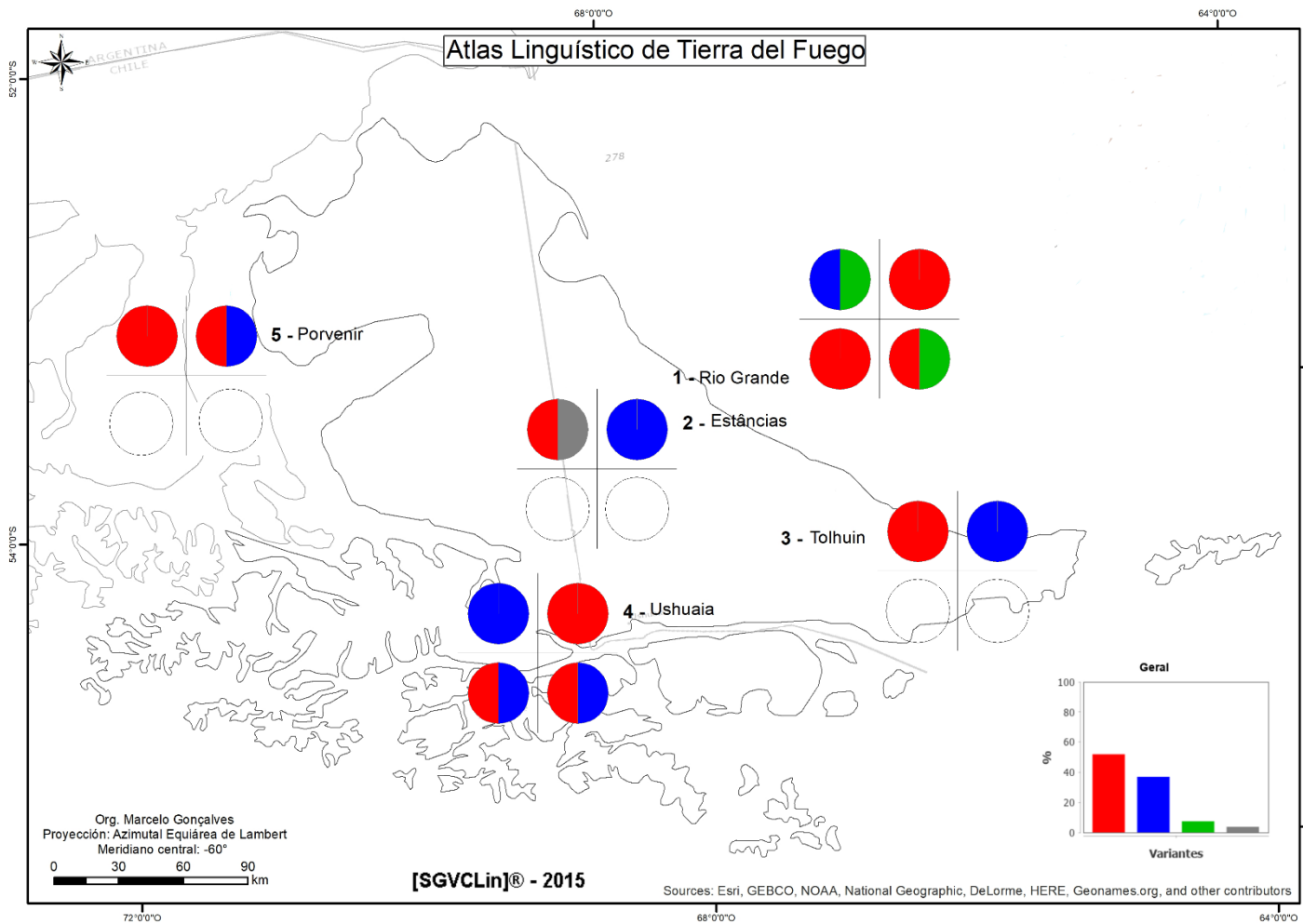
INF: Para mí la hallulla tiene otra forma (RG 05).

INF: La hallulla, por ejemplo, le llaman así en Chile, al pan chato, pinchadito. Una vez vino un señor de Córdoba que empezó a hacer las chipacas, que es muy de Córdoba. Después de los '80 fue el furor de las chipacas, que eran esas (RG 08).

INF: Pan de mesa.

INQ: Y si lo vas a pedir en la panadería, ¿decís hallulla?

INF: No, nunca la escuché a esa palabra (USH 06).



**CARTA L46**

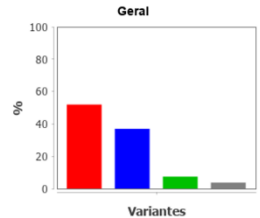
215-¿Qué nombre tiene este pan redondo, chiquito, que se vende en las panaderías?

**Legenda**

- hallulla
- pan/ pan casero/ pan especial
- raspadita
- Outros

- ① ②
- ③ ④

- 1-mulheres-nível secundário
- 2-homens-nível secundário
- 3-mulheres-nível superior
- 4-homens-nível superior

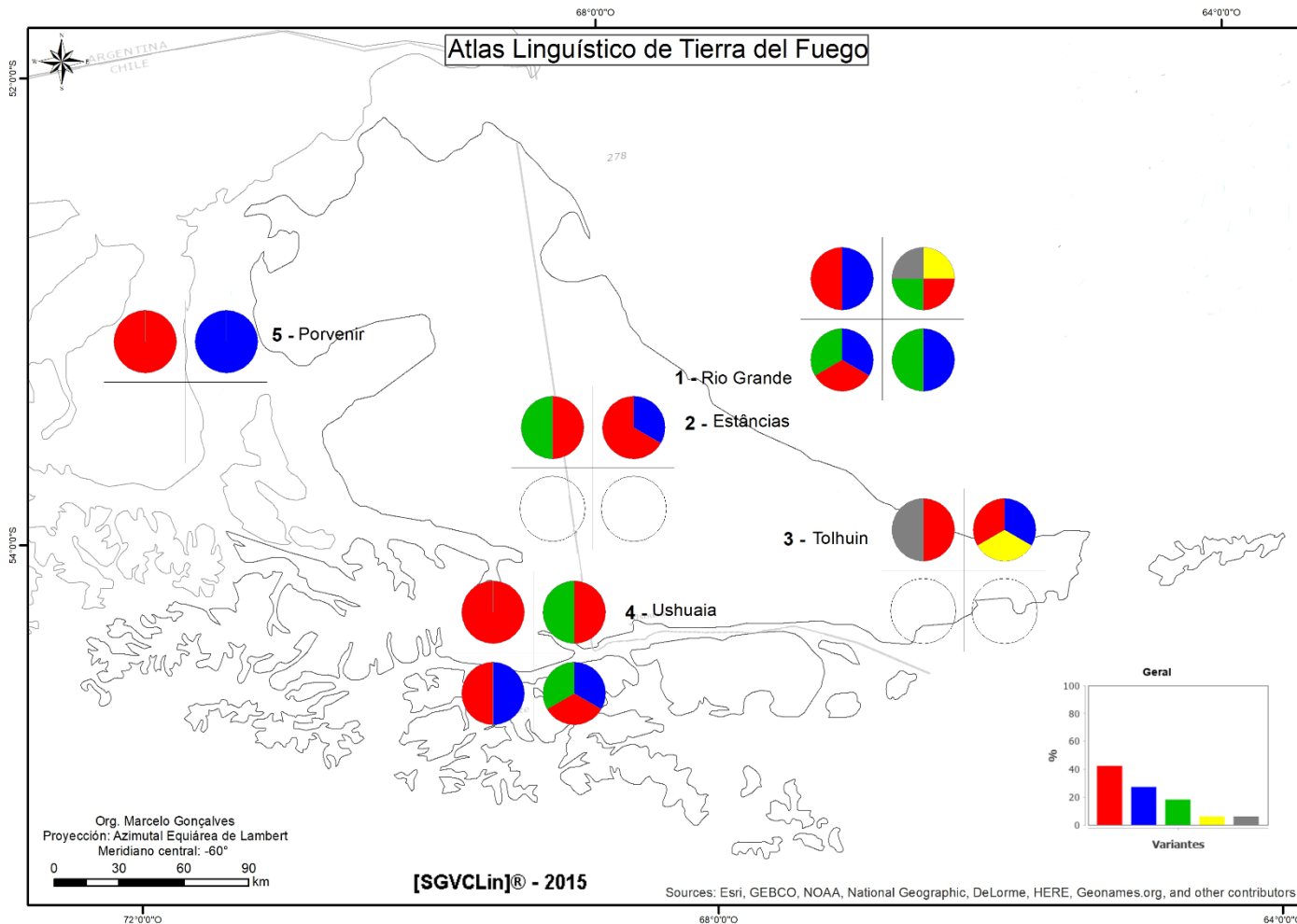


**Carta Lexical 46- Com a primeira resposta fornecida por cada informante**

**Pergunta do questionário: 215 ¿Qué nombre tiene este pan redondo, chiquito, que se vende en las panaderías?**

**Observações:** As variantes que tiveram baixas ocorrências ou ocorrências únicas foram registradas dentro de “outros”.

**Ocorrências únicas:** *bizcocho de grasa* (Estâncias).



**CARTA L47**

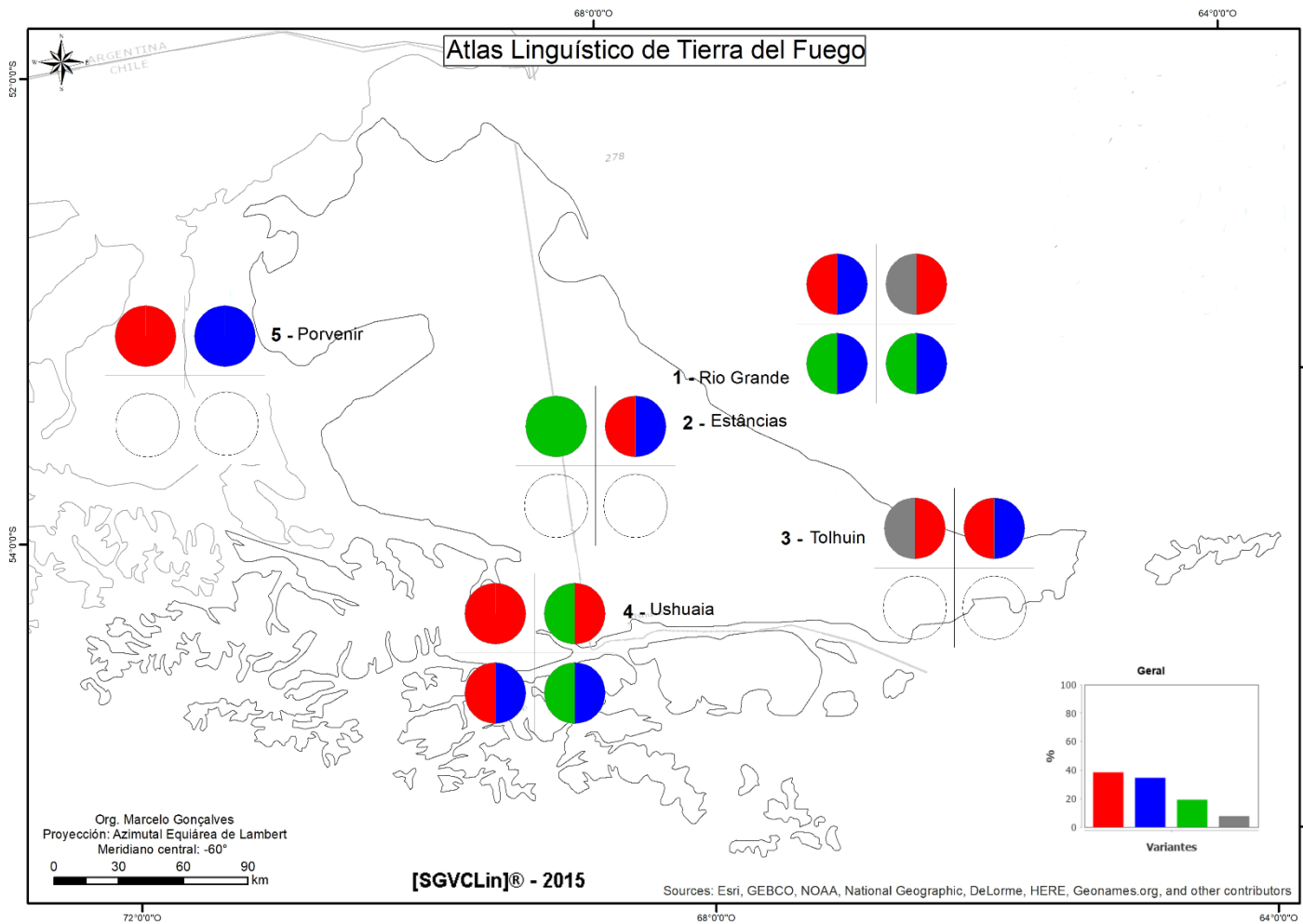
289-¿Qué nombre tiene eso que los castores construyen con la madera de los árboles?

**Carta Lexical 47- Todas as variantes**

**Pergunta do questionário: 289 ¿Qué nombre tiene eso que los castores construyen con la madera de los árboles?**

**Observações:** As variantes que tiveram baixas ocorrências ou ocorrências únicas foram registradas dentro de “outros”. Um informante não soube responder (EST 02).

**Ocorrências únicas:** *casa* (Tolhuin), *nicho* (Rio Grande).



### CARTA L48

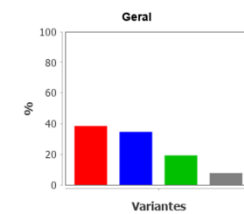
289-¿Qué nombre tiene eso que los castores construyen con la madera de los árboles?

#### Legenda

- castorera
- represa
- dique
- Outros

- ① ②
- ③ ④

- 1-mulheres-nível secundário
- 2-homens-nível secundário
- 3-mulheres-nível superior
- 4-homens-nível superior

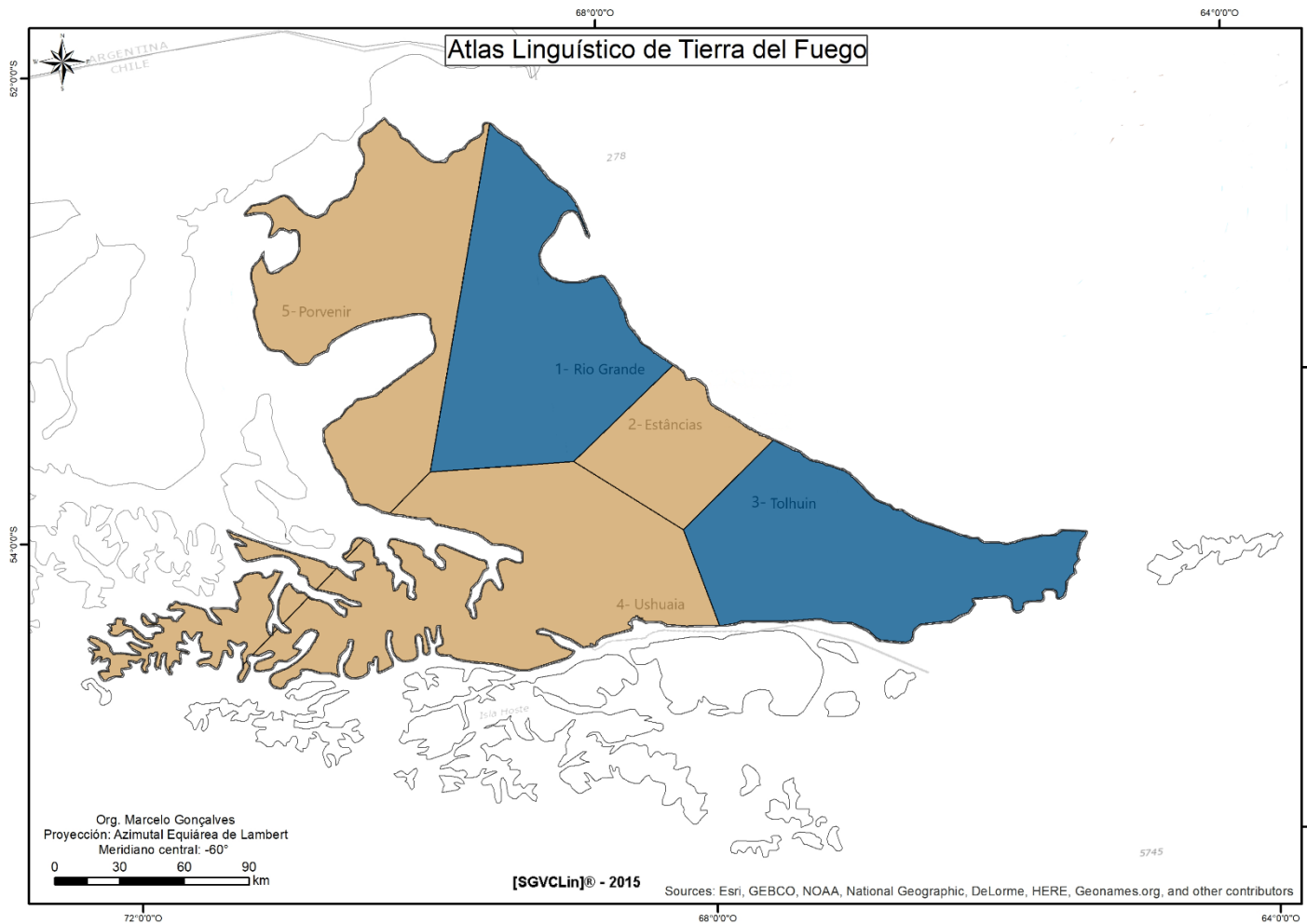


**Carta Lexical 48- Com a primeira resposta fornecida por cada informante**

**Pergunta do questionário: 289 ¿Qué nombre tiene eso que los castores construyen con la madera de los árboles?**

**Observações:** As variantes que tiveram baixas ocorrências ou ocorrências únicas foram registradas dentro de “outros”.

**Ocorrências únicas:** *casa* (Tolhuin), *nicho* (Rio Grande).



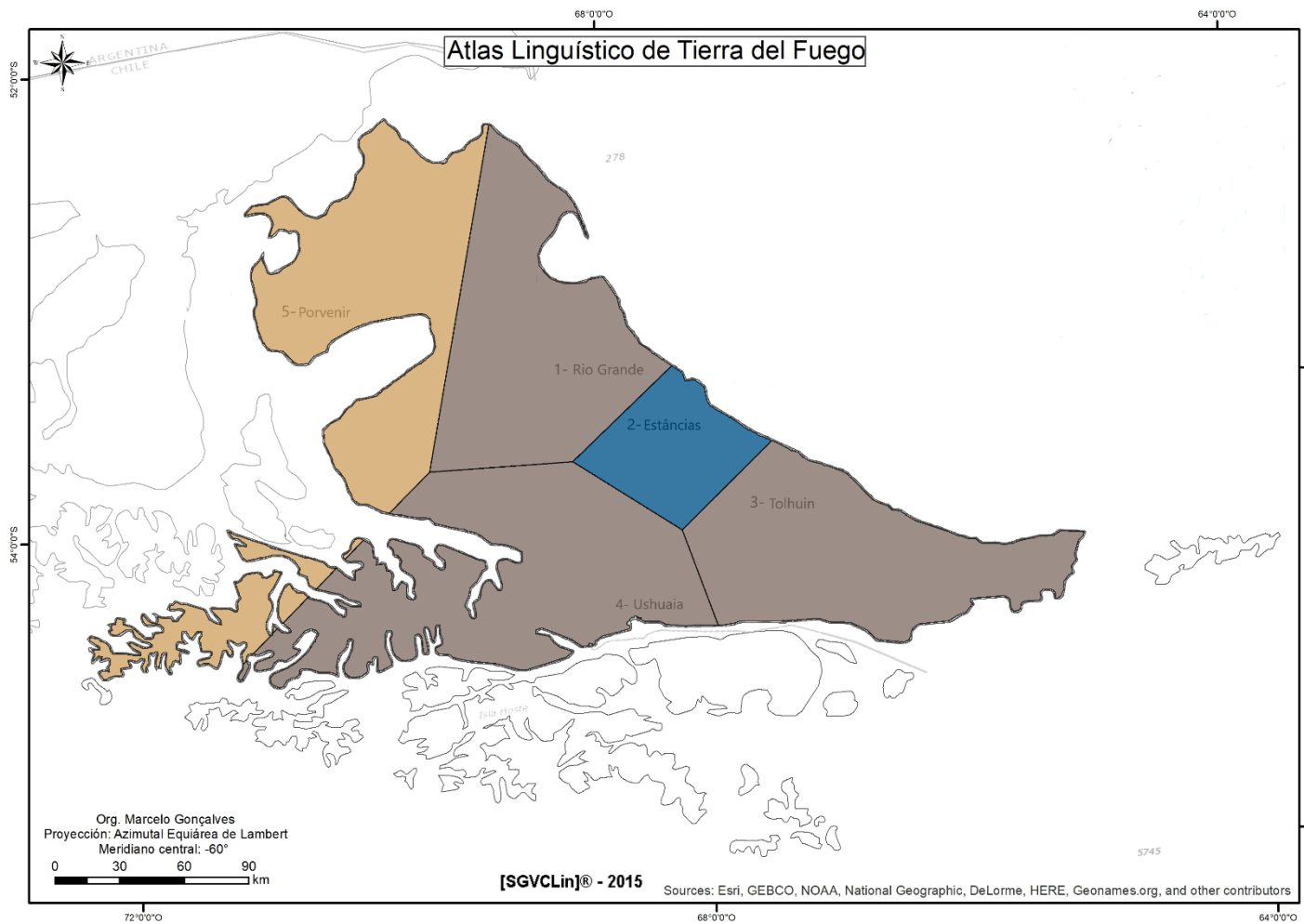
**CARTA L49**

Carta demostrativa de arealidad "guata" vs. "panza"

**Legenda**

- guata, panza
- panza

**Carta Lexical 49- Carta demonstrativa de arealidad: “guata” vs. “panza”**



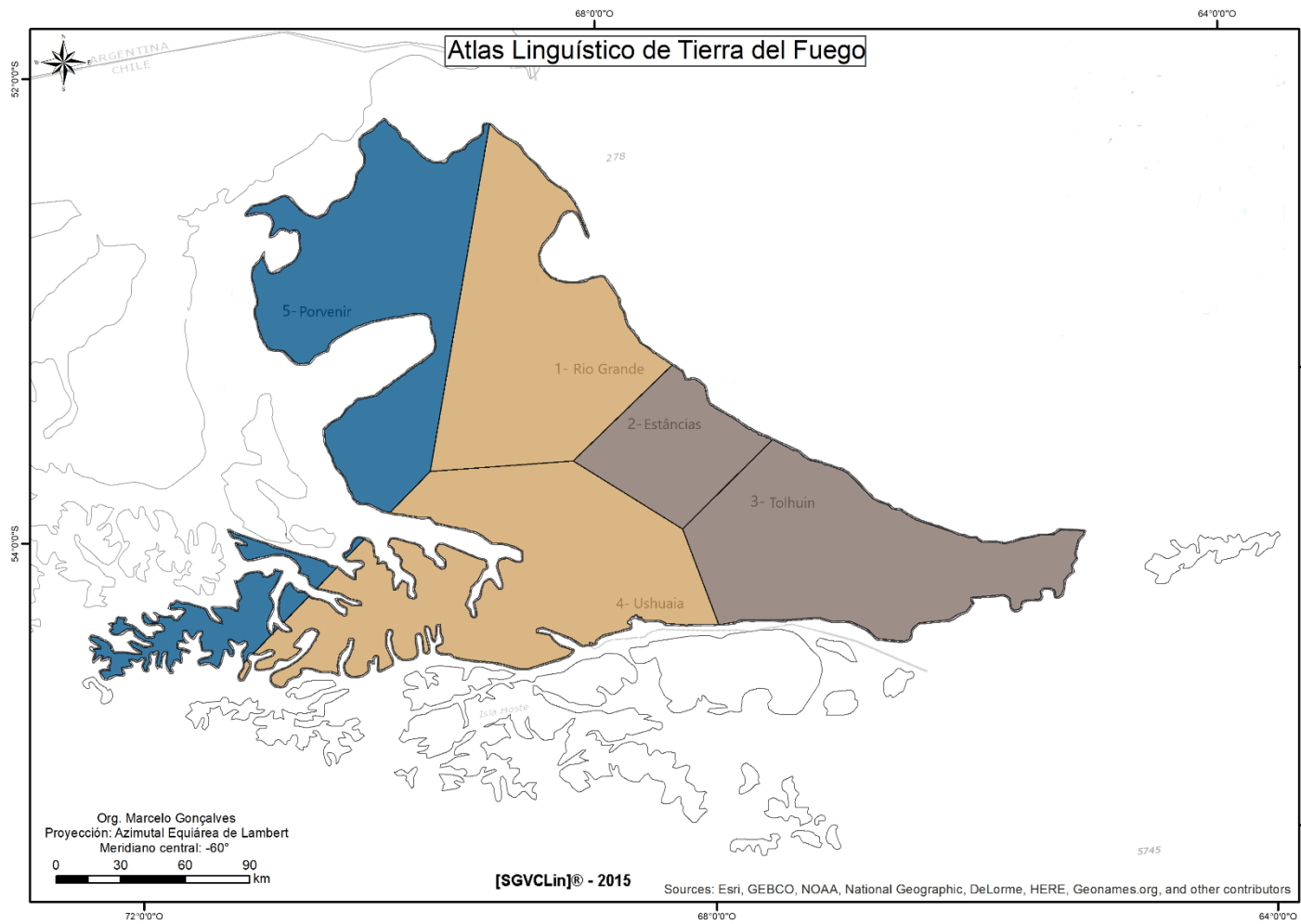
**CARTA L50**

Carta demostrativa de  
arealidad "puta" vs. "trola"

**Legenda**

- puta, trola
- puta
- trola

**Carta Lexical 50- Carta demonstrativa de arealidade: “puta” vs. “trola”**

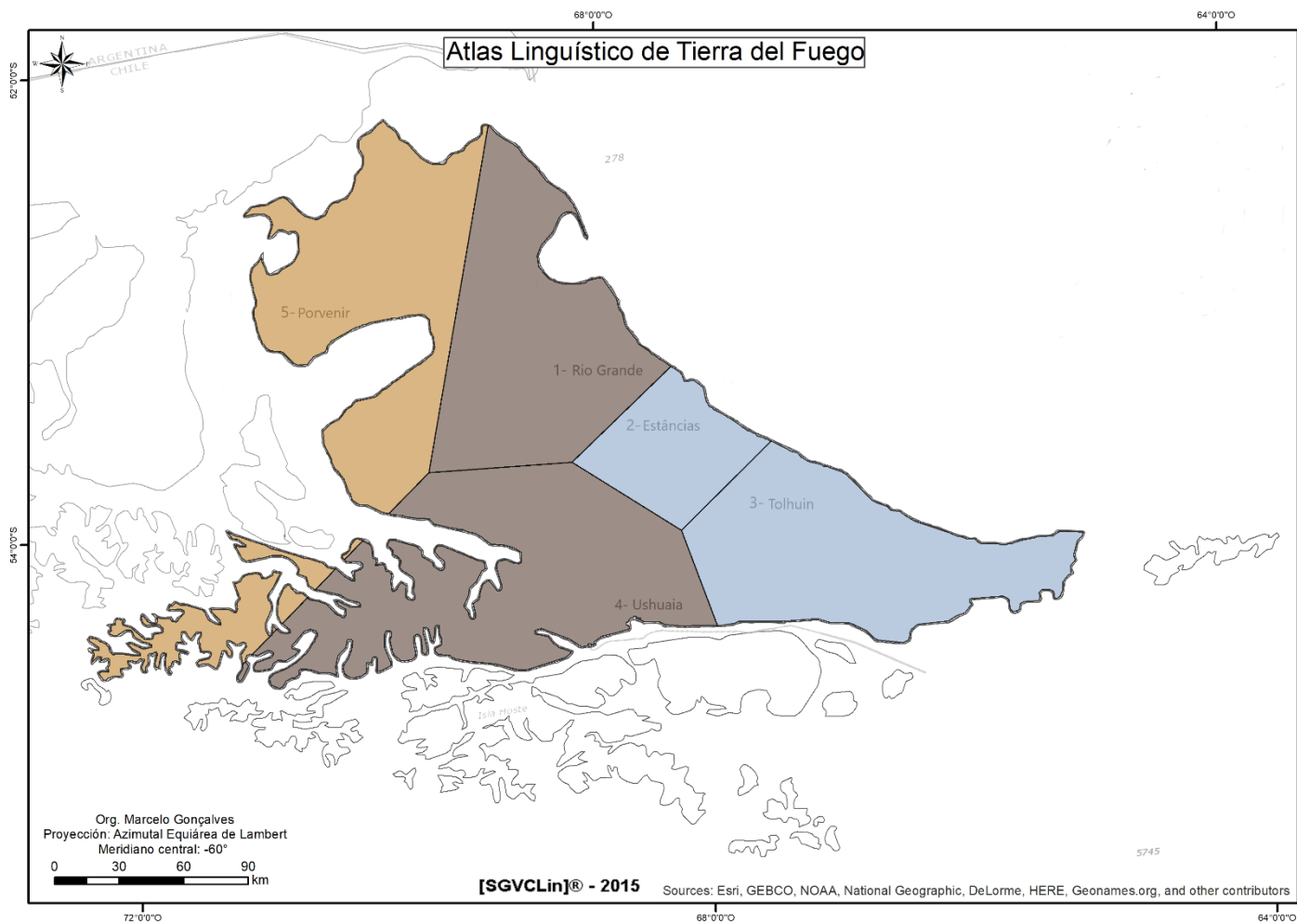


**CARTA L51**  
Carta demostrativa de  
arealidad "amarrete" vs. "rata"

**Legenda**

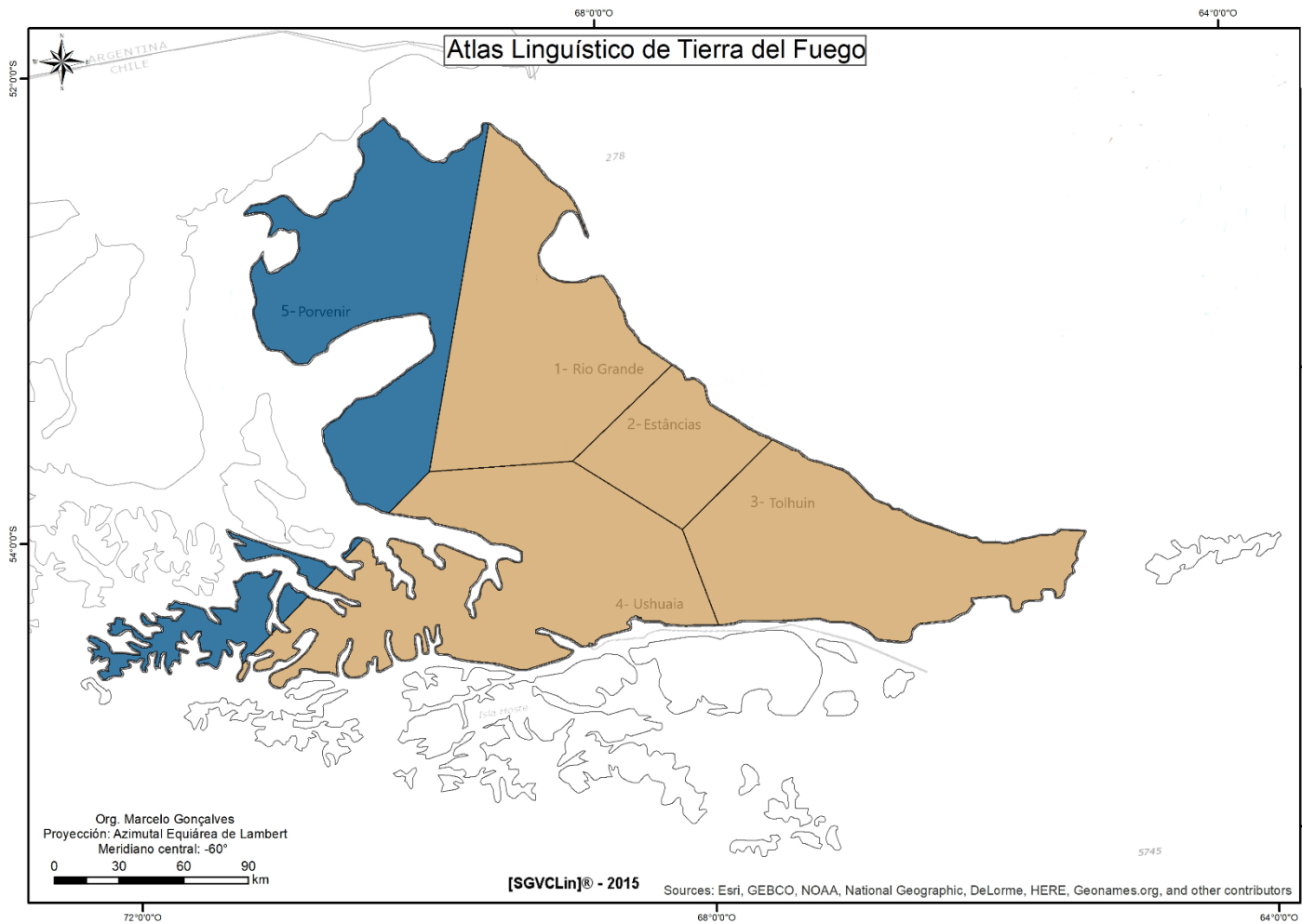
- amarrete, rata
- rata
- amarrete

**Carta Lexical 51- Carta demonstrativa de arealidade: “amarrete” vs. “rata”**



**CARTA L52**  
 Carta demostrativa arealidad  
 "bombacha" vs. "calzón"

**Carta Lexical 52- Carta demonstrativa de arealidad: “bombacha” vs. “calzón”**



Atlas Lingüístico de Tierra del Fuego

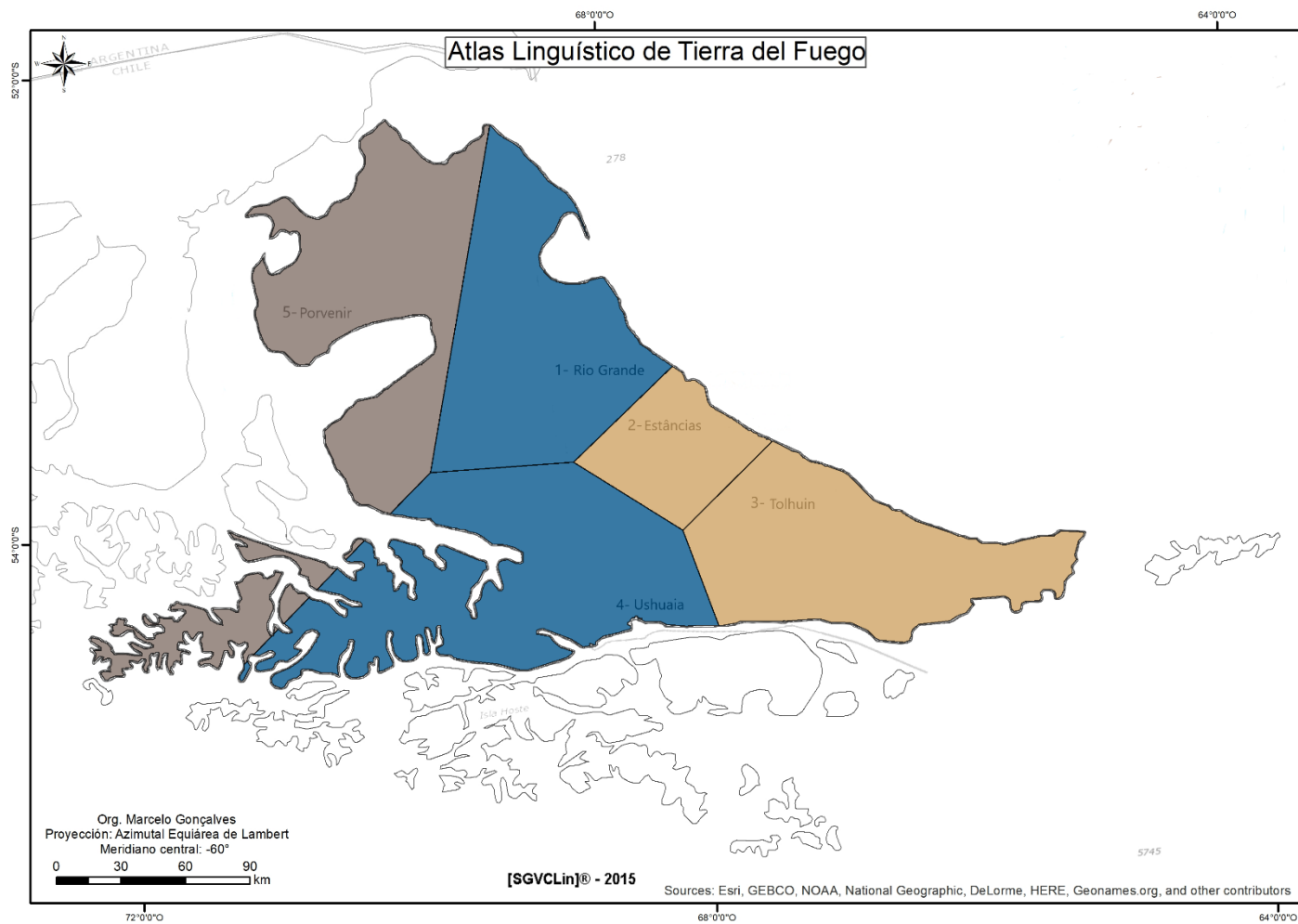
**CARTA L53**

Carta demostrativa de arealidad  
"chalas" vs. "ojotas"

**Legenda**

- chalas
- ojotas

**Carta Lexical 53- Carta demonstrativa de arealidad: “chalias” vs. “ojotas”**



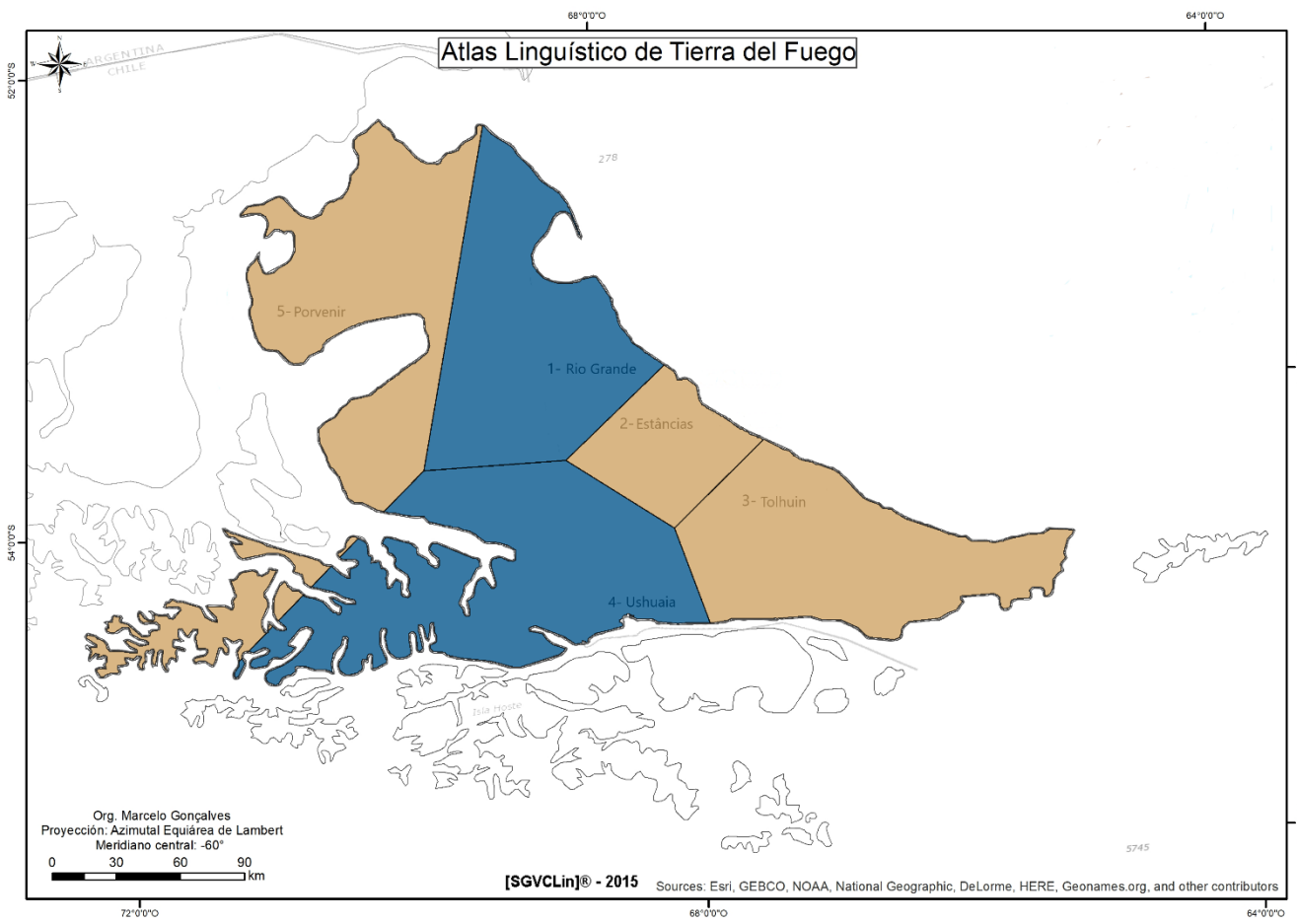
**CARTA L54**

Carta demostrativa de arealidad  
"nevada" vs. "nevazón"

**Legenda**

- nevada
- nevazón
- nevada, nevazón

**Carta Lexical 54- Carta demonstrativa de arealidad: “nevada” vs. “nevazón”**



Atlas Lingüístico de Tierra del Fuego

**CARTA L55**

Carta demostrativa de arealade "hallulla" vs. "raspadita"

**Legenda**

- hallulla, raspadita
- hallulla

Org. Marcelo Gonçalves  
 Proyección: Azimutal Equiárea de Lambert  
 Meridiano central: -60°



[SGVCLin]® - 2015 Sources: Esri, GEBCO, NOAA, National Geographic, DeLorme, HERE, Geonames.org, and other contributors

**Carta Lexical 55- Carta demonstrativa de arealidad: “hallulla” vs. “raspadita”**